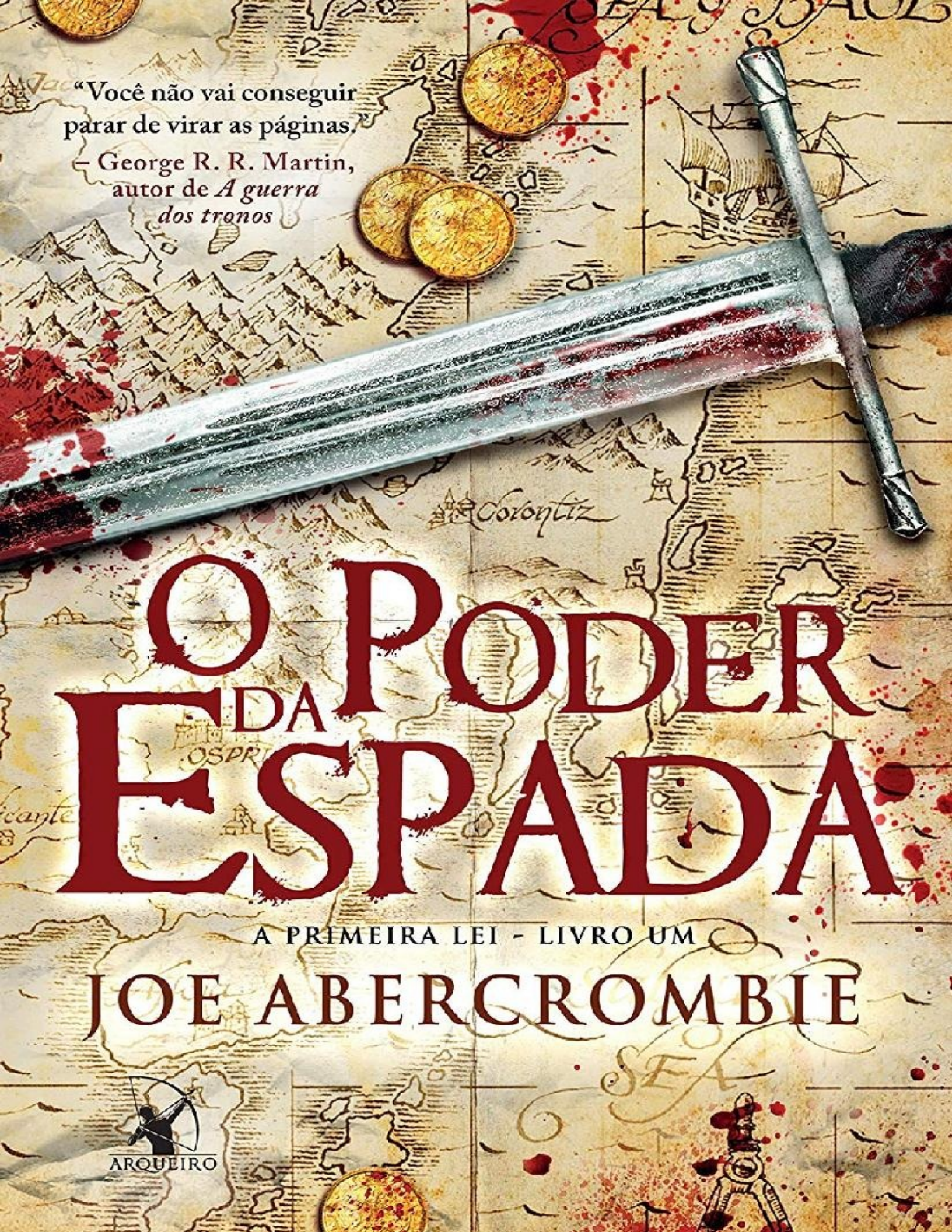

"Você não vai conseguir parar de virar as páginas."
– George R. R. Martin, autor de *A guerra dos tronos*
O PODER DA ESPADA
A PRIMEIRA LEI - LIVRO UM
JOE ABERCROMBIE
ARQUEIRO

O Arqueiro

Geraldo Jordão Pereira (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

Título original: *The Blade Itself*

Copyright © 2006 por Joe Abercrombie
Copyright da tradução © 2013 por Editora Arqueiro Ltda.
Publicado originalmente por Gollancz, Londres.
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Alves Calado
preparo de originais: Sheila Til
revisão: Milena Vargas e Natalia Klussmann
diagramação: Ilustrarte Design e Produção Editorial
capa: Raul Fernandes
imagem de capa: Image Source / Getty Images
adaptação de capa: Valentino Sani / Trevillion Images
produção digital: SBNigri Artes e Textos Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

A126p

Abercrombie, Joe O poder da espada [recurso eletrônico] / Joe Abercrombie [tradução de Alves Calado]; São Paulo: Arqueiro, 2013.
recurso digital Tradução de: The blade itself Formato: ePub Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions Modo de acesso: World Wide Web ISBN 978-85-8041-188-1 (recurso eletrônico) 1. Ficção inglesa. 2. Livros eletrônicos. I. Calado, Alves. II. Título.

13-01636

CDD: 823
CDU: 821.111-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

A PRIMEIRA LEI

Livro Um

Para os Quatro Leitores.

Vocês sabem quem são.

Fim

Logen mergulhou entre as árvores, os pés descalços escorregando na terra molhada, na neve semiderretida, nas agulhas de pinheiro encharcadas, a respiração áspera no peito, a cabeça latejando. Tropeçou e caiu de lado, seu próprio machado quase lhe abrindo o peito. Ficou no chão, ofegante, espiando através da floresta sombria.

Cachorrão o estivera acompanhando até um momento antes, tinha certeza, mas agora não via nenhum sinal dele. Quanto aos outros, não havia como saber. Que grande líder, afastando-se desse jeito de seu pessoal! Deveria tentar voltar, mas havia shankas por todo lado. Podia senti-los movendo-se entre as árvores, seu nariz estava impregnado do fedor deles. Achou ter ouvido gritos em algum lugar à esquerda, talvez luta. Logen se levantou devagar, tentando não fazer barulho. Um graveto se quebrou.

Ele girou rapidamente. Uma lança vinha em sua direção. Uma lança de aparência cruel, chegando veloz e tendo um shanka na outra extremidade.

– Merda – disse Logen.

Jogou-se para o lado, escorregou e caiu de cara, quebrando arbustos ao se afastar, esperando que a lança atravessasse suas costas a qualquer momento. Levantou-se com dificuldade, arquejando. Viu a ponta brilhante que mais uma

vez tentava alcançá-lo, desviou-se, protegeu-se atrás de uma árvore grande. Esticou o pescoço para espiar e, com um zumbido surdo, o cabeça-achatada tentou acertá-lo. Logen apareceu no outro lado do tronco, só por um instante, depois se esquivou, contornou a árvore num salto e lançou o machado de cima para baixo, urrando com toda a força. Houve um estalo quando a lâmina se cravou no crânio do shanka. Foi sorte, mas Logen achou que merecia um pouquinho dela.

O cabeça-achatada ficou parado, piscando para ele. Depois começou a cambalear, sangue escorrendo pelo rosto. E de repente caiu como uma pedra, levando o machado das mãos de Logen, sacudindo-se no chão aos pés dele. Logen tentou pegar de volta o machado, mas de algum modo o shanka ainda estava segurando a lança e a ponta se agitava no ar.

– Ah! – guinchou Logen quando a lança deu um talho em seu braço.

Sentiu uma sombra cair sobre seu rosto. Outro cabeça-achatada. Um grandão. Já estava no ar, com os braços estendidos. Não havia tempo para pegar o machado. Nem para sair do caminho. A boca de Logen se abriu, mas não havia tempo para dizer nada. O que pode ser dito numa hora dessas?

Os dois caíram juntos no chão molhado e foram rolando pela terra, a pele sendo rasgada por galhos, trocando socos e rosnando um para o outro. Logen acertou com força uma raiz de árvore e seus ouvidos começaram a zumbir. Ele tinha uma faca em algum lugar, mas não conseguia lembrar onde. Os dois continuaram rolando morro abaixo, o mundo girando, girando, girando. Logen tentava afastar a tontura e ao mesmo tempo esganar o grande cabeça-achatada. Não havia como parar.

Parecera-lhe perfeito montar acampamento perto do desfiladeiro. Não havia chance de alguém se esgueirar por trás. Agora, enquanto Logen escorregava de barriga em direção à borda do penhasco, a ideia já não soava tão boa. Suas mãos tentaram se prender ao chão molhado. Só encontraram terra e agulhas de pinheiro marrons. Seus dedos agarraram o nada. Estava começando a cair. Soltou um pequeno gemido.

Suas mãos se fecharam em volta de alguma coisa. Uma raiz de árvore que se projetava da terra na beira do desfiladeiro. Ele se balançou no espaço, exausto, mas segurando firme.

– Rá! – gritou. – Rá!

Ainda estava vivo. Seria necessário mais do que alguns cabeças-achatadas para dar fim a Logen Nove Dedos. Tentou se erguer até a borda, mas não conseguiu. Havia um peso enorme em volta das pernas. Olhou para baixo.

O desfiladeiro era fundo. Muito fundo, com laterais íngremes e rochosas. Aqui e ali uma árvore se agarrava a uma fenda, crescendo no vazio e espalhando as

folhas no espaço. O rio sibilava lá embaixo, rápido e furioso, água branca espumante ladeada por pedras escuras e pontiagudas. Isso tudo era ruim, sem dúvida, mas o maior problema estava mais próximo. O grande shanka permanecia com ele, balançando-se suavemente, as mãos sujas apertando com força seu tornozelo esquerdo.

– Merda – resmungou Logen.

Era uma tremenda encrenca. Já havia passado por algumas bem ruins e vivera para cantar as canções, mas era difícil imaginar uma situação pior. Isso o fez pensar na vida. Agora parecia uma vida amarga, sem sentido. Ninguém estava melhor. Cheia de violência e dor, com pouco mais do que desapontamentos e dificuldades. Agora suas mãos começavam a se cansar, os antebraços ardiam. Não parecia que o grande cabeça-achatada fosse cair tão cedo. De fato ele havia escalado um pouco sua perna e parado, olhando-o com fúria.

Se fosse Logen que estivesse agarrado ao pé do shanka, provavelmente teria pensado: “Minha vida depende desta perna em que me pendurei, é melhor não arriscar.” Um homem preferiria salvar-se a matar o inimigo. O problema era que um shanka não pensava assim, Logen sabia. Portanto não foi uma grande surpresa quando ele abriu a bocarra e cravou os dentes em sua panturrilha.

– Aaaarh! – grunhiu Logen, e em seguida deu um berro e chutou com o máximo de força que pôde usando o calcanhar livre. Abriu um talho na cabeça do shanka, mas aquela coisa não parava de morder e quanto mais ele chutava, mais suas mãos escorregavam. Agora a raiz em que se prendia estava chegando ao fim, e o que restava parecia a ponto de se partir a qualquer momento. Tentou pensar em algo que não fosse a dor nas mãos, a dor nos braços, os dentes do cabeça-achatada em sua perna. Ia cair. Seria nas pedras ou na água, mas essa era uma escolha que praticamente não estava ao alcance dele.

Quando você tem uma tarefa, é melhor cumpri-la do que viver com medo dela. Era o que o pai de Logen diria. Por isso ele plantou o pé com firmeza na face da rocha, respirou fundo uma última vez e se lançou no espaço vazio com toda a força que lhe restava. Sentiu que os dentes o soltavam, em seguida as mãos o largaram e por um momento ele ficou livre.

Então começou a cair. Depressa. As laterais do desfiladeiro passavam a toda a velocidade – rocha cinza, musgo verde, retalhos de neve branca, tudo girando ao redor.

Foi girando lentamente no ar, os membros se sacudindo, apavorado demais para gritar. O vento chicoteava seus olhos, puxava suas roupas, arrancava o fôlego pela boca. Viu o grande shanka acertar a face de rocha ao lado. Viu quando ele se despedaçou, ricocheteou e deu cambalhotas, morto com certeza. Era uma visão agradável, mas a satisfação de Logen foi curta.

A água veio ao seu encontro. Acertou a lateral de seu corpo como um touro numa corrida, arrancou o ar de seus pulmões, tirou-lhe os sentidos, sugou-o para dentro, para baixo, para o frio e a escuridão...

P R I M E I R A P A R T E

“A própria espada instiga atos de violência.”

HOMERO

Os sobreviventes

AS BATIDAS FRACAS da água em seus ouvidos. Foram a primeira coisa. As batidas da água, o farfalhar das folhas, os pios e cantos estranhos dos pássaros.

Logen abriu os olhos, só uma fresta. Luz forte e turva chegava através das folhas. Isso era estar morto? Então por que doía tanto? Todo o lado esquerdo do corpo latejava. Tentou respirar direito, engasgou, tossiu água, cuspiu lama. Gemeu, apoiou-se nas mãos e nos joelhos, arrastou-se para fora do rio, ofegando, os dentes trincados. Rolou de costas no musgo, na lama e nos gravetos apodrecidos à beira d'água.

Ficou parado um instante, olhando o céu cinzento para além dos galhos negros. A respiração chiava na garganta dolorida.

– Ainda estou vivo – grasnou para si.

Ainda estava vivo, apesar dos esforços da natureza, dos shankas, dos homens e das feras. Encharcado e estirado de costas no chão, ele começou a gargalhar. Uma gargalhada aguda, gorgolejante. Se havia algo que se podia dizer sobre Logen Nove Dedos, era que ele era um sobrevivente.

Um vento gélido soprou pela margem apodrecida do rio e a risada de Logen morreu devagar. Podia estar vivo, mas permanecer vivo era outra coisa. Sentou-se, estremecendo de dor. Apoiou-se no tronco de árvore mais próximo e se ergueu, mesmo com dificuldade. Limpou o nariz, os olhos, os ouvidos. Levantou a camisa molhada para espiar os danos.

A lateral do corpo estava coberta de hematomas. Manchas azuis e arroxeadas

sobre todas as costelas. Sensíveis ao toque, sem dúvida, mas não parecia haver nada quebrado. Sua perna estava um horror. Rasgada e sangrando por causa dos dentes do shanka. Doía muito, mas o pé ainda se movia razoavelmente bem, e isso era o principal. Precisaria dele, se quisesse sair dali.

Ficou tremendamente satisfeito ao ver que ainda tinha a faca na bainha presa ao cinto. Segundo a experiência de Logen, quanto mais facas, melhor, e esta era boa. Ainda assim, suas perspectivas continuavam sombrias. Estava sozinho numa floresta repleta de cabeças-achatadas.

Não fazia ideia de onde se encontrava, mas podia seguir o rio. Todos os rios corriam para o norte, das montanhas para o mar gelado. Seguiria o rio para o sul, contra a correnteza. Seguir o rio e subir, ir para os Lugares Altos, onde os shankas não poderiam encontrá-lo. Era sua única chance.

Estaria frio lá em cima, nessa época do ano. Um frio mortal. Olhou os pés descalços. Tinha sido um tremendo azar os shankas aparecerem quando ele estava sem as botas, cuidando das bolhas. Também não tinha agasalho – estivera sentado perto da fogueira. Desse jeito, não duraria um dia nas montanhas. As mãos e os pés ficariam pretos durante a noite e ele morreria pouco a pouco antes mesmo de chegar aos desfiladeiros. Se não morresse de fome antes.

– Merda.

Precisava retornar ao acampamento. Precisava manter as esperanças de que os cabeças-achatadas tivessem seguido adiante sem levar tudo o que lhe pertencia. Deixando algo que ele pudesse usar para sobreviver. Era esperar um pouco demais, mas ele não tinha escolha. Nunca tivera.

Havia começado a chover quando Logen encontrou o lugar. Gotas grandes que faziam seu cabelo se grudar à cabeça e encharcavam suas roupas. Abrigou-se atrás de um tronco cheio de musgo e espiou na direção do acampamento, o coração martelando, os dedos da mão direita segurando com força, com dor, o cabo escorregadio da faca.

Viu o círculo enegrecido onde estivera a fogueira, com gravetos parcialmente queimados e cinzas pisoteadas ao redor. Viu a tora grande em que Três Árvores e Barca Negra estavam sentados quando os cabeças-achatadas chegaram. Viu equipamentos rasgados e quebrados espalhados na clareira. Contou três shankas mortos embolados no chão, um com uma flecha se projetando do peito. Três mortos, mas nenhum sinal de outros vivos. Era sorte. Sorte apenas suficiente para sobreviver, como sempre. Ainda assim, eles poderiam voltar a qualquer momento. Precisava ser rápido.

Saiu do meio das árvores, vasculhando o chão. As botas ainda estavam onde

ele as havia deixado. Pegou-as e enfiou-as nos pés meio congelados, pulando, quase escorregando de tanta pressa. Seu casaco também estava ali, enfiado embaixo da tora, surrado e cheio das cicatrizes de dez anos de mau tempo e guerra, rasgado e remendado, faltando meia manga. Encontrou a bolsa caída, disforme, no mato ali perto, o conteúdo espalhado encosta abaixo. Agachou-se, sem fôlego, e jogou tudo de volta dentro dela. Um pedaço de corda, o velho cachimbo de barro, alguns nacos de carne-seca, agulha e linha, uma garrafa amassada com um pouco de bebida alcoólica ainda fazendo barulho dentro. Tudo bom. Tudo útil.

Havia um cobertor rasgado preso a um galho, molhado e meio coberto de sujeira. Logen o puxou e riu. Sua velha panela estava logo embaixo. Caída de lado, talvez chutada da fogueira durante a luta. Agarrou-a com as duas mãos. Amassada e enegrecida por anos de uso intenso, ela lhe dava uma sensação de familiaridade. Tinha a panela havia muito tempo. Ela o acompanhara nas guerras, atravessando o Norte e voltando. Todos tinham cozinhado juntos nela, na trilha, todos haviam se alimentado do que era feito nela. Forley, Sinistro, Cachorrão, todos.

Logen olhou de novo o acampamento. Três shankas mortos, mas nenhum dos seus companheiros. Talvez estivessem por ali. Talvez, se ele arriscasse, se tentasse procu...

– Não – disse baixinho.

Sabia que era melhor assim. Havia sido um grande número de cabeças-achatadas. Um número enorme. Não fazia ideia de quanto tempo tinha ficado na margem do rio. Mesmo que algum dos rapazes tivessem escapado, os shankas o estariam caçando nas florestas. Com certeza seus companheiros não passavam de cadáveres espalhados nos vales altos. Tudo o que Logen podia fazer era ir para as montanhas e tentar salvar sua vida lamentável. É preciso ser realista. É preciso, por mais que isso doa.

– Agora somos só você e eu – disse Logen ao enfiar a panela na bolsa e pendurá-la no ombro.

Começou a andar o mais rápido que podia mancando. Morro acima, contra a correnteza do rio, na direção das montanhas.

Só os dois. Ele e a panela.

Os únicos sobreviventes.

Perguntas

Por que eu faço isso?, perguntou-se o inquisidor Glokta pela milésima vez enquanto mancava pelo corredor. As paredes tinham recebido reboco e cal, mas não recentemente. Aquele lugar tinha cheiro de umidade e transmitia uma sensação de decadência. Não havia janelas, já que o corredor ficava no subsolo profundo, e as lanternas lançavam sombras vagarosas em cada canto.

Por que alguém iria querer fazer isso? Glokta criava uma sequência rítmica pelo corredor ao passar. Primeiro o estalo confiante do calcanhar direito, depois a batida da bengala, em seguida o escorregar interminável do pé esquerdo, com as familiares pontadas doloridas no tornozelo, no joelho, nas nádegas e nas costas. *Clic*, *tap*, dor. Esse era o ritmo de seu caminhar.

De trechos em trechos, na sujeira e monotonia do corredor, surgia uma porta pesada, com faixas e cravos de ferro corroído. Numa ocasião, Glokta pensou ter ouvido um grito abafado de dor atrás de uma delas. *Que pobre coitado estará sendo interrogado aí dentro? De que crime será culpado ou inocente? Que segredos estão sendo coletados, que mentiras estão sendo rasgadas, que traições estão sendo desnudadas?* Mas não se questionou durante muito tempo. Foi interrompido pelos degraus.

Se Glokta tivesse a oportunidade de torturar um homem por seu feito, qualquer um que escolhesse, certamente seria o inventor dos degraus. Quando era jovem e admirado, antes de seus infortúnios, jamais os notara de verdade. Saltava-os de dois em dois e seguia alegremente. Agora, não. *Eles estão por toda*

parte. Realmente não é possível ir de um andar ao outro sem eles. E descer é pior do que subir, é isso que as pessoas nunca percebem. Subindo você em geral não cai tão longe.

Conhecia bem essa escada. Dezesseis degraus cortados em pedra lisa, um pouco gastos no centro, ligeiramente úmidos, como tudo ali embaixo. Não havia corrimão, nada em que se segurar. *Dezesseis inimigos. Um verdadeiro desafio.* Glokta havia demorado muito tempo para desenvolver um método menos doloroso de descer escadas. Ia de lado, feito um caranguejo. Primeiro a bengala, depois o pé esquerdo, em seguida o direito, com mais do que a agonia usual quando a perna esquerda recebia o peso do corpo, acompanhada por uma pontada persistente no pescoço. *Por que meu pescoço dói quando desço escadas? Ele por acaso suporta meu peso?* No entanto a dor não podia ser ignorada.

Parou a quatro degraus do fim. Quase todos vencidos. Sua mão estava tremendo no cabo da bengala, a perna esquerda doía furiosamente. Passou a língua nas gengivas, onde antes ficavam os dentes da frente, e respirou fundo. Quando avançou, torceu o tornozelo e vacilou, mergulhando no vazio. Seu corpo se retorcia, os braços se debatiam, a mente num caldeirão de horror e desespero. Tropeçou no degrau seguinte feito um bêbado, as unhas raspando a parede lisa, num guincho de terror. *Seu idiota, seu desgraçado idiota!* A bengala caiu com estardalhaço, os pés desajeitados lutaram com as pedras, mas, por algum milagre, ele acabou na base da escada, ainda de pé.

E aqui está ele, este momento horrível, lindo, prolongado, entre a topada e a dor. Quanto tempo tenho antes que a dor chegue? Qual vai ser a intensidade dela? Com a boca aberta, ofegando ao pé da escada, Glokta sentiu uma comichão de expectativa. *Aí vem...*

A agonia foi indescritível, um espasmo lancinante subindo pelo lado esquerdo, do pé até a mandíbula. Estreitou os olhos lacrimejantes e cobriu a boca com a mão direita cerrada com tanta força que os dedos estalaram. Os dentes que restavam rilharam uns contra os outros enquanto ele trincava o maxilar, mas, mesmo assim, um gemido agudo, entrecortado, brotou assobiando. *Estou gritando ou rindo? Como vou saber a diferença?* Respirou pelo nariz arfando em espasmos, com catarro borbulhando na mão, o corpo retorcido e tremendo do esforço de permanecer de pé.

O espasmo passou. Glokta moveu os membros com cautela, um de cada vez, testando os danos. A perna pegava fogo, o pé estava entorpecido, o pescoço estalava a cada movimento, lançando pequenas pontadas malignas pela coluna. *Bastante bom, considerando tudo.* Curvou-se com esforço e pegou a bengala entre dois dedos, empertigou-se de novo, limpou o ranho e as lágrimas com as

costas da mão. *Tremenda empolgação. Se gostei? Para a maioria das pessoas as escadas são uma coisa banal. Para mim, são uma aventura!* Seguiu mancando pelo corredor, rindo baixo consigo mesmo. Ainda sorria levemente quando chegou à sua porta e entrou arrastando os pés.

O cômodo era uma caixa branca e suja com duas portas, uma de frente para a outra. O teto era baixo demais para que houvesse qualquer sensação de conforto, o ambiente, excessivamente iluminado por lâmpadas fortes. A umidade se esgueirava a partir de um canto e bolhas irrompiam do reboco, descascando, salpicadas de mofo. Alguém havia lavado um pedaço da parede na tentativa de tirar uma comprida mancha de sangue, mas nem de longe tivera sucesso.

O prático Frost estava de pé no outro lado do cômodo, os grandes braços cruzados sobre o peito largo. Ele cumprimentou Glokta assentindo com toda a emoção que uma pedra teria e Glokta assentiu de volta. Entre os dois havia uma mesa de madeira cheia de marcas e manchas, aparafusada ao chão e flanqueada por duas cadeiras. Um homem gordo estava sentado nu em uma delas, as mãos amarradas às costas e um saco de lona marrom cobrindo sua cabeça. Sua respiração rápida e abafada era o único som ali. Fazia frio lá embaixo, mas ele estava suando. *E deveria estar mesmo.*

Glokta foi mancando até a outra cadeira, encostou a bengala com cuidado na beira da mesa e sentou-se lentamente, cautelosamente, dolorosamente. Esticou o pescoço para a esquerda e para a direita, depois permitiu que o corpo relaxasse até encontrar uma posição que se aproximava do conforto. Se Glokta tivesse a oportunidade de cumprimentar um homem por seu feito, qualquer homem que escolhesse, por certo seria o inventor da cadeira. *Ele tornou minha vida quase suportável*.

Frost se afastou da parede em silêncio e segurou o topo do saco entre o indicador e o polegar carnudos e pálidos. Glokta assentiu e o prático puxou o tecido, o que fez Salem Rews piscar sob a luz agressiva.

Um rostinho mau, porcino, feio. Você é um porco feio e mau, Rews. Seu suíno repulsivo. Aposto que agora está pronto para confessar, está pronto para falar sem parar, até ficarmos todos enjoados disso.

Havia um grande hematoma escuro na bochecha e outro no maxilar, acima do queixo duplo. Enquanto os olhos aquosos se ajustavam à claridade, ele reconheceu Glokta sentado à sua frente e seu rosto de repente se encheu de esperança. *Uma esperança lamentavelmente posta no lugar errado.*

– Glokta, você precisa me ajudar! – guinchou ele, inclinando-se, até onde as amarras permitiam, as palavras borbulhando num murmúrio de confusão desesperada. – Fui acusado injustamente, você sabe disso, sou inocente! Você veio me ajudar, não foi? Você é meu amigo! Você tem influência aqui. Nós

somos amigos, amigos! Você pode dizer alguma coisa a meu favor! Sou inocente, foi uma acusação injusta! Sou...

Glokta levantou a mão pedindo silêncio. Olhou por um momento o rosto familiar de Rews, como se nunca o tivesse visto antes. Depois se virou para Frost.

– Eu deveria conhecer este homem?

O albino não disse nada. A metade inferior de seu rosto estava escondida pela máscara de prático e a superior não revelou coisa alguma. Olhou sem piscar para o prisioneiro na cadeira, seus olhos avermelhados mortos como um cadáver. Não havia piscado nem uma vez desde que Glokta entrara na sala. *Como ele consegue fazer isso?*

– Sou eu. Rews! – sibilou o gordo, o tom da voz beirando o pânico. – Salem Rews. Você me conhece, Glokta! Estive com você na guerra, antes de... você sabe... somos amigos! Nós...

Glokta levantou a mão de novo e se recostou, batendo com a unha num dos dentes que lhe restavam, como se estivesse imerso em pensamentos.

– Rews. O nome é familiar. Um mercador, membro da Guilda dos Mercadores de Tecidos. Um homem rico, pode-se dizer. Agora me lembro...

Glokta se inclinou adiante, fazendo uma pausa de efeito.

– Ele era um traidor! Foi levado pela Inquisição, suas propriedades foram confiscadas. Veja bem, ele conspirou para não pagar os impostos do rei.

A boca de Rews estava aberta.

– Os impostos do rei! – gritou Glokta, batendo na mesa com força.

O gordo ficou olhando para Glokta, os olhos arregalados, e lambeu um dente. *Superior, do lado direito, o segundo de trás para a frente.*

– Mas onde estão nossos bons modos? – perguntou Glokta a ninguém em particular. – Podemos nos conhecer ou não, mas não creio que você e meu ajudante tenham sido apresentados adequadamente. Prático Frost, diga olá a este gordo.

Foi um golpe de mão aberta, porém suficientemente forte para arrancar Rews do assento. A cadeira chacoalhou, mas, afora isso, permaneceu no lugar. *Como se faz isso, derrubá-lo no chão, e no entanto deixar a cadeira de pé?* Rews se esparramou gorgolejando no piso, o rosto achatado nos ladrilhos.

– Ele me lembra uma baleia encalhada – disse Glokta, distraído.

O albino agarrou Rews pelas axilas e o puxou para cima, jogando-o de volta na cadeira. O sangue brotou de um corte na bochecha, mas agora seus olhos porcinos estavam inflexíveis. *As pancadas amaciam a maioria dos homens, porém alguns endurecem. Eu nunca imaginaria que este fosse forte, mas a vida é cheia de surpresas.*

Rews cuspiu sangue no tampo da mesa.

– Você foi longe demais, Glokta, foi sim! A Guilda dos Mercadores de Tecidos é honrada e nós temos influência! Eles não vão aceitar isso! Sou um homem importante! Agora mesmo minha esposa está fazendo uma petição ao rei para que ouça meu caso.

– Ah, a sua esposa – fez Glokta, dando um riso triste. – Sua esposa é uma mulher muito bonita. Bonita e jovem. Temo que talvez seja um pouco jovem demais para você. Temo que ela tenha aproveitado a oportunidade para se livrar de você. Temo que ela tenha apresentado todos os seus livros. Todos os livros.

O rosto de Rews empalideceu.

– Nós examinamos aqueles livros.

Glokta indicou uma pilha imaginária de papéis à sua esquerda.

– Olhamos os livros do tesouro.

Ele indicou outra pilha à direita.

– E imagine a nossa surpresa quando não conseguimos fazer com que os números batessem. E havia as visitas noturnas de seus empregados a armazéns no bairro velho, os pequenos barcos não registrados, os pagamentos a autoridades, a documentação falsificada. Devo continuar? – perguntou Glokta, balançando a cabeça em profunda desaprovação.

O gordo engoliu em seco e lambeu os lábios.

Pena e tinta foram postos diante do prisioneiro, além do papel da confissão, preenchido em detalhes na letra linda e cuidadosa de Frost, só esperando a assinatura. *Vou pegá-lo aqui e agora.*

– Confesse, Rews – sussurrou Glokta baixinho –, e dê um fim indolor a esse negócio lamentável. Confesse e entregue seus cúmplices. Já sabemos quem eles são. Será mais fácil para todos nós. Não quero machucar você, acredite, isso não me dá nenhum prazer. – *Nada me dá.* – Confesse, confesse, e será poupado. O exílio em Angland não é tão ruim quanto você pode pensar. Ainda é possível obter prazer na vida por lá, além da satisfação de um dia de trabalho honesto a serviço do seu rei. Confesse!

Rews olhou para o chão, lambendo o dente. Glokta se recostou à cadeira e suspirou.

– Ou não confesse – disse. – E eu posso voltar com meus instrumentos.

Frost avançou, sua sombra enorme caindo sobre o rosto do gordo.

– Corpo encontrado flutuando no cais – sussurrou Glokta. – Inchado de água do mar e horrivelmente mutilado... Impossível... impossível de ser reconhecido. – *Ele está pronto para falar. Está gordo, maduro e prestes a explodir.* – Os ferimentos foram infligidos antes ou depois da morte? – perguntou jovialmente, olhando em direção ao teto. – Será que era homem ou mulher? – provocou

Glokta, e deu de ombros. – Quem sabe?

Houve uma batida forte à porta. O rosto de Rews subiu depressa, de novo cheio de esperança. *Agora, não, desgraça!* Frost foi à porta e abriu uma fresta. Algo foi dito. A porta se fechou. Frost se inclinou para sussurrar no ouvido de Glokta.

– É o Feveuar – foi o murmúrio num idioma enrolado, e Glokta entendeu que Severard estava à porta.

Já? Glokta sorriu e assentiu, como se fosse uma boa notícia. O rosto de Rews se frustrou um pouco. *Como é que um homem que havia feito fortuna encobrindo seus negócios não conseguia esconder as próprias emoções nesta sala?* Mas Glokta sabia como. *É difícil permanecer calmo quando você está aterrorizado, impotente, sozinho, à mercê de homens sem misericórdia. Quem saberia disso melhor do que eu?* Suspirou e, usando sua voz mais cansada, perguntou:

– Quer confessar?

– Não!

O desafio havia retornado aos olhos porcinos de Rews. O prisioneiro encarou Glokta, silencioso e atento, e um barulho de sucção veio de sua boca.

Surpreendente. Muito surpreendente. Mas estamos só começando.

– Esse dente está incomodando você, Rews?

Não havia nada que Glokta não soubesse sobre dentes. Os melhores profissionais haviam trabalhado em sua boca. *Ou os piores, dependendo do ponto de vista.*

– Parece que agora preciso ir, mas, enquanto estiver fora, vou pensar nesse dente. Vou pensar com muito cuidado no que fazer com ele.

O inquisidor segurou a bengala.

– Quero que pense em mim pensando em seu dente. E também quero que pense, com muito cuidado, em assinar sua confissão.

Glokta se levantou desajeitado, sacudindo a perna dolorida.

– Entretanto, acho que você pode reagir bem a uma surra bem dada, por isso vou deixá-lo na companhia do prático Frost durante meia hora.

A boca de Rews se tornou um silencioso círculo de surpresa. O albino pegou a cadeira, com o gordo e tudo, e a virou devagar na sua direção.

– Ele é, disparado, o melhor que existe no ramo.

Frost pegou um par de velhas luvas de couro e começou a calçá-las com cuidado nas grandes mãos brancas, um dedo de cada vez.

– Você sempre gostou de ter tudo do melhor, hein, Rews?

Glokta foi na direção da porta.

– Espere! Glokta! – gemeu Rews por cima do ombro. – Espere, eu...

O prático Frost apertou uma das mãos enluvadas sobre a boca do gordo e levou um dedo da outra mão até a máscara.

– Tshhhh – ordenou.

A porta se fechou com um estalo.

Severard estava encostado na parede do corredor, um dos pés apoiado nela, assobiando desafinado por baixo da máscara e passando a mão pelo cabelo longo e escorrido. Quando Glokta saiu, ele se empertigou e fez um leve cumprimento. Pelos seus olhos, ficou claro que estava sorrindo. *Ele está sempre sorrindo.*

– O superior Kalyne quer vê-lo – disse ele com seu sotaque aberto, de homem comum. – E minha opinião é que nunca o vi com mais raiva.

– Severard, sua coisa lamentável, você deveria estar aterrorizado. Está com a caixa?

– Estou.

– E pegou alguma coisa para o Frost?

– Peguei.

– E alguma coisa para sua esposa também, não é?

– Ah, sim – disse Severard, com os olhos sorrindo mais do que nunca. – Minha mulher vai ser bem tratada. Se algum dia eu tiver uma.

– Que bom. Vou atender logo ao chamado de Kalyne. Entre com a caixa quando eu estiver com ele já há cinco minutos.

– É só entrar direto na sala dele?

– Por mim, você pode entrar direto e deixá-lo estuporado.

– Considere feito, inquisidor.

Glokta assentiu, deu-lhe as costas e depois se virou de novo.

– Eu quis dizer estuporado de tanta surpresa, hein, Severard.

O prático sorriu com os olhos e embainhou sua faca maligna. Glokta revirou os olhos para o teto, depois saiu mancando, a bengala batendo nos ladrilhos, a perna latejando. *Clic, tap,* dor. Esse era o ritmo de seu caminhar.

A sala do superior era um cômodo grande e ricamente mobiliado, num andar alto da Casa das Perguntas, um cômodo em que tudo era grande demais e chique demais. Uma janela enorme e intricada dominava uma parede forrada de lambris, dando uma visão dos jardins bem-cuidados do pátio abaixo. Uma mesa igualmente gigantesca e ornamentada ficava no centro de um tapete multicolorido feito em algum lugar quente e exótico. A cabeça empalhada de um animal feroz de algum lugar frio e exótico estava sobre uma magnífica lareira de pedras e um fogo minúsculo quase se extinguia dentro dela.

O próprio superior Kalyne fazia sua sala parecer pequena e sem graça. Era um

homem grande e vistoso, de quase 60 anos, e compensava os cabelos ralos com exuberantes costeletas brancas. Era considerado uma presença intimidadora mesmo entre os membros da Inquisição, no entanto Glokta havia superado o medo, os dois sabiam disso.

Havia uma cadeira grande e elegante atrás da mesa, mas o superior estava andando de um lado para outro enquanto gritava balançando os braços. Glokta estava sentado em alguma coisa que, apesar de indubitavelmente cara, sem dúvida fora projetada para deixar o ocupante o mais desconfortável possível. *Mas não me incomoda muito. Desconfortável é o melhor que consigo ficar.*

Enquanto o superior berrava, Glokta se divertiu imaginando a cabeça de Kalyne empalhada sobre a lareira, no lugar daquele animal feroz. *É igualzinho à lareira, esse grande paspalho. Parece impressionante, mas não há muita coisa acontecendo por baixo. Imagino como ele reagiria a um interrogatório. Eu começaria com aquelas costeletas ridículas.* Mas o rosto de Glokta era uma máscara de atenção e respeito.

– Bom, desta vez você se superou, Glokta, seu aleijado maluco! Quando os mercadores de tecidos descobrirem, vão mandar açoitá-lo!

– Já fui açoitado. Faz cócegas. – *Droga! Fique de boca fechada e sorria. E onde está aquele idiota do Severard? Vou mandar açoitá-lo quando sair daqui.*

– Ah, sim, essa foi boa, muito boa, Glokta, veja como estou rindo! E evasão dos impostos do rei?

O superior fez uma carranca, eriçando até as costeletas.

– Impostos do rei? – gritou ele, espirrando cuspe em Glokta. – Todos fazem isso! Os mercadores de tecidos, os de especiarias, todos! Qualquer desgraçado que tenha um barco!

– Mas esse caso foi escancarado demais, superior. Era um insulto a nós. Senti que precisávamos...

– Sentiu?

Kalyne tinha o rosto afogueado e tremia de fúria.

– Você recebeu ordens explícitas para ficar longe dos mercadores de tecidos, dos mercadores de especiarias, de todas as guildas importantes!

Ele andou de um lado para outro, aumentando a velocidade.

Desse jeito vai gastar o tapete. As guildas importantes terão de comprar outro para você.

– Você sentiu, não foi? Bom, ele terá de voltar! Teremos de soltá-lo e você precisará dar um jeito de se humilhar e pedir desculpas! É uma tremenda desgraça! Você me fez parecer ridículo! Onde ele está agora?

– Deixei-o na companhia do prático Frost.

– Com aquele animal que nem fala direito?

O superior puxou os cabelos em desespero.

– Bom, então é isso, não é? Ele já deve estar arruinado! Não podemos mandá-lo de volta nessas condições! Você está acabado aqui, Glokta! Acabado! Vou direto ao arquileitor! Vou direto ao arquileitor!

A porta enorme foi aberta com um chute e Severard entrou carregando uma caixa de madeira. *Já não era sem tempo*. Mudo e boquiaberto de fúria, o superior assistiu a Severard colocá-la na mesa com uma pancada e um tilintar.

– Que diabos significa...

Severard abriu a tampa e Kalyne viu o dinheiro. *Todo aquele dinheiro adorável*. Parou no meio da frase, a boca pronta para formar o próximo som. Pareceu surpreso, depois perplexo, em seguida cauteloso. Franziu os lábios e se sentou devagar.

– Obrigado, prático Severard – disse Glokta. – Pode ir.

O superior Kalyne estava acariciando pensativamente as costeletas enquanto Severard saía, o rosto retornando gradualmente ao tom de rosa usual.

– Confiscado de Rews – explicou Glokta. – Agora é propriedade da Coroa, claro. Achei que deveria entregá-lo ao senhor, já que é meu superior direto, para que repassasse ao tesouro. – *Ou comprasse uma mesa maior, seu sanguessuga.*

Glokta se inclinou para a frente, as mãos nos joelhos.

– O senhor poderia dizer, talvez, que Rews foi longe demais, que levantou suspeitas, que foi necessário dar o exemplo. Afinal de contas, não podemos deixar que as pessoas pensem que não fazemos nada. Isso vai deixar as grandes guildas nervosas, vai mantê-las na linha. – *Vai mantê-las nervosas e você poderá arrancar mais coisas delas.* – Ou o senhor pode dizer a elas que sou um aleijado maluco e pôr a culpa em mim.

Agora o superior estava começando a gostar, dava para ver. Estava tentando não demonstrar, mas até suas costeletas vibravam diante de todo aquele dinheiro.

– Certo, Glokta. Certo. Muito bem – falou, levando a mão à caixa e fechando-a cuidadosamente. – Mas se algum dia você pensar em fazer uma coisa dessas outra vez... fale comigo antes, certo? Não gosto de surpresas.

Glokta se levantou com dificuldade e foi mancando para a porta.

– Ah, mais uma coisa!

Glokta se virou de novo, rígido. Kalyne o olhava com severidade por baixo das sobrancelhas grandes e chiques.

– Terei de levar a confissão de Rews quando for falar com os mercadores de tecidos.

Glokta deu um sorriso largo, mostrando o enorme vazio onde estariam os dentes da frente.

– Não será problema, superior Kalyne.

Kalyne estava certo. De jeito nenhum Rews poderia retornar naquelas condições. Seus lábios estavam machucados e sangrentos, as laterais do corpo, cobertas de hematomas escuros, a cabeça, tombada de lado, o rosto, inchado e quase impossível de se reconhecer. *Resumindo, ele parece um homem a ponto de confessar.*

– Não creio que você tenha gostado desta última meia hora, Rews, não creio que tenha gostado muito. Talvez tenha sido a pior meia hora de sua vida, realmente não sei dizer. Mas estou pensando no motivo para estarmos com você aqui e o triste fato é que... melhor não pode ficar. Esta foi a parte boa.

Glokta se inclinou, pondo o rosto a apenas alguns centímetros da pasta sangrenta que o nariz de Rews se tornara.

– O prático Frost é uma menininha se comparado a mim – sussurrou ele. – É um gatinho. Quando eu começar, Rews, você vai ter saudade dele. Vai implorar que eu lhe dê meia hora com o prático. Entende?

A não ser pelo ar que saía assobiando pelo nariz quebrado, Rews estava em silêncio.

– Mostre os instrumentos a ele – sussurrou Glokta.

Frost deu um passo à frente e, com um floreio teatral, abriu a caixa envernizada. Era uma finíssima peça de artesanato. Quando a tampa foi puxada para trás, as muitas bandejas de dentro subiram e se abriram em leque, mostrando as ferramentas de Glokta em toda a sua abominável glória. Havia lâminas de todos os tamanhos e formas, agulhas curvas e retas, garrafas de óleo e ácido, pregos e parafusos, tenazes e alicates, serras, martelos, cinzéis. Madeira, vidro e metal que brilhava à luz forte da lâmpada, tudo polido até reluzir e afiado com uma precisão assassina.

Um grande inchaço roxo sob o olho esquerdo de Rews o havia fechado completamente, mas o outro saltava examinando os instrumentos: aterrorizado, fascinado. As funções de alguns eram horrivelmente óbvias, as de outros eram horrivelmente obscuras. *Por que apavorá-lo mais, hein?*

– Estávamos falando de seu dente, acho – balbuciou Glokta.

O olho de Rews se virou rapidamente para espiá-lo.

– Ou será que você gostaria de confessar? – *Agora eu o peguei. Aí vem. Confesse, confesse, confesse, confesse...*

Houve uma batida forte à porta. *Desgraça, de novo!* Frost abriu uma fresta e houve sussurros breves. Rews lambeu o lábio inchado. A porta se fechou, o albino se inclinou para sussurrar no ouvido de Glokta.

– É o aquieiô.

Glokta se imobilizou. *O dinheiro não foi o bastante. Enquanto eu arrastava*

os pés voltando da sala de Kalyne, o velho desgraçado me denunciava ao arquileitor. Será que estou acabado, então? Sentiu culpa e empolgação ao pensar nisso. *Bom, primeiro vou cuidar deste porco gordo.*

– Diga a Severard para avisar que estou indo.

Glokta se virou de novo para falar com o prisioneiro, mas Frost pôs a mão grande e branca em seu ombro.

– Ão. O aquieiô – fez Frost apontando para a porta. – Aqui. Agóa.

Aqui? Glokta sentiu a pálpebra tremer. *Por quê?* Levantou-se apoiando na borda da mesa. *Será que vão me encontrar no cais amanhã? Morto e inchado, impossível... impossível de ser reconhecido?* A única emoção que essa ideia lhe causou foi um leve alívio. *Não haverá mais escadas.*

O arquileitor da Inquisição de Sua Majestade estava parado no corredor. As paredes sujas pareciam quase marrons atrás dele, tão impecável era seu casaco branco e longo, as luvas alvas, os cabelos brancos. Tinha mais de 60 anos, mas não mostrava nem um pouco da decrepitude da velhice. Cada milímetro daquele homem alto e bem barbeado, de ossos fortes, estava imaculadamente no lugar. *Ele parece um homem que jamais foi surpreendido na vida.*

Tinham se encontrado uma vez, seis anos antes, quando Glokta entrara para a Inquisição, e ele não parecia ter mudado. O arquileitor Sult. Um dos homens mais poderosos da União. *Um dos homens mais poderosos do mundo, pensando bem.* Atrás dele, quase como sombras grandes demais, erguiam-se dois práticos enormes, silenciosos e com máscaras pretas.

O arquileitor deu um sorriso sutil ao ver Glokta sair arrastando os pés. Aquele sorriso dizia muito. *Um leve desprezo, uma leve pena, um levíssimo toque de ameaça. Qualquer coisa, menos prazer.*

– Inquisidor Glokta – disse ele, estendendo uma das mãos enluvadas, a palma virada para baixo. Um anel com uma enorme pedra roxa brilhou em seu dedo.

– Eu sirvo e obedeço, Vossa Eminência.

Glokta não pôde evitar uma careta ao se curvar lentamente para encostar os lábios no anel. Era uma manobra difícil e dolorosa, que pareceu durar uma eternidade. Quando enfim se empertigou de novo, Sult o observava calmamente com seus frios olhos azuis. Um olhar sugestivo de que ele já entendera Glokta e de que não estava impressionado.

– Venha comigo – ordenou.

O arquileitor se virou e foi andando pelo corredor. Glokta partiu atrás dele mancando, com os práticos silenciosos em marcha logo atrás. Sult se movia com confiança, sem esforço e de forma lânguida, a barra do casaco balançando graciosamente. *Maldito.*

Logo chegaram a uma porta bem parecida com a da sala de Glokta. O

arquileitor a destrancou, entrou. Os práticos assumiram posição dos dois lados da porta, de braços cruzados. *Então é uma conversa particular. Da qual talvez eu nunca volte.* Glokta passou pela soleira.

O cômodo era uma caixa de reboco branco e sujo, iluminada demais e com um teto baixo demais para que houvesse qualquer sensação de conforto. Tinha uma grande rachadura em vez de um canto com mofo, mas, afora isso, era idêntico à sala de Glokta. Tinha a mesa cheia de marcas, as cadeiras baratas, tinha até uma mancha de sangue mal lavada. *Será que essas manchas são pintadas, para causar efeito?*

De repente um dos práticos fechou a porta com uma pancada forte. Glokta deveria se sobressaltar, mas não se incomodaria com isso.

O arquileitor Sult sentou graciosamente numa cadeira e puxou um pesado maço de papéis amarelados sobre a mesa. Indicou com um gesto a outra cadeira, a que seria usada pelo prisioneiro. As implicações não passaram despercebidas para Glokta.

– Prefiro ficar de pé, Eminência.

Sult sorriu para ele. Tinha dentes lindos, afiados, todos brancos e brilhantes.

– Não, não prefere.

Agora ele me pegou. Glokta sentou-se sem elegância na cadeira do prisioneiro enquanto o arquileitor virava a primeira página do maço de documentos, franzia a testa e balançava a cabeça gentilmente, como se sentisse um desapontamento horrível com o que via. *Seriam os detalhes de minha carreira ilustre?*

– Recebi há pouco a visita do superior Kalyne. Ele estava muito perturbado.

Os olhos duros e azuis de Sult se desviaram dos papéis.

– Perturbado por sua causa, Glokta. Ele foi bastante enfático. Disse que você é uma ameaça incontrolável, que age sem pensar nas consequências, que é um aleijado maluco. Exigiu que você fosse afastado do departamento dele.

O arquileitor sorriu, um sorriso frio e maligno, do tipo que Glokta usava com seus prisioneiros. *Porém com mais dentes.*

– Acho que ele tinha em mente que você deveria ser afastado... por completo.

Os dois se encararam por cima da mesa.

É agora que eu imploro misericórdia? É agora que me arrasto no chão e beijo os seus pés? Bom, não me incomodo o suficiente para implorar e estou enrijecido demais para me arrastar. Seus práticos terão de me matar sentado. Cortar minha garganta. Esmagar minha cabeça. Tanto faz. Desde que façam.

Mas Sult não estava com pressa. As mãos com luvas brancas se moviam com elegância, com precisão, as páginas sibilavam e estalavam.

– Temos poucos homens como você na Inquisição, Glokta. Um nobre, vindo de família excelente. Espadachim campeão, arrojado oficial da cavalaria. Um

homem que foi preparado para chegar ao topo.

Sult o olhou de cima a baixo como se mal pudesse acreditar.

– Isso foi antes da guerra, arquileitor.

– Obviamente. Houve muita consternação por sua captura e pouca esperança de que nos fosse entregue com vida. À medida que a guerra se arrastava e os meses passavam, a esperança se reduziu a nada, mas, quando o tratado foi assinado, você estava entre os prisioneiros devolvidos à União – disse, e então estreitou os olhos e encarou Glokta diretamente. – Você falou?

Glokta não conseguiu se conter, explodiu numa gargalhada aguda. O riso ecoou estranhamente na sala fria. Não era um som que fosse ouvido com frequência ali embaixo.

– Se eu falei? Falei até ficar com a garganta doendo. Contei tudo em que pude pensar. Alardeei cada segredo que já ouvi. Tagarelei feito um idiota. Quando fiquei sem nada para contar, inventei. Eu me mijei e chorei feito uma menininha. Todo mundo faz isso.

– Mas nem todo mundo sobrevive. Dois anos nas prisões do imperador. Ninguém durou nem metade desse tempo. Os médicos tinham certeza de que você nunca sairia da cama de novo, mas um ano depois você se candidatou à Inquisição.

Nós dois sabemos disso. Nós dois estávamos lá. O que você quer de mim e por que não vai direto ao ponto? Acho que alguns homens simplesmente adoram o som da própria voz.

– Disseram-me que você estava aleijado, quebrado, que não se curaria, que jamais poderíamos confiar em você. Mas me senti inclinado a lhe dar uma chance. É comum um idiota qualquer vencer o Campeonato por vezes seguidas, e as guerras produzem muitos soldados promissores, mas o seu feito ao sobreviver àqueles dois anos foi único. Por isso foi mandado para o Norte e encarregado de uma das nossas minas. O que achou de Angland?

Um poço imundo de violência e corrupção. Uma prisão onde transformamos inocentes e culpados em escravos em nome da liberdade. Um buraco fedorento para onde mandamos os que odiamos e os que nos envergonham, para morrerem de fome, doenças e trabalho pesado.

– Era frio – disse Glokta.

– Você também. Você fez poucos amigos em Angland. Pouquíssimos dentro da Inquisição e nenhum entre os exilados.

Ele pegou uma carta amarrotada no meio dos papéis e lançou um olhar crítico sobre ela.

– O superior Goyle me disse que você não tinha sangue nas veias. Ele achava que você jamais chegaria a lugar nenhum, que ele não poderia usá-lo.

Goyle. Aquele desgraçado. Aquele carniceiro. Prefiro não ter sangue a não ter cérebro.

– Mas depois de três anos a produção havia aumentado. Na verdade, dobrado. Assim, você foi trazido de volta a Adua, para trabalhar com o superior Kalyne. Achei que talvez você aprendesse a ter disciplina com ele, mas parece que estava errado. Você insiste em agir por conta própria – afirmou o arquileitor, franzindo a testa. – Para ser franco, acho que Kalyne tem medo de você. Acho que todos têm. Não gostam da sua arrogância, não gostam dos seus métodos, não gostam da sua... percepção singular do trabalho.

– E o que o senhor acha, arquileitor?

– Honestamente? Também não sei se gosto de seus métodos, e duvido que sua arrogância seja totalmente merecida. Mas gosto dos seus resultados. Gosto muito dos seus resultados.

Ele fechou o maço de papéis e pousou a mão em cima dele, inclinando-se por sobre a mesa na direção de Glokta. *Como eu costumo me inclinar na direção dos meus prisioneiros quando peço para confessarem.*

– Tenho uma tarefa para você. Uma tarefa que deve fazê-lo aproveitar mais seus talentos do que sair perseguindo ladrões insignificantes. Uma tarefa que pode permitir que você se redima aos olhos da Inquisição.

O arquileitor fez uma pausa longa.

– Quero que prenda Sepp dan Teufel.

Glokta franziu a testa. *Teufel?*

– O chefe da Casa da Moeda, Vossa Eminência?

– O próprio.

O chefe da Real Casa da Moeda. Um homem importante, de família influente. Um peixe grande demais para o meu pequeno tanque. Um peixe com amigos poderosos. Podia ser perigoso prender um homem assim. Podia ser fatal.

– Posso perguntar por quê?

– Não. Deixe que eu me preocupe com os porquês. Concentre-se em obter uma confissão.

– Confissão de quê, arquileitor?

– Ora, de corrupção e alta traição! Parece que nosso amigo, o chefe da Casa da Moeda, tem sido muito indiscreto em alguns de seus negócios pessoais. Parece que vem recebendo subornos, conspirando com a Guilda dos Mercadores de Tecidos para enganar o rei. Assim, seria muito útil se um proeminente mercador de tecidos ligasse o nome dele a alguma atividade lastimável.

Não pode ser coincidência que eu tenha um proeminente mercador de tecidos na minha sala de interrogatório agora mesmo. Glokta deu de ombros.

– Quando as pessoas começam a falar, é chocante ver que nomes acabam

surgindo.

– Interessante – disse o arquileitor e balançou a mão. – Pode ir, inquisidor. Virei para pegar a confissão de Teufel amanhã, neste mesmo horário. É melhor que você a tenha.

Glokta soltou o ar lentamente enquanto voltava com dificuldade para o corredor. *Inspire, expire. Calma*. Não esperara sair vivo daquela sala. *E agora me pego movendo-me no círculo de poderosos. Uma tarefa pessoal para o arquileitor: fazer uma das autoridades de maior confiança da União confessar alta traição. O círculo dos mais poderosos, mas por quanto tempo? Por que eu? Por causa de meus resultados?*

Ou porque ninguém sentirá minha falta?

– Peço desculpas por todas as interrupções de hoje, de verdade. Isso aqui está parecendo um bordel, com tantas idas e vindas.

Rews torceu os lábios rachados e inchados num sorriso triste. *Sorrindo numa hora dessas, ele é uma maravilha. Mas todas as coisas têm um fim.*

– Sejamos honestos, Rews. Ninguém virá ajudá-lo. Nem hoje, nem amanhã, nem nunca. Você vai confessar. Tudo o que está a seu alcance é escolher quando fará isso e em que condição estará quando confessar. Realmente não há nada a ganhar adiando. A não ser dor. Nós temos muito disso para você.

Era difícil interpretar a expressão no rosto sangrento de Rews, mas seus ombros se afrouxaram. Ele mergulhou a pena na tinta com a mão trêmula, e escreveu seu nome, ligeiramente inclinado, no fim da folha da confissão.

Venci de novo. Minha perna dói menos? Tenho meus dentes de volta? Ajudou-me ter destruído esse homem que um dia chamei de amigo? Então por que eu faço isso? O raspar da pena no papel foi a única resposta.

– Excelente – disse Glokta.

O prático Frost virou o documento.

– E esta é a lista dos seus cúmplices?

Glokta deixou o olhar examinar preguiçosamente os nomes. *Um punhado de mercadores de pouca importância, três capitães de navios, um oficial da guarda da cidade, um par de funcionários subalternos da alfândega. Uma receita tediosa. Vejamos se podemos acrescentar um pouco de tempero.* Glokta virou o papel e o empurrou de volta por cima da mesa.

– Acrescente o nome de Sepp dan Teufel à lista, Rews.

O gordo pareceu confuso.

– O chefe da Casa da Moeda? – murmurou entre os lábios grossos.

– O próprio.

– Mas eu nem o conheço.

– E daí? – reagiu Glokta rispidamente. – Faça o que mandei.

Rews ficou parado, com a boca entreaberta.

– Escreva, seu porco gordo.

O prático Frost estalou os nós dos dedos.

Rews lambeu os lábios.

– Sepp... dan... Teufel – sussurrou o homem enquanto escrevia.

– Excelente.

Glokta fechou com cuidado a caixa de seus lindos instrumentos de horror.

– Fico feliz por nós dois porque não precisaremos disso hoje.

Frost fechou as algemas nos pulsos do prisioneiro e o puxou para que ficasse de pé. Começou a levá-lo para a porta no fundo da sala.

– E agora? – gritou Rews por cima do ombro.

– Angland, Rews, Angland. Não se esqueça de colocar roupas quentes na bagagem.

A porta se fechou atrás dele. Glokta olhou para a lista de nomes em sua mão. O de Sepp dan Teufel era o último. *Um nome. Pelo jeito, igual aos outros. Teufel. Só mais um nome. Mas um nome perigoso demais.*

Severard estava esperando do lado de fora do corredor, sorrindo como sempre.

– Devo jogar o gordo no canal?

– Não, Severard. Ponha-o no próximo barco para Angland.

– O senhor está misericordioso hoje, inquisidor.

Glokta fungou.

– Misericórdia seria o canal. Aquele suíno não vai durar seis semanas no Norte. Esqueça-o. Temos de prender Sepp dan Teufel esta noite.

As sobrancelhas de Severard subiram.

– Mas não é o chefe da Casa da Moeda?

– Exatamente. Sob ordens expressas de Sua Eminência, o arquileitor. Parece que ele andou recebendo dinheiro da Guilda dos Mercadores de Tecidos.

– Ah, que vergonha!

– Vamos sair assim que escurecer. Diga ao Frost para estar pronto.

O cabelo comprido do prático magro balançou quando ele assentiu. Glokta se virou e foi mancando pelo corredor, a bengala batendo nos ladrilhos sujos, a perna esquerda queimando.

Por que eu faço isso?, perguntou-se de novo.

Por que eu faço isso?

Sem opção

LOGEN ACORDOU com um tremor doloroso. Estava deitado de forma desajeitada, a cabeça torta sobre alguma coisa dura, os joelhos dobrados em direção ao peito. Abriu uma fresta remelenta nos olhos. Estava escuro, mas uma leve claridade vinha de algum lugar. Luz através de neve.

O pânico o atingiu: agora ele percebia onde estava. Havia empilhado um pouco de neve na entrada da caverna minúscula, numa tentativa de manter o interior aquecido, pelo menos um pouco. Devia ter nevado enquanto ele dormia e a saída estaria lacrada. Se a nevasca tivesse sido forte, poderia haver muita neve lá fora, camadas mais altas do que um homem. Talvez ele jamais saísse dali. Talvez houvesse percorrido toda a subida para se afastar dos vales altos só para no fim morrer num buraco na pedra tão apertado que nem lhe permitia esticar as pernas.

Logen se contorceu no espaço estreito do melhor modo que pôde, cavou a neve com as mãos entorpecidas, atrapalhando-se, gadanhando, arrancando, maldizendo a si mesmo enquanto ofegava. De repente a luz se derramou lá dentro, uma claridade ofuscante. Tirou o resto da neve do caminho e se arrastou em direção ao ar livre.

O céu era de um azul brilhante, o sol chamejava lá no alto. Ele virou o rosto para cima, fechou os olhos que ardiam e se deixou banhar pela luz. O ar era de um frio doloroso na garganta. Um frio cortante. A boca estava seca como poeira, a língua era um pedaço de pau mal esculpido. Pegou um punhado de neve e

enfiou na boca. Ela derreteu, ele engoliu. Gelada, fez sua cabeça doer.

Havia um fedor de cemitério vindo de algum lugar. Não era somente seu cheiro úmido e azedo de suor, ainda que só isso já fosse ruim o bastante. Era o cobertor, que começava a apodrecer. Logen tinha dois pedaços do cobertor enrolados nas mãos para servir de luvas, amarrados nos pulsos com barbante, outro pedaço em volta da cabeça, um capuz sujo de cheiro abominável. As botas estavam apertadas com pedaços do cobertor enfiados nelas. O que sobrara ele havia enrolado no corpo, sob o casaco. O cheiro era ruim, mas aquilo havia salvado sua vida na noite anterior e, na visão de Logen, era uma troca justa. Federia muito mais antes que ele pudesse se dar ao luxo de se livrar daquilo.

Levantou-se com dificuldade e olhou em volta. Era um vale estreito, de laterais íngremes e sufocado de neve. Três grandes picos o rodeavam, pilhas de pedra cinza-escura e neve branca de encontro ao céu azul. Ele os conhecia. Na verdade, eram velhos amigos. Os únicos que lhe restavam. Estava nos Lugares Altos. O teto do mundo. Estava em segurança.

– A salvo – grasnou sozinho, mas sem muita alegria.

Nada iria incomodá-lo ali em cima. Também certamente não teria comida. Nem um lugar quente onde ficar, é claro. Ele podia ter escapado dos shankas, mas este era um lugar para os mortos e, se ficasse, iria se juntar a eles.

Sentia uma fome brutal. Sua barriga era um enorme buraco dolorido que o chamava com gritos lancinantes. Remexeu na bolsa procurando o último naco de carne. Uma coisa velha, marrom, sebenta como um galho seco. Não preencheria o buraco, mas era tudo o que ele tinha. Rasgou-a com os dentes, dura como couro velho de bota, e a ajudou a descer com um pouco de neve.

Logen protegeu os olhos com o braço e olhou para o norte, através do vale, para o caminho por onde tinha subido no dia anterior. O terreno tinha uma inclinação constante, com neve e pedras dando lugar às encostas cobertas de pinheiros dos vales altos, árvores dando lugar a uma tira enrugada de pastagem, morros cobertos de capim dando lugar ao mar, uma linha reluzente no horizonte distante. Seu lar. Pensar nele o fez sentir-se mal.

Seu lar. Era onde sua família estava. O pai – sábio e forte, um bom homem, bom líder de seu povo. A esposa, os filhos. Eles eram uma boa família. Mereciam um filho melhor, um marido melhor, um pai melhor. Seus amigos também estavam lá. Antigos e novos. Seria bom ver todos de novo, muito bom. Falar com o pai no salão comprido. Brincar com os filhos, sentar-se com a esposa junto ao rio. Discutir táticas de batalha com Três Árvores. Caçar com Cachorrão nos vales altos, atravessar a floresta carregando uma lança e rindo feito um tolo.

De repente sentiu a dor da saudade, tão forte que quase o sufocou. O problema

era que todos estavam mortos. O salão era um círculo de escombros enegrecidos, o rio era um esgoto. Ele jamais se esqueceria de quando chegara pela colina e vira a ruína calcinada no vale abaixo. Esgueira-se no meio das cinzas, procurando sinais de que alguém tivesse escapado, enquanto Cachorrão puxava seu ombro e lhe dizia para desistir. Não havia nada além de cadáveres que, de tão apodrecidos, seria impossível reconhecer. E ele desistira da busca. Estavam todos tão mortos quanto os shankas poderiam matar, e isso era inegável. Cuspiu na neve, cuspe marrom de carne-seca. Mortos, frios e apodrecidos, ou queimados até virar cinzas. De volta à lama.

Logen trincou o maxilar e cerrou os punhos sob os retalhos podres do cobertor. Poderia voltar às ruínas da aldeia junto ao mar, só uma última vez. Poderia atacar com um urro de luta na garganta, como fizera em Carleon, quando perdera um dedo e ganhara sua reputação. Poderia tirar alguns shankas do mundo. Parti-los como havia partido Shama Sem Coração, do ombro às tripas, fazendo as entranhas caírem. Poderia vingar-se pelo pai, pela mulher, pelos filhos, pelos amigos. Seria um fim adequado para aquele a quem chamavam de Nove Sangrento. Morrer matando. Sua história poderia ser uma canção que valesse a pena ser cantada.

Mas em Carleon ele era jovem e forte e tinha os amigos na retaguarda. Agora estava fraco, com fome e mais sozinho, impossível. Tinha matado Shama Sem Coração com uma espada longa, afiadíssima. Olhou para sua faca. Podia ser boa, mas conseguiria pouquíssima vingança com ela. E, de qualquer forma, quem faria de sua história uma canção? Os shankas tinham vozes horríveis e imaginações piores ainda, isso se chegassem ao menos a reconhecer o mendigo fedorento enrolado em pedaços de cobertor depois de o terem enchido de flechas. Talvez a vingança pudesse esperar, pelo menos até ele ter uma lâmina maior. É preciso ser realista, afinal de contas.

Para o Sul, então, e tornar-se um andarilho. Sempre havia trabalho para um homem com suas habilidades. Trabalho pesado, talvez, e funesto, mas ainda seria trabalho. Havia certo atrativo nisso, tinha de admitir. Não ter ninguém que dependesse dele, suas decisões não importarem, não ter a vida ou a morte de ninguém nas mãos. Possuía inimigos no Sul, isso era fato. Mas o Nove Sangrento havia enfrentado inimigos antes.

Cuspiu de novo. Agora que tinha um pouco de saliva, pensou que deveria usá-la ao máximo. Era praticamente só isso que tinha: cuspe, uma panela velha e uns pedaços fedorentos de cobertor. Morto no Norte ou vivo no Sul. Era disso que se tratava, não havia escolha.

Você vai em frente. Era o que sempre fizera. Trata-se de uma questão inseparável da sobrevivência, quer você mereça viver ou não. Você se lembra

dos mortos do melhor modo que puder. Diz algumas palavras por eles. Depois continua andando e torce pelo melhor.

Logen inspirou longamente o ar frio, depois o soltou.

– Adeus, meus amigos – murmurou. – Adeus.

Então jogou a bolsa por sobre os ombros, virou-se e começou a andar com dificuldade pela neve funda. Para baixo, para o Sul, saindo das montanhas.

Ainda chovia. Uma chuva fraca que cobria tudo com um orvalho frio, recolhido nos galhos, nas folhas, nos espinhos, e pingava em gotas gordas e grandes que encharcavam suas roupas, chegavam a sua pele já molhada.

Agachou-se: imóvel e silencioso no meio do matagal úmido, com água escorrendo pelo rosto e a lâmina molhada da faca reluzindo. Sentia o grande movimento da floresta e ouvia todos os seus milhares de sons. O arrastar-se incontável dos insetos, a corrida cega das toupeiras, o farfalhar tímido dos cervos, a pulsação lenta da seiva nos troncos das velhas árvores. Cada ser vivo na floresta estava em busca de alimento, assim como ele. Deixou a mente focar num animal próximo que se movia cauteloso à sua direita pela floresta. Delicioso. A floresta ficou em silêncio, exceto pelos intermináveis pingos d'água que caíam dos galhos. O mundo era apenas Logen e sua próxima refeição.

Quando achou que o bicho estava suficientemente perto, saltou adiante e o jogou no chão molhado. Era um cervo jovem. O bicho escoiceou e lutou, mas Logen era forte e rápido, e cravou sua faca no pescoço do animal, rasgando sua garganta. O sangue quente jorrou do ferimento, derramou-se nas mãos de Logen, na terra molhada.

Jogou o animal morto sobre os ombros. Aquilo ficaria bom num cozido, talvez com um pouco de cogumelos. Muito bom. Depois que tivesse comido, pediria orientação aos espíritos. A orientação deles era praticamente inútil, mas a companhia seria bem-vinda.

O sol quase se punha quando chegou ao acampamento. Construíra um abrigo digno de um herói de sua envergadura: dois grandes pedaços de pau que apoiavam galhos úmidos sobre um buraco na terra. Mas estava praticamente seco ali dentro e a chuva havia cessado. Esta noite ele faria uma fogueira. Fazia muito tempo que não tinha um prazer como esse. Uma fogueira, e totalmente sua.

Mais tarde, alimentado e descansado, Logen pôs um naco de chagga em seu cachimbo. Encontrara-o crescendo na base de uma árvore alguns dias antes, grandes discos amarelos e úmidos. Havia partido um bom pedaço, mas só agora o chagga estava suficientemente seco para se fumar. Pegou um graveto aceso na

fogueira e o encostou no bojo do cachimbo, tragando com força até que o cogumelo pegou fogo e começou a queimar, soltando seu conhecido cheiro adocicado de terra.

Logen tossiu, soltou baforadas de fumaça marrom e olhou para as chamas dançantes. Sua mente voltou a outros tempos e outras fogueiras. Cachorrão estava lá, sorrindo, com as chamas a reluzir em seus dentes afiados. Tul Duru estava sentado no lado oposto, grande como uma montanha, rindo feito um trovão. Forley, o Fraco, também, com aqueles olhos nervosos saltando de um lado para outro, sempre meio assustado. Rudd Três Árvores estava lá, e Harding Sinistro, sem dizer nada. Ele nunca dizia nada. Por isso o chamavam de Sinistro.

Estavam todos lá. Só que não estavam. Todos haviam morrido, voltado à lama. Logen bateu o cachimbo sobre a fogueira e o guardou. Não queria fumar agora. Seu pai estava certo. Nunca se deve fumar sozinho.

Desatarraxou a tampa da garrafa velha, tomou um gole e cuspiu um jorro de gotículas. Um jato de chamas subiu no ar frio. Logen enxugou os lábios, saboreando o gosto quente, amargo. Depois sentou-se encostado no tronco nodoso de um pinheiro e esperou.

Demorou um tempo até eles chegarem. Eram três. Saíram em silêncio das sombras que dançavam no meio das árvores e foram lentamente para a fogueira, tomando forma à medida que se aproximavam da luz.

– Nove Dedos – chamou o primeiro.

– Nove Dedos – saudou o segundo.

– Nove Dedos – ressoou o terceiro.

Eram vozes como os mil sons da floresta.

– Vocês são bem-vindos à minha fogueira – disse Logen.

Os espíritos se agacharam e o encararam sem expressão.

– Só três esta noite?

O da direita falou primeiro:

– A cada ano um número menor dos nossos acorda do inverno. Só restamos nós. Mais alguns invernos vão passar e também iremos dormir. Não restará nenhum de nós para atender ao seu chamado.

Logen assentiu com tristeza.

– Alguma notícia do mundo?

– Ouvimos dizer que um homem caiu de um penhasco e sobreviveu, depois atravessou os Lugares Altos no início da primavera, enrolado num cobertor podre, mas não pusemos fé nesses boatos.

– Muito sábio.

– Bethod tem feito guerra – disse o espírito do centro.

Logen franziu a testa.

– Bethod está sempre fazendo guerra. É o que ele faz.

– É. Ele já venceu muitas lutas, com sua ajuda, ele deu a si mesmo um chapéu de ouro.

– À merda aquele desgraçado – respondeu Logen, cuspindo no fogo. – O que mais?

– Ao norte das montanhas, os shankas correm de um lado para outro e queimam coisas.

– Eles adoram fogo – disse o espírito do centro.

– Adoram – concordou o da esquerda –, mais ainda do que a sua espécie, Nove Dedos. Eles o amam e o temem – falou o espírito e se inclinou para a frente. – Ouvimos dizer que há um homem procurando você nos pântanos ao Sul.

– Um homem poderoso – disse o do centro.

– Um mago do Tempo Antigo – complementou o da esquerda.

Logen franziu a testa. Tinha ouvido falar daqueles magos. Conhecera um feiticeiro uma vez, mas ele fora fácil de matar. Não tinha nenhum poder sobrenatural específico, pelo menos que Logen tivesse notado. Mas um mago era outra coisa.

– Ouvimos dizer que os magos são sábios e fortes – disse o espírito do centro – e que um deles poderia levar um homem para longe e lhe mostrar muitas coisas. Mas também são ardilosos e têm seus próprios objetivos.

– O que ele quer?

– Pergunte a ele.

Os espíritos pouco se importavam com os negócios dos homens, sempre davam poucos detalhes. Mesmo assim, isso era melhor do que a conversa usual sobre árvores.

– O que você vai fazer, Nove Dedos?

Logen pensou um momento.

– Vou para o Sul encontrar esse mago e perguntar o que ele quer de mim.

Os espíritos assentiram. Não demonstraram se achavam boa ideia ou má. Não se importavam.

– Adeus, então, Nove Dedos – disse o espírito da direita. – Talvez pela última vez.

– Tentarei ir em frente sem vocês.

Nenhum deles deu atenção à piada de Logen. Eles se levantaram e se afastaram da fogueira, esvaindo-se gradualmente na escuridão. Logo haviam sumido, mas Logen teve de admitir que tinham sido mais úteis do que ele ousava esperar. Tinham lhe dado um objetivo.

Iria para o Sul de manhã, iria para o Sul encontrar esse mago. Quem sabia?

Ele talvez fosse bom de conversa. E isso tinha de ser melhor do que ficar crivado de flechas sem motivo, pelo menos. Logen olhou para as chamas, assentindo lentamente.

Lembrou-se de outras ocasiões e outras fogueiras, quando não estava sozinho.

Brincando com facas

ERA UM BELO dia de primavera em Adua e um sol agradável brilhava através dos galhos de zimbro, lançando uma sombra fragmentada nos jogadores abaixo deles, que seguravam suas cartas com força ou as colocavam sob copos ou moedas, devido à brisa aprazível que soprava no pátio. Pássaros piavam nas árvores e a tesoura de um jardineiro estalava do outro lado do gramado, criando ecos fracos e melodiosos contra os altos prédios brancos. Já o fato de os jogadores gostarem ou não da grande quantia de dinheiro que estava no centro da mesa dependia, claro, das cartas que eles tinham.

O capitão Jezal dan Luthar certamente estava gostando. Tinha descoberto um talento incrível para o jogo desde que obtivera seu posto no Próprio do Rei, um talento que ele havia usado para ganhar enormes somas de dinheiro dos colegas. Vindo de uma família tão rica, na verdade não precisava do dinheiro, mas ele lhe permitia manter uma aparência de frugalidade ao mesmo tempo que gastava sem pensar no amanhã. Sempre que Jezal ia para casa, seu pai entediava todo mundo falando do bom planejamento financeiro do filho, e o havia recompensado comprando-lhe a patente de capitão apenas seis meses antes. Seus irmãos não tinham ficado felizes. É, o dinheiro certamente era útil, e não havia nem de longe algo tão divertido quanto humilhar as pessoas mais próximas.

Jezal estava meio sentado, meio recostado no banco, com uma das pernas estendida, e permitiu que seu olhar examinasse os outros jogadores. O major West inclinara tanto sua cadeira para trás que parecia prestes a tombar. Estava

erguendo seu copo em direção ao sol, admirando o modo como a luz se filtrava na bebida âmbar. Tinha um leve sorriso misterioso que parecia dizer: “Não sou nobre e posso vir de uma classe social inferior à de vocês, mas ganhei um Campeonato e o favor do rei no campo de batalha e isso me torna um homem melhor, de forma que vocês, crianças, farão o que eu mandar.” Mas nesta partida ele não tirara uma boa mão e, na opinião de Jezal, era cauteloso demais com dinheiro, de qualquer modo.

O tenente Kaspa estava inclinado para a frente, franzindo a testa e coçando a barba cor de areia, olhando atentamente para as cartas, como se não entendesse os símbolos nelas. Era um rapaz bem-humorado, mas péssimo jogador, e sempre agradecia muito quando Jezal lhe pagava bebidas com o dinheiro que tirara dele. Podia se dar ao luxo de perdê-lo: o pai era um dos maiores proprietários de terras da União.

Jezal havia observado diversas vezes que os levemente burros agem de forma mais idiota quando estão na companhia dos inteligentes. Já tendo perdido a posição de destaque, esforçam-se por garantir a vaga de bobo agradável, evitam discussões porque sabem que irão perder e, por isso, conseguem ser amigos de todos. O ar de concentração e incerteza de Kaspa parecia dizer: “Não sou inteligente, mas sou honesto e agradável, o que é muito mais importante. As pessoas superestimam a inteligência. Ah, e eu sou muito, muito rico, de modo que todo mundo gosta de mim, independentemente de qualquer coisa.”

– Acho que vou na sua – disse Kaspa, e jogou uma pequena pilha de moedas de prata na mesa.

Elas brilharam ao sol, separando-se com um tilintar alegre. Jezal somou distraidamente o total na cabeça. Um novo uniforme, talvez? Kaspa sempre ficava meio trêmulo quando tinha cartas boas de verdade, e não estava tremendo agora. Dizer que ele estava blefando era lhe dar crédito em demasia; o mais provável era que simplesmente estivesse morrendo de tédio por ficar ali sentado. Jezal não tinha dúvida de que ele se dobraria como uma tenda barata na próxima rodada de apostas.

O tenente Jalenhorm fez uma careta e jogou suas cartas na mesa.

– Hoje só tenho merda! – rosnou.

Em seguida se recostou na cadeira e encolheu os ombros largos com um franzido de testa que dizia: “Sou grande e másculo e tenho pavio curto, por isso devo ser tratado com respeito.” Respeito era exatamente o que Jezal nunca lhe dava numa mesa de jogos. O pavio curto podia até ser útil numa luta, mas era um ponto fraco quando se tratava de dinheiro. Era uma pena que a mão de cartas de Jezal não tivesse sido um pouquinho melhor, caso contrário ele poderia ter arrancado metade do pagamento do outro. Jalenhorm esvaziou seu copo e

estendeu a mão para a garrafa.

Com isso restava apenas Brint, o mais novo e mais pobre do grupo. Ele lambeu os lábios com uma expressão ao mesmo tempo cautelosa e ligeiramente desesperada, uma expressão que anunciava: “Não sou jovem nem pobre. Posso me dar ao luxo de perder esse dinheiro. Sou tão importante quanto vocês.” Ele estava mesmo esbanjando nesse dia; talvez tivesse acabado de receber. Talvez aquela quantia fosse tudo o que teria para sobreviver nos próximos dois meses.

Jezal planejava tirar esse dinheiro dele e gastá-lo todo em mulheres e bebida. Precisava se conter para não rir ao pensar nisso. Poderia rir quando tivesse ganhado a partida. Brint se recostou e pensou com cuidado. Como talvez demorasse um pouco para tomar uma decisão, Jezal pegou seu cachimbo na mesa.

Acendeu-o na lâmpada fornecida exatamente para esse fim e soprou anéis de fumaça nos galhos do zimbro. Infelizmente, não era tão hábil em fumar quanto era com as cartas, e a maioria dos anéis não passava de baforadas feias de vapor marrom-amarelado. Se fosse completamente honesto, diria que na verdade não gostava de fumar. Aquilo o deixava meio enjoado, mas era muito elegante e muito caro, e de jeito nenhum Jezal rejeitaria algo elegante só por não gostar. Além disso, seu pai havia lhe comprado um lindo cachimbo de marfim na última vez que estivera na cidade e o cachimbo combinava muito bem com ele. Seus irmãos também não ficaram felizes com isso, por sinal.

– Eu continuo – disse Brint.

Jezal tirou a perna de cima do banco.

– Então eu coloco mais uns 100 marcos.

Ele empurrou toda a sua pilha para o centro da mesa. West sugou o ar por entre os dentes. Uma moeda caiu do topo da pilha e foi rolando pela madeira. Bateu no ladrilho com o tinido inconfundível de dinheiro. O jardineiro do outro lado do gramado ergueu a cabeça instintivamente, depois voltou a cortar a grama.

Kaspa empurrou suas cartas para longe, como se elas queimassem em seus dedos, e balançou a cabeça.

– Desgraça, eu sou uma porcaria de jogador de cartas – lamentou, e se recostou no tronco áspero e marrom da árvore.

Jezal olhou direto para o tenente Brint, com um ligeiro sorriso no rosto, sem revelar coisa alguma.

– Ele está blefando – rosnou Jalenhorm. – Não deixe que ele o manipule, Brint.

– Não faça isso, tenente – advertiu West.

Mas Jezal sabia que ele faria. Brint precisava que os outros achassem que ele

podia se dar ao luxo de perder. Não hesitou: empurrou suas moedas com um floreio descuidado.

– São cem, mais ou menos.

Brint estava se esforçando ao máximo para parecer no controle diante dos oficiais mais velhos, mas sua voz tinha uma encantadora nota de histeria.

– Está ótimo – disse Jezal. – Somos todos amigos aqui. O que você tem, tenente?

– Tenho terra.

Os olhos de Brint estavam com uma expressão ligeiramente febril enquanto mostrava suas cartas ao grupo.

Jezal se deliciou com a tensão que pairava no ar. Franziu a testa, deu de ombros, levantou as sobrancelhas. Coçou a cabeça pensativamente. Viu a expressão de Brint mudar conforme ele mudava a sua. Esperança, desespero, esperança, desespero. Por fim Jezal abriu suas cartas sobre a mesa.

– Ah, olhem. Tenho sóis, de novo.

O rosto de Brint se transformou em uma máscara. West deu um suspiro e balançou a cabeça. Jalenhorm franziu a testa.

– Eu tinha certeza de que ele estava blefando – disse.

– Como ele faz isso? – perguntou Kaspa, dando um peteleco numa moeda desgarrada sobre a mesa.

– O que importa são os jogadores, não as cartas – falou Jezal, dando de ombros.

Começou a juntar o monte de prata enquanto Brint o observava com dentes trincados e rosto pálido. O dinheiro tilintou para dentro da bolsa com um som agradável. Agradável para Jezal, pelo menos. Uma moeda caiu da mesa e parou perto do pé de Brint.

– Poderia pegar essa aí para mim, tenente? – perguntou Jezal com um sorriso doce.

Brint se levantou depressa, trombando na mesa e fazendo moedas e copos caírem e tilitarem.

– Tenho mais o que fazer – disse com voz tensa, depois passou rudemente por Jezal, dando-lhe uma trombada que o jogou contra a árvore, e foi na direção do limite do pátio. Desapareceu no alojamento dos oficiais, de cabeça baixa.

– Viram isso? – perguntou Jezal, mais indignado a cada segundo. – Me empurrar assim, tremenda falta de educação! E eu sou o oficial superior dele! Acho que vou fazer um relatório!

Um coro de sons desaprovadores foi a resposta à menção a um relatório.

– Bom, ele é mau perdedor, só isso! – concluiu Jezal.

Jalenhorm olhava sério por baixo das sobrancelhas.

– Você não deveria mordê-lo com tanta força. Ele não é rico. Não pode se dar ao luxo de perder.

– Bom, se ele não pode se dar ao luxo de perder, não deveria jogar! – reagiu Jezal, irritado. – Quem foi que disse a ele que eu estava blefando? Você deveria manter essa bocarra fechada!

– Ele é novo aqui – comentou West. – Só quer se enturmar. Você também já não foi novato um dia?

– E você é o quê, meu pai?

Jezal se lembrava com uma clareza dolorosa dos tempos em que era novato, e a menção a isso o fez sentir-se só um pouquinho envergonhado.

Kaspa balançou a mão.

– Vou emprestar algum dinheiro a ele, não se preocupem.

– Ele não vai aceitar – retrucou Jalenhorm.

– Bom, isso é com ele – grunhiu Kaspa, depois fechou os olhos e virou o rosto para o sol. – Está quente. O inverno acabou mesmo. Deve passar do meio-dia.

– Merda! – gritou Jezal, levantando-se e recolhendo suas coisas.

O grito fez o jardineiro parar de cortar o gramado para olhá-los.

– Por que você não avisou, West? – reclamou Jezal.

– E eu sou o quê, o seu pai?

Kaspa deu um risinho.

– Atrasado de novo – disse Jalenhorm, soprando o ar de dentro das bochechas. – O lorde marechal não vai ficar nada satisfeito!

Jezal pegou seu equipamento de esgrima e correu para o outro lado do gramado. O major West o seguiu.

– Ande logo! – gritou Jezal.

– Estou atrás de você, capitão – disse ele. – Logo atrás.

– Golpeie, golpeie, Jezal, golpeie! – rosnava o lorde marechal Varuz, acertando-o no braço com sua vara.

– Ai – gritou Jezal, e ergueu a barra de metal de novo.

– Quero ver esse braço direito se mover, capitão, atacar como uma cobra! Quero ser ofuscado pela velocidade dessas mãos!

Jezal deu mais dois golpes desajeitados com a pesada peça metálica. Era tortura. Os dedos, o pulso, o antebraço e o ombro queimavam com o esforço. Estava completamente encharcado de suor, que voava do rosto em grandes gotas, e o marechal Varuz aparava seus débeis esforços.

– Agora, corte! Corte com a esquerda!

Jezal girou o grande martelo de ferreiro na direção da cabeça do velho, usando

toda a força de seu braço esquerdo. Com muito esforço, mal conseguia levantar aquela desgraça. O marechal Varuz se desviou sem dificuldade e o acertou no rosto com a vara.

– Ai! – gemeu Jezal, cambaleando para trás e, em seguida, se atrapalhou e largou o martelo, que caiu em seu pé. – Aaaai!

A barra de metal bateu no chão com um clangor enquanto ele se abaixava para segurar os dedos do pé, que latejavam de modo horroroso. Sentiu uma pontada quando Varuz o acertou na bunda, uma pancada forte que ecoou no pátio e o fez cair esparramado de cara no chão.

– Isso é digno de pena! – gritou o velho. – Você está me envergonhando na frente do major West!

O major havia inclinado sua cadeira para trás e se sacudia, tentando abafar o riso. Não vendo motivos para se levantar depressa, Jezal ficou olhando para as botas imaculadamente engraxadas do major.

– De pé, capitão Luthar! – gritou Varuz. – Meu tempo, pelo menos, é precioso!

– Tudo bem! Já vou!

Jezal se levantou, cansado, e ficou cambaleando ao sol quente, sem fôlego, com suor escorrendo.

Varuz se aproximou dele e farejou seu hálito.

– Já andou bebendo hoje? – quis saber, o bigode grisalho eriçando-se. – E ontem à noite também, sem dúvida!

Jezal não respondeu.

– Bom, dane-se, então! Temos trabalho a fazer, capitão Luthar, e não posso fazê-lo sozinho! Faltam quatro meses para o Campeonato, quatro meses para transformá-lo num espadachim hábil!

Varuz esperou uma resposta, mas Jezal não conseguiu pensar em nenhuma. Só estava fazendo aquilo para deixar o pai feliz, no entanto imaginava que o velho soldado não iria gostar de ouvir isso – e não seria bom apanhar de novo.

– Ah! – Varuz gritou na cara de Jezal e lhe deu as costas, segurando a vara atrás do corpo com as duas mãos.

– Marechal Var... – começou Jezal, mas, antes que pudesse terminar, o velho soldado girou e lhe deu uma estocada bem na barriga.

– Arrr! – fez Jezal ao tombar de joelhos.

Varuz parou de pé junto a ele.

– Você vai fazer uma pequena corrida para mim, capitão.

– Aaaaarg.

– Vai correr daqui à Torre das Correntes. Vai subir a torre até chegar ao parapeito. Nós saberemos quando você tiver chegado, já que o major e eu

estaremos desfrutando um relaxante jogo de tabuleiro na cobertura – o velho indicou o prédio de seis andares, atrás dele –, com plena visão da torre. Conseguirei vê-lo com minha luneta, portanto desta vez não poderá haver trapaça! – finalizou, batendo a vara no cocuruto de Jezal.

– Ai – disse Jezal, esfregando o couro cabeludo.

– Depois que aparecer lá no alto, você vai correr de volta. Vai correr o mais rápido que puder, e eu sei que é exatamente isso o que vai fazer porque, se não tiver retornado quando terminarmos nosso jogo, você irá de novo.

Jezal se encolheu.

– O major West é um excelente jogador, de forma que devo levar cerca de meia hora para derrotá-lo. Sugiro que você comece imediatamente.

Jezal ficou de pé num salto e começou a correr na direção da passagem em arco do lado oposto do pátio, murmurando palavrões.

– Você terá de ir mais rápido do que isso, capitão! – gritou Varuz.

As pernas de Jezal eram blocos de chumbo, mas ele as fez seguir mais depressa.

– Joelhos altos! – gritou animado o major West.

Jezal atravessou correndo o arco, passando por um porteiro que deu um risinho, sentado junto à porta, e saindo na ampla avenida do outro lado. Passou pelos muros cobertos de hera da Universidade, xingando os nomes de Varuz e West com a respiração arfante, depois pela estrutura quase sem janelas da Casa das Perguntas, com seu pesado portão da frente lacrado. Passou por alguns funcionários inexpressivos que se apressavam para um lado e para outro, mas o Agriont estava silencioso a esta hora da tarde e Jezal não viu ninguém que o interessasse até chegar ao parque.

Três jovens elegantes estavam sentadas à sombra de um amplo salgueiro junto ao lago, acompanhadas por uma senhora idosa. Jezal acelerou o passo imediatamente e substituiu a expressão de sofrimento por um sorriso despreocupado.

– Senhoras – cumprimentou-as enquanto passava voando.

Ouviu-as dando risinhos umas para as outras atrás dele e se parabenizou em silêncio, mas diminuiu a velocidade pela metade assim que ficou fora das vistas femininas.

– Dane-se o Varuz – disse a si mesmo, quase andando quando entrou na via do Rei.

Logo teve de acelerar de novo: o príncipe herdeiro Ladisla estava a menos de vinte passos de distância, arengando para seu séquito enorme e multicolorido.

– Capitão Luthar! – chamou Sua Alteza, com a luz do sol chamejando em seus ultrajantes botões de ouro. – Pernas para que te quero! Apostei mil marcos em

você como vencedor do Campeonato!

Jezal sabia de fonte segura que o príncipe havia apostado 2 mil marcos em Bremer dan Gorst, mas mesmo assim fez a reverência mais profunda que pôde enquanto corria. O séquito de elegantes seguidores do príncipe o aplaudiu e gritou encorajamentos sem muito empenho à medida que ele se afastava.

– Idiotas desgraçados – sibilou Jezal, embora soubesse que adoraria ser um deles.

Passou pelas enormes imagens de pedra que representavam seiscentos anos de reis supremos à sua direita, com as estátuas de seus leais servidores, ligeiramente menores, à esquerda. Cumprimentou com um meneio de cabeça o grande mago Bayaz logo antes de entrar na praça dos Marechais, mas só obteve em resposta a testa franzida do mago, desaprovador como sempre, e o temor que sentiu só foi diminuído um pouquinho por haver uma mancha branca de cocô de pombo em sua bochecha de pedra.

Como o Conselho Aberto estava em sessão, a praça se encontrava quase vazia e Jezal pôde ir até o portão do Palácio Marcial. Um sargento atarracado o cumprimentou com um aceno de cabeça quando ele passou e Jezal se perguntou se o homem seria de sua companhia – todos os soldados comuns pareciam iguais, afinal de contas. Ignorou o sujeito e continuou correndo entre os altos prédios brancos.

– Perfeito – resmungou Jezal.

Jalenhorm e Kaspa estavam sentados perto da porta da Torre das Correntes, fumando cachimbo e rindo. Os malditos deviam ter adivinhado que ele iria por ali.

– Pela honra e pela glória! – gritou Kaspa, chacoalhando a espada na bainha enquanto Jezal passava correndo. – Não faça o lorde marechal esperar! – lembrou ele, deixando escapar um gargalhada.

– Idiotas desgraçados – ofegou Jezal, empurrando com o ombro a porta pesada, sua respiração saindo com dificuldade quando começou a subir a íngreme escada em espiral.

Era uma das torres mais altas do Agriont: 291 degraus no total.

– Degraus desgraçados – xingou.

No centésimo degrau, suas pernas estavam queimando e o peito arfava. Quando contou duzentos, ele estava em frangalhos. Foi andando pelo resto do caminho, cada passo uma tortura, até que passou por uma torrinha e chegou à área externa. Inclinou-se no parapeito, piscando por causa da súbita claridade.

A cidade se espalhava abaixo, ao sul, um tapete interminável de casas brancas que se estendia a toda a volta da baía reluzente. Na outra direção, a vista por sobre o Agriont era ainda mais impressionante. Uma grande confusão de prédios

magníficos amontoados uns sobre os outros, interrompida por gramados verdes e grandes árvores, tudo cercado pelo fosso largo e a muralha enorme, cravejada com uma centena de torres altas. A via do Rei cortava o centro na direção da rotunda dos Lordes, cuja cúpula de bronze reluzia ao sol. Os elevados pináculos da Universidade ficavam atrás, e depois deles se erguia a imensidão e a sobriedade da Casa do Artífice, alçando-se acima de tudo como uma montanha escura que lançava sua sombra comprida sobre os prédios.

A distância, Jezal pensou ter visto o sol brilhar na luneta do marechal Varuz. Xingou de novo e voltou para a escada.

Sentiu-se aliviado quando enfim chegou à cobertura e viu que ainda havia algumas peças brancas no tabuleiro.

O marechal Varuz franziu a testa para ele:

– Você tem muita sorte. O major West se esforçou excepcionalmente na defesa.

Um sorriso se abriu no rosto de West.

– Você deve ter merecido o respeito dele, de algum modo, mesmo que ainda não tenha merecido o meu – emendou Varuz.

Jezal se curvou com as mãos nos joelhos, ofegando muito e pingando suor no chão. Varuz pegou a caixa comprida na mesa, foi até Jezal e a abriu.

– Mostre sua técnica.

Jezal pegou a espada curta com a mão esquerda e a longa com a direita. Pareciam leves como penas depois do ferro pesado. O marechal Varuz recuou um passo.

– Comece.

Jezal iniciou a primeira sequência de movimentos, o braço direito estendido, o esquerdo perto do corpo. As lâminas chiaram e traçaram seu caminho no ar, brilhando ao sol da tarde enquanto Jezal se movia de uma postura familiar para outra com a tranquilidade de quem as havia treinado. Até que chegou ao fim e deixou as espadas baixarem ao lado do corpo.

Varuz assentiu.

– O capitão tem mãos rápidas, não é?

– De fato excelentes – disse o major West, com um sorriso largo. – Muito melhor do que eu jamais fui.

O lorde marechal estava menos impressionado.

– Seus joelhos estão ficando dobrados demais na terceira sequência e você deve buscar mais extensão do braço esquerdo na quarta. Afora isso... está passável.

Jezal soltou um suspiro de alívio. Era um baita elogio.

– Rá! – gritou o velho, golpeando-o nas costelas com a extremidade da caixa.

Jezal caiu no chão, praticamente incapaz de respirar.

– Você precisa trabalhar seus reflexos, capitão. Deve estar sempre preparado. Sempre. Quando se está com espadas nas mãos, é melhor mantê-las erguidas.

– Sim, senhor – grasnou Jezal.

– E seu vigor é uma desgraça, você está chiando feito uma carpa. Sei, de fonte segura, que Bremer dan Gorst corre 16 quilômetros por dia e praticamente não sua – falou e depois se inclinou acima de Jezal: – De agora em diante, você fará o mesmo. Ah, sim. Um circuito da muralha de Agriont todo dia às seis da manhã, seguido por uma hora lutando com o major West, que fez a gentileza de concordar em ser seu parceiro. Tenho confiança em que ele apontará todos os pequenos pontos fracos de sua técnica.

Jezal estremeceu e esfregou as costelas doloridas.

– Quanto às farras, quero que acabem. Sou a favor de diversão no momento certo, e haverá tempo para comemorar depois do Campeonato, desde que você se esforce o suficiente para vencê-lo. Até lá, o que precisamos é de uma vida limpa. Entendeu, capitão Luthar? – perguntou e se inclinou mais ainda, pronunciando cada palavra com cuidado. – Vida. Limpa. Capitão.

– Sim, marechal Varuz – balbuciou Jezal.

Seis horas depois, ele estava mais bêbado do que um gambá. Rindo feito um louco, saiu cambaleante para a rua, com a cabeça girando. O ar frio o golpeou forte no rosto. As construções pequenas e miseráveis oscilavam, a rua mal iluminada chacoalhava feito um navio afundando. Jezal lutou contra a ânsia de vômito – era um homem, afinal. Deu um passo vacilante em direção à rua, virou-se para a porta. O borrão forte de luz e os sons altos de gargalhadas e gritos chegavam até ele. Uma figura esfarrapada saiu voando da taverna e o acertou no peito. Jezal se debateu com ela no desespero, mas caiu. Bateu no chão com uma pancada de abalar os ossos.

O mundo ficou escuro por um momento, depois ele se pegou esparramado na lama com Kaspa em cima de si.

– Desgraça! – gorgolejou, a língua grossa e desajeitada na boca.

Empurrou com o cotovelo o tenente que ria sem parar, rolou e se levantou, cambaleando enquanto a rua em volta dele virava uma gangorra.

Kaspa estava caído de costas na terra, sufocando de tanto gargalhar, fedendo a bebida barata e fumaça azeda. Jezal fez uma tentativa inútil de remover a sujeira do uniforme. Havia um grande trecho molhado no peito, com cheiro de cerveja.

– Desgraça! – reclamou de novo. Quando a mancha tinha surgido?

Então percebeu alguns gritos do outro lado da rua. Dois homens brigando à entrada de uma construção. Jezal forçou a vista, tentou enxergar na escuridão. Um homem grande havia segurado um sujeito bem-vestido e parecia estar amarrando as mãos dele às costas. Logo depois, estava enfiando uma espécie de saco na cabeça dele. Jezal piscou, incrédulo. Aquela não era uma área nem um pouco respeitável, mas aquilo parecia ser demais.

A porta da taverna se abriu com um estrondo e West e Jalenhorm saíram, imersos numa conversa bêbada, algo sobre a irmã de alguém. Uma luz forte atravessou a rua e iluminou claramente os dois homens que lutavam. O grandalhão estava todo vestido de preto, com uma máscara sobre a parte inferior do rosto. Tinha cabelo branco, sobrancelhas brancas, pele branca como leite. Jezal ficou olhando o diabo branco do outro lado da rua e este o encarou de volta, estreitando os olhos rosados.

– Socorro! – Era o sujeito com o saco na cabeça, a voz estridente de medo. – Socorro, eu sou...

O sujeito branco lhe deu um golpe violento na cintura e ele se dobrou ao meio com um suspiro.

– Ei, você! – gritou West.

Jalenhorm já atravessava a rua correndo.

– O que foi? – perguntou Kaspa, apoiando-se nos cotovelos.

A mente de Jezal estava embotada, mas seus pés pareciam querer ir atrás de Jalenhorm, por isso ele o acompanhou mesmo cambaleando e sentindo-se tão enjoado. West foi atrás. O fantasma branco se empertigou e se virou para ficar entre eles e seu prisioneiro. Outro homem saiu depressa das sombras, alto e magro, mascarado e vestido totalmente de preto, com cabelo comprido e oleoso. Ele ergueu a mão enluvada.

– Senhores. – Sua voz lamentosa de plebeu saiu abafada pela máscara. – Senhores, por favor, estamos a serviço do rei!

– O rei realiza seus serviços durante o dia – rosnou Jalenhorm.

A máscara do recém-chegado estremeceu ligeiramente quando ele sorriu:

– É por isso que ele precisa de nós para as coisas noturnas, não é, amigo?

– Quem é esse homem? – perguntou West, apontando para o sujeito com o saco na cabeça.

O prisioneiro estava lutando para se levantar de novo.

– Sou Sepp dan... uuu!

O monstro branco o silenciou com um soco forte no rosto, derrubando-o na rua.

Com o maxilar trincado, Jalenhorm levou a mão à espada e o fantasma branco

avançou com uma velocidade terrível. De perto ele era maior ainda, estranho e aterrorizador. Jalenhorm deu um passo involuntário para trás, tropeçou na superfície esburacada da rua e caiu de costas com estrondo. A cabeça de Jezal estava latejando.

– Para trás! – gritou West, e sua espada saiu da bainha com um leve retinir.

– Pfff! – sibilou o monstro, com os punhos cerrados como duas grandes pedras brancas.

– Aaar! – gorgolejou o homem com o saco na cabeça.

O coração de Jezal estava na boca. Olhou para o sujeito magro. Os olhos dele sorriram em resposta. Como alguém poderia sorrir numa hora daquelas? Jezal ficou surpreso ao ver que o homem segurava uma faca comprida e feia. De onde aquilo tinha vindo? Tentou, bêbado, desembainhar a espada.

– Major West! – chamou uma voz nas sombras, adiante na rua.

Jezal parou, incerto, com a espada a meio caminho para fora da bainha. Jalenhorm se levantou com dificuldade, as costas do uniforme enlameadas, e sacou sua espada. O monstro pálido olhou para eles sem piscar, sem recuar sequer um centímetro.

– Major West! – disse a voz de novo, agora acompanhada por um som que estalava e raspava.

West empalideceu. Uma figura emergiu das sombras, mancando muito, com a bengala batendo na terra. Seu chapéu de aba larga obscurecia a parte superior do rosto, mas a boca estava retorcida num estranho sorriso. Com uma súbita onda de náusea, Jezal notou que faltavam os quatro dentes da frente no sujeito. O homem arrastou os pés na direção deles, ignorando todas as lâminas expostas, e estendeu sua mão livre a West.

O major embainhou a espada devagar, segurou a mão e apertou-a frouxamente.

– Coronel Glokta? – perguntou com voz rouca.

– Seu humilde servo, mas não sou mais um homem do exército. Agora faço parte da Inquisição do rei.

Ele ergueu a mão lentamente e tirou o chapéu. Seu rosto era de uma palidez mortal, com rugas fundas, o cabelo cortado curto salpicado de fios grisalhos. Os olhos espiavam febris dentro de círculos profundos e escuros, o esquerdo perceptivelmente mais fechado do que o direito, com a borda rosada e um brilho úmido.

– Esses são meus assistentes, os práticos Severard – o magro fez uma reverência zombeteira – e Frost.

O monstro branco puxou o prisioneiro com apenas uma das mãos, pondo-o de pé.

– Espere aí – disse Jalenhorm, avançando, mas o inquisidor pôs a mão em seu braço com gentileza.

– Este homem é prisioneiro da Inquisição de Sua Majestade, tenente Jalenhorm.

O grandalhão Jalenhorm fez uma pausa, surpreso ao ser chamado pelo nome.

– Sei que seus motivos são os melhores, mas ele é um criminoso, um traidor. Tenho um mandado de prisão para ele assinado pelo próprio arquileitor Sult. Ele é indigno de sua ajuda, acredite.

Jalenhorm franziu a testa e lançou um olhar de ódio para o prático Frost. O demônio pálido pareceu aterrorizado. Quase tão aterrorizado quanto uma pedra. Jogou o prisioneiro no ombro sem esforço, virou-se e saiu andando pela rua. O que se chamava Severard sorriu com os olhos, embainhou a faca, fez outra reverência e seguiu o companheiro, assobiando desafinado enquanto andava lépido.

A pálpebra esquerda do inquisidor começou a estremecer e a umidade escorreu por sua bochecha pálida. Ele a enxugou com cuidado usando as costas da mão.

– Perdoem-me, por favor. Honestamente. É um horror quando um homem não consegue controlar os próprios olhos, não? Porcaria de geleia que vive escorrendo. Às vezes acho que deveria mandar arrancar esse troço e me virar com um tapa-olho.

O estômago de Jezal se revirou.

– Quanto tempo faz, West? Sete anos? Oito? – perguntou Glokta.

Um músculo se retesou na lateral do rosto do major.

– Nove.

– Imagine só. Nove anos. Dá para acreditar? Parece que foi ontem. Foi no topo do morro, não foi, que nós nos separamos?

– No topo, sim.

– Não se preocupe, West, não culpo você nem um pouco – falou, dando um tapa caloroso no braço do major. – Pelo menos não por aquilo. Você tentou me convencer a não fazer aquilo, eu me lembro. Tive tempo suficiente para pensar a respeito em Gurkhul, afinal de contas. Tive muito tempo para pensar. Você sempre foi um bom amigo. E agora o jovem Collem West é major do Próprio do Rei, imagine só.

Jezal não fazia a menor ideia do que eles estavam falando. Só queria vomitar e depois ir para a cama.

O inquisidor Glokta se virou para ele com um sorriso, mostrando de novo a falha hedionda nos dentes.

– E este deve ser o capitão Luthar, em quem todo mundo tem tanta esperança

para o próximo Campeonato. O marechal Varuz é um mestre rígido, não é? – provocou Glokta e balançou a bengala debilmente na direção de Jezal: – Golpeie, golpeie, hein, capitão? Golpeie, golpeie.

Jezal sentiu a bile subindo. Tossiu e olhou para os pés, forçando o mundo a permanecer imóvel. O inquisidor olhou com expectativa para cada um deles. West estava pálido. Jalenhorm, enlameado e carrancudo. Kaspa continuava sentado na rua. Nenhum teve nada a dizer.

Glokta pigarreou.

– Bom, o dever me chama – explicou, e fez uma reverência rígida. – Mas espero revê-los. Muito em breve.

Jezal se pegou desejando nunca mais ver o sujeito.

– Talvez possamos esgrimir de novo uma hora dessas? – murmurou o major.

Glokta deu um sorriso bem-humorado.

– Ah, eu adoraria, West, mas acho que hoje em dia estou ligeiramente aleijado. Se você quer uma luta, tenho certeza de que o prático Frost poderia satisfazer sua vontade.

Ele olhou para Jalenhorm.

– Contudo devo alertá-lo: ele não luta como um cavalheiro. Desejo a todos vocês uma noite agradável.

Glokta pôs o chapéu de volta na cabeça, depois se virou lentamente e foi arrastando os pés pela rua imunda.

Os três oficiais apenas observaram-no se afastar mancando, num silêncio interminável e incômodo. Aos trancos e barrancos, Kaspa enfim se aproximou deles:

– O que foi isso?

– Nada – respondeu West com os dentes trincados. – É melhor esquecermos que aconteceu.

Dentes e dedos

O TEMPO É CURTO. Precisamos trabalhar depressa. Glokta assentiu, dando o sinal para Severard, que sorriu e tirou o saco da cabeça de Sepp dan Teufel.

O chefe da Casa da Moeda era um homem forte, de aparência nobre. Seu rosto já estava começando a apresentar hematomas.

– O que significa isso? – rugiu ele, cheio de arrogância. – Sabe quem eu sou?

Glokta fungou.

– Claro que sabemos quem você é. Acha que temos o hábito de arrancar pessoas da rua aleatoriamente?

– Sou o chefe da Real Casa da Moeda! – berrou o prisioneiro, lutando contra as amarras.

O prático Frost olhava impassível, de braços cruzados. Os ferros já reluziam alaranjados no braseiro.

– Como vocês ousam...

– Não podemos admitir essas interrupções constantes! – gritou Glokta.

Frost deu um chute violento na canela de Teufel, que ganiu de dor.

– Como nosso prisioneiro poderá assinar sua folha de confissão se suas mãos estão amarradas? Por favor, solte-o.

Teufel olhou ao redor cheio de suspeitas enquanto o albino desamarrava seus pulsos. Então viu o cutelo. A lâmina polida brilhava como um espelho à luz forte da lâmpada.

Uma coisa realmente linda. Você gostaria de pegá-la, não é, Teufel? Aposto

que gostaria de decepar minha cabeça com ela. Glokta quase esperou que ele fizesse isso: a mão direita parecia estar se estendendo para o cutelo, mas ele a usou para empurrar o papel da confissão para longe.

– Ah – disse Glokta. – O chefe da Casa da Moeda é um cavalheiro destro.

– Um cavalheiro destro – sibilou Severard no ouvido do prisioneiro.

Teufel estava olhando para o outro lado da mesa com as pálpebras estreitadas.

– Conheço você! É Glokta, não é? O que foi capturado em Gurkhul, o que eles torturaram. Sand dan Glokta, estou certo? Bom, desta vez você passou dos limites, devo dizer! Passou dos limites! Quando o juiz supremo Marovia ficar sabendo...

Glokta se pôs de pé num salto, fazendo a cadeira raspar nos ladrilhos. Sua perna esquerda era uma agonia, mas ele a ignorou.

– Olhe isto! – zombou ele, depois escancarou a boca, dando ao prisioneiro horrorizado uma boa visão de seus dentes. *Ou do que resta deles.* – Está vendo? Está? Onde eles quebraram e arrancaram os dentes de cima, deixaram os de baixo, e onde tiraram os de baixo, deixaram os de cima, até atrás. Está vendo? – provocou Glokta, repuxando as bochechas com os dedos de modo que Teufel pudesse ver melhor. – Fizeram isso com um cinzel minúsculo. Um pedacinho a cada dia. Demorou meses.

Glokta sentou-se, rígido, depois deu um sorriso largo.

– Que trabalho excelente, hein? E tão irônico! Deixar metade dos dentes, mas nenhum que possa ser usado! Tomo sopa quase todos os dias.

O chefe da Casa da Moeda engoliu em seco. Glokta viu uma gota de suor escorrer pelo pescoço dele.

– E os dentes foram só o começo. Tenho que mijar sentado, como uma mulher, sabe? Tenho 35 anos e preciso de ajuda para sair da cama.

Ele se recostou de novo e esticou a perna com uma careta.

– Todo dia é um pequeno inferno para mim. Todo dia. Então diga, você acredita seriamente que alguma coisa que possa dizer irá me intimidar?

Glokta examinou o prisioneiro, demorando-se. *Não está mais tão seguro de si, nem de longe.*

– Confesse – sussurrou. – Depois poderemos embarcá-lo para Angland e ainda dormir um pouco esta noite.

O rosto de Teufel havia ficado quase tão pálido quanto o do prático Frost, mas ele não disse nada.

O arquileitor chegará logo. Provavelmente já está a caminho. Se não houver confissão quando ele chegar, seremos todos mandados para Angland. Na melhor das hipóteses. Glokta segurou a bengala e se levantou.

– Gosto de pensar em mim como um artista, mas a arte demora e nós

desperdiçamos metade da noite procurando você em cada bordel da cidade. Felizmente o prático Frost tem um nariz sensível e excelente senso de direção. Ele é capaz de farejar um rato numa latrina.

– Um rato numa latrina – ecoou Severard, os olhos reluzindo ao brilho laranja do braseiro.

– Estamos com pouco tempo, portanto permita que eu seja direto. Você vai confessar em menos de dez minutos.

Teufel fungou e cruzou os braços.

– Nunca.

– Segure-o.

Frost agarrou o prisioneiro por trás e o dobrou num aperto igual ao de um torno, prendendo seu braço direito ao lado do corpo. Severard segurou o pulso esquerdo dele e abriu os dedos sobre o tampo riscado da mesa. Glokta envolveu o cabo liso do cutelo com a mão, fazendo a lâmina raspar na madeira enquanto o puxava lentamente. Olhou para a mão de Teufel. *Que unhas lindas ele tem! Como são compridas e brilhantes! Não é possível trabalhar numa mina com mãos assim.* Glokta levantou o cutelo.

– Espere! – gritou o prisioneiro.

Paf! A lâmina pesada se cravou funda no tampo da mesa, aparando a unha do dedo médio de Teufel. Ele ofegava e havia uma película de suor em sua testa. *Agora veremos que tipo de homem você é de verdade.*

– Acho que você já entendeu aonde isso vai dar – disse Glokta. – Sabe, fizeram isso com um cabo que foi capturado comigo, um corte por dia. Era um homem forte, muito forte. Conseguiram passar do cotovelo antes que ele morresse – ameaçou Glokta e levantou o cutelo de novo. – Confesse.

– Você não pode...

Paf! O cutelo tirou a ponta do dedo médio de Teufel. O sangue escorreu no tampo da mesa.

Os olhos de Severard sorriam à luz da lâmpada. O queixo de Teufel caiu. *Mas a dor vai demorar um pouco a chegar.*

– Confesse! – berrou Glokta.

Paf! O cutelo decepou o topo do dedo anular de Teufel e um pequeno disco do dedo médio, que rolou um pouquinho e caiu no chão. O rosto de Frost permanecia inexpressivo, como se fosse de mármore.

– Confesse!

Paf! A ponta do indicador de Teufel saltou no ar. O dedo médio perdera toda a primeira junta. Glokta fez uma pausa, enxugando o suor da testa nas costas da mão. Sua perna estava latejando. Sangue pingava nos ladrilhos com um tap, tap, tap constante. Teufel observava de olhos arregalados os dedos que se

encurtavam.

Severard balançou a cabeça.

– Trabalho excelente, inquisidor – elogiou, e deu um peteleco num dos discos de carne sobre a mesa. – Que precisão! Estou pasmo.

– Aaaar! – berrou o chefe da Casa da Moeda.

Agora ele percebeu. Glokta levantou o cutelo de novo.

– Vou confessar! – guinchou Teufel. – Vou confessar!

– Excelente – disse Glokta, animado.

– Excelente – repetiu Severard.

– Efeuent – entoou o prático Frost.

O Norte vasto e estéril

Os MAGOS FAZEM parte de uma ordem antiga e misteriosa, instruídos nos segredos do mundo, treinados nos caminhos da magia, sábios e poderosos para além dos sonhos dos homens. Era o que as pessoas diziam. Alguém assim deveria conseguir encontrar um homem, até mesmo um homem sozinho no Norte vasto e estéril. Se era verdade, então o mago não estava com muita pressa.

Logen coçou a barba emaranhada e se perguntou o que estaria detendo o grande homem. Talvez ele estivesse perdido. Perguntou-se de novo se deveria ter ficado nas florestas, onde pelo menos a comida era farta. Mas os espíritos tinham dito para ir em direção ao Sul, e se você fosse para o Sul a partir das montanhas, chegava àqueles pântanos castigados pelo clima. E assim ele havia esperado ali, nas urzes e na lama, no tempo ruim, quase sempre passando fome.

De qualquer modo, suas botas estavam arruinadas, por isso havia montado aquele tosco acampamento. Ficara perto da estrada, para ter uma visão melhor da chegada do tal mago. Desde as guerras o Norte estava cheio de vagabundos perigosos – guerreiros desertores que se tornaram bandoleiros, camponeses fugidos de suas terras incendiadas, homens desesperados, sem um líder nem nada a perder, e assim por diante. Mas Logen não estava preocupado. Ninguém tinha motivo para ir àquele fim de mundo. Ninguém, a não ser ele e o mago.

Por isso sentou-se e esperou, procurou comida, não encontrou nenhuma, sentou-se e esperou mais um pouco. Nessa época do ano os pântanos eram frequentemente encharcados pela chuva, mas à noite ele tentaria manter

pequenas fogueiras feitas de espinhos e cheias de fumaça, para levantar o ânimo e atrair qualquer mago de passagem. Chovera esta noite, mas havia parado fazia algum tempo e já era possível acender um fogo. Agora ele estava com a panela sobre a fogueira, preparando um cozido com o restante da carne que trouxera da floresta. Teria de procurar comida pela manhã. O mago poderia alcançá-lo mais tarde, se ainda se importasse.

Estava mexendo a refeição parca e perguntando-se se deveria voltar para o Norte ou continuar indo para o Sul na manhã seguinte quando ouviu o som de cascos na estrada. Um cavalo movendo-se lentamente. Sentou-se sobre o casaco e esperou. Houve um relincho, o tilintar de um arreio. Um cavaleiro surgiu no alto da encosta. Com o sol descendo atrás dele, Logen não podia discerni-lo claramente, mas ele estava sentado rígido e desajeitado na sela, como alguém que não estivesse acostumado à estrada. Instigou o cavalo gentilmente na direção da fogueira e puxou as rédeas a poucos metros de distância de Logen.

– Boa noite – cumprimentou.

Não era nem um pouco o que Logen havia esperado. Era um rapaz magro, pálido, de aparência doentia, com círculos escuros em volta dos olhos, cabelo comprido grudado na cabeça pela garoa e um sorriso nervoso. Parecia mais molhado do que sábio, e certamente não aparentava ser poderoso para além dos sonhos dos homens. Dava a impressão de, acima de tudo, ser alguém faminto, com frio e doente. Na verdade, aparentava algo semelhante ao que o próprio Logen sentia.

– Você não deveria ter um cajado?

O rapaz pareceu surpreso.

– Eu não... isto é... eu não sou um mago.

Ele parou de falar e lambeu os lábios, nervoso.

– Os espíritos disseram para eu esperar um mago, mas eles erram com frequência.

– Ah... Bom, sou aprendiz. Mas meu mestre, o grande Bayaz – e ele baixou a cabeça com reverência – é nada menos do que o Primeiro dos Magos, grande na Arte Superior e instruído em sabedoria profunda. Ele me mandou encontrá-lo... – o rapaz pareceu subitamente em dúvida – ... e levá-lo. Você é Logen Nove Dedos?

Logen levantou a mão esquerda e olhou o jovem pálido através do espaço onde seu dedo médio antigamente ficava.

– Ah, bom.

O aprendiz soltou um suspiro de alívio e de repente se conteve.

– Ah, isto é... bem... sinto muito pelo dedo.

Logen gargalhou. Era a primeira vez desde que havia se arrastado para fora do

rio. Aquilo não era muito engraçado, mas ele riu alto. A sensação foi boa. O rapaz sorriu e deslizou dolorosamente da sela.

– Sou Malacus Quai.

– Malacus o quê?

– Quai – disse ele, indo para a fogueira.

– Que tipo de nome é esse?

– Sou do Antigo Império.

Logen nunca tinha ouvido falar de tal lugar.

– Um império, é?

– Bom, já foi, antigamente. A nação mais poderosa do Círculo do Mundo.

O rapaz se agachou rigidamente junto à fogueira.

– Mas a glória do passado se desbotou há muito tempo. Agora não passa de um enorme campo de batalha.

Logen assentiu. Sabia muito bem como era a aparência de um desses lugares.

– Fica longe. No oeste do mundo – explicou o aprendiz, balançando a mão vagamente.

Logen riu de novo.

– Ali é o leste.

Quai deu um sorriso triste.

– Sou vidente, mas pelo visto não um muito bom. Mestre Bayaz me mandou encontrá-lo, porém as estrelas não têm sido auspiciosas e eu me perdi no mau tempo.

Ele afastou o cabelo de cima dos olhos e abriu as mãos.

– Eu tinha um cavalo de carga, com comida e suprimentos, e outro cavalo para você, mas os perdi numa tempestade. Acho que não sou um homem talhado para viver ao ar livre.

– Parece que não.

Quai pegou um frasco no bolso e se inclinou, oferecendo-o. Logen o pegou, abriu, bebeu um gole. O líquido quente escorreu pela garganta, aqueceu-o até as raízes dos cabelos.

– Bom, Malacus Quai, você perdeu sua comida, mas manteve o que realmente importava. Hoje em dia é preciso um grande esforço para me fazer rir. Você é bem-vindo à minha fogueira.

– Obrigado.

O aprendiz fez uma pausa e estendeu as mãos na direção das chamas fracas.

– Não como há dois dias – disse, e balançou a cabeça, o cabelo sacudindo para trás e para a frente. – Foi... um tempo difícil.

Quai lambeu os lábios e olhou para a panela.

Logen lhe entregou a colher. Malacus Quai a espiou com os olhos grandes e

redondos.

– Você já comeu?

Logen fez que sim. Não tinha comido, mas o coitado do aprendiz parecia esfomeado, e mal havia comida para um. Tomou outro gole da garrafa. Isso seria suficiente para ele, por enquanto. Quai atacou o cozido com prazer. Quando terminou, raspou a panela, lambeu a colher e depois lambeu a beira da panela, também. Em seguida se recostou numa pedra grande.

– Estou em dívida eterna, Logen Nove Dedos, você salvou minha vida. Não esperava que você fosse um anfitrião tão generoso.

– Para ser honesto, você também não é exatamente o que eu esperava.

Logen tomou outro gole da garrafa e lambeu os lábios.

– Quem é esse tal Bayaz? – perguntou.

– O Primeiro dos Magos, grande na Arte Superior e instruído em sabedoria profunda. Acho que ele ficará seriamente insatisfeito comigo.

– Ele deve ser temido, então?

– Bom – respondeu o aprendiz debilmente –, ele é um pouco mal-humorado.

Logen tomou outro gole. O calor estava se espalhando pelo corpo, a primeira vez que sentia calor em semanas. Fez-se uma pausa.

– O que ele quer de mim, Quai?

Não houve resposta. O som fraco de roncos veio do outro lado da fogueira. Logen sorriu e, enrolando-se em seu casaco, deitou-se para dormir também.

O aprendiz acordou com um ataque súbito de tosse. Era de manhã cedo e o mundo já sombrio estava coberto de névoa. Provavelmente era melhor assim. Não havia nada para ver, exceto quilômetros de lama, pedras e arbustos de tojo tristonhos e marrons. Tudo estava coberto por um orvalho frio, mas Logen conseguira acender uma tênue língua de fogo. O cabelo de Quai estava grudado em seu rosto pálido. Ele rolou de lado e tossiu, atirando catarro no chão.

– Aaaarg! – grasnou ele.

Tossiu e cuspiu de novo.

Logen prendeu o restante de seu parco equipamento no cavalo infeliz.

– ’dia – disse, olhando o céu branco. – Mesmo não sendo um bom dia.

– Vou morrer. Vou morrer e, então, não terei mais de me mexer.

– Não temos comida. Se ficarmos aqui, você vai morrer mesmo. Então poderei comê-lo e voltar para as montanhas.

O aprendiz deu um sorriso débil.

– O que vamos fazer?

Pois é. O quê?

– Onde encontramos esse tal de Bayaz?

– Na Grande Biblioteca do Norte.

Logen nunca ouvira falar dela, mas, afinal de contas, nunca fora muito interessado em livros.

– Que fica onde?

– Ao sul daqui, uns quatro dias a cavalo, junto a um grande lago.

– Você sabe o caminho?

O aprendiz se levantou meio tonto e cambaleou ligeiramente, com a respiração rápida e curta. Estava numa palidez fantasmagórica e seu rosto tinha uma camada de suor.

– Acho que sim – murmurou, mas não parecia nem um pouco seguro.

Nem Quai nem seu cavalo conseguiriam viajar quatro dias sem comida, isso considerando que não se perdessem. Comida era a primeira coisa a ser providenciada. A melhor opção seria seguir a estrada para o Sul através da floresta, apesar do risco maior. Eles poderiam ser mortos por bandoleiros, mas havia mais chances de conseguir comida, e de outro modo a fome provavelmente iria matá-los.

– É melhor você montar – disse Logen.

– Eu perdi os cavalos. Eu é que devo caminhar.

Logen pôs a mão na testa de Quai. Estava quente e úmida.

– Você está com febre. É melhor montar.

O aprendiz não tentou discutir. Olhou as botas de Logen em frangalhos.

– Dá para você usar as minhas botas?

Logen balançou a cabeça:

– São pequenas demais.

Ele se ajoelhou por sobre os restos da fogueira e franziu os lábios.

– O que está fazendo?

– As fogueiras têm espíritos. Vou manter este sob minha língua e poderemos usá-lo para acender outra mais tarde.

Quai estava doente demais para ficar surpreso. Logen sugou o espírito, tossiu na fumaça, estremeceu com o gosto amargo.

– Está pronto para ir? – perguntou.

O aprendiz levantou os braços num gesto de impotência.

– Estou.

Malacus Quai adorava falar. Falava à medida que iam para o Sul através da charneca, enquanto o sol subia no céu encardido, conforme entravam na floresta no fim da tarde. Estar doente não o impedia de conversar, mas Logen não se

importava. Fazia muito tempo que alguém não falava com ele, e isso o ajudava a não pensar em seus pés. Estava faminto e cansado, no entanto o problema eram os pés. Suas botas eram farrapos de couro velho, os dedos estavam cortados e esfolados, o calcanhar ainda ardia dos dentes do shanka. Cada passo era um sofrimento. Um dia já fora considerado o homem mais temido do Norte. Agora tinha medo dos menores gravetos e pedras da estrada. Devia haver alguma graça nisso, em algum lugar. Ele fez uma careta quando seu pé bateu numa pedrinha.

–... aí eu passei sete anos estudando com o mestre Zacharus. Ele é importante entre os magos, é o quinto dos doze aprendizes de Juvens, um grande homem.

Provavelmente, tudo o que fosse ligado aos magos seria grandioso aos olhos de Quai.

– Ele achou que eu estava pronto para ir à Grande Biblioteca do Norte e estudar com o mestre Bayaz, para ganhar meu cajado. Mas as coisas não têm sido fáceis para mim. O mestre Bayaz é muito exigente e...

O cavalo parou e bufou, refugou e deu um passo hesitante para trás. Logen farejou o ar e franziu a testa. Havia homens ali perto, homens que não haviam tomado banho. Devia ter notado, mas sua atenção estivera voltada para seus pés. Quai olhou para ele.

– O que houve? – perguntou o aprendiz.

Como se fosse em resposta, um homem saltou de trás de uma árvore, uns dez passos adiante, e outro um pouco mais à frente na estrada. Eram vagabundos, sem dúvida. Sujos, barbudos, vestindo trapos de pele e couro. Não estavam muito diferentes de Logen. O magricelo mais à esquerda tinha uma lança com ponta farpada. O grande, à direita, trazia uma espada pesada com manchas de ferrugem e um velho elmo amassado, com um espeto no topo. Eles avançaram, rindo. Houve um som atrás e Logen olhou por cima do ombro, com o coração quase parando. Um terceiro homem, com um grande furúnculo no rosto, vinha cautelosamente pela estrada na direção deles, carregando um pesado machado de lenhador.

Quai se abaixou na sela, os olhos arregalados de medo.

– Eles são bandoleiros?

– Você é que é a porra do vidente – sussurrou Logen com os dentes trincados.

Os homens pararam um ou dois passos à frente deles. O do elmo parecia estar no comando.

– Belo cavalo – rosnou ele. – Podemos pegar emprestado?

O da lança riu enquanto segurava as rédeas.

Apenas um instante atrás, não parecia possível que a situação piorasse, mas o destino dera um jeito de isso acontecer. Logen duvidava que Quai fosse de muita utilidade numa luta. Isso o deixava sozinho contra três ou mais, e tendo apenas

uma faca. Se não fizesse nada, Malacus e ele seriam roubados e, mais do que provavelmente, mortos. É preciso ser realista com essas coisas.

Examinou de novo os três bandoleiros. Eles não esperavam uma luta, principalmente por parte de dois homens desarmados – seguravam a lança de lado e a espada estava apontada para o chão. Quanto ao machado, não sabia, por isso teria de confiar na sorte. É uma verdade lamentável, mas o fato é que o homem que ataca primeiro geralmente leva a melhor, por isso Logen se virou para o do elmo e cuspiu o espírito no rosto dele.

O espírito se acendeu no ar e caiu faminto sobre o sujeito. A cabeça dele irrompeu em chamas, a espada caiu no chão. Ele gadanhou o rosto, desesperado, e seus braços pegaram fogo também. O homem saiu gritando e sacudindo-se.

O cavalo de Quai levou um susto com as chamas e empinou, bufando. O homem magro tropeçou para trás, boquiaberto, e Logen saltou na direção dele, agarrou o cabo da lança com uma das mãos e lhe deu uma cabeçada no rosto. O nariz do sujeito foi esmagado e ele cambaleou para longe, com sangue escorrendo pelo queixo. Logen o puxou de volta com a lança, girou o braço direito num arco amplo e lhe deu um soco no pescoço. Ele caiu gorgolejando e Logen arrancou a lança de sua mão.

Sentiu um movimento atrás de si e se jogou no chão, rolando para a esquerda. O machado assobiou no ar acima de sua cabeça e deu um talho comprido no flanco do cavalo, espirrando gotas de sangue no chão e despedaçando a fivela da barrigueira. O sujeito do furúnculo se preparava para pegar o machado de volta. Logen tentou pular nele, mas prendeu o tornozelo numa pedra e cambaleou feito bêbado, gritando de dor. Uma flecha zumbiu junto ao seu rosto, vinda de algum lugar nas árvores, e se perdeu nos arbustos do outro lado da estrada. O cavalo bufou e escoiceou, os olhos revirando loucamente, depois partiu pela estrada num galope ensandecido. Malacus Quai uivou quando a sela escorregou das costas do animal e ele foi jogado nos arbustos.

Não havia tempo para pensar nele. Com um rugido, Logen atacou o homem do machado, mirando a lança em seu coração. Ele levantou o machado a tempo de se defender, mas não de evitar o golpe. A lança o furou no ombro, fazendo-o girar. Houve um estalo forte quando o cabo se partiu, Logen perdeu o equilíbrio e tombou para a frente, derrubando na estrada o cara de furúnculo. A ponta da lança, que se projetava das costas do sujeito, abriu um talho fundo no couro cabeludo de Logen quando este caiu em cima dele. Logen agarrou com as duas mãos o cabelo embolado do homem, puxou sua cabeça para trás e bateu com o rosto dele numa pedra.

Em seguida deu um salto e se pôs de pé, com a cabeça girando e sangue escorrendo dos olhos, bem a tempo de ver uma flecha voar das árvores e se

cravar num tronco a um ou dois passos de distância. Logen saltou em busca do arqueiro. Encontrou: um garoto que não teria mais de 14 anos e tentava pegar outra flecha. Logen tirou a faca. O garoto estava pondo a flecha no arco, os olhos arregalados de pânico. Atrapalhou-se com a corda e, tremendamente surpreso, cravou a flecha na própria mão.

Logen partiu para cima dele. O garoto tentou acertá-lo com o arco, mas Logen se curvou a tempo e jogou o corpo para a frente, na direção do adversário, usando as duas mãos para cravar a faca sob seu queixo e erguendo-a até que a lâmina se quebrasse. Quando o corpo tombou em cima de Logen, o pedaço quebrado da faca que restava do lado de fora abriu um talho comprido em seu braço e espirrou sangue em toda parte, vindo dos cortes na cabeça e no braço de Logen e do ferimento enorme na garganta do garoto.

Logen empurrou o cadáver para longe, cambaleou apoiando-se numa árvore e respirando com dificuldade. Seu coração estava martelando, o sangue rugindo nos ouvidos, o estômago dando cambalhotas.

– Ainda estou vivo – sussurrou. – Ainda estou vivo.

Os cortes começavam a latejar. Mais duas cicatrizes. Poderia ter sido muito pior. Limpou o sangue de cima dos olhos e seguiu mancando de volta para a estrada.

Malacus Quai estava de pé, olhando pálido para os três cadáveres. Logen o segurou pelos ombros, examinou-o de cima a baixo.

– Você está ferido?

Quai apenas olhou para os corpos.

– Eles estão mortos?

O cadáver do grandalhão de elmo ainda soltava fumaça, exalando um cheiro ao mesmo tempo apetitoso e repulsivo. Ele tinha um bom par de botas, notou Logen, muito melhor do que as suas. O pescoço do cara de furúnculo estava torto demais para que o homem continuasse vivo, além disso a lança partida o atravessava. Logen rolou o magricelo com o pé. Ele ainda trazia um ar de surpresa no rosto sangrento, os olhos espiando o céu, a boca aberta.

– Deve ter rompido a traqueia – murmurou Logen.

Suas mãos estavam cobertas de sangue. Segurou uma com a outra, para que não tremessem.

– E o que estava nas árvores? – quis saber Malacus Quai.

Logen só balançou a cabeça em resposta.

– O que aconteceu com o cavalo? – perguntou.

– Foi embora – murmurou Quai, desesperançado. – O que vamos fazer?

– Vamos ver se eles têm alguma comida – disse, e apontou para o cadáver fumegante: – E me ajude a tirar as botas dele.

Treino de esgrima

– Golpeie, Jezal, golpeie! Não seja tímido!

Jezal estava mais do que inclinado a obedecer. Deu um salto adiante, estocando com a mão direita. West já se encontrava desequilibrado e cambaleou para trás, saindo da postura e apenas conseguindo aparar o golpe com a espada curta. Hoje estavam usando lâminas semiafiadas, para acrescentar um pouco de perigo aos procedimentos. Não era possível furar alguém com uma delas, mas você poderia lhe causar um ou dois arranhões dolorosos, caso se empenhasse bastante. Jezal pretendia provocar um arranhão no major devido à humilhação da véspera.

– É isso, acabe com ele! Golpeie, golpeie, capitão! Golpeie, golpeie!

West fez um movimento desajeitado de corte, mas Jezal o percebeu antes e se defendeu empurrando a espada para o lado, ainda no ataque, estocando com todo o empenho. Golpeou com a esquerda, e de novo. West bloqueou já desesperado e cambaleou para trás, indo de encontro à parede. Finalmente Jezal o tinha sob domínio. Gargalhou alegre enquanto atacava de novo com a espada longa, mas de repente seu opositor ficara súbita e surpreendentemente alerta. West deslizou para longe e desviou o golpe com uma segurança frustrante. Jezal deu um passo à frente desequilibrado e cambaleante. Ofegou em choque quando a ponta de sua espada se fincou em uma fenda entre duas pedras, sendo arrancada de sua mão entorpecida. Ela ficou balançando na parede.

West saltou, mergulhou na direção do lado interno da lâmina que restava a

Jezal e lhe deu uma trombada com o ombro.

– Uuf! – fez Jezal ao cambalear para trás e despencar no chão, soltando a espada curta, que deslizou pelas pedras.

O lorde marechal Varuz a prendeu habilmente sob o pé. A ponta rombuda da espada de West pairava sobre a garganta de Jezal.

– Desgraça! – xingou ele, enquanto o major sorridente lhe oferecia a mão.

– É – murmurou Varuz com um suspiro fundo. – É uma desgraça mesmo. Um desempenho ainda mais abominável do que o de ontem, se é que é possível! Você deixou o major West fazê-lo de idiota outra vez!

Jezal deu um tapa na mão de West, com uma careta de desprezo, e se levantou.

– Ele não perdeu o controle da luta nem uma vez! – prosseguiu Varuz. – Você se permitiu ser atraído e depois desarmado! Desarmado! Meu neto jamais cometeria esse erro e ele tem 8 anos! – ralhou Varuz, batendo com a vara no chão. – Explique, por favor, capitão Luthar: como vai vencer uma disputa de esgrima estando no chão e desarmado?

Jezal fechou a cara, coçando a nuca.

– Não? No futuro, se você cair de um penhasco carregando suas espadas, quero vê-lo morto e em pedaços no fundo, mas segurando-as com força, ouviu?

– Sim, marechal Varuz – balbuciou Jezal carrancudo, desejando que o velho desgraçado é que despencasse de um penhasco. Ou talvez da Torre das Correntes. Seria adequado. Talvez o major West pudesse se juntar a ele.

– O excesso de confiança é a maldição do espadachim! Trate cada oponente como se fosse o último. Quanto ao seu trabalho de pés – Varuz franziu o lábio com nojo –, é belo e elegante quando avança, mas basta obrigá-lo a recuar e você mirra. O major só precisou lhe dar um tapinha e você caiu como uma colegial desmaiando.

West riu para ele. Estava adorando aquilo. Realmente adorando, o desgraçado.

– Dizem que Bremer dan Gorst caminha de costas como se sua perna de apoio fosse uma coluna de aço. Uma coluna de aço! Seria mais fácil derrubar a Casa do Artífice do que derrubá-lo – gritou o lorde marechal e apontou para a silhueta da enorme torre que se erguia acima dos prédios do pátio. – A Casa do Artífice! – repetiu enojado.

Jezal bufou e chutou o chão. Pela centésima vez, teve vontade de desistir e jamais segurar uma espada de novo. Mas o que as pessoas diriam? Seu pai estava tão orgulhoso, alardeando sua habilidade para todo mundo. Ele se apegara à ideia de que veria o filho lutar na praça dos Marechais diante de uma multidão que o ovacionava. Se Jezal desistisse agora, o pai ficaria mortificado e ele poderia dizer adeus ao posto no exército, ao dinheiro que recebia, às ambições.

Sem dúvida seus irmãos adorariam isso.

– O segredo é o equilíbrio – proclamava o marechal Varuz. – A força sobe através das pernas! De agora em diante, acrescentaremos uma hora de trave ao seu treinamento. Todo dia.

Jezal se encolheu.

– Então fica: uma corrida, exercícios com a barra pesada, prática de técnica, uma hora de luta, técnica de novo e mais uma hora na trave – resumiu o lorde marechal, assentindo com satisfação. – Por enquanto, isso vai bastar. Verei você amanhã cedo, às seis. Absolutamente sóbrio – ordenou Varuz, e franziu a testa: – Absolutamente. Sóbrio.

– Sabe, não posso fazer isso para sempre – disse Jezal enquanto mancava rigidamente de volta ao seu alojamento. – Quanto dessa merda horrível a gente precisa aguentar?

West riu.

– Isso não é nada. Nunca vi o velho sacana ser tão frouxo com alguém. Ele deve gostar mesmo de você. Comigo não foi tão amigável.

Jezal não sabia se acreditava.

– Pior do que isso?

– Eu não tinha as noções básicas que você recebeu. Ele me fazia segurar a barra pesada acima da cabeça a tarde inteira até ela cair em cima de mim – contou o major, e estremeceu ligeiramente, como se até mesmo a lembrança lhe fosse dolorosa. – Fazia com que eu subisse e descesse correndo a Torre das Correntes usando armadura completa. Além de me obrigar a treinar luta quatro horas por dia, todo dia.

– Como você aguentou?

– Eu não tinha opção. Não sou nobre. A esgrima era o único modo de eu ser notado. Mas, no fim das contas, foi bom. Quantos plebeus que você conhece têm patente alta no Próprio do Rei?

Jezal deu de ombros:

– Pensando bem, muito poucos.

Ele era um nobre, achava que não deveria haver nenhum.

– Mas você é de boa família e já é capitão. Se conseguir vencer o Campeonato, será impossível dizer até onde poderá chegar. O lorde camarista Hoff, o juiz supremo Marovia, o próprio Varuz, por sinal, foram campeões. Campeões que têm o sangue certo sempre alcançam grandes feitos.

Jezal fungou.

– Como seu amigo Sand dan Glokta?

O nome caiu entre eles como uma pedra.

– Bom... quase sempre.

– Major West! – chamou uma voz vinda de trás.

Um sargento atarracado, com uma cicatriz que descia pela bochecha, estava correndo até eles.

– Sargento Forest, como vai? – perguntou West, dando um tapa caloroso em suas costas.

Ele tinha jeito para lidar com os camponeses, mas Jezal precisava ficar se lembrando de que o próprio West era só um pouco melhor do que um camponês. Ele podia ser uma pessoa educada, um oficial, e tudo mais, mas, pensando bem, ainda tinha mais em comum com o sargento do que com Jezal.

O sargento riu de orelha a orelha:

– Muito bem, obrigado, senhor – disse e em seguida assentiu respeitosamente para Jezal: – Bom dia, capitão.

Jezal assentiu rigidamente e se virou para olhar ao longo da avenida. Não conseguia imaginar um motivo para que um oficial se mostrasse tão afável com soldados comuns. Além disso, o sujeito tinha cicatrizes e era feio. Jezal não via utilidade em pessoas feias.

– O que posso fazer por você? – perguntou West.

– O marechal Burr quer vê-lo, senhor, para uma reunião urgente. Todos os oficiais superiores receberam ordem de comparecer.

O rosto de West se anuviou.

– Estarei lá assim que puder.

O sargento bateu continência e se afastou.

– Que negócio é esse? – perguntou Jezal displicentemente, olhando um funcionário perseguir um pedaço de papel que tinha deixado cair.

– Angland. O rei dos nórdicos, Bethod. – West disse o nome com uma careta, como se ele deixasse um gosto amargo. – Dizem que ele derrotou todos os inimigos no Norte e que agora está louco por uma luta com a União.

– Bom, se é uma luta que ele quer... – disse Jezal, despreocupado.

Em sua opinião, as guerras eram algo excelente, uma oportunidade para alcançar a glória e obter uma promoção.

O papel passou flutuando perto de sua bota, à brisa suave, seguido de perto pelo funcionário, que bufava. Jezal riu enquanto o sujeito passava rapidamente, dobrado quase ao meio nos esforços desajeitados de agarrar o papel.

O major pegou o documento sujo e o entregou ao homem.

– Obrigado, senhor – disse o funcionário, com o rosto suado e demonstrando tanta gratidão que era digno de pena. – Muito obrigado.

– Não foi nada – murmurou West, e o funcionário fez uma leve reverência

servil e se afastou.

Jezal ficou desapontado. Estava se divertindo com a caçada.

– Poderia haver uma guerra, mas este é o menor dos meus problemas, agora – desabafou West com um suspiro pesado. – Minha irmã está em Adua.

– Não sabia que você tinha uma irmã.

– Bom, tenho, e ela está aqui.

– E daí?

Jezal não se sentia nem um pouco inclinado a ouvir sobre a irmã do major. West podia ter subido na vida, mas o restante de sua família estava certamente fora de suas áreas de interesse. Ele se interessava por garotas pobres de quem pudesse se aproveitar e pelas nobres com quem poderia pensar em se casar. Qualquer coisa intermediária não tinha importância.

– Bom, minha irmã pode ser encantadora, mas também é bem pouco... convencional. Pode dar um tremendo trabalho quando não está num bom dia. Para dizer a verdade, eu preferiria encarar um bando de nórdicos a enfrentá-la.

– Ora, West – respondeu Jezal distraído, quase sem notar o que estava dizendo. – Tenho certeza de que ela não pode ser tão difícil assim.

O major se animou.

– Bom, fico aliviado em ouvi-lo dizer isso. Ela sempre quis ver o Agriont, e há anos eu venho prometendo que mostraria tudo se ela um dia viesse aqui. Na verdade, nós tínhamos combinado para hoje.

Jezal foi ficando desanimado.

– Agora, com essa reunião... – falou West.

– Mas estou com tão pouco tempo esses dias! – resmungou Jezal.

– Prometo que depois eu o recompenso. Esteja no meu alojamento dentro de uma hora.

– Espere aí...

Mas West já se afastava rapidamente.

Que ela não seja feia demais, pensava Jezal enquanto se aproximava devagar da porta do alojamento do major West e levantava o punho, sem nenhuma vontade de bater. Que pelo menos ela não seja feia demais. E que não seja burra demais. Qualquer coisa, menos uma tarde desperdiçada com uma garota burra. Sua mão estava na metade do caminho para a porta quando percebeu vozes exaltadas do outro lado. Parou cheio de culpa no corredor, o ouvido aproximando-se cada vez mais da madeira, esperando ouvir algo elogioso a seu respeito.

– ... e a sua criada? – disse a voz abafada de West, que parecia muito chateado.

– Tive de deixá-la em casa, havia muita coisa a fazer. Ninguém vai lá há meses – respondeu a irmã de West.

O rapaz sentiu um aperto no coração. Era uma voz profunda, como a de alguém obeso. Jezal não poderia se dar ao luxo de ser visto andando no Agriont de braço dado com uma mulher gorda. Isso poderia arruinar sua reputação.

– Mas você não pode simplesmente perambular pela cidade sozinha!

– Eu cheguei aqui, não cheguei? Você está se esquecendo de quem nós somos, Collem. Eu posso me virar sem uma serviçal. Para a maioria das pessoas daqui, eu não sou melhor do que uma serviçal, de qualquer modo. Além disso, tenho seu amigo, o capitão Luthar, para cuidar de mim.

– Isso é pior ainda, como você sabe muitíssimo bem!

– Bom, eu não tinha como saber que você estava ocupado. Imaginei que você arranjaria tempo para ver a própria irmã.

Ela não parecia burra, o que já era alguma coisa, mas era gorda e agora também rabugenta.

– Não estarei em segurança com seu amigo?

– Ele é um sujeito bastante bom, mas será que vai ficar em segurança com você?

Jezal não entendeu o que o major quis dizer com esse comentário.

– Andar sozinha pelo Agriont ou com um homem que você mal conhece? Não banque a sonsa, conheço você muito bem! O que as pessoas vão pensar?

– Dane-se o que elas pensam.

Jezal se afastou bruscamente da porta. Não estava acostumado a ouvir damas usarem aquele tipo de linguagem. Gorda, rabugenta e grosseira, desgraça! Aquilo poderia ser ainda pior do que ele havia temido. Olhou pelo corredor, planejando fugir, pensando numa desculpa. Mas, para seu azar, alguém vinha subindo a escada. Não conseguiria ir embora sem ser visto. Teria de ver no que dava. Trincou os dentes e bateu à porta.

As vozes pararam de repente e Jezal pôs no rosto um sorriso amigável pouco convincente. Que a tortura começasse. A porta se abriu.

Por algum motivo, ele estivera esperando encontrar uma versão mais baixa e mais gorda do major West usando vestido. Estava tremendamente enganado. Ela talvez tivesse o corpo um pouquinho mais cheio do que estava na moda, já que as magricelas estavam em alta, mas não seria possível chamá-la de gorda, de jeito nenhum. Tinha cabelo escuro, pele morena, levemente mais morena do que seria considerado geralmente ideal. Ele sabia que uma dama deveria fugir do sol sempre que possível, mas, olhando para ela, não conseguiu se lembrar do motivo. Os olhos eram escuros, quase pretos, e eram os olhos azuis que estavam em voga, mas os dela brilhavam à luz fraca que passava pela porta de um modo

muito enfeitiçante.

Ela sorriu para ele. Era um sorriso estranho, que se erguia mais de um lado do que do outro. Deixou-o levemente inquieto, como se ela soubesse de algo engraçado que ele desconhecia. Mesmo assim, dentes excelentes, brancos e brilhantes. A raiva de Jezal estava desaparecendo depressa. Quanto mais ele olhava para a moça, mais a aparência dela o agradava e mais sua cabeça se esvaziava de qualquer pensamento coerente.

– Olá – disse ela.

A boca de Jezal se abriu ligeiramente, como se por força do hábito, mas nada saiu dela. Sua mente era uma página em branco.

– Você deve ser o capitão Luthar, não?

– Eh...

– Sou a irmã de Collem, Ardee – disse ela, e em seguida deu um tapa na testa. – Mas que idiota eu sou, Collem deve ter contado tudo sobre mim. Sei que vocês dois são grandes amigos.

Jezal olhou sem jeito para o major, que em resposta franzia a testa para ele, meio sem graça. Não seria errado dizer que Jezal não fazia a menor ideia da existência dela até aquela manhã. Lutou para formar uma resposta ao menos divertida, mas nada lhe veio à mente.

Ardee o pegou pelo cotovelo e o puxou para a sala, falando o tempo todo.

– Sei que você é um grande esgrimista, mas disseram que sua sagacidade é ainda mais afiada do que sua espada. Tanto que você usa apenas a espada contra os amigos, já que a sagacidade seria mortal.

Ela o encarou cheia de expectativa. Silêncio.

– Bom – balbuciou ele –, eu luto um pouco de esgrima, sim.

Patético. Absolutamente medonho.

– Esse é o homem certo ou quem está aqui é o jardineiro? – provocou ela e o olhou com expressão estranha, difícil de decifrar.

Talvez fosse o mesmo tipo de expressão que Jezal teria ao examinar um cavalo que estivesse pensando em comprar: cauteloso, avaliador, atento e ligeiramente desdenhoso.

– Ouvi dizer que até os jardineiros têm belíssimos uniformes.

Jezal quase teve certeza de que aquilo fora algum tipo de insulto, mas estava ocupado demais tentando pensar em algo espirituoso. Sabia que teria de falar agora ou passar o dia inteiro num silêncio constrangido, por isso abriu a boca e confiou na sorte.

– Desculpe se pareço idiota, mas o major West é um homem muito pouco atraente. Como eu poderia esperar uma irmã tão linda?

West resfolegou, rindo. Sua irmã ergueu uma sobrancelha e foi contando os

pontos nos dedos: – Ligeiramente ofensivo para o meu irmão, o que é bom. Um tanto divertido, o que também é bom. Honesto, o que é revigorante, e extraordinariamente elogioso para mim, o que, claro, é excelente. Um pouco atrasado, mas no todo valeu a pena esperar – concluiu ela, e encarou Jezal: – Talvez a tarde não seja um desperdício completo.

Jezal não pôde decidir se havia gostado do último comentário, e nem saberia dizer se gostava do modo como ela o observava, mas estava apreciando olhá-la, por isso sentiu-se preparado para perdoar muita coisa. As mulheres que ele conhecia raramente diziam algo de inteligente, sobretudo as bonitas. Supunha que elas fossem treinadas para sorrir, assentir e ouvir enquanto os homens é que falavam. Geralmente concordava com esse modo de fazer as coisas, mas a inteligência combinava com a irmã de West, e ela havia mais do que atraído sua curiosidade. Gorda e rabugenta estavam fora do menu, disso não havia dúvida. Quanto a grosseira, bem, as pessoas bonitas nunca são grosseiras, não é? Só... pouco convencionais. Ele estava começando a achar que a tarde, como ela dissera, poderia não ser um desperdício completo.

West foi para a porta.

– Parece que devo deixar vocês dois fazendo um ao outro de bobo. O lorde marechal Burr está me esperando. Não faça nada que eu não faria, hein?

O comentário parecia dirigido a Jezal, mas West estava olhando para a irmã.

– Parece que isso permitiria praticamente qualquer coisa – disse ela, atraindo o olhar de Jezal.

Ele se surpreendeu ruborizando como uma menininha. Tossiu e encarou os próprios sapatos.

West revirou os olhos.

– Misericórdia – disse enquanto a porta se fechava com um estalo.

– Gostaria de beber alguma coisa? – perguntou Ardee, já servindo vinho numa taça.

A sós com uma linda jovem. Não era uma experiência nova, disse Jezal a si mesmo, no entanto sentia falta de sua confiança usual.

– Sim, obrigado, é gentileza sua.

É, uma bebida, uma bebida, a coisa certa para acalmar os nervos. Ela estendeu a taça para ele e serviu outra para si mesma. Jezal se perguntou se uma jovem dama deveria beber a essa hora do dia, mas parecia sem sentido dizer qualquer coisa. Ela não era sua irmã, afinal de contas.

– Diga, capitão, como conheceu meu irmão?

– Bom, ele é o oficial responsável pelo meu regimento e nós treinamos esgrima juntos – respondeu de pronto. O cérebro dele estava começando a funcionar de novo. – Mas... você já sabe disso.

Ela riu.

– Claro, mas minha governanta sempre afirmou que os rapazes devem ter permissão de participar da conversa.

Jezal se engasgou, tossiu e derramou um pouco de vinho no paletó.

– Epa! – disse ele.

– Tome, segure isto um momento.

Ela lhe entregou sua taça e ele a pegou sem pensar, mas em seguida se viu sem as mãos livres. Quando ela começou a passar um lenço branco em seu peito, ele não pôde questionar, ainda que isso parecesse um tanto ousado. Para ser honesto, ele poderia ter questionado, se ela não fosse tão bonita. Imaginou se ela percebia a visão excelente que lhe dava pelo decote do vestido, mas claro que não, como poderia? Ela era nova ali, desacostumada dos modos da corte, tinha os costumes toscos de uma garota do campo... mas era uma bela visão, não havia como negar.

– Pronto, assim está melhor – disse ela, se bem que a limpeza não tivesse feito a menor diferença. Pelo menos não para seu uniforme. Ela pegou as taças com ele, terminou de tomar a sua jogando a cabeça para trás com um movimento experiente e as colocou na mesa. – Vamos?

– Vamos... claro. Ah. – Ele lhe ofereceu o braço.

Ela o guiou pelo corredor e a escada, falando à vontade. Sua conversa era uma saraivada de golpes e, como observara antes o marechal Varuz, a defesa dele era fraca. Jezal tentava aparar os golpes desesperadamente enquanto seguiam pela ampla praça dos Marechais, mas o rapaz quase não conseguia pôr uma palavra sua no assunto. Parecia que era Ardee que morava ali havia anos e Jezal era o caipira das províncias.

– O Palácio Marcial fica ali atrás? – perguntou ela, indicando com a cabeça o muro alto que separava o quartel-general dos exércitos da União do resto do Agriont.

– Fica, sim. É ali que se encontram os escritórios dos lordes marechais. Há alojamentos lá, o arsenal e..., é...

Ele deixou no ar. Não conseguia pensar em muita coisa para dizer, mas Ardee o salvou.

– Então meu irmão deve estar em algum lugar lá dentro. Ele é um soldado bem famoso, não é? O primeiro a atravessar a brecha em Ulrioch e coisa e tal.

– Bom, sim, o major West é muito respeitado aqui...

– Mas ele pode ser um tremendo chato, não? Ele adora ser misterioso e ter aquele ar perturbado.

Ela deu um sorriso leve, distante, e coçou o queixo pensativamente, assim como o irmão poderia ter feito. Tinha captado perfeitamente os trejeitos de West,

Jezal teve de rir, mas estava começando a se perguntar se ela deveria estar andando tão perto dele, segurando seu braço de modo tão íntimo. Não que ele fosse contra. Pelo contrário, mas as pessoas estavam olhando.

– Ardee... – ia dizendo.

– E esta deve ser a via do Rei.

– Bom, sim, Ardee...

Ela estava olhando a magnífica estátua de Harod, o Grande, cujos olhos sérios miravam algum ponto atrás deles.

– Harod, o Grande? – perguntou ela.

– Ah, sim. Na idade das trevas, antes que houvesse uma União, ele lutou para reunir os Três Reinos. Foi o primeiro rei supremo.

Seu idiota, pensou Jezal, ela já sabe disso, todo mundo sabe.

– Ardee, acho que seu irmão não gost...

– E esse é Bayaz, o Primeiro dos Magos?

– É, ele era o conselheiro de maior confiança de Harod. Ardee...

– É verdade que ainda mantêm uma cadeira vazia para ele no Conselho Fechado?

Jezal ficou pasmo:

– Ouvi dizer que há uma cadeira vazia lá, mas não sabia que...

– Todos parecem tão sérios, não?

– Ah... Acho que eram tempos de seriedade – disse ele, rindo debilmente.

Um cavaleiro arauto veio trovejando pela avenida num cavalo enorme e muito bem-cuidado, com o sol reluzindo nas asas douradas do elmo. Funcionários públicos se espalharam para deixá-lo passar e Jezal tentou gentilmente tirar Ardee do caminho. Para sua grande consternação, ela se recusou a ser afastada. O cavalo passou disparado a poucos centímetros dela, o suficiente para o vento jogar seu cabelo no rosto de Jezal. Ela se virou para ele com um rubor de empolgação no rosto, que afora isso não mostrava qualquer abalo ao ter escapado por pouco de se machucar gravemente.

– Um cavaleiro arauto? – perguntou ela, segurando de novo o braço de Jezal e levando-o pela via do Rei.

– É – grasnou Jezal, tentando desesperadamente controlar a voz. – Os cavaleiros arautos têm uma séria responsabilidade. Levam mensagens do rei a toda parte da União – explicou, agora que seu coração tinha parado de martelar. – Mesmo através do mar do Círculo, até Angland, Dagoska e Westport. Eles têm o direito de falar com a voz do rei, por isso são proibidos de falar, a não ser a serviço dele.

– Fedor dan Haden estava no barco quando viemos para cá, e ele é um cavaleiro arauto. Nós conversamos durante horas.

Jezal tentou conter a surpresa, sem sucesso.

– Conversamos sobre Adua, sobre a União, sobre a família dele. Seu nome foi mencionado, inclusive.

Outra vez Jezal fracassou em parecer à vontade.

– Com relação ao próximo Campeonato – explicou Ardee chegando mais perto dele. – Fedor foi da opinião de que Bremer dan Gorst vai fazer você em pedacinhos.

Jezal soltou uma tosse estrangulada, mas conseguiu se recompor.

– Infelizmente, essa parece ser a opinião dominante.

– Mas não é a sua, é?

– Hum...

Ela parou e o segurou pela mão, olhando-o séria nos olhos.

– Tenho certeza de que você vai vencê-lo, não importa o que digam. Meu irmão fala muito bem de você e ele é um avarento quando se trata de elogios.

– Ah... – balbuciou Jezal.

Seus dedos formigavam de um modo agradável. Os olhos dela eram grandes e escuros e ele se pegou absurdamente sem palavras. Ardee tinha um modo de morder o lábio inferior que fazia os pensamentos dele se perderem. Um lábio bonito, cheio. Ele não se importaria em mordê-lo um pouco, também.

– Bom, obrigado – falou por fim, e deu um sorriso sem graça.

– Então este é o parque – disse Ardee, dando-lhe as costas para examinar o verde. – É ainda mais bonito do que eu havia imaginado.

– Ahn... é.

– Que maravilhoso estar no centro das coisas! Passei uma parte muito grande da vida à margem de tudo o que acontecia. Deve haver muitas decisões importantes sendo tomadas aqui e muitas pessoas importantes.

Ardee deixou a mão passear pelas folhas da copa de um salgueiro junto à rua.

– Collem está preocupado com a possibilidade de haver guerra no Norte. Ficou preocupado com minha segurança. Acho que ele se preocupa demais. O que acha, capitão Luthar?

Ele estivera numa bem-aventurada ignorância da situação política até umas duas horas antes, mas isso jamais serviria como resposta.

– Bom – disse, esforçando-se para se lembrar do nome, até que, com alívio: –, esse tal Bethod merece uma boa sacudidela.

– Dizem que ele tem 20 mil nórdicos sob seus estandartes. – Ela se inclinou para ele. – Bárbaros – murmurou. – Selvagens. Ouvi dizer que ele esfola os prisioneiros vivos.

Jezal pensou que essa não era uma conversa adequada para uma jovem dama.

– Ardee... – começou.

– Mas tenho certeza de que, com homens como você e meu irmão para nos proteger, nós, as mulheres, não temos com o que nos preocupar.

Em seguida ela se virou e foi andando pelo caminho. Jezal precisou correr para acompanhá-la.

– E aquilo é a Casa do Artífice? – quis saber Ardee, indicando a silhueta soturna da torre enorme.

– Bom, é, sim.

– Ninguém entra lá?

– Ninguém. Pelo menos não que eu já tenha sabido na vida. A ponte é mantida trancada.

Ele franziu a testa olhando para a torre. Parecia estranho, agora, que jamais tivesse pensado nisso. Morando no Agriont, tomava a presença dela, do jeito que era, como parte da paisagem. As pessoas simplesmente se acostumavam a ela.

– Acho que o lugar é lacrado – disse depois.

– Lacrado?

Ardee chegou muito perto dele. Jezal olhou ao redor, nervoso, mas ninguém estava espiando.

– Não é estranho que ninguém entre lá? Não é um mistério? – perguntou ela, e Jezal quase conseguiu sentir o hálito da moça em seu pescoço. – Quero dizer, por que simplesmente não arrombam a porta?

Tendo-a tão perto, Jezal estava achando horrivelmente difícil se concentrar. Durante um momento ao mesmo tempo apavorante e empolgante, imaginou se ela estaria flertando com ele. Não, não, claro que não! Só não estava acostumada com a cidade. Os modos de uma garota do campo... mas ela estava *muito* perto. Se ao menos fosse um pouquinho menos bonita ou um pouquinho menos confiante! Se ao menos fosse um pouquinho menos... irmã de West!

Ele tossiu e olhou ao longo do caminho, esperando inutilmente encontrar uma distração. Havia algumas pessoas andando por ali, mas ninguém que ele reconhecesse, a não ser... de repente o feitiço de Ardee foi quebrado e Jezal sentiu a pele esfriar. Uma figura corcunda, vestida demais para o dia ensolarado, vinha mancando na direção deles, apoiando-se pesadamente numa bengala. Estava encurvado e contorcia o rosto a cada passo, com os pedestres mais rápidos dando-lhe amplo espaço. Jezal tentou guiar Ardee para longe antes que ele os visse, mas ela resistiu graciosamente e foi caminhando bem na direção do inquisidor, que seguia com dificuldade.

Ele ergueu a cabeça quando o casal se aproximou e seu olhar deixou claro que reconhecera o capitão. Jezal sentiu um aperto no coração. Agora não havia como evitar o inquisidor.

– Ora, capitão Luthar – disse Glokta calorosamente, arrastando os pés um

pouco para perto demais e apertando a mão dele. – Que prazer! Fico surpreso ao ver que Varuz o liberou tão cedo hoje. Ele deve estar ficando mole, depois de velho.

– O lorde marechal ainda é muito exigente – respondeu Jezal com rispidez.

– Espero que meus práticos não o tenham incomodado no outro dia – falou o inquisidor e balançou a cabeça com tristeza. – Eles não têm modos. Absolutamente nenhum. Mas são os melhores no que fazem! Juro, o rei não tem dois servidores mais valiosos.

– Imagino que todos servimos ao rei ao nosso modo.

Houve um pouco mais de hostilidade na voz de Jezal do que ele havia pretendido.

Se Glokta ficou ofendido, não demonstrou.

– Verdade. Creio que não conheço sua amiga.

– Não. Esta é...

– Na verdade nós nos conhecemos – disse Ardee, para surpresa de Jezal, estendendo a mão para o inquisidor. – Ardee West.

As sobrancelhas de Glokta se ergueram.

– Não!

Ele se curvou rigidamente para beijar a mão dela. Jezal viu a boca de Glokta se retorcer enquanto ele se levantava de novo, mas logo o riso desdentado retornou.

– A irmã de Collem West! Mas você mudou muito.

– Para melhor, espero – riu ela.

Jezal se sentiu muito desconfortável.

– Bom. Sim, de fato – confirmou Glokta.

– E você também mudou, Sand – falou Ardee, parecendo muito triste de repente. – Todos na nossa família ficamos muito preocupados. Esperamos e esperamos, torcendo para que você retornasse em segurança.

Jezal viu um espasmo percorrer o rosto de Glokta.

– E quando ouvimos dizer que estava ferido... como você está? – perguntou a moça.

O inquisidor encarou Jezal com os olhos frios como uma morte lenta. Jezal olhou para as próprias botas, com um calombo de medo na garganta. Não precisava ter medo daquele aleijão, precisava? Mas de algum modo desejou ainda estar no treino de esgrima. Glokta encarou Ardee, com o olho esquerdo estremecendo ligeiramente, e ela o olhou de volta, sua expressão cheia de uma preocupação silenciosa.

– Estou bem. Dentro do possível.

A expressão dele havia ficado muito estranha. Jezal se sentiu mais

desconfortável do que nunca.

– Obrigado por perguntar – falou ele. – Verdade. Ninguém jamais pergunta.

Houve um silêncio incômodo. O inquisidor esticou o pescoço de lado e houve um estalo alto.

– Ah! – fez ele. – Melhorou. Foi um prazer vê-los de novo, os dois, mas o dever me chama.

Ele lhes deu outro sorriso nojento e saiu mancando, com o pé esquerdo raspando no cascalho.

Ardee franziu a testa olhando para as costas tortas de Glokta, que seguia devagar e com dificuldade.

– É tão triste! – disse baixinho.

– O quê? – murmurou Jezal.

Ele estava pensando no desgraçado do albino grandalhão, naqueles olhos cor-de-rosa e estreitados. No prisioneiro com o saco na cabeça. Todos servimos ao rei ao nosso modo. É mesmo. Teve um tremor involuntário.

– Sand e meu irmão eram muito amigos. Ele se hospedou em nossa casa um verão. Minha família ficou tão orgulhosa com a visita que chegou a ser embaraçoso. Ele treinava esgrima com meu irmão todo dia, e sempre ganhava. O modo como ele se movia era digno de se ver. Sand dan Glokta. Era a estrela mais brilhante do céu – contou, dando de novo seu sorriso de quem sabia das coisas. – E agora o que me dizem é que você é que é.

– Ah... – disse Jezal, sem saber se ela o estava elogiando ou brincando com ele.

Não conseguia escapar à sensação de que fora derrotado duas vezes naquele dia, pelos dois irmãos.

Achava que Ardee lhe dera a surra pior.

O ritual matutino

ERA UM DIA luminoso de verão e o parque estava em sua capacidade máxima, repleto de pessoas divertindo-se. O coronel Glokta caminhava com ar viril na direção de uma reunião de grande importância. As pessoas lhe faziam reverências e se afastavam respeitosamente para ele passar. Ele ignorava a maioria, mas lançava seu belo sorriso aos mais importantes. Esses poucos sortudos sorriam de volta, contentíssimos por serem notados.

– Creio que, ao nosso modo, todos servimos ao rei – lamentou-se o capitão Luthar, levando a mão à espada.

Mas Glokta era rápido demais para ele. Sua lâmina relampejou com a velocidade de um raio, atravessando o pescoço do idiota, que ria com ar de desprezo.

O sangue espirrou no rosto de Ardee West. Ela bateu palmas, deliciada, e se voltou para Glokta com os olhos brilhantes.

Luthar pareceu surpreso por ser morto.

– Ah! Melhorou – disse Glokta com um sorriso.

O capitão caiu de cara, o sangue jorrando da garganta furada. A multidão rugiu, apreciando o espetáculo, e Glokta fez uma mesura profunda e graciosa. Os aplausos redobraram.

– Ah, coronel, o senhor não deveria – murmurou Ardee enquanto Glokta lambia o sangue de sua bochecha.

– Não deveria o quê? – murmurou ele, tomando-a nos braços e beijando-a

com ferocidade.

A multidão estava em frenesi. Ela ofegou quando ele parou de beijá-la e o encarou em adoração com aqueles olhos grandes e escuros, os lábios ligeiramente afastados.

– O aquieiô qué fauá com fofê – disse ela com um sorriso agradável.

– O quê?

A multidão havia silenciado, os desgraçados, e o lado esquerdo do corpo dele estava ficando entorpecido.

Ardee o tocou suavemente no queixo.

– O aquieiô! – gritou ela.

Houve uma batida forte na porta. Os olhos de Glokta se arregalaram.

Onde estou? Quem eu sou?

Ah, não.

Ah, sim. Ele percebeu imediatamente que estivera dormindo de mau jeito, o corpo retorcido embaixo dos cobertores, o rosto enfiado no travesseiro. Todo o lado esquerdo do corpo estava morto.

As pancadas na porta ficaram mais fortes.

– O aquieiô! – berrou Frost do outro lado.

A dor disparou pelo pescoço de Glokta quando ele tentou levantar a cabeça do travesseiro. *Ah, nada como o primeiro espasmo do dia para fazer a mente funcionar.*

– Certo! – grasnou. – Preciso de um minuto, desgraça!

Os passos pesados do albino se afastaram pelo corredor. Glokta ficou deitado um momento, depois moveu com cautela o braço direito, muito devagar, a respiração entrecortada por causa do esforço, e tentou se pôr de costas. Cerrou o punho com força enquanto milhares de agulhas começavam a espetar sua perna esquerda. *Se ao menos essa porcaria ficasse dormente!* Mas agora a dor vinha depressa. Para piorar, ele percebeu um cheiro desagradável. *Droga! Me caguei de novo.*

– Barnam! – uivou Glokta, depois esperou, ofegando, com o lado esquerdo latejando como uma vingança. *Onde está o velho idiota?* – Barnam! – gritou a plenos pulmões.

– O senhor está bem? – disse a voz do serviçal, do outro lado da porta.

Bem? Bem, seu velho idiota? Exatamente quando você achou que eu estive bem pela última vez?

– Não, desgraça! Eu sujei a cama!

– Já fervi água para um banho, senhor. O senhor consegue se levantar?

Uma vez Frost precisara arrombar a porta. *Talvez eu devesse deixá-la aberta a noite toda, mas como iria conseguir dormir?*

– Acho que consigo – sibilou Glokta, com a língua apertada contra as gengivas vazias, os braços tremendo enquanto se movia da cama para a cadeira ao lado.

Sua perna grotesca, com o pé sem dedos, estremeceu, ainda fora de controle. Glokta olhou para ela com um ódio ardente. *Que porra horrível. Um pedaço de carne repulsivo e inútil. Por que eles não a cortaram fora? Por que eu não faço isso?* Mas sabia por quê. Com a perna ainda no lugar, ele podia ao menos fingir que era meio homem. Deu um soco na coxa ressequida e se arrependeu imediatamente. *Idiota, idiota.* A dor se esgueirou pelas costas, um pouco mais intensa do que antes e crescendo a cada segundo. *Anda, anda, não vamos brigar.* Começou a esfregar suavemente a carne debilitada. *Nós estamos presos um ao outro, então por que me atormenta?*

– O senhor consegue chegar até a porta?

Glokta torceu o nariz por causa do cheiro, depois segurou a bengala e, lentamente, de modo agonizante, se pôs de pé. Foi mancando pelo quarto, quase caiu na metade do caminho, mas conseguiu se recuperar – o que lhe causou uma pontada lancinante. Virou a chave na fechadura e, encostando-se na parede para se equilibrar, abriu a porta.

Barnam estava do outro lado com os braços estendidos, pronto para pegá-lo. *Que degradante! Eu, Sand dan Glokta, o maior espadachim que a União já viu, preciso ser carregado para o banho por um velho a fim de limpar a merda do traseiro. Devem estar dando gargalhadas, todos aqueles idiotas que eu derrotei, se é que ainda se lembram de mim. Eu gargalharia também, se não doesse tanto.*

Mas tirou o peso da perna esquerda e passou o braço em volta dos ombros de Barnam sem reclamar. *De que adianta, afinal de contas? É melhor tornar as coisas mais fáceis para mim. O mais fácil possível.*

Glokta respirou fundo:

– Vá devagar, a perna ainda não acordou.

Eles saltitaram aos tropeços pelo corredor, estreito demais para que os dois passassem juntos. O banheiro parecia ficar a 1 quilômetro de distância. *Ou mais. Eu preferiria andar 100 quilômetros como eu era antigamente do que ir até o banheiro do jeito que sou agora. Mas o azar é meu, não? Não dá para mudar o que já passou. Nunca.*

O vapor parecia deliciosamente quente na pele fria de Glokta. Com Barnam segurando-o sob os braços, desceu lentamente a perna direita e a mergulhou com cuidado na água. *Droga, está quente.* Depois o velho serviçal o ajudou a colocar a outra perna e foi baixando-o como a uma criança, até ele estar imerso até o

pescoço.

– Ahhh – grasnou Glokta com um sorriso desdentado. – Está quente como a forja do Criador, Barnam, exatamente como eu gosto.

A dor diminuía à medida que o calor entrava na pele. *Não foi embora, nunca vai. Mas está melhor. Muito melhor.* Glokta quase se sentia capaz de enfrentar outro dia. *É preciso aprender a amar as pequenas coisas da vida, como um banho quente. É preciso amar as coisas pequenas quando não se tem nada além disso.*

O prático Frost o esperava embaixo, na minúscula sala de jantar, com o corpanzil numa cadeira baixa encostada na parede. Glokta andou frouxamente até a outra cadeira e sentiu o cheiro de mingau que vinha da tigela fumegante com a colher de pau projetando-se em ângulo sem ao menos tocar a borda. Seu estômago roncou e a boca começou a se encher d'água. *Todos os sintomas de uma forte náusea, na verdade.*

– Urra! – gritou Glokta. – Mingau de novo! Mingau com mel, melhor do que o céu, posso tomar um tonel, se for mingau com mel.

Olhou para o prático. Imóvel. Os olhos cor-de-rosa nem sequer piscaram.

– É uma cantiga para crianças. Minha mãe cantava para mim. Entretanto nunca conseguiu fazer com que eu comesse essa porcaria. Mas agora – ele enfiou a colher no mingau – não consigo me fartar.

Frost o encarou em resposta.

– É saudável – disse Glokta, forçando-se a engolir uma colherada de mingau doce e pegando outra. – Delicioso – e enfiou mais um pouco para dentro. – E aqui vai o grande segredo: – ele engasgou ligeiramente – não precisa mastigar.

Glokta empurrou a tigela quase cheia para longe e jogou a colher.

– Hummmm – cantarolou. – Um bom desjejum garante um bom dia, não acha?

Era como olhar para uma parede caiada, mas com menos emoção.

– Então o arquileitor quer me ver de novo, é?

O albino assentiu.

– E o que você acha que nosso ilustre líder deseja com gente da nossa laia?

Um dar de ombros.

– Humm – fez Glokta, lambendo os restos de mingau das gengivas vazias. – Você acha que ele está de bom humor?

Outro dar de ombros.

– Ora, ora, prático Frost, não me conte tudo ao mesmo tempo. Assim eu não consigo acompanhar.

Silêncio. Barnam entrou no cômodo e tirou a tigela.

– Quer mais alguma coisa, senhor?

– Sem dúvida. Um grande pedaço de carne malpassada e uma bela maçã crocante – zombou, depois olhou para o prático Frost e comentou: – Eu adorava maçã quando era criança.

Quantas vezes já fiz essa piada? Frost o olhava impassivelmente; não havia riso ali. Glokta se virou para Barnam e o velho deu um sorriso cansado.

– Ah, bem – suspirou Glokta. – A gente precisa ter esperança, não é?

– Claro, senhor – balbuciou o serviçal, indo para a porta.

Precisa mesmo?

A sala do arquileitor ficava no último andar da Casa das Perguntas. Era uma longa subida. Pior ainda, os corredores estavam cheios de gente. Práticos, escriturários, inquisidores, arrastando-se como formigas num monte de bosta. Sempre que sentia os olhos deles, Glokta seguia mancando, rindo, a cabeça erguida. Sempre que se percebia sozinho, parava e ofegava, suava e xingava, esfregava e dava tapas na perna para lhe trazer de volta a vida tênue.

Por que tem de ser tão alto?, perguntou a si mesmo enquanto arrastava os pés pelos corredores sombrios e pelas escadas sinuosas do prédio labiríntico. Quando chegou, estava exausto e respirando com dificuldade, a mão esquerda dolorida no cabo da bengala.

O secretário do arquileitor o avaliou com ar suspeito de trás da mesa grande e escura que ocupava metade da sala. Havia algumas cadeiras postas do outro lado, para as pessoas ficarem nervosas esperando, e dois práticos gigantescos flanqueavam a grande porta dupla do escritório, imóveis e sérios a ponto de parecerem parte da mobília.

– O senhor tem hora marcada? – perguntou o secretário com voz esganiçada.

Você sabe muito bem quem eu sou, seu merdinha metido a importante.

– Claro – reagiu Glokta rispidamente. – Ou você acha que eu subi até aqui, mancando, só para admirar sua mesa?

O secretário olhou para ele com arrogância. Era um rapaz claro, bonito, com cabeleira loura. *O emproado quinto filho de um nobrezinho qualquer com órgãos reprodutores ativos demais, e acha que pode bancar o superior comigo?*

– E o seu nome é...? – perguntou ele com um risinho.

A paciência de Glokta se esgotara na subida. Bateu a bengala com força no tampo da mesa e o secretário quase pulou da cadeira.

– Você é o quê? Um idiota, porra? Quantos inquisidores aleijados há aqui?

– É... – fez o secretário, a boca remexendo-se nervosamente.

– É? É? O que é isso, um número? Desembuche!

– Bom, eu...

– Eu sou Glokta, seu imbecil! O inquisidor Glokta!

– Sim, senhor, eu...

– Tire logo esse rabo da cadeira, seu gordo idiota! Não me faça esperar!

O secretário deu um pulo e se colocou de pé. Correu para a porta, abriu-a e ficou parado de lado, respeitosamente.

– Assim está melhor – rosnou Glokta, arrastando os pés.

Olhou para os práticos ao passar mancando. Teve quase certeza de que um deles estampava um leve sorriso no rosto.

A sala quase não havia mudado desde a última vez que ele estivera lá, seis anos antes. Era um espaço gigantesco, redondo, cujo teto em cúpula trazia esculpidas caras de gárgulas. A janela enorme tinha uma vista espetacular dos pináculos da Universidade, de um grande trecho da muralha externa do Agriont e da silhueta elevada da Casa do Artífice, mais além.

O cômodo era quase totalmente forrado de estantes e armários, com altas pilhas de pastas e papéis muito organizadas. Alguns retratos escuros espiavam das parcas paredes brancas, inclusive um gigantesco do atual rei da União quando jovem, que parecia sábio e sério. *Sem dúvida pintado antes de ele se tornar uma piada senil. Hoje em dia geralmente há um pouco menos de autoridade e um pouco mais de baba nele.* Havia uma pesada mesa redonda no centro da sala e em sua superfície fora pintado um mapa detalhado da União. Toda cidade em que houvesse um departamento da Inquisição era marcada com uma pedra preciosa, e uma minúscula réplica em prata de Adua se erguia no centro do móvel.

O arquileitor estava sentado numa cadeira antiga de espaldar alto junto à mesa, imerso em uma conversa com outro homem: um velho magro, meio careca e de rosto azedo que usava um manto escuro. Sult sorriu enquanto Glokta arrastava os pés até eles. A expressão do outro homem praticamente não mudou.

– Ora, inquisidor Glokta, que bom que pôde se juntar a nós. Conhece o inspetor-geral Halleck?

– Não tive o prazer – disse Glokta. *Não que pareça um grande prazer.*

O velho burocrata se levantou e apertou a mão de Glokta sem entusiasmo.

– Este é um dos meus inquisidores, Sand dan Glokta.

– Sim, de fato – murmurou Halleck. – Esteve no exército, acredito. Vi você esgrimir uma vez.

– Não pode ter sido recentemente – respondeu Glokta, batendo na perna com a bengala.

– Não.

Silêncio.

– O inspetor-geral deve receber em breve uma promoção muito significativa – comentou Sult. – Uma cadeira no Conselho Fechado.

No Conselho Fechado? É mesmo? Uma promoção muito significativa.

Mas Halleck não parecia muito feliz com isso.

– Pensarei nisso quando for do agrado de Sua Majestade me convidar – disse com rispidez –, não antes.

Sult flutuou suavemente sobre esse terreno pedregoso.

– Tenho certeza de que o Conselho considera o senhor o único candidato digno de indicação, agora que Sepp dan Teufel não é mais considerado.

Nosso velho amigo Teufel? Não é mais considerado para o quê?

Halleck franziu a testa e balançou a cabeça.

– Teufel. Trabalhei com o sujeito durante dez anos. Jamais gostei dele.

Nem de ninguém, pelo jeito.

– No entanto nunca imaginaria que era um traidor – emendou Halleck.

Sult balançou a cabeça com tristeza.

– Todos nós sentimos isso profundamente, mas aqui está a confissão dele, preto no branco – falou, exibindo o papel dobrado com uma expressão de enorme pesar. – Temo que as raízes da corrupção possam ser muito profundas. Quem saberia isso melhor do que eu, cuja tarefa lamentável é arrancar as ervas daninhas do jardim?

– De fato, de fato – murmurou Halleck, assentindo sério. – O senhor merece todos os nossos agradecimentos por isso. O senhor também, inquisidor.

– Ah, não, eu não – disse Glokta humildemente.

Os três se entreolharam numa farsa de respeito mútuo.

Halleck empurrou a cadeira para trás.

– Bom, os impostos não se recolhem sozinhos. Devo retornar ao trabalho.

– Aproveite seus últimos dias no serviço – disse Sult. – Dou-lhe minha palavra de que o rei irá chamá-lo em breve!

Halleck se permitiu um sorriso minúsculo, depois assentiu rigidamente para os dois e saiu pisando firme. O secretário o acompanhou e fechou a porta pesada quando os dois saíram.

Silêncio novamente. *Mas de jeito nenhum serei eu a quebrá-lo.*

– Imagino que esteja se perguntando o que foi isso, hein, Glokta?

– Esse pensamento me passou pela cabeça, Vossa Eminência.

– Aposto que sim.

Sult se levantou da cadeira e caminhou até a janela, as mãos com luvas brancas cruzadas às costas.

– O mundo muda, Glokta, o mundo muda. A antiga ordem desmorona.

Lealdade, dever, orgulho, honra. Ideias que saíram de moda. O que as substituiu? – perguntou e olhou um instante por cima dos ombros, franzindo os lábios. – Cobiça. Os mercadores se tornaram o novo poder sobre a terra. Banqueiros, donos de lojas, vendedores. Homens pequenos, com mentes pequenas e ambições pequenas. Homens cuja única lealdade é para com eles mesmos, cujo único dever é para com suas próprias bolsas, cujo único orgulho é enganar seus superiores, cuja única honra é avaliada em moedas de prata.

Não é necessário perguntar o que você acha da classe dos mercadores.

Sult fez uma careta enquanto olhava para a paisagem, depois se virou de novo para a sala.

– Agora parece que o filho de qualquer um pode receber uma formação, abrir um negócio e enriquecer. As guildas de mercadores, dos mercadores de tecidos, dos mercadores de especiarias e outras do tipo crescem cada vez mais em riqueza e influência. Plebeus metidos, posando e dando ordens aos que são naturalmente superiores. Seus dedos gordos e cobiçosos tocando os fios do poder. É quase demais para suportar.

Ele estremeceu conforme andava pela sala.

– Serei honesto com você, inquisidor – falou o arquileitor e balançou a mão graciosa, como se sua honestidade fosse um presente inestimável. – A União jamais pareceu mais poderosa, jamais controlou mais terras, mas por baixo dessa fachada estamos fracos. Não é segredo que o rei se tornou totalmente incapaz de tomar decisões. O príncipe herdeiro Ladisla é um almofadinha cercado de puxa-sacos e idiotas, não se importa com nada além de jogatinas e roupas. O príncipe Raynault é muito mais adequado ao governo, mas é o irmão mais novo. O Conselho Fechado deveria guiar essa embarcação que está indo a pique, contudo está atulhado de farsantes e conspiradores. Alguns podem ser leais, outros definitivamente não são, mas cada um deles está decidido a puxar o rei para seu lado.

Como isso é frustrante! Imagino que todos deveriam estar puxando-o para o seu, Eminência!

– Enquanto isso a União é sitiada por inimigos, perigos externos e internos. Gurkhul tem um imperador novo e vigoroso, que está preparando o país para outra guerra. Os nórdicos também estão fortemente armados, à espreita nas fronteiras de Angland. No Conselho Aberto, os nobres clamam por direitos antigos, ao passo que, nas aldeias, os camponeses clamam por novos – disse, para então dar um suspiro profundo e concluir: – Sim, a velha ordem está desmoronando e ninguém mais tem força ou estômago para sustentá-la.

Sult fez uma pausa, olhando um dos retratos: um homem pesado e careca, todo vestido de branco. Glokta o reconheceu de imediato. *Zoller, o maior dos*

arquileitores. Defensor incansável da Inquisição, herói dos torturadores, flagelo dos desleais. Ele olhava para baixo com ar maligno, como se mesmo depois da morte pudesse queimar traidores apenas com o olhar.

– Zoller – resmungou Zult. – As coisas eram diferentes no tempo dele, com certeza. Não havia camponeses lamuriando-se, nem mercadores fazendo falcatruas, nem nobres aborrecidos. Se os homens esquecessem seu lugar, eram lembrados com ferro quente e qualquer juiz que ousasse reclamar disso jamais era visto de novo. A Inquisição era uma instituição nobre, lugar dos melhores e mais inteligentes. Servir ao rei e erradicar a deslealdade eram seus únicos desejos e suas únicas recompensas.

Ah, as coisas eram maravilhosas nos velhos tempos.

O arquileitor deslizou de volta para sua cadeira e se inclinou sobre a mesa.

– Agora nos tornamos um lugar onde o terceiro filho de um nobre empobrecido pode encher os bolsos com subornos, onde a escória quase criminosa pode ceder à paixão pela tortura. Nossa influência junto ao rei vem diminuindo constantemente, nossos orçamentos vêm sendo cortados com frequência. Antes éramos temidos e respeitados, Glokta, mas agora...

Somos uma farsa miserável.

Sult franziu a testa.

–... bom, somos menos. Há uma profusão de intrigas e traições, e sinto que a Inquisição não está mais à altura da tarefa. Muitos superiores não são mais de confiança. Não se preocupam com os interesses do rei, ou com os do Estado, ou com os de qualquer pessoa além deles mesmos.

Os superiores? Não são de confiança? Estou quase desmaiando de choque.

A testa de Sult se franziu ainda mais.

– E agora Feekt morreu.

Glokta levantou os olhos. *Ora, isso é novidade.*

– O lorde chanceler?

– Será de conhecimento público amanhã cedo. Morreu de repente há algumas noites, enquanto você estava ocupado com seu amigo Rews. Ainda há algumas incertezas com relação à morte dele, mas o sujeito tinha quase 90 anos. A surpresa é ter durado tanto. Chanceler de Ouro, era como o chamavam, o maior político de seu tempo. Agora mesmo estão gravando a imagem dele em pedra, para uma estátua na via do Rei – bufou Sult. – O maior presente que qualquer um de nós pode esperar.

Os olhos do arquileitor se estreitaram até virarem duas fendas azuis.

– Se você tem alguma ideia infantil de que a União seja controlada pelo rei ou pelos idiotas de sangue azul que ficam tagarelando no Conselho Aberto, pode esquecê-la. É no Conselho Fechado que está o poder. Mais do que nunca, desde

a doença do rei. Doze homens, em doze cadeiras grandes e desconfortáveis, eu entre eles. Doze homens com ideias muito diferentes, e Feekt nos manteve em equilíbrio por vinte anos, em tempos de guerra e paz. Ele usou a Inquisição contra os juízes, os banqueiros contra os militares. Ele era o eixo ao redor do qual o reino girava, o alicerce em que o reino se embasava, e sua morte deixou um vazio. Todo tipo de vazios enormes, que as pessoas vão correr para preencher. Tenho a sensação de que aquele asno lamuriento do Marovia, aquele juiz supremo insuportável, aquele que se autodenomina defensor do homem comum, será o primeiro da fila. É uma situação delicada e perigosa.

O arquileitor plantou os dedos com firmeza na mesa.

– Devemos garantir que as pessoas erradas não se aproveitem disso.

Glokta assentiu. *Acho que entendo o que quer dizer, arquileitor. Devemos garantir que sejamos nós a nos aproveitarmos, e ninguém mais.*

– Não preciso dizer que o posto de lorde chanceler é um dos mais poderosos do reino. A coleta de impostos, o tesouro, a Real Casa da Moeda, tudo fica sob seus auspícios. Dinheiro, Glokta, dinheiro. E dinheiro é poder, não preciso nem falar. Um novo chanceler será nomeado amanhã. O principal candidato era o nosso antigo Chefe da Casa da Moeda, Sepp dan Teufel.

Sei. Algo me diz que ele não será mais considerado para o cargo.

Sult franziu os lábios mais uma vez.

– Teufel tinha uma ligação íntima com as guildas de mercadores, em particular com a dos mercadores de tecidos – falou, transformando um riso de desprezo em uma careta. – Além disso, era ligado ao juiz supremo Marovia. Portanto, veja bem, ele não seria o lorde chanceler ideal.

Não mesmo. Nem de longe.

– O inspetor-geral Halleck é uma escolha muito melhor, na minha opinião.

Glokta olhou para a porta.

– Ele? Lorde chanceler?

Sult se levantou sorrindo e foi até um armário encostado na parede.

– Não haveria outro melhor. Todo mundo o odeia e ele odeia todo mundo, menos a mim. Além disso, é um conservador ferrenho, que despreza a classe dos mercadores e tudo o que ela representa – explicou Sult, enquanto abria o armário e pegava duas taças e uma jarra ornamentada. – Ainda que não seja exatamente um amigo meu no conselho, pelo menos será simpático a mim e tremendamente hostil aos outros. Não posso pensar num candidato mais adequado.

Glokta assentiu.

– Ele parece honesto. – *Mas não tanto a ponto de que eu confiasse nele para me colocar na banheira. O senhor confiaria, Eminência?*

– É, ele será muito valioso para nós – disse Sult e em seguida serviu duas

taças de um vinho tinto encorpado. – E, como bônus, eu tive a chance de alocar um Chefe da Casa da Moeda que me seja simpatizante, também. Ouvi dizer que os mercadores de tecidos estão se roendo de raiva. Marovia também não está muito feliz, o desgraçado. – Sult deu uma risadinha. – Todas são notícias boas, e temos de agradecer a você.

Ele estendeu o braço para entregar uma taça a Glokta. *Veneno? Uma morte lenta, eu me sacudindo e vomitando no lindo piso de mosaico do arquileitor? Ou simplesmente caindo de cara na mesa?*

Só que não havia opção além de pegar a taça e tomar um gole. O vinho era desconhecido, mas delicioso. *Provavelmente de algum lugar muito bonito e muito distante. Pelo menos, se eu morrer aqui, não terei de descer todos aqueles degraus.*

Mas o arquileitor também estava bebendo, todo sorrisos e afabilidades. *Acho que durarei até o fim desta tarde, afinal.*

– Sim, demos um bom primeiro passo. Estes são de fato tempos perigosos, no entanto o perigo e a oportunidade costumam andar de mãos dadas.

Uma sensação estranha percorreu as costas de Glokta. *Será medo, ambição ou as duas coisas?*

– Preciso de alguém para me ajudar a colocar as coisas em ordem – começou Sult. – Alguém que não tema os superiores, os mercadores ou mesmo o Conselho Fechado. Alguém em quem eu possa confiar para agir com sutileza, discrição e impiedade. Alguém cuja lealdade à União seja inquestionável, mas que não tenha amigos no governo.

Alguém que seja odiado por todos? Alguém para levar a culpa se as coisas derem errado? Alguém que terá poucas pessoas chorando por ele no enterro?

– Preciso de um inquisidor isento, Glokta. Alguém que vá agir sem ser controlado por superiores, mas com minha autoridade. Alguém que só preste contas a mim – falou o arquileitor e ergueu uma sobrancelha, como se a ideia tivesse acabado de lhe ocorrer. – Considero-o excepcionalmente adequado à tarefa. O que acha?

Acho que o ocupante desse posto teria muitos inimigos e apenas um amigo. Glokta olhou para o arquileitor. *E esse amigo talvez não fosse muito confiável. Acho que o ocupante desse posto poderia não durar muito.*

– Posso pensar um pouco melhor antes de responder?

– Não.

Perigo e oportunidade costumam andar de mãos dadas...

– Então eu aceito.

– Excelente. Acredito que este seja apenas o começo de um relacionamento longo e produtivo – falou Sult e sorriu para o inquisidor por cima da borda da

taça. – Sabe, Glokta, de todos os mercadores que chafurdam por aí, são os de tecidos que acho mais difíceis de engolir. Foi principalmente através da influência deles que Westport entrou para a União e por causa do dinheiro de Westport vencemos a guerra com Gurkhul. O rei os recompensou, claro, com inestimáveis direitos de comércio, mas desde então a arrogância deles se tornou insuportável. Pelo comportamento que adotaram e as liberdades que tomam, qualquer um pensaria que eles mesmos foram para o campo de batalha. A honorável Guilda dos Mercadores de Tecidos – zombou ele. – Agora que seu amigo Rews nos deu meios tão eficientes de fisgá-los, ocorre-me que seria uma pena deixá-los livres.

Glokta ficou muito surpreso, mas considerou ter conseguido disfarçar bem.

Ir mais longe? Por quê? Se os mercadores de tecidos ficarem livres, vão continuar pagando, o que deixa todo mundo feliz. Como as coisas se encontram, eles estão apavorados e flexíveis – imaginando quem Rews terá denunciado, quem poderia ser o próximo. Se formos mais longe, eles podem ser feridos ou eliminados de vez. Então eles pararão de pagar e muitas pessoas ficarão infelizes. Algumas delas neste prédio.

– Posso facilmente continuar minhas investigações, Vossa Eminência, se o senhor quiser – afirmou Glokta e tomou outro gole.

Era mesmo um vinho excelente.

– Devemos ser cautelosos. Cautelosos e muito meticulosos. O dinheiro dos mercadores de tecidos corre como leite. Eles têm muitos amigos, mesmo entre os círculos mais altos da nobreza. Brock, Heugen, Isher e muitos outros. Alguns dos homens mais importantes desta terra. Sabe-se que todos já mamaram nessa teta, num momento ou em outro, e os bebês vão chorar quando ficarem sem o leite – caçoou Sult, com um sorriso cruel surgindo no rosto. – Mas mesmo assim, para as crianças aprenderem disciplina, às vezes precisam chorar... Quem aquele verme do Rews citou na confissão?

Glokta se inclinou para a frente, sentindo dor, puxou o papel da confissão de Rews, desdobrou-o e examinou a lista de nomes de baixo para cima.

– Sepp dan Teufell, todos conhecemos.

– Ah, nós o conhecemos e o amamos, inquisidor – disse Sult, sorrindo –, mas acho que podemos cortá-lo da lista com segurança. Quem mais?

– Bem, vejamos – fez Glokta e calmamente olhou o papel de novo. – Há Harod Polst, um mercador de tecidos. – *Um ninguém.*

Sult balançou a mão com impaciência.

– Ele é um ninguém.

– Solimo Scandi, um mercador de tecidos de Westport. – *Também um ninguém.*

– Não, não, Glokta, podemos conseguir coisa melhor do que Solimo não sei das quantas, não é? Esses pequenos mercadores não são de interesse verdadeiro. Se puxarmos a raiz, as folhas morrerão por si mesmas.

– Verdade, arquileitor. Temos Villem dan Robb, da pequena nobreza, tem um posto subalterno na alfândega.

Sult pareceu pensativo, balançou a cabeça.

– E há...

– Espere! Villem dan Robb... – falou o arquileitor, e estalou os dedos. – O irmão dele, Kiral, é um dos cavalheiros da rainha. Ele me esnobou numa reunião social. Sim, Villem dan Robb, traga-o – ordenou Sult com um sorriso.

E assim vamos mais fundo.

– Eu sirvo e obedeço, Vossa Eminência. Há o nome de alguém em particular que precise ser mencionado?

Glokta pôs de lado sua taça vazia.

– Não – respondeu o arquileitor, virando-se e balançando a mão num gesto de desprezo. – Qualquer um, todos eles. Tanto faz.

O Primeiro dos Magos

O LAGO SE ESTENDIA até longe, cercado por rochas íngremes e árvores que pingavam. A chuva ia perfurando sua superfície, lisa e cinzenta até onde a vista alcançava. Logen não conseguia enxergar muito longe num tempo como aquele, deve-se dizer. A margem oposta poderia estar a cem passos de distância, mas as águas calmas pareciam fundas. Muito fundas.

Fazia tempo que Logen desistira de qualquer tentativa de permanecer seco, e a água escorria por seu cabelo e rosto, pingava do nariz, dos dedos, do queixo. Estar molhado, cansado e faminto havia se tornado parte de sua vida. Pensando bem, sempre fora. Fechou os olhos e sentiu a chuva bater na pele, ouviu a água do lago dando tapinhas no cascalho. Ajoelhou-se junto à margem, tirou a tampa da garrafa e enfiou-a sob a superfície, viu as bolhas estourando enquanto ela se enchia.

Malacus Quai saiu cambaleando dos arbustos, com a respiração rápida e curta. Deixou-se cair de joelhos, engatinhou até o pé de uma árvore, tossiu, atirando catarro nas pedrinhas. Agora a tosse estava com um som feio. Vinha direto das entranhas e fazia todas as costelas chacoalharem. O rapaz estava mais pálido ainda do que quando tinham se conhecido, e muito mais magro. Logen também estava um pouco mais magro. Eram tempos de escassez. Foi até o aprendiz abatido e se agachou.

– Só me dê um instante – pediu Quai, fechando os olhos fundos e inclinando a cabeça para trás. – Só um instante – repetiu, e sua boca pendeu aberta, os

tendões do pescoço magro se destacando.

Já parecia um cadáver.

– Não descanse muito tempo. Você pode nunca mais se levantar.

Logen lhe estendeu a garrafa. Quai nem levantou o braço para pegá-la, por isso Logen a encostou nos lábios do rapaz e a inclinou um pouco. Ele tomou um gole, encolhendo-se, tossiu, depois sua cabeça tombou de novo contra a árvore, como uma pedra.

– Sabe onde nós estamos? – perguntou Logen.

O aprendiz piscou olhando para a água, como se tivesse acabado de notá-la.

– Deve ser a extremidade norte do lago... Deveria haver uma trilha.

Sua voz havia se reduzido a um sussurro.

– Na extremidade sul há uma estrada com duas pedras – falou o aprendiz, antes de ser surpreendido por uma tosse súbita e violenta. Engoliu com dificuldade e prosseguiu: – Siga a estrada passando pela ponte e terá chegado – grasnou.

Logen olhou ao longo da praia, para as árvores que pingavam.

– Qual é a distância?

Não houve resposta. Ele segurou o ombro ossudo do doente e o sacudiu. As pálpebras de Quai estremeceram e se abriram. O aprendiz olhou para cima, remelento, tentando focalizar.

– Qual é a distância?

– Uns 60 quilômetros.

Logen sugou entre os dentes. Quai não conseguiria andar 60 quilômetros. Teria sorte se desse 60 passos sozinho. Sabia disso muito bem, dava para ver nos olhos dele. Estaria morto logo, duraria no máximo alguns dias. Logen tinha visto homens mais fortes morrer de febre.

Uns 60 quilômetros. Logen pensou nisso, esfregando o queixo. Uns 60 quilômetros.

– Merda – sussurrou.

Puxou a bolsa e a abriu. Ainda tinham alguma comida, mas não muita. Alguns nacos de carne dura e seca, um pedaço de pão preto e mofado. Olhou para o lago, tão pacífico. Pelo menos demorariam a ficar sem água para beber. Tirou a panela pesada de dentro da bolsa e a colocou no cascalho. Estavam juntos havia muito tempo, mas não restava nada para cozinhar. Não podia ficar apegado a coisas, principalmente ali, no ermo. Jogou a corda fora, no meio do mato, depois colocou a bolsa, mais leve, no ombro.

Os olhos de Quai tinham se fechado de novo e ele mal conseguia respirar. Logen ainda se lembrava da primeira vez que tivera de deixar alguém para trás, lembrava-se como se tivesse sido na véspera. Era estranho como o nome do

garoto se fora, mas seu rosto continuava com ele.

Os shankas haviam arrancado um pedaço da sua coxa. Um pedaço grande. Ele gemeu por todo o caminho, não conseguia andar. O ferimento estava ficando feio, ele morreria de qualquer jeito. Tinham de abandoná-lo. Ninguém havia culpado Logen por isso. O garoto era novo demais, nunca deveria ter ido com eles. Era azar, só isso, poderia ter acontecido com qualquer um. Ele gritou enquanto os outros desciam o morro num grupo sério, silencioso, de cabeça baixa. Logen parecia ouvir os gritos mesmo quando ele já estava muito para trás. Ainda podia ouvi-lo.

Nas guerras era diferente. Nas longas marchas, nos meses frios, homens caíam das colunas o tempo todo. Primeiro se atrasavam na retaguarda, depois ficavam para trás, em seguida caíam de vez. Os que estavam com frio, os doentes, os feridos. Logen tremeu e encolheu os ombros. A princípio tinha tentado ajudá-los. Depois sentira-se grato por não ser um deles. No final, passava por cima dos cadáveres e mal os notava. Você aprende a reconhecer quando alguém não vai se levantar de novo. Olhou para Malacus Quai. Mais uma morte no ermo não era algo em que ficar pensando. É preciso ser realista, afinal.

O aprendiz acordou do sono entrecortado e tentou se levantar. Suas mãos tremiam muito. Ele olhou para Logen, os olhos brilhando muito.

– Não consigo me levantar – grasnou.

– Eu sei. Estou surpreso em ver como conseguiu chegar tão longe.

Agora isso não importava muito. Logen sabia o caminho. Se encontrasse a trilha, poderia andar 30 quilômetros por dia.

– Se você me deixar um pouco da comida... talvez... depois de você chegar à biblioteca... alguém...

– Não – disse Logen, firmando o maxilar. – Eu preciso da comida.

Quai fez um som estranho, algo entre uma tosse e um soluço.

Logen se inclinou e encostou o ombro direito na barriga de Quai. Empurrou o braço por baixo das costas dele.

– Não posso carregar você por 60 quilômetros sem comer.

Pôs-se de pé, levando o aprendiz no ombro. Partiu pela margem, mantendo Quai no lugar, seguro pelo casaco, as botas fazendo barulho no cascalho molhado. O aprendiz nem se moveu, só ficou pendurado como um saco de trapos molhados, os braços frouxos batendo nas pernas de Logen.

Quando tinha dado uns trinta passos, Logen se virou e olhou para trás. A panela estava abandonada junto ao lago, já se enchendo de água da chuva. Tinham passado por muita coisa juntos, ele e a panela.

– Adeus, velha amiga.

A panela não respondeu.

Logen pousou gentilmente seu fardo trêmulo na beira da estrada e esticou as costas doloridas. Coçou a bandagem suja no braço, tomou um gole d'água da garrafa. Água era a única coisa que havia passado por seus lábios feridos naquele dia, e a fome consumia suas entranhas. Pelo menos havia parado de chover. É preciso aprender a amar as coisas simples da vida, como botas secas. É preciso amar as coisas simples quando não se tem nada além delas.

Logen cuspiu no chão e esfregou os dedos para trazer a vida de volta a eles. Não havia como estar enganado quanto àquele local. As duas pedras se erguiam altas acima da estrada, antigas e gastas, com musgo verde na base e líquen cinza mais no alto. Eram cobertas de entalhes desgastados, linhas de letras numa escrita que Logen não entendia, nem ao menos reconhecia. Mas havia algo de proibido nelas, como se anunciassem um aviso, nada de boas-vindas.

– A Primeira Lei...

– O quê? – perguntou Logen, surpreso.

Quai ficara num estado desagradável entre o sono e a vigília desde que haviam deixado a panela para trás, dois dias antes. Nesse tempo, a panela podia ter emitido mais sons do que ele. Ao acordar naquela manhã, Logen o encontrara quase sem respiração. Chegou a ter certeza de que estivesse morto, mas o sujeito continuava se agarrando debilmente à vida. Ele não desistia com facilidade, isso era preciso admitir.

Logen se ajoelhou e afastou o cabelo molhado do rosto de Quai. De repente o aprendiz agarrou seu pulso e jogou a cabeça para a frente.

– É proibido tocar o Outro Lado! – sussurrou, encarando Logen com os olhos arregalados.

– Hein?

– Falar com demônios – grasnou ele, segurando o velho casaco de Logen. – As criaturas do mundo de baixo são feitas de mentiras! Você não deve fazer isso!

– Não farei – murmurou Logen, imaginando se algum dia saberia do que o aprendiz estava falando. – Não farei. Se é que isso importa.

Não importava muito. Quai já havia caído de volta em seu semissono trêmulo. Logen mordeu o lábio. Tinha esperanças de que o aprendiz voltasse a acordar, mas não achava provável. Mesmo assim, talvez Bayaz pudesse fazer alguma coisa. Afinal, ele era o Primeiro dos Magos, grande na sabedoria profunda e tudo mais. Então pôs Quai de novo no ombro e foi caminhando entre as pedras antigas. A estrada subia íngreme para as rochas acima do lago, aqui em plataformas sobrepostas, ali cortada funda no terreno pedregoso. Era esburacada e gasta pela idade, com mato crescendo a intervalos. Retorcia-se sobre si mesma repetidamente, e não tardou para que Logen começasse a ofegar e suar, as pernas

ardendo por causa do esforço. Seu ritmo foi ficando mais lento.

O fato era que estava se cansando. Não só da subida, nem do trecho exaustivo que havia caminhado naquele dia com um aprendiz semimorto no ombro, ou do trecho do dia anterior, ou mesmo da luta na floresta. Estava cansado de tudo. Dos shankas, das guerras, da vida.

– Não posso andar para sempre, Malacus, não posso lutar para sempre. Quanto dessa merda a gente tem que aguentar? Preciso me sentar um minuto. Na porra de uma cadeira de verdade! Seria pedir demais? Seria?

Com esse estado de espírito, xingando e resmungando a cada passo e com a cabeça de Quai batendo nas costas, Logen chegou à ponte.

Era tão antiga quanto a estrada, coberta de trepadeiras, simples e esguia, um arco de cerca de vinte passos por cima de um desfiladeiro estonteante. Lá embaixo um rio saltava sobre pedras pontudas, enchendo o ar com barulho e borrifos brilhantes de água. Do outro lado fora erguida uma muralha alta entre enormes faces de pedra cobertas de musgo. Fora feita com tamanho cuidado que era difícil dizer onde terminava o penhasco natural e começava o que era construído pelo homem. Havia apenas uma porta antiga de cobre batido, esverdeada pela umidade e pelo passar dos anos.

Enquanto escolhia o caminho cuidadosamente na pedra escorregadia, Logen se pegou imaginando, ainda que pela força do hábito, como seria possível invadir aquele lugar. Não seria. Nem com mil homens bem selecionados. Havia apenas uma pequena plataforma de rocha diante da porta, sem espaço para colocar uma escada ou usar um aríete. A muralha tinha pelo menos dez passos de altura e o portão era de uma aparência terrivelmente sólida. E se os defensores derrubassem a ponte... Logen espiou pela borda e engoliu em seco. Era um longo caminho até lá embaixo.

Respirou fundo e bateu com o punho no cobre verde e úmido. Quatro pancadas fortes, estrondeantes. Tinha batido assim nos portões de Carleon, depois da batalha, e o povo da cidade havia corrido para se render. Ninguém correu para fazer nada agora.

Esperou. Bateu de novo. Esperou. Foi ficando cada vez mais molhado na névoa que vinha do rio. Trincou os dentes. Levantou o braço para bater mais uma vez. Uma portinhola estreita se abriu e um par de olhos remelentos o encarou friamente, por entre barras grossas.

– Quem é? – perguntou a voz carrancuda.

– Logen Nove Dedos é o meu nome. Eu...

– Nunca ouvi falar de você.

Nem de longe era a recepção que Logen esperava.

– Vim ver Bayaz.

Não houve resposta.

– O Primeiro dos...

– Eu sei. Ele está aqui.

Mas a porta não se abriu.

– Ele não recebe visitas. Eu disse isso ao último mensageiro.

– Não sou mensageiro, estou com Malacus Quai.

– Malaca o quê?

– Quai, o aprendiz.

– Aprendiz?

– Ele está muito doente – disse Logen devagar. – Pode morrer.

– Você disse doente? Morrer, é?

– É.

– E qual é mesmo o seu nome?

– Só abra a porra da porta! – berrou Logen, sacudindo o punho inutilmente para a portinhola. – Por favor.

– Não deixamos qualquer um entrar... espere aí. Mostre suas mãos.

– O quê?

– Suas mãos.

Logen estendeu as mãos. Os olhos úmidos se moveram devagar observando seus dedos.

– São nove. Falta um, está vendo? – falou Logen, exibindo o cotoco para a portinhola.

– Nove, é? Você deveria ter dito.

Trancas ressoaram e a porta se abriu lentamente, rangendo. Um homem idoso, curvado sob uma armadura antiquada, o olhava cheio de suspeitas do outro lado. Segurava uma espada longa, pesada demais para ele. A ponta da arma balançava sem direção enquanto ele se esforçava para mantê-la erguida.

Logen levantou as mãos.

– Eu me rendo.

O velho porteiro não achou graça. Deu um resmungo azedo quando Logen passou por ele, depois empurrou a porta com dificuldade e fechou desajeitadamente os trincos, virou-se e foi andando sem dizer mais nada. Logen o acompanhou subindo um vale estreito ladeado de casas estranhas, gastas pelo tempo e cheias de musgo, meio enterradas nas rochas íngremes, misturando-se com a montanha.

Uma mulher de rosto azedo trabalhava numa roca junto a uma porta, e franziu a testa para Logen quando ele passou com o aprendiz inconsciente em cima do ombro. Logen sorriu para ela. Não era uma beldade, isso era certo, mas fazia muito tempo desde que vira uma. A mulher se enfiou em casa e fechou a porta

com um chute, deixando a roca a girar sozinha. Logen suspirou. Não tinha perdido o jeito com as mulheres.

A construção seguinte era uma padaria com uma chaminé atarracada que soltava fumaça. O cheiro de pão assando fez o estômago vazio de Logen roncar. Mais adiante, duas crianças de cabelos escuros riam e brincavam, correndo em volta de uma árvore velha e raquítica. Fizeram Logen se lembrar de seus filhos. Elas nem se pareciam com eles, mas Logen estava meio deprimido.

Precisava admitir que ficara um pouco desapontado. Estivera esperando algo que aparentasse grande inteligência e certamente achara que haveria muito mais barbas por ali. Aquelas pessoas não pareciam muito sábias. Pareciam camponeses como outros quaisquer. Nada era diferente de sua própria aldeia antes da chegada dos shankas. Imaginou se estava no lugar certo. Foi quando virou uma curva na estrada.

Três enormes torres afiladas se erguiam na encosta da montanha adiante, juntas nas bases mas separadas no alto, todas cobertas de hera escura. Pareciam muito mais velhas até mesmo do que a ponte e a estrada, tão antigas quanto a própria montanha. Uma mistura de construções se amontoava aos pés delas, espalhando-se nos limites de um amplo pátio onde havia pessoas ocupadas com tarefas cotidianas. Uma mulher magra batia leite na entrada de uma casa. Um ferreiro atarracado tentava colocar ferraduras numa égua inquieta. Um açougueiro velho e careca, com avental manchado, tinha acabado de cortar algum animal e estava lavando num cocho os antebraços ensanguentados.

E numa larga escadaria diante da torre mais alta estava sentado um velho esplêndido. Vestia-se totalmente de branco, tinha barba comprida, nariz adunco e cabelo branco, que se derramava por baixo de um barrete também branco. Finalmente Logen ficou impressionado. O Primeiro dos Magos certamente tinha a aparência adequada para o cargo. Enquanto Logen arrastava os pés em sua direção, ele se levantou dos degraus e se aproximou depressa, com a capa branca se agitando à medida que ele andava.

– Coloque-o aqui – murmurou ele, indicando um trecho de grama perto do poço.

Logen se ajoelhou e pôs Quai no chão, o mais gentilmente que pôde com suas costas doendo tanto. O velho se curvou sobre o rapaz inconsciente, pousou a mão nodosa em sua testa.

– Eu trouxe seu aprendiz de volta – murmurou Logen, inutilmente.

– Meu?

– O senhor não é Bayaz?

O velho gargalhou.

– Ah, não, eu sou Wells, o serviçal-chefe aqui da biblioteca.

– Eu sou Bayaz – disse uma voz atrás de Logen.

Era o açougueiro quem estava andando lentamente na direção deles, enxugando as mãos num pano. Parecia ter uns 60 anos, mas era corpulento, com rosto forte muito enrugado, e barba grisalha curta em volta da boca. Era totalmente careca, e o sol da tarde brilhava em seu cocuruto bronzeado. Não era bonito nem majestoso, mas à medida que chegava mais perto, algo nele parecia se evidenciar. Uma segurança, um ar de comando. Um homem acostumado a dar ordens e a ser obedecido.

O Primeiro dos Magos segurou a mão esquerda de Logen com suas duas e a apertou calorosamente. Depois se virou e examinou o cotoco do dedo que faltava.

– Logen Nove Dedos, então. Aquele a quem chamam Nove Sangrento. Ouvi histórias a seu respeito, mesmo aqui, fechado na minha biblioteca.

Logen se encolheu. Podia adivinhar que tipo de histórias o velho teria ouvido.

– Isso foi há muito tempo.

– Claro. Todos temos um passado, não é? Não faço julgamentos baseado no que dizem.

E Bayaz sorriu. Um sorriso largo, branco e luminoso. Seu rosto se acendeu com rugas amigáveis, mas uma dureza permaneceu ao redor dos olhos profundos de um verde reluzente. Olhos duros como pedra. Logen riu em resposta, mas já entendera que não iria querer ter aquele homem como inimigo.

– E você trouxe de volta nosso cordeiro perdido – disse Bayaz e franziu a testa olhando para Malacus Quai, imóvel na grama. – Como ele está?

– Acho que vai sobreviver, senhor – arriscou Wells –, mas devemos tirá-lo do frio.

O Primeiro dos Magos estalou os dedos com um som agudo que ecoou nos prédios.

– Ajudem-no.

O ferreiro se apressou e segurou os pés de Quai, e juntos ele e Wells carregaram o aprendiz para dentro da biblioteca, passando por sua porta muito alta.

– Agora, mestre Nove Dedos, eu o chamei e você respondeu, e isso demonstra boas maneiras. As boas maneiras podem estar fora de moda no Norte, mas quero que saiba que gosto delas. Sempre pensei que a cortesia deve ser respondida com cortesia. Mas o que é isso?

O velho porteiro chegava correndo ao pátio, praticamente sem fôlego.

– Dois visitantes num dia? O que virá em seguida?

– Mestre Bayaz! – chiou o porteiro. – Há cavaleiros no portão, com bons cavalos e bem armados! Dizem que têm uma mensagem urgente do rei dos

nórdicos!

Bethod. Tinha de ser. Os espíritos haviam dito que ele dera a si mesmo um chapéu de ouro, e quem mais ousaria se autointitular rei dos nórdicos? Logen engoliu em seco. Tinha saído do último encontro com ele levando a vida e nada mais; no entanto, isso era melhor do que muitos haviam conseguido, muito melhor.

– E então, mestre? – perguntou o porteiro. – Devo dizer para irem embora?

– Quem os comanda?

– Um rapaz elegante com rosto azedo. Disse que é filho do rei ou algo assim.

– Seria Calder ou Scale? Os dois são meio azedos.

– O mais novo, imagino.

Calder, então, isso era interessante. Ambos eram maus, porém Scale era muito pior. Os dois juntos era uma experiência a ser evitada. Bayaz pareceu pensar durante um momento.

– O príncipe Calder pode entrar, mas seus homens devem permanecer do outro lado da ponte.

– Sim, senhor, do outro lado da ponte – confirmou o porteiro e se afastou com a respiração chiando.

Calder iria adorar aquilo. Logen se empolgou ao imaginar o suposto príncipe gritando inutilmente atrás daquela portinhola.

– Rei dos nórdicos, agora, dá para imaginar? – Bayaz olhou distraidamente pelo vale. – Conheci Bethod quando ele não era tão grandioso. Você também, não é, mestre Nove Dedos?

Logen franziu a testa. Conhecera Bethod quando ele era praticamente nada, um pequeno chefe tribal como tantos outros. Fora pedir ajuda contra os shankas e Bethod a dera, por um preço, que na época parecera pouco e que valia a pena. Apenas lutar. Matar alguns homens. Logen sempre achara isso fácil, e Bethod parecera um homem por quem valia a pena lutar: ousado, orgulhoso, implacável, com uma ambição venenosa. Todas essas eram qualidades que Logen admirava na época, qualidades que ele pensava ter. Mas o tempo mudara os dois e o preço havia aumentado.

– Ele já foi um homem melhor – estava dizendo Bayaz em tom pensativo –, mas o peso de uma coroa não faz bem a algumas pessoas. Você conhece os filhos dele?

– Melhor do que gostaria.

Bayaz assentiu.

– São uns grandes merdas, não? E agora acho que nunca vão melhorar. Imagine aquele cabeça oca do Scale como rei. Arg! – O mago estremeceu. – Quase faz a gente desejar que o pai dele tenha vida longa. Quase.

A menina que Logen tinha visto brincando veio correndo. Estava com uma guirlanda de flores amarelas nas mãos e a estendeu para o velho mago.

– Eu que fiz – disse ela.

Logen pôde ouvir o som de cascos vindo rápidos pela estrada.

– Para mim? Que coisa mais perfeitamente linda. – Bayaz pegou as flores. – Excelente trabalho, querida. Nem o próprio Mestre Artífice poderia ter feito melhor.

O cavaleiro entrou ruidosamente no pátio, conteve o cavalo com violência e saltou da sela. Calder. Os anos tinham sido mais gentis com ele do que com Logen, isso era claro. Estava totalmente vestido com finas roupas pretas que tinham acabamento de pele escura. Uma grande joia vermelha relampejava no dedo, o punho da espada era trabalhado em ouro. Crescera e encorpara, agora tinha a metade do tamanho de seu irmão Scale, mas mesmo assim tratava-se de um homem grande. Contudo, o rosto pálido e orgulhoso continuava bastante parecido com o que Logen recordava, lábios finos retorcidos numa expressão permanente de desprezo.

Ele jogou as rédeas para a mulher que batia o leite e atravessou depressa o pátio, olhando irritado ao redor, o cabelo comprido balançando à brisa. Quando estava a uns dez passos de distância, viu Logen. Seu queixo caiu. Calder deu um meio passo atrás, chocado, e sua mão estremeceu na direção da espada. Depois deu um sorrisinho frio.

– Então você está criando cachorros, Bayaz? Eu vigiaria esse aí. Dizem que ele costuma morder a mão do dono. – Seu lábio se retorceu mais ainda. – Posso sacrificá-lo para você, se quiser.

Logen deu de ombros. Palavras duras são para idiotas e covardes. Calder poderia ser as duas coisas, mas Logen não era nenhuma delas. Se você pretende matar, é melhor ir direto ao ponto do que falar a respeito. Falar só deixa o outro preparado, e essa é a última coisa que se iria querer. Por isso Logen não disse nada. Calder poderia considerar isso fraqueza, se quisesse, e tanto melhor assim. As lutas podiam encontrar Logen com uma frequência deprimente, mas ele havia parado de procurá-las havia muito, muito tempo.

O segundo filho de Bethod virou seu desprezo para o Primeiro dos Magos.

– Meu pai ficará contrariado, Bayaz! Fazer meus homens esperarem do lado de fora do portão mostra pouco respeito!

– Mas eu tenho tão pouco, príncipe Calder – disse o mago com calma. – E, por favor, não fique frustrado. Seu último mensageiro não teve permissão de atravessar a ponte, portanto vocês estão progredindo.

Calder fechou a cara.

– Por que não respondeu à convocação do meu pai?

– Há tanta demanda pelo meu tempo! – Bayaz exibiu a guirlanda de flores. – Essas coisas não se fazem sozinhas, sabe?

O príncipe não achou divertido.

– Meu pai – estrondeou ele –, Bethod, o rei dos nórdicos, ordena que você compareça diante dele em Carleon! – Calder pigarreou. – Ele não irá... – O rapaz tossiu.

– O quê? – perguntou Bayaz. – Fale, criança!

– Ele ordena... – O príncipe tossiu de novo, soltou perdigotos, engasgou. Pôs a mão na garganta. Era como se o ar houvesse parado.

– Ordena, é? – Bayaz franziu a testa. – Traga o grande Juvens da terra dos mortos. Ele pode me dar ordens. Só ele, nenhum outro.

O vinco na testa ficou mais profundo ainda e Logen teve de controlar uma estranha vontade de se afastar.

– Não você – continuou o mago. – Nem o seu pai, como quer que ele se chame.

Calder caiu lentamente de joelhos, o rosto retorcido, os olhos lacrimejando. Bayaz o olhou de cima a baixo.

– Que vestimenta solene! Alguém morreu? Pegue – e ele jogou a guirlanda de flores sobre a cabeça do príncipe. – Um pouco de cor pode melhorar seu humor. Diga ao seu pai que ele deve vir pessoalmente. Não desperdiço meu tempo com idiotas e filhos mais novos. Nesse ponto sou antiquado. Gosto de falar com a cabeça do cavalo, e não com o traseiro. Entendeu, garoto?

Calder começava a tombar de lado, os olhos arregalados e vermelhos. O Primeiro dos Magos balançou a mão: – Pode ir.

O príncipe arfou com a respiração entrecortada, tossiu e girou, levantando-se. Cambaleou até o cavalo e subiu na sela com muito menos graça do que havia apeado. Lançou um olhar assassino por cima do ombro enquanto ia para o portão, mas isso não tem o mesmo impacto quando se está com o rosto vermelho e o rabo entre as pernas. Logen se pegou rindo escancaradamente. Fazia muito tempo que não se divertia tanto.

– Soube que você fala com os espíritos.

Logen foi pego desprevenido.

– Hein?

– Falar com os espíritos. – Bayaz levantou a cabeça. – É um dom raro hoje em dia. Como eles estão?

– O quê, os espíritos?

– É.

– Minguando.

– Logo estarão todos dormindo, não? A magia se esvai do mundo. Esta é a

ordem estabelecida das coisas. Meu conhecimento cresceu com o passar dos anos, no entanto meu poder diminuiu.

– Calder pareceu impressionado.

– Bobagem. – Bayaz balançou a mão. – Um nada. Um truquezinho de ar e carne, feito com facilidade. Não, acredite, a magia está indo embora. É um fato. Uma lei natural. Mesmo assim há muitos modos de se quebrar um ovo, não é, amigo? Se uma ferramenta falha, experimentamos outra.

Logen não tinha mais tanta certeza sobre o que estavam falando, mas sentia-se cansado demais para perguntar.

– É, de fato – murmurou o Primeiro dos Magos. – Há muitos modos de se quebrar um ovo. Falando nisso, você parece estar com fome.

A boca de Logen se encheu de saliva à simples menção de comida.

– É – balbuciou. – É... seria bom comer.

– Claro. – Bayaz lhe deu um tapa caloroso no ombro. – E depois, talvez, um banho? Não que estejamos incomodados, claro, mas acho que não há nada mais reconfortante do que água quente depois de uma caminhada longa, e suspeito que você tenha feito uma caminhada realmente longa. Venha comigo, mestre Nove Dedos, você está em segurança aqui.

Comida. Banho. Segurança. Logen precisou se conter para não chorar enquanto seguia o velho até a biblioteca.

O homem bom

DO LADO DE FORA o dia estava quente, muito quente, e o sol brilhava forte pelas janelas de muitos caixilhos, lançando raios entrecruzados no piso de madeira da câmara de audiências. O cômodo se encontrava calorento e abafado como uma cozinha.

Fortis dan Hoff, o lorde camarista, estava com o rosto vermelho e suava, vestido com os mantos oficiais com acabamento de pele. Ficara num humor cada vez pior no decorrer da tarde. Harlen Morrow, seu subsecretário para audiências, parecia mais desconfortável ainda, mas ele precisava lidar com seu medo de Hoff, além do calor. Os dois pareciam tremendamente perturbados, cada um a seu modo, mas pelo menos podiam se sentar.

Já o major West suava sem parar em seu uniforme de gala cheio de bordados. Estava de pé e na mesma posição, com as mãos às costas e os dentes trincados, fazia quase duas horas, durante as quais lorde Hoff demonstrara seu mau humor, resmungara e berrara com os peticionários e qualquer outra pessoa à vista. West desejou com fervor, e não pela primeira vez naquela tarde, estar deitado sob uma árvore no parque, com uma bebida forte. Ou talvez sob uma geleira, num túmulo de gelo. Em qualquer lugar, menos ali.

Montar guarda naquelas audiências horríveis não era uma das tarefas mais agradáveis de West, mas poderia ser pior. Pensou nos oito soldados junto às paredes: ficavam parados lá usando armadura completa. West podia até imaginar um deles desmaiando e caindo no chão, com um som parecido com a queda de

um armário cheio de panelas, sem dúvida para enorme desprazer do lorde camarista, mas até agora todos conseguiam se manter de pé, de algum modo.

– Por que essa porcaria de sala tem sempre a temperatura errada? – queria saber Hoff, como se o calor fosse um insulto a ele. – É quente demais durante metade do ano, fria demais na outra metade! Não há ar aqui dentro, nenhum ar! Por que essas janelas não abrem? Por que não podemos ter uma sala maior?

– É que... – balbuciou o atormentado subsecretário, empurrando os óculos para cima no nariz suado –... os pedidos de audiência sempre foram feitos aqui, lorde camarista – foi falando, inseguro diante do olhar temível do superior. – Bem... é... tradição...

– Sei disso, imbecil! – trovejou Hoff, o rosto vermelho de calor e fúria. – Quem pediu sua opinião idiota, afinal?

– Sim, quero dizer, não – gaguejou Morrow. – Quero dizer, exatamente, senhor.

Hoff balançou a cabeça com um enorme franzido na testa, olhando ao redor em busca de mais alguém que o desagradasse.

– Quantos mais temos de suportar hoje?

– Ah... mais quatro, excelência.

– Desgraça! – trovejou o camarista, remexendo-se na enorme cadeira e puxando a gola com acabamento de pele para deixar que algum ar entrasse. – Isso é intolerável! –

West viu-se concordando em silêncio. Hoff pegou um cálice de prata na mesa e tomou um grande gole de vinho. Ele gostava bastante de beber, na verdade estivera bebendo a tarde toda. Mas isso não havia melhorado seu humor.

– Quem é o próximo idiota? – perguntou.

– É... – fez Morrow e espiou através dos óculos, estreitando os olhos para um grande documento e acompanhando a letra irregular com o dedo sujo de tinta. – O Sr. Heath, um fazendeiro de...

– Um fazendeiro? Você disse um fazendeiro? Então, neste calor ridículo, nós devemos ficar ouvindo um plebeu desgraçado gemer dizendo como o tempo afetou suas ovelhas?

– Bom, meu lorde – balbuciou Morrow –, parece que o Sr. Heath tem... é... uma queixa legítima contra seu... é... senhorio e...

– Dane-se tudo isso! Estou cansado das queixas dos outros! – O lorde camarista tomou mais um gole de vinho. – Mande o idiota entrar!

A porta se abriu e o Sr. Heath foi trazido à presença deles. Para enfatizar o equilíbrio de forças na sala, a mesa do lorde camarista ficava sobre uma plataforma elevada, de modo que, mesmo de pé, o pobre coitado precisava levantar a cabeça para olhá-los. Era um rosto honesto, mas muito magro. Ele

segurava um chapéu velho diante do corpo, com as mãos trêmulas. West encolheu os ombros com desconforto enquanto uma gota de suor escorria por suas costas.

– Você é o Sr. Heath, correto?

– Sim, meu lorde – murmurou o camponês com sotaque forte. – De...

Hoff o interrompeu com total grosseria.

– E veio diante de nós pedir audiência com Sua Augusta Majestade, o rei supremo da União?

O Sr. Heath lambeu os lábios. West imaginou de que distância ele viera para ser feito de idiota. Uma distância muito grande, provavelmente.

– Minha família foi expulsa de nossas terras. O senhorio disse que não estávamos pagando o aluguel, mas...

O lorde camarista balançou a mão.

– Obviamente isto é um assunto para a Comissão de Terras e Agricultura. Sua Augusta Majestade, o rei, está preocupada com o bem-estar de todos os seus súditos, não importa quanto sejam insignificantes.

West quase estremeceu ao perceber esse lapso.

– Mas não podemos esperar que ele dê atenção pessoal a cada picuinha – prosseguiu o lorde camarista. – O tempo dele é valioso, e o meu também. Bom dia.

E foi só. Dois soldados abriram a porta dupla para o Sr. Heath ir embora. O rosto do camponês tinha ficado muito pálido, os nós dos dedos se remexendo na aba do chapéu.

– Bom lorde – gaguejou ele. – Já estive na comissão...

Hoff levantou os olhos rapidamente, fazendo o agricultor parar no meio da frase.

– Eu disse bom dia!

Os ombros do camponês caíram. Ele olhou uma última vez ao redor. Morrow estava examinando com grande interesse algo na parede mais distante e se recusou a encará-lo. O lorde camarista o observou com raiva, enfurecido com essa perda de tempo imperdoável. West se sentiu mal por fazer parte daquilo. Heath se virou e saiu arrastando os pés, de cabeça baixa. A porta se fechou.

Hoff bateu com o punho na mesa.

– Vocês viram aquilo? – Ele olhou ferozmente as pessoas que suavam ao redor. – Que desplante do sujeito! Viu aquilo, major West?

– Sim, lorde camarista, vi tudo – respondeu West rigidamente. – Foi uma desgraça.

Felizmente Hoff não percebeu o significado do que ele dissera.

– Uma desgraça, major West, está totalmente certo! Por que, diabos, todos os

jovens promissores vão para o exército? Quero saber quem é o responsável por deixar que esses mendigos entrem aqui!

Ele olhou furioso para o subsecretário, que engoliu em seco e olhou para os documentos.

– Quem é o próximo? – berrou.

– É... – balbuciou Morrow. – Coster dan Kault, mestre da Guilda dos Mercadores de Tecidos.

– Sei quem ele é, maldição! – reagiu Hoff rispidamente, enxugando uma nova camada de suor do rosto. – Quando não são os malditos camponeses, são os malditos mercadores! – rugiu para os soldados junto à porta, com a voz em volume suficiente para ser ouvida no corredor do lado de fora. – Mandem o velho vigarista sujo entrar, então!

O mestre Kault não poderia ter uma aparência mais diferente da do suplicante anterior. Era um homem grande e gorducho, com o rosto tão suave quanto os olhos eram duros. Sua vestimenta do cargo, totalmente roxa, era bordada com metros de fio dourado, tão ostentatória que o próprio imperador de Gurkhul poderia ficar acanhado de usá-la. Estava acompanhado por dois importantes mercadores de tecidos, cujas roupas eram pouco menos magníficas. West imaginou se o Sr. Heath poderia ganhar em dez anos o suficiente para comprar uma daquelas vestes. Decidiu que não, mesmo que ele não tivesse sido expulso de suas terras.

– Lorde camarista – entoou Kault com uma reverência esmerada.

Hoff cumprimentou o comandante da Guilda dos Mercadores de Tecidos o mais parcamente possível, com uma sobrancelha erguida e uma torção quase imperceptível do lábio. Kault esperou um cumprimento que considerava mais adequado ao seu posto, mas ele não veio. Pigarreou ruidosamente.

– Vim requisitar uma audiência com Sua Augusta Majestade...

O lorde camarista bufou:

– O propósito desta sessão é decidir quem é digno da atenção de Sua Majestade. Se o senhor não quisesse uma audiência com ele, estaria na sala errada.

Já ficara óbvio que essa audiência seria tão malsucedida quanto a anterior. Havia uma espécie de justiça horrível naquilo, supôs West. O grande e o pequeno eram tratados de modo exatamente igual.

Os olhos do mestre Kault se estreitaram ligeiramente, mas ele continuou:

– A honorável Guilda dos Mercadores de Tecidos, de quem sou o humilde representante...

Hoff tomou um gole de vinho ruidosamente e Kault foi obrigado a parar um momento.

–... tem sido vítima de um ataque malicioso e daninho...

– Encha isto, está bem? – gritou o lorde camarista, balançando a taça vazia para Morrow.

O subsecretário saiu ansioso de sua cadeira e pegou a garrafa. Kault foi obrigado a esperar, com os dentes trincados, enquanto o vinho gorgolejava.

– Continue! – berrou Hoff, balançando a mão. – Não temos o dia todo!

– Um ataque tremendamente malicioso e sorrateiro...

O lorde camarista estreitou os olhos.

– Um ataque, você disse? Um ataque comum é assunto para a Guarda da Cidade!

O mestre Kault fez uma careta. Ele e seus dois companheiros já estavam começando a suar.

– Não é um ataque dessa natureza, lorde camarista, e sim um ataque traiçoeiro e desleal, destinado a desacreditar a reluzente reputação da nossa corporação e causar danos aos nossos interesses comerciais nas Cidades Livres da Estíria e por toda a União. Um ataque perpetrado por certos elementos mentirosos da Inquisição de Sua Majestade e...

– Já ouvi o suficiente! – O lorde camarista levantou a manzorra exigindo silêncio. – Se é uma questão de comércio, deve ser tratada pela Comissão de Comércio de Sua Majestade.

Hoff falava devagar e de modo preciso, como um professor se dirigindo ao aluno mais decepcionante.

– Se é uma questão de lei, deve ser tratada pelo departamento do juiz supremo Marovia. Se for uma questão do funcionamento interno da Inquisição de Sua Majestade, o senhor deve marcar uma audiência com o arquileitor Sult. De qualquer modo, não é assunto para ser levado à atenção de Sua Augusta Majestade.

O chefe da Guilda dos Mercadores de Tecidos abriu a boca, porém o lorde camarista falou mais alto, o tom elevado como nunca:

– O seu rei forma uma comissão, escolhe um juiz supremo e nomeia um arquileitor, de modo a não precisar lidar pessoalmente com cada questão insignificante! Também é por isso que ele concede licenças a determinadas guildas de mercadores, e não para encher os bolsos... – seu lábio se retorceu num desagradável riso de desprezo –... da classe comerciante! Tenham um bom dia.

E a porta foi aberta.

O rosto de Kault havia empalidecido de raiva com o último comentário.

– O senhor pode ter certeza, lorde camarista – disse friamente –, que buscaremos ajuda em outra parte e com a maior das persistências.

Hoff o encarou irritado durante um longo tempo.

– Busque-a onde quiser – rosnou – e com a persistência que quiser. Mas não aqui. Bom... dia!

Se fosse possível esfaquear alguém com a expressão “bom dia”, o chefe da Guilda dos Mercadores de Tecidos teria caído morto no chão.

Kault piscou duas vezes, depois se virou furioso e saiu com o máximo de dignidade que pôde. Seus dois acompanhantes foram logo atrás, com os mantos fabulosos adejando. A porta foi fechada.

Hoff bateu de novo com o punho na mesa.

– Um ultraje! – disse bruscamente. – Esse suíno arrogante! Será que eles acham mesmo que podem violar a lei do rei e ainda buscar a ajuda dele quando as coisas azedam?

– Bom, não – respondeu Morrow –, claro...

O lorde camarista ignorou seu subsecretário e se virou para West com um risinho superior.

– Mesmo assim, acho que já vejo os abutres circulando ao redor deles, hein, major West?

– De fato, lorde camarista – murmurou West, absolutamente desconfortável e desejando que aquela tortura acabasse.

Então poderia voltar para a irmã. Seu coração se encolheu. Ela estava dando mais trabalho do que ele recordava. Era inteligente, sem dúvida, mas ele se preocupava com a possibilidade de ela ser inteligente demais para seu próprio bem. Se ao menos ela resolvesse casar com algum homem honesto e ser feliz! A posição dele já era bastante complicada, sem que a irmã se transformasse num espetáculo.

– Abutres, abutres – estava murmurando Hoff sozinho. – São pássaros abomináveis, mas têm sua utilidade. Quem é o próximo?

O suado subsecretário ficou mais desconfortável ainda do que antes, enquanto procurava as palavras certas.

– Temos um grupo de... diplomatas?

O lorde camarista fez uma pausa, com a taça na metade do caminho para a boca.

– Diplomatas? De onde?

– Hum... do suposto rei dos nórdicos, Bethod.

Hoff explodiu numa gargalhada.

– Diplomatas? – grasnou ele, enxugando o rosto com a manga. – Quer dizer, selvagens!

O subsecretário deu um riso pouco convincente.

– Ah, sim, meu lorde, rá, rá! Selvagens, claro!

– Mas perigosos, hein, Morrow? – disse rispidamente o lorde camarista, com

o bom humor se evaporando no mesmo instante.

O risinho do subsecretário parou no meio.

– Muito perigosos – enfatizou o lorde camarista. – Devemos ter cuidado. Mande-os entrar!

Eram quatro. Os dois mais baixos eram homens grandes de aparência feroz, cheios de cicatrizes e barbudos, usando pesadas armaduras repletas de marcas. Tinham sido desarmados no portão do Agriont, claro, mas ainda passavam uma sensação de perigo, e West imaginou que as muitas armas que eles teriam deixado para trás eram grandes e bastante usadas. Eram o tipo de homem faminto de guerra que se apinhava nas fronteiras de Angland, não distantes do lar de West.

Com eles vinha um homem mais velho, também com a armadura cheia de mossas, cabelo comprido e grande barba branca. Havia uma cicatriz lívida atravessando o rosto e o olho, que era cego e branco. Mas tinha um sorriso largo nos lábios, e a postura agradável contrastava tremendamente com a seriedade dos dois companheiros e do quarto homem, que vinha atrás.

Este precisou se curvar para passar sob o portal, que tinha mais de 2 metros. Estava envolto num tecido marrom áspero, com capuz do mesmo material, as feições cobertas. Quando se empertigou, mais alto do que todo mundo, a sala começou a parecer absurdamente apertada. Seu simples volume era intimidador, mas havia algo mais, algo que parecia brotar dele em ondas doentias. Os soldados junto às paredes sentiram isso e se remexeram, desconfortáveis. O subsecretário para audiências sentiu a mesma coisa, suando agitado enquanto examinava seus documentos. O major West certamente notou. Sua pele ficou fria apesar do calor, e ele percebeu cada pelo do corpo eriçando-se sob o uniforme úmido.

Somente Hoff pareceu não se abalar. Olhou os quatro nórdicos de cima a baixo com um sulco profundo na testa, não mais impressionado com o gigante encapuzado do que estivera com o Sr. Heath.

– Então vocês são mensageiros de Bethod – falou, e remoeu as palavras seguintes antes de cuspi-las: – O rei dos nórdicos.

– Somos – disse o velho sorridente, fazendo uma grande reverência. – Sou Hansul Olho Branco.

Sua voz era intensa, melodiosa e agradável, sem qualquer sotaque, nem um pouco o que West esperava.

– E é emissário de Bethod? – perguntou Hoff em tom casual, e tomou outro gole de vinho.

Pela primeira vez na vida West ficou feliz por o lorde camarista estar na sala com ele, mas em seguida olhou o homem encapuzado e a sensação de inquietude

retornou.

– Ah, não – disse Olho Branco. – Estou aqui meramente como tradutor. Este é o emissário do rei dos nórdicos – e seu olho bom se virou nervosamente para a figura sombria e encapuzada, como se até ele estivesse com medo. – Fenris – apresentou, enfatizando o "s" no fim do nome com um sibilar. – Fenris, o Temível.

Um nome realmente adequado. O major West pensou em canções que ouvira na infância, histórias de gigantes sedentos de sangue nas montanhas do Norte distante. A sala ficou silenciosa por um momento.

– Humpf – fez o lorde camarista, inabalável. – E vocês pedem uma audiência com Sua Augusta Majestade, o rei supremo da União?

– Pedimos, lorde camarista – disse o guerreiro. – Nosso senhor, Bethod, lamenta enormemente a hostilidade entre nossas duas nações. Ele só deseja estar nos melhores termos com seus vizinhos do Sul. Trazemos uma oferta de paz do meu rei para o seu e um presente para demonstrar nossa boa fé. Nada mais.

– Ora, ora – disse Hoff, recostando-se em sua cadeira de espaldar alto com um sorriso largo. – Um pedido gracioso, feito de modo gracioso. Vocês poderão ver o rei amanhã, no Conselho Aberto, e apresentar sua oferta e seu presente diante dos principais pares do reino.

Olho Branco fez uma reverência respeitosa.

– O senhor é muito gentil, lorde camarista.

Ele se virou para a porta, seguido pelos dois guerreiros austeros. A figura encapuzada demorou um instante e então também se virou lentamente e passou curvado pela saída. Só depois que a porta foi fechada West pôde respirar direito outra vez. Balançou a cabeça e encolheu os ombros suados. Canções sobre gigantes! Era só um homem grande com uma capa. Mas, olhando de novo, aquela porta era mesmo muito alta...

– Pronto, está vendo, Sr. Morrow? – chamou Hoff, parecendo intensamente satisfeito consigo mesmo. – Nem de longe eram os selvagens que você me levou a esperar! Acho que estamos perto de uma solução para os nossos problemas com os nórdicos, não é?

O subsecretário não parecia nem um pouco convencido.

– Ah... é, meu lorde, claro.

– É, de fato. Muitíssimo barulho por nada. Muita bobagem pessimista, derrotista, da parte de nossos nervosos cidadãos do Norte, hein? Guerra? Bobagem! – exaltou-se Hoff, batendo na mesa de novo, fazendo o vinho saltar da taça e cair na madeira. – Esses nórdicos não ousariam! Daqui a pouco eles vão pedir para fazer parte da União! Você vai ver se não estou certo, hein, major West?

– Eh...

– Bom! Excelente! Pelo menos fizemos alguma coisa hoje! Mais um e poderemos sair desta fornalha maldita! Quem nós temos, Morrow?

O subsecretário franziu a testa e empurrou os óculos para o alto do nariz.

– É... temos um tal de Yoru Sulfur – falou, com dificuldade para dizer o nome pouco familiar.

– Quem?

– É... Sulfir, ou Sulfor, ou algo assim.

– Nunca ouvi falar – resmungou o lorde camarista. – Que tipo de homem é ele? Algum sulista? Não é outro camponês, por favor!

O subsecretário examinou suas anotações e engoliu em seco.

– É um emissário.

– Sim, sim, mas de quem?

Morrow estava se encolhendo, como uma criança que esperasse um tapa.

– Da Grande Ordem dos Magos! – respondeu bruscamente.

Houve um momento de silêncio atônito. As sobrancelhas de West subiram e seu queixo caiu, e ele supôs que o mesmo estivesse acontecendo, de forma oculta, por trás dos visores dos elmos dos soldados. Estremeceu instintivamente enquanto aguardava a reação do lorde camarista, mas Hoff surpreendeu todos ao explodir numa gargalhada.

– Excelente! Finalmente um pouco de diversão. Faz anos que não temos um mago aqui! Mande entrar o feiticeiro! Não devemos fazê-lo esperar!

Yoru Sulfur foi um certo desapontamento. Usava roupas simples, sujas da viagem, na verdade se vestia pouco melhor do que o Sr. Heath. Seu cajado não era coberto de ouro, não tinha um cristal na extremidade. Seu olho não relampejava com fogo misterioso. Parecia um homem bastante comum, de 30 e poucos anos, ligeiramente cansado, como se tivesse acabado de fazer uma longa jornada, mas afora isso mostrava-se bem à vontade diante do lorde camarista.

– Bom dia aos senhores, cavalheiros – disse ele, apoiando-se no cajado.

West estava tendo alguma dificuldade para deduzir de onde ele era. Não era da União, porque a pele era morena demais, e não era de Gurkhul nem do sul distante, porque a pele era clara demais para isso. Não era do Norte nem da Estíria. Mais de longe, então, mas onde? Agora que West o olhava com mais atenção, notou que seus olhos tinham cores diferentes: um era azul e o outro, verde.

– E bom dia ao senhor – disse Hoff, sorrindo como se falasse a sério. – Minha porta está sempre aberta à Grande Ordem dos Magos. Diga, tenho o prazer de me dirigir ao grande Bayaz em pessoa?

Sulfur pareceu perplexo.

– Não. Fui anunciado erroneamente? Sou Yoru Sulfur. O mestre Bayaz é um cavalheiro calvo. – Ele passou a mão por seus cabelos castanhos encaracolados. – Há uma estátua dele lá fora, na avenida. Mas tive a honra de estudar com ele durante vários anos. É um mestre muito poderoso e sábio.

– Claro! Claro que é! E o que podemos fazer pelo senhor?

Yoru Sulfur pigarreou, como se fosse contar uma história.

– Com a morte do rei Harod, o Grande, Bayaz, o Primeiro dos Magos, deixou a União. Mas jurou que retornaria.

– Sim, sim, é verdade – disse Hoff com um risinho. – Muito verdadeiro, qualquer criança sabe disso.

– E pronunciou que, quando retornasse, sua vinda seria anunciada por outro.

– Verdade, também.

– Bom – disse Sulfur, com um sorriso largo. – Aqui estou.

O lorde camarista explodiu numa gargalhada.

– Aí está você! – gritou ele, batendo na mesa.

Harlen Morrow se permitiu um pequeno risinho, mas se calou imediatamente quando o sorriso de Hoff começou a se esvair.

– Durante todo o meu tempo como lorde camarista, três membros da Grande Ordem dos Magos pediram audiência com o rei. Dois eram obviamente insanos e um era um trapaceiro excepcionalmente corajoso. – Ele se inclinou para a frente, pondo os cotovelos na mesa e juntando os dedos das duas mãos. – Diga, mestre Sulfur, que tipo de mago é você?

– Nenhum desses dois.

– Sei. Então você trouxe documentos.

– Claro.

Sulfur enfiou a mão na capa e pegou uma pequena carta, lacrada com um selo branco que trazia um único símbolo estranho gravado. Colocou-a sem qualquer cuidado sobre a mesa, diante do lorde camarista.

Hoff franziu a testa. Pegou o documento e o virou nas mãos. Examinou cuidadosamente o selo, depois enxugou o rosto com a manga, partiu a cera, desdobrou o papel grosso e começou a ler.

Yoru Sulfur não demonstrava qualquer sinal de nervosismo. Não parecia perturbado com o calor. Caminhou pela sala, assentiu para os soldados com armaduras, não pareceu perturbado com a falta de reação por parte deles. Virou-se de repente para West.

– Faz um calor terrível aqui, não é? É espantoso que esses pobres coitados não desmaiem e despenquem no chão com um som parecido com o de um armário cheio de panelas.

West piscou. Ele estivera pensando exatamente isso.

O lorde camarista pousou a carta com cuidado sobre a mesa, não parecendo mais nem um pouco divertido.

– Ocorre-me que o Conselho Aberto seria o lugar errado para discutir este assunto.

– Concordo. Eu esperava uma audiência particular com o lorde chanceler Feekt.

– Infelizmente isso não será possível – respondeu Hoff e passou a língua no lábio. – Lorde Feekt morreu.

Sulfur franziu a testa.

– É uma tremenda infelicidade.

– De fato, de fato. Todos nós sentimos enormemente a perda dele. Talvez eu e alguns outros membros do Conselho Fechado possamos ajudá-lo.

Sulfur baixou a cabeça.

– Sou guiado pelo senhor, lorde camarista.

– Tentarei marcar alguma coisa para esta tarde. Até lá, arranjaremos no Agriont aposentos... adequados à sua posição.

Ele fez um sinal para os guardas e a porta foi aberta.

– Muito obrigado, lorde Hoff. Sr. Morrow. Major West. – Sulfur assentiu graciosamente para um de cada vez, depois se virou e saiu.

A porta foi fechada de novo, deixando West a se perguntar como o sujeito sabia seu nome.

Hoff se virou para seu subsecretário para audiências.

– Vá imediatamente ao arquileitor Sult e diga que precisamos nos reunir agora mesmo. Depois chame o juiz supremo Marovia e o lorde marechal Varuz. Avise que é uma questão da máxima importância e não diga uma palavra disto a ninguém além desses três – ordenou, balançando um dedo diante do rosto suado de Morrow. – Nem uma palavra!

O subsecretário o encarou de volta, com os óculos tortos.

– Agora! – rugiu Hoff.

Morrow deu um salto e se pôs de pé, tropeçou na barra do manto e saiu correndo por uma porta lateral. West tentou engolir a saliva, com a boca muito seca.

Hoff olhou longa e duramente para cada homem na sala.

– Quanto ao restante de vocês, nem uma palavra a ninguém sobre nada disso, caso contrário as consequências serão tremendamente severas! Agora saiam, todos!

Com um clangor metálico, os soldados saíram imediatamente da sala. West não precisou de mais encorajamento e foi atrás deles, deixando o lorde camarista pensativo sozinho em sua cadeira alta.

Os pensamentos de West estavam sombrios e confusos quando fechou a porta depois de sair. Fragmentos de antigas histórias sobre os magos, temores de uma guerra no Norte, imagens de um gigante encapuzado erguendo-se quase até o teto. Houvera alguns visitantes estranhos e sinistros no Agriont naquele dia, e ele sentiu o peso das preocupações. Tentou afastá-las, disse a si mesmo que era tudo bobagem, mas só conseguia pensar na irmã passeando pelo Agriont como uma tola.

Deixou escapar um gemido. Provavelmente ela estava com Luthar agora mesmo. Por que, diabos, tinha apresentado os dois? Por algum motivo, estivera esperando a mesma garota desajeitada, fraca, de língua afiada que ele recordava de anos atrás. Sentira um tremendo choque quando aquela mulher aparecera em seus aposentos. Mal a reconhecera. Sem dúvida era uma mulher, e muito bonita. Ao mesmo tempo, Luthar era rico, bonito e tinha o autocontrole de um menino de 6 anos. Ele sabia que os dois tinham se visto desde então, e mais de uma vez. Só como amigos, claro. Ardee não tinha outros amigos ali. Eram apenas amigos.

– Merda! – xingou.

Era como pôr um gato ao lado do leite e confiar que ele não enfiaria a língua dentro. Por que, diabos, não havia pensado direito? Preparara a porcaria de um desastre! Mas o que poderia fazer agora? Olhou arrasado ao longo do corredor.

Não existe nada como ver o sofrimento de outra pessoa para esquecer o nosso, e o Sr. Heath era de fato uma visão lamentável. Estava sentado sozinho num banco comprido, o rosto numa palidez mortal, olhando para o vazio. Devia estar sentado ali todo aquele tempo – enquanto os mercadores de tecidos, os nórdicos e o mago entravam e saíam –, esperando nada, mas sem ter aonde ir. West olhou para um lado e outro do corredor. Não havia mais ninguém por perto. Heath não o percebera, estava de boca aberta, os olhos vítreos, com o chapéu velho esquecido sobre os joelhos.

West não podia simplesmente deixar o sujeito assim, não era do seu feitio.

– Sr. Heath – chamou ao se aproximar, e o camponês olhou para ele surpreso, segurou o chapéu e fez menção de se levantar, murmurando desculpas.

– Não, por favor, não se levante.

West sentou-se no banco. Olhou para os pés, incapaz de encarar o sujeito. Houve um silêncio incômodo.

– Tenho um amigo que é da Comissão de Terras e Agricultura. Talvez ele possa fazer algo pelo senhor...

West parou, sem jeito, olhando para o fim do corredor. O fazendeiro deu um sorriso triste.

– Eu agradeceria qualquer coisa que o senhor pudesse fazer.

– Sim, sim, claro, farei o que for possível.

Não adiantaria absolutamente nada, e os dois sabiam. West fez uma careta e mordeu o lábio.

– É melhor o senhor aceitar isto – e ele pôs sua bolsa nos dedos frouxos e calejados do camponês.

Heath olhou para ele, a boca ligeiramente aberta. West deu um sorriso rápido e desajeitado e se levantou. Estava ansioso para se afastar.

– Senhor! – gritou Heath, mas West já estava se distanciando pelo corredor e não olhou para trás.

Na lista

Por que eu faço isso?

A silhueta da casa de Villem dan Robb na cidade surgia contra o límpido céu noturno. Era uma construção pouco notável, uma residência de dois andares com muro baixo e portão na frente, como uma centena de outras na mesma rua. *Nosso velho amigo Rews morava num palacete perto do mercado. Robb realmente deveria ter sido mais ambicioso ao pedir suborno a ele. Bem, sorte nossa ele não ter sido.* Em outros locais da cidade, as avenidas elegantes estariam muito iluminadas e movimentadas com bêbados divertindo-se até o alvorecer. Mas esta rua discreta ficava longe das luzes fortes e dos olhos curiosos.

Podemos trabalhar sem ser perturbados.

Na lateral do prédio, no andar de cima, uma lâmpada ardia numa janela estreita. *Bom. Nosso amigo está em casa. Mas ainda acordado – precisamos pisar com cautela.* Virou-se para o prático Frost e apontou para a lateral da casa. O albino assentiu e atravessou a rua em silêncio.

Glokta esperou que ele chegasse ao muro e desaparecesse nas sombras, depois virou para Severard e apontou para a porta da frente. Os olhos do prático magro lhe sorriram por um momento, depois ele se afastou rapidamente, permanecendo abaixado, rolou por cima do muro baixo e caiu do outro lado sem fazer ruídos.

Por enquanto, perfeito, mas agora devo agir. Glokta se perguntou por que teria vindo. Frost e Severard eram mais do que capazes de cuidar sozinhos de Robb, e ele só tornaria a ação mais lenta. *Até posso cair de bunda e alertar o*

idiota quanto à nossa presença. Então por que vim? Mas Glokta sabia o motivo. O sentimento de empolgação já estava crescendo em sua garganta. Era quase como estar vivo.

Havia colocado trapos na ponta da bengala, por isso pôde mancar até o muro, muito delicadamente, sem fazer barulho. Durante esse tempo Severard havia aberto o portão, segurando a dobradiça com a mão enluvada para não fazer muito ruído. *Muito bem. Se eu tivesse de passar por cima do muro, seria como se ele tivesse 30 metros de altura.*

Em um instante, Severard estava ajoelhado na soleira da porta da frente, arrombando a fechadura. Seu ouvido se encontrava perto da madeira, os olhos estreitados de concentração, as mãos movendo-se habilmente. O coração de Glokta batia rápido, a pele se eriçando de tensão. *Ah, a emoção da caçada.*

Houve um estalo baixo, depois outro. Severard enfiou as gazuas brilhantes num bolso, depois estendeu a mão e lentamente, com cuidado, girou a maçaneta. A porta se abriu em silêncio. *Que sujeito útil! Sem ele e Frost, sou apenas um aleijado. Eles são minhas mãos, meus braços, minhas pernas. Mas eu sou o cérebro deles.* Severard se esgueirou para dentro e Glokta foi atrás, encolhendo-se de dor cada vez que punha o peso na perna esquerda.

O corredor estava escuro, porém havia um facho de luz na escada e os balaústres lançavam sombras estranhas, distorcidas, no piso de madeira. Glokta apontou para cima, Severard assentiu e começou a se dirigir para a escada na ponta dos pés, mantendo-se perto da parede. Pareceu demorar séculos para chegar.

O terceiro degrau rangeu quando ele apoiou o peso nele. Glokta se retraiu, Severard ficou imóvel. Os dois esperaram, quietos como estátuas. Não veio nenhum som de cima. Glokta começou a respirar de novo. Severard subiu devagar, passo a passo, gentilmente. Quando chegou perto do topo, espiou com cautela ao redor, depois pisou no último degrau e desapareceu de vista sem qualquer som.

O prático Frost emergiu das sombras na outra extremidade do corredor. Glokta levantou uma sobrancelha para ele, mas o albino balançou a cabeça: *ninguém aqui embaixo*. Ele se virou para a porta da frente e começou a empurrá-la com suavidade. Só quando estava fechada ele soltou lentamente a maçaneta, de modo que a lingueta deslizou em silêncio para o lugar.

– O senhor vai querer ver isso.

Glokta levou um susto com o som súbito, que o fez se virar rapidamente, causando uma explosão de dor nas costas. Severard estava parado no alto da escada, com as mãos no quadril. Ele se virou e seguiu na direção da luz e Frost o seguiu pela escada, já sem nenhuma pretensão de ser discreto.

Por que ninguém pode ficar no térreo? É sempre em cima. Pelo menos ele não precisava tentar ser silencioso enquanto lutava para subir atrás de seus práticos, com o pé direito estalando, o esquerdo raspando nas tábuas. Uma luz forte jorrava no corredor do andar de cima, vinda de uma porta na outra extremidade, e Glokta foi mancando até lá. Parou ao atravessar a soleira, recuperando o fôlego depois da subida.

Nossa, que bagunça! Uma grande estante fora arrancada da parede e os livros estavam espalhados, abertos ou fechados, por todo o piso. Uma taça de vinho fora derrubada na escrivaninha, transformando em trapos encharcados os papéis amarrotados sobre ela. A cama se encontrava em desalinho, as cobertas meio puxadas, os travesseiros e o colchão cortados, com penas saltando deles. Um guarda-roupa tinha as portas abertas, uma delas meio caída. Algumas roupas em trapos continuavam penduradas dentro dele, mas a maioria estava rasgada num amontoado, embaixo.

Um rapaz bonito se encontrava caído sob a janela, olhando para cima, pálido e de boca aberta. Seria eufemismo dizer que sua garganta fora cortada. Tinha sido rasgada com tanta selvageria que a cabeça continuava presa por pouco. Via-se sangue espalhado por toda parte, nas roupas rasgadas, no colchão cortado, sobre o corpo todo. Havia duas impressões sangrentas de mãos na parede e uma grande poça de sangue cobrindo boa parte do chão, ainda úmido. *Ele foi morto esta noite. Talvez há apenas algumas horas. Talvez há apenas alguns minutos.*

– Acho que ele não vai responder às nossas perguntas – disse Severard.

– Não – comentou Glokta e deixou seu olhar percorrer a confusão. – Acho que ele está morto. Mas como isso aconteceu?

Frost o encarou com um olho cor-de-rosa e levantou uma sobrancelha branca.

– Feneno?

Severard soltou uma gargalhada aguda por baixo da máscara. Até Glokta se permitiu uma risadinha.

– Sem dúvida. Mas como o nosso envenenador entrou?

– Xanela aveta – murmurou Frost, apontando para baixo.

Glokta entrou mancando no quarto, tendo o cuidado de não deixar os pés ou a bengala tocarem a sujeira de sangue e penas.

– Então nosso envenenador viu a lâmpada acesa, como nós. Entrou pela janela do andar de baixo. Subiu a escada em silêncio.

Glokta virou as mãos do cadáver com a ponta da bengala. *Algumas gotas de sangue do pescoço, mas nenhuma ferida nos nós dos dedos ou em outra parte das mãos. Ele não lutou. Foi pego de surpresa.* Inclinou-se adiante e espiou o ferimento enorme.

– Corte único e profundo. Provavelmente com uma faca.

– E Villem dan Robb deixou vazar algo muito importante – disse Severard.

– E nós temos um informante a menos – observou Glokta.

Hão havia sangue no corredor. *Nosso homem se esforçou bastante para não molhar os pés enquanto revistava o quarto, por mais que isso pareça uma bagunça. Ele não sentia raiva ou medo. Era só um serviço.*

– O matador era profissional – murmurou Glokta. – Veio aqui com o assassinato em mente. E depois talvez tenha feito esse pequeno esforço para dar a aparência de um roubo, quem sabe? De qualquer modo, o arquileitor não ficará satisfeito com um cadáver.

Ele olhou para seus dois práticos.

– Quem é o próximo da lista?

Dessa vez houvera luta, sem dúvida. *Ainda que unilateral.* Solimo Scandi estava esparramado de lado, voltado para a parede, como se estivesse sem graça devido ao estado de sua camisola cortada e rasgada. Havia cortes fundos nos antebraços. *De sua tentativa inútil de bloquear a lâmina.* Ele se arrastara pelo chão, deixando uma trilha sangrenta pela madeira muito polida. *Lutando em vão para fugir.* Havia fracassado. Os quatro enormes ferimentos à faca nas costas tinham sido o seu fim.

Glokta sentiu o rosto se retorcer enquanto olhava o cadáver ensanguentado. *Um corpo poderia ser coincidência. Dois significam conspiração.* Sua pálpebra estremeceu. *Quem fez isso sabia que nós vínhamos, quando e exatamente atrás de quem. Estão um passo à nossa frente. Muito provavelmente, nossa lista de cúmplices já virou uma lista de cadáveres.* Houve um rangido atrás de Glokta e sua cabeça girou rapidamente, lançando dores lancinantes pelo pescoço rígido. Era só a janela aberta balançando na brisa. *Calma, agora. Calma e pense direito.*

– Parece que a honorável Guilda dos Mercadores de Tecidos andou fazendo uma faxina.

– Como eles podiam saber? – murmurou Severard.

Como, de fato?

– Eles devem ter visto a lista de Rews ou foram informados de quem estava nela. – *E isso significa...* Glokta lambeu suas gengivas vazias. – Alguém de dentro da Inquisição andou falando demais.

Pela primeira vez os olhos de Severard não estavam rindo.

– Se eles sabem quem está na lista, sabem quem a escreveu. Sabem quem nós somos.

Então a lista deles teria mais três nomes? Ficariam para o final? Glokta riu. *Que empolgante!*

– Está com medo?

– Não estou feliz, isso posso dizer – falou, e apontou para o cadáver. – Levar uma faca nas costas não está nos meus planos.

– Nem nos meus, Severard, acredite. – *Não mesmo. Se eu morrer, nunca saberei quem nos traiu.*

E eu quero saber.

Um dia claro de primavera, sem nuvens, e o parque estava movimentado com toda a sorte de almofadinhas e vagabundos. Glokta permanecia imóvel em seu banco, à sombra misericordiosa de uma árvore frondosa, olhando para o verde reluzente, a água e seus reflexos, os felizes, os bêbados, os farristas animados. Havia pessoas espremidas nos bancos ao redor do lago, pares e grupos espalhados na grama, bebendo, falando e tomando sol. Parecia não haver espaço para mais gente.

Mas ninguém vinha sentar-se perto de Glokta. Ocasionalmente alguém se aproximava depressa, quase incapaz de acreditar na sorte de encontrar um lugar vazio, e então o via. O rosto da pessoa imediatamente demonstrava sua frustração e ela se desviava ou passava direto, como se jamais tivesse pensado em sentar-se. *Eu os afasto como a peste, mas talvez seja bom. Não preciso da companhia deles.*

Olhou um grupo de jovens soldados remando num barco no lago. Um deles se levantou, bamboleando, segurando uma garrafa na mão estendida. O barco balançou de modo alarmante e os companheiros gritaram para ele se abaixar. Ondas indistintas de gargalhadas chegaram pelo ar, um pouco retardadas pela distância. *Crianças. Como parecem jovens! Como parecem inocentes! E eu era assim, não faz muito tempo. Mas parecem mil anos. Mais. Parece um mundo diferente.*

– Glokta.

Ele ergueu os olhos, abrigando-os com a mão. Era o arquileitor Sult, chegando enfim, uma forma alta e escura contra o céu azul. Glokta achou que ele parecia um pouco mais cansado, mais enrugado, mais macilento do que o usual ao olhar para baixo com frieza.

– É melhor que isso seja importante. – Sult jogou para trás as abas de seu casaco branco e longo e sentou-se graciosamente. – Os plebeus estão em armas de novo perto de Keln. Algum senhor de terras idiota enforca um punhado de camponeses e agora temos uma confusão para resolver! Será que é tão difícil assim administrar um pedaço de terra e alguns agricultores? Não é preciso tratá-los bem, desde que você não os enforque!

Sua boca era uma linha reta e dura quando ele olhou os gramados.

– É melhor que isso seja muito importante – ressaltou.

Então tentarei não desapontá-lo.

– Villem dan Robb está morto.

Como se para dramatizar a declaração de Glokta, o soldado bêbado escorregou e despencou do bote, espirrando água. Os gritos e gargalhadas dos amigos alcançaram Glokta um instante depois.

– Foi assassinado – completou.

– Ah. Isso acontece. Pegue o próximo da lista – Sult foi dizendo conforme se levantava com uma ruga na testa. – Achei que você não precisaria da minha aprovação para tudo. Foi por isso que o escolhi para o serviço. Simplesmente vá adiante! – disse com rispidez enquanto se virava.

Não precisa correr, arquileitor. Esse é o problema das pernas boas: a pessoa tende a correr demais. Se você tem dificuldade para se deslocar, por outro lado, não se move até saber muito bem que chegou a hora.

– O próximo da lista também sofreu um infortúnio.

Sult se virou de volta, com uma sobrancelha erguida.

– Foi?

– Todos sofreram.

O arquileitor franziu os lábios e sentou de novo no banco.

– Todos?

– Todos.

– Hum. Interessante. Então os mercadores de tecidos estão fazendo uma limpeza? Eu não esperava algo tão implacável. Os tempos mudaram, sem dúvida, os tempos certamente...

Ele deixou o restante no ar, começando aos poucos a enrugar mais a testa.

– Você acha que alguém deu a eles a lista de Rews, não foi? Acha que um dos nossos andou falando demais. Por isso pediu que eu viesse aqui, não?

Você achou que eu só estava evitando a escada?

– Absolutamente todos mortos, todos os nomes da nossa lista. E na noite em que fomos prendê-los. Não sou muito de acreditar em coincidências. – *Você acredita, arquileitor?*

Evidentemente que não. Seu rosto tinha ficado muito sério.

– Quem viu a confissão?

– Eu e meus dois práticos, claro.

– Você tem confiança absoluta neles?

– Absoluta.

Houve uma pausa. O barco estava à deriva, sem remos, enquanto os soldados se agitavam com os remos no ar, o homem no lago espadanando e rindo,

espirrando água nos amigos.

– A confissão ficou algum tempo na minha sala – murmurou o arquileitor. – Alguns membros da minha equipe podem tê-la visto. Talvez.

– O senhor tem confiança absoluta neles, Eminência?

Sult encarou Glokta por um momento longo e gélido.

– Eles não ousariam. Eles me conhecem muito bem.

– Com isso resta o superior Kalyne – disse Glokta em voz baixa.

Os lábios do arquileitor mal se moveram à medida que ele falava.

– Vá com cuidado, inquisidor, com muito cuidado. Esse é um terreno nem um pouco seguro. Idiotas não se tornam superiores da Inquisição, apesar das aparências. Kalyne tem muitos amigos, tanto na Casa das Perguntas quanto fora dela. Amigos poderosos. Qualquer acusação contra ele deve ser sustentada por uma prova muito forte.

Sult parou de repente, esperando que um pequeno grupo de damas passasse e se afastasse o bastante para que não os ouvisse.

– Uma prova muito forte – sibilou, assim que elas ficaram longe. – Você precisa encontrar esse assassino.

É mais fácil falar do que fazer.

– Claro, Eminência, mas minha investigação chegou a uma espécie de beco sem saída.

– Não totalmente. Ainda temos uma carta na manga. O próprio Rews.

Rews?

– Mas, arquileitor, ele já deve estar em Angland. – *Suando numa mina ou algo assim. Se é que durou tanto.*

– Não. Ele está no Agriont, trancado. Achei melhor mantê-lo aqui.

Glokta fez o máximo para conter a surpresa. *Inteligente. Muito inteligente. Parece que os idiotas também não se tornam arquileitores.*

– Rews será a sua isca – prosseguiu o arquileitor. – Mandarei meu secretário levar uma mensagem a Kalyne, avisando que cedi. Que estou disposto a deixar que a Guilda dos Mercadores de Tecidos continue atuando, mas sob um controle mais rígido. Que, num gesto de boa vontade, soltarei Rews. Se Kalyne for a fonte do nosso vazamento, ouso dizer que ele avisará aos mercadores de tecidos que Rews está livre. Ouso dizer que eles mandarão o assassino castigá-lo pela língua solta. Ouso dizer que você poderia pegá-lo enquanto ele estiver tentando. Se o assassino não vier, bom, talvez tenhamos de procurar nosso traidor em outra parte, e não teremos perdido nada.

– Excelente plano, Eminência.

Sult o encarou com frieza.

– Claro. Você precisará de um lugar onde operar, longe da Casa das Perguntas.

Eu disponibilizarei a verba, mandarei que Rews seja entregue aos seus práticos e avisarei a você quando Kalyne tiver a informação. Encontre esse assassino, Glokta, e lhe dê um aperto. Esprema-o até que abra o bico.

O barco balançou loucamente conforme os soldados tentavam puxar o companheiro molhado para dentro, e de repente virou, derrubando todos na água.

– Quero nomes – sibilou Sult, olhando com irritação para os soldados espadanando. – Quero nomes, provas, documentos. E pessoas que se apresentem ao Conselho Aberto e apontem culpados – falou, levantando-se depois com um movimento elegante. – Mantenha-me informado.

Foi andando para a Casa das Perguntas, os pés fazendo barulho no cascalho do caminho, e Glokta ficou observando-o ir. *Plano excelente. Fico feliz por você estar do meu lado, arquileitor. Você está do meu lado, não está?*

Os soldados tinham conseguido puxar o barco virado até a margem e estavam de pé, pingando, gritando uns com os outros, não mais de bom humor. Um dos remos continuava flutuando, abandonado na água, indo gradualmente para onde o lago desaguava no riacho. Logo passaria por baixo da ponte e seria levado embora, sob as grandes muralhas do Agriont, saindo no fosso.

Glokta o observou girar lentamente na água. *Haviam cometido um erro. Alguém deveria cuidar dos detalhes. É fácil esquecer as coisas pequenas, mas sem o remo o barco é inútil.*

Deixou seu olhar percorrer alguns dos outros rostos no parque. Pousou-o num casal bonito sentado num banco junto ao lago. O rapaz falava baixinho com a jovem, com expressão triste e séria. Ela se levantou rapidamente, afastando-se dele com as mãos no rosto. *Ah, a dor do rompimento. A perda, a raiva, a vergonha. Parece que a pessoa nunca vai se recuperar. Qual foi o poeta que escreveu que não existe dor pior do que a de um coração partido? Bosta sentimental. Ele deveria ter passado mais tempo nas prisões do imperador.* Sorriu, abrindo a boca e lambendo as gengivas vazias onde antes ficavam seus dentes da frente. *Corações partidos se curam com o tempo, mas dentes quebrados, não.*

Olhou para o rapaz. Ele tinha uma expressão levemente divertida enquanto olhava a garota se afastar chorando. *Jovem canalha! Imagino se terá partido tantos corações quanto eu, na juventude. Agora isso não me parece possível. Levo meia hora só para juntar coragem para ficar de pé. As únicas mulheres que fiz chorar ultimamente foram as esposas dos que exilei para Angland...*

– Sand.

Glokta se virou.

– Lorde marechal Varuz, que honra!

– Ah, não, não – disse o velho soldado, sentando-se no banco com os

movimentos rápidos e precisos do mestre de esgrima. – Você parece bem – disse ele, mas sem verdade no olhar.

Quer dizer, pareço aleijado.

– Como vai, velho amigo?

Estou aleijado, seu asno velho pomposo. E amigo, é? Todos esses anos desde que voltei, e você nunca me procurou, nem uma vez sequer. Isso é amizade?

– Bastante bem, obrigado, lorde marechal.

Varuz se remexeu desconfortável no banco.

– Meu último aluno, o capitão Luthar... Você o conhece?

– Nós nos conhecemos.

– Você deveria ver a técnica dele. – Varuz balançou a cabeça com tristeza. – Ele tem talento, sem dúvida, mas jamais será como você, Sand.

Não sei, espero que um dia ele fique tão aleijado quanto eu.

– Mas tem muito talento, o bastante para vencer. Só que o está desperdiçando. Jogando fora.

Ah, que tragédia! Estou tão chateado que poderia vomitar. Se tivesse comido alguma coisa hoje de manhã.

– Ele é preguiçoso, Sand, e teimoso. Não tem coragem. Não tem dedicação. Seu coração não está nisso, e o tempo está correndo. Fiquei imaginando... se você tivesse tempo, claro – Varuz olhou nos olhos de Glokta só por um instante –, se poderia falar com ele por mim.

Mal posso esperar! Fazer um sermão para aquele asno lamuriento seria a realização de todos os meus sonhos. Seu imbecil velho e arrogante, como ousa? Você criou sua reputação a partir do meu sucesso e, quando precisei de ajuda, você me cortou. E agora vem a mim, pede minha ajuda e me chama de amigo?

– Claro, marechal Varuz, eu ficaria feliz em falar com ele. Qualquer coisa para um velho amigo.

– Excelente, excelente! Tenho certeza de que você fará toda a diferença! Eu o treino todas as manhãs, naquele pátio perto da Casa do Artífice, onde costumava treinar você...

O velho marechal deixou a frase no ar, sem jeito.

– Irei assim que meus deveres permitirem.

– Claro, os seus deveres...

Varuz já estava se levantando, evidentemente ansioso para ir embora. Glokta lhe estendeu a mão, fazendo o velho soldado parar um momento. *Não precisa se preocupar, lorde marechal, o que tenho não é contagioso.* Varuz a apertou frouxamente, depois murmurou um pedido de licença e foi andando de cabeça erguida. Os soldados molhados fizeram uma reverência e prestaram continência enquanto ele passava, um tanto envergonhados.

Glokta esticou a perna, imaginando se deveria se levantar. *E ir aonde? O mundo não vai terminar se eu ficar aqui mais um momento. Não há pressa. Pressa nenhuma.*

Uma oferta e um presente

– E AVANTE! – berrou o marechal Varuz.

Jezal fez uma estocada contra ele, os dedos dos pés se curvando nas bordas da trave, tentando desesperadamente manter o equilíbrio. Tentou uma ou duas estocadas sem jeito só para dar a impressão de que estava concentrado naquilo. As quatro horas de treinamento por dia estavam cobrando seu preço e ele se sentia mais do que apenas exausto.

Varuz franziu a testa e bateu de lado na espada de Jezal, movendo-se sem esforço ao longo da trave, como se fosse uma calçada inteira de um jardim.

– E para trás!

Jezal cambaleou para trás, apoiado nos calcanhares, o braço esquerdo girando de uma forma idiota em volta do corpo, numa tentativa de manter o equilíbrio. Tudo acima de seus joelhos doeu terrivelmente com o esforço. Abaixo dos joelhos estava muito, muito pior. Varuz tinha mais de 60 anos, porém não dava sinais de fadiga. Nem estava suando ao dançar sobre a trave, girando suas espadas. E Jezal ofegava mais e mais à medida que tentava aparar os golpes desesperadamente com a mão esquerda, muito desequilibrado, o pé direito livre no espaço, buscando a segurança da trave atrás dele.

– E avante!

Os tornozelos de Jezal estavam em agonia enquanto ele se atrapalhava para mudar de direção e golpear aquele velho irritante, mas Varuz não se moveu para trás. Em vez disso, abaixou-se para desviar do golpe inútil e usou o braço para

empurrar os pés de Jezal.

Jezal soltou um uivo quando o pátio virou de cabeça para baixo ao redor dele. Sua perna bateu dolorosamente na borda da trave, depois ele se esparramou de cara na grama, o queixo batendo no chão fazendo os dentes chacoalharem. Rolou uma curta distância e ficou caído de costas, ofegando como um peixe arrancado de súbito da água, a perna latejando onde havia colidido com a trave. Teria mais um hematoma feio de manhã.

– Péssimo, Jezal, péssimo! – exclamou o velho soldado ao saltar com agilidade na grama. – Você oscila na trave como se estivesse numa corda bamba!

Jezal rolou, xingando, e começou a se levantar rigidamente.

– É um pedaço de carvalho sólido, com largura suficiente para você se perder!

O lorde marechal ilustrou isso batendo na trave com sua espada curta e fazendo lascas voarem.

– Achei que o senhor tinha dito avante – reclamou Jezal.

As sobrancelhas de Varuz se ergueram notoriamente.

– Você acha mesmo, capitão Luthar, que Bremer dan Gorst dá informações confiáveis aos oponentes sobre suas intenções?

Bremer dan Gorst estará tentando me vencer, seu velho de merda! Você deveria me ajudar a vencê-lo! Isto foi o que Jezal pensou, mas sabia que era melhor não falar. Apenas balançou a cabeça feito um idiota.

– Não! Não dá mesmo! Ele faz todos os esforços para enganar e confundir os oponentes, como devem fazer os bons espadachins! – falou Varuz e começou a andar de um lado para o outro, balançando a cabeça.

Mais uma vez Jezal pensou em desistir de tudo. Estava cansado de cair exausto na cama toda noite, num horário em que deveria simplesmente estar começando a ficar bêbado; cansado de acordar todo dia de manhã com hematomas e dores, para enfrentar mais quatro horas intermináveis de corrida, trave, barra, prática de técnica. Estava cansado de levar pancadas do major West na bunda. Acima de tudo, estava cansado de ser maltratado por esse velho idiota.

–... uma apresentação deprimente, capitão, muito deprimente. Acredito que, na verdade, você esteja piorando...

Jezal nunca venceria o Campeonato. Ninguém esperava isso, muito menos ele. Então por que não desistir e voltar ao baralho e às farras noturnas? Não era só isso que ele realmente desejava da vida? Mas então o que iria destacá-lo entre mil outros jovens filhos de nobres? Tinha decidido muito antes que desejava ser especial. Um lorde marechal, talvez, e depois lorde camarista. Algo grandioso e importante. Queria uma cadeira influente no Conselho Fechado e tomar grandes decisões. Queria que as pessoas sorrissem para ele e o adulassem e que se apegassem a cada palavra sua. Queria que sussurrassem “Lá vai lorde Luthar!”

enquanto ele passava. Será que seria feliz permanecendo para sempre uma versão mais rica, mais inteligente e mais bonita do tenente Brint? Argh! Não devia pensar isso.

–... temos um caminho muito longo a percorrer e não temos tempo suficiente para chegar lá, a não ser que você mude de atitude. Seus golpes são lamentáveis, sua energia continua baixa e, com relação ao equilíbrio, quanto menos falarmos sobre isso, melhor...

E o que todo mundo pensaria se ele desistisse? O que seu pai faria? O que seus irmãos diriam? E os outros oficiais? Ele pareceria covarde. E havia Ardee West. Ela aparecia muito em sua mente nos últimos dias. Será que ela se inclinaria para tão perto dele se não lutasse? Falaria com ele em tom tão suave? Riria de suas piadas? Iria espiá-lo com aqueles olhos grandes, escuros, de modo que ele quase pudesse sentir seu hálito no rosto...

– Está ouvindo, garoto? – trovejou Varuz.

Jezal sentiu um bocado do hálito dele no rosto, sem dúvida, e um bocado de saliva também.

– Sim, senhor! Golpes lamentáveis, energia baixa! – reagiu Jezal nervoso, engolindo em seco. – Quanto menos falar sobre o equilíbrio, melhor.

– Isso mesmo! Estou começando a pensar que na verdade você não está com a cabeça nisso. Se bem que mal posso crer em algo assim, depois do trabalho que você tem me dado. – rosnou, encarando Jezal com irritação. – O que acha, major?

Não houve resposta. O major West estava jogado em sua cadeira, braços cruzados, franzindo a testa sério e olhando para o espaço.

– Major West? – disse rispidamente o lorde marechal.

Ele levantou os olhos de súbito, como se apenas então percebesse a presença dos outros dois.

– Desculpe, senhor, eu estava distraído.

– Estou vendo – falou Varuz e sugou ar entre os dentes. – Parece que ninguém está concentrado esta manhã.

Era um grande alívio que parte da raiva de Varuz tivesse sido desviada para outro lugar, mas a felicidade de Jezal não durou muito.

– Muito bem – disse o velho marechal. – Se é assim que você quer, capitão Luthar, a partir de amanhã começaremos cada sessão nadando no canal. Dois ou três quilômetros devem bastar.

Jezal trincou os dentes para não soltar um grito.

– A água fria é ótima para aguçar os sentidos – prosseguiu o marechal. – E talvez precisemos começar um pouquinho mais cedo, para pegar você num estado mental mais receptivo. Isso significa que iniciaremos às cinco. Enquanto

isso, capitão Luthar, sugiro que reflita se está aqui para vencer o Campeonato ou simplesmente pelo prazer da minha companhia.

Dito isso, o marechal deu meia-volta e foi se afastando.

Jezal esperou até que Varuz tivesse saído do pátio antes de perder as estribeiras. Assim que teve certeza de que o velho não o ouviria, jogou suas espadas contra a parede, furioso.

– Maldição! – gritou quando as espadas caíram no chão com estardalhaço. – Merda! – Olhou em volta procurando algo para chutar que não doesse muito. Seu olhar pousou na perna da trave, mas ele calculou mal o chute e teve de se conter para não agarrar o pé machucado e ficar pulando feito idiota. – Merda, merda! – gritou furioso.

West ficou pouquíssimo impressionado. Levantou-se, franzindo a testa, e fez menção de seguir o marechal Varuz.

– Aonde você vai? – perguntou Jezal.

– Embora – respondeu West por cima do ombro. – Já vi o bastante.

– O que isso quer dizer?

West se virou e parou para olhá-lo.

– Por mais espantoso que pareça, existem problemas maiores do que isso no mundo.

Jezal ficou boquiaberto ao ver West deixar o pátio.

– Quem você acha que é? – gritou, assim que teve certeza de que ele tinha ido embora. – Merda, merda!

Pensou em dar outro chute na trave, mas achou melhor não.

No caminho de volta aos seus aposentos, Jezal estava de péssimo humor, por isso ficou longe das áreas mais movimentadas do Agriont, mantendo-se nas ruas mais calmas e nos jardins das laterais da via do Rei. Conforme andava, ia olhando irritado para os pés, com a intenção de desencorajar qualquer contato social. Mas a sorte não estava do seu lado.

– Jezal!

Era Kaspa, que passeava com uma garota de cabelos louros e roupas caras. Com eles estava uma severa mulher de meia-idade, sem dúvida a governanta da jovem, ou algo assim. Tinham parado para admirar algumas esculturas de pouca importância numa área pouco visitada.

– Jezal! – gritou Kaspa de novo, balançando o chapéu acima da cabeça.

Não havia como evitá-los. Jezal grudou um sorriso pouco convincente no rosto e foi andando. A garota pálida sorriu ao vê-lo se aproximar, mas se era para o rapaz ficar encantado, não funcionou.

– Andou esgrimindo de novo, Luthar? – perguntou Kaspa a propósito de nada.

Jezal estava suado e carregava um par de espadas de esgrima. Qualquer um sabia que ele treinava todas as manhãs. Não era necessário possuir uma mente brilhante para fazer aquela dedução – o que era uma sorte, porque certamente Kaspa não possuía uma.

– Andei. Como adivinhou?

Jezal não pretendia acabar com a conversa de forma tão enfática, por isso preparou seu melhor risinho falso, o que fez os sorrisos das damas logo retornarem.

– Rá, rá – gargalhou Kaspa, sempre disposto a ser motivo de piada. – Jezal, quero apresentar minha prima, Lady Ariss dan Kaspa. Este é o meu oficial superior, o capitão Luthar.

Então esta era a famosa prima. Uma das herdeiras mais ricas da União, de uma família excelente. Kaspa vivia falando que ela era uma beldade, mas para Jezal a garota parecia uma coisa pálida, magricela e com cara de doente. Ela deu um sorriso débil e estendeu a mão frouxa e branca.

Ele a roçou com o mais superficial dos beijos.

– Encantado – murmurou sem prazer. – Devo pedir desculpas pela minha aparência, estava treinando esgrima.

– É – guinchou ela, numa voz aguda e estridente, assim que teve certeza de que ele havia terminado de falar. – Ouvi dizer que você é um grande esgrimista.

Houve uma pausa enquanto ela procurava algo para dizer, então seus olhos se iluminaram:

– Diga, capitão, a esgrima é mesmo muito perigosa?

Que baboseira mais sem graça!

– Ah, não, senhorita, só usamos lâminas sem corte.

Ele poderia ter dito mais, porém de jeito nenhum faria o esforço necessário para isso. Deu um pequeno sorriso. Ela também. A conversa pairou sobre o abismo. Tendo exaurido o assunto da esgrima, Jezal já ia pedir licença para ir embora, mas Ariss o interrompeu, entrando em outro tópico.

– E diga, capitão, há realmente chances de uma guerra no Norte?

No fim da frase a voz dela havia se esvaído quase totalmente, no entanto a acompanhante a observava com ar aprovador, sem dúvida deliciada com a habilidade de conversa da jovem aos seus cuidados.

Me poupe!

– Bom, parece... – começou Jezal.

Os olhos claros e azuis de Lady Ariss o encaravam cheios de expectativa. Olhos azuis são uma porcaria, refletiu ele. Imaginou em que assunto ela seria mais ignorante: esgrima ou política?

– O que você acha? – provocou ele.

A testa da dama de companhia se franziu ligeiramente. Lady Ariss pareceu um tanto perplexa, ruborizando de leve ao procurar as palavras.

– Bom, é... quer dizer... tenho certeza de que tudo vai... acabar bem?

Graças ao destino!, pensou Jezal, *Estamos salvos!* Ele precisava sair dali.

– Claro, tudo vai acabar bem – falou ele, forçando mais um sorriso. – Foi um verdadeiro prazer conhecê-la, porém, infelizmente, estarei de serviço daqui a pouco, por isso devo deixá-los. – Ele se curvou com uma formalidade fria. – Tenente Kaspa, Lady Ariss.

Kaspa lhe deu um tapa no braço, amigável como sempre. Sua prima ignorante e sem graça sorriu, insegura. A governanta franziu a testa enquanto ele passava, mas Jezal não deu importância.

Jezal chegou à rotunda dos Lordes assim que os membros do conselho estavam retornando do recesso do almoço. Cumprimentou os guardas do vestíbulo com um aceno rígido de cabeça e entrou pela porta enorme, passando pelo corredor central. Uma coluna dispersa dos maiores pares do reino vinha logo atrás dele e podiam-se ouvir ecos de passos arrastados, resmungos e sussurros, à medida que o capitão seguia junto à parede em curva até seu lugar atrás da mesa alta.

– Como foi o treino de esgrima?

Era Jalenhorm, que supreendentemente aparecera cedo e aproveitava a oportunidade para falar antes que o lorde camarista chegasse.

– Já tive manhãs melhores. E você?

– Ah, andei me divertindo bastante. Conheci a tal prima do Kaspa, sabe, a...

Ele ficou procurando o nome. Jezal suspirou.

– Lady Ariss – socorreu.

– É, isso mesmo! Você a viu?

– Tive a sorte de esbarrar com eles agora mesmo.

– Nossa! – exclamou Jalenhorm, quase assoviando. – Ela não é estonteante?

– Hum...

Jezal desviou o olhar, cheio de tédio, e observou as figuras importantes vestidas em mantos com acabamentos em pele ocuparem devagar seus lugares. Ou pelo menos observou uma amostra dos filhos menos favoritos e dos representantes pagos das figuras importantes. Nos últimos tempos, poucos magnatas apareciam pessoalmente para o Conselho Aberto, a não ser que tivessem algo importante a reclamar. Muitos nem se incomodavam em mandar alguém no lugar deles.

– Juro, é uma das garotas mais bonitas que já vi. Sei que Kaspa vive falando maravilhas dela, mas não chega a lhe fazer justiça.

– Hum.

Os conselheiros começaram a se espalhar, cada um se dirigindo à sua cadeira. A rotunda dos Lordes era projetada como um anfiteatro, e os principais nobres da União se sentavam onde ficariam os espectadores, num grande semicírculo de assentos com um corredor abaixo, no meio.

Como no anfiteatro, alguns lugares eram melhores do que outros. Os membros menos relevantes sentavam no alto, ao fundo, e a importância dos ocupantes aumentava à medida que se avançava para a frente. A primeira fila era reservada para os cabeças das famílias mais importantes – ou quem eles mandavam em seu lugar. Representantes do Sul, de Dagoska e Westport, ficavam à esquerda, mais perto de Jezal. Na extrema direita sentavam-se os do Norte e do Oeste, de Angland e Starikland. O maior número de cadeiras, na área central, era para a antiga nobreza da Terra do Meio, o coração da União. A União propriamente dita, como eles consideravam. Como Jezal também considerava, por sinal.

– Que postura, que graça! – matraqueava Jalenhorm. – Aquele cabelo maravilhoso, aquela pele branca como leite, aqueles olhos azuis fantásticos.

– E todo aquele dinheiro.

– É, isso também – sorriu o grandalhão. – Kaspa diz que o tio é ainda mais rico do que o pai dele. Imagine! E só tem uma filha. Ela vai herdar cada marco. Cada marco! – Jalenhorm mal conseguia conter a empolgação. – Quem conseguir fisgá-la será um homem de sorte! Qual era o nome dela, mesmo?

– Ariss – respondeu Jezal, azedo.

Os lordes ou seus representantes tinham arrastado os pés e resmungado até seus lugares. Era um comparecimento fraco: menos da metade dos bancos estava ocupada. E era assim que costumava ficar. Se a rotunda dos Lordes fosse de fato um anfiteatro, seus donos estariam desesperados em busca de outro espetáculo.

– Ariss. Ariss. – Jalenhorm estalou os lábios como se o nome deixasse um gosto doce. – O homem que ficar com ela será um sortudo.

– É mesmo. Sortudo.

Desde que prefira dinheiro a uma boa conversa. Jezal achou que talvez preferisse casar-se com a governanta. Pelo menos ela parecia ter um pouco de tutano.

O lorde camarista havia entrado no salão e se dirigia para o tablado onde ficava a mesa elevada, exatamente onde seria o palco se a rotunda fosse um anfiteatro. Era seguido por um bando de secretários e funcionários vestidos de preto, cada um deles sobrecarregado com livros pesados e maços de documentos. Com suas vestes oficiais carmim balançando à medida que andava,

lorde Hoff parecia uma ave rara e imponente, seguida por um bando de corvos incômodos.

– Aí vem o velho vinagre – sussurrou Jalenhorm, dirigindo-se até seu lugar no outro lado da mesa. Jezal pôs as mãos às costas e assumiu a postura usual, os pés um pouco afastados, o queixo bem erguido. Passou o olhar pelos soldados, posicionados a espaços regulares ao longo da parede em curva, mas cada um deles estava imóvel e impecavelmente apresentado em armadura completa, como sempre. Respirou fundo e se preparou para várias horas de extremo tédio.

O lorde camarista se jogou em sua cadeira alta e pediu vinho. Os secretários ocuparam os lugares ao redor, deixando espaço no centro para o rei, que, como sempre, estava ausente. Documentos foram folheados, grandes livros foram abertos, penas foram afiadas e chacoalharam em tinteiros. O anunciador andou até a extremidade da mesa e bateu o cajado do cargo no chão, pedindo ordem. Os sussurros dos nobres e seus representantes e dos poucos espectadores na galeria pública acima da cabeça deles morreu gradualmente, deixando a vasta câmara em silêncio.

O anunciador estufou o peito.

– Declaro esta reunião – disse, em tom lento e sonoro, como se estivesse fazendo o elogio fúnebre num enterro – do Conselho Aberto da União... – e fez uma pausa longa e desnecessária.

Os olhos do lorde camarista se viraram irritados para ele, mas o anunciador não permitiria que lhe roubassem o momento de glória. Fez todo mundo esperar um instante a mais antes de terminar:

–... aberta!

– Obrigado – disse Hoff, azedo. – Acho que íamos ouvir o representante do lorde governador de Dagoska antes de sermos interrompidos para o almoço.

O som raspado de pontas de penas acompanhava sua voz enquanto dois escrivães registravam cada palavra. Os leves ecos das penas se fundiam com os ecos das palavras no grande espaço acima.

Um homem idoso se levantou com dificuldade na primeira fila, perto de Jezal, com alguns papéis nas mãos trêmulas.

– O Conselho Aberto – entoou o anunciador, o mais lentamente que ousou – dá a palavra a Rush dan Thuel, representante aceito de Sand dan Vurms, o lorde governador de Dagoska!

– Obrigado, senhor.

A voz desafinada e fraca de Thuel parecia sumir no espaço vasto. Mal chegava até Jezal, e ele não estava a mais de dez passos de distância.

– Lordes – começou o homem.

– Fale alto! – gritou alguém no fundo.

Houve um ondular de gargalhadas. O velho pigarreou e tentou de novo.

– Lordes, venho diante dos senhores com uma mensagem urgente do lorde governador de Dagoska.

No fim da frase, sua voz já havia voltado ao volume original, praticamente inaudível, cada palavra acompanhada pelo raspar persistente das penas. Sussurros começaram a emanar da galeria pública acima, tornando ainda mais difícil escutá-lo.

– A ameaça apresentada àquela grande cidade pelo imperador de Gurkhul aumenta a cada dia que passa.

Vagos sons de desaprovação começaram a chegar do lado mais distante da sala, onde os representantes de Angland estavam sentados, mas o grosso dos conselheiros simplesmente parecia entediado.

– Ataques contra embarcações, molestações contra comerciantes e manifestações fora das nossas muralhas compeliram o lorde governador a me enviar...

– Sorte nossa! – gritou alguém.

Houve outra onda de gargalhadas, desta vez ligeiramente mais alta.

– A cidade é construída numa península estreita – persistiu o velho, esforçando-se para ser ouvido acima do ruído cada vez mais alto – ligada a uma terra totalmente controlada por nossos terríveis inimigos, os gurkenses, e separada da Terra do Meio por amplas léguas de água salgada! Nossas defesas não são como deveriam! O lorde governador necessita tremendamente de mais verbas...

A menção a verbas provocou um tumulto instantâneo na assembleia. A boca de Thuel ainda estava se movendo, mas agora não havia chance de ouvi-lo. O lorde camarista franziu a testa e tomou um gole de sua taça. O escrivão mais distante de Jezal havia pousado a pena e estava esfregando os olhos com o polegar e o indicador sujos de tinta. O mais próximo havia acabado de terminar uma linha. Jezal se inclinou para ver. Ela dizia simplesmente:

Alguns gritos aqui.

O anunciador bateu seu cajado nos ladrilhos com um ar de grande satisfação. O burburinho acabou morrendo, mas agora Thuel fora tomado por um ataque de tosse. Tentou falar, mas não conseguiu e acabou apenas balançando a mão e sentando-se, com o rosto muito vermelho, enquanto seu vizinho lhe dava um tapa com força nas costas.

– Por favor, lorde camarista – gritou um rapaz elegante na primeira fila do outro lado do corredor, pondo-se de pé e fazendo o raspar das penas recomeçar. – Parece-me...

– O Conselho Aberto – interrompeu o anunciador – dá a palavra a Hersel dan

Meed, terceiro filho e representante aceito de Fedor dan Meed, lorde governador de Angland!

– Parece-me – continuou o rapaz bonito, apenas ligeiramente incomodado com a interrupção – que nossos amigos do Sul vivem esperando um ataque em grande escala por parte do imperador!

Agora vozes contrárias se levantavam do outro lado da sala.

– Um ataque que jamais se materializa! Não derrotamos os gurkenses há apenas uns poucos anos, ou será que minha memória me falha?

O volume das vaias aumentou.

– Esse discurso do medo representa uma sangria inaceitável nos recursos da União! – gritava para ser ouvido. – Em Angland temos muitos quilômetros de fronteira e muito poucos soldados, ao passo que a ameaça de Bethod e seus nórdicos é muito real! Se alguém precisa de verbas...

A reação redobrou instantaneamente. Gritos de “Ouçam, ouçam!”, “Absurdo!”, “Verdade!” e “Mentira!” podiam ser vagamente identificados acima do burburinho. Vários representantes estavam de pé, gritando. Alguns assentiam com vigor, concordando, alguns balançavam a cabeça violentamente, discordando. Outros bocejavam e olhavam ao redor. Jezal pôde ver um sujeito, perto do fundo e no centro, que quase com certeza estava dormindo e corria perigo iminente de cair no colo do vizinho.

Permitiu que seu olhar vagueasse, passando pelos rostos enfileirados ao redor da balaustrada da galeria pública. Sentiu uma estranha pontada no peito. Ardee West estava lá em cima, olhando diretamente para ele. Quando seus olhares se encontraram, ela sorriu e acenou. Ele também estava sorrindo, com o braço na metade do caminho para acenar, quando se lembrou de onde se encontrava. Levou o braço para as costas e olhou ao redor, nervoso, mas ficou aliviado ao descobrir que ninguém importante havia notado seu erro. No entanto, o sorriso não abandonou seu rosto.

– Meus lordes! – rugiu o lorde camarista, batendo com o cálice vazio na mesa alta.

Ele possuía a voz mais alta que Jezal já ouvira. Até o marechal Varuz poderia aprender uma ou duas coisas sobre gritos com Hoff. O homem adormecido levou um susto, fungou e piscou. O barulho morreu quase de imediato. Os representantes que estavam de pé olharam ao redor, cheios de culpa, como crianças bagunceiras levando uma bronca, e sentaram-se gradualmente. Os sussurros da galeria pública cessaram. A ordem foi restaurada.

– Meus lordes! Posso garantir que o rei não tem preocupação mais séria do que a segurança de seus súditos, não importa onde estejam! A União não permite agressões contra seu povo ou suas propriedades! – Hoff pontuava cada

comentário batendo com o punho na mesa. – Seja do imperador de Gurkhul, daqueles selvagens do Norte ou de qualquer outro!

Ele bateu na mesa com tanta força neste último comentário que a tinta espirrou de um tinteiro e escorreu sobre os documentos cuidadosamente preparados de um dos escrivães. Gritos de concordância e apoio receberam a demonstração patriótica do lorde camarista.

– Quanto à circunstância específica de Dagoska...

Thuel levantou a cabeça, esperançoso, o peito ainda sacudindo com a tosse que ele tentava controlar.

–... essa cidade não possui algumas das defesas mais poderosas e extensas do mundo? Não resistiu a um cerco por parte dos gurkenses há menos de uma década, durante mais de um ano? O que foi feito das muralhas, senhor, das muralhas?

A grande sala ficou em silêncio à medida que todos se esforçavam para ouvir a resposta.

– Lorde camarista – chiou Thuel, a voz quase esmagada enquanto um dos escrivães virava a página de seu livro enorme e começava a escrever na outra –, as defesas estão precisando de reparos e carecemos de soldados para guarnecê-las adequadamente. O imperador inimigo não ignora isso – sussurrou ele, praticamente inaudível. – Eu imploro...

E ele se dissolveu em outro ataque de tosse e se deixou cair no assento, acompanhado por algumas zombarias leves por parte da delegação de Angland.

Hoff franziu a testa mais profundamente ainda.

– Pelo que eu sei, as defesas da cidade deveriam ser mantidas por dinheiro levantado localmente e por taxas de comércio cobradas da honorável Guilda dos Mercadores de Especiarias, que há sete anos operaram em Dagoska com uma licença exclusiva e altamente lucrativa. Se não podem encontrar recursos nem mesmo para manter as muralhas – e ele varreu a assembleia com o olhar sombrio –, talvez seja hora de essa licença ser oferecida a quem pague mais.

Houve uma saraivada de murmúrios irados na galeria pública.

– De qualquer modo, a Coroa não pode abrir mão de mais verbas no momento.

Reações insatisfeitas vieram do lado da sala ocupado pelos representantes de Dagoska e gritos de aprovação chegaram do lado de Angland.

– Quanto à circunstância específica de Angland – trovejou o lorde camarista, virando-se para Meed –, acho que em breve poderemos ter boas notícias para levar a seu pai, o lorde governador.

Uma nuvem de sussurros agitados se ergueu até a cúpula dourada. O rapaz bonito pareceu agradavelmente surpreso, o que não era de espantar. Era raro

alguém levar uma boa notícia do Conselho Aberto, ou mesmo qualquer notícia, por sinal.

Thuel havia recuperado o controle dos pulmões e abriu a boca para falar, mas foi interrompido por uma batida forte na enorme porta que ficava atrás da mesa elevada. Os lordes ergueram os olhos surpresos e cheios de expectativa. O lorde camarista sorriu como um mágico que tivesse finalmente realizado um truque excepcionalmente difícil. Sinalizou aos guardas, as pesadas trancas de ferro foram puxadas e as grandes portas cheias de relevos se abriram lentamente, rangendo.

Oito cavaleiros do Grupo usando armaduras reluzentes, o rosto oculto atrás de elmos altos e polidos, magníficos em suas capas púrpura com um sol dourado nas costas, desceram batendo os pés em uníssono nos degraus e ocuparam seus lugares dos dois lados da mesa elevada. Eram seguidos de perto por quatro trombeteiros, que se enfileiraram com elegância, levaram os instrumentos reluzentes aos lábios e produziram um clangor de ensurdecer. Jezal trincou os dentes, que chacoalharam, e estreitou os olhos, até que por fim os ecos agudos cessaram. O lorde camarista se virou com raiva para o anunciador, que olhava boquiaberto os recém-chegados:

– E então? – sibilou Hoff.

O anunciador despertou:

– Ah... sim, claro! Senhores e senhoras, tenho a grande honra de apresentar... – ele parou e puxou todo o ar que seus pulmões permitiram –... Sua Alteza Imperial, rei de Angland, de Starikland e da Terra do Meio, protetor de Westport e Dagoska, Sua Augusta Majestade, Guslav V, rei supremo da União!

Houve um grande farfalhar ruidoso enquanto cada homem e mulher no salão se levantava e em seguida se curvava sobre um dos joelhos.

A liteira real passou devagar pela porta, carregada nos ombros de mais seis cavaleiros de rosto oculto. O rei vinha numa cadeira dourada, apoiado em almofadas refinadas e oscilando gentilmente de um lado para o outro. Olhava ao redor com a expressão espantada de alguém que tivesse ido dormir bêbado e acordasse num quarto desconhecido.

Sua aparência era medonha. Enormemente gordo, refestelado como uma grande montanha envolta em peles e seda vermelha, a cabeça espremida nos ombros pelo peso da coroa enorme e reluzente. Seus olhos eram vítreos e estufados, com enormes olheiras, e a ponta rosada da língua ficava saltando nervosamente sobre os lábios pálidos. Tinha uma grande papada e um rolo de gordura em volta do pescoço, na verdade todo o rosto parecia ter derretido ligeiramente e estar escorrendo do crânio. Era esse o rei supremo da União, mas mesmo assim Jezal baixou a cabeça um pouco mais conforme a liteira se

aproximava.

– Ah – balbuciou Sua Augusta Majestade, como se tivesse se esquecido de alguma coisa. – Por favor, levantem-se.

O ruído farfalhante encheu o salão de novo enquanto todo mundo se levantava e retornava aos assentos. O rei se virou para Hoff, com a testa em rugas profundas, e Jezal o ouviu dizer:

– Por que estou aqui?

– Os nórdicos, Majestade.

– Ah, sim! – Os olhos do rei se iluminaram. Ele fez uma pausa. – O que é que tem?

– É...

O lorde camarista foi poupado de responder quando a porta no lado oposto da sala foi aberta, aquela por onde Jezal havia entrado. Dois homens estranhos passaram e avançaram pelo corredor.

Um era um guerreiro velho, cego de um olho, com cabelos grisalhos e uma cicatriz no rosto e que carregava uma caixa pequena e comprida de madeira. O outro usava capa e capuz, com todas as feições escondidas, e era tão grande que fazia a sala parecer fora de proporção. Os bancos, as mesas, até os guardas subitamente lembraram miniaturas feitas para crianças brincarem. Enquanto ele passava, alguns representantes mais próximos do corredor se encolheram e se afastaram. Jezal franziu a testa. Aquele gigante encapuzado não inspirava boas notícias, independentemente do que lorde Hoff dissesse. Murmúrios raivosos e cheios de suspeita preencheram a cúpula ecoante à medida que os dois nórdicos ocupavam seu lugar no piso de ladrilhos diante da mesa elevada.

– Majestade – disse o anunciador, inclinando-se tanto em sua reverência que teve de passar pelo ridículo de se apoiar no cajado. – O Conselho Aberto dá a palavra a Fenris, o Temível, enviado de Bethod, rei dos nórdicos, e seu tradutor, Hansul Olho Branco!

O rei estava olhando encantado na direção de uma das grandes janelas na parede em curva, absolutamente distraído, talvez admirando o modo como a luz brilhava através do lindo vitral, mas olhou subitamente ao redor, as papadas vibrando, quando o velho guerreiro meio cego se dirigiu a ele.

– Majestade, trago cumprimentos fraternos de meu senhor, Bethod, rei dos nórdicos.

A rotunda ficara muito silenciosa e o barulho das penas dos escrivães parecia absurdamente alto. Com um sorriso sem jeito, o guerreiro assentiu para a grande silhueta encapuzada ao seu lado.

– Fenris, o Temível, traz uma oferta de Bethod ao senhor. De um rei para um rei. Do Norte para a União. Uma oferta e um presente – falou, exibindo a caixa

de madeira.

O lorde camarista riu, satisfeito consigo mesmo.

– Primeiro fale da oferta.

– É uma oferta de paz. Uma paz eterna entre nossas duas grandes nações.

Olho Branco fez outra reverência. Seus modos eram impecáveis, Jezal tinha de admitir. Não era o que se esperaria de selvagens do Norte frio e distante. Sua fala graciosa quase bastaria para acalmar a sala, não fosse o homem encapuzado junto dele, que parecia uma sombra tenebrosa.

Mas o rosto do rei se retorceu num sorriso débil diante dessa menção à paz.

– Bom – murmurou ele. – Excelente. Paz. Ótimo. Paz é bom.

– Em troca ele pede apenas uma pequena coisa – disse Olho Branco.

O rosto do lorde camarista ficara subitamente azedo, mas era tarde demais.

– Ele só precisa dizer o que é – disse o rei, com um sorriso indulgente.

O homem encapuzado deu um passo adiante.

– Angland – sibilou.

Houve um momento de silêncio e em seguida o salão explodiu em sons. Uma tempestade de gargalhadas incrédulas veio da galeria superior. Meed estava de pé, gritando e com o rosto vermelho. Thuel se levantou com dificuldade do banco, depois caiu de volta, tossindo. Gritos furiosos foram acompanhados por vaias de escárnio. O rei olhava ao redor com toda a dignidade de um coelho espantado.

O olhar de Jezal permanecia fixo no homem encapuzado. Viu uma grande mão deslizar para fora da manga e ir até o fecho da capa. Piscou de surpresa. A mão era azul? Ou seria apenas um truque da luz passando pelo vitral? A capa caiu no chão.

Jezal engoliu em seco, as batidas fortes do coração ecoando nos ouvidos. Era como ver um ferimento terrível: quanto mais sentia repulsa, menos conseguia afastar o olhar. As gargalhadas morreram, os gritos morreram, o grande espaço ficou terrivelmente silencioso outra vez.

Fenris, o Temível, parecia ainda maior sem a capa, erguendo-se altíssimo acima do tradutor. Sem qualquer dúvida era o maior homem que Jezal já vira, se é que era um homem. Seu rosto se mantinha num movimento constante, retorcendo-se, com ar de desprezo. Os olhos saltados se remexiam e piscavam mirando loucamente a assembleia ao redor. Os lábios finos sorriam, faziam careta e se franziam de forma intercalada, jamais imóveis. Mas tudo isso parecia comum, em comparação com sua característica mais estranha.

Todo o seu lado esquerdo, da cabeça ao pé, era coberto de escritas.

Caracteres raivosos entrelaçados cobriam a metade esquerda da cabeça raspada, a pálpebra, os lábios, o couro cabeludo, a orelha. O enorme braço

esquerdo era tatuado em azul com uma escrita minúscula, desde o ombro volumoso até as pontas dos dedos compridos. Até o pé esquerdo, descalço, era coberto por letras estranhas. Um monstro enorme, inumano, pintado, no coração do governo da União. Jezal ficou boquiaberto.

Ao redor da mesa elevada estavam quatorze cavaleiros do Grupo e cada um deles era um lutador muito bem treinado e de bom sangue. Haveria uns quarenta guardas da companhia de Jezal junto às paredes e cada um deles era um veterano experiente. Estavam em maior número do que aqueles nórdicos, numa relação de mais de vinte para um, bem armados e com o melhor aço que os arsenais do rei poderiam fornecer. Fenris, o Temível, não tinha arma. Apesar de todo o seu tamanho e da sua estranheza, não deveria representar ameaça para eles.

Mas Jezal não se sentia seguro. Sentia-se sozinho, fraco, desamparado e terrivelmente assustado. Sua pele pinicava, a boca estava seca. Sentia uma ânsia súbita de fugir, esconder-se e nunca mais aparecer.

E esse efeito estranho não se limitara a ele, ou mesmo aos que se encontravam ao redor da mesa elevada. Os risos raivosos se transformaram em gorgolejos de choque conforme o monstro pintado se virava lentamente no centro do piso circular, os olhos inquietos a saltar pela multidão. Meed se encolheu em seu banco, com toda a raiva esvaída. Umas duas figuras importantes da primeira fila chegaram a pular por cima do encosto das cadeiras, indo parar na fileira de trás. Outros desviavam o olhar ou cobriam o rosto com as mãos. Um dos soldados deixou a lança cair com estardalhaço.

Fenris, o Temível, virou-se devagar para a mesa elevada, erguendo o grande punho tatuado e abrindo a boca enorme como um precipício enquanto um espasmo hediondo percorria seu rosto.

– Angland! – gritou ele, muito mais alto e mais terrível do que o lorde camarista jamais conseguira, e os ecos de sua voz ricochetearam na cúpula do teto, ressoaram nas paredes em curva, preencheram o amplo espaço com um som cortante.

Um dos cavaleiros do Grupo tropeçou e escorregou ao dar um passo para trás. Sua perna, coberta pela armadura, fez barulho ao bater na borda da mesa elevada.

O rei se encolheu e cobriu o rosto com a mão, um olho aterrorizado espiando por entre os dedos, a coroa se inclinando na cabeça.

A pena de um dos escrivães caiu dos dedos fracos. A mão do outro se moveu sobre o papel por hábito à medida que sua boca se abria, rabiscando uma palavra confusa, diagonalmente, sobre as linhas escritas acima.

Angland.

O rosto do lorde camarista havia ficado muito pálido. Ele estendeu a mão

lentamente para seu cálice, levou-o aos lábios. Estava vazio. Colocou-o com cuidado de volta na mesa, mas sua mão trêmula fez o pé do cálice oscilar na madeira. Fez uma pausa momentânea, respirando pesadamente pelo nariz.

– Obviamente esta oferta é inaceitável.

– Isso é uma infelicidade – disse Hansul Olho Branco. – Mas ainda assim há o presente.

Todos os olhares se voltaram para ele.

– No Norte temos uma tradição. Ocasionalmente, quando há desentendimento entre dois clãs, quando há ameaça de guerra, apresentam-se campeões dos dois lados para lutar por todo o seu povo, de modo que a questão seja decidida... com apenas uma morte.

Ele abriu devagar a tampa da caixa de madeira. Havia uma faca longa dentro, a lâmina polida a ponto de parecer um espelho.

– Sua Grandeza, Bethod, manda o Temível não somente como emissário, mas como seu campeão. Ele lutará para que fiquemos com Angland, se alguém aqui se dispuser a enfrentá-lo e poupar uma guerra que vocês não vencerão. – Dizendo isso, ele estendeu a caixa para o monstro pintado. – Este é o presente de meu senhor para vocês, e não pode haver outro mais valioso: suas vidas.

A mão direita de Fenris saltou e agarrou a faca na caixa. Levantou-a bem alto, fazendo a lâmina relampejar à luz colorida dos grandes vitrais. Os cavaleiros deveriam ter avançado nele. Jezal deveria ter desembainhado sua espada. Todos deveriam ter corrido em defesa do rei, mas ninguém se moveu. Todas as bocas estavam escancaradas, todos os olhares presos naquele brilhante dente de aço.

A lâmina baixou com um clarão. Sua ponta se cravou facilmente através de pele e da carne, enterrando-se até o cabo. A ponta emergiu, pingando sangue, no outro lado do braço esquerdo do próprio Fenris, cheio de tatuagens. Seu rosto se remexeu, porém não mais do que o usual. A lâmina se moveu grotescamente enquanto ele esticava os dedos, levantava o braço bem alto para que todos vissem. As gotas de sangue pingavam num ritmo constante no piso da rotunda dos Lordes.

– Quem lutará comigo? – gritou ele, com os tendões se projetando do pescoço. Sua voz era quase dolorosa de se ouvir.

Silêncio absoluto. O anunciador, que estava mais perto do Temível e já de joelhos, desmaiou de cara no chão.

Fenris virou os olhos saltados para o cavaleiro mais alto diante da mesa, uns 30 centímetros mais baixo do que ele.

– Você? – sibilou.

O pé do infeliz raspou no piso conforme ele recuava, sem dúvida desejando ter nascido anão.

Uma poça de sangue escuro havia se espalhado pelo chão embaixo do cotovelo de Fenris.

– Você? – rosnou ele para Fedor dan Meed.

O rapaz ficou ligeiramente cinza, batendo queixo, sem dúvida desejando ser filho de outra pessoa.

Aqueles olhos que não paravam de piscar varreram os rostos cinzentos à mesa elevada. A garganta de Jezal se apertou quando o olhar de Fenris encontrou o seu.

– Você?

– Bom, eu lutaria, mas estou terrivelmente ocupado esta tarde. Quem sabe amanhã?

Ele certamente não pretendera dizer isso. A voz não parecia a sua. Mas quem mais poderia ter dito? As palavras fluíram cheias de confiança, lépidas, na direção da cúpula dourada.

Houve alguns risos esparsos, um grito de “Bravo!” vindo de algum lugar nos fundos, mas os olhos do Temível não se afastaram de Jezal sequer por um instante. Ele esperou que os sons cessassem, depois sua boca se retorceu num riso hediondo de desprezo.

– Amanhã, então – sussurrou.

As tripas de Jezal se reviraram subitamente em dor. A seriedade da situação caiu sobre ele como uma tonelada de pedras. Ele? Lutar contra aquilo?

– Não.

Era a voz do lorde camarista. Ele ainda estava pálido, mas sua voz havia recuperado boa parte do vigor. Jezal se animou e lutou como um homem para controlar as próprias tripas.

– Não! – rosnou Hoff de novo. – Não haverá duelo! Não há questão a ser decidida! Angland é parte da União por lei antiga!

Hansul Olho Branco deu uma risadinha baixa.

– Lei antiga? Angland é parte do Norte. Há duzentos anos havia nórdicos lá, vivendo livres. Vocês queriam ferro, por isso cruzaram o mar e os trucidaram e roubaram suas terras! Então deve ser a mais antiga das leis, o forte tomar o que deseja do fraco? – Seus olhos se estreitaram. – Nós também temos essa lei!

Fenris, o Temível, arrancou a faca do braço. As últimas gotas de sangue caíram nos ladrilhos, mas foi só. Não havia ferimento na carne tatuada. Absolutamente nenhuma marca. A faca tombou ruidosa nos ladrilhos e ali ficou, na poça de sangue aos pés dele. Uma última vez, Fenris varreu a assembleia com seus olhos estufados piscando, loucos. Depois se virou, foi andando e seguiu pelo corredor, com nobres e representantes enfiando-se debaixo dos bancos enquanto ele se aproximava.

Hansul Olho Branco fez uma reverência profunda.

– Talvez chegue o tempo em que vocês desejem ter aceitado nossa oferta, nosso presente. Vocês terão notícias nossas – disse baixinho, depois ergueu três dedos para o lorde camarista. – Quando chegar a hora, mandaremos três sinais.

– Mandem trezentos, se quiserem – rosnou Hoff –, mas esse teatro acabou!

Hansul Olho Branco assentiu de modo afável.

– Vocês terão notícias nossas.

Então se virou e seguiu Fenris, o Temível, para fora da rotunda dos Lordes. A grande porta dupla se fechou com um estalo. A pena do escrivão mais próximo raspou debilmente no papel.

Vocês terão notícias nossas.

Fedor dan Meed se virou para o lorde camarista, o queixo rígido, as feições bonitas contorcidas de fúria.

– E esta é a boa notícia que o senhor queria que eu levasse ao meu pai? – gritou.

O Conselho Aberto explodiu numa confusão de berros, gritos, palavrões direcionados a todos e a qualquer um, um caos do pior tipo.

Hoff deu um salto e se pôs de pé, derrubando sua cadeira para trás, dizendo palavras furiosas, mas até mesmo ele foi abafado pelo tumulto. Meed lhe deu as costas e saiu intempestivamente. Outros delegados do lado de Angland se levantaram sérios e seguiram o filho de seu lorde governador. Hoff ficou olhando-os, lívido de raiva, a boca se remexendo em silêncio.

Jezal viu o rei afastar lentamente a mão do rosto e se inclinar na direção de seu lorde camarista.

– Quando os nórdicos vão chegar? – sussurrou ele.

O rei dos nórdicos

LOGEN INSPIROU FUNDO, desfrutando a sensação pouco familiar da brisa fresca no queixo recém-barbeado, e contemplou a paisagem.

Era o início de um dia claro. A névoa do amanhecer tinha quase acabado e, da varanda do lado de fora de seu quarto, no alto de uma das torres da biblioteca, era possível enxergar quilômetros. O grande vale se espalhava diante dele, dividido em camadas nítidas. Em cima ficava o cinza e branco fofo do céu nublado. Depois havia a linha serrilhada dos penhascos pretos que cercavam o lago e a leve indicação marrom de outros mais além. Em seguida vinha o verde-escuro das encostas cobertas de florestas, terminando na linha fina e curva de cascalhos cinzentos na praia. E tudo se duplicava no espelho imóvel do lago: outro mundo, embaçado, de cabeça para baixo sob o dele.

Logen olhou para as mãos, os dedos esticados na pedra antiga do parapeito. Não havia sujeira nem sangue seco sob as unhas rachadas. Seus dedos pareciam pálidos, macios, rosados, estranhos. Até as cascas de ferida e os arranhões nos nós estavam praticamente curados. Fazia tanto tempo que Logen não ficava limpo que havia se esquecido da sensação. Suas roupas novas eram ásperas de encontro à pele sem a cobertura usual de sujeira, gordura e suor seco.

Limpo e bem alimentado, olhando para a quietude do lago, ele se sentia um homem diferente. Por um momento imaginou como esse novo Logen seria, mas apenas a pedra nua do parapeito olhou para ele do lugar onde costumava ficar seu dedo. Isso jamais se curaria. Ele ainda era Nove Dedos, o Nove Sangrento, e

sempre seria. A não ser que perdesse mais algum dedo. Porém tinha um cheiro melhor, isso precisava admitir.

– Dormiu bem, mestre Nove Dedos? – perguntou Wells junto à porta, olhando em direção à varanda.

– Como um bebê.

Logen não teve coragem de dizer ao velho serviçal-chefe da biblioteca que havia dormido do lado de fora. Havia experimentado a cama na primeira noite, mas rolara e se retorcera, incapaz de se entender com o estranho conforto de um colchão e com o calor pouco familiar dos cobertores. Em seguida tentara o chão. Fora uma melhora. Mas mesmo assim o ar parecia contido, parado, rançoso. E foi como se o teto se esgueirasse cada vez mais baixo, ameaçando esmagá-lo com o peso da pedra. Só quando se deitara nas pedras duras da varanda, com a velha capa esticada sobre o corpo e apenas as nuvens e as estrelas acima, o sono viera. Alguns hábitos são difíceis de mudar.

– O senhor tem visita – avisou Wells.

– Eu?

A cabeça de Malacus Quai apareceu junto ao portal. Seus olhos estavam um pouquinho menos fundos, as olheiras um pouco menos escuras. A pele continuava da mesma cor e ele ganhara alguma carne. Já não parecia um cadáver, apenas alguém magro e doente, como quando Logen o conhecera. Supôs que era provavelmente a aparência mais saudável que Quai já tivera.

– Rá! – gargalhou Logen. – Você sobreviveu!

O aprendiz assentiu cansado várias vezes ao atravessar o quarto. Estava enrolado num grosso cobertor que se arrastava pelo chão e dificultava seus passos. Ao chegar à varanda, parou e ficou lá, fungando e piscando no ar frio da manhã.

Logen estava mais feliz em vê-lo do que havia esperado. Deu-lhe um tapa nas costas como um velho amigo, talvez um pouco calorosamente demais. O aprendiz tropeçou, com o cobertor enrolado nos pés, e teria caído se Logen não o firmasse.

– Mesmo assim, ainda não estou em forma para lutar – balbuciou Quai, com um sorriso frágil.

– Você está muito melhor do que quando o vi pela última vez.

– Assim como você. Estou vendo que está sem a barba e sem o fedor também. Com algumas cicatrizes a menos, quase pareceria civilizado.

Logen levantou as mãos:

– Qualquer coisa, menos isso.

Wells passou pela porta, saindo ao ar luminoso da manhã. Trazia um pedaço de tecido e uma faca.

– Posso ver seu braço, mestre Nove Dedos?

Logen quase se esquecera do corte. Ao desenrolarem o curativo, viu que não havia sangue, apenas uma casca marrom-avermelhada comprida que ia mais ou menos do pulso ao cotovelo, cercada por pele nova e rosada. Praticamente não doía mais, só coçava. E atravessava duas outras cicatrizes, mais antigas. Uma, cinzenta e serrilhada junto ao pulso, ele achava que podia ter ganhado no duelo contra Três Árvores, tantos anos antes. Logen fez uma careta lembrando-se da surra que tinham dado um no outro. Da segunda cicatriz, mais fraca e mais no alto, não tinha certeza. Poderia ter vindo de qualquer lugar.

Wells se aproximou e testou a carne em volta do ferimento enquanto Quai espiava com cautela por cima de seu ombro.

– Está ficando bom. Você se cura depressa.

– Tenho muita prática.

Wells olhou o rosto de Logen, onde o corte na testa já havia se tornado só mais uma linha rosada.

– Dá para ver. Seria tolice aconselhá-lo a evitar objetos afiados no futuro?

Logen gargalhou.

– Acredite ou não, eu sempre fiz o máximo para evitá-los no passado. Mas parece que eles me procuram, apesar dos meus esforços.

– Bom – disse o velho serviçal, cortando um pedaço de pano novo e enrolando-o cuidadosamente no antebraço de Logen. – Espero que esta seja a última bandagem de que você vá precisar na vida.

– Eu também – respondeu Logen, flexionando os dedos. – Eu também.

Mas não acreditava que seria.

– O desjejum vai estar pronto logo – avisou Wells e deixou os dois sozinhos na varanda.

Ficaram em silêncio um momento, depois o vento soprou frio, vindo do vale. Quai estremeceu e apertou o cobertor em volta do corpo.

– Lá... perto do lago. Você poderia ter me deixado. Eu teria me deixado.

Logen franziu a testa. Houvera um tempo em que teria feito isso sem pensar ao menos um segundo, mas as coisas mudam.

– Eu deixei muitas pessoas, no meu tempo. Acho que cansei dessa sensação.

O aprendiz franziu os lábios e olhou para o vale, as florestas, as montanhas distantes.

– Eu nunca tinha visto um homem ser morto.

– Você tem sorte.

– Então você já viu muitas mortes?

Logen estremeceu. Na juventude teria adorado responder a essa pergunta. Seria uma oportunidade de contar vantagem, alardear seus feitos e listar as ações

em que estivera, os Homens Nomeados que matara. Agora não saberia dizer quando esse orgulho havia minado. Isso acontecera lentamente. À medida que as guerras ficavam mais sangrentas, que as causas se transformavam em desculpas, que os amigos voltavam à lama, um a um. Logen coçou a orelha, sentiu o grande talho que a espada de Tul Duru havia feito muitos anos antes. Poderia ficar em silêncio. Mas por algum motivo sentiu a necessidade de ser honesto.

– Lutei em três campanhas – começou. – Em sete batalhas difíceis. Em inúmeros ataques rápidos, escaramuças e defesas desesperadas, e em ações sangrentas de todo tipo. Lutei durante uma nevasca densa, no vento furioso, no meio da noite. Venho lutando toda a minha vida, contra um inimigo ou outro, com um amigo ou outro. Conheço pouca coisa além disso. Vi homens serem mortos por causa de uma palavra, de um olhar, de absolutamente nada. Uma mulher tentou me esfaquear uma vez por ter matado o marido dela e eu a joguei num poço. E isso nem de longe é o pior. Para mim, a vida tinha tanto valor quanto a poeira. Menos até.

Quai não o interrompeu, então ele prosseguiu:

– Por dez vezes fui escolhido o campeão para duelar por meu exército e por dez vezes venci, mas lutei no lado errado e por todos os motivos errados. Fui implacável, brutal e covarde. Esfaqueei homens pelas costas, queimei-os, afoguei-os, esmaguei-os com pedras, matei-os enquanto dormiam, quando estavam desarmados ou fugindo. Eu mesmo fugi mais de uma vez. Já me mijei de medo. Implorei pela vida. Fui ferido muitas vezes, ferimentos graves, e gritei e chorei feito um bebê que quer o peito e a mãe não dá. Não tenho dúvida de que o mundo seria um lugar melhor se eu tivesse sido morto há anos, mas não fui, e não sei por quê.

Ele olhou para as mãos, rosadas e limpas na pedra.

– Há poucos homens com mais sangue nas mãos do que eu. Nenhum, que eu saiba. Sou chamado de Nove Sangrento por meus inimigos, e eles são muitos. Sempre há mais inimigos e menos amigos. O sangue não traz nada além de mais sangue. Agora ele me segue, sempre, como minha sombra. E como acontece com minha sombra, nunca posso me livrar dele. Eu o ganhei. Mereci. Busquei-o. Esse é o meu castigo.

E foi só. Logen deu um suspiro fundo, entrecortado, e olhou para o lago. Não conseguia se obrigar a olhar para o homem junto dele, não queria ver a expressão em seu rosto. Quem quer saber que está em companhia do Nove Sangrento, um homem que matou mais do que a peste e com menos pesar? Agora eles nunca poderiam ser amigos, havendo tantos cadáveres entre eles.

Então sentiu a mão de Quai bater em seu ombro.

– Bom, aí está – disse o aprendiz, rindo de orelha a orelha –, mas você me

salvou e sou imensamente grato por isso.

– Este ano salvei um homem e matei apenas quatro. Nasci de novo.

Os dois riram durante um tempo e a sensação foi boa.

– Então, Malacus, vejo que você voltou para nós.

Eles se viraram, Quai tropeçando no cobertor e parecendo um tanto nauseado. O Primeiro dos Magos estava parado junto à porta, usando uma camisa branca e comprida com as mangas enroladas até os cotovelos. Para Logen, ainda parecia mais um açougueiro do que um mago.

– Mestre Bayaz... é... eu já ia vê-lo – gaguejou Quai.

– Mesmo? Que felicidade para nós dois, então, eu ter vindo até você – falou o mago, direcionando-se para a varanda. – Ocorre-me que alguém que esteja suficientemente bom para conversar, rir e sair ao ar livre sem dúvida está suficientemente bom para ler, estudar e expandir a mente minúscula. O que acha?

– Sem dúvida...

– Sem dúvida, sim! Diga, como vão seus estudos?

O aprendiz desafortunado pareceu completamente confuso.

– Eles foram um tanto... interrompidos.

– Você não fez progresso com *Princípios da Arte*, de Juvens, enquanto estava perdido nos morros em meio ao mau tempo?

– É... nenhum progresso... Não.

– E seu conhecimento das histórias, desenvolveu-se muito conforme o mestre Nove Dedos o carregava de volta à biblioteca?

– Hum... devo confessar... que não.

– Mas seus exercícios e meditações, certamente você andou treinando-os enquanto estava inconsciente na última semana.

– Bom, é... não, a inconsciência foi... é...

– Então diga, você consideraria que está além das expectativas, por assim dizer? Ou seus estudos estão atrasados?

Quai encarou o chão.

– Estavam atrasados quando eu parti.

– Então talvez você possa me dizer onde planeja passar o dia.

O aprendiz ergueu os olhos, esperançoso.

– À minha mesa?

– Excelente! – Bayaz deu um sorriso largo. – Eu já ia sugerir isso, mas você se antecipou! Sua vontade de aprender lhe dá muito crédito!

Quai assentiu com vigor e foi direto para a porta, a bainha do cobertor se arrastando nas pedras do piso.

– Bethod está vindo – murmurou Bayaz. – Chegará aqui hoje.

O sorriso de Logen desapareceu, sua garganta ficou subitamente apertada. Lembrava-se muito bem do último encontro dos dois. Caído de cara no piso do castelo de Bethod em Carleon, espancado, dolorido e acorrentado, pingando sangue na palha e esperando que o fim não demorasse muito. Então, sem motivo, tinham-no deixado ir. Lançaram-no pelo portão junto com Cachorrão, Três Árvores, o Fraco e os outros, advertindo-os para que nunca mais voltassem. Nunca mais. A primeira vez em que Bethod demonstrara um grão de misericórdia – e a última, Logen não duvidava.

– Hoje? – perguntou, tentando manter a voz calma.

– Sim, e logo. Rei dos nórdicos. Rá! Que arrogância! – Bayaz olhou de esguelha para Logen. – Ele vem me pedir um favor e eu gostaria que você estivesse presente.

– Ele não vai gostar.

– Exato.

O vento pareceu mais frio do que antes. Se Logen passasse a vida inteira sem ver Bethod de novo, ainda acharia cedo demais para reencontrá-lo. No entanto, algumas coisas precisam ser feitas. É melhor fazê-las do que viver com medo delas. Era o que o pai de Logen teria dito. Por isso ele respirou fundo e ajeitou os ombros.

– Estarei lá.

– Excelente. Então só falta uma coisa.

– O quê?

Bayaz deu um risinho.

– Você precisa de uma arma.

Era seco nos porões da biblioteca. Seco, escuro e muito, muito confuso. Eles haviam subido e descido escadas, virado esquinas, passado por portas, eventualmente seguindo à esquerda ou à direita. O lugar era um labirinto. Logen esperava não perder de vista a tocha tremeluzente do mago, caso contrário poderia ficar preso para sempre ali embaixo.

– É seco aqui, seco e agradável – estava dizendo Bayaz a si mesmo, a voz ecoando pela passagem e se fundindo com o som dos passos. – Não há nada pior do que a umidade para os livros – comentou no momento em que parava de súbito perto de uma porta pesada. – Ou para armas.

Empurrou a porta gentilmente e ela se abriu em silêncio.

– Olhe só! Não é aberta há anos, mas as dobradiças ainda se movem suaves como manteiga! Isso é que é um trabalho bem-feito! Por que ninguém se importa mais em fazer as coisas bem-feitas?

Bayaz passou pela soleira sem esperar resposta e Logen foi logo atrás.

A tocha do mago iluminou um salão comprido e baixo com paredes de blocos de pedra ásperos, a extremidade oposta perdida em sombras. As paredes eram cobertas de prateleiras e estantes, o piso cheio de caixas e suportes, tudo amontoado e transbordando com uma quantidade imensa de armas e armaduras. Espadas, lanças e superfícies polidas de madeira ou metal captavam a luz tremeluzente da tocha conforme Bayaz caminhava devagar pelo piso de pedra, desviando-se entre as armas e olhando ao redor.

– Tremenda coleção – murmurou Logen, enquanto seguia o mago por aquele atulhamento.

– Na maior parte, é só um monte de lixo velho, mas deve haver algumas coisas que valham a pena. – Bayaz pegou um elmo numa armadura antiga e dourada e o avaliou franzindo a testa. – O que acha disso?

– Nunca fui muito de usar armaduras.

– Não, você não me parece do tipo. Funciona muito bem a cavalo, ouso dizer, mas é uma chatice quando você tem de fazer uma jornada a pé. – Ele jogou o elmo de volta na prateleira, depois ficou parado, olhando a armadura, perdido em pensamentos. – Como se faz para mijar usando isso?

Logen franziu a testa.

– É... – começou ele, mas Bayaz já estava saindo da sala e levando a luz.

– Você deve ter usado algumas armas em seu tempo, mestre Nove Dedos. Qual é a sua preferência?

– Nunca cheguei a ter preferência – respondeu Logen, abaixando-se para passar sob uma alabarda presa num suporte. – Um guerreiro nunca sabe com o que precisará lutar.

– Claro, claro.

Bayaz pegou uma lança comprida com uma ponta maligna, cheia de farpas, e sopesou-a um pouco. Logen recuou cautelosamente.

– Bastante mortal – concluiu o mago. – Dá para manter os outros a distância com uma dessas. Mas um homem com uma lança precisa ter muitos amigos por perto e todos eles também precisam de lanças.

Bayaz a pôs de volta no suporte e seguiu adiante.

– Isto parece temível – falou o mago e levou a mão ao cabo nodoso de um enorme machado de lâmina dupla. – Merda! – disse ao levantá-lo, com as veias inchando no pescoço. – É bem pesado! – resmungou, pousando-o com uma pancada surda que fez a prateleira balançar. – Dá para matar um homem com isso! Daria para cortá-lo ao meio! Se ele ficasse parado.

– Isto aqui é melhor – disse Logen.

Era uma espada simples, de aparência sólida, numa bainha de couro marrom

bastante gasto.

– Ah, sim, de fato. Muito, muito melhor. Essa espada é obra de Kanedias, o próprio Mestre Artífice – contou Bayaz, entregando sua tocha a Logen e tirando a espada comprida do suporte. – Já lhe ocorreu, mestre Nove Dedos, que uma espada é diferente das outras armas? Machados e maças são bastante mortais, mas ficam pendurados no cinto como brutamontes imbecis. – Ele passou o olhar pelo punho, metal simples e frio riscado com sulcos leves para melhorar a empunhadura, reluzindo à luz das tochas. – Mas uma espada... uma espada tem voz.

– É?

– Embainhada ela tem pouco a dizer, sem dúvida, mas você só precisa pôr a mão no punho e ela começa a sussurrar no ouvido do seu inimigo. – Ele segurou com força o cabo da arma. – Um aviso gentil. Uma palavra de alerta. Está ouvindo?

Logen assentiu lentamente.

– Agora – murmurou Bayaz –, compare com a espada meio desembainhada. – Ele puxou a lâmina. Trinta centímetros de metal sibilaram para fora da bainha, com uma única letra prateada brilhando junto ao punho. A lâmina em si era opaca, mas o gume tinha um brilho frio e gelado. – Ela fala mais alto, não é? Sibila uma ameaça terrível. Faz uma promessa mortal. Está ouvindo?

Logen assentiu de novo, o olhar grudado naquele gume brilhante.

– Agora perceba a espada totalmente desembainhada. – Bayaz arrancou a lâmina comprida de dentro da bainha com um leve retinido, levantou-a fazendo a ponta pairar a centímetros do rosto de Logen. – Agora ela grita, não? Berra uma provocação! Ruge um desafio! Está ouvindo?

– Hu-hum – disse Logen, inclinando-se para trás e olhando ligeiramente vesgo para a ponta brilhante da espada.

Bayaz a enfiou gentilmente na bainha, um tanto para alívio de Logen.

– É, uma espada tem voz. Os machados, as maças e assim por diante são bastante mortais, mas uma espada é uma arma sutil e adequada a um homem sutil. Acho que você, mestre Nove Dedos, é mais sutil do que parece.

Logen franziu a testa enquanto Bayaz estendia a espada para ele. Já fora acusado de muitas coisas na vida, porém jamais de sutileza.

– Considere um presente. Meu agradecimento por seus bons modos.

Logen pensou um momento. Não tinha uma arma decente desde antes de atravessar as montanhas e não estava ansioso para ter outra. Mas Bethod estava a caminho e chegaria logo. Era melhor tê-la, mesmo não querendo, do que querer e não tê-la. Muito, muito melhor. É preciso ser realista com essas coisas.

– Obrigado – disse, pegando a espada com Bayaz e devolvendo-lhe a tocha. –

Acho.

Um pequeno fogo ardia na lareira e a sala estava quente, acolhedora e confortável.

Mas Logen não se sentia confortável. Estava parado junto à janela, olhando o pátio abaixo, nervoso, irrequieto e com medo, como costumava ficar antes de uma luta. Bethod estava a caminho. Estava em algum lugar lá fora. Na estrada entre as árvores ou passando pelas pedras, ou atravessando a ponte, ou o portão.

O Primeiro dos Magos não parecia tenso. Acomodara-se confortavelmente em sua cadeira, folheando um pequeno livro de capa branca, com um leve sorriso no rosto e os pés apoiados na mesa ao lado de um comprido cachimbo de madeira. Ninguém poderia parecer mais calmo e isso só fazia Logen sentir-se pior.

– É bom? – perguntou Logen.

– O quê?

– O livro.

– Ah, é, o melhor dos livros. *Princípios da Arte*, de Juvens, a pedra angular de minha ordem – dizendo isso, Bayaz fez um gesto na direção das estantes que cobriam duas paredes, com centenas de livros idênticos ao que ele tinha em mãos muito bem-arrumados nelas. – É tudo ele. Um livro só.

– Um livro só? – O olhar de Logen examinou as lombadas grossas e brancas. – É tremendamente grande. Você leu tudo?

Bayaz deu uma risadinha.

– Ah, sim, muitas vezes. Todo mundo da minha ordem deve lê-lo e um dia fazer sua própria cópia.

Ele virou o livro para Logen ver. As páginas eram densamente cobertas com linhas de símbolos bem-feitos, porém ininteligíveis.

– Eu copiei estes, há muito tempo. Você também deveria ler.

– Na verdade, não sou muito de ler.

– Não? Que pena. – Bayaz virou a página e continuou lendo.

– E aquele?

Havia outro livro, deitado sozinho, no topo de uma prateleira, um livro grande e preto, cheio de marcas e com aparência de muito usado.

– Também foi escrito por Juvens?

Bayaz franziu a testa para o livro.

– Não. O irmão dele é que o escreveu – falou, levantando-se da cadeira e esticando o braço para pegá-lo. – Esse é um tipo diferente de conhecimento.

Abriu a gaveta de sua mesa, enfiou o livro preto dentro e a fechou.

– É melhor deixá-lo de lado – murmurou, sentando-se de novo e abrindo

Princípios da Arte.

Logen respirou fundo, pôs a mão esquerda no punho da espada, sentiu o metal frio em sua palma. A sensação não era nem um pouco tranquilizadora. Soltou-a e se virou de novo para a janela, franzindo a testa na direção do pátio. Sentiu a respiração presa na garganta.

– Bethod. Ele chegou.

– Bom, bom – murmurou Bayaz distraidamente. – Quem está com ele?

Logen observou as três figuras no pátio.

– Scale – disse com desprezo. – E uma mulher. Não a reconheço. Estão apeando. – Logen lambeu os lábios secos. – Estão entrando.

– Sim, sim – murmurou Bayaz. – É assim que se chega a um encontro. Tente se acalmar, amigo. Respire.

Logen se recostou com os braços cruzados no reboco pintado de branco e respirou fundo. Isso não ajudou. O nó de preocupação em seu peito só ficou mais apertado. Ouviu passos pesados no corredor do lado de fora. A maçaneta girou.

Scale foi o primeiro a entrar. O filho mais velho de Bethod sempre fora corpulento, mesmo quando garoto, mas havia ficado monstruoso desde que Logen o vira pela última vez. Sua cabeça de rocha parecia quase uma ideia tardia em cima de todos aqueles músculos, o crânio bem mais estreito do que o pescoço. Tinha maxilar grande, nariz chato e olhos pequenos, furiosos, arregalados e arrogantes. A boca fina era retorcida numa constante expressão de desprezo, parecida com a do irmão mais novo, Calder, porém com menos astúcia e muito mais violência. Carregava uma pesada espada larga no quadril e a mão carnuda não ficou longe dela enquanto ele encarava Logen com rancor, exalando malícia em cada poro.

A mulher veio em seguida. Era muito alta, magra e pálida, quase doentia. Os olhos oblíquos eram tão estreitos e frios quanto os de Scale eram arregalados e furiosos, e se encontravam cercados por uma quantidade de tinta escura, o que os fazia parecer ainda mais estreitos e mais frios. Havia anéis de ouro em seus dedos longos, pulseiras de ouro nos braços finos, correntes de ouro no pescoço branco. Ela examinou a sala com os gelados olhos azuis, e cada coisa que via parecia levá-la a níveis mais altos de nojo e desprezo. Primeiro a mobília, depois os livros, particularmente Logen, e acima de tudo Bayaz.

O autonomeado rei dos nórdicos entrou por último, mais magnífico do que nunca, usando roupas de tecidos ricos e coloridos e peles brancas e raras. Trazia uma pesada corrente de ouro nos ombros e na cabeça uma coroa de ouro engastada com um único diamante, grande como um ovo de pássaro. Seu rosto sorridente estava mais enrugado do que Logen recordava, o cabelo e a barba mesclados pelo tom grisalho, porém ele não estava menos vigoroso nem menos

bonito. Era tão alto quanto Logen se lembrava e havia ganhado muito em autoridade e sabedoria – até mesmo em majestade. Parecia de fato um homem grandioso, um homem justo. Parecia de fato um rei. Mas Logen sabia que não era bem assim.

– Bethod! – disse Bayaz, calorosamente, fechando o livro com um estalo. – Velho amigo! Você não pode imaginar que alegria é vê-lo de novo.

O mago tirou os pés de cima da mesa e fez um gesto indicando a corrente de ouro e o diamante reluzente.

– E ver que prosperou tanto! Lembro-me de quando você ficava feliz em me visitar sozinho. Mas acho que homens importantes devem ser assessorados, e vejo que você trouxe algumas... outras pessoas. Seu filho encantador eu conheço, claro. Vejo que tem se alimentado bem ultimamente, hein, Scale?

– *Príncipe* Scale – ribombou o filho monstruoso de Bethod, com os olhos saltando mais ainda.

– Humm – disse Bayaz, com uma sobrancelha erguida. – Não tive o prazer de conhecer sua acompanhante.

– Sou Caurib.

Logen piscou. A voz da mulher era a coisa mais linda que ele já ouvira. Calma, tranquilizadora, inebriante.

– Sou uma feiticeira – entoou ela, balançando a cabeça com um sorriso insolente. – Uma feiticeira do norte extremo.

Logen permanceu imobilizado, a boca entreaberta. Seu ódio se dissipou. Todos ali eram amigos. Mais do que amigos. Não conseguia afastar o olhar dela, não queria. Os outros na sala haviam sumido. Era como se ela estivesse falando apenas para ele e o desejo mais profundo de seu coração era que ela jamais parasse...

Contudo Bayaz apenas gargalhou.

– Uma feiticeira de verdade e com voz de ouro! Que maravilhoso! Faz muito tempo que não ouço uma, mas ela não vai lhe servir aqui.

Logen balançou a cabeça para clareá-la e seu ódio voltou num jorro, quente e tranquilizador.

– Diga, é preciso estudar para virar feiticeira? Ou é simplesmente uma questão de joias e um bocado de pintura na cara?

Os olhos de Caurib se estreitaram até virarem fendas azuis e mortais, mas o Primeiro dos Magos não lhe deu tempo de falar.

– E do norte *extremo*, imagine só! – Ele estremeceu ligeiramente. – Deve fazer frio lá em cima, nesta época do ano. Chega a atingir os mamilos, não é? Você veio até nós por causa do tempo mais quente ou há outra coisa?

– Vou aonde o meu rei ordena – sibilou ela, com o queixo pontudo se

levantando um pouco mais.

– O seu rei? – perguntou Bayaz, olhando a sala ao redor como se devesse haver mais alguém ali, escondido no canto.

– Meu pai é o rei dos nórdicos agora! – rosnou Scale. E deu um sorriso de desprezo para Logen: – Você deveria se ajoelhar diante dele, Nove Sangrento! – E riu com escárnio para Bayaz: – E você também, velho!

O Primeiro dos Magos abriu as mãos num gesto de desculpas.

– Ah, infelizmente não me ajoelho diante de ninguém. Estou velho demais para isso. As juntas estão rígidas, veja bem.

As botas de Scale bateram forte no chão quando ele ameaçou avançar, com um palavrão prestes a sair da boca, mas o pai colocou a mão com suavidade em seu braço.

– Calma, filho, não há necessidade de ninguém se ajoelhar aqui.

Sua voz estava fria e monótona, como neve recém-caída.

– Uma contenda não seria adequada. Nossos interesses não são os mesmos, a paz, a paz no Norte? Só vim pedir a sua sabedoria, Bayaz, como fiz no passado. Será tão errado assim buscar a ajuda de um velho amigo?

Ele não poderia parecer mais sincero, mais razoável, mais digno de confiança. No entanto Logen sabia que não era bem assim.

– Mas já não temos paz no Norte? – retrucou Bayaz, recostando-se em sua cadeira, as mãos cruzadas diante do corpo. – Todas as disputas não terminaram? Você não foi o vitorioso? Não tem tudo o que queria e mais ainda? Rei dos nórdicos, hein? Que ajuda eu poderia lhe oferecer?

– Eu só compartilho minhas ideias com amigos, Bayaz, e você não tem sido meu amigo ultimamente. Você manda meus mensageiros embora, até mesmo meu filho. Banca o anfitrião de meus inimigos jurados.

Ele olhou sisudo na direção de Logen e estreitou os lábios.

– Sabe que tipo é este aí, o Nove Sangrento? É um animal! Um covarde! Alguém que quebra juramentos! É essa companhia que você prefere?

Bethod deu um sorriso amigável enquanto se virava de novo para Bayaz, mas não havia como não ter percebido a ameaça implícita naquelas palavras.

– Acho que chegou a hora de você decidir se está comigo ou contra mim. Não pode haver meio-termo. Ou você faz parte do meu futuro ou é uma relíquia do passado. A escolha é sua, amigo.

Logen tinha visto Bethod dar esse tipo de opção antes. Alguns homens haviam cedido. Os que não cederam voltaram à lama.

Mas parecia que Bayaz não se deixaria pressionar.

– Então, o que vai ser? – perguntou a si mesmo, estendendo a mão devagar e pegando seu cachimbo na mesa. – O futuro ou o passado?

Caminhou lentamente até a lareira e, de costas para os três visitantes, se agachou, pegou um graveto na grade, encostou-o no fumo dentro do cachimbo e deu baforadas lentas. Pareceu demorar séculos para acender aquela coisa.

– A favor ou contra? – continuou ao voltar à cadeira.

– E então? – instigou Bethod.

Bayaz olhou para o teto e exalou um fio fino de fumaça amarela. Caurib olhou o velho mago de cima a baixo, friamente e com desprezo. Scale se remexeu com impaciência. Bethod esperou, os olhos um pouco estreitados. Enfim Bayaz deu um suspiro fundo.

– Muito bem. Estou com você – falou.

Bethod deu um sorriso largo e Logen sentiu um tremor de desapontamento profundo. Tinha esperado coisa melhor por parte do Primeiro dos Magos. Era um idiota por jamais deixar de ter esperanças.

– Bom – murmurou o rei dos nórdicos. – Eu sabia que, no fim, você entenderia meu modo de pensar.

Ele lambeu devagar os lábios, como alguém faminto olhando comida boa ser trazida.

– Pretendo invadir Angland – anunciou.

Bayaz ergueu uma sobrancelha, depois começou a dar uma risadinha, em seguida bateu na mesa com o punho.

– Ah, muito bom, muito bom mesmo! Você descobriu que a paz não serve para o seu reino, hein, Bethod? Os clãs não estão acostumados a serem amigos, não é? Eles odeiam uns aos outros e odeiam você, não estou certo?

– Bem – sorriu Bethod –, eles são um tanto irrequietos.

– Aposto que sim! Mas mande-os à guerra contra a União e eles serão uma nação, hein? Unidos contra o inimigo comum, sem dúvida. E se você vencer? Você será o homem que fez o impossível! O homem que expulsou os sulistas desgraçados do Norte! Você será amado, ou pelo menos mais temido do que nunca. Se perder, bem, pelo menos manterá os clãs ocupados durante um tempo e, nesse processo, minará a força deles. Lembro-me agora de por que eu gostava de você! Excelente plano!

Bethod pareceu orgulhoso.

– Claro. E não vamos perder. A União está frouxa, arrogante, despreparada. Com sua ajuda...

– Minha ajuda? – interrompeu Bayaz. – Você presume demais.

– Mas você...

– Ah, aquilo. – O mago deu de ombros. – Eu sou um mentiroso.

Bayaz levou o cachimbo à boca. Houve um momento de silêncio atônito. Então os olhos de Bethod se estreitaram. Os de Caurib se arregalaram. A testa

pesada de Scale se franziu em confusão. O sorriso de Logen retornou lentamente.

– Mentiroso? – sibilou a feiticeira. – Pois digo que é mais do que isso!

Sua voz ainda tinha o tom cantado, no entanto era uma canção diferente agora: dura, esganiçada, com um viés assassino.

– Seu verme velho! Escondido aqui atrás das suas muralhas, de seus serviçais e seus livros! Seu tempo já passou há muito, seu tolo! Você não é mais que palavras e pó!

O Primeiro dos Magos franziu os lábios calmamente e exalou a fumaça.

– Palavras e pó, verme velho! Bom, veremos o que acontecerá. Nós viremos à sua biblioteca!

O mago pousou o cachimbo com cuidado na mesa, um pouco de fumaça ainda saindo dele.

– Nós voltaremos à sua biblioteca, derrubaremos suas muralhas com marretas, seus serviçais com a espada e seus livros com fogo! Com...

– Silêncio! – ordenou Bayaz.

Ele estava franzindo a testa, mais profundamente até do que fizera com Calder, dias antes, no pátio. De novo Logen sentiu vontade de se afastar, porém com muito mais força. Pegou-se olhando ao redor, procurando um local onde se esconder. Os lábios de Caurib ainda se moviam, mas saía apenas um grasnido sem sentido.

– Vão derrubar minhas muralhas, é? – sussurrou Bayaz.

Suas sobrancelhas grisalhas se uniram, sulcando fundo a área acima do nariz.

– Matar meus serviçais, você disse? – questionou Bayaz.

A sala havia ficado muito fria, apesar da lenha na lareira.

– Queimar meus livros, é? – trovejou Bayaz. – Você fala demais, feiticeira!

Os joelhos de Caurib se dobraram. Sua mão branca tentou se agarrar ao portal, correntes e badulaques tilintando enquanto ela tombava contra a parede.

– Palavras e pó é o que eu sou? – desafiou Bayaz e ergueu quatro dedos. – Quatro presentes você recebeu de mim, Bethod: o sol no inverno, uma tempestade no verão e duas coisas que você jamais poderia ter sabido, não fosse a minha Arte. O que me deu em troca, hein? Este lago e este vale, que já eram meus, e nada mais.

O olhar de Bethod saltou até Logen e voltou.

– Você ainda me deve, Bethod, no entanto me manda mensageiros, faz exigências, presume dar *ordens* a mim? Isso não é o que eu considero boas maneiras.

Scale havia se recuperado e seus olhos estavam arregalados a ponto de quase salterem do rosto.

– Boas maneiras? Por que um rei precisa de boas maneiras? Um rei pega para si o que deseja! – disse o jovem e deu um passo pesado na direção da mesa.

Scale era suficientemente grande e cruel, sem dúvida. Provavelmente jamais seria possível encontrar um homem melhor em chutar alguém que já estivesse caído. Mas Logen não havia caído, ainda não, e era bom e estava cansado de ouvir aquele idiota inflado. Deu um passo para bloquear o caminho de Scale, pousando a mão no punho da espada:

– Já chega.

O príncipe de olhos saltados observou Logen, levantou o punho carnudo e espremeu os dedos grandes, fazendo os nós ficarem brancos.

– Não me provoque, Nove Dedos, seu cão derrotado. Seus dias já passaram há muito! Eu poderia esmagá-lo como a um ovo!

– Pode tentar, mas não pretendo permitir. Você conhece o meu trabalho. Mais um passo e eu começo a trabalhar em você, seu porco inchado de merda.

– Scale! – gritou Bethod. – Não há nada para nós aqui, isso está claro. Vamos embora.

O príncipe travou seu maxilar enorme, com as mãos gigantescas fechando-se e abrindo ao lado do corpo, olhando Logen com o ódio mais bestial que se poderia imaginar. Depois deu um sorriso de desprezo e recuou lentamente.

Bayaz se aproximou:

– Você disse que traria a paz ao Norte, Bethod, e o que fez? Guerra atrás de guerra! Por causa de seu orgulho e de sua brutalidade, a terra foi sangrada até ficar pálida! Rei dos nórdicos? Rá! Você não vale minha ajuda! E pensar que tive tantas esperanças em você!

Bethod apenas franziu a testa, os olhos frios como o diamante na testa.

– Você me transformou em inimigo, Bayaz, e sei ser um inimigo cruel. O pior de todos. Você vai lamentar o que fez hoje – afirmou e depois apontou seu escárnio para Logen: – Quanto a você, Nove Dedos, não terá mais misericórdia da minha parte! Agora todo homem no Norte será seu inimigo! Você será odiado, caçado e amaldiçoado aonde quer que vá! Garantirei isso!

Logen deu de ombros: aquilo não era novidade. Bayaz se levantou de sua cadeira.

– Você disse o que queria, agora pegue sua bruxa e vá embora!

Caurib saiu cambaleando da sala primeiro, ainda ofegante. Scale lançou um último olhar de desprezo para Logen, depois se virou e foi andando. O suposto rei dos nórdicos foi o último a partir, assentindo lentamente e varrendo a sala com um olhar mortal. Enquanto seus passos se afastavam pelo corredor, Logen respirou fundo, acalmando-se, e deixou a mão se soltar do punho da espada.

– Então – disse Bayaz, animado –, tudo correu bem.

Uma rua entre dois dentistas

PASSAVA DA MEIA-NOITE e estava escuro na via do Meio. Estava escuro e fedia. Sempre fedia perto das docas: água salgada parada, peixe podre, alcatrão, suor e cocô de cavalo. Dentro de algumas horas, a rua estaria cheia de sons e atividades. Vendedores gritando, trabalhadores xingando sob seus fardos, mercadores correndo de um lado para outro, uma centena de carroças e carrinhos de mão ribombando nas pedras sujas do calçamento. Haveria uma maré interminável de gente saindo dos navios e formando uma turba de pessoas de todas as partes do mundo e palavras gritadas em todos os idiomas que existiam sob o sol. Mas à noite ela ficava calma. Calma e silenciosa. *Silenciosa como uma sepultura, e com um cheiro ainda pior.*

– É por aqui – disse Severard, caminhando para a boca sombreada de um beco estreito entre dois armazéns altos.

– Ele lhe deu muito trabalho? – perguntou Glokta conforme arrastava os pés dolorosamente, acompanhando-o.

– Não muito – disse o prático ao ajustar a máscara, deixando entrar um pouco de ar.

Deve ficar bem úmido sob ela, com a respiração e o suor. Não é de espantar que os práticos costumem ser mal-humorados.

– O colchão de Rews foi que sofreu. Ele o esfaqueou até ficar em pedacinhos – contou Severard. – Depois Frost lhe deu uma pancada na cabeça. Engraçado. Quando aquele garoto acerta alguém na cabeça, qualquer encrenca acaba.

– E o Rews?

– Ainda está vivo.

A luz da lanterna de Severard passou sobre uma pilha de lixo pútrido. Glokta ouviu ratos guinchando na escuridão ao fugirem às pressas.

– Você conhece os melhores bairros, não é, Severard?

– É para isso que o senhor me paga, inquisidor.

A bota preta e suja de Severard pisou despreocupadamente na gosma fedorenta. Glokta passou mancando com cautela ao redor, erguendo a barra da capa com a mão livre.

– Eu cresci aqui perto – continuou o prático. – As pessoas não fazem perguntas.

– A não ser nós. – *Nós sempre fazemos perguntas.*

– Claro – concordou Severard com um risinho abafado. – Nós somos a Inquisição.

Sua lanterna revelou um muro alto com um portão de ferro amassado e encimado por pontas de ferro corroídas pelo tempo.

– Chegamos.

De fato, e que local promissor parece ser!

O portão evidentemente não era muito usado: as dobradiças marrons guincharam em protesto quando o prático o destrancou. Glokta passou desajeitadamente sobre uma poça que havia se formado num buraco do chão. Xingou quando sua capa encostou na água imunda.

As dobradiças gritaram de novo quando Severard empurrou o portão pesado, franzindo a testa pelo esforço, depois retirou a capa da lanterna, iluminando um amplo pátio ornamental cheio de entulho, mato e madeira quebrada.

– E cá estamos – disse Severard.

A seu modo, um dia, aquele devia ter sido um prédio magnífico. *Quanto custaram todas essas janelas? Todo esse trabalho decorativo em pedra? Os visitantes deviam ficar pasmos com a riqueza do dono, ainda que não com o bom gosto.* Mas agora, não. As janelas estavam fechadas com tábuas podres, os arabescos sufocados por musgo e cocô de pássaro. O fino mármore verde que recobria as colunas estava rachado e soltando-se, expondo o reboco apodrecido. Tudo desmoronando, quebrado e decadente. Pedaços da fachada se espalhavam por todo lugar, lançando sombras compridas nos altos muros do pátio. Metade da cabeça de um querubim quebrado olhava lamentosa para Glokta enquanto ele passava.

Ele havia esperado encontrar um armazém lúgubre ou um porão úmido.

– Que lugar é esse? – perguntou olhando o palacete em ruínas.

– Um mercador o construiu, há anos. – Severard chutou um pedaço de reboco

para a escuridão. – Era um homem rico, muito rico. Queria morar perto de seus armazéns e do cais, para ficar de olho nos negócios.

Ele foi andando até os degraus rachados e cheios de musgo que levavam à enorme porta de entrada com tinta descascando.

– Achou que a ideia poderia pegar, mas como seria possível? Quem iria querer morar por aqui se não fosse necessário? Depois ele perdeu todo o dinheiro, como acontece com os mercadores. Seus credores tiveram dificuldade para arranjar um comprador.

Glokta olhou para uma fonte quebrada, já torta, e com água parada.

– Não me surpreende.

A lanterna de Severard mal conseguia iluminar o espaço gigantesco do saguão de entrada. Duas enormes escadarias curvas surgiam na penumbra diante deles. Um corredor aberto margeava as paredes na altura do andar superior, mas grande parte dele havia desmoronado, quebrando as tábuas do piso abaixo, de modo que uma das escadarias terminava, amputada, pairando no vazio. O piso úmido estava cheio de pedaços de reboco, telhas caídas, madeira quebrada e cocô cinzento de pássaros. O céu noturno espiava através de vários buracos enormes no teto. Glokta podia ouvir o som vago de pombos arrulhando no meio dos caibros escuros e pingos lentos de água em algum lugar.

Que lugar! Glokta conteve um sorriso. *Faz com que eu pense em mim, de certa forma. Nós dois já fomos magníficos e ambos há muito deixamos nossos dias de glória para trás.*

– É grande o suficiente, não acha? – perguntou Severard.

O prático abria caminho em meio ao entulho, seguindo na direção de uma passagem ampla em arco sob a escada quebrada, sua lanterna criando estranhas sombras à medida que ele se movia.

– Acredito que sim. A não ser que tenhamos mais de mil prisioneiros de uma vez.

Glokta foi arrastando os pés atrás dele apoiando-se pesadamente na bengala, preocupado com o trajeto no chão escorregadio. *Posso acabar caindo de bunda bem em cima dessa titica de pássaros. Seria ótimo.*

O arco dava numa sala cujo reboco caía em pedaços enormes, expondo os tijolos úmidos. Havia passagens escuras dos dois lados. *O tipo de lugar que deixaria uma pessoa nervosa, se ela tivesse tendência ao nervosismo. Ela poderia imaginar coisas desagradáveis naquelas câmaras, além do alcance da luz da lanterna, e atos horríveis ocorrendo na escuridão.* Glokta olhou para Severard, que caminhava despreocupadamente, assobiando baixinho algo desafinado por trás de sua máscara, e franziu a testa. *Mas nós não temos tendência ao nervosismo. Talvez nós sejamos as coisas desagradáveis. Talvez os*

atos sejam nossos.

– Qual é o tamanho deste lugar? – perguntou Glokta enquanto seguia mancando.

– Tem trinta e cinco cômodos, sem contar a área da criadagem.

– Um palácio. Como, diabos, você o encontrou?

– Eu costumava dormir aqui, algumas noites. Depois que minha mãe morreu. Dei um jeito de entrar. Na época a maior parte do teto estava inteira, e era um lugar seco para dormir. Seco e seguro. Mais ou menos.

Ah, que vida dura. Capanga e torturador é um verdadeiro avanço para você, não? Todo homem tem suas desculpas e, quanto mais vil o homem se torna, mais tocante precisa ser a história. Qual será a minha história agora?

– Sempre cheio de recursos, hein, Severard?

– É para isso que o senhor me paga, inquisidor.

Entraram num espaço amplo: poderia ser uma sala de estar, uma biblioteca, até mesmo um salão de baile, tão grande era. Painéis que já haviam sido lindos estavam cobertos de mofo e caindo das paredes, com a tinta dourada esfarelando. Severard foi até um deles, ainda preso, e o empurrou com força. Houve um estalo suave quando ele girou, revelando uma escura passagem em arco do outro lado. *Uma porta secreta? Que delicioso! Que sinistro! Tão adequado!*

– Este lugar é tão cheio de surpresas quanto você – disse Glokta, mancando dolorosamente para a abertura.

– E o senhor não vai acreditar no preço que eu consegui.

– Nós o compramos?

– Ah, não. Eu comprei. Com dinheiro do Rews. E agora vou alugar para o senhor – falou Severard, com os olhos brilhando à luz da lanterna. – Isso aqui é uma mina de ouro!

– Rá! – gargalhou Glokta, arrastando os pés cuidadosamente ao descer a escada. *E ainda por cima tem uma boa cabeça para os negócios. Talvez eu acabe trabalhando para o arquileitor Severard um dia desses. Coisas mais estranhas já aconteceram.*

A sombra de Glokta se estendeu à frente na escuridão enquanto ele descia de lado com dificuldade, a mão direita tateando os espaços entre as pedras ásperas para obter algum apoio.

– Os porões têm quilômetros de comprimento – sussurrou Severard, atrás. – Temos nosso próprio acesso particular aos canais, e aos esgotos também, se o senhor estiver interessado em esgotos.

Passaram por uma abertura sombria à esquerda, depois outra à direita, sempre descendo lentamente.

– Frost me disse que é possível ir daqui até o Agriont sem sair uma única vez

para respirar – complementou Severard.

– Isso pode ser útil.

– Imagino que sim, se a pessoa aguentar o cheiro.

A lanterna de Severard encontrou uma porta grossa com uma pequena abertura gradeada.

– De volta para casa – disse ele, e deu quatro batidas rápidas.

Um instante depois o rosto mascarado do prático Frost surgiu abruptamente da escuridão, junto à janelinha.

– Só nós – disse Severard.

Os olhos do albino não deram qualquer sinal de receptividade ou simpatia. *Mas eles nunca dão.* Uma tranca pesada deslizou do outro lado da porta, que se abriu com suavidade.

Havia uma mesa, uma cadeira e tochas novas nas paredes, mas estavam apagadas. *Devia estar um breu aqui até nossa pequena lanterna chegar.* Glokta olhou para o albino:

– Você ficou aqui no escuro?

O enorme prático deu de ombros e Glokta balançou a cabeça.

– Às vezes me preocupo com você, prático Frost, de verdade.

– Ele está aqui embaixo – disse Severard, que já seguia pelo corredor, fazendo ecoarem os estalos que os saltos de suas botas faziam no piso.

Aquilo deveria ter sido uma adega: havia várias câmaras abobadadas dos dois lados, lacradas com grades pesadas.

– Glokta!

Era Salem Rews quem gritava. Seus dedos seguravam com força as barras, o rosto pressionado contra elas.

Glokta parou diante da cela e descansou a perna latejante.

– Rews, como vai? Não esperava vê-lo de novo tão cedo.

O prisioneiro havia perdido peso, estava com a pele frouxa e pálida, ainda manchada com hematomas esmaecidos. *Ele não parece bem, nem um pouco.*

– O que está acontecendo, Glokta? Por favor, por que estou aqui?

Bom, que mal há nisso?

– Parece que você ainda tem utilidade para o arquileitor. Ele quer que você revele provas. – Glokta se inclinou na direção das barras. – Diante do Conselho Aberto – sussurrou.

Rews ficou mais pálido ainda.

– E depois?

– Veremos. – *Angland, Rews, Angland.*

– E se eu me recusar?

– Recusar-se a cumprir uma ordem do arquileitor? – Glokta deu uma

risadinha. – Não, não, não, Rews. Você não quer fazer isso.

Glokta se virou e saiu arrastando os pés atrás de Severard.

– Tenha um pouco de compaixão! É escuro aqui embaixo!

– Você vai se acostumar! – gritou Glokta por cima do ombro. *É incrível as coisas com que nos acostumamos.*

O prisioneiro mais recente estava deitado no chão da última câmara. Acorrentado a uma argola na parede, nu e com um saco na cabeça, claro. Era baixo e atarracado, tendendo ligeiramente à gordura, com os joelhos machucados, sem dúvida por ter sido jogado na cela de pedras ásperas.

– Então esse é o nosso assassino, é?

O homem rolou e ficou de joelhos ao escutar a voz de Glokta, fazendo força contra as correntes. Um pouco de sangue havia atravessado a frente do saco e secado ali, formando uma mancha marrom no pano.

– Um personagem muito pouco agradável – disse Severard. – Mas agora não parece tão temível, não é?

– Eles nunca parecem, depois que são trazidos. Onde vamos trabalhar?

Os olhos de Severard sorriram mais ainda.

– Ah, o senhor vai gostar, inquisidor.

– É um pouquinho teatral – disse Glokta. – O que não quer dizer que seja ruim.

A sala era grande e circular, com teto em cúpula, pintada com um mural curioso que cobria toda a parede curva. Havia o corpo de um homem caído na grama, sangrando de muitos ferimentos, com uma floresta atrás. Outras onze figuras se afastavam, seis de um lado, cinco do outro, pintadas de perfil, em posições estranhas, vestidas de branco e com as feições indistintas. Olhavam para outro homem, de braços estendidos, todo de preto com um mar de fogo colorido atrás. A luz forte de seis lanternas não ajudava em nada a fazer com que a obra parecesse melhor. *Nem de longe seria da melhor qualidade, é mais decoração do que arte, mas mesmo assim o efeito é notável.*

– Não faço ideia do que deve ser isso – disse Severard.

– O meftre astífife – murmurou o prático Frost.

– Claro – concordou Glokta, olhando a figura escura na parede e as chamas atrás. – Você deveria estudar história, prático Severard. Este é o Mestre Artífice, Kanedias – explicou e então se virou, apontando para o homem agonizante na parede oposta: – E esse é o grande Juvens, que ele matou – prosseguiu, fazendo então um gesto para indicar as figuras de branco: – E esses são os aprendizes de Juvens, os magos, marchando para vingá-lo. – *Histórias de fantasmas, ótimas*

para assustar criancinhas.

– Que tipo de homem paga para ter uma merda como essa na parede do porão? – perguntou Severard, balançando a cabeça.

– Ah, esse tipo de coisa já foi bem popular. Há uma sala pintada assim no palácio. Isso é uma cópia, e barata.

Glokta observou o rosto sombreado de Kanedias, que olhava de forma sinistra para a sala, e o cadáver sangrento na parede oposta.

– Mesmo assim há algo bem inquietante nisso, não é? – *Ou deveria haver, se eu ligasse a mínima.* – Sangue, fogo, morte, vingança. Não faço ideia do motivo para alguém querer ter isso no porão. Talvez nosso amigo, o mercador, tivesse um lado sombrio.

– Um homem que tem dinheiro sempre tem um lado sombrio – afirmou Severard. – Quem são esses dois?

Glokta franziu a testa, analisando. Duas figuras indistintas e pequenas podiam ser vistas sob os braços do Mestre Artífice, um de cada lado.

– Quem sabe? – perguntou Glokta. – Talvez sejam os práticos dele.

Severard gargalhou. Um pouco de ar chegou a sair de trás da máscara de Frost, mas seus olhos não mostraram qualquer sinal de diversão. *Ora, ora, ele deve estar morrendo de rir.*

Glokta arrastou os pés até a mesa lisa e polida no centro da sala, onde duas cadeiras estavam frente a frente. Uma era simples e dura, do tipo encontrado nos porões da Casa das Perguntas, mas a outra era muito mais impressionante, quase como um trono, com braços amplos e encosto alto, estofada em couro marrom.

Glokta encostou sua bengala na mesa e sentou-se cuidadosamente, as costas doendo.

– Ah, esta é uma cadeira excelente – ofegou.

Foi se recostando devagar no couro macio e esticando a perna, que latejava da longa caminhada. Sentiu que ela bateu em algo. Olhou embaixo da mesa. Havia uma banqueta para os pés, combinando com a cadeira. Glokta inclinou a cabeça para trás e gargalhou:

– Ah, isso é ótimo! Não precisava! – agradeceu e em seguida acomodou a perna na banqueta, suspirando confortável.

– Era o mínimo que podíamos fazer – disse Severard, cruzando os braços e encostando na parede perto do corpo ensanguentado de Juvens. – Nós nos demos bem com seu amigo Rews, muito bem. O senhor sempre nos tratou direito, e não nos esquecemos disso.

– Enhhh – disse Frost, assentindo.

– Vocês estão me mimando.

Glokta acariciou a madeira polida do braço da cadeira. *Meus garotos. O que*

seria de mim sem vocês? Ficaria em casa, na cama, com mamãe se agitando ao meu redor, acho, imaginando como arranjaria uma boa garota para se casar comigo. Olhou os instrumentos sobre a mesa. Sua caixa estava ali, claro, e algumas outras coisas, bem usadas, mas ainda muito úteis. Um alicate de cabo comprido atraiu seu olhar. Olhou para Severard:

– Dentes?

– Imaginei que seria um bom começo.

– Pois bem – concordou Glokta, lambendo as gengivas vazias e estalando os nós dos dedos, um por um. – Dentes, que seja.

Assim que a mordaça foi tirada, o assassino começou a gritar com eles em estiriano, cuspindo e xingando, lutando inutilmente contra as correntes. Glokta não entendia sequer uma palavra. *Mas acho que posso captar o sentido, mais ou menos. Algo muito ofensivo, imagino. Algo sobre nossas mães, coisa assim. Porém não me ofendo com facilidade.* Era um sujeito de aparência rude, o rosto marcado por cicatrizes de acne, o nariz quebrado mais de uma vez e entortado a ponto de perder a forma. *Que frustrante! Eu esperava que os mercadores de tecidos tivessem procurado algo mais caro, pelo menos para esta ocasião, mas os mercadores são assim mesmo. Sempre atrás de uma pechincha.*

O prático Frost deu um soco na barriga do sujeito e deu fim à torrente de palavrões ininteligíveis. *Isso vai tirar o fôlego dele por um momento. O bastante para eu dizer a primeira palavra.*

– Bom – disse Glokta –, não aceitamos essas bobagens aqui. Sabemos que você é um profissional, mandado para se misturar à multidão e fazer um serviço. Você não poderia se misturar direito se não falasse a língua, não é?

O prisioneiro havia recuperado o fôlego.

– Que vocês morram, desgraçados! – ofegou.

– Excelente! Um idioma em comum servirá muito bem para nossas conversas. Tenho a sensação de que teremos várias delas. Há algo que você queira nos contar antes de começarmos? Ou devemos ir direto ao ponto?

O prisioneiro olhou cheio de suspeitas para a imagem do Mestre Artífice, acima da cabeça de Glokta.

– Onde estou?

– Estamos perto da via do Meio, junto à água – falou Glokta.

Ele estremeceu quando um súbito espasmo percorreu sua perna. Esticou-a com cautela, esperando até ouvir o joelho estalar, e prosseguiu:

– Sabe, a via do Meio é uma das principais artérias desta cidade, passa direto pelo coração dela, desde o Agriont até o mar. Corta vários bairros diferentes, tem

todo tipo de construções notáveis. Alguns dos endereços mais elegantes da cidade ficam nesta rua. Mas para mim ela não passa de uma rua entre dois dentistas.

Os olhos do prisioneiro se estreitaram, depois se viraram rapidamente para os instrumentos na mesa. *Mas não xingou mais. Parece que a menção a dentistas atraiu sua atenção.*

– Na outra extremidade da avenida – Glokta apontou mais ou menos para o norte –, numa das partes mais caras da cidade, diante dos jardins públicos, numa linda casa à sombra do Agriont, fica o estabelecimento do mestre Farrad. Já ouviu falar dele?

– Vá se foder!

Glokta ergueu as sobrancelhas. *Se desse*...

– Dizem que o mestre Farrad é o melhor dentista do mundo. Acho que ele é de Gurkhul, mas escapou da tirania do imperador para se juntar a nós, na União, e levar uma vida melhor, salvando nossos cidadãos mais ricos dos terrores dos dentes ruins. Quando voltei da minha pequena visita ao sul, minha família me mandou a ele, para ver se havia algo que pudesse ser feito por mim. – Glokta deu um sorriso largo, mostrando ao assassino a natureza do problema. – Mas é claro que não havia. Os torturadores do imperador se asseguraram disso. Mas ele é um tremendo dentista, todo mundo diz.

– E daí?

Glokta deixou o sorriso se esvair.

– Na outra extremidade da via do Meio, perto do mar, em meio à imundície, à escória e ao lixo das docas, estou eu. O aluguel pode ser barato por aqui, mas tenho confiança que, assim que tivermos passado algum tempo juntos, você não pensará que sou menos talentoso do que o estimado mestre Farrad. Simplesmente meus talentos vão em outra direção. O bom mestre alivia a dor de seus pacientes, ao passo que eu sou um dentista... – Glokta se inclinou devagar na direção do prisioneiro –... de outro tipo.

O assassino riu na cara dele.

– Vocês acham que vão me assustar com um saco na minha cabeça e uma pintura feia – ele olhou para Severard e Frost –, seu bando de aberrações?

– Se eu acho que nós lhe damos medo? Nós três? – Glokta se permitiu um risinho. – Aí está você, sozinho, desarmado e totalmente contido. Quem além de nós sabe onde você está ou se importa em saber? Você não tem esperança de ser solto nem de escapar. Somos todos profissionais aqui. Acho que você está adivinhando o que virá, mais ou menos.

Agora o riso de Glokta era doentio:

– Claro que lhe damos medo, não banque o idiota. Você disfarça bem, admito,

porém isso não vai durar muito. Chegará a hora, logo, em que você vai implorar para voltar ao saco.

– Vocês não vão conseguir nada de mim – rosnou o assassino, encarando-o diretamente. – Nada.

Duro. Um homem duro. Mas é fácil bancar o durão antes que o trabalho comece. Eu sei disso.

Glokta coçou a perna gentilmente. O sangue estava fluindo bem agora, a dor havia quase sumido.

– Vamos começar pelo básico. Nomes, é só isso que eu quero, por enquanto. Apenas nomes. Por que não começamos com o seu? Pelo menos você não pode dizer que não sabe a resposta.

Esperaram. Severard e Frost olhavam o prisioneiro, os olhos verdes sorrindo, os rosados não. Silêncio.

Glokta suspirou:

– Tudo bem, então.

Frost plantou as mãos dos dois lados do maxilar do assassino e começou a apertar até que o homem não teve opção a não ser abrir a boca. Severard enfiou as pontas do alicate entre eles e forçou a mandíbula a se abrir, um pouco demais, de forma desconfortável. Os olhos do assassino se arregalaram. *Dói, não é? Mas isso não é nada, acredite.*

– Cuidado com a língua – disse Glokta. – Queremos que ele fale.

– Não se preocupe – murmurou Severard, olhando dentro da boca do assassino. De repente se inclinou para trás: – Eca! O hálito dele fede a merda!

Que vergonha, mas não estou surpreso. O asseio raramente é prioridade para assassinos de aluguel. Glokta se levantou devagar, deu a volta na mesa mancando.

– Bom – murmurou, com uma das mãos pairando sobre os instrumentos. – Por onde começar?

Escolheu uma agulha com cabo e se inclinou para a frente, segurando firme no cabo da bengala enquanto sondava com cuidado os dentes do matador. *Não são bonitos, sem dúvida. Acredito que eu preferiria ter os meus dentes aos dele.*

– Nossa, o estado deles é terrível. Totalmente podres. É por isso que seu hálito fede tanto. Não há desculpa para isso, num homem da sua idade.

– Aaaah! – ganiu o prisioneiro quando Glokta tocou num nervo.

Ele tentou falar, mas com o alicate na boca, era ainda mais difícil de entendê-lo que ao prático Frost.

– Quieto agora, você já teve sua chance de falar. Talvez tenha outra, mais tarde, não decidi ainda.

Glokta pôs a agulha de volta na mesa, balançando a cabeça, triste.

– Seus dentes são a porra de uma desgraça. Repulsivos. Estão praticamente caindo sozinhos. Sabe – disse, pegando o pequeno martelo e o cinzel na mesa –, acredito que você vá ficar melhor sem eles.

Cabeças-achatadas

MANHÃ CINZENTA e eles na floresta fria e molhada. Cachorrão estava simplesmente sentado, lembrando como as coisas eram melhores antigamente. Sentado, pensando no cuspe, revirando-o de vez em quando e tentando não ficar nervoso demais com a espera. Tul Duru não estava ajudando nada. Ficava indo de um lado para outro no capim, andando em volta das pedras antigas, gastando suas botas grandes, quase tão paciente quanto uma loba no cio. Cachorrão observava-o pisar firme – ploc, ploc, ploc. Tinha aprendido, muito tempo antes, que os melhores guerreiros só servem para uma coisa: guerrear. Para praticamente todo o resto, sobretudo esperar, são completamente inúteis.

– Por que não se senta, Tul? – sugeriu Cachorrão. – Há um monte de pedras boas para isso. E está mais quente aqui, perto da fogueira. Descanse esses pés, você está começando a me incomodar.

– Sentar? – ribombou o gigante, chegando perto e parando junto de Cachorrão como a porcaria de uma casa enorme. – Como é que eu posso me sentar? E como você pode?

Ele franziu a testa com as sobrancelhas pesadas, olhando para o outro lado das ruínas, na direção das árvores.

– Tem certeza de que o lugar é este? – questionou.

– O lugar é este.

Cachorrão olhou as pedras quebradas ao redor, com uma esperança louca de que fosse mesmo. Não podia negar que ainda não havia sinal deles.

– Eles virão, não se preocupe.

Desde que não tenham sido todos mortos, pensou, mas teve o bom senso de não dizer. Andara tempo suficiente com Tul Duru Cabeça de Trovão para saber: não era bom deixar o sujeito agitado. A não ser que se quisesse ter a cabeça rachada, claro.

– É melhor eles chegarem logo, só isso – falou Tul, e cerrou os punhos, tão grandes que partiriam rochas. – Não quero ficar sentado aqui, com a bunda no vento!

– Nem eu – disse Cachorrão, erguendo as mãos e mostrando as palmas, esforçando-se ao máximo para manter um clima ameno. – Mas não fique preocupado, grandão. Logo todos vão chegar, como nós planejamos. Este é o lugar.

Ele olhou para o porco que estalava, pingando uma bela gordura na fogueira. Sua boca estava cheia d'água, o nariz impregnado com o cheiro de carne... e outra coisa. Só um leve odor. Levantou a cabeça, farejando.

– Está sentindo cheiro de alguma coisa? – perguntou Tul, espiando a floresta.

– Alguma coisa, talvez – respondeu Cachorrão, já abaixando-se e pegando o arco.

– O quê? Shankas?

– Não tenho certeza, pode ser.

Cachorrão farejou o ar de novo. Um homem, um de cheiro tremendamente azedo.

– Eu poderia ter matado vocês dois!

Cachorrão girou, atrapalhando-se com o arco e quase caindo. Barca Negra estava menos de dez passos atrás dele, contra o vento, esgueirando-se para a fogueira com um sorriso maligno. Sinistro estava ao seu lado, o rosto inexpressivo, como sempre.

– Seus desgraçados! – berrou Tul. – Quase fizeram eu me cagar, com esse negócio de vir de fininho!

– Que bom – zombou Barca Negra. – Você precisa perder um pouco desse peso.

Cachorrão respirou longamente e jogou o arco de volta no chão. Era um grande alívio saber que estavam no local certo, afinal de contas, mas poderia ter dispensado o susto. Estava com os nervos à flor da pele desde que vira Logen cair pela borda do penhasco. Rolara direto para baixo, nada pudera ser feito. Poderia acontecer com qualquer um, a qualquer hora, a morte, era fato.

Sinistro passou por cima das pedras quebradas, sentou-se em uma ao lado de Cachorrão e assentiu minimamente para ele.

– Carne? – ladrou Barca Negra, passando por Tul para aboletar-se ao lado da

fogueira e arrancar uma perna da carcaça, que rasgou com os dentes.

E foi isso. Foram esses todos os cumprimentos depois de um mês ou mais separados.

– Um homem que tem amigos é mesmo rico – murmurou Cachorrão.

– O quê? – cuspiu Barca Negra, os olhos frios girando ao redor, a boca cheia de carne de porco, o queixo sujo e barbado brilhando de gordura.

Cachorrão ergueu as mãos de novo.

– Não quis ofender.

Ele havia passado tempo suficiente com Barca Negra para saber: era melhor cortar o próprio pescoço do que deixar aquele desgraçado maligno com raiva.

– Problemas enquanto ficamos afastados? – perguntou, querendo mudar de assunto.

Sinistro assentiu.

– Alguns.

– As porras dos cabeças-achatadas! – rosnou Barca Negra, cuspindo pedaços de carne na cara de Cachorrão. – Estão em toda parte! – Ele apontou a perna de porco para o outro lado da fogueira, como se fosse uma espada. – Já aguentei demais essa merda! Vou voltar para o Sul. Está um frio desgraçado e tem essas merdas de cabeças-achatadas em tudo que é canto! Malditos! Eu vou para o Sul!

– Está com medo? – perguntou Tul Duru.

Barca Negra se virou para ele com seu grande sorriso amarelo e Cachorrão estremeceu. Era uma pergunta tremendamente idiota. Barca Negra nunca sentira medo na vida. Não sabia o que era isso.

– Com medo de uns shankas? Eu? – zombou ele com um sorriso maligno. – Nós fizemos um trabalhinho neles enquanto vocês dois estavam roncando. Demos umas camas quentinhas para eles dormirem. Quentes demais.

– Queimamos eles – balbuciou Sinistro.

Para ele, isso equivalia a um dia inteiro de conversa.

– Queimamos todos eles, porra – sibilou Barca Negra, rindo como se nunca tivesse ouvido uma coisa tão engraçada quanto cadáveres em chamas. – Eles não me dão medo, garotão, nem você, mas não planejo ficar aqui sentado esperando por eles, só para Três Árvores ter tempo de tirar aquela bunda velha e mole da cama. Vou para o Sul! – E rasgou outro bocado de carne.

– Quem tem bunda velha e mole, mesmo?

Cachorrão abriu um sorriso ao ver Três Árvores caminhando na direção da fogueira, levantou-se e agarrou o velho pela mão. Ele até estava com Forley, o Fraco, e Cachorrão deu um tapa nas costas do homenzinho que passava. Quase o derrubou, tão satisfeito ficara ao ver que todos estavam bem e tinham sobrevivido outro mês. E também não era ruim ter um líder em volta da fogueira

de novo. Todo mundo parecia feliz pela primeira vez, sorrindo, apertando as mãos e tudo mais. Todo mundo menos Barca Negra, claro. Ele só ficou ali sentado, olhando a fogueira, chupando seu osso, o rosto azedo feito leite velho.

– É ótimo ver vocês de novo, pessoal, e todos inteiros – falou Três Árvores, tirando seu grande escudo redondo do ombro e encostando-o num pedaço caído de muro. – Como estão?

– Com um frio do caralho – respondeu Barca Negra, sem ao menos olhar para cima. – Vamos para o Sul.

Cachorrão suspirou. Estavam juntos de novo havia dez segundos e os desentendimentos já haviam começado. Seria um grupo difícil agora, sem Logen para resolver as coisas. Um grupo difícil, e com possibilidade de ficar sangrento. Mas Três Árvores não iria se apressar em nada. Ficou pensando um instante, como sempre. O sujeito adorava se dar esse tempo. Era isso que o tornava tão perigoso.

– Ir para o Sul, é? – disse Três Árvores, depois de ter ruminado a ideia durante um minuto. – E exatamente quando isso foi decidido?

– Nada está decidido – falou Cachorrão, mostrando as palmas das mãos outra vez e imaginando que dali em diante faria isso um bocado de vezes.

Tul Duru franziu a testa às costas de Barca Negra.

– Absolutamente nada – trovejou, chateado por alguém decidir em nome dele.

– Nada está certo – ecoou Três Árvores, lento e firme como a grama crescendo. – Não me lembro de as decisões deste grupo serem postas em votação.

Barca Negra não precisou de um instante sequer para pensar. O sujeito nunca precisava desse tempo. Era isso que *o* tornava tão perigoso. De um salto, pôs-se de pé e atirou o osso no chão, virando-se para Três Árvores com um olhar desafiador.

– Eu... disse... para o Sul! – rosnou, os olhos saltando como bolhas num cozido.

Três Árvores não recuou um passo sequer. Não seria nem um pouco do seu feitio. Ficou pensando um instante, claro, depois deu um passo à frente, de modo que seu nariz e o de Barca Negra quase se tocaram.

– Se você quisesse dar ordens, deveria ter derrotado Nove Dedos – rosnou – em vez de perder, como todos nós.

O rosto de Barca Negra ficou escuro como alcatrão. Não gostava de ser lembrado de que havia perdido.

– O Nove Sangrento voltou à lama – rosnou ele. – Cachorrão viu, não foi?

Cachorrão teve de assentir.

– Vi – murmurou.

– Então esse é o fim da conversa! Não há motivo para a gente ficar aqui embromando, ao norte das montanhas, com cabeças-achatadas subindo pelo nosso rabo! Eu digo que devermos ir para o Sul!

– Nove Dedos pode estar morto – disse Três Árvores na cara de Barca Negra –, mas a sua dívida, não. Eu nunca soube por que ele quis poupar um sujeito tão sem valor como você, mas ele fez de mim o segundo na hierarquia – lembrou, batendo no peito largo. – E isso significa que eu dou as ordens! Eu e mais ninguém!

Cachorrão deu um passo atrás, cauteloso. Os dois já estavam se preparando para sair no braço e ele não queria ficar com o nariz sangrando no meio daquela confusão. Não seria a primeira vez.

– Ora, pessoal – disse Forley, todo gentil e suave, numa tentativa de manter a paz. – Não há necessidade disso.

Forley podia não ser muito bom em matar, mas era muito bom em impedir os que eram os bons nisso de matarem uns aos outros. Cachorrão apenas lhe desejou sorte.

– Ora, por que vocês...

– Fecha a porra dessa matraca! – rosnou Barca Negra, com um dedo sujo apontando violentamente para o rosto de Forley. – O que vale a porra da sua palavra, Fraco?

– Deixe ele em paz! – ribombou Tul, erguendo o grande punho perto do queixo de Barca Negra. – Ou eu lhe darei motivo para gritar!

Cachorrão mal podia olhar. Barca Negra e Três Árvores viviam em conflito. Mas se acalmavam tão depressa quanto perdiam a cabeça. Já Tul Cabeça de Trovão era um animal diferente. Uma vez que aquele touro fosse atiçado, não havia como contê-lo. Não sem dez homens fortes e um monte de cordas. Cachorrão tentou pensar no que Logen teria feito. Ele saberia o que fazer para impedi-los de brigar, se não estivesse morto.

– Que merda! – gritou Cachorrão, saltando de repente de perto da fogueira. – Tem essas porras de shankas vindo para cima de nós! E se a gente conseguir passar por eles, sempre precisamos nos preocupar com Bethod! Já temos um mundo de problemas para resolver sem inventar mais alguns! Logen se foi e Três Árvores é o segundo, e essa é a única palavra que vou ouvir!

Ele apontou o dedo para ninguém em particular, depois esperou, cheio de esperança de que aquilo desse resultado.

– É – resmungou Sinistro.

Forley começou a balançar a cabeça como um pica-pau, concordando:

– Cachorrão está certo! Nós precisamos brigar uns com os outros tanto quanto precisamos de um cancro no pau! Três Árvores é o segundo. Ele é o chefe agora.

Houve silêncio por um momento. Barca Negra encarava Cachorrão com aquele olhar frio e vazio, assassino, como um gato com um rato entre as patas. Cachorrão engoliu em seco. Muitos homens, talvez a maioria, não ousariam enfrentar um olhar daqueles vindo de Barca Negra. Ganhara seu nome devido à reputação, a mais sombria do Norte. Surgia subitamente na escuridão da noite e deixava apenas carvão e cinzas nas aldeias por onde passava. Era o que diziam. Era a verdade.

Cachorrão precisou de toda a coragem que tinha para não desviar os olhos para as próprias botas. Estava pronto para fazer isso quando Barca Negra virou o rosto e encarou os outros, um de cada vez. A maioria dos homens não enfrentaria aquele olhar, mas aqueles ali não faziam parte da maioria. Jamais se encontraria um bando mais sanguinário. Nenhum deles recuou, nem mesmo pareceu pensar nisso. A não ser Forley, o Fraco, claro. Ele estava encarando a grama.

Assim que Barca Negra viu que todos estavam contra ele, abriu um sorriso feliz, como se jamais tivesse havido problema.

– Então tudo bem – disse a Três Árvores, toda a raiva parecendo se esvair num instante. – O que vai ser então, chefe?

Três Árvores olhou para a floresta. Farejou e puxou ar por entre os dentes. Coçou a barba, demorando-se para pensar. Olhou para um de cada vez, avaliando.

– Vamos para o Sul – proferiu.

Cachorrão sentiu o cheiro deles antes de vê-los, mas era sempre assim. Tinha bom nariz, e afinal de contas era por isso que havia ganhado seu apelido. Mas, sendo honesto, qualquer um poderia sentir o cheiro. Eles fediam, porra.

Havia doze na clareira. Sentados, comendo, grunhindo uns com os outros em sua língua maligna, suja, com os dentes grandes e amarelos se projetando para todo lado, usando como roupas pedaços de pele catingosa, couro fedorento e partes descombinadas de armaduras cheias de ferrugem. Shankas.

– Porra de cabeças-achatadas – resmungou Cachorrão consigo mesmo.

Ouviu um sibilo fraco atrás de si, virou-se e viu Sinistro surgir de trás de um arbusto. Estendeu a mão aberta para fazê-lo parar, bateu no topo da cabeça para sinalizar cabeças-achatadas, ergueu o punho fechado, depois dois dedos para indicar doze e apontou de volta para a trilha, na direção dos outros. Sinistro assentiu e sumiu no mato.

Cachorrão deu uma última olhada nos shankas, só para garantir que estavam distraídos. Estavam. Desceu da árvore.

– Acamparam em torno da estrada. Eu vi doze, mas talvez haja mais.

– Estão procurando a gente? – perguntou Três Árvores.

– Talvez, mas não estão procurando muito.

– Será que a gente pode passar ao largo? – sugeriu Forley, sempre querendo evitar uma luta.

Barca Negra cuspiu no chão, sempre querendo entrar numa.

– Doze não é nada! Podemos acabar com eles!

Cachorrão olhou para Três Árvores, que pensava, demorando-se. Doze era muito mais do que nada, todos sabiam disso, mas poderia ser melhor cuidar deles do que deixá-los livres e à vontade, perseguindo-os.

– O que vai ser, chefe? – perguntou Tul.

Três Árvores decidiu:

– Armas.

Um guerreiro que não mantém suas armas limpas e preparadas é idiota. Cachorrão havia cuidado da sua havia menos de uma hora. Mesmo assim, não custava nada verificá-las, porque não fazer a verificação poderia custar sua vida.

Houve o roçar de aço em couro, o estalo de madeira e o tilintar de metal. Cachorrão viu Sinistro dar um puxão na corda do arco, verificar as penas das flechas. Viu Tul Duru passar o polegar pelo gume da espada grande e pesada, quase tão alta quanto Forley, cacarejando como uma galinha ao ver um ponto de ferrugem. Viu Barca Negra esfregar um pano na cabeça do machado, olhando a lâmina com expressão suave, de amante. Viu Três Árvores repuxar as fivelas das alças do escudo e girar a espada, fazendo o metal brilhante reluzir.

Cachorrão deu um suspiro, apertou as tiras que protegiam seu pulso esquerdo, verificou a madeira do arco em busca de rachaduras. Certificou-se de que todas as suas facas estivessem onde deviam. Facas nunca são demais, dissera Logen uma vez, e ele levava o conselho a sério. Viu Forley verificar sua espada curta com as mãos desajeitadas, a boca mastigando, os olhos úmidos de medo. Aquilo o deixou nervoso. Olhou para os outros: sujos, cheios de cicatrizes, testas franzidas e muita barba. Não havia medo ali, nenhum, mas isso não era algo de que se envergonhar. Homens diferentes têm modos diferentes, Logen lhe dissera uma vez, e é preciso ter medo para ter coragem. Ele também levava esse conselho a sério.

Foi até Forley e lhe deu um tapa no ombro.

– É preciso ter medo para ter coragem – disse.

– É mesmo?

– É o que dizem. E é uma coisa boa também. – Cachorrão chegou mais perto para que nenhum outro ouvisse. – Porque eu estou quase me cagando.

Achou que era isso que Logen teria feito, e agora que Logen voltara à lama, a tarefa estava por conta dele. Forley deu um meio sorriso, que sumiu depressa, e

ele pareceu mais apavorado do que nunca. Foi o que deu para fazer.

– Certo, pessoal – disse Três Árvores assim que todo o equipamento foi verificado e posto nos lugares. – Vamos fazer o seguinte: Sinistro, Cachorrão, dos lados opostos do acampamento deles, nas árvores. Esperem o sinal, depois acertem qualquer cabeça-achatada com flechas. Falhando isso, com o que tiverem em mãos.

– Está certo, chefe – disse Cachorrão.

Sinistro assentiu.

– Tul, você e eu vamos pela frente, mas espere o sinal, certo?

– Certo – trovejou o gigante.

– Barca Negra, você e Forley atrás. Vão quando virem a gente ir. Mas dessa vez esperem a gente ir! – sibilou Três Árvores, apontando com o dedo grosso.

– Claro, chefe – respondeu Barca Negra encolhendo os ombros, como sempre fazia quando lhe davam ordens.

– Certo, então. É isso – disse Três Árvores. – Alguém ainda está confuso? Alguma cabeça vazia em volta da fogueira?

Cachorrão balançou a cabeça, fazendo não. Todos repetiram o gesto.

– Certo. Só mais uma coisa – lembrou o velho e se inclinou adiante, olhando um deles de cada vez. – Esperem... a... porra... do... sinal!

Só quando estava escondido atrás de um arbusto com o arco na mão e uma flecha preparada Cachorrão percebeu: não tinha ideia de qual era o sinal. Olhou para os shankas, ainda sentados, sem saber de nada, grunhindo, gritando e dando pancadas. Pelos mortos, ele precisava mijar! Sempre precisava mijar antes de uma luta. Será que alguém dissera qual era o sinal? Não conseguia se lembrar.

– Merda – sussurrou, no exato momento em que Barca Negra saiu correndo das árvores, com o machado na mão e a espada na outra.

– Porra de cabeças-achatadas! – berrou ele, dando um golpe temível na cabeça do mais próximo e espirrando sangue na clareira.

Tanto quanto fosse possível imaginar o que um shanka pensava, aqueles pareceram tremendamente surpresos. Cachorrão imaginou que aquilo teria que servir de sinal.

Disparou sua flecha contra o cabeça-achatada mais próximo, que estava estendendo a mão para um porrete grande, e a viu acertá-lo na axila com um som oco e satisfatório.

– Rá! – gritou.

Viu Barca Negra cravar a espada nas costas de outro, mas agora havia um shanka grande com uma lança pronta para ser atirada. Uma flecha saiu das árvores e se cravou no pescoço dele, que soltou um guincho e caiu esparramado de costas. O tal Sinistro era um tremendo arqueiro.

Três Árvores saiu rugindo do meio do mato baixo do outro lado da clareira, pegando os inimigos desprevenidos. Acertou as costas de um cabeça-achatada com o escudo e o fez se esparramar de cara na fogueira, em seguida cortou outro com a espada. Cachorrão disparou uma flecha que se cravou na barriga de um shanka. Ele tombou de joelhos e, um instante depois, Tul decepou sua cabeça com um grande giro da espada.

A luta transcorria rápido – cortes, grunhidos, chiados, chacoalhados. Havia sangue esguichando, armas girando e corpos caindo depressa demais para que Cachorrão pudesse tentar usar uma flecha. Encurralados, os três últimos guinchavam e balbuciavam. Tul Duru girou sua grande espada, mantendo-os a distância. Três Árvores saltou e decepou as pernas de um deles, e Barca Negra cortou outro que olhava ao redor.

O último guinchou e tentou fugir para as árvores. Cachorrão atirou, mas o shanka estava correndo. Errou. A flecha quase pegou na perna de Barca Negra, por sorte ele não percebeu. O cabeça-achatada estava prestes a sumir na mata quando caiu para trás, sacudindo-se com um grito. Escondido na vegetação, Forley o havia golpeado.

– Peguei um! – gritou.

Tudo ficou silencioso por um momento, enquanto Cachorrão corria para a clareira e todos olhavam ao redor para conferir se restava alguma coisa contra a qual lutar, depois Barca Negra deu um grande berro, sacudindo acima da cabeça suas armas ensanguentadas.

– Matamos eles, porra!

– Você quase matou todos nós, seu idiota! – berrou Três Árvores.

– Hein?

– E a porra do sinal?

– Achei que tinha ouvido você gritar!

– Eu não gritei!

– Não? – perguntou Barca Negra, parecendo tremendamente perplexo. – E qual era o sinal, afinal de contas?

Três Árvores deu um suspiro e apoiou a cabeça nas mãos.

Forley ainda olhava para sua espada.

– Peguei um! – repetiu ele.

Agora que a luta havia terminado, Cachorrão sentia a bexiga prestes a explodir, por isso se virou e mijou em uma árvore.

– Matamos eles! – gritou Tul, dando-lhe um tapa nas costas.

– Cuidado! – gritou Cachorrão, o mijo escorrendo pelas suas pernas.

Todos riram dele por causa disso. Até Sinistro deu uma risadinha.

Tul sacudiu Três Árvores pelo ombro:

– Matamos eles, chefe!

– Matamos esses, sim – repetiu, parecendo azedo –, mas vai haver muitos mais. Milhares deles. Eles também não vão ficar felizes aqui, do outro lado das montanhas. Cedo ou tarde vão para o Sul. Talvez no verão, quando as passagens ficarem livres, talvez mais tarde. Mas não demora muito.

Cachorrão olhou para os outros, todos sem jeito e preocupados depois desse pequeno discurso. O brilho da vitória não havia durado muito. Nunca durava. Olhou os cabeças-achatadas mortos ao redor, despedaçados e ensanguentados, esparramados e esmagados. Agora parecia uma vitoriazinha sem sentido.

– A gente não deveria tentar avisar a eles, Três Árvores? – perguntou. – A gente não deveria tentar avisar a alguém?

– É – concordou Três Árvores com um sorriso triste. – Mas a quem?

O trajeto do amor verdadeiro

JEZAL CAMINHAVA ARRASADO pelo cinzento Agriont, segurando seu equipamento de esgrima: bocejando, tropeçando, ainda horrivelmente dolorido da corrida interminável do dia anterior. Não via praticamente ninguém enquanto se arrastava para o sofrimento cotidiano com o lorde marechal Varuz. Afora os estranhos pios prematuros de algum pássaro nas fachadas e o raspar cansado de suas botas relutantes, tudo estava silencioso. Ninguém acordava àquela hora. Ninguém deveria estar acordado àquela hora. Muito menos ele.

Forçou as pernas cansadas a atravessar a passagem em arco e ir pelo túnel. O sol mal estava acima do horizonte e o pátio do outro lado era cheio de sombras profundas. Estreitando os olhos na escuridão, enxergou Varuz sentado à mesa, esperando-o. Desgraça. Tivera esperanças de chegar cedo ao menos uma vez. Será que o velho sacana não dormia?

– Lorde marechal! – chamou Jezal, começando uma corrida desanimada.

– Não. Hoje, não.

Um arrepio subiu pelo pescoço de Jezal. Não era a voz de seu mestre de esgrima, mas havia nela algo desagradavelmente familiar.

– Hoje o marechal Varuz está ocupado com questões mais importantes.

O inquisidor Glokta estava sentado nas sombras perto da mesa e sorrindo com sua repulsiva gengiva desdentada. A pele de Jezal se arrepiou de nojo. Não era disso que ele precisava logo de manhã cedo.

Diminuiu o passo até um caminhar relutante e parou perto da mesa.

– Sem dúvida você ficará satisfeito em saber que não haverá corrida, nem natação, nem trave ou barra hoje – disse o aleijado. – Nem vai precisar disso aí – continuou, balançando a bengala na direção do equipamento de esgrima de Jezal. – Só vamos bater um papinho.

A ideia de cinco horas punitivas com Varuz pareceu subitamente muito agradável, mas Jezal não mostraria seu desconforto. Jogou as espadas na mesa com um ruído alto e sentou-se despreocupadamente na outra cadeira, com Glokta olhando-o das sombras o tempo todo. Jezal tinha em mente encará-lo de modo a forçar algum tipo de submissão, mas a tentativa se mostrou inútil. Depois de alguns segundos olhando aquele rosto devastado, aquele riso vazio, aqueles olhos fundos e febris, começou a achar o tampo da mesa mais interessante.

– Diga, capitão, por que decidiu praticar esgrima?

Então era um jogo. Uma partida de baralho privada, com apenas dois jogadores. E tudo o que fosse dito chegaria aos ouvidos de Varuz, isso era certo. Jezal teria de jogar com cuidado, manter as cartas junto ao corpo e os pensamentos escondidos.

– Por minha honra, pela da minha família, pela do meu rei – disse friamente.

O aleijado que se virasse para tentar descobrir algum defeito nessa resposta.

– Ah, então é pelo bem da sua nação que você passa por isso. Que cidadão você deve ser! Que altruísmo! Que exemplo para todos nós. – Glokta bufou. – Por favor! Se precisa mentir, pelo menos escolha uma mentira que você mesmo ache convincente. Essa resposta é um insulto para nós dois.

Como aquele fracassado banguela ousava usar esse tom com ele? Jezal sentiu os músculos das pernas se contraírem: ele estava a ponto de se levantar e ir embora, Varuz e esse pateta hediondo que se danassem. Mas captou o olhar do aleijado enquanto punha as mãos nos braços da cadeira para se levantar. Glokta estava sorrindo para ele, uma espécie de zombaria. Ir embora seria admitir a derrota, de algum modo. Por que havia começado a praticar esgrima, afinal?

– Meu pai queria que eu fizesse isso.

– Certo, certo. Meu coração transborda de empatia. O filho leal, atado pelo forte sentimento de dever, é obrigado a realizar as ambições do pai. Uma história conhecida, como uma cadeira velha e confortável em que todos nós adoramos nos sentar. Dizer o que eles querem ouvir, não é isso? É uma resposta melhor, mas igualmente distante da verdade.

– Por que não me diz, então? – reagiu Jezal carrancudo. – Já que você parece saber tanto sobre isso!

– Certo, direi. Os homens não esgrimem por seu rei nem por suas famílias. Nem para se exercitarem, devo dizer, antes que você tente esse argumento

também. Eles esgrimem para ganhar reconhecimento, pela glória. Lutam pelo próprio avanço. Lutam por si mesmos. Eu sei bem.

– Você sabe bem – bufou Jezal. – No seu caso não parece ter dado certo.

Ele se arrependeu imediatamente de ter falado. Boca desgraçada, colocava-o em todo tipo de encrenca.

Mas Glokta apenas mostrou aquele sorriso repugnante outra vez.

– Estava funcionando muito bem, até que fui parar nas prisões do imperador. Qual é a sua desculpa, mentiroso?

Jezal não gostou do rumo que aquela conversa tomava. Estava acostumado demais com vitórias fáceis na mesa de carteado e com jogadores ruins. Suas habilidades haviam embotado. Melhor ficar observando até ter noção exata desse novo oponente. Travou o maxilar e não disse nada.

– É preciso trabalho duro, claro, para vencer um Campeonato. Você deveria ter visto o esforço de nosso amigo, Collem West. Ele suou durante meses, correndo por aí enquanto nós ríamos dele. Um plebeu idiota e metido a besta competindo com seus superiores, era o que todos nós pensávamos. Desajeitado nas sequências de movimentos, andando aos tropeços na trave, sendo feito de idiota, de novo e de novo, dia após dia. Mas veja-o agora. – Glokta bateu com um dedo na bengala. – E olhe para mim. Parece que ele riu por último, não foi, capitão? Isso mostra o que é possível alcançar com um pouco de trabalho duro. Você tem o dobro do talento que ele tinha, além de ter nascido numa boa família. Não precisaria se esforçar um décimo do que ele fez, mas se nega ao trabalho.

Jezal não deixaria essa passar em branco.

– Eu me nego ao trabalho? Por acaso não passo por essa tortura todo dia...

– Tortura? – cortou Glokta rispidamente.

Jezal percebeu, tarde demais, a escolha infeliz de palavras.

– Bom – balbuciou ele –, eu quis dizer...

– Eu sei mais do que um pouco sobre esgrima e tortura. Acredite quando digo – e o riso grotesco do inquisidor ficou ainda mais largo – que são duas coisas muito diferentes.

– Eh... – disse Jezal, ainda desnorteado.

– Você tem ambições e meios para realizá-las. Com um pouquinho de esforço alcançaria isso. Alguns meses de trabalho duro, e depois provavelmente nunca precisaria tentar nada de novo na vida, se é isso o que você quer. Alguns meses rápidos e você está feito.

Glokta lambeu as gengivas vazias, dando um tempo.

– Eu aceitaria, se fosse você, mas não sei: talvez, além de mentiroso, você seja idiota.

– Não sou idiota – disse Jezal com frieza.

Foi o melhor que conseguiu fazer.

Glokta ergueu uma sobrancelha, depois estremeceu, apoiando-se pesadamente na bengala para se erguer devagar.

– Desista se quiser, você é quem sabe. Fique sentado por aí durante o resto dos seus dias, beba e fale merda com os outros oficiais inferiores. Há muita gente que seria mais do que feliz levando essa vida. Muita gente que não teve as mesmas chances que você. Desista. O lorde marechal Varuz ficará desapontado, e o major West, e o seu pai, e assim por diante, mas por favor acredite quando eu digo – ele se inclinou, ainda dando aquele sorriso horrível – que não ligo a mínima. Bom dia, capitão Luthar.

E Glokta saiu mancando na direção do arco.

Depois dessa conversa nada agradável, Jezal se pegou tendo algumas horas de tempo livre inesperado – mas não estava com clima para desfrutá-las. Foi caminhando pelas ruas e praças e pelos jardins vazios do Agriont, pensando soturnamente no que o aleijado dissera, xingando Glokta, porém incapaz de tirar da cabeça aquela conversa. Ficava repassando-a, cada frase, imaginando as coisas que deveria ter dito. Se ao menos tivesse pensado nelas na hora...

– Ah, capitão Luthar!

Jezal levou um susto e ergueu os olhos. Um homem que ele não reconheceu estava sentado na grama cheia de orvalho sob uma árvore, sorrindo, com uma maçã parcialmente comida na mão.

– O início da manhã é a hora perfeita para um passeio. Calma, cinzenta, limpa e vazia. Não se parece nada com o rosado espalhafatoso da tarde. Todo aquele aperto, todas aquelas pessoas indo e vindo. Como alguém consegue pensar no meio daquela confusão? E agora vejo que você é da mesma opinião. Que maravilhoso! – falou o homem e deu uma grande mordida na maçã.

– Eu o conheço?

– Ah, não, não – disse o estranho, levantando-se e espanando alguma sujeira do fundilho das calças. – Ainda não. Meu nome é Sulfur. Yoru Sulfur.

– Verdade? E o que o traz ao Agriont?

– Pode-se dizer que estou numa missão diplomática.

Jezal o olhou de cima a baixo, tentando situar sua origem.

– Uma missão de onde?

– Do meu mestre, claro – respondeu Sulfur, o que não ajudou muito.

Seus olhos eram de cores diferentes, notou Jezal. Uma característica feia e incômoda, pensou.

– E seu mestre é...?

– Um homem muito sábio e muito poderoso.

Ele terminou de comer a maçã e jogou o miolo no mato, limpando as mãos na camisa.

– Vejo que andou esgrimindo – falou.

Jezal olhou para suas espadas.

– É – respondeu, e percebeu naquela hora que finalmente havia chegado a uma decisão. – Mas foi pela última vez. Estou desistindo disso.

– Ora, não! – fez o estranho, segurando Jezal pelos ombros. – Não, você não deve!

– O quê?

– Não, não! Meu mestre ficaria horrorizado se soubesse. Horrorizado! Se você desistir da esgrima, estará desistindo de muito mais do que isso! É assim que se consegue ser notado pelos olhos do público, entende? No fim das contas, eles decidem. Não há nobreza sem plebeus, absolutamente nenhuma! São eles que decidem.

– O quê?

Jezal olhou o parque ao redor, esperando avistar um guarda para poder notificá-lo de que um louco perigoso estava à solta no Agriont.

– Não, você não deve desistir! Não quero saber disso! Não mesmo! Tenho certeza de que você vai continuar, afinal de contas! Você precisa!

Jezal tirou a mão de Sulfur de seu ombro.

– Quem é você?

– Sulfur, Yoru Sulfur, a seu dispor. Vejo você de novo, capitão, no Campeonato, ou antes! – despediu-se, acenando por cima do ombro.

Jezal ficou ligeiramente boquiaberto olhando-o se afastar.

– Maldição! – gritou, jogando as espadas na grama.

Parecia que hoje todo mundo queria tomar conta de sua vida, até malucos desconhecidos no parque.

Assim que achou que já não era cedo demais, Jezal foi procurar o major West. Ele era sempre um ouvinte compreensivo e Jezal esperava ser capaz de manipular o amigo para que ele desse a má notícia de sua desistência ao lorde marechal Varuz. Essa era uma cena da qual não desejava fazer parte, se pudesse evitar. Bateu à porta e esperou, depois bateu de novo. A porta se abriu.

– Capitão Luthar! Que honra quase insuportável!

– Ardee – balbuciou Jezal, um tanto surpreso ao vê-la. – É bom ver você de novo.

Pelo menos uma vez ele falava isso a sério. Ela era interessante, era mesmo.

Para ele, interessar-se pelo que uma mulher teria a dizer era algo novo e revigorante. Além disso, ela era incrivelmente bonita, não havia como negar, e parecia mais bonita a cada vez que ele a via. Nada jamais poderia acontecer entre os dois, claro, já que West era seu amigo, mas não havia mal em olhar, certo?

– Ah... o seu irmão está?

Ela se jogou descuidadamente no banco com espaldar alto junto à parede, uma perna esticada e parecendo muito azeda.

– Saiu. Vive ocupado. Ocupado demais para mim.

Havia um rubor nítido em sua bochecha. O olhar de Jezal pousou na garrafa de vinho. Estava pela metade e sem a tampa.

– Você está bêbada?

– Um pouco – admitiu ela, e franziu os olhos encarando uma taça pela metade que repousava perto de seu cotovelo. – Mas, sobretudo, estou entediada.

– Ainda não são dez horas.

– Não posso me entediar antes das dez?

– Você entendeu o que eu quis dizer.

– Deixe as lições de moral para o meu irmão. Isso combina melhor com ele. E beba um pouco – falou, balançando a mão para indicar a garrafa. – Parece que você precisa.

Bom, isso era verdade. Ele se serviu de uma taça e sentou-se numa cadeira diante de Ardee, enquanto ela o espiava com as pálpebras pesadas. Ardee pegou sua taça na mesa. Havia um livro grosso ao lado, virado para baixo.

– Que tal o livro? – perguntou Jezal.

– *A queda do Mestre Artífice*, em três volumes. Dizem que é um dos maiores clássicos da história. Um monte de lixo tedioso – bufou ela com desprezo. – Cheio de magos sábios, cavaleiros sérios com espadas portentosas e damas com seios mais portentosos ainda. Magia, violência e romance em medidas iguais. Bosta absoluta.

Ela bateu no livro, jogando-o da mesa, e ele caiu no tapete, com as páginas virando.

– Deve haver alguma coisa que você possa fazer para se ocupar.

– Verdade? O que você sugeriria?

– Minhas primas bordam um bocado.

– Vá se foder.

– Hum – disse Jezal, sorrindo.

Os palavrões dela não pareciam mais tão ofensivos como quando os dois haviam se conhecido.

– O que você fazia em casa, em Angland? – quis saber Jezal.

– Ah, em casa – suspirou ela e deixou a cabeça apoiar-se no encosto do banco.

– Eu achava que sentia tédio lá. Mal podia esperar para vir para cá, o centro luminoso das coisas. Agora mal posso esperar para voltar. Casar com algum fazendeiro. Ter uma dúzia de moleques. Pelo menos assim eu poderia conversar um pouco – falou ela, fechando os olhos com um suspiro. – Mas Collem não deixa. Ele se sente responsável, agora que nosso pai morreu. Acha perigoso demais. Não quer que eu seja trucidada pelos nórdicos, mas é mais ou menos até aí que a noção de responsabilidade dele vai. Certamente não chega ao ponto de passar dez minutos comigo. Portanto parece que estou encalhada aqui, com vocês, seus esnobes arrogantes.

Jezal se remexeu com desconforto na cadeira.

– Parece que ele consegue se virar bem por aqui.

– Ah, sim – bufou Ardee. – Collem West é um ótimo sujeito! Venceu um Campeonato, sabia? Foi o primeiro a atravessar a brecha em Ulrioch, não foi? Não tem berço, nunca vai ser um de nós, mas é um sujeito ótimo, para um plebeu! Mas aquela irmã carreirista dele é uma vergonha, esperta demais. E dizem que ela bebe – sussurrou Ardee. – Não sabe ficar no seu lugar. Uma desgraça total. É melhor simplesmente ignorá-la. – Ela suspirou de novo. – É, quanto antes eu for para casa, mais feliz todo mundo vai ficar.

– Eu não ficaria mais feliz.

Desgraça, ele tinha mesmo dito isso em voz alta?

Ardee gargalhou, de um jeito não muito agradável.

– Bom, é de uma nobreza enorme dizer isso. Por que não está treinando esgrima, afinal?

– O marechal Varuz estava ocupado hoje. – Ele fez uma pausa. – Na verdade, hoje tive seu amigo Sand dan Glokta como mestre de esgrima.

– Verdade? O que ele tinha a dizer?

– Várias coisas. Até me chamou de idiota.

– Imagine só!

Jezal franziu a testa.

– Pois é. Eu estou tão entediado com a esgrima quanto você com esse livro. Era o que eu queria conversar com seu irmão. Estou pensando em desistir.

Ela explodiu numa gargalhada. Roncando, gorgolejando. Todo o corpo se sacudia. O vinho se derramou de sua taça e pingou no chão.

– O que é tão engraçado? – perguntou ele.

– É só – ela enxugou uma lágrima do olho – que eu fiz uma aposta com Collem. Ele tinha certeza de que você ia continuar. E agora estou dez marcos mais rica.

– Não sei se gosto de ser motivo de uma aposta entre vocês – disse Jezal enfaticamente.

– Não sei se ligo a mínima.

– Isso é sério.

– Não é, não – reagiu ela. – Era sério para meu irmão, ele tinha de conseguir! Ninguém nem ao menos é notado se não tiver um “dan” no nome. Quem sabe disso melhor do que eu? Você é a única pessoa que me dedicou algum tempo desde que estou aqui, e só porque Collem o obrigou. Tenho pouquíssimo dinheiro e nenhum sangue nobre, e isso me torna menos do que nada para gente como você. Os homens me ignoram e as mulheres me trucidam com o olhar. Não tenho nada aqui, nada e ninguém, e você acha que tem uma vida difícil? Me poupe! Eu poderia começar a esgrimir – disse ela com amargura. – Você poderia perguntar ao lorde marechal se ele tem espaço para uma pupila? Pelo menos assim eu teria com quem conversar!

Jezal piscou. Isso não era interessante. Era grosseiro.

– Espere aí, você não tem ideia de como é...

– Ah, pare de se lamuriar! Quantos anos você tem, 5? Por que não volta para o peitinho da mamãe, neném?

Ele mal podia acreditar no que estava escutando. Como ela ousava?

– Minha mãe morreu – disse ele.

Rá! Isso deve fazê-la sentir-se culpada, deve arrancar um pedido de desculpas. Não arrancou.

– Morreu? Sorte dela, pelo menos não precisa ficar ouvindo suas lamúrias! Vocês, garotinhos ricos e mimados, são todos iguais. Têm tudo o que podem querer e depois dão um chilique porque precisam pegar pessoalmente! Você é patético. Você me deixa enojada!

Jezal ficou estupefato. Seu rosto estava queimando, ardendo, como se tivesse levado um tapa. Nunca levara um tapa. Nunca alguém falara assim com ele. Nunca! Era pior do que Glokta. Muito pior e muito mais inesperado. Percebeu que estava com a boca entreaberta. Fechou-a, trincando os dentes, bateu com a taça na mesa e se levantou para ir embora. Estava se virando para a porta quando ela se abriu de repente, deixando-o a encarar o major West.

– Jezal – disse West, a princípio parecendo simplesmente surpreso e depois, quando olhou para a irmã esparramada no banco, um pouco desconfiado. – O que está fazendo aqui?

– Ah... na verdade vim ver você.

– Ah, é?

– É. Mas isso pode esperar. Tenho mais o que fazer.

Jezal passou pelo amigo e saiu para o corredor.

– O que foi aquilo? – Jezal ouviu West dizer, conforme se afastava da sala. – Você está bêbada?

A fúria de Jezal aumentava a cada passo, até que ele ficou a ponto de ser estrangulado por ela. Tinha sido vítima de uma agressão! Um ataque selvagem e imerecido! Parou no corredor tremendo de fúria, a respiração saindo em jatos, como se ele tivesse corrido 10 quilômetros, os punhos cerrados com força. E logo de uma mulher! Uma mulher! E a porcaria de uma plebeia! Como ela ousava? Ele havia perdido tempo com ela, tinha rido de suas piadas e a achara que ela era atraente! Ela deveria sentir-se honrada por ter sido notada!

– Aquela vaca escrota! – rosnou para si mesmo.

Pensou em voltar e dizer isso na cara de Ardee, mas era tarde demais. Olhou em volta procurando algo em que bater. Como iria se vingar? Como? Então descobriu.

Provando que ela estava errada.

Isso serviria. Provar que ela estava errada, ela e aquele maldito aleijado do Glokta. Mostraria a eles quanto poderia se esforçar. Mostraria que não era idiota, nem mentiroso, nem uma criança mimada. Quanto mais pensava, mais a ideia fazia sentido. Venceria a porcaria do Campeonato, era o que ia fazer! Isso apagaria o sorriso do rosto deles!

Partiu às pressas pelo corredor, com uma sensação nova e estranha crescendo no peito: a sensação de ter um propósito. Era isso. Talvez não fosse tarde demais para uma corrida.

Como os cães são treinados

O PRÁTICO FROST estava parado junto à parede, absolutamente imóvel, absolutamente em silêncio, quase invisível nas sombras profundas, mesclando-se ao prédio. Pelo que Glokta percebera, devia fazer mais de uma hora que o albino não se movia um centímetro, não mexia os pés, não piscava, nem sequer respirava, os olhos fixos na rua diante deles.

O próprio Glokta xingava, remexia-se desconfortável, estremecia, coçava o rosto, sugava as gengivas vazias. *O que os está segurando? Mais alguns minutos e eu posso cair no sono, despencar nesse canal fétido e me afogar. Como seria adequado!* Olhou a água oleosa e fedorenta abaixo, que ondulava batendo de leve. *Corpo encontrado flutuando no cais, inchado de água do mar, impossível de ser reconhecido...*

Frost tocou seu braço no escuro, apontou para a rua com um grande dedo branco. Três homens se moviam devagar na direção deles, andando com as pernas ligeiramente arqueadas de quem passava muito tempo embarcado, equilibrando-se num convés oscilante. *Então esta é metade da nossa festinha. Antes tarde do que nunca.* Os três marinheiros chegaram ao meio da ponte sobre o canal, então pararam e esperaram, a não mais de vinte passos de distância. Glokta podia ouvir o tom da conversa deles: espalhafatosa, confiante, sotaques comuns. Arrastou os pés mais um pouco para as sombras, grudando-se ao prédio.

Agora vinham passos da direção oposta, passos apressados. Dois homens

apareceram, andando depressa pela rua. Um deles, um sujeito muito alto e magro que usava um casaco de pele de aparência cara, estava olhando ao redor, cheio de suspeita. *Deve ser Gofred Hornlach, importante mercador de tecidos. O nosso homem.* Seu companheiro tinha uma espada à cintura e se esforçava carregando nos ombros um grande baú de madeira. *Serviçal ou guarda-costas, ou as duas coisas. Não é importante.* Glokta sentiu os pelos na nuca se eriçarem enquanto os dois se aproximavam da ponte. Hornlach trocou algumas palavras rápidas com um marinheiro, um homem de barba castanha e comprida.

– Pronto? – sussurrou para Frost.

O prático assentiu.

– Parados em nome de Sua Majestade! – gritou Glokta a plenos pulmões.

O serviçal de Hornlach girou, deixando o baú cair na ponte com um estrondo, a mão indo na direção da espada. Um estalo fraco, de corda de arco, veio das sombras do outro lado da rua. O serviçal pareceu surpreso, soltou um urro e caiu de cara no chão. O prático Frost saiu rapidamente das sombras, os pés fazendo barulho na rua.

Hornlach olhou para baixo, estarrecido, para o cadáver de seu guarda-costas, depois encarou o albino corpulento. Virou-se para os marinheiros.

– Ajudem! – gritou. – Detenham-no!

O líder deles sorriu em resposta:

– Acho que não.

Sem pressa, seus dois companheiros se posicionaram de forma a bloquearem a ponte. O comerciante cambaleou, deu um passo hesitante na direção das sombras perto do canal, do outro lado. Severard saiu de junto de um portal, diante dele, com um arco descansando no ombro. *Se substituíssemos o arco por um buquê de flores, poderíamos dizer que ele estava indo para um casamento. Ninguém jamais imaginaria que ele acabara de matar um homem.*

Cercado, Hornlach só pôde olhar ao redor, mudo, os olhos arregalados de medo e surpresa, enquanto os dois práticos se aproximavam, com Glokta mancando atrás.

– Mas eu paguei a vocês! – gritou Hornlach desesperado para os marinheiros.

– Você me pagou por uma cabine – disse o capitão deles. – A lealdade é paga por fora.

A mão grande e branca do prático Frost bateu no ombro do mercador, forçando-o a se ajoelhar. Severard foi caminhando até o guarda-costas, enfiou o bico sujo da bota embaixo do corpo e o fez rolar. O cadáver encarou o céu noturno, olhos vítreos, as penas da flecha se projetando do pescoço. O sangue em volta da boca parecia preto ao luar.

– Morto – resmungou Severard, desnecessariamente.

– É o que uma flecha no pescoço faz – disse Glokta. – Limpe isso, sim?

– Certo.

Severard agarrou os pés do guarda-costas e os puxou para cima do parapeito da ponte, depois o ergueu pelas axilas e, com um grunhido, jogou o corpo na água. *Tão tranquilo, tão limpo, tão hábil. Dá para ver que já fez isso antes.* Houve um som de esguicho quando o corpo bateu na água pútrida.

Frost havia amarrado as mãos de Hornlach com firmeza às costas e posto o saco em sua cabeça. O prisioneiro gritava por trás do pano ao ser posto de pé à força. O próprio Glokta foi arrastando os pés até os três marinheiros, com as pernas entorpecidas depois de todo aquele tempo imóvel no beco.

– E cá estamos – disse tirando uma bolsa pesada do bolso interno da capa. – Diga, o que aconteceu esta noite? – perguntou, testando o capitão enquanto segurava a bolsa acima da palma da mão do outro.

O velho marinheiro sorriu, enrugando seu rosto gasto como couro de bota.

– Minha carga estava estragando e tínhamos de partir na primeira maré, eu avisei isso a ele. Nós esperamos e esperamos, metade da noite, perto daquele canal fedorento, mas dá para acreditar? O desgraçado não apareceu.

– Muito bem. Essa é a história que eu contaria em Westport, se alguém perguntasse.

O capitão pareceu magoado.

– Foi assim que aconteceu, inquisidor. Que outra história poderia haver?

Glokta deixou a bolsa cair e o dinheiro tilintou dentro.

– Com os cumprimentos de Sua Majestade.

O capitão sopesou a bolsa.

– É sempre um prazer fazer um favor para Sua Majestade!

Dito isso, ele e os dois companheiros se viraram, todos com sorrisos amarelos, e partiram na direção do cais.

– Certo, então – disse Glokta. – Vamos logo com isso.

– Onde estão minhas roupas? – gritou Hornlach, retorcendo-se na cadeira.

– Peço desculpas por isso. Sei que é bem desconfortável, mas as roupas podem esconder coisas. Deixe o homem com roupas e você lhe deixa o orgulho, a dignidade, e todo tipo de coisas que é melhor não termos aqui. Jamais interrogo um prisioneiro que esteja vestido. Lembra-se de Salem Rews?

– Quem?

– Salem Rews. Um de vocês. Um mercador de tecidos. Nós o pegamos sonegando os impostos do rei. Ele fez uma confissão, citou algumas pessoas. Eu queria falar com elas, mas todas morreram.

Os olhos do mercador correram rapidamente para a esquerda e a direita. *Está pensando nas opções, tentando avaliar o que podemos saber.*

– Pessoas morrem o tempo todo.

Glokta olhou para o cadáver de Juvens pintado atrás do prisioneiro, sangrando tinta vermelha por toda a parede. *Pessoas morrem o tempo todo.*

– Claro, mas não de modo tão violento. Tenho a impressão de que alguém os queria mortos, de que alguém ordenou que fossem mortos. Tenho a impressão de que foi você.

– Você não tem prova! Não tem prova! Você não pode fazer isso e se safar!

– Provas não significam nada, Hornlach, mas vou fazer a sua vontade. Rews sobreviveu. Por acaso está ali adiante, no corredor, sem mais nenhum amigo, abrindo o berreiro, dizendo o nome de cada mercador de tecidos em que possa pensar, ou em que nós possamos pensar, por sinal.

Olhos se estreitaram, mas nem uma resposta ainda.

– Nós o usamos para pegar Carpi.

– Carpi? – perguntou o comerciante, tentando parecer indiferente.

– Sem dúvida você se lembra do assassino que contratou, não é? Um estiriano ligeiramente flácido. Aquele com marcas de acne, que xinga um bocado? Nós estamos com ele, também. Ele contou a história toda. Como você o contratou, quanto lhe pagou, o que pediu para fazer. A história toda – enfatizou Glokta sorrindo. – Ele tem uma memória excelente, para um matador, muito detalhista.

Agora o medo estava aparecendo, apenas um traço, mas Hornlach se segurava bem.

– Isso é uma afronta à minha corporação! – gritou com o máximo de autoridade que pôde, estando nu e amarrado numa cadeira. – Meu chefe, Coster dan Kault, jamais permitirá isso, e ele é amigo íntimo do superior Kalyne!

– Estou cagando para Kalyne, ele já era. Além disso, Kault acha que você está em segurança a bordo daquele navio, indo para Westport e fora do nosso alcance. Não creio que sua falta será sentida durante várias semanas.

O queixo do mercador despencou.

– Muita coisa pode acontecer nesse tempo... muita coisa.

Hornlach passou a língua sobre os lábios. Olhou furtivamente para Frost e Severard, que estava ligeiramente inclinado para a frente. *Então. Agora vem a negociação.*

– Inquisidor – disse ele com um gemido. – Se aprendi uma coisa na vida, é que todo homem quer alguma coisa. Todo homem tem seu preço, não é? E nós temos bolsos fundos. Você só precisa dizer qual é. Só precisa dizer! O que você quer?

– O que eu quero? – perguntou Glokta, chegando perto, a uma distância mais

conspiratória.

– É. De que se trata isso? O que você quer?

Agora Hornlach estava sorrindo, um sorrisinho modesto e engenhoso. *Que fantástico, mas você não vai comprar um bilhete de saída daqui.*

– Quero meus dentes de volta.

O sorriso do mercador começou a se desfazer.

– Quero minha perna de volta.

Hornlach engoliu em seco.

– Quero minha vida de volta.

O prisioneiro tinha ficado muito pálido.

– Não? Então talvez eu aceite sua cabeça num espeto. Você não tem mais nada que eu queira, não importa a profundidade dos seus bolsos.

Agora Hornlach estava tremendo ligeiramente. *Acabaram as suas ameças? Acabaram as suas propostas? Então nós podemos começar.* Glokta pegou o papel à sua frente e leu a primeira pergunta.

– Qual é o seu nome?

– Veja bem, inquisidor, eu...

Frost bateu o punho na mesa e Hornlach se encolheu na cadeira.

– Responda à porra da pergunta! – gritou Severard na cara dele.

– Gofred Hornlach – guinchou o comerciante.

Glokta assentiu.

– Bom. Você é um membro importante da Guilda dos Mercadores de Tecidos?

– Sou, sou!

– Na verdade é um dos auxiliares do mestre Kault, não é?

– Você sabe que sou!

– Você conspirou com outros mercadores de tecidos para fraudar Sua Majestade, o rei? Contratou um assassino para matar dez súditos de Sua Majestade? Quem lhe ordenou isso foi Coster dan Kault, chefe da Guilda dos Mercadores de Tecidos?

– Não! – gritou Hornlach, a voz esganiçada de pânico.

Essa não é a resposta de que precisamos. Glokta olhou para o prático Frost. O grande punho branco afundou na barriga do mercador, que soltou um suspiro baixo e deslizou de lado, caindo da cadeira.

– Minha mãe tem cachorros, sabe? – retomou Glokta.

– Cachorros – sibilou Severard no ouvido do mercador ofegante, ao jogá-lo de volta para a cadeira.

– Ela os adora. Treina-os para fazerem todo tipo de truques – continuou Glokta franzindo os lábios. – Sabe como os cães são treinados?

Hornlach ainda estava sem fôlego, oscilando na cadeira com os olhos

lacrimosos, longe de conseguir falar. *Ainda está no estágio de peixe arrancado subitamente da água. A boca abre e fecha, mas sem som.*

– Repetição – disse Glokta. – Repetir, repetir, repetir. Você precisa fazer o cachorro repetir os truques cem vezes do mesmo jeito, e depois deve fazer tudo de novo. Tudo depende da repetição. E se você quiser fazer o cão latir sob comando, não deve hesitar com o chicote. Você vai latir para mim, Hornlach, na frente do Conselho Aberto.

– Você é louco – gritou o comerciante, olhando ao redor. – Vocês todos são loucos.

Glokta mostrou seu sorriso vazio.

– Se você quiser. Se isso ajudar – zombou o inquisidor, e olhou de novo para o papel em sua mão. – Qual é o seu nome?

O prisioneiro engoliu em seco.

– Gofred Hornlach.

– É um membro importante da Guilda dos Mercadores de Tecidos?

– Sou.

– Na verdade é um dos auxiliares do mestre Kault?

– Sou!

– Você conspirou com outros mercadores de tecidos para fraudar Sua Majestade, o rei? Contratou um assassino para matar dez súditos de Sua Majestade? Quem lhe ordenou isso foi Coster dan Kault, chefe da Guilda dos Mercadores de Tecidos?

Hornlach olhou desesperado ao redor. Frost o encarou, Severard o encarou.

– E então...? – provocou Glokta.

O mercador fechou os olhos.

– Sim – gemeu.

– Como disse?

– Sim!

Glokta sorriu.

– Excelente. Agora diga. Qual é o seu nome?

Chá e vingança

– É UMA REGIÃO linda, não é? – perguntou Bayaz, olhando para as colinas rochosas sulcadas dos dois lados da estrada.

Os cascos dos cavalos batiam lentos na trilha, o som sereno em contraste com a inquietação de Logen.

– É?

– Bom, é uma região difícil, claro, para quem não a conhece direito. Dura e implacável. Mas há algo nobre, também.

O Primeiro dos Magos girou o braço indicando a paisagem, respirou o ar frio com prazer.

– Ela tem honestidade, integridade – continuou Bayaz. – O melhor aço nem sempre brilha mais – argumentou, oscilando suavemente na sela e olhando para Logen. – Você deveria saber.

– Eu não diria que percebo essa beleza.

– Não? O que você vê?

Logen deixou os olhos vaguearem pelas encostas íngremes cobertas de capim, com trechos de mato denso e tojo marrom, salpicadas de afloramentos de rocha cinzenta e pequenos bosques.

– Vejo um bom terreno para batalha. Desde que você chegue aqui primeiro.

– Verdade? Como?

Logen apontou para uma pequena colina encalombada.

– Arqueiros ali no penhasco não seriam vistos da estrada e é possível esconder

a maior parte da tropa a pé naquelas pedras. Colocaria alguns com armaduras mais leves à esquerda nas encostas, só para atrair o inimigo para o terreno mais elevado.

Ele apontou em direção aos arbustos espinhentos que cobriam as partes mais baixas do terreno.

– Deixaria que eles viessem por um caminho e, quando estivessem brigando para passar no meio do tojo, mandaria as flechas. Flechas vindo de cima, assim, não são nada divertidas. Elas vêm mais rápido, avançam mais e penetram mais fundo. Isso iria dispersá-los. Quando chegassem às pedras, estariam mortos de cansaço e sem liderança. Essa seria a hora de mudar. Um grupo de Carls, saltando descansados daquelas pedras, atacando de cima, ansiosos e gritando feito demônios, poderia derrotá-los ali mesmo.

Logen estreitou os olhos na direção da colina. Estivera dos dois lados de um ataque como esse e em nenhum dos casos a lembrança era agradável.

– Mas se eles tivessem o sangue-frio de esperar, uns poucos cavaleiros naquelas árvores poderiam acabar com tudo. Alguns Homens Nomeados, alguns aguerridos, partindo para cima de onde jamais se esperaria que eles estivessem é uma coisa aterrorizante. Faria com que corressem. Mas, cansados como eles estariam, não correriam tão depressa. Isso significaria prisioneiros, e prisioneiros poderiam significar resgate, ou pelo menos inimigos mortos a um custo bem pequeno. Vejo uma chacina ou uma vitória que valha ser cantada, dependendo do lado em que você estiver. É o que vejo.

Bayaz sorriu, a cabeça assentindo junto com o balanço lento do cavalo.

– Foi Stolicus que disse que o terreno deve ser o melhor amigo de um general, caso contrário se torna seu pior inimigo?

– Nunca ouvi falar nele, mas ele estava certo. Este é um bom terreno para um exército, desde que se chegue primeiro. O truque é chegar primeiro.

– Verdade. Mas não temos um exército.

– Essas árvores poderiam esconder alguns cavaleiros melhor do que um grupo grande.

Logen olhou de esguelha para o mago, que estava relaxado e feliz na sela, desfrutando a cavalgada agradável.

– Não creio que Bethod tenha gostado do seu conselho e eu já tive muitos problemas com ele – falou Logen. – Ele foi ferido onde mais sente, no orgulho. Vai querer vingança. Vai querer ardentemente.

– Ah, sim, vingança, o mais comum dos passatempos do Norte. Sua popularidade parece nunca diminuir.

Logen olhou sério para as árvores, as pedras, as dobras nas encostas do vale, os muitos esconderijos.

– Haverá homens naqueles morros procurando por nós. Pequenos bandos de homens hábeis e endurecidos pela guerra, em boas montarias e bem armados, familiarizados com o terreno. Agora que Bethod acabou com seus inimigos, não há lugar fora de seu alcance no Norte. Eles poderiam estar esperando ali – advertiu Logen, apontando para algumas pedras junto da estrada. – Ou naquelas árvores, ou naquelas.

Malacus Quai, que ia à frente, no cavalo de carga, olhou nervoso ao redor.

– Eles poderiam estar em qualquer lugar – concluiu Logen.

– Isso lhe dá medo? – perguntou Bayaz.

– Tudo me dá medo e é bom que seja assim. O medo é amigo dos que são caçados, ele me manteve vivo por todo esse tempo. Os mortos não têm medo, mas não tenho intenção de me juntar a eles. Bethod vai mandar homens para a biblioteca também.

– Ah, sim, para queimar meus livros e tudo o mais.

– Isso lhe dá medo?

– Não muito. As pedras junto ao portão têm a palavra de Juvens e isso não pode ser ignorado, nem mesmo agora. Ninguém que esteja pensando em atos violentos pode chegar perto. Imagino que os homens de Bethod vão ficar vagueando na chuva pelos arredores do lago até que o suprimento de comida acabe, o tempo todo pensando em como é estranho não conseguirem encontrar algo tão grande como uma biblioteca. Não – disse o mago, animado, cofiando a barba. – Eu me concentraria na nossa situação difícil. O que você acha que acontecerá se formos apanhados?

– Bethod vai nos matar e do modo mais desagradável que puder imaginar. A não ser que tenha em mente ser misericordioso e nos deixar livres com um aviso.

– Isso não parece provável – divagou o mago.

– Estive pensando a mesma coisa. Nossa melhor chance é ir para o Torrente Branca, tentar atravessar suas águas e entrar em Angland, confiando na sorte para não sermos vistos.

Logen não gostava de confiar na sorte, o simples pronunciar daquela palavra lhe deixava um gosto amargo na boca. Olhou para o céu nublado: – Seria bom termos um pouco de mau tempo. Um aguaceiro poderia nos esconder muito bem.

Os céus vinham mijando em cima dele havia semanas, mas, agora que precisava de chuva, recusavam-se a produzir uma gota que fosse.

Malacus Quai os espiava por cima do ombro, os olhos grandes e redondos de preocupação.

– Não deveríamos tentar ir mais rápido?

– Talvez – disse Logen, dando um tapinha no pescoço de seu cavalo. – Mas isso cansaria os cavalos e mais tarde podemos precisar de toda a velocidade que

pudermos atingir. Poderíamos nos esconder de dia e viajar à noite, mas então correríamos o risco de nos perdermos. Estamos melhor assim. Vamos seguir devagar e torcer para não sermos vistos – falou e de repente franziu a testa, observando o topo do morro. – Espero que não tenhamos sido vistos.

– Hum – murmurou Bayaz. – Então esta talvez seja uma boa oportunidade para lhe contar: aquela bruxa, Caurib, não é nem de longe a tola que eu fingi que ela era.

Logen se sentiu desanimar:

– Não?

– Não, apesar de toda a pintura, do ouro e da conversa sobre o norte extremo, ela sabe o que faz. O olho longo, é como chamam. Um truque antigo, mas eficaz. Ela andou nos observando.

– Ela sabe onde estamos?

– Ela sabe quando partimos, mais do que provavelmente, e em que direção íamos.

– Isso não melhora em nada nossas chances.

– Devo dizer que não.

– Merda.

Logen captou algum movimento nas árvores à esquerda e segurou o punho da espada. Dois pássaros saltaram para o céu. Ele esperou, com o coração na boca. Nada. Relaxou a mão.

– Deveríamos tê-los matado quando tivemos a chance – falou Logen. – Todos os três.

– Mas não o fizemos, e é isso – replicou Bayaz, olhando para o outro. – Se eles nos alcançarem, qual é o seu plano?

– Fugir. E esperar que nossos cavalos sejam mais rápidos que os deles.

– E este? – perguntou Bayaz.

Apesar de haver muitas árvores, o vento soprava forte pelo vale, fazendo as chamas da fogueira tremularem e dançarem. Malacus Quai encolheu os ombros e apertou o cobertor com força ao seu redor. Olhou para o galho curto que Bayaz estava segurando, a testa enrugada de concentração.

– É um...

Aquela era a quinta planta e o sofrido aprendiz ainda não havia acertado nenhuma.

– Isso é... hum... ilyith?

– Ilyith? – repetiu o mago. Seu rosto não dava a menor pista se aquela era a resposta certa. Quando se tratava de seu aprendiz, ele era tão implacável quanto

Bethod.

– Talvez?

– Nem de longe.

O aprendiz fechou os olhos e suspirou pela quinta vez naquela noite. Logen sentiu pena dele, sentiu mesmo, mas não podia fazer nada.

– Ursilum, na língua antiga, ursilum-da-folha-redonda.

– É, é, claro, ursilum, estava na ponta da língua o tempo todo.

– Se o nome estava na ponta da sua língua, os usos da planta não podem estar muito atrás, não é?

O aprendiz estreitou os olhos e espiou esperançoso o céu noturno, como se a resposta pudesse estar escrita nas estrelas.

– É... para dor nas juntas?

– Não, decididamente não. Infelizmente suas juntas doloridas continuarão incomodando – falou Bayaz e girou o galho lentamente nos dedos. – Ursilum não tem uso, não que eu saiba. É só uma planta – explicou e o jogou no meio dos arbustos.

– É só uma planta – ecoou Quai, balançando a cabeça.

Logen suspirou e esfregou os olhos cansados.

– Desculpe, mestre Nove Dedos, estamos entediando-o?

– De que isso aí importa? – perguntou Logen, jogando as mãos para o ar. – Quem se importa com o nome de uma planta que não tem uso?

Bayaz sorriu.

– Bom argumento. Diga, Malacus, o que importa?

– Se um homem quer mudar o mundo, precisa compreendê-lo.

O aprendiz soltou as palavras como se as tivesse decorado, evidentemente com alívio por lhe fazerem uma pergunta da qual sabia a resposta.

– O ferreiro deve aprender sobre os metais; o carpinteiro, sobre madeira, caso contrário o trabalho deles terá pouca validade. A magia inferior é selvagem e perigosa, porque vem do Outro Lado, e usar coisas do mundo de baixo é perigoso. O mago equilibra magia e conhecimento e assim produz a Arte Superior, mas, como o ferreiro e o carpinteiro, só deve querer mudar aquilo que ele entende. Com cada coisa que aprende, seu poder aumenta. Assim, o mago deve se esforçar para aprender tudo, para entender o mundo inteiro. A árvore só é tão forte quanto sua raiz, e o conhecimento é a raiz do poder.

– Não me diga: *Princípios da Arte*, de Juvens?

– As frases de abertura – informou Bayaz.

– Desculpe por dizer isso, mas estou neste mundo há mais de trinta anos e ainda não entendo uma única coisa que aconteceu. Conhecer o mundo completamente? Entender tudo? É uma tremenda tarefa.

O mago deu um sorrisinho.

– Uma tarefa impossível, sem dúvida. Conhecer e entender realmente até mesmo uma haste de capim é estudo de uma vida inteira, e o mundo está sempre mudando. É por isso que tendemos a nos especializar.

– Então o que você escolheu?

– O fogo – respondeu Bayaz, olhando feliz para as chamas, com a luz dançando na cabeça careca. – Fogo, força e vontade. Mas mesmo depois de longos e inúmeros anos de estudo, continuo sendo um novato nos campos que escolhi. Quanto mais aprendemos, mais percebemos como sabemos pouco. Mesmo assim o esforço vale a pena. O conhecimento, afinal de contas, é a raiz do poder.

– Então, com conhecimento suficiente, vocês, magos, podem fazer qualquer coisa?

Bayaz franziu a testa.

– Há limites. E há regras.

– Como a Primeira Lei?

O mestre e o aprendiz olharam ao mesmo tempo para Logen.

– É proibido falar com demônios, não é isso?

Estava claro que Quai não se lembrava das palavras que dissera durante a febre: sua boca estava aberta com a surpresa. Os olhos de Bayaz se estreitaram um pouco, com o mínimo traço de suspeita.

– Bom, é sim. É proibido tocar diretamente o Outro Lado. A Primeira Lei deve se aplicar a todos, sem exceção. Assim como a Segunda.

– E qual é ela?

– É proibido comer a carne dos homens.

Logen ergueu uma sobrancelha.

– Vocês, magos, arranjam umas coisas estranhas.

Bayaz sorriu.

– Ah, você não sabe nem da metade – falou o Primeiro dos Magos e então se virou novamente para o aprendiz, segurando uma raiz marrom e encalombada: – E agora, mestre Quai, poderia fazer a gentileza de me dizer o nome disto?

Logen não pôde deixar de rir consigo mesmo. Aquela ele sabia.

– Ora, ora, mestre Quai, não temos a noite toda.

Logen não pôde mais suportar o sofrimento do aprendiz. Inclinou-se para ele, fingindo cutucar o fogo com uma vara, tossiu para disfarçar as palavras e sussurrou baixinho: – Pata-de-corvo.

Bayaz estava a uma boa distância e o vento continuava farfalhando nas folhas. O mago não podia ter ouvido.

Quai representou bem seu papel. Continuou a olhar a raiz, a testa franzida

encenando pensamentos profundos.

– É pata-de-corvo?

Bayaz ergueu uma sobrancelha.

– Ora, é, sim. Muito bem, Malacus. E pode me dizer quais são os usos?

Logen tossiu de novo.

– Ferimentos – sussurrou, olhando descuidadamente para o mato e usando uma das mãos para esconder a boca.

Podia não saber muito sobre plantas, mas, no quesito ferimentos, tinha uma enorme experiência.

– Acho que é boa para ferimentos – disse Quai devagar.

– Excelente, mestre Quai. Pata-de-corvo, está correto. E é boa para ferimentos. Fico feliz em ver que estamos fazendo algum progresso. – Ele pigarreou. – Entretanto é curioso que você use esse nome. Esta planta só é chamada de pata-de-corvo ao norte das montanhas. Certamente eu nunca lhe ensinei esse nome. Imagino quem você conhece que tenha vindo daquela parte do mundo – falou e olhou diretamente para Logen. – Já pensou numa carreira nas artes mágicas, mestre Nove Dedos? – disse e depois estreitou os olhos na direção de Quai. – Talvez eu tenha uma vaga de aprendiz.

Malacus baixou a cabeça.

– Desculpe, mestre Bayaz.

– Deve pedir desculpas mesmo. Talvez você possa limpar as tigelas para nós. Quem sabe essa tarefa não seja mais adequada aos seus talentos?

Quai tirou o cobertor, relutante, pegou as tigelas sujas e foi arrastando os pés em meio aos arbustos, na direção do riacho. Bayaz se curvou sobre a panela no fogo e acrescentou algumas folhas secas na água que borbulhava. A luz trêmula das chamas iluminou a parte inferior de seu rosto e o vapor se enovelou em volta da cabeça careca. Levando tudo em conta, ele parecia bastante confortável com a situação.

– O que você está fazendo? – perguntou Logen ao pegar seu cachimbo. – Algum feitiço? Uma poção? Alguma obra importante da Grande Arte?

– Chá.

– Hein?

– Folhas de uma planta, fervidas na água. É considerado um grande luxo em Gurkhul – explicou o mago, despejando um pouco da infusão num copo. – Quer experimentar?

Logen cheirou a mistura com suspeita.

– Tem cheiro de pé.

– Você é que sabe.

Bayaz balançou a cabeça e sentou ao lado da fogueira, envolvendo o copo

fumegante com as duas mãos.

– Mas está perdendo um dos maiores presentes da natureza para os homens – provocou o Primeiro dos Magos, tomando um gole e estalando os lábios, satisfeito. – Acalma a mente, revigora o corpo. Há poucos males que um bom chá não ajude a curar.

Logen colocou um chumaço de chagga dentro de seu cachimbo.

– Que tal uma machadada na cabeça?

– Esse seria um deles – admitiu Bayaz com um sorriso. – Diga, mestre Nove Dedos, por que toda essa desavença entre você e Bethod? Não lutou por ele muitas vezes? Por que se odeiam tanto?

Logen fez uma pausa enquanto inspirava lentamente a fumaça do cachimbo e depois deixava o ar sair.

– Há motivos – disse rigidamente.

As feridas daquela época ainda estavam abertas. Ele não gostava que as cutucassem.

– Ah, motivos – murmurou Bayaz e olhou para o chá. – E quais são os seus motivos? Essa rixa não afeta os dois lados igualmente?

– Talvez.

– Mas você está disposto a esperar?

– Terei de estar.

– Hum. Você é muito paciente para um nórdico.

Logen pensou em Bethod e em seus filhos odiosos, e nos muitos homens de bem que eles haviam matado em nome de suas ambições. Nos homens que ele próprio havia matado em nome das ambições deles. Pensou nos shankas e em sua família, nas ruínas da aldeia junto ao mar. Pensou em todos os amigos mortos. Puxou uma lufada de ar entre os dentes e olhou para a fogueira.

– Houve um tempo em que procurei acertar minhas pendências, mas isso só provocou outras. A vingança pode parecer algo bom, mas é uma ostentação. Não enche a barriga nem mantém a chuva longe. Para lutar contra meus inimigos, preciso ter amigos em que me apoiar, e estou totalmente sem amigos. É preciso ser realista. Faz tempo desde que minhas ambições foram além de sobreviver mais um dia.

Bayaz gargalhou, os olhos reluzindo à luz da fogueira.

– O que foi? – perguntou Logen, oferecendo-lhe o cachimbo.

– Sem ofensa, mas você é uma fonte inesgotável de surpresas. Não é nem um pouco o que eu esperava. É uma tremenda charada.

– Eu?

– Ah, sim! O Nove Sangrento – sussurrou ele, arregalando os olhos. – É uma tremenda reputação a que você carrega, amigo. As histórias que contam! Um

nome desgraçado! Ora, as mães o usam para pôr medo nos filhos.

Logen não fez nenhum comentário. De nada adiantaria negar.

Bayaz sugou lentamente o cachimbo, depois soprou uma longa tira de fumaça.

– Estive pensando no dia em que o príncipe Calder nos fez uma visita – falou.

Logen bufou.

– Tento não gastar muito meus pensamentos com ele.

– Nem eu, mas não foi o comportamento dele que me interessou, foi o seu.

– Foi? Não me lembro de ter feito nada.

Bayaz apontou a haste do cachimbo para Logen, do outro lado da fogueira.

– Ah, é exatamente esse o ponto. Conheço muitos guerreiros, soldados, generais, campeões e todo o resto. Um bom guerreiro precisa agir de modo rápido, decisivo, seja com o próprio braço ou com um exército, porque quem ataca primeiro por vezes é também o único a atacar. De forma que os guerreiros aprendem a responder sempre com os instintos básicos, com violência, a se tornarem orgulhosos e brutais.

Bayaz passou o cachimbo de volta para Logen.

– Mas, independentemente das histórias, você não é desse tipo.

– Conheço muita gente que discordaria.

– Talvez, mas o fato permanece: Calder o insultou e você não fez nada. Portanto sabe quando deve agir, e agir rapidamente, mas também sabe quando não agir. Isso mostra controle e uma mente aguçada.

– Talvez eu só estivesse com medo.

– Dele? Ora, você não pareceu com medo de Scale e ele é muito mais intimidador. E andou 60 quilômetros com meu aprendiz nas costas, o que demonstra coragem e também compaixão. Uma combinação rara, de fato. Violência e controle, argúcia e compaixão. E, além disso, você fala com os espíritos.

Logen ergueu uma sobrancelha.

– Não com frequência, e só quando não há mais ninguém por perto. A conversa deles é maçante e nem de longe tão lisonjeira quanto a sua.

– Rá! Verdade. Os espíritos têm pouca coisa para dizer aos homens, sei disso, mas nunca falei com eles; não tenho o dom. Poucos têm, hoje em dia – falou Bayaz e tomou outro gole de chá, espiando Logen por cima da borda do copo, antes de concluir: – Não consigo pensar em mais ninguém vivo que tenha.

Malacus surgiu de entre as árvores, tropeçando e tremendo, e depôs as tigelas molhadas. Pegou seu cobertor, enrolou-o apertado no corpo, depois olhou esperançoso para a panela fumegante no fogo.

– É chá?

Bayaz o ignorou.

– Diga, mestre Nove Dedos: em todo o tempo desde que você chegou à minha biblioteca, nem uma vez perguntou por que mandei chamá-lo, nem por que estamos agora vagueando pelo Norte, pondo a vida em perigo. Isso me parece estranho.

– Na verdade, não. Não quero saber.

– Não quer?

– Por toda a minha vida, busquei saber as coisas. O que há do outro lado das montanhas? O que meus inimigos estão pensando? Que armas eles usarão contra mim? Em que amigos posso confiar? – explicou Logen com um dar de ombros. – O conhecimento pode ser a raiz do poder, mas cada coisa nova que aprendi me deixou pior.

Ele sugou o cachimbo de novo, porém nada restava. Bateu as cinzas no chão.

– Tentarei fazer o que quer que você espere de mim, mas não quero saber até que chegue a hora. Estou cansado de tomar minhas próprias decisões. Elas nunca foram corretas. A ignorância é o remédio mais doce, meu pai costumava dizer. Não quero saber.

Bayaz o encarou. Era a primeira vez que Logen via o Primeiro dos Magos parecer surpreso. Malacus Quai pigarreou.

– Eu gostaria de saber – disse em voz fraca, olhando esperançoso para seu mestre.

– É – murmurou Bayaz –, mas nem precisa perguntar.

Foi por volta do meio-dia que tudo deu errado. Logen começava a pensar que talvez conseguissem chegar ao Torrente Branca, talvez até sobrevivessem mais uma semana. Foi como se tivesse se desconcentrado só por um momento. Infelizmente, foi um momento importante.

Mesmo assim, a coisa foi bem-feita, era preciso admitir. Eles haviam escolhido o local cuidadosamente e amarrado trapos nos cascos dos cavalos para abafar o som. Três Árvores poderia ter previsto o que estava por acontecer se estivesse com eles, mas ele possuía um olhar para o terreno como nenhum outro. Cachorrão poderia ter sentido o cheiro deles, se estivesse ali, mas ele tinha o nariz para isso. O fato era que nenhum dos dois estava ali. Mortos não ajudam.

Três cavaleiros os esperavam quando fizeram uma curva fechada. Bem armados e com armaduras, rostos sujos porém armas limpas, todos experientes. O da direita era atarracado e forte, quase sem pescoço. O da esquerda era alto e magro, com olhos pequenos, duros. Ambos usavam elmos redondos, cotas de malha muito gastas e tinham lanças compridas a postos. Seu líder estava montado no cavalo como um saco de nabos, frouxo na sela com a tranquilidade

de um cavaleiro treinado. Ele assentiu para Logen: – Nove Dedos! O Brynn! O Nove Sangrento! É muito bom ver você de novo.

– Pé Preto – balbuciou Logen, forçando um sorriso amigável. – Meu coração ficaria feliz em ver você, também, se a situação fosse diferente.

– Mas ela é o que é.

Os olhos do guerreiro se moviam lentamente ao observarem Bayaz, Quai e Logen enquanto ele falava, examinando suas armas ou a falta delas, planejando seu próximo movimento. Um oponente mais idiota poderia ter desconsiderado as chances deles, mas Pé Preto era um Homem Nomeado e não era idiota. Seu olhar pousou na mão de Logen, que se esgueirava lentamente na direção do punho da espada, e ele balançou a cabeça devagar.

– Nada dos seus truques, Nove Sangrento. Você pode ver que nós os pegamos – avisou, indicando com a cabeça as árvores atrás deles.

O coração de Logen acelerou ainda mais. Outros dois cavaleiros tinham aparecido e vinham trotando em seus cavalos para completar a armadilha, os cascos quase não fazendo som no terreno macio junto à estrada. Logen mordeu o lábio. Pé Preto estava certo, desgraçado. Os quatro cavaleiros se aproximaram, suas lanças balançando apontadas para o grupo de Logen, os rostos frios, as mentes focadas na tarefa. Malacus Quai os olhava apavorado, recuando em seu cavalo. Bayaz sorriu de modo agradável como se aqueles fossem seus amigos mais antigos. Logen adoraria ter um pouco da compostura do mago. Seu coração estava martelando, a boca azeda.

Pé Preto instigou o cavalo adiante, uma das mãos segurando o cabo do machado, a outra pousada no joelho, sem sequer usar as rédeas. Era um cavaleiro magistral, famoso por isso. É o que acontece quando um homem perde todos os dedos dos pés por causa do frio. Cavalgar é mais rápido do que andar, isso é verdade, mas, quando se tratava de uma luta, Logen preferia manter os pés firmes no chão.

– É melhor virem conosco – disse o velho guerreiro. – Melhor para todos.

Logen não concordava, mas as chances estavam todas contra ele. Uma espada podia ter voz, como dissera Bayaz, mas uma lança é algo terrivelmente eficaz para furar um homem em cima de um cavalo, e havia quatro delas por perto. Ele fora apanhado – em número inferior, desprevenido e sem as ferramentas adequadas à situação. Mais uma vez. O melhor a fazer era tentar ganhar tempo e esperar que alguma oportunidade surgisse. Pigarreou, esforçando-se ao máximo para afastar o medo da voz: – Nunca achei que você faria as pazes com Bethod. Você, não.

O guerreiro coçou a barba comprida e embolada.

– Fui um dos últimos, para dizer a verdade, mas no fim me ajoelhei, como

todo o resto. Não posso dizer que gostei, mas foi isso. É melhor me entregar a espada, Nove Dedos.

– E o Velho Yawl? Está dizendo que ele se curva diante de Bethod? Ou você simplesmente encontrou um senhor mais adequado?

Pé Preto não se incomodou com a provocação, nem um pouco. Só pareceu triste e exausto.

– Yawl está morto, como se você não soubesse. A maioria deles está. Bethod não me agrada nem um pouco como senhor, nem os filhos dele. Ninguém gosta de lamber a bunda gorda de Scale, nem a magra de Calder, você deveria saber. Agora entregue a espada, o dia está passando e nós temos muito terreno a percorrer. Podemos conversar do mesmo modo se você estiver desarmado.

– Yawl morreu?

– Morreu – respondeu Pé Preto, desconfiado. – Ele ofereceu um duelo a Bethod. Não ouviu dizer? O Temível acabou com ele.

– Temível?

– Onde você esteve, embaixo de uma montanha?

– Mais ou menos. O que é esse tal de Temível?

– Não sei o que ele é – respondeu Pé Preto e se inclinou na sela para cuspir no capim. – Ouvi dizer que não é humano. Dizem que aquela vaca da Caurib o desencavou de uma colina. Quem sabe? De qualquer modo, ele é o novo campeão do Bethod e muito mais maligno do que o anterior, sem ofensa.

– Tudo bem – disse Logen.

O homem sem pescoço havia chegado mais perto. Talvez um pouco perto demais. A ponta de sua lança pairava a apenas uns 50 centímetros de distância. Suficientemente perto para Logen agarrá-la. Talvez.

– O Velho Yawl era um sujeito forte – retomou Nove Dedos.

– É. Por isso nós o seguíamos. Mas isso não lhe serviu de nada. O tal Temível acabou com ele. Acabou feio, como se ele não passasse de um cachorro. Deixou-o vivo, se é que se pode dizer, para que a gente aprendesse com o erro dele, mas ele não sobreviveu muito tempo. A maioria de nós se ajoelhou naquela hora, os que tinham mulheres e filhos. Não havia sentido em adiar. Ainda há uns poucos, nas montanhas, que não aceitam se curvar diante de Bethod. Aquele louco do Crummock-i-Phail, que adora a lua, e seus homens, e uns outros. Mas não são muitos. E Bethod tem planos para os que restam.

Pé Preto parou de conversar e estendeu a mão grande e calejada:

– Melhor me entregar a espada, Nove Sangrento. Só com a mão esquerda, por favor, bem devagar e sem nenhum dos seus truques. Vai ser melhor para todo mundo.

Então era isso. O tempo havia acabado. Logen fechou três dedos da mão

esquerda no punho da espada, com o metal frio pressionando a palma. A ponta da lança do grandalhão chegou um pouquinho mais perto. O homem mais alto havia relaxado um pouco, confiante em que o haviam dominado. Sua lança apontava para o ar, despreparada. Não havia como dizer o que os dois de trás estavam fazendo. O desejo de espiar por cima do ombro era quase irresistível, mas Logen se obrigou a continuar olhando para a frente.

– Sempre tive respeito por você, Nove Dedos, mesmo que estejamos em lados diferentes. Não tenho rixa com você. Mas Bethod quer vingança, está embriagado pela ânsia de vingança, e eu jurei servir – explicou Pé Preto, encarando-o com tristeza. – Lamento que seja eu. Se é que isso vale de alguma coisa.

– Igualmente – murmurou Logen. – Lamento que seja você – disse, já deslizando a espada lentamente para fora da bainha. – Se é que isso vale de alguma coisa.

Ele puxou o braço rapidamente, acertando a extremidade do punho da espada na boca de Pé Preto. O velho soltou um guincho quando o metal opaco esmagou seus dentes. Tombou para trás, caindo da sela, o machado voando da mão e batendo com ruído na terra. Logen agarrou a lança do grandalhão, logo abaixo da ponta.

– Fuja – berrou para Quai, mas o aprendiz apenas olhou para ele, piscando imóvel.

O homem sem pescoço puxou a lança com força, quase arrancando Logen da sela, porém ele continuou segurando firme. Levantou-se nos estribos, erguendo a espada bem acima da cabeça. Com os olhos arregalados, por instinto, o sem pescoço tirou uma das mãos da lança e a ergueu. Logen desceu a espada com toda a força.

Ficou assustado ao ver como ela era afiada. Decepou o braço do grandalhão logo abaixo do cotovelo, em seguida acertou seu ombro, atravessando a pele de animal e a cota de malha sob ela, abrindo-o até o estômago, quase partindo-o ao meio. O sangue choveu na estrada, sujando a cara do cavalo de Logen. O animal era treinado para montaria, mas não para guerra, e empinou, girando, escoiceando e mergulhando em pânico. Logen mal conseguia se manter em cima dele. Com o canto do olho, viu Bayaz dar um tapa na anca do cavalo de Quai, que partiu com o aprendiz na sela e levando junto o cavalo de carga a galope.

Então tudo se transformou em uma confusão de animais escoiceando e bufando, metal se chocando e raspando, xingamentos e gritos. Batalha. Uma situação familiar, mas nem por isso menos aterrorizante. Logen se agarrava às rédeas com a mão direita, enquanto seu cavalo corcoveava e se sacudia. Girava a espada feito louco em volta da cabeça, mais para amedrontar os inimigos do que

para feri-los. A cada momento esperava o golpe e a dor lancinante de ser acertado por uma lança, depois o chão indo de encontro a ele.

Viu Quai e Bayaz galopando para longe, pela estrada, perseguidos pelo homem alto com a lança sob o braço. Viu Pé Preto rolando para ficar de pé, cuspindo sangue, tentando pegar o machado. Viu os dois homens que tinham vindo de trás lutando para controlar os cavalos que se retorciam, as lanças balançando nas mãos. Viu o corpo do que ele havia acabado de matar tombar lentamente da sela, com sangue jorrando no terreno lamacento.

Logen soltou um grito ao sentir uma ponta de lança se cravar na parte de trás do ombro, empurrando-o para a frente e quase o jogando por cima da cabeça do cavalo. Mas ainda estava vivo, com o rosto voltado para a estrada. Bateu os calcanhares nos flancos do cavalo, que partiu a toda a velocidade, fazendo a lama voar dos cascos no rosto dos homens atrás. Passou a espada desajeitadamente para a mão direita, quase largando as rédeas e caindo na estrada. Mexeu os ombros: o ferimento não parecia muito ruim – podia mover bem o braço.

– Ainda estou vivo. Ainda estou vivo.

A estrada passava rapidamente sob ele, o vento ardia nos olhos. Ia se aproximando do homem alto – os trapos nos cascos do cavalo o deixavam lento, escorregando no terreno enlameado. Logen segurou o punho da espada com o máximo de força que pôde e a ergueu. O homem virou a cabeça naquele instante, mas foi tarde demais. Houve uma pancada oca de metal contra metal quando a espada bateu no elmo, deixando uma mossa profunda e derrubando o sujeito. Sua cabeça ricocheteou uma vez na estrada, o pé ainda preso num estribo, então ele se soltou e rolou no capim, braços e pernas se agitando. Seu cavalo continuou na corrida, os olhos girando na direção de Logen quando ele passou.

– Ainda estou vivo.

Logen olhou por cima do ombro. Pé Preto estava de volta na sela e galopava atrás dele, o machado erguido acima da cabeça, o cabelo emaranhado voando atrás. Os outros dois o seguiam, instigando os cavalos, mas ainda havia alguma distância a percorrer. Logen gargalhou. Talvez conseguisse, afinal de contas. Brandiu a espada para Pé Preto enquanto a estrada entrava num bosque no fundo do vale.

– Ainda estou vivo! – gritou a plenos pulmões.

Foi quando seu cavalo parou tão de repente que ele quase foi arremessado. Só conseguiu se manter na sela porque se agarrou com um dos braços ao pescoço do animal. Assim que voltou a se sentar, viu o problema, e era dos grandes.

Vários troncos de árvores tinham sido postos atravessados na estrada, seus ramos e galhos afiados formando pontas traiçoeiras que se projetavam em todas

as direções. Mais dois Carls com cotas de malha estavam adiante, com lanças a postos. Nem mesmo o melhor cavaleiro poderia saltar aquela barreira, e Logen não era o melhor cavaleiro. Bayaz e seu aprendiz haviam chegado à mesma decisão. Ambos estavam parados em seus cavalos diante do obstáculo, o velho parecendo intrigado, o jovem simplesmente apavorado.

Logen tocou o punho da espada e olhou desesperado ao redor. Agora via mais homens. Arqueiros. Um, depois dois, em seguida três, esgueirando-se lentamente dos dois lados da estrada, flechas a postos e cordas retesadas.

Logen girou o corpo, mas Pé Preto e seus dois companheiros vinham trotando. Por aquele caminho, não havia como escapar. Eles puxaram as rédeas a alguns passos de distância, fora do alcance da espada de Logen. Os ombros dele se afrouxaram. A caçada estava no fim. Pé Preto se inclinou e cuspiu um pouco de sangue no chão.

– Certo, Nove Sangrento, é só até aí que você vai.

– Engraçado – balbuciou Logen, olhando a lâmina cinzenta e comprida da espada, manchada de vermelho. – Todo esse tempo eu lutei por Bethod contra você e agora você luta por ele contra mim. Parece que nunca estamos do mesmo lado e que ele é o único vencedor.

– É – murmurou Pé Preto por entre os lábios sangrentos. – Engraçado.

Mas ninguém estava rindo. Pé Preto e seus Carls tinham rostos duros como a morte. Quai parecia à beira das lágrimas. Só Bayaz, por motivos que iam além de qualquer compreensão, ainda mantinha o bom humor costumeiro.

– Tudo bem, Nove Dedos – retomou Pé Preto. – Bethod quer você vivo, mas aceita morto, se for necessário. Desça! Agora!

Logen começou a imaginar como poderiam escapar se ele se entregasse. Pé Preto certamente não cometeria outro erro depois de prendê-los. Logen provavelmente apanharia até quase morrer, devido ao trabalho que já lhes dera, isso se não arrancassem as patelas dos seus joelhos. Os três seriam amarrados como galinhas para o abate. Visualizou-se jogado nas pedras com um quilômetro de corrente em volta do corpo, Bethod sorrindo de seu trono, Calder e Scale gargalhando, provavelmente cutucando-o com algo pontiagudo.

Olhou ao redor. Olhou as frias pontas das flechas e lanças, e os olhos frios dos homens que as apontavam. Não havia como sair dali.

– Certo, você venceu.

Logen jogou a espada no chão, com a ponta para baixo. Imaginara que ela se fincaria e permaneceria em pé, balançando para trás e para a frente, mas ela tombou e bateu com ruído na terra. Estava tendo um dia daqueles. Passou uma perna lentamente por cima da sela e deslizou para o chão.

– Assim está melhor. Agora o resto de vocês.

Quai saltou instantaneamente do cavalo e ficou parado, olhando nervoso para Bayaz, mas o mago não se moveu. Pé Preto franziu a testa e sopesou seu machado.

– Você também, velho.

– Prefiro cavalgar.

Logen estremeceu. Aquela não era a resposta certa. A qualquer momento Pé Preto daria a ordem. As cordas dos arcos cantariam e o Primeiro dos Magos cairia na estrada, crivado de flechas, provavelmente ainda com aquele sorriso irritante no rosto.

Mas a ordem não veio. Não houve palavra de comando, nem um sortilégio estranho, nem gestos ocultos. O ar em volta dos ombros de Bayaz pareceu tremeluzir, como o ar sobre a terra num dia quente, e Logen sentiu um puxão estranho nas tripas.

Então as árvores se transformaram numa parede de chamas brancas, quentíssimas, ofuscantes. Troncos explodiram e galhos se partiram com estalos ensurdecedores, soltando colunas de fogo brilhante e vapor escaldante. Uma flecha em chamas saltou para o ar acima da cabeça de Logen, e então os arqueiros sumiram, incendiados na fornalha.

Logen engasgou e ofegou, recuou em choque e terror, o braço erguido para proteger o rosto do calor insuportável. A barricada estava soltando grandes jatos de fogo e fagulhas ofuscantes, os dois homens que haviam estado perto rolavam e se sacudiam, envoltos em chamas devoradoras, com gritos que se perdiam no rugido ensurdecedor.

Os cavalos empinavam e recuavam, bufando de terror. Pé Preto foi jogado no chão pela segunda vez, com o machado em chamas voando das mãos. Seu cavalo tropeçou e caiu em cima dele. Um de seus companheiros teve menos sorte ainda: foi jogado diretamente na barricada de fogo ao lado da estrada, seu grito de desespero cessando imediatamente. Só um ficou de pé, e teve a sorte de estar usando luvas. Por algum milagre, continuou segurando o cabo da lança em chamas.

Logen jamais saberia como ele teve a presença de espírito de atacar, mesmo com o mundo ao redor em chamas. Coisas estranhas acontecem numa luta. O sujeito escolheu Quai como alvo e partiu para cima dele com um rosnado, a lança em chamas apontada para o peito do rapaz. O aprendiz ficou ali, atarantado, impotente, enraizado no local.

Logen correu na direção de Quai, agarrando sua espada no caminho e empurrando-o. O aprendiz rolou pelo chão, com as mãos protegendo a cabeça. Sem pensar, Logen golpeou as patas do cavalo que passava veloz feito um raio.

A espada foi arrancada de sua mão e rolou para longe, em seguida um casco

acertou o ombro ferido de Logen e o derrubou no chão. O ar foi expelido dos seus pulmões e o mundo em chamas girou sem sentido. Mas o golpe surtira efeito. Alguns passos mais adiante, as pernas talhadas do cavalo cederam e ele tropeçou, impelido para a frente, tombou e caiu nas chamas, cavalo e cavaleiro desaparecendo juntos.

Logen tateou o chão à procura da espada. Folhas em chamas corriam pela trilha, queimando seu rosto e suas mãos. O calor pesava sobre ele, arrancando suor de sua pele. Encontrou o cabo sangrento da espada, segurou-a com os dedos rasgados. Levantou-se num impulso, cambaleou; em sua fúria, gritou coisas incompreensíveis, mas não restava ninguém com quem lutar.

Tão subitamente quanto tinham chegado, as chamas sumiram, deixando Logen a tossir e piscar em meio a redemoinhos de fumaça.

Passado o rugido do fogo, o silêncio pareceu total e a brisa, gélida. Um amplo círculo das árvores ao redor deles fora reduzido a cotocos queimados e despedaçados, como se tivessem ardido por horas. A barricada era um monte de cinzas e lascas pretas. Dois cadáveres estavam esparramados ali perto, quase irreconhecíveis como homens, queimados até os ossos. As pontas enegrecidas de suas lanças estavam na estrada, os cabos haviam sumido. Dos arqueiros não havia sinal. Eram fuligem soprada ao vento. Quai estava caído imóvel, de rosto no chão, com as mãos sobre a cabeça, e atrás dele o cavalo de Pé Preto se encontrava esparramado de lado, uma perna estremecendo em silêncio, as outras, imóveis.

– Bom – disse Bayaz, e o som abafado fez Logen dar um pulo. De algum modo, havia esperado que jamais houvesse outro som de novo. – É isso.

O Primeiro dos Magos passou uma perna por cima da sela e deslizou para o chão. Seu cavalo ficou ali, calmo e obediente. Não tinha se movido durante todo o tempo.

– Então, mestre Quai, está vendo o que podemos conseguir com um entendimento adequado das plantas?

A voz de Bayaz saía calma, mas suas mãos tremiam. Tremiam muito. Ele parecia arrasado, doente, velho, como se tivesse arrastado uma carroça por quilômetros. Logen o encarou, oscilando em silêncio para trás e para a frente, com a espada pendendo na mão.

– Então isso é Arte, não é? – falou, a voz muito pequena e distante.

Bayaz enxugou o suor do rosto.

– É um tipo. Nem um pouco sutil. Mas, de qualquer forma – e ele cutucou com a bota um dos corpos queimados –, seria um desperdício de sutileza usá-la com os nórdicos.

O mago deu um sorriso fraco, esfregou os olhos fundos e espiou pela estrada:

– Para onde, diabos, foram aqueles cavalos?

Logen escutou um gemido entrecortado vindo da direção da montaria de Pé Preto. Seguiu cambaleante para lá, tropeçou e caiu de joelhos, foi cambaleando de novo. Seu ombro era uma bola de dor, o braço esquerdo estava entorpecido, os dedos rasgados e sangrando, mas Pé Preto estava em piores condições. Muito piores. Estava apoiado nos cotovelos, esmagado do quadril para baixo sob o cavalo, as mãos parecendo farrapos inchados de tão queimadas. Tinha um ar de perplexidade profunda no rosto ensanguentado enquanto tentava, sem sucesso, arrastar-se de baixo do cavalo.

– Você me matou, porra – sussurrou olhando boquiaberto para o que restava das próprias mãos. – Estou acabado. Nunca vou sobreviver, e mesmo que pudesse, para quê? – Deu um riso desesperado. – Bethod não é nem de longe tão misericordioso quanto antigamente. Melhor me matar agora, antes que comece a doer. Muito melhor.

E ele se deixou tombar na estrada.

Logen olhou para Bayaz, mas dele não viria ajuda.

– Não sou muito bom em curar – disse o mago rispidamente, olhando o círculo de tocos arrebentados. – Eu disse que nós tendemos a nos especializar.

Ofegando, fechou os olhos e se curvou, as mãos pousando nos joelhos.

Logen pensou no piso do castelo de Bethod e nos dois príncipes, rindo e cutucando.

– Tudo bem – murmurou, levantando-se e sopesando a espada. – Tudo bem.

Pé Preto sorriu.

– Você estava certo, Nove Dedos. Eu nunca deveria ter me ajoelhado diante de Bethod. Nunca. À merda, ele e seu Temível. Teria sido melhor se eu morresse nas montanhas, lutando contra ele até o fim. Poderia haver algo bom nisso. Simplesmente estou farto. Dá para ver, não é?

– Dá para ver – murmurou Logen. – Eu também já estou farto.

– Algo bom – repetiu Pé Preto olhando para o céu cinzento, ao longe. – Simplesmente estou farto. Então acho que mereço isso. O que é justo é justo – falou e ergueu o queixo. – Bom, então. Faça logo, rapaz.

Logen ergueu a espada.

– Fico feliz que seja você, Nove Dedos – sussurrou Pé Preto com os dentes trincados. – Se é que isso vale de alguma coisa.

– Eu não fico.

E Logen golpeou de cima para baixo.

Os tocos queimados ainda soltavam fumaça, que se retorcia no ar, mas agora tudo estava frio. A boca de Logen tinha um gosto salgado, como sangue. Talvez tivesse mordido a língua. Talvez fosse sangue de outro. Jogou a espada no chão e

ela quicou, fazendo barulho e espalhando manchas vermelhas na terra. Quai olhou ao redor por um momento, boquiaberto, depois se curvou e vomitou. Logen olhou o cadáver decapitado de Pé Preto.

– Era um homem bom. Melhor do que eu.

– A história está cheia de homens bons mortos – consolou-o Bayaz.

Ele se ajoelhou rigidamente e pegou a espada, limpou a lâmina no casaco de Pé Preto, depois espiou ao longo da estrada, através da névoa de fumaça.

– Devíamos ir andando logo. Outros podem estar vindo.

Logen olhou para as mãos ensanguentadas, virando-as lentamente várias vezes. Eram suas mãos, sem dúvida. Ali estava o dedo que faltava.

– Nada mudou – murmurou consigo mesmo.

Bayaz se empertigou, espanando a sujeira dos joelhos.

– E algum dia alguma coisa já mudou?

Ele estendeu a espada para Logen, com o punho na frente.

– Acho que você ainda vai precisar disto.

Logen olhou a lâmina por um momento. Estava limpa, um cinza opaco, como sempre fora. Diferentemente dele, não mostrava sequer um arranhão pelo uso intenso que tivera naquele dia. Ele não a queria de volta. Nunca mais.

Mas a pegou, mesmo assim.

S E G U N D A P A R T E

“A vida – como ela realmente é – não se trata de
uma batalha entre bom e mau,
e sim entre mau e pior.”

Joseph Brodsky

Como é a liberdade

A PONTA DA PÁ bateu no chão com o som áspero de metal contra terra. Um som familiar demais. Não penetrou muito, apesar de toda a força posta nela, já que o solo era rochoso, duro e curtido pelo sol.

Mas ela não seria detida por um pouco de solo duro.

Tinha cavado buracos de mais, e em chão pior do que aquele.

Quando a luta acaba, você cava, se ainda estiver viva. Cava sepulturas para os companheiros mortos. Um último sinal de respeito, por menor que tivesse sido o respeito que sentira por eles em vida. Você cava o mais fundo que se incomoda em cavar, joga-os dentro, cobre, eles apodrecem e são esquecidos. É assim que sempre foi.

Com um movimento do ombro, fez voar uma pá cheia do solo ressecado. Seus olhos seguiram os grãos de terra e pedrinhas que se separaram no ar, depois caíram sobre o rosto de um dos soldados. Um olho a encarava com reprovação. O outro tinha uma de suas flechas cravada, com a haste partida. Algumas moscas zumbiam preguiçosas em volta dele. Para aquele não haveria enterro, as sepulturas eram para o pessoal dela. Ele e seus amigos desgraçados poderiam ficar sob o sol implacável.

Afinal de contas, os abutres precisam comer.

A pá girou no ar e mordeu o solo de novo. Outro torrão de terra foi para longe. Ela se empertigou e enxugou o suor do rosto. Estreitou os olhos na direção do céu. O sol chamejava, a pino, sugando qualquer umidade que restasse na

paisagem poeirenta, secando o sangue nas pedras. Ela olhou para as duas sepulturas a seu lado. Faltava uma. Terminaria essa, jogaria a terra em cima daqueles três idiotas, descansaria um pouco e iria embora.

Logo outros viriam atrás dela.

Cravou a pá no chão, segurou o odre de água e tirou a tampa. Tomou alguns goles mornos, até se permitiu o luxo de derramar um pouquinho na mão imunda e passar no rosto. A morte prematura dos companheiros pelo menos trouxera uma trégua à briga interminável por causa da água.

Agora haveria o suficiente.

– Água... – ofegou o soldado perto das pedras.

Era surpreendente, mas ele continuava vivo. A flecha disparada por ela havia errado o coração, mas mesmo assim o mataria – apenas um pouco mais devagar do que ela pretendera. Ele tinha conseguido se arrastar até as pedras, mas seus dias de se arrastar estavam acabados. As pedras em volta dele se encontravam cobertas de sangue escuro. O calor e aquela flecha acabariam com ele em pouco tempo, por mais forte que fosse.

Ela não estava com sede, mas havia água de sobra e não poderia carregar toda ela. Tomou mais alguns goles, deixando-a sair da boca e escorrer pelo pescoço. Um prazer raro nas Terras Ruins, deixar a água cair. Gotas brilhantes bateram no chão seco, escurecendo-o. Jogou mais água no rosto, lambeu os lábios e olhou o soldado.

– Misericórdia... – grasnou ele, uma das mãos apertando o peito, de onde a flecha brotava, a outra estendida debilmente para ela.

– Misericórdia? Rá! – zombou ela, fechando o odre, depois jogando-o perto da sepultura. – Não sabe quem eu sou?

Agarrou o cabo da pá e a lâmina mordeu a terra de novo.

– Ferro Maljinn! – disse uma voz em algum lugar atrás dela. – Sei quem você é!

Uma novidade muito mal-vinda.

Ela girou a pá de novo, com a mente disparando. Seu arco estava fora do alcance, no chão perto da primeira sepultura que havia cavado. Jogou um pouco de terra longe, os ombros suados pinicando por causa da presença não notada. Olhou para o soldado agonizante. Ele estava fixando um ponto atrás dela, e isso lhe deu uma boa ideia de onde seu novo rival havia parado.

Cravou de novo a ponta da pá, depois a soltou e pulou para fora do buraco, rolando no chão, pegando o arco, pondo uma flecha na corda e retesando-a num único movimento suave. Um velho estava parado a uns dez passos de distância. Não fazia qualquer menção de avançar, não segurava arma alguma. Estava apenas parado, olhando-a com um sorriso benigno.

Ela lançou a flecha.

Ferro era quase tão mortal com um arco quanto é possível. Os dez soldados mortos poderiam ter testemunhado isso. Seis deles tinham flechas suas projetando-se do corpo e naquela luta ela não havia errado nenhuma vez. Não podia se lembrar de já ter errado um disparo de perto, por mais rapidamente que ele tivesse sido feito, e havia matado homens a uma distância dez vezes maior do que aquela em que o velho desgraçado sorridente estava.

Mas desta vez errou.

A flecha pareceu fazer uma curva no ar. Tinha uma pena ruim, talvez, mas mesmo assim aquilo não parecia direito. O velho não se mexeu, nem mesmo um fio de cabelo. Simplesmente ficou parado, sorrindo, exatamente onde sempre estivera, e a flecha o errou por alguns centímetros e desapareceu no morro.

E isso deu tempo para todo mundo avaliar a situação.

Era estranho, aquele velho. De pele muito escura, preta como carvão, o que significava que era do sul distante, do outro lado do deserto amplo e sem abrigos. Não era uma jornada a ser feita levianamente, e Ferro vira gente assim raras vezes. Alto e magro, com braços compridos e nodosos e um manto simples enrolado no corpo. Havia badulaques estranhos em volta dos pulsos, empilhados a ponto de cobrir metade do antebraço, brilhando: escuridão e claridade ao sol violento.

O cabelo era uma massa de cordas grisalhas em volta do rosto, algumas descendo até a cintura, e havia uma barba crescida e grisalha no queixo magro e pontudo. Trazia um grande odre de água ao peito e um punhado de bolsas de couro pendendo de um cinto. Mais nada. Nenhuma arma. Essa era a coisa mais estranha de todas, para um homem ali, nas Terras Ruins. Ninguém ia àquele lugar esquecido por Deus, a não ser os fugitivos e os que eram mandados para caçá-los. De qualquer modo, deveriam estar bem armados.

Ele não era um soldado de Gurkhul, não era um vagabundo que vinha atrás do dinheiro oferecido pela cabeça dela. Não era um bandoleiro, nem um escravo fugido. O que era, então? E por que estava ali? Devia ter vindo atrás dela. Poderia ser um deles.

Um comedor.

Quem mais andaria pelas Terras Ruins sem arma? Ela não havia percebido que eles a queriam tanto.

O velho ficou imóvel, sorrindo para ela. Ela estendeu a mão lentamente para outra flecha e os olhos dele a acompanharam sem preocupação.

– Isso realmente não é necessário – disse em voz lenta e profunda.

Ela pôs a flecha no arco. O velho não se mexeu. Ela encolheu os ombros e mirou com calma. O velho continuou sorrindo, sem qualquer preocupação no

mundo. Ela lançou a flecha. Errou o alvo de novo por alguns centímetros: desta vez passou do outro lado e sumiu morro abaixo.

Uma vez era uma possibilidade, ela precisava admitir, mas duas estava errado. Se Ferro sabia uma coisa, e somente uma, era como matar. O velho idiota devia estar cravado e sangrando até a última gota no solo pedregoso. Agora, simplesmente parado e sorrindo, ele parecia dizer: “Você sabe menos do que pensa. Eu sei mais.”

Isso era muito irritante.

– Quem é você, velho desgraçado?

– As pessoas me chamam de Yulwei.

– Velho desgraçado serve, para você!

Ela jogou o arco no chão e deixou os braços tombarem dos lados do corpo, de modo que a mão direita ficasse oculta. Girou o pulso e a faca de lâmina curva deslizou de sua manga para a palma da mão. Há muitos modos de matar um homem e, se um deles falha, você tenta outro.

Ferro nunca fora de desistir ao primeiro tropeço.

Yulwei começou a se mover lentamente na direção dela, os pés descalços pisando nas pedras, os badulaques tilintando suavemente. Isso era muito estranho, agora que ela pensava a respeito. Se ele fazia barulho ao se mover, como tinha conseguido se esgueirar até ela?

– O que você quer?

– Quero ajudar você.

Ele avançou, até estar a apenas um braço de distância, depois parou, rindo.

Com uma faca, Ferro era rápida feito uma serpente e duas vezes mais mortal, como o último daqueles soldados poderia ter testemunhado. A lâmina virou um borrão brilhante no ar, impelida por toda a sua força e fúria. Se ele estivesse onde ela achava que estava, sua cabeça estaria pendurada. Só que ele não estava. Encontrava-se mais ou menos um passo à esquerda.

Ela se lançou contra ele com um grito de guerra, cravando a ponta brilhante da faca no coração do velho. Mas acertou apenas o ar. Ele estava de volta ao lugar de antes, imóvel e sorrindo o tempo todo. Muito estranho. Ela andou ao redor do desconhecido, cautelosa, as sandálias arrastando-se na poeira, a mão esquerda circulando no ar à frente, a direita apertando com força o cabo da faca. Precisava ser cuidadosa – havia magia ali.

– Não precisa ficar com raiva. Estou aqui para ajudar.

– Foda-se a sua ajuda – sibilou ela.

– Mas você precisa, e muito. Estão vindo atrás de você, Ferro. Há soldados nas colinas, muitos deles.

– Então vou correr mais rápido que eles.

– Mas eles são muitos. Não há como correr mais do que todos.

Ela olhou os corpos furados ao redor.

– Então vou entregá-los aos abutres.

– Desta vez, não. Eles não estão sozinhos. Têm ajuda.

Na palavra “ajuda”, sua voz baixou para um tom ainda mais grave.

Ferro franziu a testa.

– Sacerdotes?

– Sim, e mais ainda – falou, arregalando os olhos. – Um comedor – sussurrou. – Eles querem pegá-la viva. O imperador quer torná-la um exemplo. Ele pensa em exibila.

Ela bufou.

– Foda-se o imperador.

– Ouvi dizer que você já fez isso com ele.

Ela rosnou e levantou a faca de novo, mas não era uma faca. Havia uma cobra sibilando em sua mão, uma cobra mortal, com a boca aberta pronta para picar.

– Ah!

Ela jogou a cobra no chão, pisou em sua cabeça, mas em vez disso viu que tinha pisado na própria faca. A lâmina se partiu com um estalo agudo.

– Eles vão pegá-la – disse o velho. – Vão pegar você, vão quebrar suas pernas com marretas na praça da cidade, para que você nunca mais possa correr. Vão desfilar com você pelas ruas de Shaffa, nua, montada de costas num asno, a cabeça raspada, enquanto as pessoas se enfileiram gritando insultos.

Ela franziu a testa, no entanto Yulwei não parou.

– Vão fazer você morrer de fome numa jaula diante do palácio, cozinhando ao sol quente, enquanto o bom povo de Gurkhul a provoca, cospe em você e atira esterco através das barras. Talvez eles lhe deem mijo para beber, se você tiver sorte. Quando finalmente morrer, eles irão deixá-la apodrecer e as moscas vão comê-la pedacinho por pedacinho, e todos os escravos verão como é a liberdade e decidirão que o melhor é permanecerem como estão.

Ferro estava entediada com aquilo. Que eles viessem, e o comedor também. Ela não morreria numa jaula. Cortaria a própria garganta, se a coisa chegasse a esse ponto. Deu as costas para ele com uma careta de desprezo e pegou a pá, começando a cavar furiosamente a última sepultura. Logo estava com profundidade suficiente.

Suficiente para a escória humana que estaria apodrecendo nela.

Virou-se. Yulwei estava se ajoelhando perto do soldado agonizante, dando-lhe água do odre que carregava ao peito.

– Que porra é essa? – gritou ela, aproximando-se, os dedos envolvendo o cabo da pá.

O velho se levantou ao vê-la se aproximar.

– Misericórdia... – grasnou o soldado, estendendo a mão.

– Vou lhe dar misericórdia!

A lateral da pá se cravou fundo no crânio do soldado. O corpo estremeceu brevemente e depois ficou imóvel. Ela se virou para o velho com um ar de triunfo. Ele a encarou de volta, triste. Havia algo em seus olhos. Pena, talvez.

– O que você quer, Ferro Maljinn?

– O quê?

– Por que fez isso? – perguntou Yulwei, apontando para o morto. – O que você quer?

– Vingança.

Ela cuspiu a palavra.

– Contra todos eles? Contra toda a nação de Gurkhul? Cada homem, mulher e criança?

– Todos eles!

O velho olhou os cadáveres ao redor.

– Então deve estar muito feliz com o trabalho de hoje.

Ela se forçou a dar um sorriso.

– Estou.

Mas não estava. Não podia se lembrar de como era essa sensação. O sorriso parecia estranho, pouco familiar, torto.

– E é só em vingança que você pensa, em cada minuto de cada dia, esse é o seu único desejo?

– É.

– Machucar *os outros*? Matar *os outros*? Dar um fim *nos outros*?

– É!

– Você não quer nada para si mesma?

Ela fez uma pausa.

– O quê?

– Para você. O que *você* quer?

Ela encarou o velho cheia de desconfiança, mas nenhuma resposta lhe veio. Yulwei balançou a cabeça com tristeza.

– Parece, Ferro Maljinn, que você continua sendo tão escrava quanto antes. Ou quanto poderia ser.

Ele sentou de pernas cruzadas numa pedra.

Ela o encarou por um momento, confusa. Então a raiva borbulhou de novo, quente e tranquilizadora.

– Se veio me ajudar, pode me ajudar a enterrá-los! – rugiu, e apontou para os três cadáveres cobertos de sangue, enfileirados perto das sepulturas.

– Ah, não. Esse trabalho é seu.

Ela deu as costas ao velho, xingando baixinho, e foi até seus ex-companheiros. Pegou o cadáver de Shebed por baixo dos braços e o levou à primeira sepultura, os calcanhares dele traçando dois pequenos sulcos na poeira. Quando chegou ao buraco, rolou-o para dentro. Alugai foi o seguinte. Um jorro de solo seco escorreu sobre o corpo quando ele parou no fundo da sepultura.

Virou-se para a carcaça de Nasar. Ele fora morto por um corte de espada no rosto. Ferro achou que era uma certa melhoria na aparência do sujeito.

– Esse aí parece um bom sujeito – disse Yulwei.

– Nasar – falou ela e riu sem diversão. – Estuprador, ladrão, covarde.

Juntou um pouco de catarro na garganta e cuspiu na cara do morto. O muco bateu suave na testa.

– O pior dos três – avaliou, olhando para as sepulturas. – Mas todos eram merdas.

– Bela companhia, a sua.

– Quem está sendo caçado não pode se dar ao luxo de escolher seus companheiros. – falou ela, e então olhou o corpo sangrento de Nasar. – A gente pega o que vem.

– Se você sentia tanta aversão por eles, por que não os deixa para os abutres, como fez com os outros? – perguntou Yulwei, estendendo o braço para mostrar os soldados mortos no chão.

– Cada qual enterra os seus.

Ela chutou Nasar para o buraco. Ele rolou, os braços balançando, e caiu de rosto para baixo na sepultura.

– Sempre foi assim – completou ela.

Pegou a pá e começou a jogar a terra pedregosa nas costas do morto. Trabalhava em silêncio, com o suor brotando no rosto, depois pingando no chão. Yulwei ficou observando os buracos serem preenchidos. Mais três pilhas de terra no ermo devastado. Ela jogou a pá longe, que bateu num dos cadáveres e caiu com ruído entre as pedras. Uma pequena nuvem de moscas pretas voou do corpo com um zumbido furioso, depois retornou.

Ferro pegou seu arco e suas flechas e os levou ao ombro. Pegou o odre, verificou o peso com cuidado e também o pendurou no ombro. Depois revistou os corpos dos soldados. Um deles, que devia ser o líder, tinha uma boa espada curva. Nem tivera chance de pegá-la antes que a flecha o acertasse na garganta. Ferro a desembainhou e a testou com dois giros pelo ar. Era muito boa: bem balanceada, a lâmina comprida reluzindo, mortalmente afiada, o metal brilhante do punho refletindo o sol. Ele também tinha uma faca, que combinava com a espada. Pegou ambas as armas e as enfiou no cinto.

Revistou os outros cadáveres, mas não havia muito o que pegar. Cortou suas flechas dos corpos, onde pôde. Encontrou algumas moedas, mas as jogou fora. Só iriam fazer peso. O que ela poderia comprar ali, nas Terras Ruins? Poeira?

Era só o que havia, e era de graça.

Eles tinham um pouco de comida, mas não era suficiente nem para mais um dia. Isso significava que deveria haver outros, provavelmente um monte deles, e não muito longe. Yulwei estava dizendo a verdade, mas para ela isso não fazia diferença.

Virou-se e começou a andar rumo ao sul, descendo a colina na direção do grande deserto, deixando o velho para trás.

– Esse é o caminho errado – disse ele.

Ela parou, estreitando os olhos para ele sob o sol forte.

– Os soldados não estão vindo?

Os olhos de Yulwei reluziram.

– Há muitos modos de não se ser notado, mesmo aqui, nas Terras Ruins.

Ela olhou para o norte, por cima da planície sem graça. Na direção de Gurkhul. Não havia uma colina, ou uma árvore, ou ao menos um arbusto por quilômetros. Nenhum lugar onde se esconder.

– Sem ser notado, mesmo por um comedor?

O velho gargalhou.

– Principalmente por aqueles suínos arrogantes. Eles nem de longe são tão espertos quanto pensam. Como você imagina que cheguei aqui? Vim através deles, entre eles, em volta deles. Eu vou aonde quero e levo comigo quem eu quero.

Ela protegeu os olhos com a mão e os estreitou, encarando o sul. O deserto se estendia até onde a vista alcançava, e além. Ferro poderia sobreviver onde estava, ainda que com dificuldades. Mas e lá, naquele inferno de areias móveis e calor implacável?

Foi como se o velho tivesse lido seus pensamentos:

– Sempre há as areias sem fim. Eu já as atravessei. Isso pode ser feito. Mas não por você.

Ele estava certo, aquele desgraçado. Ferro era magra e forte como uma corda de arco, mas isso só significava que conseguiria andar em círculos um pouco mais antes de cair de cara. Preferiria morrer no deserto a morrer em uma jaula diante do palácio, mas não muito. O que ela queria era continuar viva.

Ainda havia coisas a fazer.

O velho ficou sentado, de pernas cruzadas, sorrindo. O que ele era? Ferro não confiava em ninguém, mas se ele pretendia entregá-la ao imperador, poderia tê-la acertado na cabeça enquanto ela estava cavando, em vez de anunciar sua

chegada. Ele possuía magia, ela própria tinha visto, e ter alguma chance era melhor do que não ter nenhuma.

Mas o que ele pediria em troca? Ferro nunca recebera nada de graça e não esperava começar a receber agora. Estreitou os olhos.

– O que você quer de mim, Yulwei?

O velho gargalhou. Aquele riso estava ficando muito irritante.

– Só digamos que terei feito um favor a você. Mais tarde você pode me fazer um, em troca.

Essa resposta era terrivelmente pobre em detalhes, mas, quando sua vida está em jogo, é preciso aceitar o que lhe é oferecido. Ela odiava se colocar sob o poder de outra pessoa, mas parecia não haver escolha.

Pelo menos se quisesse sobreviver mais aquela semana.

– O que vamos fazer?

– Temos de esperar a noite – falou Yulwei, depois olhou os corpos retorcidos espalhados no chão e franziu o nariz: – Mas talvez não aqui.

Ferro deu de ombros e sentou sobre a sepultura do meio.

– Aqui vai servir – disse. – Quero ver os abutres comendo.

No alto da colina, o céu claro da noite estava salpicado de estrelas brilhantes e o ar tinha ficado fresco, até mesmo frio. Lá embaixo, na planície escura e poeirenta, fogueiras ardiam: uma linha curva de chamas que pareciam encurralá-los contra o deserto. Ela, Yulwei, os dez cadáveres e as três sepulturas estavam presos na colina. No dia seguinte, quando as primeiras luzes chegassem à terra árida, os soldados deixariam aquelas fogueiras e iriam se esgueirar cuidadosamente naquela direção. Se Ferro ainda estivesse lá quando eles chegassem, com certeza seria morta. Ou, pior ainda, capturada. Não poderia lutar sozinha contra tantos, mesmo supondo que não houvesse um comedor com eles.

Odiava admitir, mas sua vida estava nas mãos de Yulwei.

Ele estreitou os olhos mirando o céu estrelado.

– É hora – anunciou.

Desceram a encosta pedregosa no escuro, escolhendo o caminho cuidadosamente entre pedras e os poucos arbustos magros e semimortos. Para o norte, na direção de Gurkhul. Yulwei se movia surpreendentemente rápido e ela era obrigada a quase correr para acompanhá-lo, os olhos fixos no chão para encontrar um local firme onde pisar. Quando finalmente chegaram à base da colina e ela olhou para cima, viu que Yulwei a estava levando para a borda esquerda da linha de fogueiras, onde elas eram mais numerosas.

– Espere – sussurrou, segurando o ombro dele.

Apontou para o lado direito. Havia menos fogueiras lá e seria mais fácil passar por elas.

– Que tal por ali? – sugeriu.

Pôde ver apenas os dentes brancos de Yulwei, que sorria à luz das estrelas.

– Ah, não, Ferro Maljinn. É ali que está a maioria dos soldados... e nosso outro amigo.

Ele não estava tentando manter a voz baixa, e isso a deixava assustada.

– É por ali que esperam que você passe, se optar por ir para o norte. Mas não esperam você. Acham que você vai para o sul, entrando no deserto para morrer, em vez de se arriscar a ser capturada, como de fato você faria, se eu não estivesse aqui.

Yulwei se virou e seguiu adiante e ela se esgueirou atrás, mantendo-se abaixada. À medida que se aproximavam mais das fogueiras, viu que o velho estava certo. Havia figuras sentadas ao redor de algumas, porém estavam muito espalhadas. O velho caminhou cheio de confiança na direção de quatro fogueiras na extrema esquerda, somente uma delas vigiada. Não se dava o trabalho de ficar abaixado, suas pulseiras chacoalhavam suavemente, seus pés descalços faziam barulho na terra seca. Estavam quase perto o bastante para ver as feições dos três homens em volta do fogo. Yulwei com certeza seria visto a qualquer momento. Ela sussurrou para chamar sua atenção, certa de que seria ouvida.

Yulwei se virou parecendo confuso:

– O que foi? – perguntou.

Ela estremeceu, esperando que os soldados saltassem, mas eles continuaram conversando sem se importar. Yulwei olhou para eles: – Não vão nos ver nem ouvir, a não ser que você comece a gritar nos ouvidos deles. Estamos em segurança.

Em seguida o velho se virou e foi andando, passando longe dos soldados. Ferro foi atrás, ainda mantendo-se abaixada e em silêncio, nem que fosse por hábito.

Ao chegar mais perto, Ferro começou a identificar as palavras da conversa dos soldados. Andou mais devagar, prestando atenção. Virou-se. Começou a ir na direção da fogueira. Yulwei olhou em volta.

– O que está fazendo? – perguntou ele.

Ferro olhou para os três homens. Um veterano grande e de aparência feroz, um sujeito magro com jeito malicioso e um jovem de semblante honesto, que não parecia muito um soldado. As armas estavam caídas em volta, embainhadas, enroladas, não prontas. Ela os circundou com cautela, ouvindo.

– Dizem que ela não é boa da cabeça – estava sussurrando o magro para o rapaz, tentando amedrontá-lo. – Dizem que ela matou cem homens ou mais. Se você for um cara bonito, ela corta seus bagos enquanto você ainda está vivo – disse e segurou a própria genitália. – E come na sua frente!

– Ah, feche essa boca – cortou o grandalhão. – Ela não vai chegar perto de nós – garantiu, e depois, apontando para onde as fogueiras eram mais esparsas, sussurrou: – Ela vai chegar perto *dele*, se vier por esse lado.

– Bom, espero que não – disse o rapaz. – O que eu penso é: viva e deixe viver.
O magro franziu a testa.

– E todos os homens bons que ela matou? E as mulheres e crianças, também? Eles não deveriam ter tido o direito de viver?

Os dentes de Ferro trincaram. Ela nunca havia matado crianças, pelo menos não que pudesse lembrar.

– Bom, é uma pena, claro. Não estou dizendo que ela não deva ser apanhada – explicou o jovem soldado, que olhou em volta nervoso e emendou: – Só que talvez não por nós.

O grandalhão riu disso, mas o magro não pareceu achar divertido.

– Você é covarde?

– Não! – respondeu o rapaz, com raiva. – Mas tenho mulher e uma família que dependem de mim e gostaria de não ser morto aqui, só isso – falou e deu um sorriso para contar: – Estamos esperando outra criança. Torcendo que desta vez seja um menino.

O grandalhão assentiu:

– Meu filho já é quase adulto. Eles crescem depressa demais.

A conversa sobre crianças, famílias e esperanças só fazia aumentar a fúria no peito de Ferro. Por que eles deveriam ter uma vida, quando ela não tinha nada, quando eles e o povo deles haviam arrancado tudo dela? Começou a tirar a faca curva de dentro da bainha.

– O que está fazendo, Ferro? – sussurrou Yulwei.

O rapaz olhou em volta.

– Ouviram alguma coisa?

O grandalhão gargalhou.

– Acho que ouvi você se cagar.

O magro deu uma risadinha, o rapaz sorriu sem graça. Ferro se esgueirou atrás dele. Estava a apenas cerca de meio metro, totalmente iluminada pela fogueira, mas nenhum soldado nem ao menos olhava em sua direção. Levantou a faca.

– Ferro! – gritou Yulwei.

O rapaz deu um salto e ficou de pé. Olhou para a planície escura, franzindo a testa. Encarou o rosto de Ferro, mas seu olhar estava focalizado muito atrás dela. Ela pôde sentir seu hálito. A lâmina da faca reluziu a pouco mais de um centímetro da garganta coberta por uma barba rala.

Agora. Agora era a hora. Ela poderia matá-lo rapidamente e dar cabo dos outros dois antes mesmo que um alerta fosse dado. Sabia disso. Eles estavam

despreparados e ela estava pronta. Agora era a hora.

Mas sua mão não se mexeu.

– O que foi que deu em você? – perguntou o soldado grandalhão. – Não tem nada aí.

– Eu poderia jurar que ouvi alguma coisa – explicou o rapaz, ainda olhando direto no rosto dela.

– Cuidado! – gritou o magro, pondo-se de pé num salto e apontando. – Ela está aí, bem na sua frente!

Ferro se imobilizou por um instante, olhando-o, em seguida o magro e o grandalhão caíram na gargalhada. O soldado jovem ficou sem graça, virou-se e sentou.

– Achei que tinha ouvido alguma coisa, só isso.

– Não tem ninguém aí – zombou o grandalhão.

Ferro começou a recuar lentamente. Sentia-se enjoada, a boca cheia de cuspe azedo, a cabeça latejando. Enfiou a faca de volta na bainha, virou-se e saiu cambaleando, com Yulwei seguindo-a em silêncio.

Quando a luz das fogueiras e o som das conversas havia ficado para trás na distância, ela parou e se deixou cair no chão duro. Um vento frio soprava pela planície estéril. A poeira ardia no rosto, mas ela mal notava. O ódio e a fúria haviam desaparecido, por enquanto, mas tinham deixado um buraco e ela não tinha nada com que preenchê-lo. Sentia-se vazia e fria, enjoada e sozinha. Passou os braços em torno de si mesma, balançando-se devagar para trás e para a frente, e fechou os olhos. Mas a escuridão não oferecia nenhum conforto.

Então sentiu a mão do velho apertar seu ombro.

Normalmente teria se soltado, empurrado-o, matado-o se pudesse. Mas toda a sua força havia sumido. Olhou para cima, piscando.

– Não resta nada de mim. O que eu sou?

Levou uma das mãos ao peito, mas quase nem sentia o coração.

– Não tenho nada por dentro.

– Bom, é estranho que você diga isso – falou Yulwei, sorrindo para o céu estrelado. – Eu estava começando a pensar que poderia haver algo aí que merecesse ser salvo.

A justiça do rei

ASSIM QUE CHEGOU à praça dos Marechais, Jezal percebeu que havia alguma coisa errada. Nem de longe o lugar ficava tão movimentado para uma reunião do Conselho Aberto. Olhou a aglomeração de pessoas bem-vestidas ao se aproximar depressa, atrasado e sem fôlego depois da longa sessão de treino: as vozes eram abafadas, os rostos tensos e cheios de expectativa.

Abriu caminho pela multidão até a rotunda dos Lordes, olhando cheio de desconfiança para os guardas que flanqueavam as portas com painéis. Pelo menos eles pareciam os mesmos: com os visores pesados cobrindo seus rostos, nada deixando revelar. Atravessou a antecâmara, com as tapeçarias vívidas balançando ligeiramente na corrente de ar, passou pela porta interna e entrou no espaço vasto e fresco do outro lado. Seus passos ecoavam na cúpula dourada enquanto descia rapidamente o corredor entre os bancos, na direção da mesa elevada. Jalenhorm estava de pé embaixo de uma das janelas altas, o rosto banhado pelas luzes coloridas que vinham do vitral, franzindo a testa na direção do banco com trave de metal ao longo da base que fora posto num dos cantos do cômodo.

– O que está acontecendo?

– Não soube? – disse Jalenhorm num sussurro empolgado. – Hoff avisou que haverá uma questão importante a ser discutida.

– O que é? Angland? Os nórdicos?

O grandão balançou a cabeça.

– Não sei, mas vamos descobrir logo.

Jezal franziu a testa.

– Não gosto de surpresas.

Examinou as pessoas à volta, então seu olhar pousou no banco misterioso.

– Para que é aquilo?

Nesse momento a grande porta dupla foi aberta e um jorro de conselheiros começou a fluir pelo corredor. A mistura de sempre, supôs Jezal, ainda que com um pouco mais de objetividade. Os filhos mais jovens, os representantes pagos... prendeu o fôlego. Havia um homem alto na frente, ricamente vestido, mesmo em comparação àquele grupo augusto. Tinha uma pesada corrente de ouro nos ombros e rugas profundas no rosto.

– Lorde Brock em pessoa – sussurrou Jezal.

– E ali está lorde Isher – indicou Jalenhorm, balançando a cabeça na direção de um velho impassível logo atrás de Brock. – E Heugen e Barezin. É alguma coisa importante. Tem de ser.

Jezal respirou fundo quando quatro dos nobres mais poderosos da União se acomodaram na primeira fileira. Nunca vira o Conselho Aberto com metade do comparecimento daquele dia. No semicírculo de bancos dos conselheiros, não havia praticamente nenhum lugar vazio. Acima deles, a galeria pública era uma sequência de rostos nervosos.

Hoff passou depressa pela porta e desceu o corredor, e não estava sozinho. À sua direita, um homem alto e esguio vinha com passos fluidos e jeito presunçoso, usando um casaco longo de um branco impecável e exibindo fartos cabelos brancos. O arquileitor Sult. À sua esquerda andava outro homem, apoiado pesadamente numa bengala, um pouco encurvado sob seu manto preto e dourado, com uma barba comprida e grisalha. O juiz supremo Marovia. Jezal mal podia acreditar nos próprios olhos. Três membros do Conselho Fechado, ali.

Jalenhorm correu para ocupar seu lugar enquanto os escrivães depositavam os fardos de livros e papéis no tampo polido da mesa. O próprio lorde camarista se acomodou no meio deles e pediu vinho de imediato. O chefe da Inquisição de Sua Majestade ocupou uma cadeira alta ao lado dele, sorrindo levemente consigo mesmo. O juiz supremo Marovia sentou-se devagar em outra, enrugando a testa o tempo todo. O volume dos sussurros ansiosos no salão aumentou, os rostos dos grandes magnatas na primeira fila ficaram sérios e cheios de desconfiança.

O anunciador ocupou seu lugar diante da mesa, e não era o imbecil de sempre, o que se vestia de forma espalhafatosa, mas um homem moreno e barbudo de ombros largos. Ele ergueu seu cajado bem alto e bateu com ele nos ladrilhos, com disposição suficiente para despertar os mortos.

– Dou início a esta reunião do Conselho Aberto da União! – bradou.

O burburinho foi morrendo aos poucos.

– Há apenas um assunto em discussão esta manhã – disse o lorde camarista, olhando sério a plateia por baixo das sobrancelhas pesadas. – Uma questão de justiça do rei.

Houve murmúrios esparsos.

– Uma questão relativa à licença real para o comércio na cidade de Westport.

O ruído aumentou: sussurros raivosos, o remexer desconfortável de nobres nos bancos, o som familiar das penas nos grandes livros. Jezal viu as sobrancelhas de lorde Brock se unirem, os cantos da boca de lorde Heugen virarem para baixo. Eles não pareciam gostar daquilo. O lorde camarista fungou e tomou um gole de vinho, esperando que os murmúrios cessassem.

– Não sou o mais qualificado para falar deste assunto...

– Não mesmo! – reagiu lorde Isher, enfático, remexendo-se no assento da primeira fila com uma carranca.

Hoff encarou o velho.

– Portanto convoco alguém que é, meu colega do Conselho Fechado, o arquileitor Sult.

– O Conselho Aberto dá a palavra ao arquileitor Sult! – trovejou o anunciador, enquanto o chefe da Iinquisição descia graciosamente os degraus do tablado até o piso de ladrilhos, sorrindo de modo agradável para os rostos furiosos voltados para ele.

– Senhores – começou ele numa voz lenta e musical, lançando suas palavras no espaço com movimentos suaves das mãos. – Nos últimos sete anos, desde nossa gloriosa vitória na guerra contra Gurkhul, uma licença real exclusiva de comércio na cidade de Westport esteve nas mãos da honorável Guilda dos Mercadores de Tecidos.

– E eles fizeram um trabalho excelente! – gritou lorde Heugen.

– Eles venceram aquela guerra para nós! – resmungou Barezin, batendo no assento ao lado com seu punho carnudo.

– Um excelente trabalho!

– Excelente! – bradaram várias pessoas.

O arquileitor assentiu e esperou que o barulho diminuísse.

– Fizeram mesmo – concordou, seguindo pelos ladrilhos com a leveza de um dançarino, suas palavras sendo riscadas nas páginas dos livros. – Eu seria o último a negar isso. Um excelente trabalho.

Ele girou de repente, as abas de seu casaco branco estalando, o rosto retorcido num rosnado brutal: – Um excelente trabalho em sonegar os impostos do rei! – gritou.

A plateia arquejou coletivamente.

– Um excelente trabalho fraudando a lei do rei!

Outro arquejo, mais alto.

– Um excelente trabalho de alta traição!

Houve uma tempestade de protestos, de punhos sacudidos no ar e papéis jogados no chão. Rostos lívidos olhavam da galeria pública, outros, vermelhos, discutiam e berravam nos assentos diante da mesa elevada. Jezal observou em volta, sem saber se teria ouvido corretamente.

– Como você ousa, Sult? – berrou lorde Brock com o arquileitor, que subia de volta os degraus, com um leve sorriso nos lábios.

– Exigimos provas! – vociferou lorde Heugen. – Exigimos justiça!

– A justiça do rei! – gritaram vários no fundo.

– Você deve nos dar provas! – gritou Isher, quando o barulho começou a diminuir.

O arquileitor sacudiu seu casaco branco, o tecido pairando no ar quando ele girou num movimento suave para ocupar sua cadeira.

– Ah, mas esta é a nossa intenção, lorde Isher!

A tranca pesada de uma pequena porta lateral foi puxada com um estalo que ecoou. Houve um farfalhar enquanto nobres e representantes giravam, levantavam-se e se esforçavam para ver o que estava acontecendo. Pessoas na galeria pública espiavam por cima do parapeito, inclinando-se perigosamente na ansiedade de ver. O salão ficou silencioso. Jezal engoliu em seco. Houve um raspar, batidas e estalos do outro lado da passagem, então uma procissão estranha e sinistra saiu da escuridão.

Sand dan Glokta veio primeiro, mancando como sempre e apoiando-se pesadamente em sua bengala, mas com a cabeça erguida e um sorriso torto e desdentado no rosto magro. Acorrentados pelas mãos, três homens seguiam juntos atrás dele, arrastando os pés descalços. Tilintando e chacoalhando em direção à mesa elevada. Suas cabeças haviam sido raspadas e eles estavam cobertos por um tecido de aniagem marrom. As roupas dos penitentes. Dos traidores confessos.

O primeiro prisioneiro lambia os lábios, os olhos movendo-se para cá e para lá, pálido de terror. O segundo, mais magro e atarracado, tropeçava, arrastando a perna esquerda, encurvado e com a boca aberta. Enquanto Jezal olhava, uma linha fina de baba rosada pendeu do lábio do sujeito e caiu nos ladrilhos. O terceiro homem, dolorosamente magro e com enormes círculos escuros em torno dos olhos, espiava lentamente ao redor, piscando, os olhos arregalados mas parecendo não captar nada. Jezal reconheceu de imediato o homem que vinha atrás dos três prisioneiros: o grande albino daquela noite na rua. Jezal mudou o peso do corpo de um dos pés para o outro, sentindo-se subitamente com frio e

desconfortável.

Agora a função do banco estava clara. Os três prisioneiros se deixaram cair nele, o albino se ajoelhou e prendeu as algemas na trave da base. A câmara estava em silêncio completo. Todos os olhares se fixavam no inquisidor aleijado e seus três prisioneiros.

– Nossa investigação começou há alguns meses – disse o arquileitor Sult, imensamente satisfeito consigo mesmo por ter a totalidade da assembleia sob controle. – Era uma simples questão de contabilidade irregular, não vou entediá-los com os detalhes.

Ele sorriu para Brock, para Isher, para Barezin.

– Sei que todos os senhores são homens muito ocupados. Na ocasião, quem poderia imaginar que um assunto de tão pouca importância iria nos trazer até aqui? Quem iria supor que as raízes da traição poderiam ser tão profundas?

– De fato – disse impaciente o lorde camarista, olhando por cima de sua taça. – Inquisidor Glokta, o salão é seu.

O anunciador bateu com seu cajado nos ladrilhos.

– O Conselho Aberto da União dá a palavra a Sand dan Glokta, inquisidor isento!

Apoiado na bengala no centro do salão, o aleijado esperou educadamente que o raspar das penas dos escrivães terminasse, parecendo inabalável diante da importância da ocasião.

– Levante-se e encare o Conselho Aberto – ordenou, virando-se para o primeiro prisioneiro.

O homem aterrorizado ficou de pé imediatamente, com as correntes chacoalhando, lambendo os lábios pálidos, olhando estupefato para os rostos dos nobres da primeira fila.

– Qual é o seu nome? – perguntou Glokta.

– Salem Rews.

Jezal sentiu um aperto na garganta. Salem Rews? Conhecia o sujeito! Seu pai já havia feito negócios com ele, houvera um tempo em que ele fazia visitas frequentes à propriedade de sua família! Jezal examinou o traidor aterrorizado, de cabeça raspada, com pavor cada vez maior. Recompôs em sua mente a imagem do mercador gordo e bem-vestido, sempre pronto a contar uma piada. Era ele, sem dúvida. Os olhares dos dois se encontraram por um instante e Jezal olhou para o outro lado, ansioso. Seu pai havia conversado com aquele homem no corredor de sua casa! Havia apertado a mão dele! Acusações de traição são como doenças: é possível contraí-las só por se estar no mesmo cômodo! Foi impossível evitar que seus olhos fossem atraídos de volta àquele rosto estranho e ao mesmo tempo horrivelmente familiar. Como aquele desgraçado ousava ser

um traidor?

– O senhor é membro da honorável Guilda dos Mercadores de Tecidos? – continuou Glokta, dando um tom de desprezo à palavra “honorável”.

– Era – balbuciou Rews.

– Qual era o seu papel na corporação?

O mercador de cabeça raspada olhou desesperado ao redor.

– Qual era o seu papel? – repetiu Glokta, com a voz assumindo um tom duro.

– Eu conspirei para fraudar o rei! – gritou o mercador, torcendo as mãos.

Uma onda de choque percorreu o salão. Jezal engoliu saliva amarga. Viu Sult dando um sorrisinho para o juiz supremo Marovia. O rosto do velho estava inexpressivo como uma pedra, mas os punhos se apertavam com força sobre a mesa.

– Cometi traição! Por dinheiro! Contrabandeei, subornei e menti... todos nós estávamos envolvidos!

– Todos estavam envolvidos! – repetiu Glokta com uma risadinha de desprezo para a assembleia. – E se algum de vocês duvida, temos livros, temos documentos e temos números. Há uma sala na Casa das Perguntas atulhada deles. Uma sala cheia de segredos, culpa e mentiras.

Ele balançou a cabeça devagar.

– É uma leitura lamentável, posso dizer – arrematou.

– Eu fui forçado! – gritou Rews. – Eles me obrigaram! Não tive escolha!

O inquisidor aleijado franziu a testa para a audiência.

– Claro que eles o obrigaram. Nós sabemos que você era apenas uma peça nesse jogo de infâmia. Recentemente foi cometido um atentado contra sua vida, não foi?

– Eles tentaram me matar!

– Quem tentou?

– Foi este homem! – gemeu Rews, a voz falhando, um dedo trêmulo apontado para o prisioneiro ao lado, afastando-se dele o máximo que as correntes que os ligavam permitia. – Foi ele! Ele!

As algemas chacoalharam enquanto ele balançava o braço, com cuspe voando da boca. Houve outro estrondo de vozes furiosas, desta vez mais altas. Jezal viu a cabeça do prisioneiro do meio pender e ele tombou para o lado, mas o enorme albino o agarrou e o puxou de volta.

– Acorde, Sr. Carpi! – gritou Glokta.

A cabeça tombada se levantou lentamente. Era um rosto desconhecido, estranhamente inchado e com muitas cicatrizes de acne. Jezal notou, enojado, que faltavam ao homem os quatro dentes da frente. Como os de Glokta.

– Você é de Talins, não é, na Estíria?

O homem assentiu lenta e estupidamente, como alguém entorpecido.

– Você é pago para matar pessoas, não é?

Ele assentiu de novo.

– E foi contratado para assassinar dez súditos de Sua Majestade, entre eles este traidor confesso, Salem Rews?

Um fio de sangue escorreu lentamente do nariz do sujeito e seus olhos começaram a revirar. O albino o sacudiu pelo ombro e ele acordou, assentindo grogue.

– O que foi feito dos outros nove?

Silêncio.

– Você os matou, não foi?

Outra confirmação de cabeça, com um estalo estranho saindo da garganta do prisioneiro.

Glokta enrugou a testa lentamente, olhando os rostos fascinados do Conselho.

– Villem dan Robb, agente da alfândega, teve a garganta cortada de orelha a orelha.

Ele correu um dedo pelo pescoço e uma mulher na galeria soltou um guincho.

– Solimo Scandi, mercador de tecidos, esfaqueado quatro vezes pelas costas.

Glokta levantou quatro dedos, depois os apertou na barriga como se estivesse enjoado.

– A lista sangrenta continua. Todos assassinados, em troca de nada além de um lucro maior. Quem contratou você?

– Ele – grasnou o assassino, virando o rosto inchado para o homem magro com olhos vítreos que se sentava frouxo a seu lado, parecendo não se dar conta do que se passava ao redor.

Glokta foi mancando até lá, batendo a bengala nos ladrilhos.

– Qual é o seu nome?

A cabeça do prisioneiro se levantou bruscamente, os olhos focalizando o rosto retorcido do inquisidor, que pairava sobre ele.

– Gofred Hornlach! – respondeu no mesmo instante, com a voz aguda.

– É um membro importante da Guilda dos Mercadores de Tecidos?

– Sou! – rosnou ele, piscando insensato na direção de Glokta.

– Na verdade é um dos auxiliares do mestre Kault?

– Sou!

– Você conspirou com outros mercadores de tecidos para fraudar Sua Majestade, o rei? Contratou um assassino para matar dez súditos de Sua Majestade?

– Sim! Sim!

– Por quê?

– Nós estávamos preocupados com a possibilidade de eles contarem o que sabiam... contarem o que eles sabiam... contarem...

Os olhos vazios de Hornlach se viraram na direção de um dos vitrais coloridos. Sua boca parou lentamente de se mover.

– Contar o que eles sabiam...? – instigou o inquisidor.

– Sobre as atividades traiçoeiras da guilda! – disse o comerciante bruscamente. – Sobre nossas traições! Sobre as atividades da guilda... atividades... traiçoeiras...

Glokta o interrompeu, enfático.

– Você agia sozinho?

– Não! Não!

O inquisidor bateu com a bengala no chão diante dele e se inclinou para a frente.

– Quem dava as ordens? – sibilou.

– O mestre Kault! Ele dava as ordens! O mestre Kault!

– Obrigado, Sr. Hornlach.

– O mestre! Ele deu as ordens! O mestre Kault! Kault! Kault!

– Chega! – rosnou Glokta.

O prisioneiro ficou em silêncio. A plateia permaneceu imóvel.

O arquileitor Sult ergueu o braço e apontou para os três prisioneiros: – Aí está a sua prova, senhores!

– Isso é uma farsa – gritou lorde Brock, pondo-se de pé. – É um insulto!

Mas poucas vozes se juntaram para apoiá-lo, e as que o fizeram pareceram desanimadas. Lorde Heugen foi notado pelo silêncio cauteloso com que examinava o couro fino de seus sapatos. Barezin havia se encolhido no banco, aparentando ter metade do tamanho de um minuto atrás. Lorde Isher encarava a parede, remexendo em sua pesada corrente de ouro, entediado, como se o destino da Guilda dos Mercadores de Tecidos não mais lhe interessasse.

Brock apelou para o próprio juiz supremo, que permanecia imóvel em sua cadeira de espaldar alto junto à mesa elevada.

– Lorde Marovia, eu imploro! O senhor é um homem sensato! Não permita esse... embuste!

O salão ficou em silêncio, esperando a resposta do velho. Ele franziu a testa e cofiou a barba comprida. Olhou para o sorridente arquileitor e pigarreou.

– Sinto sua dor, lorde Brock, sinto de fato, mas parece que este não é o dia dos homens sensatos. O Conselho Fechado examinou o caso e está satisfeito. Minhas mãos estão atadas.

Brock remexeu a boca, sentindo o gosto da derrota.

– Isso não é justiça! – gritou, virando-se para se dirigir aos colegas: – Esses

homens obviamente foram torturados!

A boca do arquileitor Sult se retorceu com escárnio.

– Como gostaria que lidássemos com traidores e criminosos? – gritou com um tom de voz penetrante. – Você ergueria um escudo, lorde Brock, para os desleais se esconderem? – provocou, depois bateu na mesa, como se ela também pudesse ser culpada de alta traição. – Eu, pelo menos, não permitirei que nossa grande nação seja entregue aos inimigos! Sejam eles externos ou internos!

– Abaixo a Guilda dos Mercadores de Tecidos! – gritou alguém no balcão público.

– Justiça severa para os traidores!

– A justiça do rei! – berrou um gordo perto dos fundos.

Houve uma onda simultânea de apoio e de raiva na plateia, e pedidos de medidas duras e penas rígidas.

Brock olhou ao redor procurando aliados na primeira fila, mas não encontrou nenhum.

– Isso não é justiça! – exclamou, apontando para os três prisioneiros. – Isso não é prova!

– Sua Majestade discorda! – vociferou Hoff. – E não precisa de sua permissão! – completou, então ergueu um grande documento para que todos o vissem: – A partir de hoje, a Guilda dos Mercadores de Tecidos está dissolvida! Sua licença foi revogada por decreto real! Nos próximos meses, a Comissão de Comércio de Sua Majestade irá rever os pedidos de direitos de comércio com a cidade de Westport. Até serem encontrados candidatos adequados, as rotas serão administradas por mãos capazes e *leais*, as mãos da Inquisição de Sua Majestade.

O arquileitor Sult inclinou a cabeça humildemente, sem ligar para os gritos furiosos de representantes e da galeria pública.

– Inquisidor Glokta! – continuou o lorde camarista –, o Conselho Aberto agradece sua diligência e pede que o senhor realize mais um serviço ligado a este assunto – anunciou Hoff, entregando-lhe um papel menor. – Este é um mandado de prisão para o mestre Kault, com a assinatura do próprio rei. Pedimos que o senhor o faça cumprir.

Glokta fez uma reverência rígida e pegou o papel da mão do lorde camarista.

– Você – disse Hoff, virando o olhar para Jalenhorm.

– Tenente Jalenhorm, senhor! – gritou o grandalhão, dando um passo e ficando em posição de sentido.

– Tanto faz – disse Hoff impaciente. – Leve vinte homens do Próprio do Rei e escolte o inquisidor Glokta até a sede da Guilda dos Mercadores de Tecidos. Garanta que nada nem ninguém saia do prédio sem as ordens dele!

– Imediatamente, senhor!

Jalenhorm atravessou o salão e seguiu depressa pelo corredor até a saída, segurando o punho da espada com uma das mãos para impedi-la de bater em sua perna. Glokta foi mancando atrás dele, a bengala batendo nos degraus, o mandado de prisão do mestre Kault amassado em sua mão cerrada. Enquanto isso, o albino monstruoso havia puxado os prisioneiros e os estava levando, cambaleantes ao tilintar das correntes, para a porta por onde haviam entrado.

– Lorde camarista! – gritou Brock, numa última tentativa.

Jezal se perguntou quanto dinheiro ele teria ganhado com os mercadores de tecidos. Quanto ele ainda esperava ganhar. Uma quantia bem grande, evidentemente.

Mas Hoff não se abalou:

– Isso conclui nossas atividades por hoje, senhores!

Marovia estava de pé antes que o lorde camarista tivesse parado de falar, claramente ansioso para ir embora. Os grandes livros foram fechados com uma pancada seca. O destino da honorável Guilda dos Mercadores de Tecidos estava selado. Conversas agitadas enchiam o ar outra vez, aumentando de volume aos poucos e logo acompanhadas pelos estalos e as batidas dos pés dos representantes que começavam a se levantar e sair do salão. O arquileitor Sult permaneceu sentado, olhando seus adversários derrotados deixarem com relutância a primeira fila. Jezal encontrou uma última vez o olhar desesperado de Salem Rews quando este era levado para a pequena porta, em seguida o prático Frost puxou a corrente e ele se perdeu na escuridão do outro lado.

Lá fora, a praça estava mais movimentada ainda do que antes, a multidão densa ficando mais agitada à medida que a notícia da dissolução da Guilda dos Mercadores de Tecidos se espalhava entre os que não haviam estado lá dentro. As pessoas ficavam estáticas, incrédulas, ou corriam para cá e para lá: amedrontadas, surpresas, confusas. Jezal viu um homem encarando-o, encarando qualquer pessoa, o rosto pálido, as mãos trêmulas. Talvez fosse um mercador de tecidos ou alguém que estivesse muito ligado a eles, o suficiente para ser arruinado junto. Haveria muitos homens assim.

Jezal sentiu um arrepio súbito. Ardee West estava encostada de forma casual nas pedras, um pouco adiante. Os dois não se encontravam havia algum tempo, desde que ela explodira com ele, bêbada, e ele ficou surpreso ao ver como se sentia satisfeito por encontrá-la. Provavelmente ela fora castigada com sua ausência por tempo suficiente, disse a si mesmo. Todo mundo merecia a chance de pedir desculpas. Foi na direção dela com um sorriso largo nos lábios. Então

notou que ela estava acompanhada.

– Aquele sujeitinho desgraçado! – murmurou.

O tenente Brint conversava desenvolto, em seu uniforme barato, inclinando-se mais para perto de Ardee do que Jezal achava adequado, enfatizando suas opiniões tediosas com gestos espalhafatosos. Ela assentiu, sorridente, depois inclinou a cabeça para trás e gargalhou, dando um tapinha brincalhão no peito do tenente. Brint também riu, aquele merdinha feioso. Os dois riram juntos. Por algum motivo, Jezal sentiu uma pontada de fúria.

– Jezal, como vai? – gritou Brint, ainda rindo.

Ele se aproximou.

– Para você, sou o capitão Luthar! – cuspiu. – E como eu vou não é da sua conta! Você não tem nenhum trabalho a fazer?

O queixo de Brint caiu, ele ficou desnorteado por um momento, depois suas sobrancelhas se juntaram numa expressão séria: – Sim, senhor – balbuciou, virando-se e indo embora.

Jezal o observou afastar-se com um desprezo ainda maior do que de costume.

– Ora, isso foi encantador – disse Ardee. – Esses são os modos que você usa diante de uma dama?

– Realmente não sei. Por quê? Havia alguma olhando?

Ele se virou para olhá-la e notou, só por um momento, um sorrisinho satisfeito. Uma expressão maligna, como se ela tivesse gostado de sua explosão. Por um instante louco, ele se perguntou se ela poderia ter combinado aquele encontro, se teria se colocado onde Jezal poderia vê-la com aquele idiota, esperando provocar seu ciúme...

Então ela sorriu para ele, depois gargalhou e Jezal sentiu a raiva sumir. Ela estava muito bem, pensou, bronzeada e vibrante ao sol, rindo alto, sem se importar com quem ouvisse. Bem mesmo. Na verdade, melhor do que nunca. Tinha sido só um encontro casual, o que mais poderia ser? Ela o encarou com aqueles olhos escuros e suas suspeitas desapareceram.

– Você precisava ser tão duro com ele? – perguntou Ardee.

Jezal trincou os dentes.

– Ele é um ninguém, presunçoso e arrogante, provavelmente não passa do filho bastardo de algum homem rico. Sem bom sangue, sem dinheiro, sem modos...

– Tem mais do que eu, em todos os quesitos.

Jezal se xingou por ter uma boca tão descontrolada. Em vez de arrancar um pedido de desculpas dela, agora era ele quem precisava se desculpar. Buscou desesperadamente uma saída para a armadilha em que ele próprio se colocara.

– Ah, mas ele é um chato! – gemeu.

– Bom – e Jezal ficou aliviado ao ver um dos cantos da boca de Ardee se curvar para cima num sorriso maroto –, ele é mesmo. Vamos caminhar?

Ela enfiou a mão pelo braço de Jezal antes que ele tivesse chance de responder e começou a levá-lo na direção da via do Rei. Jezal se permitiu ser guiado entre os amedrontados, os raivosos, os empolgados.

– Então é verdade? – perguntou ela.

– O quê?

– Que os mercadores de tecidos estão acabados?

– É o que parece. Seu velho amigo Sand dan Glokta estava no meio da coisa toda. Teve um tremendo desempenho, para um aleijado.

Ardee olhou para baixo.

– Não é bom ficar contra ele, aleijado ou não.

– Não.

A mente de Jezal voltou aos olhos aterrorizados de Salem Rews, encarando-o em desespero ao sumir na escuridão da passagem em arco.

– Não, não é bom mesmo.

Um silêncio baixou sobre os dois enquanto caminhavam pela avenida, mas foi um silêncio confortável. Ele gostava de passear com ela. Já nem parecia importante se algum deles pediria desculpas. Talvez ela estivesse certa com relação à esgrima, afinal, só um pouquinho. Ardee pareceu ler seus pensamentos.

– Como vão seus treinos? – perguntou ela.

– Nada mal. Como vai a bebida?

Ela ergueu uma sobrancelha escura.

– Excelente. Se ao menos houvesse um Campeonato disso todo ano, eu logo atrairia a atenção do público.

Jezal gargalhou, observando-a caminhar ao seu lado, e ela sorriu em resposta. Tão inteligente, tão afiada, tão destemida. Tão tremendamente linda. Jezal se perguntou se já existira uma mulher como ela. Se ao menos ela tivesse o sangue certo, pensou, e algum dinheiro. Muito dinheiro.

Meios de fuga

– ABRAM A PORTA, em nome de Sua Majestade! – trovejou o tenente Jalenhorm pela terceira vez, martelando a madeira com o punho carnudo.

O grande imbecil. Por que os homens grandes tendem a ter cérebros tão pequenos? Talvez confiem demais nos músculos e sua mente seque como ameixas ao sol.

A sede da Guilda dos Mercadores de Tecidos era um prédio imponente numa praça movimentada não muito longe do Agriont. Uma considerável multidão de espectadores já havia se reunido ao redor de Glokta e sua escolta armada: curiosa, com medo, fascinada, aumentando o tempo todo. *Parece que sentem cheiro de sangue*. A perna de Glokta estava latejando pelo esforço de correr até ali, mas ele duvidava que os comerciantes fossem pegos totalmente de surpresa. Olhou ao redor, impaciente, para os guardas com armaduras, os práticos mascarados, os olhos duros de Frost, o jovem oficial batendo à porta.

– Abram a...

Chega dessa bobagem.

– Acho que eles já o ouviram, tenente, mas estão optando por não atender – disse Glokta com rispidez. – Poderia fazer a gentileza de arrombar a porta?

– O quê? – fez Jalenhorm e o encarou boquiaberto, depois olhou para a pesada porta dupla, trancada com firmeza. – Como é que eu...

O prático Frost passou por eles a toda a velocidade. Houve um estalo ensurdecedor de madeira lascando quando ele se chocou contra uma das folhas

da porta com o ombro volumoso, arrancando-a das dobradiças e derrubando-a no chão da sala do outro lado.

– Assim – respondeu Glokta ao passar pelo arco, com as lascas ainda caindo.

Jalenhorm foi atrás, atordoado, uma dúzia de guardas em armaduras seguindo-o com um clangor de metal.

Um funcionário indignado bloqueava o corredor.

– Vocês não podem... uff!

Frost o jogara para fora do caminho, fazendo seu rosto se comprimir contra a parede.

– Prendam esse homem! – gritou Glokta, balançando a bengala na direção do funcionário aparvalhado.

Um dos soldados o agarrou violentamente com a luva de ferro e o empurrou, cambaleante, para fora. Práticos começaram a jorrar pela porta aberta, com porretes pesados nas mãos, olhos ferozes surgindo das máscaras.

– Prendam todo mundo! – gritou Glokta por cima do ombro, mancando pelo corredor o mais rápido que podia, seguindo Frost em direção às entranhas do prédio.

Por uma porta aberta Glokta viu um mercador com mantos coloridos, o rosto coberto por uma camada de suor enquanto jogava documentos no fogo de uma lareira desesperadamente.

– Peguem-no! – gritou.

Dois práticos passaram por ele, entrando depressa na sala, e começaram a golpear o homem com seus porretes. Ele caiu com um grito, derrubando uma mesa e chutando uma pilha de livros de contabilidade. Papéis soltos e pedaços de cinza flutuaram no ar conforme os porretes subiam e desciam.

Glokta seguiu seu caminho à medida que estrondos e gritos se espalhavam pelo prédio. O ar se enchia do cheiro de fumaça, suor e medo. *Todas as portas estão vigiadas, mas Kault pode ter um meio de fuga secreto. Ele é fugidio. Devemos esperar que não seja tarde demais. Maldita seja a minha perna! Que não seja tarde demais...*

Glokta ofegou e se encolheu de dor, cambaleando quando alguém agarrou sua capa.

– Socorro! – berrou o sujeito. – Sou inocente!

Sangue num rosto gorducho. Dedos apertavam a roupa de Glokta, ameaçando arrastá-lo para o chão.

– Tirem-no de mim! – gritou Glokta, batendo no homem debilmente com a bengala e agarrando-se à parede num esforço para permanecer de pé.

Um dos práticos chegou num salto e deu uma porretada nas costas do homem.

– Eu confesso! – gemeu o mercador quando o porrete subiu de novo, mas

ainda assim ele baixou sobre sua cabeça.

O prático agarrou o corpo frouxo e o arrastou em direção à porta.

Glokta continuou seu caminho mais depressa, seguido por um tenente Jalenhorm de olhos arregalados. Chegaram a uma escadaria larga e Glokta a olhou com ódio. *Meus velhos inimigos, sempre à minha frente*. Esforçou-se para subir do melhor modo que pôde, sinalizando com a mão livre para que o prático Frost tomasse a dianteira. Um mercador perplexo foi arrastado perto deles, sendo levado para fora, guinchando algo sobre seus direitos enquanto os calcanhares quicavam nos degraus.

Glokta escorregou e quase caiu de cara, mas alguém o segurou pelo cotovelo e o manteve de pé. Era Jalenhorm, com uma expressão confusa ainda estampada no rosto forte e honesto. *Portanto os homens grandes têm utilidade, afinal.* O jovem oficial o ajudou a subir o restante da escadaria. Glokta não tinha energia para recusar ajuda. *Por que me incomodar? É preciso conhecer as próprias limitações. Não há nada de nobre em cair de cara. Eu sei bem.*

Havia uma grande antecâmara no fim da escada, ricamente decorada com um tapete grosso e quadros coloridos nas paredes. Dois guardas estavam diante de uma grande porta, as espadas desembainhadas, e vestiam a farda da Guilda dos Mercadores de Tecidos. Frost os encarava, os punhos brancos cerrados. Jalenhorm sacou sua espada quando chegou ao patamar, indo para o lado do albino. Glokta teve de sorrir. *O torturador sem língua e a flor do cavalheirismo. Uma aliança improvável.*

– Tenho um mandado para Kault, assinado pelo próprio rei – anunciou Glokta, estendendo o papel para que os guardas vissem. – A Guilda dos Mercadores de Tecidos está fechada. Vocês não têm nada a ganhar ficando no nosso caminho. Entreguem suas espadas! Vocês têm minha palavra de que não serão prejudicados!

Os dois guardas se entreolharam, inseguros.

– Entreguem! – gritou Jalenhorm, chegando um pouco mais perto.

– Certo! – concordou um dos homens, que se abaixou e fez sua espada deslizar ao longo das tábuas do piso.

Frost a aparou com o pé.

– E você! – gritou Glokta para o outro. – Agora!

O guarda obedeceu, jogando a espada no chão e levantando as mãos. Um instante depois, o punho de Frost se chocou contra a ponta de seu queixo, nocauteando-o e jogando-o contra a parede com um estrondo.

– Mas... – resmungou o primeiro guarda.

Frost o agarrou pela camisa e o jogou escada abaixo. Ele foi girando, batendo nos degraus, e parou frouxo lá embaixo, imóvel. *Sei qual é a sensação.*

Jalenhorm estava estático, apenas piscava, com a espada ainda erguida.

– Achei que o senhor tinha dito...

– Não se preocupe com isso. Frost, procure outra entrada.

– Ferto.

O albino foi pelo corredor. Glokta esperou um instante, depois tentou abrir a porta. A maçaneta girou e, para sua surpresa, se abriu.

A sala era o apogeu da opulência, quase tão grande quanto um celeiro. Os relevos do teto alto eram cobertos por folhas de ouro, as lombadas dos livros nas estantes eram cravejadas de pedras preciosas, a mobília monstruosa era polida até parecer um espelho. Tudo era de tamanho exagerado, com enfeites exagerados, exageradamente caro. *Mas quem precisa de bom gosto quando se tem dinheiro?* Havia várias janelas grandes de estilo atual, amplos painéis de vidro com poucas armações de chumbo entre eles. Ofereciam uma visão esplêndida da cidade, da baía e dos navios nela. O mestre Kault estava sentado sorridente à sua grande escrivaninha dourada, diante da janela do meio, usando um de seus fabulosos mantos do cargo, e parcialmente oculto por um armário enorme que tinha o brasão da Guilda dos Mercadores de Tecido esculpido nas portas.

Então ele não foi embora. Eu o peguei. Eu...

Havia uma corda amarrada em volta da perna grossa do armário. Glokta a acompanhou com os olhos e viu que ela serpenteava pelo piso. A outra ponta estava amarrada em volta do pescoço do mestre. *Ah. Então ele tem um meio de fuga, afinal.*

– Inquisidor Glokta – falou Kault com um riso nervoso. – Que prazer finalmente conhecê-lo! Ouvi tudo sobre suas investigações!

Seus dedos passaram sobre o nó na corda, certificando-se de que estivesse firme.

– Seu colarinho está apertado demais, mestre? Quem sabe o senhor não devesse removê-lo?

Outro guincho alegre.

– Ah, acho que não! Não pretendo responder a nenhuma das suas perguntas, obrigado!

Com o canto do olho, Glokta viu uma porta lateral se entreabrindo. Uma grande mão branca apareceu, dedos segurando-se sem pressa no alizar. *Frost. Ainda há esperança de pegá-lo, então. Preciso mantê-lo falando.*

– Não restam perguntas a fazer. Nós sabemos de tudo.

– Sabem mesmo? – riu o mestre.

O albino se esgueirou em silêncio para dentro da sala, mantendo-se nas sombras junto à parede, escondido de Kault pelo volume do armário.

– Sabemos sobre Kalyne. Sobre o pequeno acordo de vocês.

– Imbecil! Nós não tínhamos acordo! Ele era honrado demais para ser comprado! Jamais aceitaria um marco das minhas mãos!

Então como...

Kault deu um sorrisinho doentio.

– O secretário de Sult – disse ele, rindo de novo. – Bem embaixo do nariz dele, e do seu também, aleijado.

Idiota, idiota. O secretário levava as mensagens, viu a confissão, sabia de tudo! Nunca confiei naquele merdinha puxa-saco. Então Kalyne era leal.

Glokta deu de ombros.

– Todos cometemos erros.

O mestre deu um sorrisinho fulminante.

– Erros? Foi só isso que você fez, imbecil! O mundo não é nem um pouco como você pensa! Você nem sabe de que lado está! Nem sabe que lados existem!

– Eu estou do lado do rei, e você não. É tudo de que preciso saber.

Frost havia chegado ao armário e estava encostado nele, com os olhos cor-de-rosa espiando atentos, tentando ver além da quina sem ser visto. *Só um pouquinho mais, só um pouquinho mais longe...*

– Você não sabe de nada, aleijado! Umas coisinhas com impostos, alguns pequenos subornos, é só disso que somos culpados!

– E a questão insignificante de nove assassinatos.

– Nós não tínhamos escolha! – gritou Kault. – Nunca tivemos escolha! Tínhamos de pagar aos banqueiros! Eles nos emprestaram o dinheiro e tínhamos de pagar! Nós os vínhamos pagando há anos! Valint e Balk, aqueles sanguessugas! Nós lhes demos tudo, mas eles sempre queriam mais!

Valint e Balk? Banqueiros? Glokta lançou um olhar para toda aquela opulência ridícula.

– Parece que você conseguiu sobreviver bem apesar disso.

– Parece! Parece! Tudo é pó! Tudo são mentiras! Os banqueiros são donos de tudo! Eles são nossos donos! Nós lhes devemos milhares! Milhões! – desabafou Kault e então deu um risinho. – Mas acho que agora eles nunca vão receber esse dinheiro, não é?

– É, acho que não.

Kault se inclinou por cima da mesa, fazendo a corda pender e roçar o tampo de couro.

– Quer criminosos, Glokta? Quer traidores? Inimigos do rei e do Estado? Procure no Conselho Fechado. Procure na Casa das Perguntas. Procure na Universidade. Procure nos bancos, Glokta!

Ele notou Frost, que se esgueirava contornando o armário e não estava a mais

de quatro passos de distância. Seus olhos se arregalaram e ele se levantou da cadeira.

– Pegue-o! – gritou Glokta.

Num salto, Frost mergulhou por cima da mesa e agarrou a borda do manto oficial de Kault enquanto o mestre se lançava para a janela. *Nós o pegamos.*

Houve um som repugnante quando o manto se rasgou na mão branca de Frost. Kault pareceu imobilizado no espaço por um momento à medida que todo aquele vidro caro se despedaçava ao redor dele, cacos e lascas brilhando no ar, e em seguida o homem sumiu. A corda se retesou com um estalo.

– Iiiii! – sibilou Frost, olhando furioso para a janela quebrada.

– Ele pulou! – ofegou Jalenhorm, de queixo caído.

– Sem dúvida – confirmou Glokta.

Foi mancando até a mesa e pegou o pedaço de pano rasgado na mão de Frost. De perto não parecia nem um pouco magnífico: tinha cores vibrantes, porém era malfeito.

– Quem imaginaria? – murmurou Glokta consigo mesmo. – Péssima qualidade.

Seguiu até a janela e espiou pelo buraco despedaçado. O chefe da honorável Guilda dos Mercadores de Tecidos balançava suavemente, seis metros abaixo, com o manto rasgado, bordado em ouro, adejando ao redor dele na brisa. *Roupas baratas e janelas caras. Se o tecido fosse mais forte, nós o teríamos pegado. Se a janela tivesse mais armações de chumbo, nós o teríamos pegado. A vida depende desses acasos.*

Na rua, uma multidão horrorizada já se aglomerava: apontando, falando, olhando o corpo pendurado. Uma mulher gritou. *De medo ou empolgação? O som é o mesmo.*

– Tenente, poderia fazer o favor de descer e dispersar aquela multidão? Depois poderemos soltar nosso amigo e levá-lo conosco.

Jalenhorm o olhou com uma expressão vazia.

– Morto ou vivo, o mandado do rei precisa ser cumprido – emendou Glokta.

– Sim, claro.

O oficial corpulento enxugou o suor da testa e foi, um tanto inseguro, para a porta.

Glokta se virou de novo para a janela e espiou o cadáver que balançava lentamente. As últimas palavras do mestre Kault ecoaram em seu pensamento.

Procure no Conselho Fechado. Procure na Casa das Perguntas. Procure na Universidade. Procure nos bancos, Glokta!

Três sinais

WEST CAIU DE BUNDA, deixando uma das espadas soltar-se de sua mão e deslizar pelas pedras do pavimento.

– Um toque! – gritou o marechal Varuz. – Definitivamente foi um toque! Muito bem, Jezal, muito bem!

West estava começando a se cansar de perder. Era mais forte do que Jezal, mais alto, tinha melhor envergadura, mas o desgraçado metido a besta era rápido, tremendamente rápido. E estava ficando mais rápido ainda. Agora conhecia todos os truques de West e, se continuasse melhorando nesse ritmo, logo iria vencê-lo todas as vezes. Jezal também sabia disso. Tinha um sorriso de presunção irritante quando ofereceu a mão a West e o ajudou a se levantar.

– Agora estamos chegando a algum lugar! – contemplou Varuz, batendo com sua bengala na perna, deliciado. – Talvez até tenhamos um campeão, hein, major?

– Muito provavelmente, senhor – respondeu West, esfregando o cotovelo ralado que latejava devido à queda.

Olhou de esguelha para Jezal, que se animava no calor do elogio do marechal.

– Mas não devemos ficar complacentes!

– Não, senhor! – disse Jezal com ênfase.

– Não mesmo – concordou Varuz. – O major West é um esgrimista capaz, claro, e você é privilegiado em tê-lo como parceiro, mas, bem... – e ele riu para West – a esgrima é um jogo para jovens, não é, major?

– Claro que é, senhor – murmurou West. – É jogo para jovens.

– Imagino que Bremer dan Gorst será um oponente de outro nível, assim como os outros no Campeonato deste ano. Não terá a experiência de um veterano, eu calculo, porém esbanjará o vigor dos mais jovens, não é, West?

Aos 30 anos, West ainda se sentia bastante vigoroso, mas não havia sentido em discutir. Sabia que nunca fora o espadachim mais talentoso do mundo.

– Fizemos grande progresso este mês, grande progresso. Você tem uma chance, se conseguir manter o foco – falou o velho marechal. – Uma chance real! Muito bem! Verei vocês dois amanhã.

E foi caminhando para fora do pátio ensolarado.

West foi até sua espada caída no chão perto da muralha. Um lado de seu corpo ainda doía da queda, e ele teve de se abaixar sem jeito para pegá-la.

– Também preciso ir – resmungou ao se empertigar, tentando esconder o desconforto do melhor modo possível.

– Negócio importante?

– O marechal Burr mandou me chamar.

– Então haverá guerra?

– Talvez. Não sei.

West olhou Jezal de cima a baixo. O rapaz estava evitando seu olhar, por algum motivo.

– E você? O que tem em mente para hoje?

Jezal ficou remexendo em suas espadas.

– É... não planejei nada... não exatamente.

Então ele ergueu os olhos furtivamente. Para um jogador de cartas tão bom, o sujeito era um péssimo mentiroso.

West sentiu uma pontada de preocupação.

– Ardee não estaria envolvida em sua falta de planos para hoje, estaria?

– É...

A pontada se transformou num frio latejar.

– E então...?

– Talvez – disse Jezal bruscamente. – Bom... sim.

West deu um passo para perto do rapaz.

– Jezal – ouviu-se dizer devagar, através dos dentes trincados. – Espero que não esteja planejando comer minha irmã.

– Ei, olhe aqui...

O latejar ferveu. As mãos de West agarraram Jezal pelos ombros.

– Olhe aqui *você*! – rosnou ele. – Não vou deixar que ela seja maltratada, entendeu? Ela já sofreu antes e não deixarei que seja magoada de novo! Nem por você nem por ninguém! Não vou admitir! Ela não é um dos seus brinquedos,

ouviu?

– Certo – disse Jezal com o rosto subitamente pálido. – Certo! Não tenho interesse especial por ela! Nós somos apenas amigos. Eu gosto dela! Ela não conhece ninguém aqui e... você pode confiar em mim... não há nada de mal! Ah! Me solte!

West percebeu que estava segurando os braços de Jezal com toda a força. Como isso havia acontecido? Só pretendera trocar uma palavrinha, mas tinha ido longe demais. Ela já sofreu antes... desgraça! Nunca deveria ter dito isso! Soltou-o de repente e recuou, engolindo sua fúria.

– Não quero que você se encontre mais com ela, ouviu?

– Ei, espere aí, West, quem é você para...

A raiva de West começou a pulsar de novo.

– Jezal – rosnou ele –, sou seu amigo, por isso estou pedindo – e, dizendo isso, deu outro passo adiante, ficando mais perto do que nunca. – E sou irmão dela, por isso estou avisando. Fique longe! Isso não pode dar em nada de bom.

Jezal se encolheu contra a muralha.

– Certo... certo! Ela é sua irmã.

West se virou e saiu pisando firme em direção à passagem em arco, esfregando a nuca, com a cabeça latejando.

O lorde marechal Burr estava sentado e olhava pela janela quando West chegou à sua sala. Era um homem grande, sério, corpulento, com barba castanha densa e uniforme simples. West se perguntou se a notícia seria muito ruim. A julgar pelo rosto do marechal, seria.

– Major West – disse ele, olhando irritado por baixo das sobrancelhas grossas. – Obrigado por ter vindo.

– Às ordens, senhor.

West notou três caixas de madeira rústica numa mesa junto à parede. Burr o viu olhando-as.

– Presentes – disse ele em tom azedo. – Do nosso amigo do Norte, Bethod.

– Presentes?

– Parece que são para o rei.

O marechal fez uma careta e puxou ar por entre os dentes.

– Por que não dá uma olhada no que ele nos mandou, major?

West foi até a mesa, estendeu a mão e abriu com cautela a tampa de uma das caixas. Um cheiro desagradável saiu, de carne muito podre, mas não havia nada dentro, a não ser um pouco de terra marrom. Abriu a caixa seguinte. O cheiro foi pior. Mais terra marrom, grudada na parte interna, e alguns fios de cabelo louro.

West engoliu em seco, olhou para o major, que franzia a testa.

– É só isso, senhor?

Burr fungou.

– Quem me dera. O restante tivemos de enterrar.

– Enterrar?

O marechal pegou um pedaço de papel na mesa.

– Capitão Silber, capitão Hoss, coronel Arinhorm. Esses nomes significam alguma coisa para você?

West sentiu um enjoo. Aquele fedor. Lembrava-o de Gurkhul, do campo de batalha.

– O coronel Arinhorm eu conheço de reputação – murmurou, olhando as três caixas. É o comandante da guarnição de Dunbrec.

– Era – corrigiu Burr. – E os outros dois comandavam pequenos postos avançados na fronteira próxima.

– Na fronteira? – murmurou West, já adivinhando o que viria.

– As cabeças deles, major. Os nórdicos mandaram as cabeças.

West engoliu em seco, olhando os fios de cabelo louro grudados no interior da caixa.

– Disseram que mandariam três sinais quando chegasse a hora – lembrou Burr, levantando-se da cadeira e olhando quieto pela janela. – Os postos avançados não eram nada: construções de madeira na maior parte, uma paliçada, fossos e coisas assim, com poucos homens. Pouca importância estratégica. Já Dunbrec é outra questão.

– Dunbrec controla os vaus do Torrente Branca – disse West entorpecido. – A melhor rota de saída de Angland.

– Ou de entrada. É um ponto vital. Foram gastos tempo e recursos consideráveis nas defesas de lá. Foram usados os projetos mais recentes, nossos melhores arquitetos. Uma guarnição de trezentos homens, com depósitos de armas e comida para suportar um ano de cerco. Era considerado invencível, o elemento central de nossos planos para a defesa da fronteira.

Burr franziu a testa, fazendo sulcos fundos surgirem acima do nariz.

– Foi-se – concluiu.

A cabeça de West começou a doer de novo.

– Quando, senhor?

– Essa é a questão. Para esses “presentes” já terem chegado aqui, deve ter sido há pelo menos duas semanas. Estou sendo chamado de derrotista – disse Burr com azedume –, mas acho que os nórdicos estão à solta e que, neste momento, devem ter dominado metade do norte de Angland. Uma ou duas comunidades de mineração, várias colônias penais, até agora nada de muita importância,

nenhuma cidade propriamente dita, mas eles estão vindo, West, e depressa, pode ter certeza. Ninguém manda cabeças ao inimigo e depois espera educadamente uma resposta.

– O que está sendo feito?

– Pouquíssima coisa! Angland está num tumulto só, claro. O lorde governador Meed está convocando todos os homens, decidido a marchar e derrotar Bethod sozinho, o idiota. Os vários relatórios que temos colocam os nórdicos em qualquer parte e em toda parte, com mil homens ou cem mil. Os portos estão apinhados de civis desesperados para escapar, há inúmeros boatos de espiões e assassinos à solta no país, e turbas vão atrás de cidadãos que tenham sangue nórdico, para espancá-los, roubá-los ou coisa pior. Colocando de modo simples, é o caos. Enquanto isso, ficamos com a bunda sentada aqui, esperando.

– Mas... nós não fomos alertados? Não sabíamos?

– Claro! – Burr levantou a mão grande –, mas ninguém levou muito a sério, dá para acreditar? A porcaria de um selvagem pintado se esfaqueia na sala do Conselho Aberto, nos desafia diante do rei, e nada é feito! Governar delegando poderes! Cada um puxando para o próprio lado! A gente só consegue reagir, jamais estar um passo à frente!

O marechal tossiu e arrotou, cuspiu no chão.

– Ah! Desgraça! Indigestão maldita!

Ele se sentou de volta na cadeira, esfregando a barriga, infeliz.

West não sabia o que dizer.

– O que faremos? – murmurou.

– Recebemos ordem de ir para o norte imediatamente, ou seja, assim que alguém se der o trabalho de me fornecer homens e armas. O rei, ou seja, aquele bêbado do Hoff, ordenou que eu fizesse aqueles nórdicos se ajoelharem. Doze regimentos do Próprio do Rei, sete de infantaria e cinco de cavalaria, que serão reforçados com tropas temporárias enviadas pela aristocracia e o que mais que o pessoal de Angland não tenha desperdiçado antes de chegarmos lá.

West se remexeu desconfortável na cadeira.

– Isso deve ser uma força avassaladora.

– Hum – resmungou o marechal. – É melhor que seja. É mais ou menos tudo de que dispomos, e isso me preocupa.

West franziu a testa.

– Dagoska, major. Não podemos lutar contra os gurkenses e os nórdicos ao mesmo tempo.

– Mas certamente Gurkhul não vai se arriscar a outra guerra tão cedo, não é? Achei que era só conversa fiada.

– Espero que sim, espero que sim – falou Burr, empurrando alguns papéis

distraidamente sobre a mesa. – Mas esse novo imperador, Uthman, não é o que esperávamos. Era o filho mais novo, porém, quando ouviu falar da morte do pai... estrangulou todos os irmãos. Dizem que ele mesmo fez isso. Uthman-ul-Dosht, é como o estão chamando. Uthman, o Implacável. Já declarou a intenção de reaver Dagoska. Talvez seja conversa fiada. Talvez não. Dizem que ele tem espiões em toda parte. Talvez agora mesmo esteja sendo informado sobre nossos problemas em Angland, pode estar se preparando para se aproveitar de nossas fraquezas. Precisamos dar um jeito nesses nórdicos logo. Quanto antes. Doze regimentos e tropas temporárias dos nobres. E sob esse aspecto o momento não poderia ser pior.

– Senhor?

– Esse negócio com a Guilda dos Mercadores de Tecidos. Um negócio ruim. Alguns nobres importantes ficaram ressentidos. Brock, Isher, Barezin e outros. Agora estão empurrando com a barriga a questão das tropas temporárias. Quem sabe o que eles mandarão para nós, ou quando? Um punhado de mendigos quase mortos de fome, desarmados, provavelmente, uma desculpa para limpar o lixo de suas terras. Uma multidão inútil de bocas extras para alimentar, vestir e armar, e estamos numa carência desesperada de bons oficiais.

– Tenho alguns homens bons no meu batalhão.

Burr se remexeu impaciente.

– Homens bons, sim! Homens honestos, entusiasmados, mas não experientes! A maioria dos que lutaram no Sul não gostou disso. Deixou o exército e não tem intenção de retornar. Já viu como os oficiais são jovens hoje em dia? Somos uma porcaria de escola de etiqueta! E agora Sua Alteza, o príncipe, expressou interesse em assumir um comando. Ele não sabe de que lado deve segurar uma espada, mas está decidido a ter glória, e não posso recusar!

– O príncipe Raynault?

– Quem me dera! – desabafou Burr. – Raynault poderia ter alguma utilidade! Estou falando de Ladisla! Comandando uma divisão! Um homem que gasta mil marcos por mês em roupas! Sua falta de disciplina é notória! Ouvi dizer que ele abusou de mais de uma serviçal do palácio, mas que o arquileitor conseguiu calar as garotas.

– Certamente não é verdade – disse West, porém ele próprio já ouvira esse boato.

– O herdeiro do trono pondo-se em perigo, quando o rei está com saúde ruim? Que ideia ridícula! – desabafou Burr e se levantou com um arroto que o fez estremecer. – Estômago desgraçado!

Foi até a janela e franziu a testa olhando o Agriont.

– Eles acham que a coisa será resolvida facilmente! – disse baixinho. – O

Conselho Fechado. Um passeiozinho em Angland, terminando antes da primeira neve. Apesar do problema com Dunbrec. Eles nunca aprendem. Disseram o mesmo sobre nossa guerra com Gurkhul e ela quase acabou conosco. Esses nórdicos não são tão primitivos quanto o conselho acha. Lutei com mercenários nórdicos em Starikland: são homens duros, acostumados à vida difícil, cresceram em meio à guerra, são destemidos e persistentes, especialistas em lutas em colinas, em florestas, no frio. Não seguem as nossas regras, nem mesmo as entendem. Trarão ao campo de batalha a violência e uma selvageria capaz de deixar os gurkenses ruborizados.

Burr deu as costas para a janela, virando-se de volta para West: – Você nasceu em Angland, não foi, major?

– Sim, senhor, no sul, perto de Ostenhorm. A fazenda da minha família era lá, antes que meu pai morresse...

Ele deixou o resto no ar.

– Você foi criado lá?

– Fui.

– Então conhece o território?

West franziu a testa.

– Naquela região, senhor, mas não vou lá há...

– Você conhece esses nórdicos?

– Alguns. Ainda há muitos que vivem em Angland.

– Você fala a língua deles?

– Sim, um pouco, mas eles falam muitos...

– Bom. Estou montando um estado-maior, homens bons em quem possa confiar para cumprir minhas ordens e garantir que esse nosso exército não desmorone antes mesmo de entrar em contato com o inimigo.

– Claro, senhor – prontificou-se West e começou a vasculhar a mente. – O capitão Luthar é um oficial inteligente e capaz, o tenente Jalenhorm...

– Bobagem! – gritou Burr, balançando a mão, frustrado. – Conheço Luthar, o garoto é um cretino! É exatamente o tipo de criança de olhos brilhantes de que eu estava falando! É de você que eu preciso, West.

– De mim?

– É, de você! O marechal Varuz, nada menos do que o soldado mais famoso da União, fez um relatório brilhante sobre você. Diz que você é o oficial mais comprometido, tenaz e esforçado que existe. As qualidades de que preciso! Quando era tenente, você lutou em Gurkhul sob o comando do coronel Glokta, não foi?

West engoliu em seco.

– Bom, sim.

– E é bem sabido que você foi o primeiro a atravessar a brecha em Ulrioch.

– Bom, eu estava entre os primeiros...

– Você já comandou homens no campo de batalha e sua coragem é inquestionável! Não precisa ser modesto, major, você é o homem certo para mim!

Burr se recostou na cadeira, com um sorriso no rosto, confiante em ter sido convincente com seu argumento. Arrotou de novo e ergueu a mão: – Peço desculpas... indigestão maldita!

– Senhor, posso ser direto?

– Não sou cortesão, West. Você sempre pode ser direto comigo. Eu exijo isso!

– Uma nomeação para o estado-maior do lorde marechal, o senhor deve entender. Sou filho de um cavalheiro. Um plebeu. Já tenho dificuldade para obter respeito dos oficiais inferiores sendo comandante de um batalhão. Os homens a quem eu teria de dar ordens, caso estivesse no seu estado-maior, homens importantes com sangue bom...

Ele fez uma pausa, exasperado. O marechal o olhou inexpressivamente.

– Eles não aceitarão isso! – concluiu.

As sobrancelhas de Burr se uniram.

– Não aceitarão?

– O orgulho deles não permitirá, senhor, o...

– Dane-se o orgulho deles!

Burr se inclinou na direção de West, os olhos escuros fixos no rosto do major.

– Agora me escute e faça isso com atenção. Os tempos estão mudando. Não preciso de homens com sangue bom. Preciso de homens capazes de planejar, organizar, dar ordens e obedecer. Em meu exército não haverá espaço para quem não possa seguir ordens, não me importa quão nobres sejam. Como membro do meu estado-maior, você vai me representar, e eu não serei diminuído nem ignorado.

Ele arrotou de repente e deu um soco na mesa.

– Não admitirei! – rugiu. – Os tempos estão mudando! Eles ainda podem não estar sentindo o cheiro disso, mas logo sentirão!

West o encarou em silêncio.

– De qualquer modo – Burr voltou a falar, balançando a mão como se diminuísse a relevância do que dizia –, não estou consultando você, estou informando. Este é o seu novo cargo. Seu rei precisa de você, seu país precisa de você, e é isso. Você tem cinco dias para entregar o comando de seu batalhão.

E com isso o lorde marechal voltou aos seus papéis.

– Sim, senhor – respondeu West.

Ao sair, fechou a porta desajeitadamente com os dedos entorpecidos e seguiu

devagar pelo corredor, olhando para o chão. Guerra. Guerra no Norte. Dunbrec vencida, os nórdicos à solta em Angland. Oficiais andavam apressados à sua volta. Alguém roçou nele ao passar, mas West mal notou. Havia pessoas em perigo, perigo mortal! Pessoas que ele conhecia, talvez, vizinhos. Havia luta agora mesmo, dentro das fronteiras da União! Coçou o queixo. Essa guerra poderia ser uma coisa terrível. Pior do que fora em Gurkhul, e ele estaria no coração de tudo. Um posto no estado-maior do lorde marechal. Ele? Collem West? Um plebeu? Ainda não conseguia acreditar.

Sentiu um misto de satisfação e culpa. Era para uma nomeação dessas que ele se esforçara feito um cão durante todos aqueles anos. Caso se saísse bem, não haveria limite para até onde poderia chegar. Essa guerra era uma coisa ruim, uma coisa terrível, sem dúvida. Pegou-se rindo. Uma coisa terrível. Mas poderia significar sua ascensão.

Figurinos para teatro

O CONVÉS ESTALAVA e se movia sob seus pés, a vela tremulava suavemente, aves marinhas piavam e gorjeavam no ar salgado.

– Nunca pensei em ver uma coisa assim – murmurou Logen.

A cidade era um gigantesco crescente branco que se estendia ao redor de toda a baía azul, esparramando-se sobre muitas pontes, minúsculas a distância, e em ilhas rochosas no mar. Aqui e ali destacavam-se parques verdes na confusão de prédios e as finas linhas acinzentadas de rios e canais brilhavam ao sol. E também havia muralhas, cravejadas de torres, cercando a borda distante da cidade e projetando-se ousadas em meio à confusão de casas. O queixo de Logen estava caído, seu olhar saltava para cá e para lá, incapaz de compreender o todo.

– Adua – murmurou Bayaz. – O centro do mundo. Os poetas a chamam de cidade das torres brancas. Linda a distância, não é? – falou o mago e se inclinou para mais perto de Logen. – Mas, acredite: ela fede quando a gente chega perto.

Uma vasta fortaleza se fazia notar, com as muralhas brancas e íngremes erguendo-se acima do tapete de construções do lado de fora e o sol luminoso reluzindo em cúpulas brilhantes do lado de dentro. Logen nunca sonhara em ver algo tão grandioso, tão imponente, tão forte feito por mãos humanas. Uma torre, em particular, se sobressaía, bem acima de todas as outras, um conjunto afilado de colunas lisas e escuras que parecia sustentar o próprio céu.

– E Bethod pretende guerrear contra isso? – sussurrou ele. – Deve estar louco.

– Talvez. Apesar de toda a ostentação e do orgulho, Bethod entende a União –

explicou Bayaz e moveu a cabeça indicando a cidade. – Todas essas pessoas têm inveja umas das outras. Pode ser uma união no nome, mas elas lutam entre si com unhas e dentes. Os pequenos disputam ninharias. Os grandes travam guerras secretas por poder e pela riqueza e chamam isso de governo. Guerras de palavras, truques e trapaças, mas nem por isso menos sangrentas. As baixas são muitas.

O mago suspirou antes de prosseguir:

– Por trás dessas muralhas eles gritam, discutem e mordem incansavelmente uns aos outros. As velhas disputas nunca são resolvidas, mas perduram e criam raízes, e as raízes ficam mais fundas com o passar dos anos. Sempre foi assim. Eles não são como você, Logen. Aqui um homem pode sorrir, bajulá-lo e chamá-lo de amigo, dar presentes com uma das mãos e esfaqueá-lo com a outra. Você vai achar esse lugar estranho.

Logen já achava que era o local mais estranho que jamais vira. Aquilo não tinha fim. À medida que o barco penetrava na baía, a cidade parecia ficar ainda maior. Uma floresta de construções brancas salpicadas de janelas escuras os abraçava de todos os lados, cobrindo de telhados e torres as colinas, apinhando-se, parede espremida contra parede, empurrando tudo contra a água na costa.

Navios e barcos de todo tipo disputavam espaço na baía, velas ondulando, tripulantes gritando acima do ruído das ondas, correndo nos conveses e agarrando-se aos cordames. Alguns eram menores até mesmo do que seu pequeno barco de duas velas. Outros eram muito maiores. Logen ficou boquiaberto, pasmo, quando uma embarcação gigantesca veio pela água na direção deles, espirrando borrifos brilhantes de água da proa. Algum tipo de magia deveria manter aquela montanha de madeira flutuando. O navio passou, fazendo-os balançar em sua esteira, mas havia outros, muitos mais, atracados nos inúmeros embarcadouros ao longo da costa.

Protegendo os olhos do sol forte com uma das mãos, Logen começou a perceber pessoas nas docas. Começou a ouvi-las também, um ruído fraco de vozes que gritavam, carroças a chacoalhar e cargas sendo jogadas no chão. Havia centenas de figuras minúsculas, amontoando-se entre os navios e prédios, como formigas pretas.

– Quantas pessoas vivem aqui? – sussurrou ele.

– Milhares – respondeu Bayaz e deu de ombros. – Centenas de milhares. Pessoas de todas as terras dentro do Círculo do Mundo. Há nórdicos, kanticenses de pele escura de Gurkhul e mais além. Pessoas do Antigo Império, do oeste distante, e mercadores das Cidades Livres da Estíria. Outras, também, de mais longe ainda: das Mil Ilhas, da distante Suljuk e de Thond, onde as pessoas adoram o sol. Mais pessoas do que poderíamos contar, vivendo, morrendo,

trabalhando, procriando, amontoando-se. Bem-vindo – e Bayaz abriu os braços para abarcar a cidade monstruosa, linda, interminável – à civilização!

Centenas de milhares. Logen se esforçava para entender. Centenas... de milhares. Poderia haver tanta gente assim no mundo? Olhou para a cidade a seu redor, imaginando, esfregando os olhos, que ardiam. Como seria uma centena de milhar de pessoas?

Uma hora depois, ele descobriu.

Somente em batalha Logen fora tão esmagado, espremido, comprimido por outras pessoas. Era como uma guerra, estar ali, no cais – os gritos, a raiva, o esmagamento, o medo e a confusão. Uma luta em que nenhuma piedade era demonstrada e que não tinha fim nem vencedores. Logen estava acostumado ao céu aberto, ao ar em volta, a ter a si mesmo por companhia. Na estrada, quando Bayaz e Quai cavalgavam ao seu lado, ele se sentira espremido. Agora havia pessoas de todos os lados, empurrando, dando trombadas, gritando. Eram centenas! Milhares! Centenas de milhares! Será que todas podiam mesmo ser pessoas? Pessoas como ele, com pensamentos, humores e sonhos? Rostos surgiam e passavam rapidamente – carrancudos, ansiosos, franzindo a testa, desaparecendo num enjoativo redemoinho de cor. Logen engoliu em seco, piscou. Sua garganta estava dolorosamente seca. A cabeça girava. Sem dúvida aquilo era o inferno. Ele sabia que merecia estar ali, mas não se lembrava de ter morrido.

– Malacus! – sussurrou desesperado.

O aprendiz olhou em volta.

– Pare um momento! – pediu Logen e afrouxou a gola da camisa, tentando fazer com que um pouco de ar entrasse. – Não consigo respirar!

Quai riu.

– Deve ser o cheiro.

Devia mesmo. As docas tinham o cheiro do inferno, sem dúvida. O fedor de peixe, de temperos enjoativos, de frutas podres, esterco fresco, cavalos, mulas e pessoas suando, tudo misturado e cozido sob o sol quente e se tornando muito pior do que cada um em separado.

– Sai da frente!

Um ombro empurrou Logen rudemente e sumiu. Ele se encostou numa parede suja e enxugou o suor do rosto.

Bayaz estava sorrindo.

– Não é como o Norte vasto e estéril, hein, Nove Dedos?

– Não.

Logen olhou as pessoas passando, os cavalos, as carroças, os rostos intermináveis. Um homem o olhou com desconfiança enquanto ele passava. Um

garoto apontou para ele e gritou alguma coisa. Uma mulher com um cesto se desviou dele, apertando o passo cheia de medo. Agora que havia parado para observar, percebeu que todos o olhavam, apontavam e encaravam, e não pareciam felizes.

Logen se inclinou para falar com Malacus:

– Sou temido e odiado em todo o Norte. Não gosto disso, mas sei o motivo.

Um carrancudo grupo de marinheiros o encarou com olhos duros, murmurando baixinho entre eles. Logen os observou, perplexo, até que eles desapareceram atrás de uma carroça que passou ribombando.

– Mas por que me odeiam aqui?

– Bethod agiu depressa – murmurou Bayaz, franzindo a testa para a multidão. – A guerra dele com a União já começou. Acho que descobriremos que o Norte não está muito bem-visto em Adua.

– Como eles sabem de onde eu sou?

Malacus levantou uma sobrancelha.

– Você se destaca.

Logen recuou quando dois jovens passaram rapidamente por ele, gargalhando.

– É? No meio de tudo isso?

– Como um pilar enorme, cheio de cicatrizes e sujo.

– Ah – fez ele e olhou para si mesmo. – Entendi.

Longe do cais a multidão ficou mais esparsa, o ar mais limpo, o ruído mais baixo. Ainda era um lugar apinhado, malcheiroso e barulhento, mas pelo menos Logen conseguia respirar.

Passaram por amplas praças pavimentadas, enfeitadas com plantas e estátuas, onde placas de madeira multicoloridas pendiam sobre portas: peixes azuis, porcos rosados, cachos de uvas roxas, pães marrons. Havia mesas e cadeiras ao sol, onde pessoas se sentavam e comiam em tigelas planas, bebiam em taças de vidro verde. Seguiram por becos estreitos, onde construções precárias de madeira e reboco se inclinavam sobre eles, quase se encontrando acima de suas cabeças, deixando apenas uma fina tira de céu azul no meio. Passaram por ruas amplas, calçadas com pedras, repletas de pessoas e ladeadas por monstruosas construções brancas. Logen piscava, boquiaberto diante de tudo aquilo.

Em nenhum pântano, por mais que fosse enevoado, em nenhuma floresta, por mais densa que fosse, Logen se sentira tão completamente perdido. Agora não tinha ideia da direção em que o barco estava, apesar de o terem deixado não fazia sequer meia hora. O sol estava escondido atrás dos prédios altos e tudo parecia igual. Sentiu-se aterrorizado pela simples ideia de se afastar de Bayaz e

Quai na multidão e se perder para sempre. Correu depressa atrás da careca do mago, seguindo-o até um espaço aberto. Era uma rua grande, ladeada por árvores antigas e maior do que todas que tinham visto até agora, com palácios brancos atrás de altos muros e cercas.

Ali as pessoas eram diferentes. Suas roupas eram brilhantes e espalhafatosas, cortadas em estilos estranhos que não serviam a nenhum propósito. As mulheres nem pareciam pessoas – pálidas e ossudas, envoltas em tecido brilhante, abanando-se ao sol quente com pedaços de pano esticados em varetas.

– Onde estamos? – gritou para Bayaz.

Se o mago tivesse respondido que estavam na lua, Logen não ficaria surpreso.

– Esta é a via do Meio, uma das ruas principais da cidade! Atravessa o centro e vai até o Agriont!

– Agriont!

– Fortaleza, palácio, quartel, sede do governo. Uma cidade dentro da cidade. O coração da União. É para lá que estamos indo.

– Estamos?

Um grupo de rapazes com aparência azeda olhou para Logen muito desconfiado quando ele passou.

– E vão deixar a gente entrar? – questionou Logen.

– Ah, sim. Mas não vão gostar.

Logen lutava para atravessar a multidão. Em toda parte o sol reluzia nos painéis de vidro, centenas deles. Carleon tinha algumas poucas janelas de vidro nas construções mais grandiosas, pelo menos antes de eles terem saqueado a cidade. Depois sobraram pouquíssimas, precisava admitir. Sobrara pouquíssimo de qualquer coisa. Cachorrão tinha amado o som que o vidro fazia ao quebrar. Cutucava as janelas com uma lança e com um grande sorriso no rosto, deliciado pelos estalos e o tilintar.

Isso nem de longe tinha sido o pior. Bethod dera a cidade aos seus Carls durante três dias. Esse era o costume e eles o amavam por isso. Logen perdera o dedo na batalha da véspera, e eles haviam fechado o ferimento com ferro quente. Latejava muitíssimo e a dor o deixara selvagem. Como se na época precisasse de desculpa para a violência... Lembrava-se do cheiro de sangue, de suor e de fumaça. Do som de gritos, pancadas e risos.

– Por favor...

Logen tropeçou, quase caiu. Havia algo agarrado à sua perna. Uma mulher, sentada no chão junto a um muro. Suas roupas estavam sujas, em trapos, o rosto era pálido, magro de fome. Tinha uma coisa no colo. Uma criança.

– Por favor...

E nada mais. As pessoas riam, conversavam e passavam ao redor, como se ela

não estivesse ali.

– Por favor...

– Não tenho nada – murmurou ele.

A menos de cinco passos de distância, um homem com chapéu alto estava sentado a uma mesa, rindo com um amigo e mexendo num prato fumegante de carne e legumes. Logen piscou olhando para o prato de comida, para a mulher faminta.

– Logen! Venha!

Bayaz o havia segurado pelo cotovelo e o puxava para longe.

– Mas nós não deveríamos...

– Você não notou? Eles estão em toda parte! O rei precisa de dinheiro, por isso espreme os nobres. Os nobres espremem seus arrendatários, os arrendatários espremem os camponeses. Alguns deles, os velhos, os fracos, os filhos e filhas a mais, são espremidos no fundo. É um número grande demais de bocas para alimentar. Os que têm sorte viram ladrões ou prostitutas, o resto acaba mendigando.

– Mas...

– Liberem a rua!

Logen cambaleou até o muro e se encostou nele, com Malacus e Bayaz ao lado. A multidão se abriu e uma longa coluna de homens veio andando, arrebanhada por guardas com armaduras. Alguns eram jovens, apenas garotos, outros eram muito velhos. Todos estavam sujos e maltrapilhos e poucos pareciam saudáveis. Uns dois eram obviamente aleijados, seguiam mancando, avançando da melhor forma que podiam. Um, perto da frente, tinha apenas um braço. Um passante que usava um fabuloso casaco carmesim segurou um quadrado de pano diante do nariz franzido enquanto os maltrapilhos passavam arrastando os pés.

– Quem são esses? – sussurrou Logen para Bayaz. – Gente que violou a lei?

O mago deu um risinho.

– Soldados.

Logen olhou para eles novamente: imundos, tossindo, mancando, alguns sem botas.

– Soldados, esses?

– Ah, sim. Vão lutar contra Bethod.

Logen esfregou as têmporas.

– Uma vez um clã mandou seu guerreiro mais miserável, um homem chamado Forley, o Fraco, para lutar contra mim num duelo. Significava que eles queriam se render. Por que essa tal de União vai mandar seus mais fracos? – perguntou Logen sério, balançando a cabeça. – Não vão derrotar Bethod com homens

assim.

– Eles mandarão outros – explicou Bayaz e apontou para um grupo menor. – Aqueles também são soldados.

– Aqueles?

Era um grupo de jovens altos, com roupas espalhafatosas de tecido vermelho ou verde, uns dois com chapéus enormes. Pelo menos tinham uma espécie de espada, mas não pareciam guerreiros. Guerreiras, talvez. Logen franziu a testa, olhando de um grupo para o outro. Os homens maltrapilhos, os garotos espalhafatosos. Era difícil dizer qual era mais estranho.

Um sino minúsculo tilintou quando a porta se abriu e Logen seguiu Bayaz pelo arco baixo, com Malacus atrás. A loja parecia escura depois de passarem pela rua luminosa e os olhos de Logen demoraram um instante para se ajustar. Folhas de madeira encostadas numa parede exibiam desenhos infantis de prédios, florestas, montanhas. Roupas estranhas estavam penduradas sobre suportes ao lado delas – mantos fluidos, vestes coloridas, armaduras, chapéus e elmos enormes, anéis e joias, até uma coroa pesada. Armas ocupavam um suporte pequeno, espadas e lanças muito enfeitadas. Logen chegou mais perto e franziu a testa. Eram falsas. Nada era real. As armas eram de madeira pintada, a coroa era feita de estanho e estava descascando, as joias eram de vidro colorido.

– Que lugar é esse?

Bayaz estava examinando os mantos junto à parede.

– Uma loja de figurinos para teatro.

– Uma o quê?

– As pessoas da cidade adoram espetáculos. Comédias, dramas, todo tipo de teatro. Esta loja fornece equipamento para a montagem de peças.

– Histórias? – balbuciou Logen ao mexerem em uma espada de madeira. – Algumas pessoas têm tempo de sobra.

Um homem pequeno e gorducho emergiu de uma porta nos fundos da loja, olhando desconfiado para Bayaz, Malacus e Logen.

– Posso ajudá-los, senhores?

– Certamente – respondeu Bayaz, dando um passo à frente e comunicando-se sem esforço na língua comum: – Estamos montando uma produção e precisamos de alguns figurinos. Soubemos que o senhor é o principal fornecedor de figurinos de teatro em toda a Adua.

O lojista sorriu nervoso, notando os rostos sujos e as roupas manchadas pela viagem.

– Certo, certo, mas... é... qualidade é coisa cara, senhores.

– Dinheiro não é problema.

Bayaz pegou uma bolsa volumosa e a jogou distraidamente no balcão. Ela se abriu, revelando moedas de ouro que se espalharam sobre a madeira.

Os olhos do lojista se iluminaram com um fogo interior.

– Claro! O que o senhor tem em mente?

– Preciso de um manto magnífico, adequado para um mago ou um grande feiticeiro, ou coisa do gênero. Que tenha algo de misterioso, certamente. Depois vou querer algo semelhante, ainda que menos impressionante, para um aprendiz. Finalmente, precisamos de alguma coisa para um guerreiro poderoso, um príncipe do norte distante. Algo com pele, imagino.

– Deve ser fácil. Verei o que temos.

O lojista desapareceu pela porta atrás do balcão.

– Que merda é essa? – perguntou Logen.

O mago riu.

– As pessoas daqui nasceram em suas castas. Eles têm plebeus para lutar, cultivar a terra e trabalhar. Têm a burguesia para comerciar, construir e pensar. Têm a nobreza para possuir a terra e dar ordens aos outros. Têm a realeza...

Bayaz olhou a coroa de estanho.

–... esqueci exatamente para quê. No Norte você pode ascender até onde seus méritos o levarem. Basta ver nosso amigo, Bethod. Aqui, não. Aqui um homem nasce em seu lugar e é esperado dele que ali permaneça. Precisamos que as pessoas considerem que temos uma posição de destaque, se quisermos ser levados a sério. Vestidos como estamos, não passaremos pelos portões do Agriont.

O lojista o interrompeu reaparecendo na porta, os braços com uma pilha de tecidos brilhantes.

– Um manto místico, adequado ao mais poderoso dos magos! Usado ano passado para Juvens numa produção de *O fim do império,* durante o festival da primavera. Se é que posso dizer, é um dos meus melhores trabalhos.

Bayaz ergueu o enorme manto carmesim à luz fraca, admirando-o. Desenhos misteriosos, letras místicas e símbolos representando o sol, a lua e as estrelas reluziam em fio prateado.

Malacus passou uma das mãos no tecido reluzente de sua própria vestimenta absurda.

– Não creio que você teria rido de mim tão depressa, hein, Logen, se eu tivesse chegado ao seu acampamento vestido assim, não é?

Logen fez uma careta:

– Acho que teria.

– E aqui temos uma esplêndida peça de vestimenta bárbara.

O lojista pôs uma túnica de couro preto no balcão, cheia de redemoinhos de latão brilhante, com acabamento de pedaços sem sentido de delicada cota de malha. Apontou para a capa de pele que combinava com ela: – Isso é marta de verdade!

Era uma roupa ridícula, inútil fosse para esquentar ou proteger.

Logen cruzou os braços em seu casaco velho.

– Vocês acham que eu vou usar isso?

O lojista engoliu em seco, nervoso.

– Perdoe meu amigo – disse Bayaz. – Ele é um ator do novo estilo. Acredita em se entregar completamente ao papel.

– É mesmo? – guinchou o homem, olhando Logen de cima a baixo. – Imagino que os nórdicos estejam... atualizados.

– Sem dúvida. E lhe asseguro que o mestre Nove Dedos é o melhor no que faz – falou o velho mago e cutucou Logen nas costelas. – O melhor. Eu já vi.

– Se o senhor diz... – falou o lojista, não parecendo nem um pouco convencido. – Posso perguntar o que os senhores vão montar?

– Ah, é uma peça nova – improvisou Bayaz e bateu no lado da careca com um dedo. – Ainda estou trabalhando nos detalhes.

– Verdade?

– É. É mais uma cena do que uma peça inteira.

Ele olhou de volta para o manto, admirando o modo como a luz brilhava nos símbolos misteriosos.

– Uma cena em que Bayaz, o Primeiro dos Magos, finalmente ocupa seu lugar no Conselho Fechado.

– Ah – fez o lojista, assentindo como quem sabe das coisas. – Uma peça política. Uma sátira mordaz, talvez? Seria de tom cômico ou dramático?

Bayaz olhou de esguelha para Logen:

– Isso ainda vamos descobrir.

Bárbaros no portão

ERA CEDO E AS RUAS da cidade estavam quase vazias. Jezal corria pela rua ao lado do fosso, os pés batendo nas pedras gastas, a grande muralha branca deslizando interminavelmente à direita, uma torre depois da outra, enquanto percorria seu circuito diário do Agriont. Desde que parara de beber, a melhora em sua energia fora impressionante. Praticamente não ficava sem fôlego. As poucas pessoas nas ruas o observavam, às vezes até gritavam alguma palavra de incentivo, mas Jezal mal as notava. Seus olhos permaneciam fixos na água brilhante que batia de leve no fosso e sua mente estava em outro lugar.

Ardee. Onde mais estaria? Depois que West o alertara para manter distância, depois que parara de vê-la, havia suposto que seus pensamentos logo retornariam a outras questões e a outras mulheres. Havia se dedicado ao treino de esgrima com vontade extra, tentado mostrar interesse nos deveres de oficial, mas se descobrira incapaz de se concentrar e agora as outras mulheres pareciam criaturas pálidas, monótonas, tediosas. As longas corridas, os exercícios repetitivos com a barra e na trave davam à sua mente grandes oportunidades de se desligar. O tédio de ser soldado em tempos de paz era ainda pior: ler documentos enfadonhos, montar guarda para coisas que não precisavam de proteção. Sua atenção se desviava inevitavelmente e então ela surgia.

Ardee em roupas simples de camponesa, vermelha e suada do trabalho duro. Ardee em trajes finos de princesa, reluzindo em joias. Ardee banhando-se em poços na floresta, enquanto ele olhava dos arbustos. Ardee recatada e contida,

olhando-o timidamente por baixo dos cílios. Ardee prostituindo-se junto às docas, chamando-o de uma porta suja. As fantasias eram infinitamente variadas, mas todas acabavam do mesmo jeito.

Seu circuito de uma hora no Agriont estava terminado e ele atravessou a ponte, voltando pelo portão sul. Dedicou aos guardas sua cota diária de indiferença, trotou pelo túnel e subiu a longa rampa da fortaleza, depois se virou para o pátio onde o marechal Varuz estaria esperando. O tempo todo Ardee roçava o fundo de sua mente.

Não que ele não tivesse outra coisa em que pensar. O Campeonato estava próximo, muito próximo. Logo ele lutaria diante de uma multidão empolgada, com sua família e seus amigos no meio dela. Isso poderia fazer sua reputação... ou acabar com ela. Deveria estar perdendo noites de sono, tenso e suado, preocupando-se interminavelmente com as sequências de movimentos, o treinos, as espadas. No entanto, não era nisso que pensava na cama.

Havia uma guerra acontecendo. Ali, nas ruas ensolaradas do Agriont, era fácil esquecer que Angland fora invadida por hordas de bárbaros. Logo ele iria para o Norte, comandar sua companhia na batalha. Lá, por certo, haveria algo para manter sua mente ocupada. A guerra não era um negócio mortal? Ele poderia ser ferido, ficar com cicatrizes, ou até mesmo ser morto. Jezal tentou visualizar o rosto pintado e cheio de tiques de Fenris, o Temível. Legiões de selvagens gritando, baixando sobre o Agriont. Era uma coisa terrível, de fato, uma coisa perigosa e apavorante.

Humm.

Ardee era de Angland. E se, por exemplo, ela caísse nas mãos dos nórdicos? Jezal correria para salvá-la, claro. Ela não seria ferida. Bem, pelo menos não muito. Talvez suas roupas fossem um pouco rasgadas, não? Sem dúvida ela ficaria apavorada, agradecida. Ele seria obrigado a reconfortá-la, claro. Talvez ela até desmaiasse. Ele poderia ter de carregá-la, com a cabeça encostada em seu ombro. Ele poderia ter de deitá-la e afrouxar suas roupas. Os lábios dos dois poderiam se tocar, apenas roçar gentilmente, os dela abrindo-se um pouquinho e então...

Jezal tropeçou. Havia um agradável inchaço em sua virilha. Agradável mas nem um pouco compatível com uma corrida rápida. Agora estava quase no pátio, e isso jamais seria adequado num treino de esgrima. Olhou desesperado ao redor, procurando uma distração, e quase engasgou. O major West estava parado junto à muralha, vestido para esgrimir e observando-o com uma seriedade incomum. Por um instante Jezal imaginou se o amigo saberia no que ele estivera pensando. Engoliu em seco, cheio de culpa, sentiu o sangue subir ao rosto. West não teria como saber, de jeito nenhum. Mas ele estava tremendamente insatisfeito com

alguma coisa.

– Luthar – grunhiu.

– West.

O capitão encarou os próprios pés. Os dois não vinham se dando muito bem desde que West entrara para o estado-maior do lorde marechal Burr. Jezal tentava ficar feliz por ele, mas não podia fugir da sensação de que era mais qualificado para o posto. Tinha sangue excelente, afinal de contas, independentemente da experiência no campo. E Ardee continuava entre os dois, aquele alerta desagradável e desnecessário. Todo mundo sabia que West fora o primeiro a atravessar a brecha em Ulrioch. Todo mundo sabia que ele tinha um temperamento muito forte. Isso sempre parecera bom para Jezal, até que ele próprio sofrera as consequências.

– Varuz está esperando – anunciou West, que descruzou os braços e foi andando em direção à passagem em arco. – E não está sozinho.

– Não está sozinho?

– O marechal acha que você precisa se acostumar a ter plateia.

Jezal franziu a testa.

– E quem se preocuparia com isso no clima atual, com a guerra e tudo o mais?

– Você ficaria surpreso. As lutas, a esgrima e todas as coisas marciais estão na moda. Hoje em dia, todo mundo carrega uma espada, mesmo que nunca tenha desembainhado uma na vida. Há uma febre absoluta com relação ao Campeonato, acredite.

Jezal piscou enquanto entravam no pátio luminoso. Uma arquibancada temporária fora erguida às pressas ao longo de um dos muros, apinhada de um extremo ao outro com pessoas, umas sessenta ou mais.

– E aqui está ele! – gritou o marechal Varuz.

Houve um ondular de aplausos educados. Jezal se viu dando um sorriso débil: havia algumas pessoas muito importantes no público. Identificou o juiz supremo Marovia cofiando a barba comprida. Lorde Isher não estava muito longe dele, parecendo ligeiramente entediado. O próprio príncipe herdeiro Ladisla estava na primeira fila, reluzindo com uma camisa de cota de malha diáfana e batendo palmas com entusiasmo. As pessoas nos bancos de trás tinham de se inclinar para o lado a fim de enxergarem além da pluma oscilante de seu chapéu magnífico.

Varuz entregou as espadas de Jezal, que ainda sorria.

– Não ouse me fazer de idiota! – sibilou.

Jezal tossiu nervoso, olhando as fileiras de pessoas cheias de expectativa. Seu coração se apertou. A boca desdentada do inquisidor Glokta ria com desprezo para ele, do meio da multidão e, na fila atrás dele... Ardee West. Trazia uma

expressão que nunca tivera nos devaneios de Jezal: um terço carrancuda, um terço acusadora, um terço simplesmente entediada. Ele desviou o olhar, virando-se para o muro oposto, xingando por dentro sua própria covardia. Nos últimos dias parecia incapaz de enfrentar o olhar de qualquer pessoa.

– Esta luta será travada com equipamentos semiafiados! – trovejou o lorde marechal. – Melhor de três!

West já estava com as espadas desembainhadas e ia na direção do círculo marcado com giz branco na grama cuidadosamente aparada. O coração de Jezal martelava alto enquanto ele tirava desajeitadamente suas espadas das bainhas, com uma consciência profunda de todos aqueles olhares sobre ele. Ocupou o lugar diante de West, pondo os pés na grama com cautela. West levantou suas espadas, Jezal fez o mesmo. Os dois se encararam por um momento, imóveis.

– Comecem! – gritou Varuz.

Logo ficou claro que West não tinha intenção de facilitar. Veio com mais do que sua ferocidade usual, assolando Jezal com uma sequência de golpes pesados, peças de aço chocando-se e raspando rapidamente. Jezal cedeu terreno, ainda desconfortável com os olhares atentos de todas aquelas pessoas, algumas tremendamente importantes, mas enquanto West o empurrava para trás, na direção da borda do círculo, seu nervosismo começou a sumir e o treinamento assumiu o controle. Desviou-se de lado, abrindo espaço, aparando os golpes com a esquerda e a direita, fintando e dançando, rápido demais para ser apanhado.

As pessoas foram sumindo, até mesmo Ardee. As lâminas se moviam por conta própria, para trás e para a frente, para cima e para baixo. Não havia necessidade de olhá-las. Jezal voltou a atenção para os olhos de West, viu-os saltar do chão para as espadas e para os pés de Jezal, que dançavam. Tentava adivinhar suas intenções.

Sentiu a estocada chegando, antes mesmo de ela vir. Fintou para um lado e depois se virou para o outro, deslizando facilmente ao redor de West enquanto este passava, desajeitado. Para ele foi uma coisa simples levar o pé aos fundilhos da calça do oponente e empurrá-lo para fora do círculo.

– Um toque! – gritou o marechal Varuz.

Houve um ondular de risos quando o major se esparramou de cara no chão.

– Um toque na bunda! – riu o príncipe herdeiro, com a pluma balançando para trás e para a frente, cheio de animação. – Um para o capitão Luthar!

De cara no chão, West não parecia nem de longe tão intimidante. Jezal fez uma pequena reverência para a plateia, arriscou um sorriso na direção de Ardee ao se levantar. Ficou desapontado ao ver que ela nem mesmo o olhava. Estava observando o irmão lutar na poeira com um sorrisinho cruel.

West se pôs de pé lentamente.

– Um bom golpe – murmurou ele com os dentes trincados enquanto voltava para o círculo.

Jezal ocupou sua marca, praticamente incapaz de conter um sorriso.

– Comecem! – ordenou Varuz.

West veio com força de novo, mas Jezal estava começando a gostar da tarefa. Os sons da plateia diminuíam e aumentavam à medida que ele dançava para um lado e para o outro. Começou a colocar um floreio diferente nos movimentos e os espectadores reagiram, “ohs” e “ahs” brotando enquanto ele desviava os golpes de West. Nunca havia esgrimido tão bem, nunca havia se movido de modo tão fluido. West, que era maior, começava a se cansar um pouco, a energia de seus golpes diminuindo. As espadas longas se chocaram, rasparam. Jezal girou o punho direito e arrancou a lâmina de West das mãos dele, avançou e o golpeou com o esquerdo.

– Ah!

West se encolheu e largou sua espada curta, saltando para longe e segurando o antebraço. Algumas gotas de sangue caíram no chão.

– Dois a zero! – gritou Varuz.

O príncipe herdeiro se pôs de pé num salto, deixando o chapéu cair, deliciado por ver sangue.

– Excelente! – grasnou. – Fantástico!

Outros se juntaram a ele, ficando de pé e batendo palmas loucamente. Jezal estava adorando a aprovação: exibia um sorriso largo, cada músculo seu pinicando de felicidade. Agora entendia para que estivera treinando.

– Muito bem, Jezal – murmurou West, com um fio de sangue escorrendo pelo antebraço. – Você é bom demais para mim.

– Sinto muito pelo corte.

Jezal riu. Não estava sentindo nem um pouco.

– Não foi nada. É só um arranhão.

West se afastou fechando a cara e segurando o punho. Ninguém prestou muita atenção à sua saída. Muito menos Jezal. Os acontecimentos esportivos são para os vencedores.

Marovia foi o primeiro a se levantar da arquibancada e lhe dar os parabéns.

– Que jovem promissor! – disse com um sorriso caloroso para Jezal. – Mas você acha que ele pode vencer Bremer dan Gorst?

Varuz deu um tapinha paternal no ombro de Jezal.

– Tenho certeza de que ele pode vencer qualquer um, no dia certo.

– Hum. Você já viu Gorst esgrimir?

– Não, mas ouvi dizer que ele é muito impressionante.

– Ah, de fato. É um demônio – comentou o juiz supremo, erguendo as

sobrancelhas fartas. – Estou ansioso para ver os dois se enfrentarem. Já considerou uma carreira no ramo jurídico, capitão Luthar?

Jezal foi pego de surpresa.

– Ah... não, Meritíssimo, quero dizer... eu sou um soldado.

– Claro que é. Mas batalhas e coisas assim podem causar o diabo nos nervos. Se algum dia mudar de ideia, talvez eu possa ter um lugar para você. Sempre posso encontrar uma função para homens promissores.

– Ah... obrigado.

– Até o Campeonato, então. Boa sorte, capitão – disse por sobre o ombro enquanto se afastava arrastando os pés.

O que ficara implícito era que ele achava que Jezal precisaria de muita sorte. Sua Alteza, o príncipe Ladisla, foi mais otimista:

– Você é o meu homem, Luthar! – gritou ele, cutucando o ar com os dedos como se fossem espadas de esgrima. – Vou dobrar minha aposta em você!

Jezal baixou a cabeça obsequiosamente.

– Vossa Alteza é muito gentil.

– Você foi incrível! Você é *o* soldado! Um esgrimista deve lutar por seu país, hein, Varuz? Por que Gorst não é soldado?

– Acredito que seja, Alteza – respondeu o lorde marechal gentilmente. – Ele é parente de lorde Brock e serve na guarda pessoal dele.

– Ah.

O príncipe pareceu confuso por um momento, porém logo se reanimou:

– Mas você foi incrível! – gritou para Jezal, cutucando o ar de novo com os dedos, a pluma de seu chapéu balançando para um lado e para outro. – Incrível mesmo!

Ele foi dançando na direção da passagem em arco, com a cota de malha reluzindo.

– Muito impressionante.

Jezal girou rapidamente e deu um passo atrás, desajeitado. Era Glokta, parado em seu ponto cego, com um risinho de superioridade. Para um aleijado, ele tinha uma capacidade espantosa de surgir do nada.

– Que felicidade para todo mundo, o fato de você não ter desistido, afinal de contas.

– Nunca tive intenção de fazer isso – reagiu Jezal, gélido.

Glokta sugou as gengivas.

– Se você diz, capitão...

– Digo.

Jezal lhe deu as costas grosseiramente, esperando que jamais tivesse de falar de novo com aquele sujeito desprezível. Quando deu por si, encarava Ardee, a

menos de trinta centímetros de distância.

– Ah... – gaguejou ele, dando um passo atrás de novo.

– Jezal – disse ela. – Não o vejo há muito tempo.

– É...

Ele olhou nervoso ao redor. Glokta se afastava com passos lentos. West partira muito antes. Varuz estava ocupado conversando com lorde Ishar e só alguns outros permaneciam no pátio. Ninguém para observar os dois. Ele precisava falar com ela. Deveria dizer imediatamente que não poderia vê-la mais. Devia-lhe isso.

– É...

– Não tem nada a me dizer? – instigou Ardee.

– É...

Ele deu meia-volta e foi andando depressa, os ombros ardendo de vergonha.

Depois de toda aquela agitação inesperada, o tédio do serviço de guarda no portão sul pareceu quase uma misericórdia. Jezal estava ansioso para ficar parado à toa, olhando as pessoas entrarem e saírem do Agriont, ouvindo a conversa boba do tenente Kaspa. Pelo menos até chegar lá.

Kaspa e o grupo usual de soldados com armaduras estavam reunidos em volta do portão externo, onde a antiga ponte sobre o fosso passava entre as duas enormes torres brancas do pórtico de entrada. Conforme seguia até o fim do longo túnel, Jezal viu que havia alguém com eles. Um sujeito pequeno, de óculos, que parecia agitado. Jezal o reconheceu vagamente. Chamava-se Morrow, era algum lacaio do lorde camarista. Não tinha motivo para estar ali.

– Capitão Luthar, que acaso feliz!

Jezal deu um pulo. Era aquele lunático do Sulfur, sentado com as pernas cruzadas no chão atrás dele, as costas na parede íngreme do pórtico de entrada.

– Que diabos ele está fazendo aqui? – perguntou Jezal rispidamente.

Kaspa abriu a boca para falar, mas Sulfur foi mais rápido:

– Não se incomode comigo, capitão, estou simplesmente esperando meu mestre.

– Seu mestre?

Jezal morria de medo de pensar no tipo de idiota ao qual aquele imbecil serviria.

– É. Ele deve chegar daqui a pouco – respondeu Sulfur e estreitou os olhos para o sol: – Já está um pouco atrasado, para dizer a verdade.

– É mesmo?

– É – confirmou o louco, abrindo de novo um sorriso amigável. – Mas está

vindo, Jezal, pode contar com isso.

O tratamento informal era demais para ele admitir. Mal conhecia o sujeito e o pouco que conhecia não lhe agradava. Abriu a boca para lhe dar uma bronca, mas de repente Sulfur ficou de pé, pegando o cajado junto ao muro e se espanando.

– Aí estão eles! – disse, olhando para o outro lado do fosso.

Jezal acompanhou o olhar do idiota.

Um velho magnífico atravessava a ponte cheio de objetividade, a cabeça careca muito erguida, um fabuloso manto vermelho reluzente adejando à brisa. Logo depois vinha um rapaz de aparência doentia, com a cabeça meio abaixada como se reverenciasse o velho e trazendo um cajado comprido nas palmas das mãos erguidas diante do corpo. Um enorme brutamontes com uma pesada capa de pele vinha atrás, mais de meia cabeça mais alto do que os outros dois.

– Que diab...

Jezal deixou as palavras no ar. Parecia reconhecer o velho de algum lugar. Seria algum lorde do Conselho Aberto? Algum embaixador estrangeiro? Certamente ele possuía um ar majestoso. Revirou o cérebro enquanto eles se aproximavam, mas não conseguiu situá-lo.

O velho parou diante do pórtico de entrada, examinou imperiosamente Jezal, Kaspa, Morrow e os guardas com seus reluzentes olhos verdes.

– Yoru – disse ele.

Sulfur se adiantou fazendo uma reverência.

– Mestre Bayaz – murmurou ele, num tom abafado cheio de respeito profundo.

E foi isso. Era por isso que Jezal conhecia o sujeito. Ele tinha uma semelhança nítida com a estátua de Bayaz na via do Rei. A estátua pela qual Jezal passara tantas vezes em suas corridas. Um pouquinho mais gordo, talvez, mas aquela expressão – séria, sábia, de autoridade sem esforço – era a mesma. Jezal franziu a testa. O fato de aquele velho ter aquele nome não lhe agradava. Também não lhe agradava a fisionomia do jovem magro que segurava o cajado. Agradava-lhe menos ainda a aparência do outro companheiro do velho.

Frequentemente West dissera a Jezal que os nórdicos que encontravam em Adua, geralmente desgrenhados junto às docas ou bêbados e sujos nas sarjetas, não eram nem um pouco típicos do povo deles. Os que viviam livres no norte extremo, lutando, festejando, mantendo rixas e fazendo o que quer que os nórdicos faziam, eram muito diferentes. Jezal romantizara essa imagem e sempre havia imaginado um povo alto, feroz, bonito. Fortes, porém graciosos. Incultos, porém nobres. Selvagens, porém inteligentes. Homens que tinham os olhos sempre fixos no horizonte distante.

Este não era assim.

Nunca na vida Jezal vira um homem de aparência mais embrutecida. Até mesmo Fenris, o Temível, parecia civilizado em comparação a ele. Seu rosto era como costas chicoteadas, entrecruzado por cicatrizes ásperas. O nariz era torto, apontando um pouco de lado. Em uma das orelhas faltava um grande pedaço, um dos olhos parecia um pouquinho mais alto do que o outro, cercado por um ferimento em forma de crescente. Na verdade, todo o rosto era ligeiramente espancado, partido, torto, como o de um lutador que tivesse travado embates de mais. A expressão também era de quem tivesse levado pancadas de mais na cabeça. Olhava boquiaberto para o pórtico de entrada, a testa franzida, o queixo caído, espiando ao redor com um ar de estupidez quase animal.

Usava uma comprida capa de pele e uma túnica de couro ornada com ouro, mas esse nível de esplendor bárbaro só o fazia parecer mais selvagem, e não havia como deixar de ver a espada longa e pesada presa à cintura. Ao espiar os muros altíssimos, o nórdico coçou por baixo da longa barba uma grande cicatriz cor-de-rosa na bochecha e Jezal notou que faltava um dedo numa das mãos. Como se fosse necessária mais alguma prova de uma vida de violência e selvageria.

Deixar aquele gigante primitivo entrar no Agriont? Enquanto eles estavam em guerra com os nórdicos? Impensável! Mas Morrow já se adiantava:

– O lorde camarista os espera, senhores – disse com arrebatamento, fazendo uma reverência e indo na direção do velho. – Se quiserem me seguir...

– Um momento – falou Jezal, que agarrou o subsecretário pelo cotovelo e o puxou de lado para perguntar incrédulo: – Ele também?

Com a cabeça, ele indicava o homem primitivo que usava capa.

– Estamos em guerra, sabia? – concluiu.

– Lorde Hoff foi muito claro! – retorquiu Morrow, desvencilhando o braço, com os óculos reluzindo.

– Mantenha-o aqui se quiser, mas terá de se explicar ao lorde camarista! – enfatizou.

Jezal engoliu em seco. Essa ideia não era nem um pouco atraente. Olhou para o velho, mas não conseguiu encará-lo por muito tempo. O sujeito tinha um ar misterioso, como se soubesse algo que mais ninguém poderia supor, e isso era inquietante.

– Vocês... devem... deixar... suas... armas... aqui! – gritou, falando o mais devagar e claramente possível.

– Com todo o prazer.

O nórdico tirou a espada do cinto e a entregou. Ela pesou tremendamente nas mãos de Jezal: era uma arma grande, simples, de aparência cruel. Foi seguida

por uma faca longa, depois o sujeito se ajoelhou e tirou outra da bota. Pegou uma terceira na cintura, às costas, e puxou outra de lâmina fina de dentro da manga, colocando tudo nos braços estendidos de Jezal. O nórdico deu um sorriso largo. Era de fato uma visão hedionda, com as cicatrizes ásperas se retorcendo e se franzindo, deixando seu rosto mais torto do que nunca.

– Facas nunca são demais – rosnou ele em voz profunda, áspera.

Ninguém riu, mas ele não pareceu se importar.

– Vamos? – perguntou o velho.

– Sem demora – disse Morrow, virando-se para sair.

– Vou com vocês – decidiu Jezal, largando sua braçada de armas nas mãos de Kaspa.

– Não é necessário, capitão – gemeu Morrow.

– Eu insisto.

Assim que fosse entregue ao lorde camarista, o nórdico poderia assassinar quem ele quisesse: seria problema de outro. Mas até que ele chegasse lá, Jezal poderia ser culpado por qualquer infâmia do sujeito, e de jeito nenhum deixaria isso acontecer.

Os guardas se posicionaram nas laterais e o grupo estranho passou pelo portão. Morrow ia à frente, servilmente sussurrando banalidades por cima do ombro para o velho de manto esplêndido. Em seguida ia o jovem pálido, seguido por Sulfur. O nórdico de nove dedos ia atrás.

Jezal os seguia com o polegar no cinto, perto do punho da espada, para poder pegá-la rapidamente. Vigiava o selvagem, atento a qualquer movimento súbito. Mas depois de segui-lo por algum tempo, teve de admitir que o sujeito não dava nenhuma impressão de estar pensando em assassinato. No máximo, parecia curioso, perplexo e um tanto sem graça. Ficava diminuindo o passo, olhando as construções ao redor, balançando a cabeça, coçando o rosto, murmurando baixinho. Ocasionalmente horrorizava os passantes sorrindo para eles, mas não parecia apresentar maior ameaça, e Jezal começou a relaxar, pelo menos até chegarem à praça dos marechais.

De repente o nórdico parou. Jezal levou a mão à espada, mas os olhos do primitivo estavam fixos à frente, observando uma fonte próxima. Ele se moveu devagar até ela, depois levantou com cautela um dedo e cutucou o jato reluzente. A água espirrou em seu rosto e ele se afastou desajeitado, quase derrubando Jezal.

– Uma nascente – falou. – Mas como?

Misericórdia. O sujeito parecia uma criança. Uma criança de quase 2 metros de altura e com o rosto parecido com um cepo de açougueiro.

– Há canos! – explicou Jezal e bateu com os pés no pavimento – Embaixo...

do... chão!

– Canos – ecoou o primitivo em voz baixa, olhando a espuma feita pela água.

Os outros haviam se adiantado um pouco e já chegavam perto da construção grandiosa em que Hoff mantinha seus escritórios. Jezal começou a se afastar da fonte, esperando atrair o selvagem ignorante. Para seu alívio, ele foi atrás, balançando a cabeça e murmurando “canos”, repetidamente.

Entraram na escuridão fresca da antessala do lorde camarista. Havia pessoas sentadas nos bancos junto às paredes, algumas aparentemente esperando fazia muito tempo. Todas levantaram a cabeça quando Morrow levou o grupo peculiar direto para a sala de Hoff. O secretário de óculos abriu a pesada porta dupla e ficou de lado, enquanto primeiro o velho, depois seu lacaio com o cajado, em seguida o louco Sulfur e finalmente o primitivo de nove dedos passaram por ele.

Jezal fez menção de segui-los, mas Morrow bloqueou seu caminho.

– Muito obrigado pela ajuda, capitão – disse com um sorriso débil. – Agora pode retornar ao portão.

Jezal espiou por cima do ombro dele, para dentro da sala. Viu o lorde camarista franzir a testa atrás de uma mesa comprida. O arquileitor Sult estava ao lado dele, sério e muito desconfiado. O juiz supremo Marovia também se fizera presente, com um sorriso no rosto cheio de rugas. Três membros do Conselho Fechado.

Então Morrow fechou a porta na cara dele.

Em seguida

– VEJO QUE O SENHOR tem um novo secretário – disse Glokta, casualmente.

O arquileitor sorriu.

– Claro. O antigo não era do meu agrado. Tinha a língua solta, sabe?

Glokta parou sua taça de vinho a meio caminho da boca.

– Estava repassando nossos segredos aos mercadores de tecidos – continuou Sult casualmente, como se isso fosse de conhecimento comum. – Eu sabia há algum tempo. Mas não precisa se preocupar, ele nunca ficou sabendo de nada que eu não quisesse.

Então... você sabia quem era o traidor. Sabia o tempo todo. A mente de Glokta retornou aos eventos das últimas semanas, separou-os e juntou-os de novo a essa nova luz, experimentando-os de diferentes modos até se encaixarem, o tempo todo lutando para disfarçar a surpresa. *Você deixou a confissão de Rews num lugar onde sabia que seu secretário iria vê-la. Sabia que os mercadores de tecidos descobririam quem estava na lista e adivinhou o que eles fariam, sabendo que isso só lhe daria vantagens e a pá que usaria para enterrá-los. Enquanto isso, guiou minhas suspeitas para Kalyne, quando o tempo todo você sabia quem era responsável pelo vazamento. Tudo transcorreu exatamente de acordo com seus planos.*

O arquileitor o olhava com um sorriso astuto.

E aposto que você sabe o que estou pensando agora mesmo. Eu fui uma peça nesse jogo, quase tanto quanto aquele verme puxa-saco que era o seu secretário.

Glokta conteve um risinho. *Que sorte a minha ser uma peça do lado certo! Não suspeitei de nada.*

– Ele nos traiu por uma quantia decepcionante – continuou Sult, com o lábio se retorcendo de nojo. – Tenho certeza de que Kault lhe daria dez vezes mais, se ele tivesse pensado em pedir. A geração mais nova realmente não tem ambição. Eles acham que são muito mais espertos do que são de verdade.

Sult examinou Glokta com seus olhos frios e azuis.

Eu faço parte dessa geração mais nova, mais ou menos. Estou sendo diminuído.

– O seu secretário foi repreendido?

O arquileitor pôs a taça de forma descuidada no tampo da mesa, a base mal ressoando na madeira.

– Ah, sim. Severamente. Na verdade já não é necessário dedicar nenhum pensamento a ele.

Aposto que não. Corpo encontrado flutuando no cais...

– Devo dizer que fiquei tremendamente surpreso quando você se fixou no superior Kalyne como a fonte de nosso vazamento. O sujeito era da velha guarda. Ele até fingiria não ver questões sem importância, mas trair a Inquisição? Vender nossos segredos aos mercadores? – Sult bufou. – Jamais. Você permitiu que sua aversão pessoal pelo sujeito nublasse seu julgamento.

– Ele parecia ser a única possibilidade – murmurou Glokta, mas se arrependeu de imediato. *Idiota, idiota. O erro está cometido. É melhor ficar de boca fechada.*

– Parecia? – repetiu o arquileitor e estalou a língua numa desaprovação profunda. – Não, não, não, inquisidor. Parecia não é suficiente para nós. No futuro nos basearemos apenas em fatos, por favor. Mas não se sinta muito mal com isso; eu permiti que você seguisse seus instintos e, como as coisas aconteceram, seu erro nos deixou numa situação muito melhor. Kalyne foi afastado do cargo...

Corpo encontrado flutuando...

–... e o superior Goyle está vindo de Angland para assumir o cargo de superior de Adua.

Goyle? Vindo para cá? O desgraçado é o novo superior de Adua? Glokta não pôde deixar de contorcer o lábio.

– Vocês dois não são grandes amigos, não é, Glokta?

– Ele é um carcereiro, não um investigador. Não está interessado em culpa ou inocência. Não está interessado na verdade. Ele tortura pela empolgação.

– Ah, ora, Glokta. Está dizendo que não fica empolgado quando seus prisioneiros desembucham os segredos? Quando soltam os nomes? Quando

assinam a confissão?

– Não sinto prazer nisso.

Não sinto prazer em nada.

– E no entanto faz a coisa tão bem! De qualquer modo, Goyle está vindo e, independentemente do que você pense, ele é um de nós. É um homem muito capacitado e digno de confiança, dedicado ao serviço da Coroa e do Estado. Ele já foi meu aluno, sabia?

– Verdade?

– Foi. Ele ocupava o seu cargo... de modo que, afinal de contas, há algum futuro nisso!

O arquileitor riu de sua própria piada. Glokta deu um risinho também.

– No geral, as coisas correram muito bem e você deve ser parabenizado por sua participação. Foi um serviço bem-feito.

Suficientemente bom para eu ainda estar vivo, pelo menos.

Sult levantou a taça e os dois brindaram sem alegria e beberam, cada um observando o outro com muita desconfiança.

Glokta pigarreou.

– Mestre Kault mencionou algo interessante antes de seu infeliz falecimento.

– Continue.

– Os mercadores de tecidos tinham um sócio em suas tramas. Um sócio importante, talvez. Um banco.

– Hum. Revire um mercador e sempre haverá um banqueiro por baixo. O que é que tem?

– Acredito que esses banqueiros sabiam de tudo. Do contrabando, das fraudes, até dos assassinatos. Acredito que eles encorajaram isso, talvez até tenham ordenado, de modo a conseguir um bom retorno para seus empréstimos. Posso começar uma investigação, Vossa Eminência?

– Que banco?

– Valint e Balk.

O arquileitor pareceu pensar um momento, encarando Glokta com os olhos duros e azuis. *Será que ele já sabe sobre esses banqueiros? Será que já sabe muito mais do que eu? O que foi que Kault disse? Quer traidores, Glokta? Procure na Casa das Perguntas...*

– Não – disse Sult rispidamente. – Esses banqueiros em especial têm relações muito boas. Muita gente deve favores a eles e, sem Kault, será difícil provar qualquer coisa. Já conseguimos o que precisávamos com os mercadores de tecidos e tenho uma tarefa mais urgente para você.

Glokta ergueu os olhos. *Outra tarefa?*

– Eu estava ansioso para interrogar os prisioneiros que fizemos na sede da

guilda, Vossa Eminência, pode ser que...

– Não.

O arquileitor descartou as palavras de Glokta com um aceno de sua mão enluvada.

– Esse negócio pode se arrastar por meses. Mandarei Goyle cuidar disso – falou e franziu a testa. – A não ser que você seja contra, é?

Então eu aro o campo, espalho as sementes e Goyle faz a colheita? Quanta justiça. Glokta baixou a cabeça com humildade.

– Claro que não, Vossa Eminência.

– Bom. Provavelmente você tomou conhecimento dos visitantes incomuns que recebemos ontem.

Visitantes? Durante a semana anterior, Glokta sofrera com as costas. Na véspera, havia lutado para sair da cama e ver aquele cretino do Luthar esgrimir, mas afora isso, estivera confinado em seu quarto minúsculo, praticamente incapaz de se mexer.

– Não notei – disse simplesmente.

– Bayaz, o Primeiro dos Magos.

Glokta riu de novo, mas o arquileitor não estava sorrindo.

– O senhor está brincando, claro.

– Quem me dera.

– Um charlatão, Vossa Eminência?

– O que mais poderia ser? Mas um charlatão extraordinário. Lúcido, sensato, inteligente. Uma fraude extremamente bem elaborada.

– O senhor falou com ele?

– Falei. Ele é notavelmente convincente. Sabe de coisas, coisas das quais não deveria saber. Não pode ser simplesmente dispensado. Quem quer que ele seja, tem embasamento e boas fontes de informação – falou o arquileitor antes de franzir a testa profundamente para completar: – Ele trouxe um brutamontes renegado nórdico.

Foi a vez de Glokta franzir a testa.

– Um nórdico? Não parece o estilo deles. Eles me parecem muito diretos.

– Foi exatamente o que pensei.

– Seria um espião do imperador, então? De Gurkhul?

– Talvez. Os kanticenses adoram uma boa intriga, mas tendem a se manter nas sombras. Já estes impostores não parecem ter a marca deles. Suspeito que nossa resposta possa estar mais perto de casa.

– Os nobres, Vossa Eminência? Brock? Isher? Heugen?

– Talvez – supôs Sult. – Talvez. Eles estão bastante chateados. Ou pode ser nosso velho amigo, o juiz supremo. Marovia parecia um pouco satisfeito demais

com a coisa toda. Ele está tramando algo, dá para ver.

Os nobres, o juiz supremo, os nórdicos, os gurkenses: poderia ser qualquer um deles ou nenhum – mas por quê?

– Não entendo, arquileitor. Se eles são só espiões, por que se darem todo esse trabalho? Certamente há modos mais fáceis de entrar no Agriont.

– O negócio é o seguinte – começou Sult, fazendo a careta mais amarga que Glokta já vira. – Há um lugar vazio no Conselho Fechado, sempre houve. É uma tradição sem sentido, uma questão de etiqueta, uma cadeira reservada para uma figura mítica, morta há centenas de anos. Ninguém jamais supôs que alguém viria reivindicá-la.

– E ele reivindicou?

– Sim! Ele exigiu!

O arquileitor se levantou e andou ao redor da mesa.

– Eu sei! É impensável! Um espião, um mentiroso que veio ninguém sabe de onde, tomando conhecimento de como funciona o coração de nosso governo! Mas ele tem alguns papéis empoeirados, de modo que está por *nossa* conta desacreditá-lo! Consegue acreditar?

Glokta não conseguia. *Mas não parece haver sentido em dizer isso.*

– Pedi tempo para investigar – continuou Sult –, mas o Conselho Fechado não pode esperar indefinidamente. Temos apenas uma ou duas semanas para expor a fraude que é esse suposto mago. Enquanto isso, ele e seus companheiros se acomodaram numa excelente suíte na Torre das Correntes e não há nada que possamos fazer para impedir que andem pelo Agriont, causando qualquer dano que desejem!

Há uma coisa que poderíamos fazer...

– A Torre das Correntes é muito alta. Se alguém caísse...

– Não. Por enquanto, não. Já abusamos demais da sorte em alguns círculos. Por enquanto, pelo menos, devemos ir com cuidado.

– Sempre há a possibilidade de um interrogatório. Se nós os prendêssemos, eu poderia descobrir para quem estão trabalhando...

– Eu disse “ir com cuidado”! Quero que você investigue esse mago e seus companheiros, Glokta. Descubra quem eles são, de onde vêm, o que querem. Acima de tudo, descubra quem está por trás deles e por quê. Devemos desacreditar esse suposto Bayaz antes que ele possa causar qualquer mal. Depois disso, você poderá usar os meios que quiser.

Sult se virou e foi até a janela.

Glokta se levantou desajeitadamente, dolorosamente.

– Como devo começar?

– Siga-os! – gritou impaciente o arquileitor. – Vigie-os! Veja com quem eles

falam, sobre o que falam. Você é o inquisidor, Glokta! – disse ele ríspido, sem ao menos levantar o olhar. – Faça perguntas!

Melhor do que a morte

– Estamos procurando uma mulher – disse o oficial, avaliando-os com desconfiança. – Uma escrava fugida, uma assassina. Muito perigosa.

– Uma mulher, senhor? – perguntou Yulwei, com a testa franzida numa expressão de dúvida. – Perigosa, senhor?

– É, uma mulher! – confirmou o oficial e balançou a mão, impaciente: – Alta, com uma cicatriz, cabelo curto. Bem armada. Provavelmente, com um arco.

Ferro ficou imóvel, alta e com uma cicatriz, o cabelo curto, o arco pendurado no ombro, olhando o chão poeirento.

– Ela é procurada pelas mais altas autoridades! É ladra e assassina!

Yulwei deu um sorriso humilde e espalmou as mãos.

– Não vimos uma pessoa assim, senhor. Eu e meu filho estamos desarmados, como o senhor pode ver.

Ferro olhou desconfortável para a lâmina curva da espada enfiada no cinto, brilhando ao sol forte. Mas o oficial não parecia notar. Ele espantou uma mosca enquanto Yulwei continuava enrolando: – Nenhum de nós dois saberia o que fazer com um arco, posso garantir. Confiamos em Deus para nos proteger e nos incomparáveis soldados do imperador.

O oficial fungou.

– Muito sensato, velho. O que estão fazendo aqui?

– Sou mercador, estou indo para Dagoska, comprar especiarias – disse e fez uma reverência servil. – Com sua gentil permissão.

– Comerciando com os rosados, é? União maldita! – O oficial cuspiu na poeira. – Bom, é preciso ganhar a vida, ainda que de modo vergonhoso. Comercie enquanto pode, os rosados vão embora logo, serão varridos para o oceano! – e, orgulhoso estufou o peito: – O imperador, Uthman-ul-Dosht, jurou! O que acha, velho?

– Ah, será um grande dia, um grande dia – disse Yulwei, fazendo outra reverência. – Que Deus o traga logo, senhor!

O oficial olhou Ferro de cima a baixo.

– Seu filho parece um rapaz forte. Poderia ser um soldado.

Deu um passo na direção dela e segurou seu braço nu.

– É um braço forte. Acho que esse braço poderia retesar um arco, se fosse ensinado. O que acha, garoto? Um trabalho de homem, lutar pela glória de Deus e do seu imperador! Melhor do que ralar as costas em troca de uma ninharia!

A carne de Ferro se arrepiou onde os dedos dele tocaram sua pele. Sua outra mão foi na direção da faca.

– Infelizmente – disse Yuwel, depressa – meu filho nasceu... simples. Ele praticamente não fala.

– Ah. Que pena. Pode chegar um tempo em que precisaremos de todos os homens. Esses rosados podem ser selvagens, mas sabem lutar.

O oficial virou as costas e Ferro fez uma careta de desprezo.

– Muito bem, podem ir!

O homem acenou, dispensando-os. Os olhos de seus soldados, descansando à sombra das palmeiras em volta da estrada, os seguiram conforme os dois passavam, mas sem muito interesse.

Ferro segurou a língua até que o acampamento tivesse sumido a distância, depois se virou para Yulwei.

– Dagoska?

– Para começar – respondeu o velho, olhando por cima da planície com arbustos raquíticos. – E depois para o norte.

– Norte?

– Atravessar o mar do Círculo até Adua.

Atravessar o mar? Ela parou na estrada.

– Não vou para lá porra nenhuma!

– Você precisa tornar tudo tão difícil, Ferro? Está tão feliz assim aqui, em Gurkhul?

– Aqueles homens do Norte são loucos, todo mundo sabe! Rosados, União, sei lá. São loucos! Sem Deus!

Yulwei levantou uma sobrancelha para ela.

– Não sabia que você era tão interessada em Deus, Ferro.

– Pelo menos eu sei que existe um! – gritou ela, apontando para o céu. – Esses rosados não pensam como a gente, como pessoas de verdade! Nós não temos nada a ver com eles! Prefiro ficar no meio dos gurkenses! Além disso, tenho contas a acertar aqui.

– Que contas? Vai matar Uthman?

Ela franziu a testa.

– Talvez mate.

– Ah.

Yulwei se virou e seguiu pela estrada.

– Caso não tenha notado, Ferro, estão procurando você. Não daria dez passos sem minha ajuda. Eles ainda têm a tal jaula esperando, lembra? A que está na frente do palácio. Estão ansiosos para enchê-la.

Ferro trincou os dentes.

– Agora Uthman é o imperador. Ul-Dosht, é como o chamam. O poderoso! O implacável! O maior imperador em cem anos, já estão dizendo. Matar o imperador! – Yulwei deu uma risadinha. – Você é uma figura, sem dúvida. Uma figura.

Ferro fechou a cara enquanto seguia o velho morro acima. Não queria ser considerada uma figura por ninguém. Yulwei podia fazer aqueles soldados verem quem ele quisesse, e era um truque e tanto, mas de jeito nenhum ela iria para o Norte. O que ela teria a ver com aqueles rosados sem Deus?

Yulwei ainda estava rindo sozinho quando ela o alcançou.

– Matar o imperador – repetiu o velho, balançando a cabeça. – Ele só teria de esperar até que você voltasse. Você me deve, lembra?

Ferro o agarrou pelo braço nodoso.

– Não me lembro de você ter dito nada sobre cruzar o mar!

– Não me lembro de você ter perguntado, Maljinn, e você deveria estar feliz por não ter perguntado! – rebateu, antes de soltar gentilmente os dedos dela. – O seu cadáver poderia estar secando direitinho no deserto, em vez de ficar reclamando no meu ouvido, toda esguia e saudável. Pense um pouco.

Isso a fez calar a boca, temporariamente. Foi andando em silêncio, olhando com expressão de desgosto para a paisagem árida, as sandálias raspando na terra seca da estrada. Olhou de esguelha para o velho. Ele havia salvado sua vida com seus truques, isso ela não podia negar.

Mas de jeito nenhum ela iria para o Norte.

A fortaleza ficava oculta numa angra rochosa, mas, de onde eles estavam, no alto do penhasco com o sol feroz por trás, Ferro podia ver muito bem os

contornos dela. Uma muralha alta cercava fileiras de construções em número suficiente para formar uma pequena cidade. Perto delas, na água, havia embarcadouros compridos. Atracados neles, navios.

Navios enormes.

Torres de madeira, fortalezas flutuantes. Ferro nunca vira navios nem da metade daquele tamanho. Os mastros eram uma floresta escura contra a água brilhante, ao fundo. Dez estavam atracados logo abaixo deles e mais adiante, na baía, outros dois singravam as ondas lentamente, as grandes velas ao vento, com figuras minúsculas andando nos conveses e por entre as teias de cordas.

– Estou vendo doze – murmurou Yulwei –, mas seus olhos são mais aguçados.

Ferro olhou por cima da água. Mais adiante no litoral, a uns 30 quilômetros, talvez, podia ver outra fortaleza, outro conjunto de embarcadouros.

– Há mais lá adiante – disse. – Oito ou nove. E são maiores.

– Maiores do que estes?

– Muito maiores.

– Pelo hálito de Deus! – murmurou Yulwei consigo mesmo. – Os gurkenses nunca construíram barcos tão grandes antes, nem com a metade desse tamanho, nem a metade desse número. Não há madeira em todo o Sul para uma frota assim. Devem tê-la comprado no Norte, dos estirianos, talvez.

Ferro não se importava nem um pouco com barcos, com madeira ou com o Norte.

– E daí?

– Com uma frota desse tamanho, os gurkenses serão uma potência marítima. Poderiam tomar Dagoska a partir da baía, invadir até mesmo Westport.

Nomes sem sentido de locais distantes.

– E daí?

– Você não entende, Ferro. Devo alertar os outros. Devemos nos apressar, agora!

Ele se levantou do chão e voltou depressa na direção da estrada.

Ferro resmungou. Olhou as grandes banheiras de madeira movendo-se para trás e para a frente na baía durante mais um momento, depois se levantou e foi atrás de Yulwei. Navios grandes ou navios minúsculos, para ela não queriam dizer nada. Por ela, os gurkenses poderiam tomar todos os rosados do mundo como escravos.

Se com isso deixassem as pessoas de verdade em paz.

– Saiam da frente!

O soldado esporeou o cavalo direto para cima deles, levantando o chicote.

– Mil perdões, senhor! – gemeu Yulwei, curvando-se até o chão, correndo para o capim ao lado da estrada e puxando Ferro, relutante, pelo cotovelo.

Ela ficou de pé no mato baixo, olhando a coluna passar lentamente. Figuras magras, maltrapilhas, sujas, de expressão vaga, as mãos amarradas, os olhos vazios fixos no chão. Homens e mulheres de todas as idades, até mesmo crianças. Uma centena ou mais. Seis guardas cavalgavam ao lado deles, tranquilos em suas selas altas, os chicotes enrolados nas mãos.

– Escravos – concluiu Ferro e lambeu os lábios secos.

– O povo de Kadir se revoltou – explicou Yulwei, franzindo a testa para aquela procissão miserável. – Eles não queriam mais fazer parte da gloriosa nação de Gurkhul e acharam que a morte do imperador poderia ser sua chance de escapar. Parece que estavam errados. O novo imperador é ainda mais duro do que o último, hein, Ferro? A rebelião deles já fracassou. Parece que seu amigo Uthman faz escravos, como castigo.

Ferro olhou uma garota magricela que mancava lentamente, os pés descalços arrastando-se na poeira. Teria 13 anos? Era difícil dizer. Seu rosto estava sujo e inexpressivo. Havia um corte com casca atravessando a testa, outros na parte de trás do braço. Marcas de chicote. Ferro engoliu em seco, olhou a garota andar com dificuldade. Um velho, logo à frente dela, deu um passo em falso e se esparramou de cara na estrada, fazendo toda a coluna parar aos tropeços.

– Anda! – rosnou um dos cavaleiros, esporeando o animal. – De pé!

O velho se esforçou na poeira.

– Anda!

O chicote do soldado estalou, deixando uma comprida marca vermelha nas costas magras do homem. Ferro estremeceu e se encolheu ao ouvir aquele som e suas costas começaram a pinicar.

Onde estavam as cicatrizes.

Quase como se ela própria tivesse sido chicoteada.

Ninguém chicoteia Ferro Maljinn e sobrevive. Não mais. Ela tirou o arco do ombro.

– Paz, Ferro! – sibilou Yulwei, agarrando-a pelo braço. – Você não pode fazer nada por eles!

A garota se abaixou, ajudando o velho escravo a ficar de pé. O chicote estalou de novo, pegando os dois, e houve um grito de dor. Teria sido da garota ou do homem?

Ou da própria Ferro?

Ela se desvencilhou da mão de Yulwei, tentando pegar uma flecha.

– Eu posso matar esse desgraçado – rosnou ela.

A cabeça do soldado girou rapidamente e ele os olhou. Yulwei segurou a mão

dela.

– E depois? – sussurrou ele. – Se você matasse todos os seis, o que aconteceria? Você tem comida e água para cem escravos, tem? Está escondida aí, em algum lugar? O que aconteceria quando dessem falta dessas pessoas? E quando os guardas fossem encontrados mortos? O que aconteceria, matadora? Você vai esconder cem escravos aqui? Porque eu não posso.

Ferro olhou nos olhos negros de Yulwei, os dentes trincando, a respiração acelerada saindo em jatos pelo nariz. Imaginou se deveria tentar de novo matá-lo ou não.

Não.

Ele estava certo, desgraçado. Ela controlou a raiva devagar, mandou-a o mais para o fundo que pôde. Guardou a flecha e se virou de novo para a coluna. Viu o velho escravo prosseguir cambaleando e a garota atrás dele. A fúria mordeu suas entranhas como a própria fome.

– Você! – gritou o soldado, levando o cavalo na direção deles.

– Agora você conseguiu! – sibilou Yulwei, depois fez uma reverência para o guarda, sorrindo, humilhando-se. – Peço desculpas, senhor, meu filho é...

– Cale a boca, velho!

O soldado olhou para Ferro de cima da sela.

– E então, garoto, você gosta dela?

– O quê? – sibilou ela, com os dentes trincados.

– Não precisa ser tímido – disse o soldado com um sorrisinho. – Eu vi você olhando – falou e se virou para a coluna: – Façam com que parem! – gritou ele.

Os escravos pararam, cambaleando. Ele se inclinou da sela e agarrou a garota magra pelo braço, arrastando-a rudemente para fora da coluna.

– Ela é boa – disse, empurrando-a para Ferro. – Meio nova, mas está pronta. – Se for bem limpa, vai servir. Está meio manca, mas vai se curar. Nós fizemos eles andarem muito. Tem dentes bons... mostre os dentes a ele, cadela!

Os lábios rachados da garota se enrolaram para trás lentamente.

– Dentes bons. O que acha, garoto? Dez moedas de ouro por ela! É um bom preço!

Ferro ficou parada, olhando. A garota a encarava muda, com os olhos grandes e sem vida.

– Olhe – disse o soldado, inclinando-se da sela –, ela vale o dobro disso. E não tem perigo: quando chegarmos a Shaffa, vou dizer que ela morreu aqui, na poeira. Ninguém vai estranhar, isso acontece o tempo todo! Eu levo dez e você economiza dez! Todo mundo ganha!

Todo mundo ganha. Ferro olhou para o guarda. Ele tirou o elmo, enxugou a testa com as costas da mão.

– Paz, Ferro – sussurrou Yulwei.

– Certo: oito! – gritou o soldado. – Ela tem um belo sorriso! Mostra um sorriso a ele, cadela!

O canto da boca da garota estremeceu ligeiramente.

– Aí está, viu? Oito. E você vai estar me roubando!

Os punhos de Ferro estavam cerrados, as unhas cravando-se nas palmas das mãos.

– Paz, Ferro – sussurrou Yulwei, com um tom de alerta na voz.

– Por Deus, você sabe barganhar, garoto! Sete e é minha última oferta. Sete, maldição! – disparou o soldado, balançando o elmo em frustração. – Use-a com cuidado e em cinco anos ela vai valer mais! É um investimento!

O rosto do soldado estava a pouco mais de um metro de distância. Ela podia ver cada gota minúscula de suor que se formava na testa dele, cada pelo do rosto, cada mancha, reentrância e poro da pele. Quase podia sentir o cheiro dele.

Quem está com sede de verdade bebe mijo, água salgada ou óleo, mesmo que faça mal, tamanha é a necessidade de beber. Ferro tinha visto isso nas Terras Ruins. Assim era sua necessidade de matar aquele homem. Queria rasgá-lo com as próprias mãos, arrancar a vida dele esganando-o, retalhar seu rosto com os dentes. O desejo era quase forte demais para resistir.

– Paz! – sussurrou Yulwei.

– Não tenho dinheiro para comprá-la – Ferro escutou sua própria voz dizer.

– Você poderia ter avisado antes, garoto, e me poupado o trabalho!

O soldado recolocou o elmo.

– Mesmo assim, não posso culpar você por ter olhado. Ela é boa.

Ele se abaixou e agarrou a garota por baixo do braço, arrastando-a de volta para perto dos outros.

– Vão conseguir vinte por ela em Shaffa! – gritou ele por cima do ombro.

A coluna foi em frente. Ferro ficou olhando a garota até que os escravos desapareceram atrás de uma colina, tropeçando, mancando, arrastando os pés em direção ao sofrimento.

Agora sentia-se fria, fria e vazia por dentro. Desejava ter matado o homem, independentemente do que isso lhe custasse. Matá-lo poderia ter preenchido aquele vazio, mesmo que por pouco tempo. Era assim que a coisa funcionava.

– Já andei numa coluna assim – disse devagar.

Yulwei deu um suspiro longo.

– Eu sei, Ferro, eu sei, mas o destino escolheu salvar você. Agradeça por isso, se souber como.

– Você deveria ter deixado que eu o matasse.

– Argh – disse o velho, enojado. – Dá para ver que você mataria o mundo

inteiro se pudesse. Não existe nada além de morte em você, Ferro?

– Antigamente existia – murmurou ela. – Mas eles arrancaram a chicotadas. Chicoteiam a gente até terem certeza de que não resta nada.

Yulwei ficou parado, com aquele olhar de pena no rosto. Era estranho como isso não a deixava mais com raiva.

– Sinto muito, Ferro. Sinto muito por você e por eles – falou o velho e voltou para a estrada, balançando a cabeça. – Mas é melhor do que a morte.

Ela ficou parada por um momento, olhando a poeira que subia da coluna distante.

– É igual – sussurrou consigo mesma.

Estranhamento

Logen se encostou no parapeito, estreitou os olhos para o sol da manhã e contemplou a paisagem.

Tinha feito a mesma coisa – e agora parecia ter sido muito tempo antes – na varanda de seu quarto na biblioteca. As duas paisagens não poderiam ser mais diferentes. Em uma delas, o sol nascendo sobre o tapete irregular de prédios, quente, luminoso demais e cheio de ruídos distantes. Na outra, o vale enevoado e frio, suave, vazio e silencioso como a morte. Lembrou-se daquela manhã, de como havia se sentido diferente. Com certeza se considerava um homem diferente agora. Um idiota. Apavorado, insignificante, feio e confuso.

– Logen.

Malacus chegou à varanda e parou perto dele, sorriu para o sol e olhou por sobre a cidade, até a baía reluzente, já movimentada com navios.

– Lindo, não é?

– Se você acha, mas não sei se vejo essa beleza. Todas essas pessoas... – falou Logen e estremeceu com um calafrio. – Não está certo. Isso me assusta.

– Está com medo? Você?

– Sempre.

Logen mal havia dormido desde que tinham chegado. Aquele lugar nunca ficava escuro o bastante, nunca estava silencioso o suficiente. Era quente demais, apertado demais, fedorento demais. Inimigos podiam ser aterrorizantes, mas era possível lutar contra eles e acabar com a questão. Logen podia entender o ódio

deles. Mas não havia como lutar contra a cidade sem rosto, indiferente, barulhenta. Ela odiava tudo.

– Este lugar não é para mim. Eu ficaria feliz em ir embora.

– Talvez a gente demore um bocado para ir.

– Eu sei – respondeu Logen e respirou fundo. – É por isso que vou descer e olhar esse tal de Agriont e descobrir o que for possível sobre ele. Algumas coisas precisam ser feitas. É melhor fazê-las do que viver com medo delas. É o que meu pai costumava dizer.

– Bom conselho. Vou com você.

– Não vai, não – determinou Bayaz.

O mago estava junto à porta, olhando irritado para o aprendiz.

– Seu progresso nas últimas semanas foi uma desgraça, até mesmo para você – falou, encontrando-se com os outros dois ao ar livre. – Sugiro que enquanto estivermos à toa, esperando a disposição de Sua Majestade, você aproveite para estudar. É provável que leve muito tempo para ter outra chance dessas.

Malacus voltou correndo para dentro, sem olhar para trás. Sabia que era melhor não vadiar quando o mestre estava naquele estado de espírito. Bayaz perdera todo o bom humor assim que chegaram ao Agriont, e não parecia que ele iria retornar.

Logen não o culparia por isso. Eles vinham sendo tratados mais como prisioneiros do que como hóspedes. Nove Dedos não sabia muito sobre bons modos, mas entendia o significado dos olhares duros que recebiam de todo mundo e dos guardas postos do lado de fora da porta.

– Você não acreditaria em como ela cresceu – resmungou Bayaz, franzindo a testa ao olhar para a vastidão da cidade. – Lembro-me de quando Adua mal passava de um amontoado de cabanas espremidas em volta da Casa do Artífice como moscas em volta da merda fresca. Antes de haver um Agriont. Antes mesmo de haver uma União. Naquela época, eles nem de longe eram tão orgulhosos, posso garantir. Cultuavam o Artífice como um deus.

Bayaz limpou a garganta e cuspiu no ar. Logen viu aquilo passar por cima do fosso e sumir em algum lugar no meio dos prédios brancos lá embaixo.

– Eu dei isso a eles – sibilou Bayaz.

Logen teve a sensação desagradável que sempre parecia surgir quando o velho mago se aborrecia.

– Eu lhes dei a liberdade e é assim que me agradecem? Com o escárnio dos funcionários? De moleques de recados metidos a bestas?

Descer e caminhar em meio à suspeita e à loucura lá de baixo começou a parecer uma libertação misericordiosa. Logen se esgueirou na direção da porta e voltou para a sala.

Se eram prisioneiros ali, Logen tinha de admitir que já estivera em algumas celas mais desagradáveis. Pelo menos para ele, a sala de estar redonda era digna de um rei: poltronas robustas feitas de madeira escura com relevos delicados, tapeçarias pesadas nas paredes exibindo bosques e cenas de caçadas. Bethod provavelmente ficaria à vontade naquela sala. Nove Dedos se sentia um pateta, sempre pisando em ovos, com medo de quebrar alguma coisa. Havia uma jarra alta numa mesa no centro do aposento, com flores coloridas pintadas nas laterais. Logen a olhou desconfiado enquanto ia para a grande escada que descia ao Agriont.

– Logen! – chamou Bayaz do portal, franzindo a testa para ele: – Tome cuidado. Este lugar pode parecer estranho, mas as pessoas são mais estranhas ainda.

A água espumava e borbulhava, jorrando num jato estreito de um tubo de metal esculpido na forma de uma boca de peixe, depois caía numa ampla bacia de pedra. Uma fonte, era como o rapaz orgulhoso a havia chamado. Canos embaixo da terra, dissera ele. Logen visualizou riachos subterrâneos fluindo sob seus pés, lavando os alicerces do lugar. A ideia o deixou ligeiramente tonto.

A praça era ampla – uma grande planície de pedras chatas, cercada por altos penhascos de prédios brancos. Penhascos vazados, cobertos com colunas e relevos, reluzindo com janelas altas, apinhados de pessoas. Algo estranho parecia estar acontecendo hoje. A toda a volta, junto às bordas distantes da praça, uma enorme estrutura de traves de madeira estava sendo construída. Um enxame de trabalhadores golpeava com ferramentas, martelando estacas e juntas, lançando gritos mal-humorados uns para os outros. Ao redor deles havia montanhas de tábuas e toras, barris de pregos, pilhas de ferramentas, o suficiente para construir dez salões grandiosos e mais ainda. Em alguns locais, a estrutura já estava bem acima do chão, as partes mais elevadas erguendo-se no ar como mastros de grandes navios, tão altas quanto os prédios monstruosos atrás.

Logen ficou parado, as mãos no quadril, olhando boquiaberto o enorme esqueleto de madeira cujo objetivo ele desconhecia. Foi até um rapaz musculoso que usava um avental de couro e serrava furiosamente uma prancha.

– O que é isso?

– Hein? – fez o homem, sem nem sequer desviar os olhos da tarefa.

– Isso. Para que é?

A serra cortou a madeira, a sobra caiu no chão com barulho. O carpinteiro colocou o restante da prancha numa pilha ali perto. Em seguida se virou, olhando Logen com desconfiança conforme enxugava o suor da testa brilhante.

– Arquibancadas. Plateia.

Logen o encarou inexpressivo.

– Para o Campeonato! – gritou o carpinteiro.

Logen recuou lentamente. Aquelas palavras não faziam sentido para ele. Virou-se e foi andando depressa, mantendo-se bem longe das enormes estruturas de madeira e dos homens que andavam em cima delas.

Chegou a uma rua larga, um vale profundo entre altos prédios brancos. Estátuas olhavam umas para as outras dos dois lados, muito maiores do que o tamanho real, franzindo a testa por cima da cabeça das muitas pessoas que andavam rapidamente entre elas. A escultura mais próxima parecia estranhamente familiar. Logen foi até ela, olhou-a de cima a baixo, depois riu consigo mesmo. O Primeiro dos Magos tinha ganhado alguns quilos desde que aquilo fora esculpido. Talvez fosse a comida boa da biblioteca. Logen se virou para um homem pequeno, de chapéu preto, que andava com um livro grande embaixo do braço.

– Bayaz – disse ele, apontando para a estátua. – É meu amigo.

O homem o encarou, encarou a estátua, olhou para ele de novo e saiu apressado.

As esculturas acompanhavam os dois lados da avenida. Os reis da União, supôs Logen, estavam enfileirados à esquerda. Alguns carregavam espadas, outros seguravam pergaminhos ou pequenos navios. Um exibia um cachorro aos pés; outro, um feixe de trigo embaixo do braço, mas, afora isso, não havia muita coisa para identificá-los. Todos tinham as mesmas coroas altas e as mesmas testas sulcadas, sérias. Olhando-os, seria de pensar que nunca tivessem dito uma palavra idiota, ou feito algo estúpido, ou mesmo dado uma cagada.

Logen ouviu passos rápidos atrás de si e se virou bem a tempo de ver o rapaz orgulhoso do portão vir correndo pela avenida, a camisa encharcada de suor. Imaginou aonde ele iria com tanta pressa, mas de jeito nenhum correria para alcançá-lo, principalmente naquele calor. De qualquer modo, havia muitos outros mistérios que precisavam ser solucionados.

A rua dava num grande espaço verde, arrancado do campo por mãos gigantes e largado no meio dos prédios altos, embora não se parecesse com nenhuma área campestre que Logen já tivesse visto. A grama era um tapete liso, contínuo, de um verde vívido, aparada quase até o chão. As flores cresciam em fileiras, círculos e linhas retas de cores fortes. Havia arbustos e árvores luxuriantes, todos espremidos, cercados e podados em formas que não eram naturais. Não faltava água, também – riachos borbulhando em degraus de pedra, um grande lago liso com árvores de aparência triste em volta.

Andou por aquela área verde com bordas quadradas, as botas fazendo barulho

num caminho de pedrinhas cinzentas. Muitas pessoas reuniam-se ali, espremidas para desfrutar o sol. Sentavam-se em barcos no lago em miniatura, remando suavemente em círculos, indo a lugar nenhum. Reclinavam-se nos gramados, comiam, bebiam e falavam umas com as outras. Algumas apontavam para Logen e gritavam, ou sussurravam, ou se esgueiravam para longe.

Era uma multidão estranha, principalmente as mulheres. Pálidas e fantasmagóricas, envoltas em vestidos elaborados, o cabelo puxado para cima, retorcido e preso com alfinetes, pentes e grandes penas estranhas ou inúteis chapéus minúsculos. Pareciam a grande jarra na sala redonda: magras e delicadas demais para terem alguma utilidade, prejudicadas pelo excesso de enfeites. Mas fazia muito tempo desde que tivera companhia feminina, portanto ele sorria alegre para elas, ainda que suas chances fossem remotas. Algumas pareciam chocadas, outras ficavam boquiabertas de horror. Logen suspirou. Não tinha perdido o jeito com as mulheres.

Mais adiante, numa outra praça ampla, Logen parou para olhar um grupo de soldados que treinavam. Aqueles não eram mendigos nem jovens efeminados, eram homens de aparência robusta que usavam armaduras pesadas, peitorais e grevas polidas até parecerem espelhos, com lanças compridas apoiadas nos ombros. Estavam parados juntos, cada homem absolutamente igual ao do lado, em quatro quadrados de talvez cinquenta homens cada, imóveis como as estátuas da avenida.

Depois de um berro dado por um homem baixo e de paletó vermelho – Logen percebeu que ele era o chefe –, o grupo inteiro se virou, apontou as lanças e começou a avançar pela praça, as botas pesadas pisando ao mesmo tempo. Cada homem era igual, armado de modo igual, movia-se de modo igual. Era uma tremenda visão, todo aquele metal reluzente movendo-se firme em quadriláteros pontiagudos, as extremidades das lanças brilhando, como um grande porco-espinho quadrado com duzentas patas. Seria bastante mortal, sem dúvida, num espaço grande e plano, contra um inimigo imaginário que estivesse bem à frente. Logen tinha menos certeza de como funcionaria em meio às rochas partidas, sob a chuva forte, numa floresta emaranhada. Aqueles homens se cansariam depressa, com todo o peso das armaduras. E, se a formação fosse quebrada, o que eles fariam, estando acostumados a sempre ter outros ao lado? Seriam capazes de lutar sozinhos?

Foi andando, passando por pátios amplos e jardins bem-ordenados, por fontes borbulhantes e estátuas orgulhosas, por ruas limpas e avenidas largas. Subiu e desceu escadas estreitas, cruzou pontes sobre riachos, passou por ruas, por outras pontes. Viu guardas usando uma dúzia de diferentes librés esplêndidas, vigiando uma centena de diferentes portões, muros e portas, cada um deles olhando-o com

a mesma desconfiança. O sol subia no céu, os prédios altos e brancos passavam até que Logen ficou com os pés doloridos e meio perdido, o pescoço doendo de sempre olhar para cima.

A única constante era a torre monstruosa que se erguia muito alta, acima de todo o resto, fazendo com que os prédios mais grandiosos parecessem insignificantes. Estava sempre ali, vislumbrada com o canto do olho, espiando por sobre o topo dos telhados a distância. Os passos de Logen o arrastaram lentamente cada vez mais para perto dela, até chegar a um canto negligenciado da cidadela, à sombra da própria torre.

Encontrou um velho banco ao lado de um gramado malcuidado perto de uma grande construção parcialmente desmoronada, coberta de musgo e hera, com os telhados íngremes afundando no meio e telhas faltando. Largou-se no banco, exalando, e franziu a testa para a forma enorme do outro lado dos muros, recortada contra o azul, uma montanha feita pelo homem a partir de pedras secas, retas, mortas. Nenhuma planta se agarrava àquela massa enorme, nem mesmo o musgo nas fendas entre os grandes blocos. A Casa do Artífice, como Bayaz a chamara. Não se parecia com nenhuma casa que Logen já tivesse visto. Não havia telhados para cobri-las, nem portas ou janelas naquelas paredes nuas. Um amontoado de camadas poderosas de rochas com arestas afiadas. Que necessidade poderia haver de se construir uma coisa tão grande? Quem era esse Artífice, afinal? Teria criado apenas isso? Uma casa enorme e inútil?

– Incomoda-se se eu me sentar?

Havia uma mulher olhando para Logen. Era mais parecida com o que ele chamaria de mulher do que aquelas coisas estranhas e fantasmagóricas no parque. Uma mulher bonita com vestido branco, o rosto emoldurado pelo cabelo escuro.

– Se eu me incomodo? Não. É engraçado, mas nenhuma outra pessoa quer se sentar ao meu lado.

Ela sentou-se na outra ponta do banco, pousando o queixo nas mãos, os cotovelos nos joelhos, olhando sem interesse para a torre enorme.

– Talvez tenham medo de você.

Logen viu um homem passar depressa com um maço de papéis embaixo do braço, encarando-o com os olhos arregalados.

– Estou começando a pensar a mesma coisa.

– Você realmente parece meio perigoso.

– “Abominável” é a palavra que você está procurando.

– Geralmente encontro as palavras que procuro e digo que é “perigoso”.

– Bom, as aparências enganam.

Ela ergueu uma sobrancelha, olhando-o lentamente de cima a baixo.

– Então você deve ser um homem de paz.

– Ah... não totalmente.

Os dois se olharam de esguelha. Ela não parecia sentir medo, nem desprezo, nem mesmo interesse.

– Por que você não está com medo?

– Sou de Angland, conheço o seu povo. Além disso – e ela deixou a mão pousar no encosto do banco –, ninguém mais quer falar comigo. Estou desesperada.

Logen olhou o cotoco de seu dedo médio, balançou-o para trás e para a frente, até onde dava para ir.

– É para ficar mesmo. Eu sou Logen.

– Bom para você. Eu sou ninguém.

– Todo mundo é alguém.

– Eu não. Não sou nada. Sou invisível.

Logen franziu a testa para a mulher. Estava de lado para ele, recostada no banco ao sol, o pescoço longo e liso esticado, o peito subindo e descendo lentamente.

– Eu vejo você.

Ela virou a cabeça para olhá-lo.

– Você... é um cavalheiro.

Logen fungou numa gargalhada. Tinha sido chamado de muitas coisas na vida, mas jamais daquilo. A jovem não se juntou a ele na diversão.

– Este não é o meu lugar – murmurou ela, sozinha.

– De nenhum de nós.

– Não. Mas eu moro aqui – desabafou ela, levantando-se do banco. – Adeus, Logen.

– Adeus, ninguém.

Ele ficou observando enquanto ela se virava e se afastava lentamente. Balançou a cabeça. Bayaz estava certo: o lugar era estranho, mas as pessoas eram mais estranhas ainda.

Logen acordou aflito, num sobressalto, piscou e olhou perdido ao redor. Estava escuro. Não totalmente escuro, claro, havia o brilho sempre presente da cidade. Pensou ter ouvido alguma coisa, mas não havia nada. Estava quente. Quente, apertado e sufocante, mesmo com a brisa pegajosa que entrava pela janela aberta. Ele suspirou, empurrou o lençol úmido, secou o suor do peito com a mão e a enxugou na parede atrás. A luz incomodava seus olhos. E esse não era o pior problema. Se uma única verdade pudesse ser dita sobre Logen Nove

Dedos naquele momento, era que ele precisava mijar.

Infelizmente não se mijava em potes naquele lugar. Eles tinham uma coisa especial, uma espécie de prateleira de madeira com um buraco no meio, dentro de um cômodo pequeno. Ele havia espiado dentro daquele buraco quando chegaram, imaginando para que serviria. Parecia uma longa descida, e o cheiro era ruim. Malacus lhe explicara. Era uma invenção bárbara e sem sentido. Você precisava se sentar ali, na madeira dura, com uma corrente de ar desagradável soprando em volta dos bagos. Mas a civilização era assim, pelo que Logen podia ver. Pessoas que não tinham coisa melhor a fazer inventavam formas de tornar difíceis as coisas fáceis.

Saiu desajeitadamente da cama e foi até onde se lembrava de que ficava a porta, curvado e tateando à frente. Estava claro demais para dormir, mas escuro demais para enxergar alguma coisa.

– Porra de civilização – murmurou sozinho enquanto brigava com o trinco da porta.

Foi deslizando os pés descalços com cuidado para a grande sala circular que era o coração dos aposentos deles.

Estava fresco ali, muito fresco. Depois do calor e da umidade do quarto, foi bom sentir o ar frio na pele. Por que não estava dormindo ali, em vez de no aposento ao lado? Estreitou os olhos para as paredes sombreadas, o rosto contorcido pela confusão da sonolência, tentando deduzir que porta turva levava à prateleira de mijar. Conhecendo sua sorte, provavelmente entraria no quarto de Bayaz e acabaria mijando no Primeiro dos Magos sem querer enquanto este estivesse dormindo. Seria perfeito para adoçar o mau-humor do mago.

Deu um passo adiante. Houve uma pancada e um chacoalhar quando sua perna bateu no canto da mesa. Ele xingou, segurando a canela machucada. E então se lembrou da jarra. Mergulhou a mão e a pegou pela borda, evitando por pouco que ela caísse. Agora seus olhos estavam se ajustando à penumbra e ele podia identificar as flores pintadas na superfície fria e brilhante. Fez menção de recolocá-la sobre a mesa, mas então uma ideia lhe ocorreu. Por que ir mais longe quando tinha um pote perfeitamente bom ali mesmo? Olhou furtivamente ao redor, colocou a jarra na posição e... se imobilizou.

Não estava sozinho.

Uma figura alta e esguia, desfocada à meia-luz. Podia apenas vislumbrar o cabelo comprido balançando suave na brisa da janela aberta. Esforçou-se na escuridão, mas não conseguiu ver o rosto.

– Logen...

Uma voz de mulher, suave e baixa. Não gostou do som nem um pouco. Fazia frio na sala, muito frio. Apertou a jarra com mais força.

– Quem é você? – grasnou ele, com a voz subitamente alta no silêncio mortal.

Estaria sonhando? Balançou a cabeça, espremeu a jarra na mão. Tudo parecia real. Horrivelmente real.

– Logen...

A mulher se moveu na direção dele em silêncio. A luz suave da janela bateu na lateral do rosto dela. Uma bochecha branca, uma órbita ocular escura, um canto de boca, depois ela afundou na escuridão de novo. Havia algo familiar... a mente de Logen se esforçava enquanto ele recuava, o olhar fixo na silhueta da mulher, mantendo a mesa entre os dois.

– O que você quer?

Sentiu um frio no peito, uma sensação ruim. Sabia que deveria estar gritando por socorro, acordando os outros, mas de algum modo precisava saber quem ela era. Precisava saber. O ar estava gélido. Logen quase podia ver a respiração virando fumaça diante do rosto. Sua mulher estava morta, ele sabia, morta, fria, de volta à lama, fazia muito tempo e num lugar muito distante. Tinha visto a aldeia queimada até virar cinzas, cheia de cadáveres. Sua mulher estava morta... e, no entanto...

– Thelfi? – sussurrou ele.

– Logen...

A voz dela! A voz dela! Seu queixo caiu. Ela estendeu a mão para ele através da luz da janela. Mão pálida, dedos pálidos, unhas compridas e brancas. A sala estava gelada, totalmente gelada.

– Logen!

– Você está morta!

Ele ergueu a jarra, pronto para baixá-la sobre a cabeça da mulher. A mão se estendeu, com os dedos abertos.

De repente a sala estava clara como o dia. Mais clara ainda. Brilhante, ofuscante. As silhuetas escuras das portas, da mobília se transformaram em bordas brancas e rígidas, sombras negras. Logen fechou os olhos com força, protegeu-os com o braço, recuou contra a parede ofegando. Houve um estrondo ensurdecedor, como uma avalanche de terra, um rasgar e lascar, como uma grande árvore caindo, um fedor de madeira queimando. Logen abriu uma fresta num dos olhos, espiou por entre os dedos.

A sala fora estranhamente alterada. Estava escura de novo, porém menos do que antes. A luz se infiltrava através de um grande buraco irregular onde antes a janela ficava. Duas cadeiras haviam sumido, uma terceira bambeava em três pernas, com as bordas quebradas reluzindo fracamente, ardendo como pedaços de pau que tivessem ficado muito tempo no fogo. A mesa, que um momento antes estivera ao lado dele, estava quebrada ao meio do outro lado da sala. Parte

do teto fora arrancada dos caibros e o piso estava atulhado com pedaços de pedra e reboco, lascas de madeira e fragmentos de vidro. Não havia sinal da mulher estranha.

Bayaz andou vacilante pelos destroços, em direção ao enorme buraco na parede, sua camisola balançando em volta dos tornozelos grossos, e espiou a noite.

– A coisa foi embora.

– A coisa? – repetiu Logen e olhou para o buraco fumegante. – Ela sabia o meu nome...

O mago foi até a última cadeira que permanecia intacta e se jogou nela, como se estivesse exausto.

– Era um comedor, talvez. Mandado por Khalul.

– Um o quê? – perguntou Logen, pasmo. – Mandado por quem?

Bayaz enxugou o suor do rosto.

– Você não queria saber.

– Verdade.

Logen não podia negar. Esfregou o queixo, olhando aquele pedaço irregular de céu noturno, imaginando se agora seria um bom momento para mudar de ideia. Mas já era tarde demais. Houve pancadas frenéticas na porta.

– Você poderia atender?

Logen cambaleou desajeitado pelo meio do entulho e puxou o trinco. Um guarda furioso entrou intempestivamente, com uma lanterna numa das mãos e a espada na outra.

– Houve um barulho!

A luz da lanterna varreu os destroços, encontrou o buraco na parede, as pedras quebradas, o céu noturno vazio do outro lado.

– Merda – sussurrou ele.

– Tivemos uma visita inesperada – murmurou Logen.

– É... preciso notificar... – disse o guarda, parecendo totalmente confuso –... alguém.

Ele tropeçou e quase caiu sobre uma trave tombada ao voltar em direção à porta. Logen ouviu os passos dele fazendo barulho na escada.

– O que é um comedor?

Não houve resposta. O mago estava dormindo, olhos fechados, com uma ruga funda na testa, o peito movendo-se lentamente. Logen olhou para baixo. Ficou surpreso ao ver que ainda segurava o vaso, lindo e delicado, na mão direita. Limpou com cuidado um lugar no chão e pousou a jarra no meio do entulho.

Uma das portas se abriu com estrondo e o coração de Logen saltou. Era Malacus, com os olhos arregalados, fixos, o cabelo projetando-se em todos os

ângulos.

– O que... – balbuciou, foi cambaleando até o buraco e olhou com cautela para a noite. – Merda!

– Malacus, o que é um comedor?

A cabeça de Quai girou bruscamente para olhar Logen, seu rosto a própria imagem do horror.

– É proibido comer a carne dos homens... – sussurrou ele.

Perguntas

GLOKTA ENFIAVA O mingau na boca o mais rápido que podia, esperando pôr para dentro meia refeição antes que começasse a ficar empanzinado. Engoliu, tossiu, estremeceu. Empurrou a tigela para longe, como se a presença dela o ofendesse. *E ofende mesmo.*

– É melhor que seja importante, Severard – resmungou ele.

O prático puxou o cabelo oleoso para trás com uma das mãos.

– Depende do que o senhor quer dizer com importante. Tem a ver com nossos amigos mágicos.

– Ah, o Primeiro dos Magos e seus bravos companheiros. O que é que tem?

– Ontem à noite houve algum distúrbio nos aposentos deles. Dizem que alguém os invadiu. Houve algum tipo de luta. Parece que aconteceu algum dano.

– Alguém? Algum tipo? Algum dano? – repetiu Glokta e balançou a cabeça, desaprovando. – Parece? Parece não basta para nós, Severard.

– Bom, desta vez terá de bastar. O guarda foi meio vago. Parecia muito preocupado, se o senhor quer saber.

Severard se esparramou um pouco mais fundo em sua cadeira e ergueu os ombros até as orelhas.

– Se alguém precisa dar uma olhada nisso, poderíamos ser nós. O senhor poderia dar uma boa olhada neles. Fazer umas perguntas, talvez.

– Onde eles estão?

– O senhor vai adorar isso: na Torre das Correntes.

Glokta fez uma careta enquanto sugava os restos de mingau das gengivas. *Claro. E bem no topo, aposto. Um monte de degraus.*

– Mais alguma coisa?

– O nórdico saiu para dar um passeio ontem, circulou por metade do Agriont. Nós o vigiamos, claro – contou o prático, fungando e ajeitando a máscara. – Desgraçado feio.

– Ah, o infame nórdico. Ele cometeu algum ultraje? Estupro e assassinato, prédios em chamas, esse tipo de coisa?

– Nada disso, para ser honesto. Foi uma manhã tediosa para todo mundo. Ele andou e olhou boquiaberto para as coisas. Falou com algumas pessoas.

– Alguém que a gente conheça?

– Ninguém importante. Um dos carpinteiros que trabalhavam na arquibancada do Campeonato. Um escrivão na via do Rei. Houve uma jovem perto da Universidade. Ele falou com ela por um tempo.

– Uma jovem?

Os olhos de Severard riram.

– Isso mesmo, e bonita. Qual era o nome dela? – perguntou a si mesmo e estalou os dedos. – Fiz questão de descobrir. O irmão dela pertence ao Próprio do Rei... West. Não-sei-o-quê West.

– Ardee.

– Essa mesma! O senhor a conhece?

– Hum.

Glokta lambeu as gengivas vazias. *Ela me perguntou como eu estava. Eu me lembro.*

– Sobre o que eles conversaram?

O prático ergueu as sobrancelhas.

– Provavelmente nada. Mas ela é de Angland, não está na cidade há muito tempo. Pode haver alguma ligação. Quer que eu a traga? Logo poderíamos descobrir.

– Não! – disse Glokta rispidamente. – Não. Não precisa. O irmão dela era meu amigo.

– Era.

– Ninguém encosta a mão nela, Severard. Ouviu?

O prático deu de ombros.

– Se o senhor diz, inquisidor. Se o senhor diz.

– Eu digo.

Houve uma pausa.

– Então terminamos com os mercadores de tecidos, não é?

Severard parecia quase tristonho.

– Parece que sim – confirmou o inquisidor. – Eles estão acabados. Não resta nada, a não ser alguma limpeza a fazer.

– Alguma limpeza lucrativa, suponho.

– Imagino que sim – respondeu Glokta com azedume. – Mas Sua Eminência acha que nossos talentos serão mais bem aproveitados em outro lugar. – *Como vigiar falsos magos.* – Espero que você não tenha aberto mão de sua pequena propriedade no cais.

Severard deu de ombros.

– Eu não ficaria surpreso se logo o senhor precisasse de um lugar longe dos olhos curiosos outra vez. Ela vai continuar lá. Ao preço certo. Só que é uma pena abandonar um serviço pela metade.

Verdade. Glokta parou um momento, pensando. *É perigoso. O arquileitor disse para não ir mais longe. É muito perigoso desobedecer, no entanto farejo alguma coisa. Incomoda deixar uma ponta solta, independentemente do que Sua Eminência diga.*

– Pode haver mais uma coisa.

– Verdade?

– É, mas seja sutil. Você sabe algo sobre bancos?

– Prédios grandes. Emprestam dinheiro às pessoas.

Glokta deu um meio sorriso.

– Não fazia ideia de que você era um especialista no assunto. Estou interessado em um, em particular. Chama-se Valint e Balk.

– Nunca ouvi falar, mas posso perguntar por aí.

– Seja discreto, Severard, entendeu? Ninguém pode saber disso. Estou falando sério.

– Eu sou pura discrição, chefe, pode perguntar a qualquer um. Discreto, é como sou. Sou conhecido por isso.

– É melhor ser mesmo, Severard. É melhor ser mesmo. – *Caso contrário nossas cabeça estarão a prêmio.*

Glokta estava sentado, enfiado no vão da janela com as costas nas pedras e a perna esquerda esticada à frente do corpo – uma fornalha de dor lancinante, pulsante. Esperava a dor, claro, a cada momento de cada dia. *Mas essa é diferente.*

Cada respiração era um gemido entrecortado entre as mandíbulas rígidas. O menor movimento era uma tarefa gigantesca. Lembrava-se de como o marechal Varuz o fazia subir e descer correndo aqueles degraus quando ele estava treinando para o Campeonato, anos antes. *Eu subia de três em três, subia e*

descia sem pensar duas vezes. Agora olhe para mim. Quem poderia imaginar que eu chegaria a este ponto?

O suor escorria por seu corpo trêmulo, os olhos ardidos estavam cheios de lágrimas, o nariz queimava, pingando muco. *Toda essa água fluindo de mim, no entanto estou com uma sede infernal. Qual é o sentido disso?* Qual era o sentido de tudo aquilo? *E se alguém passasse e me visse assim, esse terrível flagelo da Inquisição caído de bunda numa janela, praticamente incapaz de se mexer? Será que vou forçar um sorriso casual nessa máscara rígida de agonia? Será que vou fingir que está tudo bem, que venho aqui frequentemente, para me esparramar ao lado da escada? Ou será que vou chorar, gritar e implorar por ajuda?*

Mas ninguém passou. Ele ficou ali, enfiado naquele espaço estreito, com um quarto da subida ainda por vencer, a nuca apoiada nas pedras frias, os joelhos trêmulos esticados diante do corpo. *Sand dan Glokta, mestre espadachim, garboso oficial da cavalaria, que futuro glorioso poderia existir diante dele? Houve um tempo em que eu era capaz de correr durante horas. Correr, correr e jamais me cansar.* Podia sentir um fio de suor escorrendo pelas costas. *Por que eu faço isso? Por que, diabos, alguém faria isso? Eu poderia parar hoje. Poderia ir para casa, para minha mãe. Mas e depois?*

E depois?

– Inquisidor. Que bom que está aqui.

Bom para você, seu desgraçado. Para mim, não. Glokta se encostou na parede no topo da escada, com os poucos dentes que possuía rilhando contra as gengivas.

– Eles estão aí dentro, está uma bagunça...

A mão de Glokta tremeu, a ponta da bengala fazendo barulho nas pedras. Sua cabeça girava. O guarda estava turvo e pouco visível através das pálpebras estremecidas.

– O senhor está bem? – perguntou e se inclinou na direção dele, com o braço estendido.

Glokta o encarou.

– Só abra a porra da porta, idiota!

O homem deu um salto e correu até a porta, abrindo-a. Cada parte de Glokta ansiava por desistir e se esparramar de cara no chão, mas se obrigou a ficar de pé. Manteve um pé à frente do outro, controlou a respiração, forçou os ombros para trás e a cabeça para cima e passou imperioso pelo guarda, com cada parte do corpo cantando de dor. Mas o que viu do outro lado da porta quase partiu seu

verniz de compostura.

Ontem estes eram alguns dos melhores aposentos do Agriont. Eram reservados para os hóspedes mais honrados, os dignitários estrangeiros mais importantes. Ontem.

Havia um buraco enorme numa parede, onde ficaria a janela, e o céu do outro lado pareceu ofuscante depois da escuridão da escada. Uma parte do teto havia desmoronado, deixando madeiras quebradas e lascas de reboco pendendo na sala. O piso estava cheio de pedaços de pedra, cacos de vidro, tiras de pano colorido rasgado. A mobília antiga fora enegrecida, como se atingida pelo fogo. Apenas uma cadeira, meia mesa e uma jarra comprida ornamentada, estranhamente incólume no meio do chão coberto de entulho, haviam escapado da destruição.

No meio daqueles destroços caros estava um rapaz confuso, de aparência doentia. Ele ergueu os olhos quando Glokta abriu caminho pelo entulho ao redor do portal. Passava a língua pelos lábios, evidentemente tenso. *Alguém já pareceu mais fraudulento antes?*

– Ah... bom dia?

Os dedos do rapaz repuxaram nervosos seu manto, uma coisa pesada, cheia de símbolos bordados. *E ele não parece desconfortável usando isso? Se esse sujeito é um aprendiz de mago, eu sou o imperador de Gurkhul.*

– Sou Glokta. Da Inquisição de Sua Majestade. Fui mandado para investigar essa... situação infeliz. Eu esperava alguém mais velho.

– Ah, sim, sinto muito, sou Malacus Quai – gaguejou o rapaz. – Aprendiz do grande Bayaz, o Primeiro dos Magos, grande na Arte Superior e instruído em...

Ajoelhe-se diante de mim! Sou o poderoso imperador de Gurkhul!

– Malacus... – Glokta o interrompeu com grosseria –... Quai. Você é do Antigo Império?

– Bom, sou – confirmou o rapaz, animando-se ligeiramente diante daquilo. – O senhor conhece meu...

– Não. Nem um pouco!

O rosto pálido frustrou-se.

– Você estava aqui ontem à noite?

– Ah, sim, estava dormindo, ali ao lado. Mas infelizmente não vi nada...

Glokta o encarou, atento e sem piscar, tentando decifrá-lo. O aprendiz tossiu e olhou para o chão, como se imaginasse o que deveria limpar primeiro. *É isso que está deixando o arquileitor nervoso? Um ator miserável. Todos os seus modos fedem a fraude.*

– Mas alguém viu alguma coisa?

– Bom, sim, o mestre Nove Dedos, acho...

– Nove Dedos?

– É, nosso companheiro nórdico – explicou o rapaz, novamente animado. – Um guerreiro de grande renome, um campeão, um príncipe entre seus...

– Você, do Antigo Império. Ele, um nórdico. Que grupo cosmopolita!

– Bom, é, rá, rá, somos sim, acho...

– Onde está Nove Dedos?

– Acho que ainda está dormindo, eu poderia acordá-lo...

– Poderia fazer a gentileza? – falou Glokta e bateu com a bengala no chão. – Foi uma subida e tanto e eu preferiria não ter de voltar mais tarde.

– Não, é claro... desculpe.

Ele seguiu depressa até uma porta e Glokta se virou para outro lado, fingindo examinar o buraco enorme na parede enquanto fazia uma careta de agonia e mordia o lábio para não chorar como uma criança doente. A mão livre segurou as pedras quebradas na borda do buraco, apertando-as com o máximo de força possível.

Quando o espasmo passou, ele pôde se interessar mais pelos danos feitos à torre. Mesmo ali, no alto, a parede tinha cerca de 1,20 metro de espessura, construída solidamente com pedregulhos unidos por argamassa, faceada por blocos de pedra entalhados. Seria necessária uma pedra lançada por uma catapulta realmente poderosa para abrir um rombo daqueles ou uma equipe de operários fortes trabalhando dia e noite durante uma semana. *Uma máquina gigantesca ou um grupo de trabalhadores certamente atrairiam a atenção dos guardas. Então, como isso foi feito?* Glokta passou a mão pelas pedras quebradas. Uma vez ouvira boatos de que no sul distante faziam uma espécie de pó que explodia. *Será que um pouco de pó teria feito isso?*

A porta se abriu e Glokta se virou, vendo um homem grande se abaixar ao passar pelo lintel baixo, abotoando a camisa com mãos lentas e pesadas. Com uma espécie de lentidão pensativa. *Como se fosse capaz de se mover rapidamente mas não visse necessidade.* Seu cabelo era uma massa emaranhada, o rosto encalombado era cheio de cicatrizes. Faltava o dedo médio da mão esquerda. *Daí o Nove Dedos. Quanta criatividade!*

– Dormindo até tarde?

O nórdico assentiu.

– Sua cidade é quente demais para mim. Ela me mantém acordado à noite e me deixa sonolento de dia.

A perna de Glokta estava latejando, as costas, gemendo, o pescoço, rígido como um galho seco. Precisava de um esforço enorme para disfarçar a agonia. Daria qualquer coisa para se esparramar naquela cadeira intacta e gritar até a cabeça explodir. *Mas devo ficar de pé e trocar palavras com esses charlatães.*

– Poderia explicar o que aconteceu aqui?

Nove Dedos deu de ombros.

– Eu precisei mijar de noite. Vi alguém na sala.

Pelo jeito ele tinha um pouco de dificuldade com a língua comum, ainda que o conteúdo não fosse nem um pouco educado.

– Você viu quem era esse alguém?

– Não. Era uma mulher, isso eu vi.

Ele remexeu os ombros, claramente desconfortável.

– Uma mulher, é? – *Essa história fica mais ridícula a cada segundo.* – Mais alguma coisa? Podemos estreitar a busca para menos do que metade da população?

– Estava frio. Muito frio.

– Frio? – *Claro, por que não? Numa das noites mais quentes do ano.*

Glokta encarou o nórdico por um longo tempo e ele o encarou de volta. Olhos azul-escuros, frios, profundos. *Não são os olhos de um idiota. Ele pode parecer um macaco, mas não fala como um macaco. Ele pensa antes de falar e não diz mais do que o necessário. Este é um homem perigoso.*

– O que veio fazer na cidade, mestre Nove Dedos?

– Vim com Bayaz. Se quiser saber o que ele veio fazer, pode perguntar a ele. Honestamente, eu não sei.

– Então ele paga a você?

– Não.

– Você o segue por lealdade?

– Não exatamente.

– Mas você é serviçal dele?

– Não. Não mesmo – falou o nórdico e coçou lentamente o queixo barbado. – Não sei o que sou.

Um mentiroso grande e feio, é o que você é. Mas como provar? Glokta balançou a bengala, indicando a sala despedaçada.

– Como a sua intrusa causou tanto dano?

– Quem fez isso foi Bayaz.

– Fez? Como?

– Ele chama de Arte.

– Arte?

– A magia inferior é selvagem e perigosa – entoou o aprendiz pomposamente, como se estivesse dizendo algo de grande importância –, porque vem do Outro Lado, e usar coisas do mundo de baixo é perigoso. O mago equilibra magia e conhecimento e assim produz a Arte Superior, mas, como o ferreiro ou o...

– O Outro Lado? – disse Glokta rispidamente, pondo um fim abrupto às

bobagens daquele imbecil. – O mundo de baixo? Quer dizer, o inferno? Magia? Você conhece alguma magia, mestre Nove Dedos?

– Eu? – falou o nórdico, dando um risinho. – Não.

Ele pensou nisso por um momento e depois acrescentou, quase como um pensamento de última hora: – Mas eu falo com os espíritos.

– Com os espíritos, é? – *Imagine só!* – Talvez eles possam nos dizer quem era essa intrusa, não?

– Infelizmente, não – disse Nove Dedos e balançou a cabeça com tristeza, sem perceber o sarcasmo de Glokta ou optando por ignorá-lo. – Não resta nenhum espírito acordado neste lugar. Aqui eles dormem. Dormem há muito tempo.

– Ah, claro. – *Já passa muito da hora de os espíritos irem para a cama. Estou cansado desse absurdo.* – Você veio da parte de Bethod?

– Pode-se dizer que sim.

Foi Glokta quem ficou surpreso. Tinha esperado, na melhor das hipóteses, uma respiração ofegante, um esforço apressado para disfarçar, e não uma admissão franca. Mas Nove Dedos nem piscou.

– Já fui o campeão dele.

– Campeão?

– Lutei dez duelos por ele.

Glokta procurou as palavras.

– E venceu?

– Tive sorte.

– Você sabe, claro, que Bethod invadiu a União?

– Sei – confirmou Nove Dedos com um suspiro. – Eu deveria ter matado aquele desgraçado há muito tempo, mas na época era jovem e idiota. Agora duvido que tenha outra chance, mas as coisas são assim. A gente precisa ser... qual é mesmo a palavra?

– Realista – disse Quai.

Glokta franziu a testa. Um minuto antes estivera prestes a entender todo aquele absurdo, mas o minuto passara e agora as coisas faziam menos sentido do que nunca. Olhou Nove Dedos, contudo aquele rosto cheio de cicatrizes não ofereceu respostas, apenas mais perguntas. *Falar com espíritos? Foi campeão de Bethod, mas é inimigo dele? Atacado por uma mulher misteriosa no meio da noite? E nem sabe por que está aqui? Um mentiroso esperto conta o máximo de verdades que puder, mas este conta tantas mentiras que nem sei por onde começar.*

– Ah, temos visita!

Um velho entrou na sala, forte e atarracado, com barba grisalha curta, esfregando vigorosamente a careca com um pano.

Então este é Bayaz.

Ele se jogou na única cadeira intacta, movendo-se sem nada da graça que se esperaria de uma figura histórica importante.

– Devo pedir desculpas. Estava aproveitando a banheira. Uma ótima banheira. Tenho tomado banho todos os dias desde que chegamos ao Agriont. Fiquei tão imundo com a poeira da estrada que agora aproveito ao máximo a oportunidade de me limpar.

O velho esfregou a mão na careca com um leve sibilo.

Glokta comparou mentalmente as feições dele com as da estátua de Bayaz na via do Rei. *Não há nada de impressionante na semelhança. É muito menos imperioso e muito mais baixo. Se me dessem uma hora, eu encontraria cinco velhos que parecessem mais convincentes. Se eu levasse uma navalha para o arquileitor Sult, poderia ter um resultado melhor.* Glokta olhou para a careca luzidia. *Imagino que ele use uma navalha naquilo diariamente.*

– E o senhor é...? – quis saber o suposto Bayaz.

– O inquisidor Glokta.

– Ah, um dos inquisidores de Sua Majestade. Estamos honrados!

– Ah, não, a honra é minha. Afinal de contas o senhor é o lendário Bayaz, o Primeiro dos Magos.

O velho o encarou com os olhos verdes muito duros.

– Lendário talvez seja um pouquinho demais, mas sou Bayaz.

– Seu companheiro, o mestre Nove Dedos, estava me descrevendo os acontecimentos da noite passada. Uma história bastante curiosa. Ele afirma que o senhor causou... tudo isso.

O velho bufou.

– Não tenho o hábito de receber bem quem eu não convido.

– Estou vendo.

– Infelizmente houve alguns danos à suíte. Pela minha experiência, é preciso agir depressa e com pulso firme. Os pedaços sempre podem ser recolhidos depois.

– Claro. Desculpe minha ignorância, mestre Bayaz, mas como, exatamente, os danos foram causados?

O velho sorriu.

– O senhor deve entender que não compartilhamos os segredos de nossa ordem com ninguém e, infelizmente, já tenho um aprendiz – justificou-se, indicando o jovem pouco convincente.

– Já nos apresentamos. Então explique em termos simples, para que talvez eu possa entender.

– O senhor chamaria de magia.

– Magia. Sei.

– De fato. Afinal de contas é por isso que nós, os magos, somos mais conhecidos.

– Humm. Não creio que o senhor faria a gentileza de demonstrar para mim, não?

– Ah, não! – disse o suposto mago, com uma gargalhada satisfeita. – Eu não faço truques.

Esse velho idiota é tão difícil de avaliar quanto o nórdico. Um mal fala, ao passo que o outro fala e fala mas não diz nada.

– Devo admitir que estou um tanto perplexo com relação ao modo como essa intrusa entrou – falou Glokta e olhou ao redor, examinando possíveis meios de se entrar ali. – O guarda não viu nada, e com isso resta apenas a janela.

Ele foi arrastando os pés cautelosamente até o buraco e olhou para fora. Houvera uma pequena varanda antes, mas tudo o que restava eram algumas poucas lascas de pedra. Afora isso, a parede seguia lisa e íngreme até a água brilhante lá embaixo, muito longe.

– É uma escalada e tanto, principalmente quando se usa um vestido. Uma escalada impossível, não? Como acha que a tal mulher conseguiu?

O velho bufou novamente.

– Quer que eu faça o seu trabalho pelo senhor? Talvez ela tenha subido pelo tubo da latrina!

O nórdico pareceu tremendamente perturbado com essa sugestão.

– Por que não a prende e pergunta? Não é para isso que veio aqui?

É melindroso, melindroso e um ator consumado. Um ar de inocência ferida tão convincente que quase me faz acreditar nesse lixo. Quase, mas não totalmente.

– Aí está o problema. Não há sinal de sua intrusa misteriosa. Nenhum corpo foi encontrado. Um pouco de madeira, pequenos pedaços de móveis, as pedras da parede, tudo ficou bastante espalhado nas ruas lá embaixo. Mas nada de intruso nenhum, homem ou mulher.

O velho o encarou com uma ruga funda começando a se formar na testa.

– Talvez o corpo tenha se queimado até virar nada. Talvez tenha se partido em pedaços pequenos demais para serem vistos, ou tenha se evaporado no ar. A magia nem sempre é precisa, ou previsível, mesmo nas mãos de um mestre. Essas coisas podem acontecer. Facilmente. Em particular quando eu fico chateado.

– Infelizmente, acho que devo me arriscar a chateá-lo. Ocorreu-me que, na verdade, o senhor pode não ser Bayaz, o Primeiro dos Magos.

– É mesmo? – retrucou o mago, unindo as sobrancelhas fartas.

– Devo pelo menos avaliar a possibilidade... – um silêncio tenso havia se estabelecido na sala –... de que o senhor seja um impostor.

– Uma fraude? – reagiu o suposto mago.

O jovem pálido baixou a cabeça e recuou em silêncio na direção da parede. Glokta de repente se sentiu muito sozinho no meio daquele círculo cheio de entulho, sozinho e cada vez mais inseguro, mas se manteve firme.

– Ocorreu-me que todo este evento pode ter sido armado em seu benefício. Uma demonstração conveniente de seus poderes mágicos.

– Conveniente? – sibilou o velho careca, com a voz num volume alto, pouco natural. – Conveniente, você diz? Seria conveniente se me deixassem ter uma noite de sono sem interrupções. Seria conveniente se agora eu estivesse sentado na minha antiga cadeira no Conselho Fechado. Seria conveniente se as pessoas tomassem minhas palavras como lei, como acontecia, sem fazer um monte de perguntas idiotas!

A semelhança com a estátua na via do Rei aumentara subitamente. Agora havia a expressão séria de comando, o sorrisinho de desprezo, a ameaça de uma fúria terrível. As palavras do velho pareceram se comprimir sobre Glokta como se fosse um peso enorme, tirando o ar de seu corpo, ameaçando esmagá-lo, obrigando-o a ficar de joelhos, penetrando em seu crânio e deixando atrás um fio de dúvida a se esgueirar. Ele olhou para o enorme buraco na parede. *Pó? Catapultas? Trabalhadores? Não existirá uma explicação mais simples?* O mundo pareceu se alterar em volta dele, como acontecera na sala do arquileitor alguns dias antes. Sua mente revirou as peças, separando-as, juntando-as. *E se eles estiverem dizendo a verdade? E se...*

Não! Glokta expulsou aquela ideia da mente. Levantou a cabeça e deu seu próprio sorrisinho de desprezo, para o velho pensar. *Um ator idoso com cabeça raspada e modos plausíveis. Nada mais.*

– Se o senhor é quem diz, não tem nada a temer em relação às minhas perguntas ou às suas respostas.

O velho entreabriu um sorriso e a pressão estranha se liberou subitamente.

– Sua sinceridade, pelo menos, inquisidor, é muito revigorante. Sem dúvida você irá se esforçar ao máximo para provar sua teoria. Desejo-lhe sorte. Como você disse, não tenho nada a temer. Só peço que encontre alguma prova dessa tal fraude antes de nos incomodar de novo.

Glokta fez uma reverência rígida.

– Tentarei – disse ele e foi para a porta.

– Mais uma coisa! – chamou o velho, que olhava para o buraco na parede. – Seria possível encontrar outros aposentos? O vento sopra muito frio nestes aqui.

– Cuidarei disso.

– Bom. Talvez um lugar com menos degraus. Essas coisas fazem o diabo com meus joelhos ultimamente.

É mesmo? Nisso, pelo menos, podemos concordar.

Glokta fez uma última inspeção dos três. O velho careca o encarou em resposta, o rosto parecendo uma parede branca. O jovem magro relanceou ansioso os olhos para ele, mas os desviou rapidamente. O nórdico ainda estava franzindo a testa, olhando em direção à porta da latrina. *Charlatães, impostores. Mas como provarei?*

– Bom dia, senhores.

E o inquisidor foi mancando para a escada com o máximo de dignidade que conseguiu.

Nobreza

JEZAL RASPOU OS últimos pelos louros na lateral do queixo e lavou a navalha na bacia. Em seguida secou a lâmina no pano, fechou-a e pôs com cuidado sobre a mesa, admirando o modo como a luz do sol brilhava no cabo de madrepérola.

Enxugou o rosto e depois – sua parte predileta do dia – se olhou no espelho. Era um espelho bom, recém-importado de Visserine, presente de seu pai: oval, brilhante e liso, com uma moldura de madeira escura entalhada de modo luxuoso. Uma orla adequada para um homem tão bonito quanto o que o olhava de volta feliz. Honestamente, a palavra "bonito" não lhe fazia justiça.

– Você é uma tremenda beldade, hein? – disse Jezal para si mesmo, sorrindo enquanto passava os dedos pela pele lisa do queixo.

E que queixo! Frequentemente lhe diziam que era sua melhor característica, não que houvesse qualquer coisa errada com o restante dele. Virou-se para a direita, depois para a esquerda, para melhor admirar aquele queixo magnífico. Não era pesado demais, não era abrutalhado, mas também não era muito leve, nem feminino ou fraco. Um maxilar de homem, sem dúvida, com uma ligeira fenda no queixo, um sinal de força e autoridade, mas ao mesmo tempo de alguém sensível e contemplativo. Já existira um queixo igual? Talvez algum rei ou herói de lendas tivesse possuído um quase tão bonito. Era um queixo nobre, isso estava claro. Nenhum plebeu poderia jamais ter um queixo tão grandioso.

Devia ter vindo do lado da família de sua mãe, supôs Jezal. Seu pai tinha um queixo bastante fraco. Os irmãos também, pensando melhor. Era preciso sentir

um pouco de pena, já que ele detinha toda a beleza da família.

– E a maior parte do talento também – murmurou, feliz, consigo mesmo.

Deu as costas para o espelho com alguma relutância. Na sala de estar, vestiu a camisa e a abotoou. Hoje precisava estar no auge de sua boa aparência. Esse pensamento o deixou levemente nervoso, uma sensação que começou no estômago, subiu pela traqueia e se alojou na garganta.

Naquele momento os portões já deviam estar abertos. Um fluxo constante de pessoas entraria no Agriont, ocupando os lugares na grande arquibancada de madeira na praça dos Marechais. Milhares de pessoas. Todo mundo que era alguém e muitos outros que não eram. Já estavam se reunindo: gritando, empurrando-se, empolgados, esperando por... ele. Jezal tossiu e tentou afastar esse pensamento. Tinha passado metade da noite acordado por causa dele.

Foi até a mesa, onde a bandeja do desjejum o esperava. Pegou uma salsicha distraidamente com as pontas dos dedos e deu uma mordida, mastigando sem saboreá-la. Franziu o nariz e a jogou de volta no prato. Não teria apetite esta manhã. Estava enxugando os dedos no pano quando notou algo no chão, perto da porta, um pedaço de papel. Abaixou-se, pegou-o e desdobrou. Uma única linha, escrita em letra clara, precisa:

> *Encontre-me esta noite junto à estátua de Harod, o Grande, perto dos Quatro Cantos.*
>
> *A.*

– Merda – balbuciou, incrédulo, lendo a frase repetidamente.

Dobrou o papel, olhando nervoso ao redor. Jezal só conseguia pensar em uma pessoa cujo nome começava com “A”. Tinha se forçado a não pensar nela nos últimos dias, passara todos os momentos de folga treinando. Mas isso trazia tudo de volta, sem dúvida.

– Merda! – Abriu o papel e leu as palavras de novo.

Encontre-me esta noite? Não conseguiu escapar da leve onda de satisfação que lentamente se transformou numa nítida sensação de prazer. Sua boca se curvou num sorriso pateta. Encontros secretos no escuro? Sua pele formigou de empolgação diante da perspectiva. Mas segredos sempre vêm à tona. E se o irmão dela descobrisse? Esse pensamento trouxe uma nova onda de nervosismo. Pegou o pedaço de papel com as duas mãos, pronto para rasgá-lo ao meio, mas no último instante o dobrou e enfiou no bolso.

Jezal já podia ouvir a multidão à medida que seguia pelo túnel. Um ruído

estranho, cheio de ecos, que parecia sair das próprias pedras. Tinha ouvido aquilo antes, claro, como espectador no Campeonato do ano passado, mas na ocasião o som não fizera sua pele suar e suas entranhas se revirarem. Estar na plateia era totalmente diferente de fazer parte do espetáculo.

Diminuiu o passo um momento, depois parou, fechando os olhos e encostando-se na parede, com o ruído da multidão penetrando nos ouvidos, tentando respirar fundo e se recompor.

– Não se preocupe, sei como você se sente.

Jezal sentiu a mão consoladora de West sobre seu ombro.

– Eu quase dei meia-volta e fugi na primeira vez, mas vai passar assim que as espadas forem desembainhadas, acredite.

– É – murmurou Jezal. – Claro.

Duvidava que West soubesse exatamente como ele se sentia. O sujeito podia ter passado por alguns Campeonatos, mas Jezal achava improvável que ele tivesse considerado um encontro sub-reptício com a irmã do melhor amigo na mesma noite. Imaginou se West teria tanta consideração se soubesse o conteúdo do bilhete que estava em seu bolso. Não parecia provável.

– É melhor irmos – falou West. – Não vamos querer que comecem sem nós.

– Não.

Jezal respirou fundo uma última vez, abriu os olhos e expirou com força pela boca. Depois se afastou da parede e caminhou às pressas pelo túnel. Sentiu uma súbita onda de pânico: onde estavam suas espadas? Olhou ao redor, desesperado, depois soltou um suspiro. Estavam na sua mão.

Havia uma grande multidão na sala da outra extremidade: técnicos, parceiros de treino, amigos, membros da família e curiosos. Mas dava para ver quem eram os competidores: os quinze rapazes seguravam suas espadas com força. O medo era palpável e contagiante. Para onde quer que olhasse, Jezal via rostos pálidos, nervosos, testas suadas, olhares ansiosos que dardejavam ao redor. O ruído da multidão não ajudava, alto e ameaçador do outro lado da porta dupla fechada na extremidade do salão, inflando-se e diminuindo como um mar tempestuoso.

Só havia um homem ali que não parecia nem um pouco incomodado. Estava sozinho encostado na parede, com um dos pés no reboco e a cabeça inclinada para trás, olhando as pessoas de um ângulo enviesado, de cima para baixo, com os olhos semicerrados. A maioria dos competidores era magra, de músculos torneados, atlética. Ele era totalmente diferente. Um homem grande, pesado, com o cabelo raspado que deixava apenas uma mancha escura de pelos. Tinha um pescoço grosso e um maxilar parecido com uma soleira de porta – o maxilar de um plebeu, pensou Jezal, mas um plebeu grande e poderoso, com jeito de mau. Jezal poderia tê-lo confundido com o empregado de alguém, mas ele tinha

um par de espadas pendendo frouxamente de uma das mãos.

– Gorst – sussurrou West no ouvido de Jezal.

– Hum. Mais parece um trabalhador do que um espadachim.

– Talvez, mas as aparências enganam.

O som da multidão estava diminuindo lentamente e as conversas nervosas no salão acompanharam o ritmo. West ergueu as sobrancelhas.

– O discurso do rei – sussurrou.

– Amigos! Compatriotas! Companheiros cidadãos da União! – disse uma voz sonora, claramente audível mesmo através da porta pesada.

– Hoff – bufou West. – Até aqui ele toma o lugar do rei. Por que ele simplesmente não põe a coroa e acaba logo com isso?

– Há um mês – berrou longe o lorde camarista –, companheiros meus do Conselho Fechado fizeram a pergunta: deveria haver um Campeonato este ano?

Vaias e gritos de desaprovação violenta foram ouvidos na multidão.

– Uma pergunta justa – bradou Hoff –, porque estamos em guerra! Uma luta mortal no Norte! As liberdades que nos são tão caras, as liberdades que fazem de nós a inveja do mundo, o nosso modo de vida, são ameaçados pelos selvagens!

Um funcionário começou a andar pelo salão, afastando os competidores de suas famílias, seus treinadores, seus amigos.

– Boa sorte – disse West, dando um tapa no ombro de Jezal. – Vejo você lá fora.

A boca de Jezal estava seca e ele só pôde assentir.

– E foram homens corajosos que fizeram a pergunta! – estrondeou Hoff do outro lado da porta. – Homens sábios! Todos patriotas! Meus vigorosos companheiros do Conselho Fechado! Eu entendi por que eles poderiam pensar que não deveria haver um Campeonato este ano!

Houve uma longa pausa.

– Mas eu lhes disse: não!

Uma erupção de aplausos ensandecidos.

– Não! Não! – ecoou a multidão.

Jezal foi posto em fila junto com os outros competidores, dois a dois, oito pares. Ele remexeu suas espadas enquanto o lorde camarista falava, apesar de já tê-las verificado vinte vezes.

– Não, disse eu! Devemos permitir que esses bárbaros, esses animais do Norte gelado, pisem no nosso modo de vida? Devemos permitir que este farol da liberdade em meio à escuridão do mundo seja extinto? Não, disse eu! Nossa liberdade não está à venda por nenhum preço! Com isso, amigos, compatriotas, companheiros cidadãos da União, com isso vocês podem contar... nós venceremos esta guerra!

Outra grande salva de aplausos. Jezal engoliu em seco, olhou nervoso ao redor. Bremer dan Gorst estava parado junto dele. O grande desgraçado teve a temeridade de piscar, rindo como se não tivesse nenhuma preocupação no mundo.

– Idiota – sussurrou Jezal, mas tomou cuidado para seus lábios não se moverem.

– E assim, amigos, e assim – disseram os últimos gritos de Hoff –, que melhor ocasião poderia haver do que quando estamos às margens do perigo? Celebrar a habilidade, a força, a capacidade de alguns dos mais corajosos filhos da nação! Companheiros cidadãos, compatriotas da União, eu lhes dou seus competidores!

As portas foram abertas e o rugido da turba invadiu o salão e fez os caibros ressoarem: subitamente, ensurdecedoramente alto. O primeiro par de espadachins começou a sair pelo arco luminoso, em seguida o par seguinte, depois o outro. Jezal tinha certeza de que iria se imobilizar, espantado como um coelho, mas quando chegou sua vez seus pés se mexeram viris ao lado dos de Gorst, os calcanhares das botas muito polidas estalando no piso de ladrilhos e passando pelo alto portal.

A praça dos Marechais estava diferente. A toda a volta, grandes fileiras de bancos tinham sido erguidas, estendendo-se para trás e para cima em todos os lados, transbordando com uma multidão fervilhante. Os competidores seguiram por um vale entre as altíssimas arquibancadas, indo para o centro daquela arena grandiosa. Dos dois lados da passagem, as traves, as estruturas e os suportes feitos de troncos de árvores pareciam formar uma floresta sombreada. Diretamente diante deles, como se estivesse muito longe, um círculo delimitava a área de esgrima: um pequeno anel de grama amarelada e seca no meio de um mar de rostos.

Nas primeiras fileiras, Jezal pôde identificar as feições dos ricos e nobres. Usando suas melhores roupas, protegendo os olhos do sol forte, de modo geral elegantemente desinteressados no espetáculo diante deles. Mais para trás, mais no alto, as figuras ficavam menos nítidas e as roupas, menos elegantes. A vasta maioria da multidão não passava de borrões e pontos de cor, apinhados ao redor da distante borda daquele anfiteatro estonteante, mas os plebeus compensavam a distância com a empolgação: aplaudindo, gritando, pondo-se nas pontas dos pés e agitando os braços no ar. Acima deles o topo dos prédios mais altos ao redor da praça espiava, paredes e telhados projetando-se como ilhas no oceano, com as janelas e parapeitos apinhados de minúsculos espectadores.

Jezal piscou diante daquela enorme exibição de humanidade. Parte dele percebia que sua boca estava aberta, mas era uma parte pequena demais para que conseguisse fechá-la. Droga, sentia-se tonto. Sabia que deveria ter comido

alguma coisa, mas agora era tarde. E se vomitasse, bem ali, na frente de meio mundo? Sentiu de novo aquela onda de pânico. Onde tinha deixado suas espadas? Onde elas estavam? Em suas mãos. Em suas mãos. A multidão rugia, suspirava, reclamava, com uma miríade de vozes diferentes.

Os competidores começaram a se afastar do círculo. Nem todos lutariam hoje, a maioria ficaria apenas para observar. Como se houvesse necessidade de mais espectadores. Eles começaram a ir para as primeiras filas, mas Jezal não iria com eles, uma pena. Foi para a área onde os competidores se preparavam para a luta.

Deixou-se cair pesadamente ao lado de West, fechou os olhos e enxugou a testa suada enquanto a multidão continuava aplaudindo. Tudo era luminoso demais, barulhento demais, avassalador demais. O marechal Varuz estava ali perto, inclinado por cima da lateral do cercado para gritar no ouvido de alguém. Jezal olhou para o outro lado da arena, para os ocupantes do camarote real, esperando inutilmente encontrar uma distração.

– Sua Majestade, o rei, parece estar gostando do que vê – sussurrou West no ouvido de Jezal.

– Hum.

Na verdade, o rei parecia já ter caído em um sono profundo, com a coroa meio tombada. Jezal imaginou vagamente o que aconteceria se ela caísse.

O príncipe herdeiro Ladisla estava lá, espetacularmente vestido, como sempre, com um sorriso enorme para a arena ao redor, como se todo mundo estivesse ali por sua causa. Seu irmão mais novo, o príncipe Raynault, não poderia parecer mais diferente: simples e sóbrio, franzia a testa preocupado na direção do pai semiconsciente. A mãe dos dois, a rainha, estava sentada junto deles, empertigada e com o queixo para cima, concentrada em fingir que seu augusto esposo encontrava-se totalmente desperto e que a coroa dele não corria o risco de cair súbita e dolorosamente no colo dela. Entre ela e lorde Hoff, o olhar de Jezal foi atraído por uma jovem – muito, muito bonita. Usava roupas ainda mais caras do que as de Ladisla, se é que era possível, com um colar de enormes diamantes que, em volta do pescoço, relampejava, luminoso, ao sol.

– Quem é aquela mulher? – perguntou Jezal.

– Ah, a princesa Terez – murmurou West. – Filha do grão-duque Orso, senhor de Talins. É conhecida por sua beleza, e pela primeira vez parece que os boatos não exageram.

– Achei que não havia nada de bom em Talins.

– Foi o que ouvi dizer, também, mas acho que ela pode ser a exceção, não acha?

Jezal não estava totalmente convencido. Ela era espetacular, sem dúvida, porém trazia uma expressão gélida e orgulhosa nos olhos.

– Acho que a rainha tem intenção de casá-la com o príncipe Ladisla.

Enquanto Jezal olhava, o príncipe herdeiro se inclinou pela frente da mãe, para dizer à princesa alguma bobagem pouco inteligente, e depois gargalhou da própria piada, batendo no joelho, animado. Ela deu um sorrisinho frio, irradiando desprezo mesmo daquela distância. No entanto Ladisla não pareceu notar e logo a atenção de Jezal se voltou para outra cena. Um homem alto, de casaco vermelho, caminhava em passo lento na direção do círculo. O juiz.

– É agora – murmurou West.

O juiz levantou o braço com um gesto teatral, dois dedos estendidos, e girou lentamente, esperando o burburinho cessar.

– Hoje vocês terão o prazer de testemunhar *dois* combates de esgrima! – trovejou ele, e depois levantou a outra mão, com três dedos esticados, enquanto a plateia aplaudia. – Em cada um, vence o melhor de *três* toques! *Quatro* homens lutarão diante de vocês! Dois deles irão para casa... de mãos vazias.

O juiz deixou um braço cair, balançou a cabeça com tristeza, a multidão suspirou.

– Mas dois passarão para a próxima rodada!

A multidão gritou, aprovando.

– Pronto? – perguntou o marechal Varuz, inclinando-se por cima do ombro de Jezal.

Que pergunta idiota! E se ele não estivesse? Era só desistir? Desculpe, pessoal, não estou pronto? Vejo vocês no ano que vem? Mas Jezal só conseguiu dizer:

– Arrã.

– Chegou a hora – gritou o juiz, girando lentamente no centro da arena – do nosso primeiro combate!

– Paletó! – disse Varuz com rispidez.

– Ah.

Jezal desabotoou o paletó e o tirou, enrolando mecanicamente as mangas da camisa. Olhou de esguelha e viu seu oponente fazer preparativos semelhantes. Era um rapaz alto e magro, com braços compridos e olhos fracos, ligeiramente úmidos. Nem de longe o adversário de aparência mais intimidante. Jezal notou que as mãos dele tremiam ligeiramente ao pegar as espadas com seu companheiro de treinos.

– Treinado por Sepp dan Vissen e vindo de Rostod, em Starikland... – anunciou o juiz, fazendo uma pausa para causar o máximo de efeito –... Kurtis dan Broya!

Houve uma onda de aplausos entusiasmados. Jezal bufou. Aqueles palhaços aplaudiriam qualquer um.

O rapaz alto se levantou e andou decidido na direção do círculo, com as espadas reluzindo ao sol.

– Broya! – repetiu o juiz, enquanto o idiota desajeitado ocupava sua marca.

West tirou as espadas de Jezal das bainhas. O tinir metálico das lâminas o fez sentir-se enjoado de novo.

Mais uma vez o juiz apontou na direção da área destinada aos competidores.

– E seu oponente de hoje, um oficial do Próprio do Rei, treinado por ninguém menos do que o lorde marechal Varuz!

Houve alguns aplausos e o velho soldado sorriu feliz.

– Vindo de Luthar, na Terra do Meio, mas residente aqui, no Agriont... o capitão Jezal dan Luthar!

Outra explosão de aplausos, muito mais altos do que Broya havia recebido. Houve alguns gritos agudos acima do estardalhaço. Números ditos aos berros: apostas. Jezal sentiu outra onda de náusea enquanto se levantava devagar.

– Boa sorte – desejou West ao entregar a Jezal suas espadas pelos cabos.

– Ele não precisa de sorte! – rebateu Varuz rispidamente. – Esse tal Broya é um ninguém! Só tenha cuidado com o alcance dos braços dele! Pressione-o, Jezal, pressione-o!

Jezal pareceu demorar uma eternidade para chegar àquele círculo de grama seca e curta, girando os cabos das espadas repetidamente nas mãos suadas, com o som da multidão soando alto nos ouvidos, mas com as batidas do coração mais altas ainda.

– Luthar! – repetiu o juiz, dando um sorriso largo conforme observava a aproximação de Jezal.

Perguntas sem sentido e irrelevantes entravam e saíam de sua cabeça. Será que Ardee estava assistindo, na multidão, imaginando se ele iria encontrá-la naquela noite? Será que ele seria morto na guerra? Como haviam conseguido levar para a praça dos Marechais a grama do círculo de esgrima? Olhou para Broya. Será que ele estava sentindo a mesma coisa?

A multidão ficara quieta, muito quieta. O peso opressor do silêncio caiu sobre Jezal quando ele ocupou sua marca no círculo, pisando na terra seca. Broya movimentou os ombros, balançou a cabeça, ergueu as espadas. Jezal precisava mijar. Desesperadamente. E se mijasse na calça agora mesmo? Uma mancha grande e escura se espalhando no tecido. O homem que havia se mijado no Campeonato. Nunca sobreviveria a isso, nem se vivesse cem anos.

– Comecem! – trovejou o juiz.

Mas nada aconteceu. Os dois ficaram parados, olhando-se, as espadas prontas. A sobrancelha de Jezal pinicou. Quis coçá-la, mas como? Seu oponente lambeu os lábios, depois deu um passo cauteloso à esquerda. Jezal fez o mesmo. Os dois

circularam com cuidado, os sapatos pisando suaves na grama seca: chegando mais perto um do outro lentamente. À medida que se aproximavam, o mundo de Jezal foi diminuindo até se resumir ao espaço entre as pontas das espadas longas dos competidores. Primeiro só um passo os separava. Depois pouco mais de um palmo. Então menos de meio. A mente de Jezal estava focalizada naquelas duas pontas brilhantes. Dez centímetros. Broya deu uma estocada imprecisa e Jezal desviou o golpe sem nem ao menos pensar.

As lâminas ressoaram de modo suave e, como se houvesse um sinal pré-combinado com cada pessoa na arena, os gritos recomeçaram, de início esparsos:

– Mata ele, Luthar!

– É!

– Ataque! Ataque!

Mas logo se dissolveram de novo no mar trovejante e furioso da multidão, aumentando e diminuindo junto com os movimentos no círculo.

Quanto mais Jezal via aquele idiota magricelo, menos intimidado ficava. O nervosismo começou a passar. Broya atacou, desajeitado, e Jezal quase não precisou se mexer. Broya girou a espada, sem convicção, e Jezal a aparou sem esforço. Broya estocou, absolutamente confuso, desequilibrado e com o braço estendido demais. Jezal se desviou e espetou o oponente nas costelas com a ponta rombuda de sua espada longa. Muito fácil.

– Um para Luthar! – gritou o juiz, e um jorro de aplausos percorreu a arquibancada.

Jezal sorriu, adorando a apreciação da turba. Varuz estava certo, aquele pateta não preocupava nem um pouco. Mais um toque e ele passaria para a próxima rodada.

Voltou à sua marca e Broya fez o mesmo, esfregando as costelas com uma das mãos e olhando Jezal com ódio. Jezal não se intimidou. Olhares furiosos só fazem diferença quando vêm de quem sabe lutar.

– Comecem!

Desta vez se aproximaram mais depressa e trocaram um ou dois golpes. Jezal nem conseguia acreditar na lentidão de movimentos do oponente. Era como se cada espada dele pesasse uma tonelada. Broya girou no ar a espada longa, tentando aproveitar-se de sua envergadura para acertar Jezal. Praticamente ainda não havia usado a espada curta, muito menos coordenara as duas. Pior ainda, estava começando a parecer sem fôlego, e os dois estavam esgrimindo fazia menos de dois minutos. Será que o paspalho ao menos havia treinado? Ou será que simplesmente alguém havia completado a lista de competidores com um serviçal escolhido na rua? Jezal saltou para longe, dançou ao redor do oponente. Broya foi atrás dele, desajeitado, persistente porém despreparado. Aquilo estava

começando a ficar embaraçoso. Ninguém gosta de uma luta desigual, e a falta de jeito daquele imbecil estava negando a Jezal a oportunidade de brilhar.

– Ah, qual é! – gritou ele.

As gargalhadas explodiram na plateia. Broya trincou os dentes e foi com tudo, mas não era muita coisa. Jezal aparou aqueles esforços débeis, moveu-se para o lado, contornando o adversário, fluiu pelo círculo enquanto o oponente fraco ia desajeitado atrás, sempre três passos atrás. Não havia precisão, nem velocidade, nem raciocínio. Alguns minutos antes Jezal estivera aterrorizado pela perspectiva de esgrimir com aquele idiota desengonçado. Agora quase sentia tédio.

– Rá! – gritou ele, partindo de repente para o ataque, pegando o oponente desequilibrado com um corte violento, fazendo-o cambalear para trás.

A multidão se inflamou, rugindo e torcendo. Ele estocou e estocou de novo. Broya recuou desesperadamente, desequilibrado; encolheu-se para trás, aparou um último golpe e então tropeçou, com os braços balançando, a espada menor voando da mão, e caiu de bunda fora do círculo.

Houve uma onda de gargalhadas e Jezal não pôde deixar de se juntar a ela. O pobre pateta ficara engraçado, caído de costas com as pernas no ar, como uma tartaruga sobre o casco.

– Vitória do capitão Luthar! – rugiu o juiz. – Dois a zero!

As gargalhadas se transformaram em zombaria enquanto Broya rolava. Parecia à beira das lágrimas, o paspalho. Jezal deu um passo adiante e ofereceu a mão, mas foi incapaz de apagar totalmente o sorrisinho do rosto. O adversário derrotado ignorou a ajuda, levantando-se e lançando-lhe um olhar meio de ódio, meio de mágoa.

Jezal deu de ombros, afável.

– Não é minha culpa se você é um merda.

– Mais? – perguntou Kaspa, estendendo a garrafa com a mão bamba, os olhos enevoados pelo excesso de bebida.

– Não, obrigado.

Jezal desviou a garrafa gentilmente antes que Kaspa tivesse a chance de servir. Ele pareceu confuso por um instante, depois se virou para Jalenhorm.

– Mais?

– Sempre.

O grandalhão empurrou a taça por cima da mesa áspera, de um modo que dizia: “não estou bêbado”, mas obviamente estava. Kaspa virou a garrafa, estreitando os olhos como se a taça estivesse a uma distância enorme. Jezal viu o

gargalo balançar, depois bater na borda da taça. A inevitabilidade daquilo era quase dolorosa. O vinho se derramou na mesa, caindo no colo de Jalenhorm.

– Você está bêbado! – reclamou o grandalhão, derrubando seu banco ao levantar-se tonto e tentando limpar-se com as mãos grandes e bêbadas. Alguns outros fregueses olharam para a mesa deles com desdém evidente.

– Sssempre! – riu Kaspa.

West levantou o olhar brevemente de seu copo.

– Vocês dois estão bêbados.

– A culpa não é nossa – argumentou Jalenhorm e estendeu a mão, tateando em busca do banco. – É dele! – completou, apontando um dedo vacilante para Jezal.

– Ele venceu! – gorgolejou Kaspa. – Você venceu, não foi?, e agora temos de comemorar!

Jezal desejou que não tivessem de comemorar tanto. Aquilo estava ficando embaraçoso.

– Minha prima Ariss essstava lá... viu tuudo. Ela ficou muitcho imprexionada – engrolou Kaspa, e passou o braço em volta do ombro de Jezal. – Acho que ela está faxinada por você... faxinada... faxinada – ficou repetindo, tentando acertar a palavra, mexendo os lábios úmidos bem perto da cara de Jezal. – Ela é muitcho rica, você xabe, muitcho rica mesmo. Faxinada.

Jezal torceu o nariz. Não tinha o menor interesse naquela prima simplória e fantasmagórica, por mais rica que fosse, e o hálito de Kaspa fedia.

– Bom... que legal.

Ele se soltou do tenente e o afastou, não com muita gentileza.

– Então, quando vamos começar a coisa lá no Norte? – perguntou Brint, um pouco alto demais, como se ele, ao menos, mal pudesse esperar para ir. – Logo, espero, para estar em casa antes do inverno, hein, major?

– Rmm – bufou West, franzindo a testa. – Teremos sorte se partirmos antes do inverno, pelo ritmo em que estamos.

Brint pareceu meio consternado.

– Bom, tenho certeza de que vamos dar uma surra naqueles selvagens, assim que chegarmos lá.

– Vam’ dar uma xurra neles! – gritou Kaspa.

– É – assentiu Jalenhorm.

West não estava com clima para aquilo.

– Eu não teria tanta certeza. Vocês já viram o estado de algumas daquelas tropas temporárias? Eles mal conseguem andar, quanto mais lutar. São uma desgraça.

Jalenhorm descartou tudo isso com um gesto irado.

– Eles não passam de umas porras de selvagens, todos eles! Vamos fazer com

que caiam de bunda, como Jezal fez hoje com aquele idiota, hein, Jezal? Vamos estar de volta antes do inverno, todo mundo diz!

– Vocês conhecem o terreno lá em cima? – perguntou West, inclinando-se por cima da mesa. – Florestas, montanhas, rios, e assim por diante. Pouquíssimo espaço aberto onde lutar, pouquíssimas estradas por onde marchar. Você tem de pegar a pessoa antes de começar a briga. Voltar para casa antes do inverno? Do próximo inverno, talvez, se é que vamos voltar.

Os olhos de Brint estavam arregalados e horrorizados.

– Você não está falando sério!

– Não... Não, você está certo – suspirou West e se remexeu. – Tenho certeza de que tudo vai ficar muito bem. Glória e promoções para todos. Voltar para casa antes do inverno. Mas, se fosse você, eu levaria um casaco, só para garantir.

Um silêncio incômodo baixou sobre o grupo. West estava com aquela expressão dura, que tinha algumas vezes, a expressão que dizia que esta noite não arrancariam mais nada dele. Brint e Jalenhorm pareciam perplexos e carrancudos. Só Kaspa mantinha o bom humor, e ele estava tombando para trás na cadeira, os olhos semicerrados, abençoadamente alheio ao que acontecia em volta.

Tremenda comemoração.

O próprio Jezal estava cansado, incomodado e preocupado. Preocupado com o Campeonato, preocupado com a guerra... preocupado com Ardee. O bilhete ainda estava ali, dobrado no bolso. Olhou de esguelha para West, depois desviou o olhar depressa. Desgraça, sentia-se culpado. Nunca se sentira culpado de verdade antes e não gostou nem um pouco. Se não fosse ao encontro, iria se sentir culpado por deixá-la sozinha. Se fosse, iria se sentir culpado por quebrar a promessa feita a West. Era um dilema, sem dúvida. Jezal roeu a unha do polegar. Que diabo havia com aquela porcaria de família?

– Bom – disse West rapidamente –, preciso ir. Amanhã começo cedo.

– Mmm – murmurou Brint.

– Certo – disse Jalenhorm.

West encarou Jezal nos olhos.

– Podemos trocar uma palavrinha?

Sua expressão era séria, grave, até mesmo raivosa. O coração de Jezal deu um pulo. E se West tivesse descoberto sobre o bilhete? E se Ardee tivesse contado a ele? O major se virou de costas, foi na direção de um canto silencioso. Jezal olhou em volta, procurando desesperadamente alguma saída.

– Jezal! – chamou West.

– Certo, certo.

Ele se levantou com a maior relutância e seguiu o amigo, exibindo o que

esperava ser um sorriso inocente. Talvez o assunto fosse outro. Um que não tivesse nada a ver com Ardee. Por favor, que fosse outro.

– Não quero que ninguém saiba disso...

West olhou em volta para garantir que ninguém estivesse espiando. Jezal engoliu em seco. A qualquer momento levaria um soco na cara. Pelo menos um. Nunca levara um soco na cara, não de verdade. Uma garota havia lhe dado um tapa com força uma vez, mas não era a mesma coisa. Preparou-se do melhor modo possível, trincando os dentes, encolhendo-se um pouco.

– Burr marcou uma data. Temos quatro semanas.

Jezal o encarou.

– O quê?

– Até o embarque.

– Embarque?

– Para Angland, Jezal!

– Ah, sim... Angland, claro? Você disse quatro semanas?

– Achei que você deveria saber, já que está ocupado com o Campeonato, para que tenha tempo de se preparar. Mas não conte a ninguém.

– Certo, claro – falou Jezal, enxugando a testa.

– Você está bem? Parece pálido.

– Estou bem, estou bem – disse e respirou fundo. – Toda essa agitação, você sabe, a luta e... tudo.

– Não se preocupe, você se saiu bem hoje – incentivou West, dando-lhe um tapinha no ombro. – Mas há muito mais a fazer. Mais três combates antes de você poder dizer que é campeão, e eles só vão ficar mais difíceis. Não fique preguiçoso, Jezal, nem muito bêbado! – disse ele por cima do ombro ao se dirigir para a porta.

Jezal soltou um longo suspiro de alívio ao retornar à mesa onde os outros estavam. Seu nariz continuava intacto.

Brint já havia começado a reclamar, agora que podia ver que West não voltaria.

– Que diabos foi aquilo? – perguntou, franzindo a testa e apontando o polegar para a porta. – Quero dizer, bom, sei que ele é supostamente o grande herói e coisa e tal, mas, bem, quero dizer...

– Quer dizer o quê?

– Bom, falar daquele jeito! É derrotismo!

A bebida estava lhe dando coragem e ele começava a se empolgar.

– É... bom, quero dizer... é papo de covarde, é sim!

– Olhe aqui, Brint – disse Jezal com rispidez. – Ele lutou em três batalhas difíceis e foi o primeiro a atravessar a brecha em Ulrioch! Pode não ser um

nobre, mas é um sujeito muito corajoso! Acrescente a isso o fato de que ele tem conhecimento militar, conhece o marechal Burr e conhece Angland! O que você sabe, Brint? – provocou Jezal, retorcerdo a boca. – Além de como perder nas cartas e como esvaziar uma garrafa de vinho?

– Pois para mim isso é tudo o que um homem precisa saber – riu Jalenhorm, nervoso, esforçando-se ao máximo para acalmar a situação. – Mais vinho! – gritou para ninguém em particular.

Jezal se deixou cair em seu banco. Se a comemoração estava desanimada antes da saída de West, agora ficara pior ainda. Brint mal-humorado, Jalenhorm oscilando no banco. Kaspa num sono profundo, esparramado no tampo molhado da mesa, fazendo ruídos de sucção conforme respirava.

Jezal terminou de beber sua taça de vinho e olhou os rostos pouco promissores ao redor. Desgraça, estava entediado. Era um fato – só agora começava a perceber – que a conversa dos bêbados só é interessante para os bêbados. Alguns copos de vinho podiam ser a diferença entre achar que um sujeito era um companheiro hilariante ou um imbecil insuportável. Imaginou se ele próprio era um bêbado tão tedioso quanto Kaspa, Jalenhorm ou Brint.

Deu um sorriso débil enquanto olhava o sacana mal-humorado. Se fosse rei, pensou, castigaria conversas sem graça com a morte, ou pelo menos com muitos anos de prisão. Levantou-se.

Jalenhorm olhou para ele.

– O que está fazendo?

– Preciso descansar um pouco – disse Jezal bruscamente. – Tenho que treinar amanhã cedo.

Estava se esforçando ao máximo para não sair correndo dali.

– Mas você venceu! Não vai comemorar?

– O primeiro combate. Ainda tenho mais três homens para vencer e todos serão melhores do que o pateta de hoje.

Jezal pegou o casaco nas costas da cadeira e o colocou nos ombros.

– Como quiser – disse Jalenhorm, depois tomou um gole ruidoso.

Kaspa levantou a cabeça da mesa por um momento, o cabelo num dos lados grudado ao crânio pelo vinho derramado.

– Xá vai indo tão xedo?

– Arrã – respondeu Jezal, virando-se e indo embora.

Soprava um vento frio na rua. Isso o fez sentir-se mais sóbrio do que antes. Dolorosamente sóbrio. Precisava demais de uma companhia inteligente, mas onde poderia encontrá-la, a essa hora da noite? Só havia um local em que conseguia pensar.

Tirou o bilhete do bolso e o leu à luz fraca das janelas da taverna, só mais uma

vez. Se corresse, talvez ainda pudesse alcançá-la. Começou a andar lentamente na direção dos Quatro Cantos. Só para conversar, só isso. Precisava de alguém com quem conversar...

Não. Obrigou-se a parar. Será que poderia fingir mesmo que queria ser amigo dela? Entre um homem e uma mulher, amizade era o nome que se dava a quando um perseguia o outro por longo tempo e nunca chegava a lugar nenhum. Ele não se interessava por esse tipo de arranjo.

Então o quê? Casamento? Com uma garota sem bom sangue nem dinheiro? Impensável! Imaginou-se levando Ardee para casa, para conhecer sua família. Aqui está minha nova esposa, pai! Esposa? E quais são as relações dela? Estremeceu ao pensar.

Mas e se conseguissem encontrar um meio-termo em que todos ficassem satisfeitos? Seus pés começaram a se mover devagar. Não amizade, nem casamento, mas algum arranjo frouxo? Caminhou pela rua na direção dos Quatro Cantos. Poderiam se encontrar discretamente, conversar, rir, em algum lugar com uma cama, talvez...

Não. Não. Jezal parou de novo e deu um tapa na lateral da cabeça, frustrado. Não poderia deixar isso acontecer, nem supondo que ela permitisse. West era uma coisa, mas e se outras pessoas descobrissem? Não faria nenhum mal à sua reputação, claro; a dela, porém, seria arruinada. Arruinada. Sua pele se arrepiou com esse pensamento. Ela não merecia isso. Não dava para dizer que o problema seria apenas dela. Não mesmo. Só para que ele se divertisse um pouco? Que egoísmo! Ele estava pasmo por não ter se dado conta disso antes.

Vê-la não poderia resultar em nada de bom, foi a conclusão a que se obrigou a chegar, um processo que já fizera dezenas de vezes naquele dia. De qualquer modo, em breve ele partiria para a guerra, o que colocaria um fim àquela encrenca ridícula. Então o melhor era ir para casa, dormir e treinar o dia inteiro amanhã. Treinar e treinar até que o marechal Varuz a arrancasse de seus pensamentos. Respirou fundo, ajeitou os ombros, virou-se e partiu para o Agriont.

A estátua de Harod, o Grande, brotava da escuridão num pedestal de mármore quase da altura de Jezal. Parecia enorme e grandiosa demais para sua pracinha silenciosa perto dos Quatro Cantos. Jezal viera levando sustos com as sombras por todo o caminho, evitando pessoas, esforçando-se ao máximo para não chamar atenção. Mas não havia muita gente na rua. Era tarde e provavelmente Ardee teria desistido de esperar fazia tempo, se é que tivesse ido até lá.

Esgueirou-se nervoso ao redor da estátua, espiando as sombras, sentindo-se

um idiota. Havia passado por aquela praça em muitas ocasiões e nunca pensara muito a respeito. Afinal de contas, não era um lugar público? Ele tinha todo o direito de estar ali, mas de algum modo sentia-se um ladrão.

Ninguém o esperava na praça. Que bom. Melhor assim. Não havia nada a ganhar, havia tudo a perder, coisa e tal. Então por que se sentia tão devastado? Olhou o rosto de Harod, observou aquela séria expressão pétrea que os escultores reservam para os verdadeiramente grandiosos. Harod tinha um queixo bom, forte, quase como o de Jezal.

– Acorde! – sibilou uma voz perto de seu ouvido.

Jezal soltou um grito de menininha, deu um pulo para trás, tropeçou e só não caiu porque se agarrou ao enorme pé do rei Harod. Havia uma figura escura atrás dele, uma figura encapuzada.

Risos.

– Não precisa se mijar.

Era Ardee. Ela empurrou o capuz para trás. A luz de uma janela batia na parte de baixo de seu rosto, atingindo seu sorriso torto.

– Sou só eu.

– Não vi você – murmurou ele, soltando rapidamente o enorme pé de pedra que agarrara na hora do pânico e esforçando-se ao máximo para parecer à vontade.

Precisava admitir que era um mau começo. Não tinha talento para essa coisa de clandestinidade. Ardee, porém, parecia bem confortável. Isso o fez pensar se ela não teria feito esse tipo de coisa antes.

– Ultimamente anda muito difícil ver você – disse ela.

– Bom, é... – murmurou ele, com o coração ainda martelando por causa do susto. – Andei ocupado, com o Campeonato e tudo...

– Ah, o importantíssimo Campeonato. Vi você lutar hoje.

– Viu?

– Foi muito impressionante.

– Ah, obrigado, eu...

– Meu irmão disse alguma coisa, não foi?

– O quê? Sobre a luta?

– Não, bobão. Sobre mim.

Jezal fez uma pausa, tentando encontrar o melhor modo de responder.

– Bom, ele...

– Está com medo dele?

– Não!

Silêncio.

– Certo, estou.

– Mas mesmo assim você veio. Acho que eu deveria me sentir lisonjeada.

Ela andou lentamente em volta dele, olhando-o de cima a baixo, dos pés à cabeça e da cabeça aos pés.

– Mas demorou um bocado. É tarde. Vou ter de chegar em casa logo.

Havia algo no modo como ela o olhava que não ajudava a acalmar seu coração acelerado. Pelo contrário. Ele precisava dizer que não podia mais vê-la. Que era a coisa errada. Para os dois. Nada de bom poderia resultar daquilo... nada de bom...

Ele estava respirando acelerado, tenso, agitado, incapaz de afastar os olhos do rosto sombreado de Ardee. Precisava dizer agora. Não era por isso que tinha vindo? Abriu a boca para falar, mas todos os argumentos pareciam muito distantes, intangíveis e imponderáveis, como se pertencessem a outras pessoas e um tempo diferente.

– Ardee... – começou.

– Hum?

Ela deu um passo em sua direção, a cabeça inclinada para o lado. Jezal tentou se afastar, mas a estátua estava às suas costas. Ela chegou mais perto ainda, os lábios ligeiramente afastados, os olhos fixos na boca de Jezal. O que havia de tão errado naquilo, afinal?

Mais perto ainda, o rosto dela erguido, aproximando-se do dele. Podia sentir o cheiro dela – sua mente estava tomada pelo perfume dela. Podia sentir o hálito quente de Ardee em seu rosto. O que haveria de errado nisso?

As pontas dos dedos dela eram frias em sua pele, roçando seu rosto, seguindo a linha do maxilar, enrolando-se no cabelo e puxando sua cabeça. Os lábios dela, macios e quentes, tocaram seu rosto, depois o queixo, então a boca. Repuxaram gentilmente os dele. Ela se encaixou em Jezal, a outra mão deslizou por suas costas. Sua língua lambeu as gengivas dele, a língua, e ela deixou escapar pequenos ruídos da garganta. Ele também, talvez – na verdade não tinha certeza. Todo o seu corpo formigava, quente e frio ao mesmo tempo, sua mente estava na boca. Era como se nunca tivesse beijado uma garota. O que poderia haver de errado nisso? Os dentes dela mordiscaram seus lábios, era quase doloroso, mas não exatamente.

Ele abriu os olhos: ofegante, tremendo, com os joelhos fracos. Ela o encarava. Jezal podia ver os olhos dela reluzindo no escuro, observando-o atentamente, estudando-o.

– Ardee...

– O quê?

– Quando posso vê-la de novo?

Sua garganta estava seca, a voz saía rouca. Ela olhou para o chão com um

sorrisinho. Um sorriso cruel, como se tivesse descoberto seu blefe e ganhado uma pilha de dinheiro dele. Jezal não se importava.

– Quando?

– Ah, eu aviso.

Precisava beijá-la de novo. Às favas com as consequências. Que se dane West. Dane-se tudo. Curvou-se para ela, fechou os olhos.

– Não, não, não – negou ela, empurrando sua boca. – Você deveria ter vindo antes.

Afastou-se dele e se virou, com o sorriso ainda nos lábios, e foi andando devagar. Ele olhou-a, em silêncio, fascinado, as costas na base fria da estátua. Nunca havia se sentido assim. Nunca.

Ela se virou para trás, só uma vez, como se para conferir se ele ainda estava olhando. O peito dele se apertou, quase dolorosamente, só de vê-la olhar, depois ela virou uma esquina e sumiu.

Jezal ficou parado um momento, os olhos arregalados, apenas respirando. Então um vento frio soprou na praça e a realidade caiu sobre ele. A esgrima, a guerra, seu amigo West, suas obrigações. Um beijo, só isso. Um beijo e sua decisão havia se esvaído como mijo num penico quebrado. Olhou em volta, subitamente culpado, confuso e apavorado. O que tinha feito?

– Merda – disse.

Trabalho sombrio

O FOGO FAZ as coisas exalarem uma variedade de cheiros. Uma árvore viva, fresca e cheia de seiva, ao se queimar solta um odor diferente de uma morta, seca e murcha que fosse incendiada. Um porco pegando fogo e um homem em chamas têm cheiros bem parecidos, mas isso é outra história. Esse incêndio cujo cheiro Cachorrão sentia agora era de uma casa. Ele sabia, com toda a certeza. Era um cheiro que ele conhecia melhor do que gostaria. Não é comum uma casa pegar fogo. Quando isso acontece, em geral é consequência de algum tipo de violência. Isso significava que havia homens por perto, provavelmente, e prontos para uma luta, por isso ele se esgueirou com cuidado entre as árvores, arrastou-se de barriga até o limite delas e espiou por entre os arbustos.

Agora via, sem dúvida. Uma coluna de fumaça negra sugia perto do rio. Uma casa pequena, ainda fumegando, mas queimada até as bases das paredes de pedra. Houvera um celeiro, também, mas agora não passava de uma pilha de paus pretos e terra enegrecida. Sobraram ainda duas árvores e um trecho de chão coberto de ladrilhos. Sobreviver de cultivar a terra tão ao norte já era, na melhor das hipóteses, uma vida de muita pobreza. O lugar era frio demais para plantar muita coisa – alguns tubérculos, talvez, e umas poucas ovelhas. Um ou dois porcos, se você tivesse sorte.

Cachorrão balançou a cabeça. Quem desejaria queimar pessoas tão pobres? Quem poderia querer roubar esse pedaço de terra tão difícil? Alguns homens simplesmente gostavam de queimar tudo, ele sabia. Avançou um pouco mais,

olhando à esquerda e à direita através do vale em busca de algum sinal de quem fizera aquilo, mas umas poucas ovelhas magras espalhadas pelo vale foi tudo o que viu movendo-se. Arrastou-se de volta para os arbustos.

Sentiu um aperto no coração enquanto voltava para o acampamento. Vozes altas, e discutindo, como sempre. Imaginou por um minuto se não deveria simplesmente passar e continuar andando, tão cansado estava daquelas birras intermináveis. Mas, no fim, decidiu não fazer isso. Um batedor que deixa seu povo para trás não é grande coisa.

– Por que não fecha essa matraca, Barca Negra? – dizia a voz trovejante de Tul Duru. – Você queria ir para o sul e, quando fomos para o sul, tudo o que você fez foi ficar reclamando das montanhas! Agora que estamos fora das montanhas, você resmunga dia e noite por causa da barriga vazia! Já estou cheio disso, seu chorão!

Então foi a vez do rosnado maligno de Barca Negra:

– Por que você recebe o dobro de comida, só porque é um porco grande e gordo?

– Seu baixote desgraçado! Vou esmagar você, seu verme!

– Eu corto seu pescoço enquanto você estiver dormindo, sua pilha de carne! Depois todo mundo vai ter o suficiente para comer! Pelo menos vamos nos livrar da porra dos seus roncos! Agora sei por que lhe deram o nome de Cabeça de Trovão, sua porca roncadora!

– Fechem a matraca, vocês dois! – berrou Três Árvores, suficientemente alto para acordar os mortos. – Estou cheio disso!

Agora podia vê-los, os cinco. Tul Duru e Barca Negra, eriçados um com o outro. Três Árvores no meio deles, com as mãos levantadas, Forley sentado e olhando, parecendo simplesmente triste, e Sinistro conferia suas flechas.

– Ei! – sibilou Cachorrão, e todos giraram rapidamente para olhá-lo.

– É Cachorrão – disse Sinistro, mal levantando o olhar das flechas.

Não havia como entender aquele sujeito. Não falava nada durante dias sem fim e, quando falava, era para dizer o que todos já sabiam.

Forley estava ansioso por distrair o pessoal, como sempre. Era difícil saber quanto tempo eles ficariam sem matar uns aos outros caso ele não estivesse por perto.

– O que descobriu, Cachorrão? – perguntou.

– Imaginem só, encontrei cinco porras de idiotas na floresta! – sibilou ele, saindo do meio das árvores. – Pude ouvi-los a um quilômetro de distância! E eram todos Homens Nomeados, dá para acreditar?, homens que deveriam saber das coisas! Brigando entre si, como sempre! Cinco idiotas...

Três Árvores levantou a mão.

– Certo, Cachorrão. A gente deveria saber.

O líder do grupo fez uma carranca para Tul e Barca Negra. Os dois torceram a cara um para o outro, mas não disseram mais nada.

– O que descobriu? – perguntou Três Árvores.

– Há lutas acontecendo por perto, ou alguma coisa do tipo. Vi uma fazenda pegando fogo.

– Pegando fogo? – perguntou Tul.

– É.

Três Árvores franziu a testa.

– Leve a gente até lá, então.

Cachorrão não tinha visto isso quando estava no meio das árvores. Não poderia ter visto. Estava enfumaçado demais e longe demais. Mas agora via, de perto, e aquilo o deixou enjoado. Todos viram.

– Isso aqui é um trabalho sombrio – disse Forley, olhando a árvore. – Um trabalho sombrio.

– É – murmurou Cachorrão.

Não conseguia pensar em outra coisa para dizer. O galho estalou ao peso do velho, que balançava lentamente, girando, os pés descalços quase alcançando o chão. Talvez tivesse tentado lutar. Tinha duas flechas atravessadas no corpo. A mulher era nova demais para ser sua esposa. A filha, talvez. Cachorrão supôs que os dois pequenos seriam filhos dela.

– Quem enforcaria uma criança? – murmurou.

– Posso pensar em alguém suficientemente sombrio – disse Tul.

Barca Negra cuspiu na grama.

– Está falando de mim? – resmungou ele, e os dois estavam de novo feito cão e gato. – Eu queimei algumas fazendas e um ou dois povoados, mas havia motivos, aquilo era guerra. E deixei as crianças viverem.

– Ouvi dizer outra coisa – rebateu Tul.

Cachorrão fechou os olhos e suspirou.

– Você acha que eu ligo alguma coisa para o que você ouviu? – rosnou Barca Negra. – Pode ser que minha fama seja mais sombria do que eu mereço, seu bosta gigante!

– Eu sei o que você merece, seu desgraçado!

– Chega! – ribombou Três Árvores, franzindo a testa ao olhar para os corpos. – Vocês não têm respeito? Cachorrão está certo. Nós estamos fora das montanhas e há encrenca por aí. Chega dessas brigas. Chega! Vamos ficar quietos e frios como o inverno daqui em diante. Nós somos Homens Nomeados, temos trabalho

de homem para fazer.

Cachorrão assentiu, feliz em finalmente ouvir algum bom senso.

– Há luta acontecendo por perto – disse. – Tem de haver.

– É – concordou Sinistro, mas era difícil saber com o que ele estava concordando.

O olhar de Três Árvores ainda estava fixo nos corpos pendurados.

– Você está certo. Precisamos nos concentrar nisso agora. Nisso e em mais nada. Vamos rastrear quem fez isso e ver por que estão lutando. Não podemos fazer nada enquanto não soubermos quem está lutando contra quem.

– Quem fez isso luta por Bethod – disse Barca Negra. – Dá para saber, só de olhar.

– Veremos. Tul e Barca Negra, tirem esse pessoal daí e enterrem todos. Talvez essa tarefa coloque um pouco de tino em vocês.

Os dois fecharam a cara um para o outro, mas Três Árvores não deu atenção.

– Cachorrão, vá farejar quem fez isso. Fareje e vamos fazer uma visita a eles esta noite. Uma visita igual à que eles fizeram a este pessoal aqui.

– É – disse Cachorrão, ansioso para ir logo. – Vamos fazer uma visita.

Cachorrão não conseguia entender. Se aquele pessoal estava em luta, com medo de ser apanhado por algum inimigo, não fazia muito esforço para encobrir seus rastros. Segui-los foi a tarefa mais fácil possível; deduziu que seriam cinco. Deviam ter saído caminhando tranquilamente da fazenda incendiada, depois seguido pelo vale junto ao rio e entrado na floresta. Os rastros eram tão nítidos que ele ficava preocupado de vez em quando, achando que deviam estar aprontando alguma armadilha para ele, vigiando-o das árvores, esperando para enforcá-lo num galho. Mas parecia que não, porque ele os alcançou logo antes do anoitecer.

Primeiro sentiu o cheiro da carne – cordeiro assando. Em seguida escutou as vozes: falando, gritando, rindo, sem a menor tentativa de ficar em silêncio, fáceis de ouvir mesmo com o rio correndo ao lado. Então os viu, sentados ao redor de uma grande fogueira numa clareira, com uma carcaça de cordeiro num espeto, sem dúvida tirado daqueles camponeses. Cachorrão se agachou no mato, silencioso e imóvel como eles deveriam estar. Contou cinco homens, ou quatro e um garoto de cerca de 14 anos. Todos estavam simplesmente sentados, ninguém montando guarda, sem qualquer cautela. Ele não conseguia imaginar o motivo.

– Eles estão simplesmente lá, sentados – sussurrou quando voltou aos outros. – Sentados. Sem guarda, sem nada.

– Só sentados? – perguntou Forley.

– É. São cinco. Sentados e rindo. Não gosto disso.

– Também não gosto – disse Três Árvores. – Mas gosto menos ainda do que vi naquela fazenda.

– Armas – sussurrou Barca Negra. – Armas, tem de ser.

Pela primeira vez, Tul concordou com ele.

– Armas, chefe. Vamos dar uma lição neles.

Desta vez nem mesmo Forley pediu para ficar fora de uma luta, mas Três Árvores pensou mais um pouco, demorando-se, não querendo ser apressado. Depois assentiu.

– Armas, sim.

Ninguém veria Barca Negra no escuro se ele não quisesse ser visto. Também não ouviria, mas Cachorrão sabia que ele estava ali enquanto se esgueirava entre as árvores. Quando você luta junto com um homem por tempo suficiente, passa a entender. Aprende como ele pensa e passa a pensar do mesmo modo. Barca Negra estava ali.

Cachorrão tinha sua tarefa. Podia ver a silhueta do homem que estava na extrema direita, as costas eram uma forma escura contra a fogueira. Por enquanto Cachorrão não daria muita atenção aos outros. Não pensaria em nada que não fosse sua tarefa. Quando você decide fazer algo, ou seu chefe decide que você faça, o melhor é ir até o fim sem olhar para trás, até que a tarefa seja cumprida. O tempo que você perde pensando é o tempo em que você é morto. Logen lhe ensinara isso e ele aprendera. Tinha de ser assim.

Cachorrão se esgueirou mais para perto, mais perto ainda, sentindo o calor do fogo no rosto, sentindo o metal duro da faca na mão. Por todos os mortos, precisava mijar, como sempre. Agora a tarefa estava a menos de um passo de distância. Um pouco mais adiante, o garoto estava virado para ele – se afastasse o olhar da carne, veria Cachorrão, mas estava ocupado demais comendo.

– Uurg! – gritou um dos outros.

Isso significava que Barca Negra havia chegado a ele – também significava que o sujeito estava acabado. Cachorrão deu um salto à frente e esfaqueou seu alvo na lateral do pescoço. Ele cambaleou para trás por um momento, segurando a garganta cortada, tropeçou e caiu de frente. Com um salto, outro se pôs de pé, largando a perna de cordeiro meio mastigada, e então uma flecha o acertou no peito. Era Sinistro, perto do rio. O homem pareceu brevemente surpreso, depois tombou de joelhos, o rosto retorcido de dor.

Com isso, restavam dois, e um deles era o garoto – que continuava sentado, olhando Cachorrão, a boca aberta com um pedaço de carne pendurada. O último

estava de pé, ofegante, com uma faca comprida na mão. Devia tê-la pegado para comer.

– Largue a faca! – berrou Três Árvores.

Cachorrão viu o velho andar na direção deles, a luz da fogueira refletindo na borda de metal de seu grande escudo redondo. O homem mordeu o lábio, o olhar indo de Cachorrão para Barca Negra enquanto eles se aproximavam pelos dois lados. De repente Cabeça de Trovão saiu da escuridão das árvores. Parecia grande demais para ser um homem, com sua espada gigantesca reluzindo no ombro. Isso bastou para que a faca fosse jogada no chão.

Barca Negra se adiantou, agarrou os pulsos do homem e os amarrou forte às costas, depois o empurrou de joelhos ao lado da fogueira. Cachorrão fez o mesmo com o garoto, os dentes trincados, sem dizer uma palavra. A coisa toda foi feita num instante, em silêncio e com frieza, como Três Árvores ordenara. Havia sangue nas mãos de Cachorrão, o trabalho era assim, não podia evitar. Agora os outros estavam se aproximando. Sinistro veio chapinhando pelo rio, pendurando o arco atravessado no ombro. Ao passar, chutou o homem em quem havia atirado, mas o corpo não se mexeu.

– Morto – confirmou Sinistro.

Forley estava atrás, observando os dois prisioneiros. Barca Negra avaliava o que ele havia amarrado, olhando-o com expressão dura.

– Conheço este aqui – disse, parecendo bem satisfeito com isso. – É Groa, o Atoleiro, não é? Que sorte! Você tem rondado meus pensamentos há um bom tempo.

Atoleiro fez uma careta para o chão. Era um sujeito de aparência cruel, pensou Cachorrão, um tipo que poderia enforcar camponeses.

– É, eu sou o Atoleiro. Nem preciso perguntar o nome de vocês, porque quando descobrirem que mataram coletores do rei, vocês vão todos morrer.

– Me chamam de Barca Negra.

A cabeça de Atoleiro subiu rapidamente, com a boca escancarada.

– Ah, merda – sussurrou ele.

O garoto, ajoelhado ali perto, espiou com olhos arregalados.

– Barca Negra? O quê? Não é o mesmo Barca Negra de... ah, merda.

Barca Negra assentiu devagar, com aquele sorriso maligno espalhando-se no rosto, aquele sorriso matador.

– Groa, o Atoleiro. Você tem muito pelo que pagar. Andei pensando em você, e agora você está na minha mira – disse e deu um tapinha no rosto do homem. – E ao alcance da minha mão também. Que acaso feliz!

Atoleiro afastou o rosto bruscamente, o mais longe que pôde, amarrado como estava.

– Achei que você estava no inferno, Barca Negra, seu desgraçado!

– Eu também, mas era só o norte das montanhas. Temos perguntas para você, Atoleiro, antes de você ganhar o que merece. Quem é esse rei? O que vocês estão coletando para ele?

– Fodam-se suas perguntas!

Três Árvores o acertou na lateral da cabeça, com força, onde ele não pôde prever o golpe. Quando ele se virou para olhar, Barca Negra o atingiu no outro lado. Sua cabeça foi para trás e para a frente, até ele estar suficientemente amaciado para falar.

– Qual é a luta? – perguntou Três Árvores.

– A gente não está lutando! – cuspiu Atoleiro entre os dentes quebrados. – Vocês já estão mortos, seus sacanas! Não sabem o que aconteceu, não é?

Cachorrão franziu a testa. Não gostava daquilo. Parecia que as coisas haviam mudado enquanto eles estavam longe e ele ainda não vira uma mudança para melhor.

– Eu faço as perguntas aqui – disse Três Árvores. – Você mantém sua mente minúscula nas respostas. Quem ainda está lutando? Quem não se ajoelha diante de Bethod?

Atoleiro gargalhou, mesmo amarrado como estava.

– Não resta ninguém! A luta acabou! Agora Bethod é o rei. Rei de todo o Norte! Todo mundo se ajoelha diante dele...

– Nós, não – ribombou Tul Duru, inclinando-se. – E o Velho Yawl?

– Morto!

– E Sything ou Pescoço Duro?

– Morto e morto, seus porras idiotas! A única luta agora é lá no Sul! Bethod foi guerrear contra a União! É! E a gente está dando uma surra nela, também!

Cachorrão não sabia se acreditava. Rei? Nunca houvera um rei no Norte e Bethod era o último que ele teria escolhido. E fazendo guerra contra a União? Era uma tarefa idiota, sem dúvida. Sempre houvera mais sulistas.

– Se não há luta aqui – perguntou Cachorrão –, por que vocês estavam matando?

– Foda-se!

Tul lhe deu um tapa na cara, com força, e ele caiu de costas. Barca Negra primeiro lhe deu um chute, depois o levantou.

– Por que vocês os mataram? – perguntou Tul.

– Impostos! – gritou Atoleiro, com sangue escorrendo pelo nariz.

– Impostos? – perguntou Cachorrão.

Era uma palavra estranha, sem dúvida, ele mal sabia o significado.

– Eles não quiseram pagar!

– Impostos para quem? – perguntou Barca Negra.

– Para Bethod, para quem você acha? Ele tomou todas estas terras, desintegrou os clãs e pegou tudo! O povo deve a ele! E nós coletamos!

– Impostos, é? Essa é uma porra de moda sulista, sem dúvida! E se eles não puderem pagar? – perguntou Cachorrão, sentindo-se totalmente enojado. – Você enforca, não é?

– Quando eles não pagam, nós podemos fazer o que quisermos!

– O que quiserem? – repetiu Tul e o agarrou pelo pescoço, apertando com a mão grande até que os olhos de Atoleiro quase saltavam das órbitas. – O que quiserem? E vocês querem enforcar todo mundo?

– Deixe, Cabeça de Trovão – disse Barca Negra, puxando os dedos grandes de Tul e empurrando-o gentilmente para trás. – Deixe, garotão, isso não é para você, matar um homem preso.

Ele deu um tapinha no peito do amigo e pegou o machado.

– É para trabalhos assim que vocês trazem um homem como eu.

Atoleiro havia se recuperado um pouco da esganadura.

– Cabeça de Trovão? – tossiu ele, olhando-os ao redor. – São vocês todos, não é? Você é Três Árvores, e Sinistro, e aquele ali é o Fraco! Então vocês não se ajoelham, não é? Bom para vocês, porra! Cadê o Nove Dedos? Hein? – zombou Atoleiro. – Cadê o Nove Sangrento?

Barca Negra girou, passando o polegar pelo gume do machado.

– Voltou à lama e você vai se juntar a ele. Já ouvimos o suficiente.

– Seu desgraçado, me solte! – gritou Atoleiro, lutando contra as cordas. – Você não é melhor do que eu, Barca Negra! Você matou mais gente do que a peste! Me deixe ficar de pé e me dê uma faca! Venha! Está com medo de lutar comigo, seu covarde? Está com medo de me dar uma chance justa, é?

– Está me chamando de covarde? – rosnou Barca Negra. – Você, que matou crianças só para se divertir? Você tinha uma faca e deixou que ela caísse. Essa foi a sua chance e você deveria ter aproveitado. Gente como você não merece outra. Se tem alguma coisa a dizer e que valha a pena ser ouvida, é melhor dizer agora.

– Vá à merda! – gritou Atoleiro. – Vão à merda vocês...

O machado de Barca Negra o acertou com força entre os olhos e o derrubou de costas. Suas pernas escoicearam um pouco, mas foi só. Nenhum deles derramou uma lágrima pelo desgraçado – até Forley não fez mais do que estremecer ligeiramente quando a lâmina penetrou no crânio. Barca Negra se inclinou e cuspiu no cadáver. Cachorrão não o culpou. Mas o garoto era um problema maior. Ele olhou para o corpo com olhos grandes, arregalados, depois levantou a cabeça.

– Vocês são eles, não é? – perguntou. – O bando do Nove Dedos.

– É, garoto – disse Três Árvores. – Somos eles.

– Ouvi histórias, histórias sobre vocês. O que vão fazer comigo?

– Bom, essa é a questão, não é? – murmurou Cachorrão consigo mesmo.

Pena que ele já sabia a resposta.

– Ele não pode ficar com a gente – decidiu Três Árvores. – Vai ser um peso e um risco que não podemos correr.

– Ele é só um garoto – argumentou Forley. – A gente podia soltá-lo.

Era uma bela ideia, mas não se sustentava muito, todos sabiam. O garoto pareceu esperançoso, porém Tul acabou com a ilusão.

– Não podemos confiar nele. Principalmente aqui. Ele diria a alguém que nós voltamos, e então seríamos caçados. Não podemos fazer isso. Além do mais, ele participou daquele trabalho na fazenda.

– Mas que opção eu tinha? – perguntou o garoto. – Que opção? Eu queria ir para o Sul! Queria ir para o Sul e lutar contra a União, e ganhar um nome, mas eles me mandaram para cá, para coletar impostos. Se meu chefe diz para fazer uma coisa, eu tenho de fazer, não é?

– É – disse Três Árvores. – Ninguém está dizendo que você poderia ter feito diferente.

– Eu não queria fazer parte daquilo! Eu disse para deixarem os pequenos vivos! Vocês precisam acreditar!

Forley olhou para as próprias botas.

– Nós acreditamos.

– Mas vão me matar de qualquer modo, porra?

Cachorrão mordeu o lábio.

– Não podemos levar você e não podemos deixar você.

– Eu não queria participar daquilo – repetiu o garoto, baixando a cabeça. – Isso não é justo.

– Não é – disse Três Árvores. – Não é nem um pouco justo. Mas aí está.

O machado de Barca Negra acertou a nuca do garoto e ele se esparramou de cara. Cachorrão estremeceu e desviou o olhar. Sabia que Barca Negra tinha feito a coisa daquele jeito para que eles não precisassem ver o rosto do garoto. Provavelmente tinha sido uma boa ideia, e ele esperava que isso ajudasse os outros, mas, para ele, estivesse o rosto virado para baixo ou para cima, nada mudava. Sentiu-se quase tão nauseado quanto se sentira na fazenda.

Não era o pior dia que já tivera, nem de longe. Mas fora um bem ruim.

De um bom lugar no topo das árvores, onde ninguém podia vê-lo, Cachorrão

avistou aquilo seguindo pela estrada. Assegurou-se de que estivessem contra o vento porque, para ser honesto, ele estava fedendo um bocado. Era um grupo estranho. Por um lado pareciam guerreiros que tinham ido pegar armas para partir rumo a uma batalha. Por outro, estava tudo errado. Na maioria, eram armas velhas e as partes das armaduras não casavam. Marchavam, porém a passo solto e desencontrado. A maioria – grisalha e careca – era velha demais para ser de guerreiros no auge da forma e boa parte do restante era jovem demais para ter barba: eles não passavam de meninos.

Para Cachorrão, parecia que nada mais fazia sentido no Norte. Pensou no que Atoleiro tinha dito antes que Barca Negra o matasse. Guerra contra a União. Será que aquele pessoal estava indo para a guerra? Se era isso, Bethod devia estar raspando o fundo do tacho.

– O que foi, Cachorrão? – perguntou Forley, quando ele entrou de volta no acampamento. – O que está acontecendo por lá?

– Homens. Armados, mas não muito bem. Uns cem ou mais. Na maioria são novos ou velhos, indo para sudeste.

Cachorrão apontou na direção da estrada. Três Árvores assentiu.

– Vão para Angland – presumiu o líder. – Então Bethod fala a sério. Está fazendo guerra contra a União, mesmo. Não há derramamento de sangue que baste para o sujeito. Ele está levando cada homem que possa segurar uma lança.

De certa forma, isso não era surpresa. Bethod nunca fora de meias medidas. Era tudo ou nada, e não se importava com quem fosse morto no caminho.

– Todos os homens – murmurou Três Árvores. – Se os shankas atravessarem as montanhas agora...

Cachorrão olhou em volta. Rostos franzidos, preocupados, sujos. Sabia o que Três Árvores estava dizendo, todos podiam ver. Se os shankas viessem agora, sem que restasse ninguém no Norte para lutar contra eles, aquele negócio na fazenda seria o que de melhor poderia acontecer.

– Temos de avisar a alguém! – gritou Forley. – Temos de avisar!

Três Árvores balançou a cabeça.

– Você ouviu Atoleiro. Yawl morreu, e Pescoço Duro, e Sything. Todos estão mortos e frios, e voltaram à lama. Agora Bethod é rei, rei dos nórdicos.

Barca Negra fechou a cara e escarrou no chão.

– Cuspa quanto quiser, Barca Negra, mas fato é fato. Não resta ninguém para ser avisado.

– Ninguém a não ser o próprio Bethod – murmurou Cachorrão, sentindo-se péssimo por ter de dizer isso.

– Então temos de dizer a ele! – clamou Forley e olhou para os outros ao redor, desesperado. – Ele pode ser um desgraçado sem coração, mas pelo menos é um

homem! É melhor do que os cabeças-achatadas, não é? Temos de contar a alguém!

– Rá! – rosnou Barca Negra. – Rá! Você acha que ele vai ouvir, Forley? Você se esqueceu do que ele nos disse? A nós e ao Nove Dedos, também? Nunca mais voltar! Esqueceu quanto ele esteve perto de matar a gente, quanto ele odeia cada um de nós?

– Ele tem medo de nós – rebateu Sinistro.

– Odeia e tem medo – murmurou Três Árvores. – E é inteligente por isso. Porque nós somos fortes. Homens Nomeados. Homens Conhecidos. O tipo de homem que os outros seguem.

Tul assentiu com sua cabeçorra.

– É, acho que não vai haver boas-vindas para a gente em Carleon. Nenhuma recepção sem um espeto na ponta.

– Eu não sou forte! – gritou Forley. – Sou o Fraco, todo mundo sabe! Bethod não tem motivo para ter medo de mim, nem para me odiar. Eu vou!

Cachorrão o encarou, surpreso. Todos encararam.

– Você? – perguntou Barca Negra.

– É, eu! Posso não ser guerreiro, mas também não sou covarde! Vou falar com ele. Talvez ele escute.

Cachorrão se levantou e olhou para Forley. Fazia tanto tempo desde que um deles tentara sair de uma encrenca usando palavras que ele havia se esquecido de que isso podia ser feito.

– Talvez ele ouça – murmurou Três Árvores.

– Ele pode ouvir – disse Tul. – Depois pode matar você, Forley!

Cachorrão balançou a cabeça.

– É uma forte possibilidade.

– Talvez, mas vale a pena, não é?

Todos se entreolharam, preocupados. Forley estava mostrando uma enorme coragem, sem dúvida, mas Cachorrão não gostava daquele plano. Bethod era um fio fino demais para que alguém pendurasse nele suas esperanças. Um fio absurdamente fino.

No entanto, como dissera Três Árvores, não restava mais ninguém.

Palavras e pó

KURSTER SE MOVEU com agilidade ao redor do círculo, o cabelo comprido e dourado batendo nos ombros, acenando para a multidão, jogando beijos para as garotas. A plateia aplaudia, ovacionava e berrava enquanto o rapaz fazia seus giros espalhafatosos. Ele era de Adua, oficial do Próprio do Rei. *Um rapaz do local e muito popular.*

Bremer dan Gorst estava encostado na barreira, com os olhos semicerrados, observando o oponente dançar. Suas espadas pareciam estranhamente pesadas, poderosas, gastas, mas bem usadas, talvez pesadas demais para serem rápidas. Pensando bem, o próprio Gorst parecia pesado demais para ser rápido, um touro de pescoço grosso, mais para praticante de luta livre do que espadachim. Parecia destinado à derrota nessa luta. Era nisso que a maior parte da multidão acreditava. *Mas eu sei que não é assim.*

Ali perto um corretor de apostas gritava valores, pegando dinheiro das pessoas que falavam sem parar em volta. Quase todas as apostas eram a favor de Kurster. Glokta se inclinou em seu banco.

– Quanto você está pagando pelo Gorst agora?

– Pelo Gorst? – perguntou o corretor. – Um para um.

– Aposto duzentos marcos.

– Desculpe, amigo, não posso cobrir isso.

– Cem, então, a cinco para quatro.

O corretor pensou um momento, olhando para o céu e fazendo as contas na

cabeça.

– Feito.

Enquanto o juiz apresentava os competidores, Glokta se recostou olhando Gorst enrolar as mangas da camisa. Os antebraços do sujeito eram grossos como troncos de árvore, com músculos volumosos que se retorciam quando ele remexia os dedos carnudos. Ele esticou o pescoço largo para um lado e para o outro, depois pegou as espadas com seu companheiro de treinos e experimentou alguns golpes, exercitando-se. Poucas pessoas na multidão notaram. Estavam entretidas aplaudindo Kurster, que ocupava sua marca. Mas Glokta viu. *É mais rápido do que aparenta. Muito, muito mais rápido. Aquelas espadas pesadas não parecem mais tão desajeitadas.*

– Bremer dan Gorst! – gritou o juiz, enquanto o grandalhão ia até sua marca.

Os aplausos foram bastante parcos. Aquele touro pesado não era o que as pessoas pensavam de um espadachim.

– Comecem!

Não foi bonito. Desde o início Gorst brandiu sua espada longa em grandes giros descuidados, como um lenhador campeão cortando toras, dando grunhidos guturais a cada golpe. Era uma visão estranha. Um dos competidores estava numa luta de esgrima, o outro parecia achar que seria um combate de vida ou morte. *Você só precisa tocá-lo, homem, e não parti-lo ao meio!* Mas enquanto olhava, Glokta percebeu que os golpes poderosos não eram nem de longe tão desajeitados quanto pareciam. Eram dados com uma boa noção de tempo e muito precisos. Kurster gargalhou ao dançar para longe do primeiro giro enorme, sorriu ao se desviar do terceiro, mas, no quinto, seu sorriso havia sumido fazia tempo. *E parece que não vai voltar.*

Não foi mesmo nem um pouco bonito. *Mas a força é inegável.* Kurster se desviou desesperadamente de outro grande giro. *Esse teria sido forte o suficiente para arrancar a cabeça dele, com espadas cegas ou não.*

O favorito da multidão se esforçou ao máximo para tomar a iniciativa, estocando com todo o empenho, mas Gorst estava mais do que à altura. Ele grunhia enquanto desviava as estocadas com eficiência, usando a espada curta, depois rosnava ao fazer a espada longa passar assobiando acima e ao lado do adversário. Glokta se encolheu quando a lâmina se chocou contra a espada de Kurster com um estalo, virando seu pulso para trás e quase arrancando a arma de sua mão. Kurster cambaleou para trás com o impacto, fazendo uma careta de dor e surpresa.

Agora sei por que as espadas de Gorst parecem tão gastas. Kurster se desviou pela borda do círculo, tentando escapar dos golpes violentos, mas o grandalhão era muito rápido. *Rápido demais.* Agora Gorst conhecia o oponente, previa cada

movimento dele, assediava-o com golpes implacáveis. Não havia como escapar.

Com duas estocadas, o oficial desafortunado foi levado para a borda do círculo andando de costas, depois um corte em giro fez com que ele largasse a espada longa, que se cravou no chão, balançando sem direção. Kurster cambaleou um momento, os olhos arregalados, a mão vazia tremendo, e então Gorst estava em cima dele, soltando um rugido e chocando o ombro com força total contra suas costelas indefesas.

Glokta soltou uma gargalhada. *Nunca tinha visto um espadachim voar.* Kurster chegou a dar meio salto mortal, berrando como uma menina ao girar no ar para depois cair deslizando de cara no chão, agitando braços e pernas. Quando parou, estava na areia do lado de fora do círculo, gemendo debilmente, a uns bons três passos de onde Gorst o havia acertado.

A multidão ficou em choque, tão quieta que a gargalhada de Glokta deve ter sido ouvida até na última fila. O treinador de Kurster saiu correndo da área delimitada para os competidores e virou gentilmente o aluno abalado. O rapaz mexeu as pernas com dificuldade, gemeu e segurou as costelas. Gorst o observou por um momento, sem emoção, depois deu de ombros e voltou para sua marca.

O treinador de Kurster se virou para o juiz.

– Lamento – disse ele –, mas meu aluno não pode continuar.

Glokta não conseguiu se conter. Teve de tapar a boca com as mãos. Todo o seu corpo tremia com o riso. Cada gorgolejo provocava um espasmo doloroso no pescoço, mas ele não se importava. Parecia que a maior parte da multidão não achara o espetáculo tão divertido. Murmúrios furiosos brotaram a toda a volta. Quando Kurster foi ajudado a se afastar do círculo, carregado pelo técnico e por seu companheiro de treinos, as vaias se transformaram num coro de gritos raivosos.

Gorst varreu a plateia com seus olhos preguiçosos, semiabertos, depois deu de ombros outra vez e voltou lentamente para a área destinada a ele. Glokta ainda continha o riso ao sair mancando da arena, carregando uma bolsa bem mais pesada do que quando chegara. Não se divertia tanto havia anos.

A Universidade ficava num canto negligenciado do Agriont, diretamente à sombra da Casa do Artífice, onde até os pássaros pareciam velhos e cansados. Era um prédio enorme e em péssimo estado, coberto com hera meio morta, projeto obviamente de uma época antiga. Dizia-se que era uma das construções mais velhas da cidade. *E é o que aparenta.*

O telhado afundava no meio, uns dois trechos dele à beira do desmoronamento. Os pináculos delicados estavam desabando, ameaçando cair

nos jardins malcuidados. O reboco estava gasto e sujo, e algumas partes inteiras haviam caído das paredes, revelando as pedras nuas e a argamassa que se esfarelava sob ele. Num ponto, uma grande mancha marrom escorria pela parede, a partir de uma calha quebrada. Houvera um tempo em que o estudo das ciências atraíra alguns dos homens mais importantes da União e esse prédio estivera entre os mais grandiosos da cidade. *E Sult achando que a Inquisição está fora de moda.*

Duas estátuas flanqueavam o portão parcialmente tombado. Eram dois velhos, um com uma lanterna, outro apontando para algo num livro. *Sabedoria e progresso, ou uma bobagem qualquer do tipo.* O que tinha o livro havia perdido o nariz em algum momento do último século, o outro homem estava inclinado, com a lanterna se projetando perigosamente, como se tentasse arranjar um apoio.

Glokta levantou o punho e bateu na porta antiga. Ela chacoalhou, moveu-se perceptivelmente, como se a qualquer momento fosse cair das dobradiças. Glokta esperou. Esperou algum tempo.

Houve um súbito ruído de trincos sendo puxados e uma das folhas da porta se abriu alguns centímetros. Um rosto idoso se enfiou na abertura e estreitou os olhos para ele, iluminado a partir de baixo por uma vela magra segura numa mão murcha. Olhos úmidos espiaram para cima e para baixo.

– Sim?

– Inquisidor Glokta.

– Ah, a mandado do arquileitor?

Glokta franziu a testa, surpreso.

– É, isso mesmo. – *Eles não podem estar tão isolados do mundo quanto aparentam. Ele parece saber quem eu sou.*

Dentro estava perigosamente escuro. Dois enormes candelabros de latão ladeavam a porta, mas estavam sem velas e não eram polidos havia muito tempo. Tinham um brilho opaco à fraca luz da pequena vela do porteiro.

– Por aqui, senhor – chiou o velho, andando com dificuldade, dobrado quase ao meio. Nem mesmo para Glokta era difícil acompanhá-lo enquanto ele se esgueirava pela penumbra.

Os dois arrastaram os pés juntos por um corredor sombrio. As janelas de um dos lados eram antigas, feitas de minúsculos painéis de vidro tão sujo que deixariam pouca luz entrar mesmo nos dias mais ensolarados. Não entraria absolutamente nenhuma claridade quando chegasse a noite fechada. A chama tremeluzente da vela dançava sobre pinturas empoeiradas na parede oposta: velhos pálidos usando mantos pretos e cinza, espiando com olhos ferozes de suas molduras descascadas, segurando frascos, engrenagens e pares de bússolas nas mãos idosas.

– Aonde estamos indo? – perguntou Glokta, depois de terem andado por vários minutos pela penumbra.

– Os adeptos estão jantando – chiou o porteiro, olhando-o com enorme cansaço.

A sala de jantar da Universidade era enorme, cavernosa e cheia de ecos. Só não estava em total escuridão devido a umas poucas velas já pela metade. Um fogo baixo tremeluzia numa lareira enorme, lançando sombras dançantes no meio dos caibros. Uma mesa comprida se estendia por toda a sala, polida por longos anos de uso e flanqueada por cadeiras bambas. Poderia acomodar facilmente oitenta pessoas, mas havia apenas cinco, amontoadas numa das extremidades, perto da lareira. Elas olharam quando as batidas da bengala de Glokta ecoaram no salão. Pararam de comer para observá-lo com grande interesse. O homem à cabeceira da mesa se levantou e veio rapidamente, segurando a barra de seu manto comprido com uma das mãos.

– Um visitante – anunciou o porteiro, balançando a vela na direção de Glokta.

– Ah, do arquileitor! Sou Silber, o administrador da Universidade!

Ele apertou a mão de Glokta. Enquanto isso, seus companheiros se esforçavam para se levantar, como se o convidado de honra tivesse acabado de chegar.

– Sou o inquisidor Glokta.

Ele olhou os velhos ansiosos ao redor. *Um bocado a mais de deferência do que eu esperava, devo dizer. Mas, afinal de contas, o nome do arquileitor abre todo tipo de porta.*

– Glokta, Glokta – murmurou um velho. – Parece que me lembro de um Glokta, de algum lugar.

– Você se lembra de tudo de algum lugar, mas nunca sabe de onde – zombou o administrador, provocando risos desanimados. – Por favor, deixe-me fazer as apresentações.

Ele indicou os quatro cientistas de manto preto, um por um.

– Saurizin, nosso adepto químico.

Um sujeito velho, gorducho e desalinhado, com queimaduras e manchas na frente do manto e mais de um pedaço de comida na barba.

– Denka, o adepto metalúrgico.

O mais jovem dos quatro, muito mais jovem, mas de nenhum modo um rapaz. Tinha a boca torcida numa expressão arrogante.

– Chayle, nosso adepto mecânico.

Glokta nunca vira um homem com uma cabeça tão grande e um rosto tão pequeno. As orelhas, em particular, eram imensas e cheias de cabelos grisalhos.

– E Kandelau, o adepto médico.

Um pássaro velho e magro, com pescoço comprido e óculos empoleirados no nariz adunco.

– Por favor, junte-se a nós, inquisidor – convidou o administrador, indicando uma cadeira vazia entre dois adeptos.

– Uma taça de vinho? – ofereceu Chayle, com um sorriso cerimonioso na boca minúscula, já inclinando-se com uma jarra e derramando um pouco de vinho numa taça.

– Muito bem.

– Estávamos discutindo os méritos relativos de nossos vários campos de estudo – murmurou Kandelau, espiando Glokta através dos óculos brilhantes.

– Como sempre – lamentou o administrador.

– O corpo humano, claro, é a única área digna do verdadeiro escrutínio – continuou o adepto médico. – Devemos apreciar os mistérios internos antes de voltar a atenção para o mundo externo. Todos temos um corpo, inquisidor. Os meios de curá-lo e de fazer mal a ele são de interesse fundamental para todos nós. O corpo humano é minha área de especialização.

– Corpos! Corpos! – gemeu Chayle, franzindo os lábios pequenos e empurrando a comida pelo prato. – Estamos tentando comer!

– Exato! Você está incomodando o inquisidor com sua conversa hedionda!

– Ah, eu não me incomodo facilmente – falou Glokta, dando um risinho por sobre a mesa, de forma que o adepto metalúrgico tivesse uma boa visão de sua falta de dentes. – Meu trabalho para a Inquisição exige um conhecimento de anatomia mais do que superficial.

Houve um silêncio desconfortável e então Saurizin pegou o prato de carne e o ofereceu. Glokta olhou as fatias vermelhas brilhantes. Lambeu as gengivas vazias.

– Não, obrigado.

– Diga, inquisidor, é verdade que haverá mais verbas? – perguntou o adepto químico, em voz baixa, espiando por cima da carne. – Haverá mais verbas? Agora que esse negócio com os comerciantes de tecidos se resolveu, é?

Glokta franziu a testa. Todos o encaravam, esperando a resposta. Um dos velhos adeptos tinha o garfo imobilizado a meio caminho da boca. *Então é isso. Mas por que esperariam dinheiro do arquileitor?* O pesado prato de carne estava começando a balançar. *Bom... se isso os mantém ouvindo...*

– O dinheiro pode ser disponibilizado, dependendo, claro, de resultados.

Um murmúrio baixo percorreu a mesa. O adepto químico pousou cuidadosamente o prato com a mão trêmula.

– Recentemente obtive um grande sucesso com ácidos...

– Bah! – zombou o adepto metalúrgico. – Resultados, o inquisidor pediu

resultados! Minhas novas ligas serão mais fortes do que o aço quando forem aperfeiçoadas!

– Sempre as ligas! – suspirou Chayle, voltando os olhos minúsculos para o teto. – Ninguém aprecia a importância do bom pensamento mecânico!

Os outros três adeptos se viraram impetuosamente para ele, mas o administrador foi mais rápido.

– Senhores, por favor! O inquisidor não está interessado nas nossas pequenas diferenças! Todo mundo terá tempo de discutir seus últimos trabalhos e mostrar seus méritos. Isso não é uma competição, é, inquisidor?

Todos os olhares se voltaram para Glokta. Ele examinou lentamente aqueles rostos velhos e cheios de expectativa e não disse nada.

– Eu desenvolvi uma máquina para...

– Meus ácidos...

– Minhas ligas...

– Os mistérios do corpo humano...

Glokta os interrompeu.

– Na verdade é na área das... suponho que vocês chamariam de substâncias explosivas... que tenho um interesse particular no momento.

O adepto químico saltou de sua cadeira.

– Isso seria da minha alçaca! – gritou ele, olhando em triunfo para os colegas. – Tenho amostras! Tenho exemplos! Por favor, siga-me, inquisidor!

E ele jogou os talheres no prato e partiu em direção a uma das portas.

O laboratório de Saurizin era exatamente o que seria de esperar, até o último detalhe. Uma sala comprida com teto em abóbada cilíndrica, enegrecido em alguns lugares por círculos e manchas de fuligem. Prateleiras cobriam a maior parte das paredes, atulhadas com uma confusão de caixas, jarros, garrafas, cada um cheio de pós, líquidos, hastes de metais estranhos. Não havia ordem aparente na posição dos vários recipientes, e a maioria não tinha rótulo. *A organização não parece ser prioridade.*

As bancadas no meio da sala eram ainda mais confusas, cobertas por altas estruturas de vidro e cobre velho: tubos, frascos e pratos, lanternas – uma contendo uma chama exposta. Tudo parecia estar prestes a desmoronar a qualquer momento, encharcando com venenos mortais e borbulhantes quem tivesse a infelicidade de estar por perto.

O adepto químico foi remexendo no meio da bagunça como uma toupeira em sua toca.

– Ora, ora – murmurou consigo mesmo, puxando a barba com uma de suas

mãos –, os pós explosivos estão em algum lugar aqui...

Glokta foi mancando pela sala atrás dele, olhando com desconfiança a confusão de tubos que cobria cada superfície. Franziu o nariz. Havia um cheiro acre e repulsivo naquele lugar.

– Aqui está! – grasnou o adepto, brandindo uma jarra empoeirada com grânulos pretos até a metade.

Ele abriu espaço numa bancada, fazendo chacoalharem e tilintarem os vidros e metais com um empurrão de seu braço carnudo.

– Essa coisa é tremendamente rara, sabe, inquisidor? Tremendamente rara!

Ele tirou a tampa e derramou uma linha de pó preto na bancada de madeira.

– Poucos homens tiveram a felicidade de vê-la em ação! Pouquíssimos! E o senhor está prestes a se tornar um deles!

Glokta deu um passo atrás, cauteloso, tendo ainda fresco no pensamento o tamanho do buraco na parede da Torre das Correntes.

– Estamos seguros a essa distância?

– Sem dúvida – murmurou Saurizin, segurando cautelosamente uma vela acesa e encostando-a numa das extremidades da linha de pó. – Não há perigo nenh...

Houve um estalo agudo e uma chuva de fagulhas brancas. O adepto químico saltou para trás, quase trombando em Glokta e derrubando a vela acesa no chão. Outro estalo, mais alto. Mais fagulhas. Uma fumaça fétida começou a encher o laboratório. Houve um clarão intenso, um estalo forte, um chiado fraco e só.

Saurizin balançou a manga comprida de seu manto diante do rosto, tentando afastar a fumaça densa que agora eclipsara toda a sala.

– Impressionante, não é, inquisidor? – perguntou ele, antes de se dissolver num ataque de tosse.

Na verdade, não. Glokta apagou a vela ainda acesa com a bota e atravessou a fumaça na direção da bancada. Empurrou uma quantidade de cinzas com a lateral da mão. Havia uma queimadura comprida e negra na superfície da madeira, porém nada mais. A fumaça fedorenta era na verdade o efeito mais impressionante e já se grudava no fundo da garganta de Glokta.

– Certamente produz muita fumaça – grasnou ele.

– Produz – tossiu o adepto com orgulho. – E fede que só.

Glokta olhou para a mancha na bancada.

– Se tivéssemos uma quantidade suficiente desse pó, ele poderia ser usado para abrir um buraco numa parede?

– Possivelmente... Se pudéssemos acumular uma quantidade suficientemente grande, quem sabe o que poderia ser feito? Pelo que sei, ninguém jamais tentou.

– Uma parede, digamos, de 1,20 metro de espessura?

O adepto franziu a testa.

– Talvez, mas o senhor precisaria de barris desta coisa! Barris! Não existe tanto assim em toda a União e o custo, mesmo que isso pudesse ser encontrado, seria colossal! Por favor, entenda, inquisidor, que os componentes são trazidos do distante sul de Kanta e são raros mesmo lá. Eu ficaria feliz em examinar a possibilidade, claro, mas precisaria de verbas consideráveis...

– Obrigado de novo por seu tempo.

Glokta se virou e começou a mancar na direção da porta, atravessando a fumaça que ia rareando.

– Recentemente fiz progressos significativos com ácidos! – gritou o adepto, a voz esganiçada. – O senhor realmente deveria vê-los, também! – disse e inspirou, trêmulo. – Diga ao arquileitor... progresso significativo!

Em seguida, o adepto se desfez em outro ataque de tosse e Glokta bateu a porta ao sair.

Uma perda de tempo. Nosso Bayaz não poderia ter levado barris desse pó para aquela sala. E, de qualquer modo, provocaria fumaça de mais e qual seria o tamanho do fedor? Perda de tempo.

O administrador Silber espreitava no corredor do lado de fora.

– Há alguma outra coisa que possamos mostrar, inquisidor?

Glokta parou um momento.

– Alguém aqui conhece qualquer coisa sobre magia?

Os músculos do maxilar do administrador se contraíram.

– É uma piada, claro. Talvez...

– Magia, foi o que eu disse.

Silber estreitou os olhos.

– O senhor deve entender que somos uma instituição científica. A prática da suposta magia seria bastante... inadequada.

Glokta franziu a testa para o sujeito. *Não estou pedindo para mostrar uma varinha, seu idiota.*

– Segundo um ponto de vista histórico – disse rispidamente. – Os magos, e assim por diante. Bayaz!

– Ah, segundo um ponto de vista histórico, sei.

O rosto tenso de Silber relaxou ligeiramente.

– Nossa biblioteca contém uma vasta gama de textos antigos, alguns datados do período em que a magia era considerada... menos notável.

– Quem poderia me ajudar?

O administrador levantou as sobrancelhas.

– Infelizmente o adepto histórico é... ah... uma espécie de relíquia.

– Eu preciso falar, não esgrimir com ele.

– Claro, inquisidor, por aqui.

Glokta segurou a maçaneta de uma porta de aparência antiquíssima, cravejada de rebites pretos, e começou a virá-la. Sentiu Silber segurar seu braço.

– Não! – disse ele com rispidez, levando Glokta por um corredor ao lado. – Os textos estão lá embaixo.

O adepto histórico parecia mesmo fazer parte da própria história. Seu rosto era uma máscara de pele frouxa e enrugada, quase transparente. Fios esparsos, brancos como a neve, se projetavam desgrenhados da cabeça. Havia apenas um quarto dos que deveriam existir, mas cada um era quatro vezes mais comprido do que seria de se esperar. Suas sobrancelhas eram ralas, mas brotavam com um comprimento impressionante em todas as direções, como bigodes de gato. A boca era frouxa, fraca e desdentada, as mãos, luvas murchas, vários números maiores do que o normal. Só os olhos mostravam qualquer traço de vida, espiando Glokta e o administrador que se aproximavam.

– Visitas, é? – grasnou o velho, aparentemente falando com um grande corvo preto empoleirado em sua mesa.

– Este é o inquisidor Glokta! – berrou o administrador, inclinando-se para o ouvido do velho.

– Glokta?

– A mando do arquileitor!

– É?

O adepto histórico estreitou os olhos velhíssimos.

– Ele é meio surdo – murmurou Silber. – Mas ninguém conhece mais estes livros do que ele – garantiu e, em seguida, pensou melhor, espiando as pilhas intermináveis em volta, que desapareciam na penumbra. – Ninguém mais conhece estes livros.

– Obrigado – disse Glokta.

O administrador assentiu e foi para a escada. Glokta deu um passo na direção do velho e o corvo saltou da mesa voando desajeitado, espalhando penas, batendo as asas feito louco junto ao teto. Glokta recuou mancando dolorosamente. *Eu tinha certeza de que essa porcaria era empalhada.* Olhou-o bastante desconfiado até que ele parou ruidosamente em cima de uma prateleira e ficou empoleirado, imóvel, espiando-o com seus pequenos olhos amarelos.

Glokta puxou uma cadeira e se deixou cair nela.

– Preciso saber sobre Bayaz.

– Bayaz – murmurou o velho adepto. – A primeira letra do alfabeto na língua antiga, claro.

– Eu não sabia disso.

– O mundo está transbordando de coisas que você não sabe, meu jovem.

O pássaro soltou um grasnido súbito e áspero, horrivelmente alto no silêncio poeirento das pilhas de livros.

– Transbordando – repetiu o velho.

– Então vamos começar meus estudos. É sobre o homem Bayaz que preciso saber. O Primeiro dos Magos.

– Bayaz. O nome que o grande Juvens deu ao seu primeiro aprendiz. Uma letra, um nome. Primeiro aprendiz, primeira letra do alfabeto, entendeu?

– Estou tentando acompanhar. Ele existiu mesmo?

O velho retorceu o rosto numa careta.

– Inquestionavelmente. Você não teve um tutor quando era jovem?

– Tive, infelizmente.

– Ele não lhe ensinou história?

– Tentou, mas minha mente estava na esgrima e nas garotas.

– Ah. Eu perdi o interesse por essas coisas há muito tempo.

– Eu também. Vamos retornar a Bayaz.

O velho suspirou.

– Há muitos anos, antes de haver uma União, a Terra do Meio era formada por diversos pequenos reinos, que frequentemente estavam em guerra uns com os outros, ascendendo e caindo com o passar dos anos. Um desses reinos era governado por um homem chamado Harod, que mais tarde viria a se tornar Harod, o Grande. Presumo que já tenha ouvido falar nele.

– Claro.

– Bayaz foi à sala do trono de Harod e prometeu torná-lo rei de toda a Terra do Meio se ele fizesse o que o mago dizia. Harod, sendo jovem e teimoso, não acreditou, mas Bayaz quebrou a mesa comprida com sua Arte.

– Magia, é?

– É o que diz a história. Harod ficou impressionado...

– O que é compreensível.

–... e concordou em aceitar o conselho do mago...

– Que foi...?

– Construir a capital aqui, em Adua. Estabelecer a paz com certos vizinhos, guerrear com outros, e quando e como fazer isso.

O velho estreitou os olhos para Glokta.

– Quem está contando essa história sou eu ou é você? – perguntou o adepto histórico.

– Você. – *E está demorando um bocado.*

– Bayaz cumpriu a palavra. Com o tempo, a Terra do Meio foi unificada,

Harod se tornou o Rei Supremo e a União nasceu.

– E depois?

– Bayaz serviu como principal conselheiro de Harod. Nossas leis e estatutos, a própria estrutura de nosso governo, supostamente seriam criações dele, que mudaram pouco desde aqueles dias antigos. Ele estabeleceu os Conselhos, o Fechado e o Aberto, formou a Inquisição. Quando Harod morreu, ele partiu da União, prometendo retornar um dia.

– Sei. Quanto disso você acha que é verdade?

– É difícil dizer. Mago? Feiticeiro? Mágico? – disse o velho e olhou a chama tremeluzente. – Para um selvagem, essa vela pode ser mágica. O limite entre magia e truque é bem tênue, não é? Mas que esse tal de Bayaz era um sujeito inteligente, isso é fato.

Isso tudo é inútil.

– E antes?

– Antes de quê?

– Antes da União. Antes de Harod.

O velho deu de ombros.

– Manter registros não era prioridade na idade das trevas. O mundo inteiro estava no caos depois da guerra entre Juvens e seu irmão Kanedias...

– Kanedias? O Mestre Artífice?

– É.

Kanedias. Ele me encara das paredes de minha pequena sala no porão da charmosa casa de Severard. Juvens morto, seus onze aprendizes, os magos, marchando para vingá-lo. Conheço essa história.

– Kanedias – murmurou Glokta, tendo a imagem sombria com as chamas ao fundo aparecendo clara em sua mente. – O Mestre Artífice. Ele foi real?

– É difícil dizer. Ele está no terreno entre o mito e a história, suponho. Provavelmente há algo de verdade nisso. Alguém deve ter construído aquela porcaria de torre enorme, não é?

– Torre?

– A Casa do Artífice! – explicou o velho e fez um gesto indicando a sala ao redor. – E dizem que ele construiu isto também.

– O quê, esta biblioteca?

O velho gargalhou.

– Todo o Agriont, ou pelo menos a rocha em que ele se ergue. A Universidade também. Ele a construiu, nomeou os primeiros adeptos para ajudá-lo em suas obras, quaisquer que fossem, para investigar a natureza das coisas. Aqui somos os discípulos do Artífice, sim, mas duvido que alguém lá em cima saiba disso. Ele se foi mas a obra continua, não é?

– De certa forma. Para onde ele foi?
– Ah. Morreu. Seu amigo Bayaz o matou.
Glokta levantou uma sobrancelha.
– Verdade?
– É o que diz a história. Você não leu *A queda do Mestre Artífice?*
– Aquele lixo? Achei que fosse tudo invenção.
– E é. Uma bobagem sensacionalista, mas baseada em escritos da época.
– Escritos? Essas coisas sobrevivem?
O velho estreitou os olhos.
– Algumas.
– Algumas? Você tem os textos aqui?
– Um em particular.
Glokta encarou o velho.
– Traga-o para mim.

O documento antigo estalou quando o adepto histórico o desenrolou sobre a mesa. O pergaminho estava amarelo e amarrotado, com as bordas irregulares devido à idade, coberto por uma escrita densa: caracteres estranhos, absolutamente ininteligíveis aos olhos de Glokta.
– Está escrito em que idioma?
– Na língua antiga. Poucos são capazes de lê-la hoje em dia.
O velho apontou para a primeira linha.
– Um relato da queda de Kanedias, diz aqui, o terceiro de três.
– Terceiro de três?
– De três rolos de pergaminho, presumo.
– Onde estão os outros dois?
– Foram perdidos.
– Ah.
Glokta olhou para a interminável escuridão das pilhas de textos. *É um espanto que alguma coisa possa ser encontrada aqui.*
– O que diz este aqui?
O velho bibliotecário examinou a escrita estranha, mal iluminada pela única vela bruxuleante, com o indicador trêmulo percorrendo o pergaminho e os lábios movendo-se em silêncio.
– Grande era a fúria deles.
– O quê?
– É como começa. Grande era a fúria deles – começou a ler devagar. – Os magos perseguiram Kanedias, tendo seus fiéis à frente. Derrubaram sua

fortaleza, deixando arruinadas suas construções e matando seus serviçais. O próprio Artífice, muito ferido na batalha contra seu irmão Juvens, refugiou-se em sua casa.

O velho desenrolou mais um pouco do pergaminho.

– Por doze dias e doze noites os magos lançaram sua ira contra os portões, mas não conseguiram deformá-los. Então Bayaz encontrou um modo de entrar...

O adepto balançou a mão sobre o pergaminho, frustrado. A umidade, ou alguma coisa, havia borrado os caracteres na próxima seção.

– Não consigo decifrar isso... Algo sobre a filha do Artífice?

– Tem certeza?

– Não! – reagiu com rispidez o velho. – Está faltando uma seção inteira!

– Ignore-a, então! Qual é a próxima coisa da qual pode ter certeza?

– Bom, vejamos... Bayaz o seguiu até o topo da construção e o jogou de lá – disse o velho e pigarreou ruidosamente antes de prosseguir: – O Artífice caiu pegando fogo sobre a ponte. Os magos procuraram a Semente em todo lugar, mas não a encontraram.

– Semente? – perguntou Glokta, perplexo.

– É o que está escrito.

– Que diabos isso significa?

O velho se afrouxou de novo na cadeira, evidentemente gostando daquela rara oportunidade de apresentar sua área de especialização.

– O fim da era dos mitos, o início da era da razão. Bayaz, os magos, representam a ordem. O Artífice é uma figura parecida com deus: superstição, ignorância, não sei. Deve haver alguma verdade nele. Afinal de contas, alguém construiu aquela porcaria de torre enorme.

E ele resfolegou com uma gargalhada.

Glokta não se incomodou em observar que o adepto fizera aquela mesma piada alguns minutos antes. *E naquela ocasião não foi engraçada. Repetir-se: a maldição dos velhos.*

– E essa tal Semente?

– Magia, segredos, poder? É tudo uma metáfora.

Não impressionarei o arquileitor com metáforas. Sobretudo com metáforas ruins.

– Não há mais nada?

– Ele continua um pouco, vejamos – falou o velho e olhou de novo para os símbolos. – Ele se partiu na ponte, eles procuraram a Semente...

– Sim, sim.

– Paciência, inquisidor – repreendeu-o o adepto, e então seu dedo enrugado acompanhou os caracteres para ler: – Eles lacraram a Casa do Artífice.

Enterraram os mortos, entre eles Kanedias e sua filha. E só.

O adepto espiou a página, com o dedo pairando acima das últimas letras.

– E Bayaz pegou a chave. Só isso.

As sobrancelhas de Glokta subiram.

– O quê? O que foi essa última parte?

– Eles lacraram o portão, enterraram os mortos e Bayaz pegou a chave.

– A chave? A chave da Casa do Artífice?

O adepto histórico estreitou os olhos encarando a página.

– É o que diz.

Não há chave. Aquela torre está lacrada há séculos, todo mundo sabe. Nosso impostor não terá nenhuma chave, isso é certo. Lentamente Glokta começou a sorrir. *É pouca coisa, muito pouca, mas com o cenário certo, a ênfase correta, pode bastar. O arquileitor ficará satisfeito.*

– Vou levar isto.

Glokta puxou o pergaminho antigo e começou a enrolá-lo.

– O quê? – fez o adepto, arregalando os olhos de horror. – Você não pode!

O velho cambaleou, levantando-se da cadeira, mais dolorosamente ainda do que Glokta faria. Seu corvo se levantou junto, batendo as asas perto do teto e grasnando de fúria, mas Glokta ignorou ambos.

– Não pode levar isso! É insubstituível – chiou o velho, tentando agarrar o pergaminho, mas impotente.

Glokta abriu os braços.

– Tente me impedir! Por que não me impede? Eu gostaria de ver! Pode imaginar? Nós, dois aleijados, debatendo-se em meio às pilhas de livros com um pássaro soltando cocô em cima de nós, puxando esse pedaço de papel para um lado e para o outro? – zombou, rindo. – Não seria muito digno, seria?

Exausto pelos esforços lamentáveis, o adepto histórico se deixou cair de volta na cadeira, ofegando.

– Ninguém se importa mais com o passado – sussurrou. – Eles não veem que não é possível ter futuro sem um passado.

Que profundo! Glokta enfiou o pergaminho enrolado dentro do casaco e se virou para sair.

– Quem vai cuidar do passado quando eu partir?

– Quem se importa? – perguntou Glokta indo para a escada. – Desde que não seja eu.

Os notáveis talentos do irmão Pé Comprido

Os aplausos haviam acordado Logen todas as manhãs, durante uma semana. Começavam cedo, arrancando-o do sono, ruidosos como uma batalha próxima. Ele chegara a acreditar que fosse uma batalha quando os escutou pela primeira vez, mas agora sabia que era simplesmente a porcaria do esporte idiota deles. Fechar a janela trazia algum alívio quanto ao barulho, mas logo o calor ficava insuportável. Era dormir um pouco ou não dormir nada. Por isso deixava a janela aberta.

Esfregou os olhos, xingando, e se levantou da cama. Outro dia quente e tedioso na Cidade das Torres Brancas. Na estrada, no ermo, ele ficava alerta assim que seus olhos se abriam, mas aqui as coisas eram diferentes. O tédio e o calor estavam deixando-o lento e preguiçoso. Cambaleou até a sala de estar, dando um bocejo enorme e esfregando o queixo com uma das mãos. Parou.

Havia alguém ali, um estranho. Parado junto à janela, banhado em luz do sol com as mãos cruzadas atrás do corpo. Era um homem pequeno e magro, com o cabelo cortado rente ao crânio encalombado e usando roupas estranhas, gastas pela viagem – um tecido desbotado, largo, enrolado várias vezes no corpo.

Antes que Logen tivesse chance de falar, o homem se virou e saltou com agilidade para perto dele.

– E você é...? – quis saber o visitante.

Seu rosto sorridente era muito bronzeado e curtido pelo tempo, como o couro gasto de um par de botas bastante usado. Isso tornava impossível adivinhar sua

idade. Poderia estar em qualquer ponto entre os 25 e os 50 anos.

– Nove Dedos – murmurou Logen, dando um passo cauteloso atrás, na direção da parede.

– Nove Dedos, sim.

O homenzinho se adiantou e segurou a mão de Logen com as suas duas, apertando-a com força.

– É uma honra e um privilégio profundíssimo conhecê-lo – disse, fechando os olhos e baixando a cabeça.

– Já ouviu falar de mim?

– Infelizmente, não, mas todas as criaturas de Deus são dignas do respeito mais profundo – explicou e baixou a cabeça de novo. – Sou o irmão Pé Comprido, viajante da ilustre ordem dos Navegadores. Há poucas terras sob o sol que meus pés não pisaram.

Ele apontou para as botas muito gastas e abriu os braços.

– Das montanhas de Thond aos desertos de Shamir, das planícies do Antigo Império às águas prateadas das Mil Ilhas, o mundo inteiro é meu lar! Verdade!

Ele falava bem a língua do Norte, talvez melhor do que o próprio Logen.

– E o Norte também?

– Fiz uma visita breve na juventude. Achei o clima um tanto duro.

– Você fala muito bem a língua.

– Há poucas línguas que eu, o irmão Pé Comprido, não sei falar. Aprendo-as sem esforço, mas esse é apenas um dos meus muitos talentos notáveis.

O sujeito riu de orelha a orelha.

– Deus realmente me abençoou – concluiu.

Logen imaginou se aquilo seria uma brincadeira.

– O que o traz aqui? – pergutou Nove Dedos.

– Fui chamado! – respondeu, com seus olhos escuros reluzindo.

– Foi chamado?

– Fui! Por Bayaz, o Primeiro dos Magos! Fui mandado e vim! Este é o meu feitio! Houve uma contribuição generosíssima aos cofres da ordem em troca dos meus talentos notáveis, mas eu viria mesmo sem isso. De fato. Sem isso!

– Verdade?

– De fato!

O homenzinho se afastou e começou a andar pela sala num ritmo fantástico, esfregando as mãos.

– O desafio deste trabalho calou fundo tanto no orgulho da ordem quanto na sua bem documentada cobiça! E fui eu! Eu fui o escolhido, dentre todos os navegadores no Círculo do Mundo, para essa tarefa! Eu, o irmão Pé Comprido! Eu, e não outro! Quem, na minha situação, resistiria a um desafio assim?

Ele parou diante de Logen e o olhou cheio de expectativa, como se esperasse uma resposta.

– É...

– Eu, não! – gritou Pé Comprido, partindo em outro circuito pela sala. – Não resisti! Por que resistiria? Não seria do meu feitio! Fazer uma viagem à borda do Mundo? Que história isso renderá! Que inspiração para os outros! Que...

– A borda do Mundo? – perguntou Logen, desconfiado.

– Eu sei! – disse o estranho e lhe deu um tapa no braço. – Estamos igualmente empolgados!

– Este deve ser o nosso navegador! – falou Bayaz, surgindo de seu quarto.

– Sou, sim. Irmão Pé Comprido, ao seu dispor. E presumo que o senhor seja ninguém menos do que meu ilustre patrão, Bayaz, o Primeiro dos Magos.

– Isso mesmo.

– É uma honra e um privilégio profundíssimo conhecê-lo! – exclamou Pé Comprido, dando um passo à frente e segurando o mago pela mão.

– Igualmente. Espero que sua viagem tenha sido agradável.

– As viagens são sempre agradáveis para mim! Sempre! É o tempo entre elas que acho difícil. De fato!

Bayaz franziu a testa para Logen, que só pôde encolher os ombros.

– Posso perguntar quanto tempo falta para começarmos nossa jornada? Estou ansioso para embarcar!

– Logo, assim espero, o último membro de nossa expedição chegará. Teremos de alugar um navio.

– Claro! Será meu prazer particular fazer isso! O que deverei dizer ao capitão sobre nosso rumo?

– Vamos para oeste, atravessando o mar do Círculo, até Stariska, depois para Calcis, no Antigo Império.

O homenzinho sorriu e fez uma reverência profunda.

– Você aprova? – perguntou Bayaz.

– Aprovo, mas hoje em dia os navios raramente vão até Calcis. As guerras intermináveis do Antigo Império tornaram aquelas águas perigosas. Infelizmente a pirataria predomina. Pode ser difícil encontrar um capitão disposto a fazer o trajeto.

– Isto deve ajudar.

Bayaz jogou sua bolsa sempre volumosa sobre a mesa.

– Deve mesmo.

– Assegure-se de que o navio seja rápido. Assim que estivermos prontos, não quero desperdiçar nem um dia.

– Pode contar com isso – disse o navegador, sopesando a bolsa cheia de

moedas. – Navegar em embarcações lentas não é do meu feitio! Não! Encontrarei para o senhor o navio mais rápido de Adua! Sim! Ele voará como o hálito de Deus! Saltará sobre as águas como...

– Simplesmente rápido vai servir.

O homenzinho inclinou a cabeça.

– E quando será a partida?

– Em menos de um mês – respondeu Bayaz e depois se virou para Logen: – Por que não vai com ele?

– Hein?

– Sim! – gritou o navegador. – Vamos juntos!

Então agarrou Logen pelo cotovelo e começou a puxá-lo para a porta.

– Quero algum troco, irmão Pé Comprido! – gritou Bayaz.

O navegador se virou junto à porta.

– Haverá troco, pode contar com isso. Tenho bom olho para avaliar, uma queda por regatear, um objetivo implacável ao negociar! Estes são apenas três – e ele deu um sorriso largo – dos meus talentos notáveis!

– É um lugar fabuloso, esta Adua. Verdade. Poucas cidades conseguem se igualar. Shaffa talvez seja maior, mas é muito empoeirada. Ninguém pode negar que Westport e Dagoska têm suas paisagens. Alguns acham que Ospria, com suas encostas de montanhas, é a cidade mais linda do mundo, mas devo dizer que o coração do irmão Pé Comprido pertence à grande Talins. Já esteve lá, mestre Nove Dedos, já viu aquele nobre povoamento?

– Eh...

Logen estava ocupado tentando acompanhar o homenzinho, desviando-se do fluxo interminável de pessoas.

Pé Comprido parou tão de repente que Logen quase trombou nele. O navegador se virou, as mãos levantadas, uma expressão distante no olhar.

– Talins ao crepúsculo, vista do oceano! Testemunhei muitas coisas notáveis, acredite, mas declaro que é a visão mais linda de todo o mundo. O modo como o sol brilha nas miríades de canais, nas cúpulas reluzentes da cidadela do grão-duque, nos graciosos palácios dos príncipes mercadores! E onde termina o mar brilhante e onde começa a cidade brilhante? Ah! Talins!

Ele se virou e partiu de novo, com Logen correndo atrás.

– Mas esta Adua é um lugar belo, certamente, e cresce a cada ano. As coisas mudaram muito aqui desde minha última visita, mudaram mesmo. Antigamente havia apenas nobres e plebeus. Os nobres eram donos das terras, por isso tinham dinheiro e, portanto, poder. Rá. É simples, vê?

– Bom...

Logen estava tendo dificuldade para ver muito além das costas de Pé Comprido.

– Mas agora eles têm o comércio, muito comércio. Mercadores, banqueiros e tudo mais. Em toda parte. Exércitos deles. Agora os plebeus podem ser ricos, está vendo? E um plebeu rico tem poder. Nesse ponto ele é plebeu ou nobre? Ou é outra coisa? Rá. De repente ficou muito complicado, não é?

– Bom...

– Riqueza de mais. Dinheiro de mais. Mas pobreza de mais, também, não é? Tantos mendigos, tantos pobres! Não é saudável ter gente tão rica e tão pobre junta, mas mesmo assim é um ótimo lugar e está sempre crescendo.

– Acho apinhado demais – murmurou Logen quando um ombro lhe deu um encontrão. – E quente demais.

– Ora! Apinhado? Você chama isso de apinhado? Você deveria ver o grande templo em Shaffa durante as orações da manhã! Ou a grande praça diante do palácio do imperador quando novos escravos estão sendo leiloados! E quente? Você chama isso de quente? Em Ul-Saffayn, no extremo sul de Gurkhul, fica tão quente nos meses de verão que é possível cozinhar um ovo na soleira da porta. Verdade! Por aqui.

Ele se desviou da multidão e seguiu para uma rua lateral estreita.

– Por aqui é mais rápido!

Logen o pegou pelo braço.

– Por aqui? – questionou, examinando a penumbra. – Tem certeza?

– Você duvida? – perguntou Pé Comprido, de súbito horrorizado. – Será que você duvida? De todos os meus talentos notáveis, minha capacidade de orientação é o principal! É por esse talento, acima de todos, que o Primeiro dos Magos fez uma contribuição tão generosa para os cofres da ordem! Será que você... mas espere.

Ele estendeu a mão e começou a sorrir de novo, depois cutucou o peito de Logen com o indicador.

– *Você* não conhece o irmão Pé Comprido. Ainda não. Está alerta e cauteloso, eu vejo, são belas qualidades, no lugar devido. Não posso esperar que você tenha *minha* fé inabalável nas minhas capacidades! Não! Não seria justo. A injustiça não é uma qualidade admirável. Não! A injustiça não é do meu feitio.

– Quero dizer...

– Vou convencê-lo! – gritou Pé Comprido. – Vou mesmo! Você passará a confiar na minha palavra ainda mais do que na sua! Sim! Este caminho é o mais rápido!

E ele seguiu pelo beco sujo com velocidade notável, enquanto Logen lutava

para acompanhá-lo, mesmo com suas pernas sendo uns bons 15 centímetros mais longas que as do navegador.

– Ah, as ruas secundárias! – gritou Pé Comprido por cima do ombro conforme passavam por becos sombrios e sujos, com construções ainda mais espremidas. – As ruas secundárias, hein?

Os becos ficaram mais estreitos, mais escuros e mais sujos ainda. O homenzinho virava à esquerda e à direita, jamais parando ao menos um instante para avaliar o caminho.

– Está sentindo o cheiro disso? Sentiu o cheiro daquilo, mestre Nove Dedos? Tem cheiro de... – e esfregou a ponta dos polegares com a dos indicadores, procurando as palavras –... mistério! Aventura!

Para Logen, tinha cheiro de merda. Havia um homem caído de cara na sarjeta, talvez bêbado, talvez morto. Outros homens passavam, mancando e maltrapilhos, ou ficavam parados em grupos ameaçadores junto às portas, passando garrafas de uns para os outros. Ali também havia mulheres.

– Por quatro marcos eu lhe dou uma bênção, nórdico! – gritou uma delas para Logen. – Uma bênção que você não vai esquecer tão cedo! Três, então!

– Prostitutas – sussurrou Pé Comprido, balançando a cabeça. – E baratas. Você gosta de mulheres?

– Bom...

– Deveria ir a Ul-Nahb, amigo! Ul-Nahb, no litoral do mar do Sul! Lá você poderia comprar uma escrava de cama. Poderia mesmo! Elas custam uma fortuna, mas aquelas garotas são treinadas durante anos!

– É possível comprar uma garota? – perguntou Logen, pasmo.

– Garotos também, se for do seu gosto.

– Hein?

– Eles são treinados durante anos, verdade. Há toda uma indústria por lá. Quer habilidades, quer? Aquelas garotas têm habilidades em que você não acreditaria! Ou visite Sipani! Há lugares naquela cidade... ufa! As mulheres são lindas, são todas lindas! Verdade! Como princesas! E limpas – murmurou ele, espiando uma das mulheres imundas junto à rua.

Um pouco de sujeira não incomodava Logen nem um pouco. Hábeis e lindas parecia muito complicado para ele. Uma jovem atraiu seu olhar enquanto caminhavam, encostada num portal com um dos braços levantado. Olhando-os passar com um meio sorriso. Logen a achou bonita, de um modo desesperado. Mais bonita do que ele, pelo menos. Fazia muito tempo... É preciso ser realista com essas coisas.

Logen parou na rua.

– Bayaz queria troco? – murmurou ele.

– Queria. Foi muito claro quanto a isso.

– Então há dinheiro de sobra?

Pé Comprido ergueu uma sobrancelha.

– Bom, talvez, deixe-me ver...

Ele tirou a bolsa com um floreio e a abriu, remexendo dentro. Houve um tilintar alto de moedas.

– Acha que é boa ideia? – perguntou Logen, olhando com nervosismo para um lado e outro da rua e notando que vários rostos haviam se virado para eles.

– O quê? – perguntou o navegador, ainda remexendo na bolsa.

Tirou algumas moedas, levantando-as à luz e espiando-as, depois colocou-as na mão de Logen.

– A sutileza não é um dos seus talentos, é?

Alguns dos homens maltrapilhos no beco começaram a se mover lenta e curiosamente na direção deles, dois vindo pela frente, um por trás.

– Não mesmo! – riu Pé Comprido. – Não mesmo! Sou um homem de fala direta, este é o meu feitio! É mesmo! Sou um... ah.

Ele havia notado as figuras sombrias indo na direção deles.

– Ah. Isso é uma infelicidade. Epa!

– Você se importa se nós...

Logen estava falando com a garota, mas ela fechou a porta na cara dele. Outras portas começaram a se fechar de um lado e de outro na rua.

– Merda – disse ele. – Como você é numa luta?

– Deus achou adequado me abençoar com muitos talentos notáveis – murmurou o navegador. – Mas o combate não é um deles.

– Essa é uma bolsa grande para um homem pequeno – disse ele ao se aproximar.

– Bom, é... – murmurou Pé Comprido, esgueirando-se atrás do ombro de Logen.

– Uma carga pesada demais para alguém desse tamanho – disse outro.

– Por que não nos deixa ajudar com isso?

Nenhum deles estava com armas preparadas, mas, pelo modo como as mãos se moviam, Logen notou que elas existiam. Havia um terceiro homem atrás dele, dava para sentir sua aproximação. Perto. Mais perto do que os outros dois. Se pudesse cuidar desse primeiro, o de trás, suas chances talvez fossem boas. Não podia se arriscar a olhar, porque isso estragaria a surpresa. Teria simplesmente de esperar pelo melhor. Como sempre.

Logen trincou os dentes e lançou o cotovelo para trás. Acertou o sujeito no queixo, causando um estalo, e agarrou o pulso dele com a outra mão, o que foi sua sorte, porque o sujeito tinha uma faca preparada. Logen o acertou de novo

com o cotovelo, na boca, e arrancou a faca de sua mão frouxa enquanto o homem caía na rua, batendo a cabeça nas pedras sujas. Girou, meio esperando ser esfaqueado nas costas, mas os outros dois não tinham sido tão rápidos. Possuíam facas e um deles dera meio passo em sua direção, no entanto parou ao ver que Logen também tinha uma e estava pronto para lutar.

Era uma arma frágil, 15 centímetros de ferro enferrujado, sem nem mesmo uma proteção entre o cabo e a lâmina, mas era melhor do que nada. Muito melhor. Logen a balançou no ar, diante do corpo, só para garantir que todos a vissem. A sensação foi boa. Suas chances haviam melhorado muito.

– Certo, então – disse. – Quem é o próximo?

Os outros dois se separaram, tentando ir para os dois lados dele, sopesando as facas nas mãos, mas não pareciam com muita pressa de atacar.

– Podemos pegá-lo! – sussurrou o do olho torto, mas seu amigo não parecia ter tanta certeza.

– Ou vocês podem ter isto – e Logen abriu a mão, mostrando as moedas que Pé Comprido lhe dera – e nos deixar em paz. Disto eu posso abrir mão.

Ele girou a faca mais um pouco, só para dar algum peso às palavras.

– É isto que vocês valem para mim, só isto, não mais. O que vai ser?

O do olho ruim cuspiu no chão.

– Nós podemos pegá-lo! – sibilou de novo. – Vá primeiro!

– Vai você, porra! – gritou o outro.

– Aceitem o que estou oferecendo – disse Logen. – E nenhum de nós terá de atacar ninguém.

O homem que ele havia acertado com o cotovelo gemeu e rolou no chão. A lembrança de qual poderia ser seu destino pareceu fazer os outros decidirem.

– Certo, sua porra desgraçada do Norte, certo, vamos aceitar!

Logen riu. Pensou em jogar as moedas para o do olho franzido e esfaqueá-lo quando ele se distraísse. Era o que faria na juventude, mas decidiu que não. Por que se incomodar? Em vez disso, abriu os dedos e jogou o dinheiro na rua, atrás de si, e se moveu na direção da parede mais próxima. Ele e os dois ladrões foram girando cautelosamente, cada passo levando os outros mais para perto das moedas e ele mais para perto de escapar. Logo tinham trocado de posição e Logen recuou pela rua, ainda segurando a faca diante do corpo. Quando estavam a dez passos de distância, os dois homens se agacharam e começaram a catar as moedas no chão.

– Ainda estou vivo – sussurrou Logen consigo mesmo enquanto acelerava o passo.

Tinha sido sorte, ele sabia. Quem acha que uma luta é insignificante demais para levar à morte é um idiota, por mais valente que seja. Fora sorte ele acertar o

de trás. Fora sorte os outros dois serem tão lentos. Mas ele sempre tivera sorte nas lutas. Tivera sorte em sair delas vivo. Não tinha tanta sorte quanto a entrar nelas. Mesmo assim, se sentiu bem com o trabalho do dia. Feliz por não ter matado ninguém.

Logen sentiu uma mão bater em suas costas e girou, a faca preparada.

– Sou apenas eu!

O irmão Pé Comprido levantou as mãos. Logen quase havia se esquecido da presença do navegador. O sujeito devia ter ficado atrás dele o tempo todo, em silêncio total.

– Muito bem, mestre Nove Dedos, muito bem! Verdade! Vejo que você não é desprovido de talentos, também! Estou ansioso para viajar com você, estou mesmo! As docas ficam por aqui! – gritou, já se afastando.

Logen olhou uma última vez para os dois homens, mas eles ainda estavam remexendo no chão, por isso jogou fora a faca e se apressou para alcançar Pé Comprido.

– Vocês, navegadores, nunca lutam?

– Alguns de nós lutam, ah, sim, com mãos vazias ou armas de todo tipo. Alguns são tremendamente mortais, mas não eu. Não. Esse não é o meu feitio.

– Nunca?

– Nunca. Minhas habilidades são outras.

– Imagino que suas viagens o levem a muitos perigos.

– Levam – disse Pé Comprido, animado. – Levam mesmo. É aí que meu notável talento para me esconder é mais útil.

Gente como ela luta contra tudo

NOITE. FRIO. O vento salgado era cortante no topo do morro e as roupas de Ferro era finas e estavam rasgadas. Ela passou os braços em torno do corpo e encolheu os ombros, olhando azedamente para o mar. Dagoska era uma nuvem de pontos de luz a distância, aninhada ao redor da rocha íngreme entre a grande baía curva e o oceano reluzente. Seus olhos podiam vislumbrar as formas vagas, minúsculas, de muros e torres, negras contra o céu escuro, e a fina língua de terra seca que ligava a cidade ao continente. Uma ilha, quase. Havia fogueiras entre eles e Dagoska. Acampamentos junto às estradas. Muitos acampamentos.

– Dagoska – sussurrou Yulwei, empoleirado numa pedra ao lado dela. – Uma pequena lasca da União, enfiada em Gurkhul como um espinho. Um espinho no orgulho do imperador.

– Hã – grunhiu Ferro, encolhendo os ombros ainda mais.

– A cidade é vigiada. Muitos soldados. Mais do que nunca. Pode ser difícil enganar tantos.

– Talvez a gente devesse voltar – murmurou ela, esperançosa.

O velho a ignorou.

– *Eles* também estão aqui. Mais de um.

– Comedores?

– Devo chegar mais perto. Encontrar um modo de entrar. Espere aqui.

Ele fez uma pausa, esperando a resposta.

– Você espera?

– Tudo bem! – sibilou ela. – Tudo bem, eu espero!

Yulwei deslizou de sua pedra e foi descendo pela encosta, pisando na terra macia, quase invisível no negrume. Quando o som de suas pulseiras havia sumido na noite, ela virou as costas para a cidade, respirou fundo e desceu depressa a encosta em direção ao sul, de volta para Gurkhul.

Ferro era boa em correr. Rápida como o vento, por horas a fio. Tinha passado muito tempo correndo. Quando chegou à base do morro, correu, os pés voando no terreno aberto, a respiração rápida e feroz. Ouviu água mais adiante, escorregou por uma margem e espadanou na parte rasa de um rio lento. Continuou em frente, afundada até os joelhos na água fria.

O velho desgraçado que tente me encontrar agora, pensou.

Um tempo depois, fez uma trouxa com as armas para carregá-las acima da cabeça enquanto nadava através do rio, fazendo força com um dos braços contra a correnteza. Saiu do outro lado e correu ao longo da margem, enxugando a água que pingava do rosto.

O tempo passou devagar e a luz começou a se esgueirar de volta no céu. A manhã estava chegando. O rio murmurava ao lado dela e suas sandálias batiam num ritmo acelerado no mato ralo. Deixou o rio para trás, correndo pela paisagem plana, que agora se transformava de preta em cinza. Um agrupamento de árvores raquíticas surgiu.

Despencou entre os troncos e se enfiou nos arbustos, com a respiração áspera. Tremeu à meia-luz, o coração martelando no peito. Estava silencioso depois das árvores. Bom. Enfiou a mão dentro da roupa e pegou um pedaço de pão e um naco de carne, encharcados do rio mas ainda comestíveis. Sorriu. Guardara metade de tudo que Yalwei lhe dera nos últimos dias.

– Velho idiota, desgraçado. – Riu sozinha, quase engasgando entre os bocados. – Pensou que conseguiria enganar Ferro Maljinn, não foi?

Porcaria, estava com sede. Agora não havia como solucionar isso. Poderia encontrar água mais tarde. Mas estava cansada, muito cansada. Até mesmo Ferro se cansava. Descansaria ali um pouco, só um pouco. Recuperaria a força das pernas, depois seguiria em frente, em frente para... Ela se revirou, incomodada. Mais tarde pensaria em onde. Onde quer que fosse melhor para a vingança. É.

Engatinhou entre os arbustos, sentou-se encostada numa árvore. Seus olhos se fecharam lentamente, sozinhos. Por enquanto só ia descansar um pouco. Mais tarde a vingança.

– Velho idiota, desgraçado – murmurou.

Sua cabeça tombou de lado.

– Irmão!

Ferro acordou com um susto, a cabeça batendo na árvore. Estava claro, claro demais. Outro dia luminoso e quente. Por quanto tempo estivera dormindo?

– Irmão! – chamou a voz de mulher, não muito distante. – Onde você está?

– Aqui!

Ferro se imobilizou, todos os músculos retesando-se. Uma voz de homem, profunda e forte. E próxima. Ouviu som de cascos de cavalos movendo-se devagar, vários cavalos, e perto.

– O que está fazendo, irmão?

– Ela está perto! – gritou o homem de novo.

A garganta de Ferro se apertou.

– Sinto o cheiro dela!

Ferro tateou nos arbustos procurando suas armas, enfiou a espada e uma faca no cinto e outra por dentro da única manga, rasgada.

– Sinto o gosto dela, irmã! Ela está muito perto!

– Mas onde? – perguntou a mulher, chegando mais perto. – Acha que ela pode nos ouvir?

– Talvez possa! – riu o homem. – Está aí, Maljinn?

Ferro jogou a aljava por cima do ombro e pegou o arco.

– Estamos esperando... – cantarolou ele, aproximando-se mais ainda, agora logo do outro lado das árvores.

– Apareça, Maljinn, apareça e fale conosco...

Ela saiu em disparada, chocando-se contra os arbustos, correndo pelo terreno aberto desesperadamente.

– Lá está ela! – gritou a mulher, atrás. – Olhe!

– Pegue-a, então! – gritou o homem.

O terreno coberto de capim se estendia ininterrupto à frente. Não havia para onde fugir. Ferro girou com um rosnado, pondo uma flecha no arco. Quatro cavaleiros esporeavam em sua direção, soldados gurkenses, com o sol brilhando nos elmos altos e nas pontas cruéis das lanças. Atrás deles, bem atrás, havia dois outros cavaleiros: um homem e uma mulher.

– Pare, em nome do imperador! – gritou um dos cavaleiros.

– Foda-se o seu imperador!

A flecha dela acertou o primeiro soldado no pescoço e ele tombou para trás, caindo da sela com um gorgolejo de assombro, a lança voando da mão.

– Bom tiro! – gritou a mulher.

O segundo cavaleiro levou uma flechada no peito. Sua placa peitoral diminuiu a velocidade da flecha, mas mesmo assim ela penetrou o suficiente para matá-lo. Ele gritou, largando a espada no capim, segurando a flecha e deslizando da sela.

O terceiro não fez nenhum som. Levou uma flechada na boca, a menos de dez passos de distância. A ponta atravessou diretamente o crânio e arrancou seu elmo, mas nesse ponto o quarto já a alcançara. Ferro jogou o arco no chão e rolou para se desviar da lança do soldado, depois puxou a espada do cinto, cuspindo no capim.

– Deixe-a viva! – gritou a mulher, instigando o cavalo preguiçosamente. – Precisamos dela viva!

O soldado virou a montaria, que bufou, e a instigou cautelosamente na direção de Ferro. Era um homem grande, com barba densa rente ao queixo.

– Espero que você tenha feito as pazes com Deus, garota – disse ele.

– Foda-se o seu Deus!

Ela tentava sair do caminho, desviando-se, movendo-se, permanecendo perto do chão. O soldado golpeava com a lança, mantendo-a longe, com os cascos do cavalo pateando no chão, chutando poeira no rosto de Ferro.

– Fure ela! – Ferro ouviu a mulher gritando atrás.

– É, fure ela! – gritou o irmão, rindo. – Mas não com muita força! Queremos ela viva!

O soldado rangeu os dentes ao esporear o cavalo. Ferro se abaixou e correu diante das patas do animal. A ponta da lança se projetou, dando um talho em seu braço. Ela girou a espada com toda a força.

A lâmina curva encontrou uma fenda entre as placas da armadura do soldado, decepou sua perna logo abaixo do joelho e abriu um ferimento enorme na lateral do cavalo. Homem e animal gritaram juntos, caíram juntos. Sangue escuro borbulhou na terra.

– Ela o pegou!

A mulher parecia ligeiramente desapontada.

– De pé, homem! – riu o irmão. – De pé, para cima dela! Ainda há uma chance!

O soldado se contorcia no chão. A espada de Ferro acertou seu rosto, acabando bruscamente com os gritos. Ali perto, o segundo cavaleiro ainda estava na sela, o rosto retorcido, ofegando com as últimas respirações, a mão apertando o cabo sangrento da flecha. Seu cavalo baixou a cabeça e começou a mordiscar o capim seco junto aos cascos.

– Foram-se todos eles – disse a mulher.

– Eu sei – disse o irmão, dando um suspiro profundo. – Será que eu tenho de fazer tudo sozinho?

Ferro olhou para eles ao enfiar a espada sangrenta de volta no cinto. Eles estavam montados descuidadamente, não longe, com o sol luminoso atrás, sorrisos nos rostos cruéis e bonitos. Vestiam-se como nobres, com seda

balançando em volta do corpo, na brisa, pesados de joias, mas nenhum estava armado. Ferro foi pegar seu arco.

– Cuidado, irmão – disse a mulher, examinando as unhas. – Ela luta bem.

– Como um demônio! Mas não é páreo para mim, irmã, não tema.

Ele saltou da sela.

– Então, Maljinn, vamos...

A flecha o atingiu no peito, bem fundo, com uma pancada surda.

–... começar?

A flecha vibrou, com a ponta brilhando atrás dele, seca e sem sangue. Ele começou a andar na direção dela. A flecha seguinte o acertou no ombro, mas ele apenas seguiu mais rápido, quase correndo, avançando com passos enormes. Ela baixou o arco, os dedos procurando o cabo da espada. Lenta demais. Estendendo o braço, ele a acertou no peito com uma força terrível, derrubando-a.

– Ah, muito bem, irmão! – comemorou a mulher e bateu palmas, deliciada. – Muito bem!

Ferro rolou, tossindo na poeira. Enquanto tentava se levantar, segurando sua espada com as duas mãos, viu o homem olhando-a. Girou a lâmina na direção dele, num grande arco descendente. A espada se cravou fundo no chão. De algum modo ele tinha dado um passo para o lado. Um pé veio de lugar nenhum e se afundou em sua barriga. Ela se dobrou ao meio, impotente, o ar expulso do corpo. Seus dedos estremeceram, a espada ficou cravada no chão, seus joelhos bambearam.

– E agora...

Algo esmagou seu nariz. Suas pernas se dobraram e suas costas atingiram o chão com força. Ela rolou grogue, se pôs de joelhos com o mundo girando ao redor. Havia sangue no seu rosto. Ela piscou e balançou a cabeça, tentando impedir que o mundo rodasse. O homem vinha na sua direção, inclinado, turvo. Arrancou a flecha do peito e a jogou longe. Não havia sangue, só um pouco de poeira. Apenas poeira no ar.

Um comedor. Tinha de ser.

Ferro se levantou cambaleando, tirou a faca do cinto. Tentou acertá-lo, errou, tentou de novo, errou de novo. Sua cabeça girava. Urrou enquanto empregava toda a sua força na tentativa de cortá-lo.

Ele segurou seu pulso. Os rostos dos dois estavam separados por pouco mais de um palmo. A pele dele era perfeita, lisa, como vidro escuro. Ele parecia jovem, quase uma criança, mas seus olhos eram velhos. Olhos duros. Olhou-a – curioso, achando divertido, como um menino que encontrasse um besouro interessante.

– Ela não desiste, não é, irmã?

– É muito feroz. O Profeta ficará deliciado com ela!

O homem farejou Ferro e franziu o nariz.

– Argh. É melhor ela ser lavada primeiro.

Ela lhe deu uma cabeçada no rosto. A cabeça dele virou para trás, estalando, mas ele apenas riu. Pegou-a pelo pescoço com a mão livre e a afastou estendendo o braço. Ferro tentou arranhar o rosto do homem, mas o braço dele era muito comprido e ela não conseguia alcançá-lo. Ele estava soltando a mão dela do cabo da faca. Seu aperto era de aço em volta do pescoço. Ferro não conseguia respirar. Mostrou os dentes, lutando, rosnando, sacudindo-se. Tudo inutilmente.

– Precisa ficar viva, irmão! Nós a queremos viva!

– Viva – murmurou o homem. – Mas não intacta.

A mulher riu. Os pés de Ferro saíram do chão, chutando no ar. Ela sentiu um dos seus dedos se quebrar e a faca tombou no capim. A mão em volta de seu pescoço apertou com mais força e ela tentou arrancá-la com as unhas quebradas. Tudo em vão. O mundo luminoso começou a escurecer.

Ferro ouviu a mulher gargalhando, distante. Um rosto emergiu da escuridão, uma mão acariciou seu rosto. Os dedos eram macios, quentes, suaves.

– Fique quieta, criança – sussurrou a mulher.

Os olhos dela eram escuros e profundos. Ferro podia sentir o hálito quente e perfumado em seu rosto.

– Você está ferida, precisa descansar. Agora fique quieta... durma.

As pernas de Ferro ficaram pesadas como chumbo. Ela chutou debilmente, uma última vez, e então seu corpo se afrouxou. Seu coração desacelerou...

– Descanse agora.

As pálpebras de ferro começaram a baixar, o rosto lindo da mulher ficou turvo.

– Durma.

Ferro mordeu a língua com força e sua boca ficou salgada.

– Fique quieta.

Ferro cuspiu sangue no rosto da mulher.

– Argh! – gritou ela, enojada, enxugando o sangue dos olhos. – Ela luta contra mim!

– Gente como ela luta contra tudo – disse o homem, logo atrás do ouvido de Ferro.

– Agora me escute, sua puta! – sibilou a mulher, apertando o queixo de Ferro com dedos de aço e virando seu rosto para um lado e para o outro. – Você vem conosco! Conosco! De um modo ou de outro! Ouviu?

– Ela não vai a lugar nenhum.

Outra voz, profunda e suave. Parecia familiar. Ferro piscou, balançou a cabeça, grogue. A mulher havia se virado, olhando para um velho não muito longe. Yulwei. Suas pulseiras tilintavam e ele caminhava suavemente pelo capim.

– Você está viva, Ferro?

– Ungh – grasnou ela.

A mulher deu um sorriso de desprezo para Yulwei.

– Quem é você, velho desgraçado?

Yulwei suspirou.

– Sou um velho desgraçado.

– Vá embora, cão! – gritou o homem. – Nós viemos a mando do Profeta. Do próprio Khalul!

– E ela vai conosco!

Yulwei pareceu triste.

– Não posso fazê-los mudar de ideia?

Os dois gargalharam juntos.

– Idiota! – gritou o homem. – Jamais mudamos de ideia!

Ele soltou um dos braços de Ferro, deu um passo cauteloso adiante, arrastando-a.

– Que pena – disse Yulwei, balançando a cabeça. – Eu pediria a vocês que mandassem minhas lembranças a Khalul.

– O Profeta não anda com gente como você, mendigo!

– Eu poderia surpreendê-los. Nós nos conhecemos bem, há muito tempo.

– Então darei suas lembranças ao meu senhor – zombou a mulher. – Junto com a notícia de sua morte!

Ferro girou o pulso, sentiu a faca escorregar para a palma da mão.

– Ah, Khalul gostaria dessa notícia, mas ele não irá recebê-la por enquanto. Vocês dois se amaldiçoaram. Violaram a Segunda Lei e devem pagar por isso.

– Velho idiota! – zombou a mulher. – Suas leis não se aplicam a nós.

Yulwei balançou a cabeça devagar.

– A palavra de Euz governa tudo. Não há exceções. Nenhum de vocês dois deixará este lugar vivo.

O ar em volta do homem tremeluziu e se retorceu, tornando-se turvo. A mulher gorgolejou e tombou subitamente no chão, mais do que caindo – derretendo-se, despencando, a seda escura balançando em volta do corpo.

– Irmã!

O homem soltou Ferro, pulou na direção de Yulwei com os braços estendidos. Não deu mais do que um passo. Soltou um grito súbito, agudo, e caiu de joelhos, segurando a cabeça. Ferro forçou os pés adiante, cambaleando, puxou a cabeça

dele para trás pelos cabelos, segurando-o com a mão quebrada, e passou a faca em seu pescoço. Poeira correu no vento. Uma montanha de pó. Chamas tremularam em volta da boca do homem, queimando seus lábios até ficarem negros, lambendo calor em seus dedos. Ela tombou em cima dele, jogando-o de volta ao chão, sufocando, fungando. A lâmina abriu a barriga dele, raspou contra as costelas, quebrou-se no peito. O fogo brotou de lá, lambendo. Fogo e poeira. Ela golpeou o corpo insanamente com a faca quebrada, muito depois de ele ter parado de se mexer.

Sentiu uma mão em seu ombro.

– Ele está morto, Ferro. Os dois estão mortos.

Ela viu que era verdade. O homem estava caído de costas, olhando para o céu, o rosto queimado em volta do nariz e da boca, poeira sendo soprada dos ferimentos enormes.

– Eu o matei – grasnou ela e a voz falhou.

– Não, Ferro. Eu fiz isso. Eles eram jovens comedores, fracos e idiotas. Mesmo assim, você teve sorte, porque eles só queriam pegá-la.

– Tenho sorte – murmurou ela, babando uma saliva sangrenta no corpo do comedor.

Deixou a faca quebrada cair. O corpo da mulher estava deitado ao lado dela, se é que se podia chamar de corpo aquela massa de carne desforme, cheia de calombos. Ela viu cabelos compridos, um olho e lábios.

– O que você fez? – grasnou Ferro com a boca ensanguentada.

– Transformei os ossos dela em água. E o queimei de dentro para fora. Água para um, fogo para o outro. O que quer que funcione para a espécie deles.

Ferro rolou no capim, olhou o céu luminoso. Segurou a mão diante do rosto, balançou-a. Um dos dedos oscilou para trás e para a frente.

O rosto de Yulwei apareceu.

– Dói?

– Não – sussurrou ela, deixando o braço tombar de volta no chão. – Nunca dói – disse, piscando. – Por que nunca dói?

O velho franziu a testa.

– Eles não vão parar de procurar você, Ferro. Está vendo agora por que precisa ir comigo?

Ela assentiu devagar. O esforço foi imenso.

– Estou...

E o mundo escureceu de novo.

Mal me quer

– AH! – GRITOU JEZAL, quando a ponta da espada de Filio acertou com força seu ombro.

Ele cambaleou para trás, encolhendo-se e xingando, e o estiriano sorriu e fez um floreio.

– Um toque para o mestre Filio! – gritou o juiz. – São dois para cada um!

Houve alguns aplausos esparsos enquanto Filio voltava à área delimitada para os competidores com um sorriso irritante no rosto.

– Desgraçado ardiloso – sussurrou Jezal consigo mesmo.

Precisava ter previsto aquele golpe. Fora descuidado e sabia disso.

– Dois para cada? – sussurrou Varuz, e Jezal se deixou cair em sua cadeira, ofegando. – Dois para cada? Contra esse ninguém? Ele nem é da União!

Jezal sabia que era melhor não observar que Westport atualmente fazia parte da União. Sabia o que Varuz queria dizer, assim como todas as outras pessoas na arena. Para elas, o sujeito era um forasteiro. Pegou o pano da mão estendida de West e enxugou o rosto suado. Cinco toques era uma luta longa, mas Filio não parecia nem um pouco cansado. Quando Jezal olhou, estava saltando nas pontas dos pés, assentindo para o ruidoso conselho dado em estiriano por seu treinador.

– Você pode derrotá-lo! – murmurou West, entregando a garrafa d’água a Jezal. – Você pode derrotá-lo, e aí vai ser a final.

A final. Isso significava Gorst. Jezal não tinha certeza absoluta se queria uma coisa dessas.

Mas Varuz não tinha dúvida.

– É só ir lá e vencer, maldição! – sibilou o marechal, enquanto Jezal tomava um gole d'água da garrafa e bochechava. – Vá lá e vença!

Jezal cuspiu metade no balde e engoliu o restante. Simplesmente derrotá-lo. Falar era fácil, mas aquele estiriano era um sacana ardiloso.

– Você consegue! – repetiu West, esfregando o ombro de Jezal. – Você já chegou até aqui!

– Mate-o! Simplesmente mate-o! – ordenou o marechal Varuz e encarou Jezal. – Você é um ninguém, capitão Luthar? Treiná-lo foi perda de tempo? Ou você é alguém? Hein? Agora é hora de decidir!

– Senhores, por favor! – gritou o juiz. – O toque decisivo!

Jezal soltou o ar com força, pegou suas espadas com West e se levantou. Podia ouvir o treinador de Filio gritar encorajamentos acima do ruído crescente da multidão.

– Simplesmente mate-o! – berrou Varuz uma última vez, e então Jezal estava indo para o círculo.

O toque decisivo. Em muitos sentidos. Decidiria se Jezal iria para a final ou não. Se ele seria alguém ou não. Mas estava cansado, muito cansado. Estivera esgrimindo sem parar durante meia hora, no calor, e isso exaure a pessoa. Já estava suando de novo. Podia sentir o suor pingando do rosto em gotas enormes.

Foi para a sua marca. Um pouco de giz na grama seca. Filio estava ali parado, esperando, ainda sorrindo, prevendo o triunfo. Aquele merdinha. Se Gorst pudera derrubar aqueles outros no círculo, certamente Jezal poderia esfregar a cara desse idiota na terra. Apertou as espadas e se concentrou naquele sorrisinho revoltante. Por um momento desejou que as lâminas não fossem cegas, até que lhe ocorreu que poderia ser ele a levar um golpe.

– Comecem!

Jezal examinou suas cartas, embaralhando-as para um lado e para o outro, mal olhando os símbolos, mal se importando se as mantinha à vista dos outros.

– Vou aumentar em dez – disse Kaspa, empurrando algumas moedas por cima da mesa com uma expressão que dizia...

Alguma coisa, provavelmente – Jezal não se importava, não estava realmente concentrado. Houve uma longa pausa.

– É a sua vez de apostar, Jezal – resmungou Jalenhorm.

– É? Ah, bom... – fez ele e examinou os símbolos sem sentido, incapaz de analisar qualquer um deles. – Ah, bem... Eu passo.

Jogou as cartas na mesa. Hoje estava arrasado, muito arrasado, pela primeira

vez desde tanto tempo que não sabia quando. Talvez desde sempre. Estava ocupado demais pensando em Ardee: imaginando como poderia levá-la para a cama sem causar um mal duradouro a qualquer um dos dois, mais particularmente sem ser morto por West. Ainda não estava nem perto de uma resposta, infelizmente.

Kaspa recolheu as moedas, dando um sorriso largo diante da vitória tremendamente improvável.

– A luta de hoje foi boa, Jezal. Foi por pouco, mas você conseguiu, hein?

– Ah.

Jezal pegou seu cachimbo na mesa.

– Juro, por um minuto achei que ele tinha derrotado você, mas então – e ele estalou os dedos sob o nariz de Brint –, do nada, você o derrubou direitinho. A multidão adorou! Eu ri tanto que quase me mijei, juro!

– Você acha que pode derrotar o Gorst? – perguntou Jalenhorm.

– Uhn – respondeu Jezal e deu de ombros, acendendo o cachimbo e se recostando na cadeira, olhando o céu cinzento e tragando.

– Você parece bem calmo – disse Brint.

– Uh.

Os três oficiais se entreolharam, desapontados com o fracasso do assunto escolhido. Kaspa escolheu outro.

– Vocês viram a princesa Terez?

Brint e Jalenhorm suspiraram e ofegaram, depois os três começaram a tagarelar, fazendo elogios patetas à dama.

– Se eu vi? Imagine só!

– Ela é chamada de joia de Talins!

– Os boatos sobre ela não eram exageros.

– Ouvi dizer que o casamento com o príncipe Ladisla está marcado.

– O sacana sortudo!

E assim por diante.

Jezal ficou onde estava, recostado na cadeira, soprando fumaça para o céu. Não tinha tanta certeza com relação a Terez, pelo pouco que vira. Era linda a distância, sem dúvida, mas imaginou que o rosto deveria parecer vidro ao toque: frio, duro e quebradiço. Nem um pouco parecido com o de Ardee...

– Mesmo assim – dizia Jalenhorm, pomposo – devo dizer, Kaspa, que meu coração ainda pertence à sua prima Ariss. Prefiro sempre uma garota da União a qualquer estrangeira.

– Prefere o dinheiro dela, você quer dizer – murmurou Jezal, com a cabeça ainda inclinada para trás.

– Não! – reclamou o grandalhão. – Ela é uma perfeita dama! Doce, recatada,

bem criada. Ah!

Jezal sorriu. Se Terez era vidro frio, Ariss era um peixe morto. Beijá-la seria como beijar um trapo velho, imaginou: frouxa e tediosa. Ela não poderia beijar como Ardee. Ninguém poderia...

– Bom, as duas são lindas, sem dúvida – divagou Brint. – São ótimas mulheres com quem sonhar, se é atrás de sonhos que você está...

Ele se inclinou, aproximando-se dos outros de um jeito conspiratório e dando um sorrisinho maroto como se tivesse algo secreto e empolgante a dizer. Os outros dois chegaram suas cadeiras mais para perto, mas Jezal ficou onde estava. Não tinha interesse em ouvir com que puta aquele idiota estava dormindo.

– Já conheceram a irmã de West? – murmurou Brint.

Todos os músculos de Jezal se enrijeceram.

– Ela não está à altura daquelas duas, claro, mas é muito bonita, de um jeito comum, e... acho que estaria disposta.

Brint lambeu os lábios e deu uma cutucada nas costelas de Jalenhorm. O grandalhão riu cheio de culpa, como um colegial ouvindo uma piada suja.

– Ah, sim, ela me parece ser do tipo que está disposta.

Kaspa deu um sorriso. Jezal pousou o cachimbo na mesa, notando que sua mão tremia ligeiramente. A outra estava apertando o braço da cadeira com tanta força que os nós dos dedos ficaram brancos.

– Devo declarar – disse Brint – que se eu não achasse que o major me enfiaria a espada, eu ficaria tentado a enfiar a minha na irmã dele, hein?

Jalenhorm caiu na gargalhada. Jezal sentiu um dos olhos estremecer quando Brint virou o rosto sorridente em sua direção.

– E aí, Jezal, o que acha? Você a conheceu, não foi?

– O que eu acho? – repetiu ele, com uma voz que pareceu vir de uma distância terrivelmente longa ao olhar aqueles rostos sorridentes. – Acho que você deveria fechar essa boca, seu filho de uma puta.

Agora ele estava de pé, os dentes tão trincados que pareciam a ponto de se partir. Os três sorrisos se imobilizaram e sumiram. Jezal sentiu a mão de Kaspa em seu braço.

– Qual é! Ele só quis dizer...

Jezal afastou o braço dele com rispidez, segurou a borda da mesa e a virou. Moedas, cartas, garrafas, copos voaram no ar e se derramaram na grama. Segurava a espada na outra mão, felizmente ainda embainhada, pairando sobre Brint e lançando perdigotos nele ao falar.

– Escute aqui, seu desgraçado! – rosnou ele. – Se eu ouvir mais uma coisa dessas, você não vai ter de se preocupar com o West!

O cabo de sua espada agora estava encostado no peito de Brint.

– Eu o destrincho como a porra de uma galinha!

Os três o encararam, pasmos, boquiabertos, perplexos diante dessa demonstração súbita de violência, uma perplexidade que só se equiparava à do próprio Jezal.

– Mas... – disse Jalenhorm.

– O quê? – gritou Jezal, agarrando o paletó do grandalhão e quase arrancando-o da cadeira. – O que você ia dizer, porra?

– Nada – guinchou ele, com as mãos levantadas. – Nada.

Jezal o deixou cair. A fúria estava se esvaindo depressa. Tinha uma leve intenção de pedir desculpas, mas quando viu o rosto pálido de Brint só pôde pensar em "Ela me parece ser do tipo que está disposta".

– Como-a-porra-de-uma-galinha! – rosnou de novo, depois deu meia-volta e foi andando.

Na metade do caminho até a passagem em arco percebeu que havia deixado o casaco para trás, mas agora não poderia voltar para pegá-lo. Entrou na escuridão do túnel, deu uns dois passos e se encostou na parede, ofegando e tremendo como se tivesse corrido 15 quilômetros. Agora sabia o que significava perder as estribeiras, sem dúvida. Nunca sequer soubera que tinha estribeiras, mas agora não havia dúvida.

– Que diabos foi aquilo?

A voz atordoada de Brint ecoou baixa no túnel, quase imperceptível acima das batidas do coração de Jezal. Ele precisou prender o fôlego para ouvir.

– Não faço a mínima ideia – respondeu Jalenhorm, parecendo mais surpreso ainda.

Veio o som de uma mesa sendo posta no lugar.

– Nunca soube que ele tinha um pavio tão curto.

– Acho que ele está com muita coisa na cabeça – disse Kaspa, em tom de dúvida. – Com o Campeonato e coisa e tal...

Brint o interrompeu.

– Isso não é desculpa!

– Bom, os dois são ligados, não é? Ele e o West. Com todo esse negócio de treinarem juntos e todo o resto, talvez ele conheça a irmã dele ou sei lá o quê... não sei!

– Há outra explicação! – falou Brint, a voz tensa como se fosse soltar o desfecho de uma piada. – Talvez ele esteja apaixonado por ela!

Os três explodiram numa gargalhada. Sim, aquilo era uma piada e tanto. O capitão Jezal dan Luthar apaixonado e por uma garota cuja posição na vida era tão abaixo da dele. Que ideia ridícula! Que absurdo! Que piada!

– Ah, merda.

Jezal apoiou a cabeça nas mãos. Não sentia vontade de rir. Como, diabos, ela fizera isso com ele? Como? O que havia nela? Era bonita de se olhar, claro, e inteligente e divertida e todas essas coisas, mas isso não servia como explicação.

– Não posso vê-la de novo – sussurrou baixinho. – E não vou!

E bateu com a mão na parede. Sua determinação prevaleceria. Como sempre.

Até que outro bilhete surgisse sob a porta.

Gemeu e deu um tapa na cabeça. Por que se sentia assim? Por que... nem conseguia se obrigar a pensar na palavra... gostava tanto dela? Então percebeu. Sabia por quê.

Ela não gostava dele.

Aqueles meios sorrisos de zombaria. Aqueles olhares oblíquos que às vezes ele captava. Aquelas piadas que eram quase contundentes demais. Para não mencionar os exemplos ocasionais de escárnio explícito. Ela gostava do dinheiro dele, talvez. Gostava de sua posição no mundo, claro. Gostava da aparência dele, sem dúvida. Mas, em essência, aquela mulher o desprezava.

E ele jamais sentira isso antes. Sempre presumira simplesmente que todo mundo o amava, nunca tivera de fato motivo para duvidar de que era ótimo, digno do mais elevado respeito. Mas Ardee não gostava dele, agora via, e isso o fez pensar. Afora o queixo, claro, o dinheiro e as roupas, o que havia para gostar?

Ela o tratava com o desprezo que ele sabia merecer. E ele não conseguia se fartar disso.

– É a coisa mais estranha do mundo – murmurou Jezal, afrouxando o corpo miseravelmente na parede do túnel. – A coisa mais estranha do mundo.

Isso lhe deu vontade de fazer com que ela mudasse de ideia.

A Semente

– Como vai, Sand?

O coronel Glokta abriu os olhos. Estava escuro no quarto. Droga, ele estava atrasado!

– Desgraça! – gritou, empurrando as cobertas e saltando da cama. – Estou atrasado!

Pegou a calça do uniforme, enfiou as pernas dentro, afivelou desajeitadamente o cinto.

– Não se preocupe com isso, Sand!

A voz de sua mãe era em parte tranquilizadora, em parte impaciente.

– Onde está a Semente?

Glokta franziu a testa ao vestir a camisa.

– Não tenho tempo para essa bobagem, mãe! Por que você sempre acha que sabe o que é melhor para mim?

Olhou ao redor procurando a espada, mas não conseguiu encontrá-la.

– Você sabe que estamos em guerra!

– Estamos mesmo.

O coronel levantou os olhos, surpreso. Era a voz do arquileitor Sult. – Duas guerras. Uma travada com fogo e aço, e outra por baixo: uma guerra antiga, que vem sendo armada há muitos anos.

Glokta enrugou a testa ainda mais. Como podia ter confundido aquele velho pretensioso com sua mãe? E, afinal, o que ele estava fazendo nos aposentos de

Glokta? Sentado na cadeira ao pé da cama, tagarelando sobre guerras?

– Que diabos você está fazendo nos meus aposentos? – resmungou o coronel Glokta – E o que fez com minha espada?

– Onde está a Semente?

Agora era uma voz de mulher, mas não de sua mãe. Era outra pessoa. Não a reconheceu. Estreitou os olhos na escuridão, esforçando-se para ver quem estava na cadeira. Podia discernir uma silhueta difusa, mas as sombras eram profundas demais para revelar mais alguma coisa.

– Quem é você? – perguntou Glokta, sério.

– Quem eu era? Ou o que eu sou?

A figura na cadeira se remexeu e se levantou devagar, suavemente.

– Fui uma mulher paciente, mas não sou mais mulher, e o moinho dos anos desgastou minha paciência.

– O que você quer? – perguntou Glokta e sua voz falhou, rouca e fraca enquanto ele recuava.

A figura se moveu, pisando no raio de luar que entrava pela janela. Era uma forma de mulher, esguia e graciosa, mas sombras grudavam em seu rosto. Um medo súbito o tomou e ele cambaleou para trás, de encontro à parede, levantando o braço para se proteger.

– Quero a Semente.

Uma mão pálida saltou rápida e agarrou seu braço estendido. Um toque suave, porém frio. Frio como pedra. Glokta tremeu, ofegou, fechou os olhos com toda a força.

– Preciso dela. Não sabe quanto preciso. Onde ela está?

Dedos tatearam suas roupas, rápidos e hábeis, procurando, revistando, mergulhando em seus bolsos, na sua camisa, roçando a pele. Frios. Frios como vidro.

– A Semente? – grasnou Glokta, quase paralisado de terror.

– Você sabe do que estou falando, homem partido. Onde está?

– O Artífice caiu... – sussurrou ele.

As palavras brotavam, ele não sabia de onde.

– Eu sei.

–... queimando, queimando...

– Eu vi. O rosto estava suficientemente perto para ele sentir o hálito na pele. Frio. Frio como geada.

–... ele se partiu ao cair na ponte...

– Eu me lembro disso.

–... eles procuraram a Semente...

– É... – sussurrou a voz, urgente em seu ouvido. – Onde ela está?

Algo roçou em seu rosto, em sua bochecha, suas pálpebras, macio e escorregadio. Uma língua. Fria. Fria como gelo. Sua carne se arrepiou.

– Não sei! Eles não conseguiram encontrar!

– Não conseguiram?

Dedos se fecharam em volta de seu pescoço, espremendo, esmagando, deixando-o sem ar. Frios. Frios como ferro e igualmente duros.

– Acha que conhece a dor, homem partido? Você não conhece nada!

A respiração gélida soprou áspera em seu ouvido, os dedos frios apertaram, espremeram.

– Mas eu posso mostrar! Eu posso mostrar!

Glokta gritou, debateu-se, brigou. Lutou para voltar à tona, ficou de pé, tonto, por um instante, então sua perna se dobrou e ele mergulhou no espaço. O quarto escuro girou ao redor e ele se chocou contra as tábuas com um som nauseante, o braço dobrado embaixo do corpo, a testa estalando no chão.

Lutou para se levantar, agarrando a perna da cama, empurrando-se contra a parede, esforçando-se para respirar, os olhos arregalados na direção da cadeira, mas quase incapaz de olhar diretamente, de tanto medo. Um fio de luar se derramava pela janela, banhando as roupas de cama emboladas e a madeira polida da cadeira. *Vazia.*

Glokta espiou o restante do quarto ao redor, os olhos acostumando-se à escuridão, examinando cada canto sombrio. *Nada. Vazio. Um sonho.*

E agora, enquanto as batidas descompassadas do coração diminuíam, enquanto a respiração áspera ficava mais lenta, a dor chegava. Sua cabeça martelava, a perna rugia, o braço latejava. Ele sentia gosto de sangue, os olhos ardiam e lacrimejavam, as entranhas arfavam, contorcendo-se em náusea. Ele gemeu, impeliu-se agonizando até a cama e se deixou cair no colchão enluarado, exausto, molhado de suor frio.

Houve uma batida ansiosa à porta.

– Senhor? Tudo bem?

Era a voz de Barnam. As batidas soaram de novo. *Não adianta. Está trancada. Está sempre trancada, mas acho que não vou me mexer. Frost terá de arrombá-la.* Contudo a porta se abriu e Glokta abrigou os olhos da claridade avermelhada e súbita da lanterna do velho serviçal.

– O senhor está bem?

– Eu caí – murmurou Glokta. – Meu braço...

O velho serviçal se empoleirou na cama, segurando gentilmente a mão de Glokta e levantando a manga de sua camisola. Glokta estremeceu, Barnam

estalou a língua. Seu antebraço tinha uma grande marca rosada, que já começava a inchar e ficar escura.

– Acho que não está quebrado – disse o serviçal. – Mas seria melhor se eu chamasse o médico, só para garantir.

– Sim, sim – concordou ele e dispensou Barnam com a mão boa. – Chame-o.

Glokta viu o velho serviçal sair às pressas pela porta, ouviu seus passos rangendo no corredor estreito, descendo a escada estreita. Ouviu a porta da frente se fechar com um estrondo. O silêncio baixou.

Olhou para o pergaminho que havia pegado do adepto histórico. Continuava enrolado sobre a cômoda, esperando para ser entregue ao arquileitor Sult. *O Artífice caiu queimando. Partiu-se sobre a ponte. É estranho como partes do mundo da vigília penetram no nosso sonho. Aquele nórdico desgraçado e sua invasora. Uma mulher fria. Foi isso o que me perturbou.*

Glokta esfregou o braço suavemente, apertando a carne dolorida com as pontas dos dedos. *Nada. Foi só um sonho.* No entanto algo o incomodava. Olhou para a parte de trás da porta. A chave continuava na fechadura, brilhando em laranja à luz da lanterna. *Não está trancada, no entanto eu devo ter trancado. Devo. Sempre tranco.* Glokta olhou de volta para a cadeira vazia. *O que disse aquele aprendiz idiota? A magia vem do Outro Lado. Do mundo de baixo. O inferno.*

De algum modo, naquele momento, depois daquele sonho, não pareceu tão difícil acreditar nisso. O medo crescia de novo dentro dele, agora que estava sozinho. Estendeu a mão boa na direção da cadeira. Demorou uma eternidade para chegar lá, tremendo, sacudindo. Seus dedos tocaram a madeira. *Fria, mas não fria. Não fria. Não há nada ali.* Recuou a mão devagar, aninhou o braço que pulsava. *Nada. Vazia.*

Um sonho.

– Que diabos aconteceu com o senhor?

Glokta passou a língua com azedume pelas gengivas.

– Caí da cama.

Coçou distraído o pulso por baixo do curativo. Até um instante atrás aquilo havia latejado de modo infernal, mas ver o que estava à sua frente empurrara a dor para o fundo do pensamento. *Eu poderia estar pior. Muito pior.*

– Não é uma visão bonita. Nem um pouco.

– O senhor está certíssimo – concordou Severard, que parecia tão enojado quanto era possível dizer com metade do rosto coberto. – Quase vomitei quando vi pela primeira vez. Eu!

Glokta olhou, franzindo a testa, para aquela carnificina emaranhada. Apoiou-se num tronco de árvore com uma das mãos e afastou algumas samambaias com a ponta da bengala, para ver melhor.

– Ao menos temos certeza de que é um homem?

– Pode ser uma mulher. Pelo menos é um ser humano. Aquilo é um pé.

– Ah, de fato. Como foi encontrado?

– Ele o encontrou.

Severard inclinou a cabeça, indicando um jardineiro que estava sentado no chão, pálido e com o olhar fixo, tendo uma pequena poça de vômito parcialmente seco no capim ao lado.

– Aqui no meio das árvores, escondido no mato. Parece que o que o matou tentou escondê-lo, mas não faz muito tempo. Está fresco.

Está mesmo, praticamente não tem nenhum fedor, e só chegaram umas poucas moscas. É muito recente, talvez tenha sido ontem à noite.

– Poderia passar dias sem ser descoberto, mas alguém pediu que uma dessas árvores fosse podada. Estava bloqueando a luz, ou sei lá o quê. Já viu alguma coisa assim?

Glokta deu de ombros.

– Em Angland, uma vez, antes de você chegar. Um dos condenados tentou escapar. Conseguiu andar alguns quilômetros, depois sucumbiu ao frio. Um urso se fartou com o cadáver. Foi uma tremenda sujeira, mas nem de longe tão feia quanto esta.

– Não consigo imaginar ninguém morrendo congelado ontem à noite. Fazia um calor infernal.

– Hum – disse Glokta. *Se é que o inferno é quente. Sempre achei que ele poderia ser frio. Frio como gelo.* – De qualquer modo, há poucos ursos dentro do Agriont. Temos alguma ideia da identidade deste... – ele balançou a bengala na direção da carcaça –... desta pessoa?

– Nenhuma.

– Alguém está sumido? Sendo procurado?

– Não que eu saiba.

– Então não temos a mínima ideia de quem seja a vítima? Por que, diabos, isso nos interessaria? Não temos um falso mago para vigiar?

– É exatamente isso. O novo alojamento deles fica bem ali.

O dedo enluvado de Severard apontou para uma construção a menos de vinte passos de distância.

– Eu estava vigiando o grupo quando isso foi descoberto.

Glokta levantou uma sobrancelha.

– Sei. Então você suspeita de alguma conexão?

O prático deu de ombros.

– Intrusos misteriosos na calada da noite, assassinatos medonhos à porta deles? Nossos visitantes atraem encrenca assim como merda atrai moscas – concluiu o inquisidor.

– É – disse Severard afastando uma mosca com a mão. – Também dei uma olhada naquela outra coisa. Nos seus banqueiros. Valint e Balk.

Glokta levantou os olhos.

– Verdade? E...?

– Não muita coisa. É uma casa antiga. Muito antiga e muito respeitada. As notas deles são tão boas quanto ouro entre os mercadores. Eles têm escritórios por toda a Terra do Meio, Angland, Starikland, em Westport, em Dagoska. Até fora da União. São pessoas poderosas, segundo todos os relatos. Todo tipo de gente deve dinheiro a eles. No entanto, o estranho é que ninguém parece conhecer Valint ou Balk pessoalmente. Mas quem sabe como são as coisas com os bancos, não é? Eles adoram segredos. Quer que eu cave mais um pouco?

Poderia ser perigoso. Muito perigoso. Se cavarmos demais, poderemos estar cavando nossas próprias sepulturas.

– Não. É melhor deixar para lá. Por enquanto. Mas fique de ouvidos atentos.

– Meus ouvidos estão sempre atentos, chefe. E então, de quem o senhor gosta, no Campeonato?

Glokta olhou para o prático.

– Como você pode pensar nisso, tendo essa coisa na sua frente?

O prático deu de ombros.

– Isso não vai fazer nenhum mal, vai?

Glokta olhou de volta para o corpo estraçalhado. *Acho que não, pensando bem.*

– Então, o senhor deve saber: Luthar ou Gorst?

– Gorst. – *Espero que ele parta o desgraçado ao meio.*

– Verdade? As pessoas dizem que ele é um boi desajeitado. Que só tem sorte.

– Bom, eu digo que ele é um gênio – respondeu Glokta. – Dentro de uns dois anos, todos estarão esgrimindo como ele, se é que podemos chamar aquilo de esgrima. Guarde minhas palavras.

– Gorst, é? Talvez eu faça uma apostazinha.

– Faça. Mas enquanto isso é melhor você limpar essa sujeira e levar para a Universidade. Peça ao Frost para dar uma mão, ele tem estômago forte.

– Para a Universidade?

– Não podemos deixar isso aqui. Alguma dama elegante passeando pelo parque pode sofrer um terrível choque.

Severard deu um risinho.

– E talvez eu conheça alguém que pode lançar uma luz sobre esse pequeno mistério.

– Foi uma descoberta bem interessante que o senhor fez, inquisidor.

Kandelau, o adepto médico, parou seu trabalho e espiou Glokta, com um dos olhos ampliado enormemente pela lente brilhante.

– Uma descoberta fascinante – murmurou ele, voltando ao cadáver com seus instrumentos: levantando, sondando, torcendo, estreitando os olhos para a carne reluzente.

Glokta olhou o laboratório ao redor, torceu os lábios em repulsa. Jarros de diferentes tamanhos cobriam duas das quatro paredes, cheios de pedaços de carne flutuantes, como se fossem comida em conserva. Algumas daquelas coisas Glokta reconheceu como partes do corpo humano, outras não. Até ele se sentia ligeiramente desconfortável em meio àquela exposição macabra. *Imagino como Kandelau encontrou tudo isso. Será que os visitantes dele terminam desmembrados, flutuando numa dúzia de frascos diferentes? Será que eu seria um espécime interessante?*

– Fascinante.

O adepto afrouxou a tira que prendia a lente e a empoleirou no topo da cabeça, esfregando o círculo rosado que ela deixara ao redor do olho.

– O que pode me dizer a respeito, inquisidor?

Glokta franziu a testa.

– Eu vim para saber o que *você* pode *me* dizer sobre isso.

– Claro, claro – concordou Kandelau, franzindo os lábios. – Bom, é, quanto ao sexo de nosso amigo infeliz, bem...

Ele deixou no ar.

– E então?

– É, hum, bem, os órgãos que me permitiriam determinar com precisão estão... – ele indicou a carne sobre a mesa, duramente iluminada sob as lâmpadas acesas – ... ausentes.

– E esse é o resumo de sua investigação?

– Bom, há outras coisas: o dedo anular de um homem é tipicamente mais comprido que o indicador, o que não acontece necessariamente com as mulheres, mas, hum, esses restos não têm dedos suficientes para fazermos tal avaliação. Quanto ao sexo, portanto, sem os dedos, não podemos apontar uma solução!

Ele deu um riso nervoso de sua própria piada. Glokta não riu.

– Era jovem ou velho?

– Bom, é... de novo, infelizmente, isso é bastante difícil de determinar. Os...

é... – e o adepto bateu no cadáver com sua pinça – os dentes estão em bom estado e... é... o que resta da pele parece consistente com uma pessoa mais jovem, mas, é, isso é somente... hum...

– Então o que você pode me dizer sobre a vítima?

– É, bem... nada.

Ele deu um sorriso de desculpas.

– Mas fiz algumas descobertas interessantes sobre a causa da morte!

– Verdade?

– Ah, sim, olhe isto!

Eu preferiria não olhar. Glokta foi mancando com cautela até a bancada, espiando o local que o velho indicava.

– Está vendo aqui, a forma do ferimento? – perguntou o adepto, cutucando uma aba de cartilagem.

– Não, não estou – disse Glokta. *Para mim tudo parece ser um único ferimento enorme.*

O velho se inclinou para ele, com os olhos arregalados.

– É humano – disse.

– Nós sabemos que ele é humano! Isso é um pé!

– Não! Não! Essas marcas de dentes aqui... são mordidas humanas!

Glokta franziu a testa.

– Mordidas... humanas?

– Sem dúvida!

O largo sorriso de Kandelau não combinava nem um pouco com o ambiente. *Nem com o assunto de estudo, imagino.*

– Este indivíduo foi morto a dentadas por outra pessoa, e, hum, com toda a probabilidade – ele fez um gesto de triunfo para a confusão sobre a mesa –, considerando a natureza incompleta dos restos... foi parcialmente comido!

Glokta encarou o velho por um momento. *Comido? Comido? Por que cada pergunta respondida provoca outras dez?*

– É isso que você quer que eu diga ao arquileitor?

O adepto deu um riso nervoso.

– Bom, é, hum, esses são os fatos, como eu os vejo...

– Uma pessoa, não identificada, talvez um homem, talvez uma mulher, velha ou nova, foi atacada no parque por um agressor desconhecido, morta a dentadas a menos de duzentos passos do palácio do rei e parcialmente... comida?

– Bom...

Kandelau lançou um olhar preocupado na direção da entrada. Glokta se virou para olhar e franziu a testa. Havia uma pessoa recém-chegada, que ele não ouvira entrar. Uma mulher, parada nas sombras, no limite da luz forte das

lâmpadas, de braços cruzados. Uma mulher alta com cabelos ruivos curtos, espetados, e uma máscara preta no rosto, observando Glokta e o adepto com os olhos estreitados. Uma prática. *Mas não a reconheço, e mulheres são uma raridade na Inquisição. Eu imaginaria...*

– Boa tarde, boa tarde!

Um homem passou depressa pela porta: magro, meio careca, com uma capa preta comprida e um sorrisinho afetado no rosto. Um homem desagradavelmente familiar. *Goyle, desgraçado. Nosso novo superior de Adua, que enfim chegou. Ótima notícia.*

– Inquisidor Glokta – ronronou ele. – Que prazer absoluto vê-lo de novo!

– Igualmente, superior Goyle. – *Seu desgraçado.*

Duas outras figuras vieram logo atrás do superior sorridente, fazendo a salinha muito clara parecer apinhada. Um era um kanticense de pele escura e com uma grande argola de ouro na orelha, o outro, um nórdico monstruoso com o rosto que parecia uma laje de pedra. Quase teve de se curvar para passar pela porta. Ambos estavam mascarados e vestidos da cabeça aos pés com roupas pretas de práticos.

– Esta é a prática Vitari... – disse Goyle com um risinho, indicando a mulher ruiva.

Ela agora examinava os frascos, um de cada vez, dando batidinhas nos vidros e fazendo os espécimes balançarem.

– E estes são o prático Halim...

O sulista passou por Goyle entrando na sala, os olhos ocupados indo para um lado e para o outro.

–... e Byre.

O nórdico monstruoso olhou para Glokta, de perto do teto.

– Ele é chamado de Racha-pedra em seu país, acredita? Mas acho que isso não funcionaria aqui, não é, Glokta? O prático Racha-pedra, dá para imaginar?

Ele riu baixinho consigo mesmo e balançou a cabeça.

E isto é a Inquisição? Eu não fazia ideia de que o circo estava na cidade. Será que eles se equilibram um nos ombros do outro? Ou saltam por dentro de aros em chamas?

– Uma seleção notavelmente diversificada – disse Glokta.

– Ah, sim – riu Goyle. – Eu os escolhi nos lugares aonde minhas viagens me levaram, não foi, amigos?

A mulher deu de ombros enquanto circulava no meio dos frascos. O prático de pele escura inclinou a cabeça. O nórdico gigante simplesmente ficou parado.

– Aonde minhas viagens me levaram! – riu Goyle, como se todo mundo tivesse rido com ele. – E ainda tem mais! Levou um bom tempo, sem dúvida!

Ele enxugou uma lágrima de alegria enquanto ia na direção da mesa no centro da sala. Parecia que para ele tudo era fonte de diversão, até a coisa na bancada.

– Mas o que é tudo isso? Um corpo, a não ser que eu esteja muito enganado! – brincou Goyle e levantou a cabeça depressa, com os olhos reluzindo. – Um corpo? Uma morte na cidade? Como superior de Adua, isso certamente está dentro da minha alçada.

Glokta fez uma reverência.

– Naturalmente. Eu não sabia que o senhor tinha chegado, superior Goyle. Além disso, achei que a circunstância incomum desta...

– Incomum? Não vejo nada de incomum.

Glokta parou. *Que tipo de jogo esse idiota risonho está fazendo?*

– Sem dúvida o senhor concordaria que a violência aqui é... excepcional.

Goyle deu de ombros espalhafatosamente.

– Cães.

– Cães? – perguntou Glokta, incapaz de deixar que isso passasse despercebido. – Animais domésticos enlouquecidos, o senhor acha, ou cães selvagens que pularam a muralha?

O superior apenas sorriu.

– O que você quiser, inquisidor. O que você quiser.

– Infelizmente não podem ser cães – começou a explicar pomposamente o adepto médico. – Eu estava acabando de esclarecer ao inquisidor Glokta... que essas marcas aqui na pele, está vendo?, são mordidas humanas, sem dúvida...

A mulher se afastou dos frascos e chegou mais perto de Kandelau, inclinando-se perto dele até que a máscara estivesse apenas a centímetros de seu nariz adunco.

– Cães – sussurrou ela, em seguida latiu na cara dele.

O adepto deu um pulo.

– Bom, acho que eu posso ter me enganado... claro...

Quando ele recuou, bateu no enorme peito do nórdico, que havia se movido com velocidade surpreendente para se posicionar atrás dele. Kandelau se virou lentamente, olhos arregalados.

– Cães – entoou o gigante.

– Cães, cães, cães – cantarolou o sulista com um sotaque forte.

– Claro – guinchou Kandelau. – Cães, claro, como fui idiota!

– Cães! – gritou Goyle deliciado, levantando as mãos. – O mistério está resolvido!

Para perplexidade de Glokta, dois dos três práticos começaram a aplaudir educadamente. A mulher permaneceu em silêncio. *Nunca acreditei que eu sentiria falta do superior Kalyne, mas de repente estou dominado pela nostalgia.*

Goyle se virou devagar, fazendo uma reverência.

– Meu primeiro dia aqui e já estou gostando do trabalho! Podem enterrar isso – disse ele, indicando o cadáver e dando um sorriso largo para o adepto encolhido. – É melhor que seja enterrado, não é? – disse e em seguida olhou para o nórdico: – De volta à lama, como dizem no seu país!

O prático enorme não deu o menor sinal de que alguém houvesse falado. O kanticense ficou no mesmo lugar, girando repetidamente a argola da orelha. A mulher espiava a carcaça na mesa, farejando-a através da máscara. O adepto médico se manteve encostado em seus frascos, suando profusamente.

Chega dessa encenação. Tenho trabalho a fazer.

– Bom – disse Glokta de modo rígido, mancando em direção à porta. – O mistério está resolvido. Vocês não precisam mais de mim.

O superior Goyle se virou para olhá-lo, seu bom humor desaparecendo subitamente.

– Exato! – sibilou ele, com os olhinhos furiosos quase saltando da cabeça. – Não precisamos mais de você!

Nunca aposte contra um mago

LOGEN ESTAVA SENTADO ao sol forte, encurvado no banco, e suava.

Aquelas roupas ridículas não ajudavam com relação ao calor, nem com nada. A túnica não fora desenhada para alguém sentar-se com ela, o couro duro espremia dolorosamente seus bagos sempre que ele tentava se mexer.

– Que merda – resmungou ele, repuxando-a pela vigésima vez.

Quai não parecia mais confortável com sua vestimenta mágica – o brilho dos símbolos dourados e prateados só fazia seu rosto parecer mais doente e pálido, os olhos mais inquietos e saltados. Ele praticamente não dissera uma palavra durante toda a manhã. Dos três, apenas Bayaz parecia estar se divertindo, sorrindo para a multidão nos bancos, com o sol brilhando na careca bronzeada.

Eles se destacavam em meio à plateia agitada como frutos bem podres e pareciam igualmente populares. Ainda que os bancos estivessem apinhados, com as pessoas sentadas tão próximas que seus ombros se tocavam, um espaço pequeno e nervoso surgira ao redor dos três, onde ninguém se sentava.

O barulho era ainda mais esmagador do que o calor e a multidão. Os ouvidos de Logen zumbiam. Ele precisava se esforçar ao máximo para não apertá-los com as mãos e se jogar embaixo do banco, a fim de se proteger. Bayaz se inclinou para ele.

– Seus duelos eram assim?

Teve de gritar, ainda que sua boca estivesse a menos de um palmo do ouvido de Logen.

– Huh.

Mesmo quando Logen havia lutado contra Rudd Três Árvores e boa parte do exército de Bethod se reunira num grande semicírculo para olhar, gritando e batendo com as armas nos escudos, quando as muralhas de Uffrith, acima deles, estavam apinhadas de espectadores, sua plateia não fora metade do tamanho daquela e nem de longe tão ruidosa. Não mais de trinta homens o haviam assistido matar Shama Sem Coração, matá-lo e depois retalhá-lo como um porco. Logen estremeceu, remexeu-se e levantou os ombros lembrando aquilo. Cortando e cortando e lambendo o sangue dos dedos, enquanto Cachorrão olhava horrorizado e Bethod gargalhava, aplaudindo e instigando. Podia sentir o gosto do sangue agora. Estremeceu e enxugou a boca.

Tinha havido muito menos gente, no entanto os riscos eram muito mais altos. A vida dos lutadores, para começar, e a propriedade da terra, de aldeias, cidades, o futuro de clãs inteiros. Quando lutara contra Tul Duru, não menos de cem pessoas assistiram, mas talvez todo o destino do Norte houvesse girado naquela meia hora sangrenta. Se ele perdesse, se Cabeça de Trovão o tivesse matado, as coisas seriam as mesmas? Se Barca Negra, ou Harding Sinistro, ou qualquer um daqueles outros o tivesse mandado de volta à lama, será que Bethod teria agora uma corrente de ouro e se proclamaria rei? Será que a União estaria em guerra contra o Norte? Aquele pensamento fez sua cabeça doer. Mais ainda.

– Você está bem? – perguntou Bayaz.

– Hum-hum – murmurou Logen, mas tremia, mesmo no calor.

Para que todas aquelas pessoas estavam ali? Só para se divertir. Poucos poderiam achar as batalhas de Logen muito divertidas, a não ser Bethod, talvez. Poucos outros.

– Isso não se parece com minhas lutas – murmurou consigo mesmo.

– O quê? – perguntou Bayaz.

– Nada.

– Ah.

O velho deu um sorriso largo para a multidão ao redor, coçando a barba curta e grisalha.

– Quem você acha que vai ganhar?

Logen não se importava muito, mas calculou que qualquer distração para afastá-lo das memórias era bem-vinda. Olhou para o local onde os dois lutadores se preparavam, não longe de onde estava sentado. O rapaz bonito e orgulhoso que haviam conhecido no portão era um deles. O outro era pesado e de aparência poderosa, com pescoço grosso e um olhar quase entediado.

Deu de ombros.

– Não sei nada sobre esse negócio.

– O quê? Você, o Nove Sangrento, um campeão que lutou e venceu dez desafios, o homem mais temido do Norte, não tem opinião? Certamente o combate de um contra um é a mesma coisa em todo o mundo!

Logen estremeceu e molhou os lábios. O Nove Sangrento. Isso estava longe, no passado, mas não o suficiente para ele. Sua boca ainda trazia um gosto metálico, de sal, de sangue. Tocar um homem com uma espada não é nem de longe a mesma coisa que abri-lo, mas ele olhou de novo os dois oponentes. O rapaz orgulhoso enrolou as mangas da camisa, tocou os dedos dos pés, moveu o corpo para um lado e para o outro, girou os braços como um moinho de vento, tudo isso sob a supervisão de um soldado sério e velho, com uniforme vermelho impecável. Um homem alto, de aparência preocupada, entregou duas espadas finas ao lutador, uma mais comprida do que a outra, e ele as girou diante do corpo com velocidade impressionante, fazendo as lâminas relampejarem.

O oponente permaneceu parado, encostado na lateral de madeira da área reservada para ele, alongando o pescoço de touro de um lado para o outro sem muita pressa, espiando ao redor com olhos preguiçosos.

– Quem é quem? – perguntou Logen.

– O asno pomposo do portão é Luthar. O que está meio adormecido é Gorst.

Estava claro quem a multidão preferia. O nome de Luthar podia ser ouvido frequentemente no meio da balbúrdia, e gritos e aplausos recebiam cada movimento de suas espadas finas. Ele parecia rápido, hábil e esperto, mas havia algo mortal na espera relaxada daquele grandalhão, algo sombrio em seus olhos de pálpebras pesadas. Logen preferiria enfrentar Luthar, apesar de toda a sua velocidade.

– Acho que Gorst.

– Gorst, verdade? – falou Bayaz e seus olhos reluziram. – Que tal uma pequena aposta?

Logen ouviu Quai inspirando o ar com ruído.

– Nunca aposte contra um mago – sussurrou o aprendiz.

Para Logen isso não parecia fazer muita diferença.

– Que diabos eu tenho para apostar?

Bayaz deu de ombros.

– Bom, só digamos que é pela honra, então.

– Se você quiser.

Logen nunca tivera muita honra e não se incomodava em perder a pouca que tinha.

– Bremer dan Gorst!

Os aplausos esparsos foram abafados por uma avalanche de chiados e vaias enquanto o grande touro seguia preguiçosamente para a sua marca, os olhos semicerrados mirando o chão, as espadas grandes e pesadas balançando nas mãos grandes e pesadas. Entre o cabelo bem curto e o colarinho da camisa, onde o pescoço deveria estar, havia apenas uma grossa dobra de músculos.

– Desgraçado feio – murmurou Jezal consigo mesmo, observando-o. – Idiota desgraçado e feio.

Contudo, os xingamentos soavam sem convicção mesmo aos seus próprios ouvidos. Tinha visto o sujeito travar três combates e demolir três bons oponentes. Um deles ainda não saíra da cama, passada uma semana. Jezal estivera treinando nos últimos dias especificamente para se contrapor ao estilo grosseiro de Gorst: Varuz e West girando grandes cabos de vassoura enquanto ele se desviava para um lado e para o outro. Mais de uma vez um deles fez contato. Jezal ainda estava dolorido por causa dos hematomas.

– Gorst? – anunciou o juiz com ar lamentoso, esforçando-se ao máximo para provocar aplausos da plateia.

Mas o público não estava interessado. As vaias só ficaram mais altas, seguidas por gritos de zombaria e provocações quando Gorst ocupou sua marca.

– Seu boi desajeitado!

– Volte para a sua fazenda e vá puxar um arado!

– Bremer, o grosso!

E coisas do tipo.

A plateia se estendia para trás, perdendo-se de vista até a obscuridade. Todos estavam ali. Todas as pessoas do mundo, era o que parecia. Cada plebeu da cidade se juntava nas bordas distantes. Cada cavalheiro, artesão e comerciante apinhava os bancos do meio. Cada nobre do Agriont na frente, desde os quintos filhos de ninguéns de alto nascimento até os grandes magnatas dos conselhos Aberto e Fechado. O camarote real estava cheio: a rainha, os dois príncipes, lorde Hoff, a princesa Terez. Até o rei parecia estar acordado pela primeira vez – o que era de fato uma honra –, com os olhos esbugalhados espiando ao redor, cheios de espanto. Em algum lugar estavam o pai e os irmãos de Jezal, seus amigos e colegas oficiais, todos os seus conhecidos, mais ou menos. Ardee também, ele tinha esperança, assistia...

No fim das contas, uma plateia e tanto.

– Jezal dan Luthar! – gritou o juiz.

A balbúrdia sem sentido da multidão se transformou numa tempestade de aplausos, uma onda trovejante de apoio. Os gritos ressoavam e ecoavam na arena, fazendo a cabeça de Jezal latejar.

– É isso aí, Luthar!

– Luthar!

– Mate o desgraçado!

E coisas do tipo.

– Vá, Jezal – sussurrou o marechal Varuz em seu ouvido, dando-lhe um tapa nas costas e empurrando-o gentilmente para o círculo. – E boa sorte.

Jezal caminhou atordoado, com o barulho da multidão socando seus ouvidos até parecer que a cabeça iria explodir. O treinamento dos últimos meses relampejou em sua mente. As corridas, a natação, o trabalho com a barra pesada. As lutas contra West, a trave, as intermináveis sequências de movimentos. Os castigos, o estudo, o suor e a dor. Só para que ele estivesse ali. Sete toques. Quem fizesse quatro primeiro venceria. Tudo se resumindo a isto.

Ocupou a marca diante de Gorst e olhou para aqueles olhos de pálpebras pesadas. Eles o encararam, frios e calmos, quase como se focassem para além dele, como se ele não estivesse ali. Isso o irritou e ele afastou os pensamentos e ergueu seu queixo nobre. Não deixaria, não *poderia* deixar que aquele pateta o derrotasse. Mostraria a todas aquelas pessoas o seu sangue, sua habilidade e sua determinação. Ele era Jezal dan Luthar. Venceria. Era um fato incontestável. Sabia disso.

– Comecem!

O primeiro golpe o fez recuar num giro. Despedaçou sua confiança, sua pose e quase o seu pulso. Ele vira Gorst esgrimir, claro, se é que aquilo se poderia chamar assim, por isso sabia que o sujeito viria com um golpe giratório, mas nada o teria preparado para aquele impacto avassalador. A multidão ofegou junto quando ele cambaleou para trás. Todo o planejamento tão bem elaborado, todos os conselhos cuidadosamente dados por Varuz, tudo desapareceu no ar. Ele se encolheu de dor e surpresa, o braço ainda vibrando com a força da pancada, os ouvidos ainda ressoando com o estrondo, a boca aberta, os joelhos bambos.

Nem de longe era o começo mais promissor, mas o golpe seguinte veio com mais força ainda, descendo como um relâmpago. Jezal saltou de lado e deslizou para longe, tentando ganhar espaço e tempo. Tempo para bolar alguma tática, algum truque para aplacar a maré implacável do metal girando. Mas Gorst não lhe daria tempo. Já estava soltando outro grunhido gutural, com a espada longa começando o próximo arco imbatível.

Jezal se desviava quando podia, bloqueava quando não podia, os pulsos doendo com o castigo incessante. Para começar, esperava que Gorst se cansasse. Ninguém poderia girar aqueles grandes pedaços de metal durante tanto tempo, do jeito que ele estava fazendo. Logo o ritmo feroz cobraria seu preço e o grandalhão ficaria mais lento e afrouxaria, as espadas pesadas perdendo seu veneno. Então Jezal lutaria, insistente, teimoso. Esgotaria o oponente e venceria.

A multidão racharia o Agriont com seus gritos. A clássica história de alguém que vence contra todas as probabilidades.

Só que Gorst não se cansava. O sujeito era uma máquina. Depois de minutos, ainda não havia o menor sinal de cansaço naqueles olhos de pálpebras pesadas. Não havia praticamente nenhum tipo de emoção que Jezal pudesse identificar nos raros momentos em que ousava afastar os olhos das espadas que relampejavam. A espada comprida girava, girava e girava em seus círculos brutais, e a curta estava sempre ali, para afastar os esforços débeis que Jezal conseguia imprimir nos intervalos. Ela jamais vacilava nem baixava um centímetro que fosse. A força dos golpes não diminuiu, os grunhidos saíam da garganta de Gorst com o mesmo vigor de sempre. A multidão não recebia nada para aplaudir e meramente murmurava com ira. Foi Jezal que começou a sentir as pernas ficando mais lentas, o suor brotando na testa, a mão escorregando nas espadas.

Viu a espada chegando a um quilômetro de distância, mas não houve nada que pudesse fazer a respeito. Havia recuado até ficar sem espaço no círculo. Tinha bloqueado e aparado até perder a sensibilidade nos dedos. Dessa vez, quando levantou o braço dolorido e houve o estrondo de metal contra metal, seu pé cansado escorregou e ele se esparramou fora do círculo, batendo de lado e soltando sua espada menor, que ficou girando longe dos dedos doloridos. O rosto bateu no chão e ele engoliu um bocado de areia. Foi uma queda doída e constrangedora, mas ele estava cansado e apanhara demais para se decepcionar tanto com isso. Ficou quase aliviado porque o castigo terminara, ao menos por um momento.

– Um para Gorst! – gritou o juiz.

Um leve salpico de aplausos foi esmagado sob vaias de desprezo, porém o grandalhão nem pareceu notar. Arrastava os pés de volta à sua marca, de cabeça baixa e já se preparando para o próximo toque.

Jezal rolou devagar, pôs-se de quatro, flexionou as mãos doloridas, demorando-se para levantar. Precisava de um momento para respirar e ficar preparado, pensar em alguma estratégia. Gorst esperava: grande, silencioso, imóvel. Jezal espanou a areia da camisa, com a mente em disparada. Como derrotá-lo? Como? Voltou cautelosamente para sua marca, levantou as espadas.

– Comecem!

Desta vez Gorst veio com mais força ainda, golpeando em círculos como se estivesse colhendo trigo, fazendo Jezal dançar pela borda do círculo. Um golpe passou tão perto do seu lado esquerdo que ele pôde sentir o vento na bochecha. O próximo errou por uma margem igual, do lado direito. Então Gorst girou mirando a cabeça de Jezal e ele viu uma abertura. Abaixou-se, certo de que a

lâmina estava cortando os fios do seu cocuruto. Diminuiu a distância enquanto a espada longa e pesada se afastava, quase pegando no rosto do juiz e deixando a lateral de Gorst exposta.

Jezal deu uma estocada contra o gigante desgraçado, na certeza de que enfim havia conseguido, sabendo que empataria com aquele toque. Mas Gorst aparou a estocada com a espada curta, desviando-a para longe, as guardas das duas lâminas raspando e em seguida travando uma na outra. Jezal tentou cortá-lo malignamente com a espada menor, mas de algum modo Gorst bloqueou esse golpe também, levantando a outra lâmina bem a tempo e parando a de Jezal a centímetros do peito.

Por um instante, as quatro espadas ficaram travadas, os cabos raspando, os rostos dos espadachins separados por meros centímetros. Jezal rosnava como um cão, os dentes à mostra, os músculos do rosto transformados numa máscara rígida. As feições pesadas de Gorst mostravam pouco sinal de esforço. Parecia alguém que estivesse mijando: envolvido numa tarefa comum e levemente desagradável que deveria ser apenas realizada o mais rapidamente possível.

Por um instante as lâminas ficaram presas umas nas outras, Jezal empurrando com cada grão de sua força, cada músculo treinado flexionando-se: as pernas esforçando-se contra o chão, a barriga contraída para apoiar os braços, os braços lutando para empurrar as mãos, as mãos apertando os punhos das espadas com toda a energia possível. Cada músculo, cada cartilagem, cada tendão. Sabia que tinha a posição melhor, o grandalhão estava desequilibrado. Se conseguisse empurrá-lo um passo para trás... um centímetro...

Por aquele instante as espadas se travaram, então Gorst baixou o ombro e grunhiu, depois jogou Jezal para longe, como uma criança que se livrasse de um brinquedo entediante.

Jezal foi para trás, cambaleando com a boca aberta e os olhos arregalados de surpresa, os pés fincando-se na terra, toda a atenção concentrada em permanecer de pé. Ouviu Gorst rosnar de novo e ficou pasmo ao ver a espada longa já se curvando no ar, em sua direção. Não estava pronto para se desviar e, de qualquer modo, não haveria tempo. Levantou o braço esquerdo por instinto, mas a força da lâmina grossa e cega empurrou sua espada curta feito uma palha ao vento e se chocou contra suas costelas, arrancando o ar dos pulmões num gemido de dor que ecoou pela arena silenciosa. Suas pernas se dobraram diante do corpo e ele se esparramou no chão, os membros caindo pesadamente, a respiração fazendo um som de fole rasgado.

Desta vez não houve sequer a sombra de aplausos. A multidão rugiu de ódio, vaiando e sibilando contra seu adversário com toda a força, enquanto Gorst voltava para a área designada a ele.

– Dane-se, Gorst, seu bandido!

– Levante-se, Luthar! Levante-se e parta para cima dele!

– Vá para casa, seu brutamontes!

– Selvagem maldito!

As vaias se transformaram em aplausos desanimados quando Jezal se levantou da grama, com um lado inteiro do corpo latejando. Teria gritado de dor se tivesse algum ar dentro dos pulmões. Apesar de todo o esforço, de todo o treinamento, fora absolutamente suplantado e tinha consciência disso. Pensar em fazer tudo de novo no ano seguinte lhe deu vontade de vomitar. Esforçou-se ao máximo a fim de parecer inabalável conforme voltava à área delimitada aos concorrentes, mas não pôde evitar se deixar cair pesado e frouxo na cadeira quando chegou, ofegando e largando as espadas cheias de mossas nas pedras do piso.

West se curvou junto a ele e levantou sua camisa para avaliar o dano. Jezal olhou para baixo, cauteloso, esperando ver um grande buraco na lateral de seu tronco, mas só havia um feio inchaço vermelho nas costelas, com um hematoma escuro já surgindo ao redor.

– Alguma coisa quebrada? – perguntou o marechal Varuz, espiando por cima do ombro de West.

Jezal lutou para conter as lágrimas enquanto o major sondava suas costelas.

– Acho que não, mas que desgraça! – desabafou West e jogou a toalha no chão, enojado. – É isso que vocês chamam de belo esporte? Não existem regras que impeçam essas espadas pesadas?

Varuz balançou a cabeça, sério.

– Todas têm de ter o mesmo comprimento, mas não existe regra para peso. Quero dizer, por que alguém poderia querer espadas pesadas?

– Agora nós sabemos, não é? – reagiu West com rispidez. – Tem certeza de que não deveríamos parar com isso antes que o desgraçado arranque a cabeça dele?

Varuz o ignorou.

– Olhe aqui – disse o velho marechal, abaixando-se para falar junto ao rosto de Jezal. – É a melhor de sete toques! O primeiro a chegar a quatro! Ainda há tempo!

Tempo para quê? Para Jezal ser cortado ao meio, com lâminas cegas ou não?

– Ele é forte demais! – ofegou Jezal.

– Forte demais? Ninguém é forte demais para você!

Só que até Varuz parecia em dúvida.

– Ainda há tempo! Você pode derrotá-lo! – afirmou o velho marechal e puxou as pontas do bigode. – Você pode derrotá-lo!

Jezal notou que ele não sugeriu como.

Glokta estava começando a ter medo de sufocar, tão convulsivas eram suas gargalhadas. Tentava pensar em algo a que preferisse assistir, em vez de Jezal dan Luthar ser trucidado na esgrima, mas não conseguia. O rapaz se retraía, mal conseguindo bloquear um golpe. Ele não vinha usando bem o lado esquerdo desde que levara aquela pancada nas costelas, Glokta quase podia sentir sua dor. *E ora, ora, como era bom sentir a dor de outra pessoa, para variar.* Enquanto as pessoas na multidão estavam carrancudas, silenciosas e pensativas vendo Gorst assolar o preferido delas com seus cortes brutais, Glokta gargalhava por entre as gengivas trincadas.

Luthar era rápido e vistoso e se movia bem assim que via as lâminas chegando. *É um lutador competente. Suficientemente bom para vencer um Campeonato num ano medíocre, sem dúvida. Pés rápidos e mãos ágeis, mas a mente não é tão afiada quanto deveria. Quanto precisa ser. Ele é previsível demais.*

Gorst era outra coisa. Parecia estar dando golpes giratórios sem um pensamento na cabeça. Mas Glokta sabia que não era assim. *Ele tem um modo totalmente novo de fazer as coisas. No meu tempo, eram somente golpes curtos e mais golpes curtos. Mas no Campeonato do ano que vem todos estarão retalhando com aquelas espadas grandes e pesadas.* Glokta se perguntou preguiçosamente se poderia ter vencido Gorst quando estava em sua melhor forma. *Pelo menos devia ser digno de assistir – muito melhor do que essa disputa desigual.*

Gorst se livrou facilmente de alguns golpes curtos e frouxos, em seguida Luthar aparou por pouco um talho assassino. A intensidade do golpe foi tamanha que quase arrancou Jezal do chão, fez Glokta se retrair e a multidão sibilar. Luthar não teve como se desviar do giro seguinte, pressionado como estava na borda do círculo, e foi obrigado a saltar para trás, na areia.

– Três a zero! – gritou o juiz.

Glokta se sacudiu de contentamento ao ver Luthar golpear o chão, frustrado, fazendo voar um jato de areia. O rosto do capitão era a própria imagem da autopiedade. *Nossa, capitão Luthar, vai ser de quatro a zero! Uma vitória de lavada. Uma vergonha. Talvez isso ensine um pouco de humildade a esse merdinha ranhento. Alguns homens ficam melhores depois de uma boa surra. Basta olhar para mim, não é?*

– Comecem!

O quarto assalto começou exatamente como o terceiro havia terminado. *Com Luthar levando uma surra.* Glokta podia ver: o sujeito estava desorientado. Seu braço esquerdo se movia lentamente, dolorosamente, os pés pareciam pesados.

Outro golpe entorpecedor se chocou contra sua espada longa, fazendo-o tropeçar para trás na direção da borda do círculo, desequilibrado e ofegante. Gorst só precisava pressionar mais um pouco no ataque. *E algo me diz que ele não é do tipo que relaxa quando está ganhando.* Glokta segurou sua bengala, obrigou-se a ficar de pé. Qualquer um podia ver que aquilo estava terminado e ele não tinha vontade de ficar preso na multidão frustrada quando todas as pessoas tentassem ir embora ao mesmo tempo.

A espada de Gorst desceu. *O golpe final, certamente.* A única opção de Luthar era tentar bloqueá-lo e ser jogado para fora do círculo. *Ou o golpe poderia apenas partir sua cabeça grande. Podemos esperar isso.* Glokta sorriu, já virando-se para ir embora.

Mas com o canto do olho viu Gorst errar o golpe, de algum modo. Gorst piscou quando sua espada longa e pesada bateu no chão, depois grunhiu quando Luthar o acertou na perna com uma cutilada de mão esquerda. Foi o máximo de emoção que ele havia demonstrado o dia inteiro.

– Um para Luthar! – gritou o juiz depois de uma pausa breve, incapaz de afastar totalmente o espanto da voz.

– Não – murmurou Glokta consigo mesmo, enquanto a multidão ao redor irrompia em aplausos tempestuosos.

Não. Ele havia lutado centenas de assaltos na juventude e havia assistido a centenas de outros, mas jamais vira algo assim, jamais vira alguém se mover tão depressa. Luthar era um bom espadachim, sabia disso. *Mas ninguém é tão bom assim.* Franziu a testa ao ver os dois finalistas voltarem do segundo intervalo e ocuparem suas marcas.

– Comecem!

Luthar estava transformado. Assediava Gorst com golpes curtos, rápidos e furiosos, sem dar tempo para que o adversário sequer começasse. Agora era o grandalhão que parecia estar no limite: bloqueando, desviando-se, tentando ficar fora do alcance. Era como se tivessem tirado o velho Luthar dali durante a pausa e o substituído por outro homem: um irmão gêmeo mais forte, mais rápido, muito mais confiante.

Depois de tanto tempo sem ter o que aplaudir, a multidão uivava e gritava como se fosse rasgar a garganta. Glokta não partilhava desse entusiasmo. *Há algo errado aqui. Algo está errado.* Olhou os rostos próximos, mas ninguém mais havia sentido algo estranho. Só viam o que queriam ver: Luthar dando uma surra espetacular e merecida no brutamontes feio. O olhar de Glokta examinou a arquibancada, sem saber o que estava procurando.

O suposto Bayaz. Sentado entre as primeiras filas, inclinado para a frente e olhando os dois lutadores com muita concentração, tendo o “aprendiz” e o

nórdico cheio de cicatrizes ao lado. Ninguém mais notava, todos estavam atentos aos lutadores, mas Glokta notou. Esfregou os olhos e olhou de novo. *Alguma coisa errada.*

– Uma coisa podemos dizer com relação ao Primeiro dos Magos: ele é um trapaceiro – resmungou Logen.

Bayaz tinha um sorrisinho no canto da boca ao enxugar o suor da testa.

– E quem disse que ele não era? – zombou.

Luthar estava com problemas de novo. Problemas graves. A cada vez que bloqueava um daqueles giros pesados, sua espada recuava um pouco mais e sua mão parecia mais frouxa. A cada vez que se desviava, terminava um pouco mais para trás, junto à borda do círculo amarelo.

Então, no momento em que o fim parecia certo, Logen viu com o canto do olho o ar acima dos ombros de Bayaz tremular, como acontecera na estrada para o Sul quando as árvores pegaram fogo, e ele sentiu aquele puxão estranho nas entranhas.

De repente Luthar pareceu revigorado. Aparou o golpe avassalador seguinte com o cabo da espada curta. Um instante antes, aquilo poderia ter feito a arma voar da sua mão. Mas ele a segurou ali por um momento, depois a empurrou com um grito, desequilibrando o oponente e saltando adiante, subitamente no ataque.

– Se você fosse apanhado trapaceando num duelo no Norte – resmungou Logen, balançando a cabeça –, cortariam sua barriga e arrancariam suas tripas.

– Sorte minha não estarmos mais no Norte – murmurou Bayaz com os dentes trincados, sem afastar o olhar dos lutadores.

O suor já brotava de novo em seu couro cabeludo, escorrendo pelo rosto em gotas gordas. Seus punhos estavam cerrados e tremendo com o esforço.

Luthar golpeava furiosamente, de novo e de novo, as espadas virando um borrão. Gorst grunhia e rosnava afastando os golpes, mas agora Luthar era rápido demais para ele e absurdamente forte. Impeliu-o sem piedade pelo círculo feito um cão enlouquecido tocando uma vaca.

– Porra de trapaça – resmungou Logen de novo, enquanto a lâmina de Luthar relampejava, traçando uma linha brilhante na bochecha de Gorst.

Algumas gotas de sangue espirraram na multidão à esquerda de Logen e o público explodiu em aplausos tumultuosos. Isso, apenas por um momento, era uma sombra de seus próprios duelos. O grito do juiz declarando três toques para cada lutador mal pôde ser ouvido. Gorst franziu a testa ligeiramente e levou uma das mãos ao rosto.

Acima da balbúrdia, Logen mal conseguiu escutar o sussurro de Quai:

– Nunca aposte contra um mago...

Jezal sabia que era bom, mas nunca sonhara que pudesse ser *tão bom*. Estava veloz como um gato, ágil como uma mosca, forte como um urso. As costelas não doíam mais, os pulsos não doíam mais, todos os traços de exaustão o haviam deixado, toda a insegurança desaparecera. Estava destemido, sem igual, imbatível. Os aplausos trovejavam ao redor, no entanto ele podia ouvir cada palavra, ver cada detalhe de cada rosto na multidão. Seu coração bombeava fogo, em vez de sangue, seus pulmões sugavam as próprias nuvens.

Durante a pausa, nem se incomodou em sentar-se, tão grande era sua ansiedade para voltar ao círculo. A cadeira era um insulto para ele. Não estava escutando o que Varuz e West diziam. Eles não tinham importância. Eram gente pequena, muito abaixo dele. Eles o encaravam: vermelhos, pasmos, como deveriam estar.

Ele era o maior espadachim de todos os tempos.

Aquele aleijado do Glokta estava mais do que certo: ao que tudo indicava, Jezal só precisava tentar e poderia obter qualquer coisa que desejasse. Deu um sorrisinho ao seguir lépido até a marca. Riu ao ouvir a multidão aplaudindo. Sorriu para Gorst, que voltava ao círculo. Tudo estava exatamente como deveria. Aqueles olhos continuavam com as pálpebras pesadas, preguiçosos acima do pequeno corte vermelho que Jezal lhe dera, mas agora também havia outra coisa: um traço de surpresa, de cautela, de respeito. Como deveria ser.

Não existia nada que Jezal não pudesse alcançar. Ele era invencível. Era impossível de ser parado. Ele estava...

– Comecem!

... completamente perdido. A dor lancinou na lateral do corpo e o fez ofegar. De repente sentiu medo, ficou cansado e fraco de novo. Gorst rosnou e disparou seus golpes selvagens, fazendo as espadas chacoalharem nas mãos de Jezal e ele pular feito um coelho amedrontado. A maestria havia sumido, junto com a capacidade de análise, a coragem. E os ataques de Gorst eram mais brutais do que nunca. Jezal sentiu um terrível desespero quando sua espada longa foi arrancada de suas mãos ardidas, voou e bateu ruidosamente na proteção da plateia. Jezal foi jogado de joelhos. A multidão ofegou. Tudo estava acabado...

Não, não estava acabado. O golpe descia em arco na direção dele. O golpe final. Mas pareceu lento, vagaroso, como se passasse através de mel. Jezal sorriu. Seria fácil desviá-lo com a espada. Sentia sua força fluir de novo. Ele saltou para cima, empurrou Gorst com a mão livre, deu um golpe giratório de

lado, depois outro, a única espada fazendo o serviço de duas, e com tempo de sobra. Exceto pelo som do choque das armas, a arena ficou em silêncio, sem fôlego. Direita e esquerda, direita e esquerda, ia a lâmina curta, relampejando mais veloz do que o olho podia seguir, mais rápida do que sua mente podia pensar, quase como se fosse ela a guiar o espadachim.

Houve um guincho de metal contra metal quando ela arrancou a espada longa e cheia de mossas da mão de Gorst, depois outro, quando a espada curta teve o mesmo destino. Por um momento tudo ficou imóvel. O grandalhão, desarmado e com os calcanhares na borda do círculo, olhou para Jezal. A multidão ficou em silêncio.

Então Jezal ergueu devagar a espada, que de repente pareceu pesar uma tonelada, e cutucou Gorst gentilmente na costela.

– Uh – fez o grandalhão baixinho, levantando as sobrancelhas.

A multidão explodiu em aplausos ensurdecedores. O som se prolongou, aumentando mais e mais, caindo em ondas sobre Jezal. Agora que tudo havia terminado, ele se sentia mais exaurido do que poderia descrever. Fechou os olhos, oscilando, a espada caiu dos dedos sem nervos e ele tombou de joelhos. Estava para além da exaustão. Era como se tivesse usado toda a energia de uma semana em alguns instantes. Mesmo ficar ajoelhado era um esforço que ele não sabia se conseguiria sustentar por muito tempo e, se caísse, não tinha certeza se conseguiria se levantar outra vez na vida.

Mas então sentiu mãos fortes segurá-lo por baixo dos braços e puxá-lo para cima. O ruído da multidão ficou mais alto ainda enquanto ele era erguido no ar. Abriu os olhos – cores molhadas, borradas, relampejavam diante dele. Sua cabeça ressoava com aquele som. Estava nos ombros de uma pessoa. Alguém de cabelos muito curtos. Gorst. O grandalhão o erguera, como um pai a um filho, e o exibia para a multidão, dando um sorriso grande e feio para ele. Jezal sorriu de volta, sem querer. Era um momento estranho.

– Vitória de Luthar! – gritou o juiz desnecessariamente, quase inaudível. – Luthar é o vencedor!

Os aplausos haviam se fundido num canto constante: “Luthar! Luthar! Luthar!” A arena se sacudia com aquilo. A cabeça de Jezal mergulhava naquela cantoria. Era como estar embriagado. Embriagado de vitória. Embriagado de si mesmo.

Gorst o baixou de volta no círculo e os aplausos da multidão começaram a diminuir.

– Você me venceu – disse ele com um sorriso largo, a voz estranhamente aguda e suave, quase feminina. – Foi uma luta justa. Quero ser o primeiro a lhe dar os parabéns.

Gorst assentiu com a cabeçorra e sorriu de novo, esfregando o corte embaixo do olho sem a menor amargura.

– Você merece – disse, estendendo a mão.

– Obrigado.

Jezal deu um sorriso azedo e apertou a manzorra do sujeito o mais superficialmente possível, depois se virou na direção da área que fora designada a ele. Claro que ele merecia, porra, e de jeito nenhum deixaria aquele idiota se regalar em sua glória por mais um instante que fosse.

– Bravo, meu garoto, bravo – falou um entusiamado marechal Varuz, dando-lhe um tapa no ombro quando ele cambaleou de volta para a cadeira, com as pernas bambas. – Eu sabia que você poderia conseguir!

West riu, entregando a toalha.

– Vão falar sobre isso durante anos.

Outras pessoas apareceram apinhando-se, dando os parabéns, inclinando-se por cima da proteção. Um redemoinho de rostos sorridentes e, entre eles, o do pai de Jezal, reluzindo de orgulho.

– Eu sabia que você conseguiria, Jezal! Nunca duvidei! Nem por um minuto! Você honrou nossa família!

Entretanto Jezal notou que o irmão mais velho não parecia nem um pouco satisfeito com aquilo. Tinha a expressão enfadonha e invejosa de sempre, mesmo no momento de vitória de Jezal. Aquele desgraçado maçante e invejoso não poderia ficar feliz pelo irmão, nem um dia?

– Posso dar os parabéns ao vencedor, também? – disse uma voz por cima do ombro dele.

Era aquele velho idiota, o do portão, o que Sulfur havia chamado de mestre. O que havia usado o nome de Bayaz. Sua careca estava suada, muito suada. Seu rosto estava sem cor, os olhos fundos. Quase como se tivesse acabado de lutar sete assaltos com Gorst.

– Muito bem mesmo, jovem amigo, foi um desempenho quase... mágico.

– Obrigado – murmurou Jezal.

Não tinha certeza de quem era aquele velho ou do que ele queria, mas não confiava nele nem um pouco.

– Mas sinto muito, eu preciso... – desculpou-se o capitão.

– Claro. Conversaremos mais tarde.

Ele disse isso de um modo decidido e perturbador, como se já fosse algo combinado. Em seguida se virou e sumiu na multidão. O pai de Jezal olhou para as costas do velho, agora com o rosto pálido, como se tivesse visto um fantasma.

– O senhor o conhece, pai?

– Eu...

– Jezal! – chamou Varuz, já agarrando seu braço, empolgado. – Venha! O rei quer lhe dar os parabéns!

Ele arrastou Jezal para longe da família, indo na direção do círculo. Alguns aplausos soaram de novo quando os dois andaram juntos pela grama seca, o local da vitória de Jezal. O lorde marechal passou um braço por seu ombro, num gesto paternal, e sorriu para a multidão como se os aplausos fossem para ele. Pelo jeito todo mundo queria um pedaço de sua glória, mas Jezal conseguiu afastar o velho ao subir os degraus até o camarote real.

O príncipe Raynault, filho mais novo do rei, era o primeiro da fila, vestido humildemente, de aparência honesta e sensata, quase como se não fizesse parte da realeza.

– Parabéns! – gritou ele acima do rugido da multidão, e parecia de fato deliciado com a vitória de Jezal. – Parabéns mesmo!

Seu irmão mais velho foi mais exuberante.

– Incrível! – gritou o príncipe herdeiro Ladisla, com a luz do sol reluzindo nos botões dourados de seu paletó branco. – Fantástico! Espantoso! Espetacular! Nunca vi uma coisa assim!

Jezal sorriu e fez uma reverência humilde enquanto passava, encolhendo os ombros quando o príncipe herdeiro lhe deu um tapa um tanto forte demais nas costas.

– Eu sempre soube que você conseguiria! Eu sempre confiei em você!

A princesa Terez, filha única do grão-duque Orso de Talins, olhou Jezal passar com um sorriso minúsculo, desdenhoso, batendo com dois dedos lânguidos na palma da mão, num semiaplauso desanimadíssimo. Seu queixo estava dolorosamente erguido, como se simplesmente ser olhado por ela fosse uma honra pela qual ele jamais pudesse agradecer o suficiente e que com certeza não merecia.

E assim Jezal chegou finalmente ao alto assento de Guslav V, rei supremo da União. A cabeça dele estava tombada de lado, espremida sob a coroa reluzente. Seus dedos pálidos e flácidos estremeciam no manto de seda carmesim como lesmas brancas. Os olhos estavam fechados, o peito subindo e descendo suavemente, acompanhado por estalos fracos enquanto o cuspe saía dos lábios frouxos e escorria pelo queixo, juntando-se ao suor das papadas enormes e ajudando a deixar sua gola alta escura de umidade.

De fato, Jezal estava diante da própria nobreza.

– Majestade – murmurou lorde Hoff.

O chefe de estado não reagiu. Sua esposa, a rainha, ficou olhando, muito ereta, com um sorriso sem emoção grudado no rosto empoado. Jezal não sabia para onde olhar e se decidiu pelos sapatos empoeirados. O lorde camarista tossiu alto.

Um músculo estremeceu por baixo da gordura suada na lateral do rosto do rei, mas ele não acordou. Hoff se retraiu e, conferindo ao redor para garantir que ninguém estivesse olhando com muita atenção, cutucou com o dedo as costelas reais.

O rei deu um pulo, as pálpebras abrindo-se de súbito, as papadas fartas balançando, espiando Jezal com olhos agitados, injetados de sangue, com bordas vermelhas.

– Majestade, este é o capitão...

– Raynault! – exclamou o rei. – Meu filho!

Jezal engoliu em seco, nervoso, esforçando-se ao máximo para manter um sorriso rígido. O velho senil o havia confundido com o filho mais novo. Pior ainda, o próprio príncipe estava parado a menos de quatro passos de distância. O riso rígido da rainha estremeceu ligeiramente. Os lábios perfeitos da princesa Terez se retorceram com escárnio. O lorde camarista tossiu sem jeito.

– Ah, não, Majestade, este é...

Mas era tarde demais. Do nada, o monarca ficou de pé e envolveu Jezal num abraço entusiasmado. A coroa pesada escorregou para o lado e uma das pontas incrustadas de joias quase furou o olho do capitão. A boca de lorde Hoff se abriu em silêncio. Os dois príncipes olharam espantados. Jezal só conseguiu dar um gorgolejo impotente.

– Meu filho! – balbuciou o rei, a voz embargada de emoção. – Raynault, estou tão feliz porque você voltou! Quando eu me for, Ladisla vai precisar da sua ajuda. Ele é tão fraco e a coroa é um peso tão grande! Você sempre foi mais digno dela! É um peso tão grande! – soluçou ele no ombro de Jezal.

Era como um pesadelo. Ladisla e o verdadeiro Raynault se entreolharam boquiabertos, depois olharam de volta para o pai, ambos parecendo nauseados. Terez estava dando um risinho com ares de superioridade para o futuro sogro com um indisfarçável desprezo. A coisa ia de mal a pior, muito pior. Que diabos seria possível fazer numa situação dessas? Haveria uma regra de etiqueta para isso? Jezal deu um tapinha desajeitado nas costas gordas de seu rei. O que mais poderia fazer? Empurrar o velho idiota e senil de bunda, com metade dos súditos olhando? Quase se sentiu tentado a isso.

Foi um pequeno alento a multidão ter entendido o abraço do rei como uma aprovação enfática das habilidades de Jezal na esgrima e haver abafado as palavras dele numa nova onda de aplausos. Ninguém fora do camarote real ouviu o que ele disse. Todos deixaram de perceber o significado do que, sem dúvida, foi o momento mais embaraçoso da vida de Jezal.

A plateia ideal

QUANDO GLOKTA CHEGOU, o arquileitor Sult estava parado junto à sua enorme janela, alto e imponente como sempre em sua capa branca e impecável, olhando por cima dos pináculos da Universidade, na direção da Casa do Artífice. Uma brisa agradável soprava na grande sala circular, agitando os cabelos brancos do velho e fazendo os muitos papéis em sua mesa enorme estalarem e balançarem.

Ele se virou quando Glokta entrou arrastando os pés.

– Inquisidor – disse simplesmente, estendendo a mão coberta pela luva branca, com a grande pedra do anel do cargo a captar a luz forte do sol e reluzir num púrpura flamejante.

– Eu sirvo e obedeço, Vossa Eminência.

Glokta segurou a mão do arquileitor e fez uma careta ao se curvar para beijar o anel. A bengala tremeu por seu esforço de se manter de pé. *Aposto que o velho desgraçado baixa a mão mais um pouquinho a cada vez, só para me ver suar.*

Com um movimento suave, Sult se derramou em sua cadeira alta, os cotovelos no tampo da mesa, os dedos unidos diante dele. A perna de Glokta ardia devido à subida familiar pela Casa das Perguntas, o suor escorria pelo couro cabeludo, mas ele só pôde ficar de pé e esperar pelo convite para sentar-se.

– Por favor, sente-se – murmurou o arquileitor.

Ele esperou enquanto Glokta se retraía de dor, acomodando-se numa das cadeiras menores ao redor da mesa redonda.

– Agora diga, sua investigação teve algum sucesso?

– Algum. Houve uma perturbação nos aposentos de nossos convidados numa noite dessas. Eles afirmam que...

– Obviamente foi uma tentativa de dar crédito a essa história ultrajante. Magia! – Sult bufou com desdém. – Você descobriu como foi feito o buraco na parede?

Magia, talvez?

– Infelizmente não, arquileitor.

– Que pena. Alguma prova de como esse truque específico foi feito poderia ser útil para nós. Mas... – e Sult suspirou como se não tivesse esperado coisa melhor –... não se pode ter tudo. Você falou com essas... pessoas?

– Falei. Bayaz, se é que posso usar o nome, é um tagarela muito ardiloso. Sem a ajuda de algo mais persuasivo do que apenas perguntas, não consegui arrancar nada dele. Seu amigo, o nórdico, também merece alguma atenção.

Uma ruga se formou na testa lisa de Sult.

– Você suspeita de alguma conexão com aquele selvagem, o Bethod?

– É possível.

– Possível? – ecoou o arquileitor azedamente, como se a simples palavra fosse veneno. – O que mais?

– Houve um acréscimo ao alegre bando.

– Eu sei. O navegador.

Por que me dou o trabalho?

– Sim, Vossa Eminência, um navegador.

– Boa sorte a eles. Esses adivinhos que vivem atrás de moedas sempre representam mais encrenca do que valem a pena. Falando sem parar sobre Deus e sei lá o que mais. Selvagens gananciosos.

– Sem dúvida. Mais encrenca do que valem, arquileitor, mas seria interessante saber por que eles contrataram um.

– E por que fizeram isso?

Glokta fez uma pausa.

– Não sei.

– Uh – bufou Sult. – O que mais?

– Depois da visita noturna que receberam, nossos amigos foram colocados em aposentos junto ao parque. Houve uma morte bastante repulsiva há algumas noites, a menos de vinte passos das janelas deles.

– O superior Goyle mencionou isso. Disse que não era nada com que eu devesse me preocupar, que não havia ligação com nossos visitantes. Deixei o assunto nas mãos dele – disse Sult, para então franzir a testa: – Tomei a decisão errada?

Imagina! Essa nem preciso pensar muito para responder.

– Absolutamente não, arquileitor – garantiu Glokta, baixando a cabeça de modo respeitoso. – Se o superior está satisfeito, eu também estou.

– Hum. Então quer dizer que, no fim das contas, não temos nada.

Não é exatamente nada.

– Temos isto.

Glokta pescou o antigo pergaminho no bolso da capa e o estendeu.

Sult estava com uma expressão de leve curiosidade quando o pegou e o desenrolou na mesa, olhando os símbolos sem sentido.

– O que é?

Rá! Então você não sabe de tudo.

– Imagino que possamos dizer que é um pedaço da história. Um relato de como Bayaz derrotou o Mestre Artífice.

– Um pedaço da história – repetiu Sult e bateu com o dedo pensativamente no tampo da mesa. – E como isso nos ajuda?

Quer dizer, como isso ajuda você?

– Segundo isso aí, foi nosso amigo Bayaz que lacrou a Casa do Artífice – contou Glokta, indicando com a cabeça a silhueta enorme do lado de fora da janela. – Lacrou... e ficou com a chave.

– Chave? A torre sempre esteve lacrada. Sempre. Pelo que sei, nem ao menos existe um buraco de fechadura.

– Foi exatamente nisso que pensei, Vossa Eminência.

– Hum – fez Sult e lentamente começou a sorrir. – As histórias dependem de como são contadas, não é? Nosso amigo Bayaz sabe muito bem disso, ouso dizer. Ele queria usar nossas próprias histórias contra nós, mas agora nós trocamos de lado com ele. Gosto da ironia – falou, pegando o pergaminho de novo. – É autêntico?

– Isso importa?

– Claro que não.

Sult se levantou graciosamente da cadeira e andou até a janela, batendo com o pergaminho enrolado nos dedos. Ficou parado algum tempo, olhando para fora. Quando se virou, exibia um ar de profunda satisfação.

– Ocorre-me que haverá uma festa amanhã à noite, uma comemoração para o nosso novo campeão espadachim, o capitão Luthar.

Aquele vermezinho trapaceiro.

– Os bons e grandes estarão presentes: a rainha, os dois príncipes, a maior parte do Conselho Fechado e vários nobres importantes.

Para não esquecer o próprio rei. A situação chegou a tal ponto que sua presença no jantar nem ao menos é mencionada.

– Seria a plateia ideal para nosso pequeno desmascaramento, não acha?

Glokta baixou a cabeça com cautela.

– Claro, arquileitor. A plateia ideal.

Desde que dê certo. Poderia ser uma plateia embaraçosa diante da qual fracassar.

Mas Sult já estava prevendo o triunfo.

– A reunião perfeita, e temos tempo suficiente para fazer os arranjos necessários. Mande um mensageiro ao nosso amigo, o Primeiro dos Magos, e avise que ele e seus companheiros estão cordialmente convidados a um jantar amanhã à noite. Imagino que você também comparecerá, não?

Eu? Glokta fez outra reverência.

– Eu não perderia por nada, Vossa Eminência.

– Bom. Leve seus práticos. Nossos amigos podem ficar violentos ao perceberem que o jogo acabou. Com relação a bárbaros desse tipo, quem pode dizer do que são capazes?

Um movimento quase imperceptível da mão enluvada do arquileitor indicou que a reunião havia terminado. *Todos aqueles degraus, só para isso?*

Sult estava olhando por cima do nariz para o pergaminho quando Glokta finalmente chegou à porta.

– A plateia ideal – murmurava ele quando a pesada porta dupla se fechou com um estalo.

No Norte, os Carls dos chefes tribais comiam com ele toda noite em seu salão. As mulheres traziam a comida em tigelas de madeira. Você cravava uma faca nos pedaços de carne e com uma faca os cortava, depois enfiava os pedaços na boca com a mão. Se achasse algum osso ou cartilagem, jogava na palha, para os cães. A mesa, se houvesse, eram algumas tábuas de madeira mal encaixadas, manchadas, furadas e cheias de marcas das facas que eram cravadas nela. Os Carls sentavam em bancos compridos e talvez houvesse uma ou duas cadeiras para os Homens Nomeados. Estaria escuro, em especial nos longos invernos, e enfumaçado devido à fogueira no centro e aos cachimbos de chagga. Frequentemente haveria canções, em geral gritos com insultos bem-humorados, às vezes berros com insultos mal-humorados, e sempre muita bebida. A única regra era esperar que o chefe começasse.

Logen não fazia ideia de quais seriam as regras ali, mas supunha que seriam muitas.

Os convidados sentavam ao redor de três mesas compridas arrumadas em forma de ferradura, sessenta pessoas ou mais. Todo mundo tinha sua própria cadeira e a madeira escura dos tampos das mesas fora polida até brilhar, o

bastante para Logen ver o desenho turvo de seu rosto destacado por centenas de velas nas paredes e nas mesas. Cada convidado tinha pelo menos três facas sem gume e várias outras coisas espalhadas à frente, cuja utilidade Logen não fazia ideia, inclusive um grande círculo achatado de metal brilhante.

Não havia gritos e certamente nenhum canto, só um zumbido baixo como uma colmeia enquanto as pessoas murmuravam entre si, inclinadas umas para as outras como se estivessem trocando segredos. As roupas eram mais estranhas do que nunca. Os velhos usavam pesados mantos pretos, vermelhos e dourados, com acabamento de pele brilhante, ainda que fosse uma noite quente. Os rapazes usavam paletós justos em fortes tons de carmesim, verde ou azul, enfeitados com cordas e nós de fios dourados e prateados. As mulheres eram cobertas de correntes, argolas de ouro reluzentes e joias faiscantes e usavam vestidos estranhos, de tecido vívido, ridiculamente soltos e volumosos em alguns lugares, dolorosamente apertados em outros e que deixavam outros ainda totalmente nus – o que de fato era uma grande distração.

Até os serviçais se vestiam como lordes, andando de um lado para o outro atrás das mesas, inclinando-se em silêncio para encher taças com vinho doce e fino. Logen já bebera um bocado e a sala iluminada havia assumido um brilho agradável.

O problema era a falta de comida. Ele não comera nada desde a manhã e seu estômago roncava. Estivera olhando as jarras de plantas nas mesas diante dos convidados. Tinham flores coloridas que não lhe pareciam comestíveis, mas naquele país as pessoas comiam coisas estranhas.

Não haveria problema em experimentar. Arrancou uma daquelas coisas da jarra, um pedaço comprido de uma planta verde com uma flor amarela na ponta. Deu uma mordida na parte de baixo do cabo. Era sem gosto e aguado, mas pelo menos era crocante. Deu uma mordida maior e mastigou com prazer.

– Acho que elas não são para comer.

Logen olhou para o lado, surpreso ao ouvir a língua nórdica ali, surpreso por alguém ao menos estar falando com ele. Seu vizinho, um homem alto e magro, de rosto fino e com rugas, estava inclinado para ele com um sorriso sem graça. Logen o reconheceu vagamente. Ele estivera no jogo de espadas – segurava as armas para o rapaz do portão.

– Ah – murmurou Logen com o bocado de planta na boca, que adquiria um gosto pior a cada segundo. – Desculpe – disse assim que conseguiu forçar o bolo a descer pela garganta. – Não sei muito sobre essas coisas.

– Honestamente, eu também não. Qual era o gosto?

– Igual a merda.

Logen segurou a flor parcialmente comida, inseguro. O piso de ladrilhos era

limpíssimo. Não parecia certo jogar aquela coisa embaixo da mesa. De qualquer modo, não havia cachorros e, mesmo se houvesse, ele duvidava que fossem comer aquilo. Um cachorro teria mais noção que ele. Largou-a no prato de metal e enxugou os dedos no peito, esperando que ninguém tivesse notado.

– Meu nome é West – disse o homem, estendendo-lhe a mão. – Venho de Angland.

Logen apertou a mão dele.

– Nove Dedos. Sou um Brynn, de uma região muito ao norte dos Lugares Altos.

– Nove Dedos?

Logen balançou o cotoco para ele e o sujeito assentiu.

– Ah, entendi – disse West e sorriu como se lembrasse de alguma coisa engraçada. – Uma vez ouvi uma canção, em Angland, sobre um homem de nove dedos. Como ele era chamado mesmo? Nove Sangrento! Era isso!

Logen sentiu seu sorriso sumir.

– Uma daquelas canções nórdicas, você sabe, repletas de violência. Esse tal de Nove Sangrento cortava cabeças até encher carroças, queimava cidades, misturava cerveja com sangue e tudo o mais. Não era você, era?

O sujeito estava brincando. Logen deu um sorriso nervoso.

– Não, não, nunca ouvi falar nele.

Por sorte West já havia seguido adiante:

– Diga, parece que você já viu algumas batalhas.

– Já estive em algumas enrascadas.

Seria inútil negar.

– Conhece esse tal que chamam de rei dos nórdicos? O tal de Bethod?

Logen o olhou de esguelha.

– Sei sobre ele.

– Lutou contra ele nas guerras?

Logen fez uma careta. O gosto azedo da planta parecia estar se demorando na boca. Pegou sua taça e tomou um gole.

– Pior – disse lentamente, pousando-a sobre a mesa. – Lutei por ele.

Isso só pareceu deixar o sujeito mais curioso do que nunca.

– Então sabe sobre suas táticas e tropas, seu modo de guerrear?

Logen assentiu.

– O que pode me dizer sobre ele? – pediu West.

– Que ele é um adversário muito inteligente e implacável, sem piedade nem escrúpulos. Não se engane, eu odeio o sujeito, mas não existiu um líder guerreiro do nível dele desde os tempos de Skarling Sem Capuz. Ele tem algo que os homens respeitam, ou temem, ou pelo menos obedecem. Faz seus homens

marcharem sem descanso, de modo a chegar primeiro ao campo e escolher seu terreno, mas eles marcham com vigor por ele porque ele lhes traz vitórias. É cauteloso quando deve e intrépido quando precisa, mas não deixa nenhum detalhe de lado. Adora todos os truques da guerra: montar armadilhas e emboscadas, fintas e ardis, fazer ataques súbitos contra quem está distraído. Procure-o onde for menos provável e espere que ele esteja mais forte onde parecer mais fraco. Tenha cuidado, acima de tudo, quando ele der a entender que está fugindo. A maioria dos homens o teme e os que não temem são idiotas.

Logen pegou a flor no prato e começou a picá-la em pedacinhos.

– Os exércitos dele são agrupados em torno dos chefes dos clãs, alguns são fortes líderes guerreiros por mérito próprio. A maioria dos homens que estão em combate é de servos, camponeses obrigados a prestar serviço. Têm armas leves, lança ou arco, e se deslocam rapidamente em grupos esparsos. No passado eram mal treinados e tirados das fazendas somente por um tempo curto, mas as guerras estão acontecendo há tanto tempo que muitos se tornaram guerreiros implacáveis e pouco misericordiosos.

Ele começou a arrumar os pedaços da planta como se fossem grupos de homens e o prato, uma colina.

– Cada chefe mantém Carls, além de seus guerreiros pessoais, bem armados e com armaduras, hábeis com machado, espada e lança e disciplinados. Uns poucos têm cavalos, mas Bethod os mantém fora das vistas, esperando o melhor momento para atacar ou perseguir.

Logen arrancou as pétalas amarelas da flor e elas se tornaram cavaleiros escondidos nos flancos.

– Por fim, há os Homens Conhecidos, os Homens Nomeados, guerreiros que ganharam grande respeito em batalha. Eles podem comandar grupos de Carls no campo, agir como batedores ou fazer ataques rápidos, às vezes longe, na retaguarda do inimigo.

Percebeu que o prato estava coberto por uma bagunça de pedaços de planta e os espanou rapidamente para a mesa.

– Essa é a tradição da guerra no Norte, mas Bethod sempre gostou de novas ideias. Ele leu livros e estudou outros modos de lutar e com frequência falava em comprar arcos planos, armaduras pesadas e cavalos de guerra fortes dos comerciantes do Sul e em formar um exército que o mundo todo temeria.

Logen notou que vinha falando sem parar. Fazia anos que não usava tantas palavras, mas West o olhava com atenção, fascinado.

– Você fala como alguém que sabe o que faz.

– Bom, por acaso você puxou o único assunto em que eu posso ser considerado especialista.

– Que conselho você daria a um homem que tivesse de travar uma luta contra Bethod?

Logen franziu a testa.

– Tenha cuidado. E proteja a retaguarda.

Jezal não estava se divertindo. A princípio, claro, parecera uma ideia deliciosa, exatamente a coisa em que ele sempre havia pensado: uma comemoração em *sua* homenagem, com a presença de um número tão grande das pessoas mais importantes da União. Sem dúvida era apenas o começo de sua vida nova e maravilhosa como vencedor do Campeonato. As coisas grandiosas que todo mundo havia previsto – não: prometido – a ele estavam prestes a chegar, como uma fruta madura que fosse cair da árvore em seu colo. Promoções e glória certamente viriam logo. Talvez o promovessem a major esta noite, e ele iria para a guerra em Angland como comandante de um batalhão inteiro...

Mas, estranhamente, parecia que a maior parte dos convidados estava interessada em suas próprias questões. Conversavam uns com os outros sobre assuntos do governo, sobre os negócios das casas mercantis, sobre questões de terra, títulos e política. A esgrima, e sua notável habilidade nela, mal eram mencionadas. Não ouvira nada sobre uma promoção imediata. Seu papel ali era o de ficar sentado, sorrir e aceitar os parabéns mornos de estranhos que usavam roupas esplêndidas e mal o olhavam nos olhos. Uma estátua de cera faria o mesmo efeito. Ele precisava admitir: a adulação dos plebeus na arena fora consideravelmente mais gratificante. Pelo menos eles pareciam sinceros.

Mesmo assim, nunca estivera dentro do complexo do palácio, uma fortaleza dentro da fortaleza do Agriont, onde poucos tinham permissão de pisar. Agora estava sentado à mesa principal da sala de jantar do próprio rei, mas não duvidava de que Sua Majestade fizesse a maior parte das refeições na cama, e provavelmente alguém lhe desse comida na boca.

Havia um palco junto à parede dos fundos do salão. Jezal ouvira dizer uma vez que Ostus, o rei criança, tinha bufões representando para ele em todas as refeições. Morlic, o Louco, em contraste, havia montado execuções ali, para acompanhar os jantares. O rei Casamir, diziam, mandava sósias de seus piores inimigos gritarem insultos daquele palco todas as manhãs, enquanto ele fazia o desjejum, para manter fresco o ódio que sentia por eles. Mas agora as cortinas estavam fechadas. Jezal teria de procurar diversão em outro lugar e nesse aspecto não havia fartura.

O marechal Varuz falava junto ao seu ouvido. Ele, pelo menos, continuava interessado na esgrima. Infelizmente, não tinha nenhum outro assunto.

– Nunca vi algo igual. A cidade inteira não fala de outra coisa. O combate mais notável que todo mundo já viu! Juro, você é melhor do que Sand dan Glokta era, e nunca pensei em ver alguém como ele! Nunca sonhei que você tivesse uma capacidade de lutar como aquela, Jezal, nunca tive a mínima ideia!

– Hum – disse Jezal.

O príncipe herdeiro Ladisla e sua futura noiva, Terez de Talins, formavam um casal ofuscante na extremidade da mesa, ao lado do rei, que cochilava. Estavam totalmente alheios ao que acontecia ao redor, mas nem um pouco como seria de esperar por parte de dois jovens apaixonados. Discutiam ferozmente em voz mal abafada, enquanto os vizinhos fingiam não sorver cada palavra.

–... pois eu vou para a guerra em breve, em Angland, portanto você não vai precisar me suportar por muito tempo! – gemeu Ladisla. – Eu posso ser morto! Talvez isso deixe Vossa Alteza feliz, não?

– Por favor, não morra por minha causa – devolveu Terez, com o sotaque estiriano pingando veneno. – Mas, se for preciso, que seja. Acho que aprenderei a suportar a tristeza...

Alguém mais perto distraiu Jezal dando um soco na mesa.

– Aqueles plebeus desgraçados! Os camponeses malditos pegaram em armas em Starikland! Cães preguiçosos, recusam-se totalmente a trabalhar!

– São os impostos – resmungou o vizinho do sujeito. – Esses impostos para a guerra agitaram todos eles. Já ouviu falar do tal desgraçado que eles chamam de Curtidor? Uma porcaria de camponês que prega a revolução, e escancaradamente, veja só! Ouvi dizer que um coletor do rei foi atacado por uma turba a menos de 2 quilômetros dos muros de Keln. Um dos coletores do rei, veja só! Por uma turba! A menos de 2 quilômetros dos muros da cidade...

– Nós mesmos provocamos isso!

O rosto de quem falava estava fora de vista, mas Jezal o reconheceu pelos punhos do manto, bordados em ouro. Era Marovia, o juiz supremo.

– Trate um homem como um cão e cedo ou tarde ele vai mordê-lo, é um fato simples. Nosso papel como governantes e como nobres é certamente respeitar e proteger o homem comum, em vez de oprimi-lo e desprezá-lo, não?

– Eu não estava falando de desprezo, lorde Marovia, nem de opressão, só de eles pagarem o que é devido a nós, seus senhorios e, por sinal, superiores a eles...

Enquanto isso o marechal Varuz não havia parado um instante.

– Foi incrível, hein? O modo como você o derrotou, uma espada contra duas! – prosseguia o velho soldado, balançando a mão no ar com entusiasmo. – A cidade inteira só fala nisso. Agora você está destinado a coisas grandiosas, guarde minhas palavras. Está destinado a coisas grandiosas. Aposto minha honra

se você não terá minha cadeira no Conselho Fechado um dia!

Realmente era demais. Jezal suportara o sujeito durante todos aqueles meses. De algum modo havia imaginado que, se vencesse, seria o fim daquilo, mas agora parecia que nesse aspecto ficaria desapontado, como em tantas outras coisas. Era estranho, mas Jezal nunca havia notado inteiramente que velho imbecil e tedioso era o lorde marechal. Agora, porém, não restava dúvida.

Para aumentar ainda mais sua consternação, várias pessoas sentadas às mesas definitivamente não estariam entre seus convidados se ele tivesse escolha. Supôs que poderia ceder com relação a Sult, o arquileitor da Inquisição, já que ele participava do Conselho Fechado e sem dúvida era uma figura poderosa, mas Jezal não podia compreender por que ele precisava trazer aquele desgraçado do Glokta. O aleijado parecia mais doente ainda do que o normal, com os olhos inquietos afundados em círculos escuros. Por algum motivo ele ocasionalmente lançava olhares sérios e cheios de desconfiança para Jezal, como se suspeitasse de algum crime. Era uma tremenda petulância, já que a festa era sua.

Pior ainda, no outro lado do salão estava aquele velho careca, o que afirmava ser Bayaz. Jezal ainda não tinha entendido suas estranhas palavras ao lhe dar parabéns pelo Campeonato – ou a reação de seu pai ao sujeito, por sinal. E ele estava com o amigo hediondo, o bárbaro de nove dedos.

O major West tivera o infortúnio de sentar-se ao lado do primitivo, mas estava se esforçando ao máximo – de fato, os dois conversavam animadamente. O nórdico irrompeu numa gargalhada súbita e bateu na mesa com o punho grande, fazendo as taças chacoalharem. Pelo menos aqueles dois estavam se divertindo em sua festa, pensou Jezal com amargura, mas quase desejou estar lá, com eles.

Mesmo assim sabia que queria ser um homem importante, um dia. Usar coisas com um monte de peles e um pesado cordão indicativo de seu cargo. Ter pessoas fazendo reverências e mesuras diante de si. Havia tomado essa decisão muito tempo antes e supunha que ainda gostasse da ideia. Contudo, de perto, a coisa toda parecia tremendamente falsa e tediosa. Sem a menor dúvida, preferiria estar a sós com Ardee, apesar de tê-la visto na noite anterior. Com ela não havia nada de tedioso...

–... os selvagens estão se aproximando de Ostenhorm, foi o que ouvi dizer! – gritou alguém à esquerda de Jezal. – O lorde governador Meed está formando um exército e jurou arrancá-los de Angland!

– Rá. Meed? Aquele velho idiota de cabeça inchada não seria capaz de arrancar uma torta de um prato!

– Mas é o suficiente para derrotar aqueles animais nórdicos, não é? Um bom homem da União vale dez dos deles...

Jezal escutou a voz de Terez subitamente aguda acima do burburinho, quase

alta o bastante para ser ouvida na outra extremidade do salão.

–... claro que eu me caso com quem meu pai mandar, mas não preciso gostar disso!

Ela pareceu tão maligna naquele momento que ele não teria ficado surpreso se a visse cravar o garfo no rosto do príncipe herdeiro. Jezal se sentiu um tanto satisfeito ao notar que não era o único que tinha problemas com mulheres.

–... ah, sim, que desempenho notável! Todo mundo está falando disso – continuava discursando Varuz.

Jezal se remexeu na cadeira. Quanto tempo aquela desgraça iria durar? Sentia-se sufocado. Olhou de novo os rostos e captou o olhar de Glokta, que o encarava com aquela expressão séria, cheia de desconfiança, no rosto devastado. Jezal ainda não conseguia enfrentar aquele olhar por muito tempo, quer a festa fosse sua ou não. Que diabos o aleijado tinha contra ele, afinal?

O desgraçado. Ele trapaceou. De algum modo. Eu sei. O olhar de Glokta percorreu sem pressa a mesa do outro lado até pousar em Bayaz. O velho fraudulento estava ali sentado, perfeitamente à vontade. *E ele teve alguma participação. Os dois trapacearam juntos. De algum modo.*

– Senhores e senhoras!

As conversas pararam enquanto o lorde camarista se levantava para falar.

– Gostaria de dar as boas-vindas a todos vocês, em nome de Sua Majestade, nesta humilde reunião.

O próprio rei se remexeu brevemente, olhou com expressão vazia ao redor, piscou e voltou a fechar os olhos.

– Estamos reunidos, claro, em homenagem ao capitão Jezal dan Luthar, que recentemente acrescentou seu nome à mais seleta lista de honra: a dos espadachins vitoriosos no Campeonato de verão.

Taças foram erguidas e houve alguns murmúrios de concordância pouco animados.

– Reconheço aqui vários outros vencedores, muitos agora ocupando altos cargos: o lorde marechal Varuz, o comandante Valdis, dos arautos do rei, o major West, ali adiante, que hoje faz parte do estado-maior do marechal Burr, claro. Até eu fui vencedor, no meu tempo – disse e sorriu, antes de olhar para a própria pança volumosa e completar: – Ainda que meu tempo esteja um tanto para trás.

Um riso educado ondulou pelo salão. *Noto que não me mencionou. Nem todos os vencedores são invejáveis, não é?*

– Os vitoriosos no Campeonato – continuou o lorde camarista – frequentemente alcançaram grandes feitos. Espero, e de fato todos esperamos,

que o mesmo seja válido para nosso jovem amigo, o capitão Luthar.

Espero que ele encontre uma morte lenta em Angland, esse desgraçado trapaceiro. Mas Glokta levantou a taça junto com todos os outros para brindar o asno arrogante, enquanto Luthar ficava sentado, adorando cada instante daquilo.

E pensar que eu me sentei naquela mesma cadeira, sendo aplaudido, invejado e levando tapinhas nas costas depois de vencer o Campeonato. Eram homens diferentes com as roupas elegantes, eram rostos diferentes suando no calor, mas nada mudou muito. Meu sorriso teria sido menos presunçoso? Claro que não. No mínimo, foi pior. Mas pelo menos eu merecia.

O comprometimento de lord Hoff era tão grande que ele não parou de brindar até que sua taça estivesse totalmente vazia, em seguida a colocou de volta na mesa e umedeceu os lábios.

– E agora, antes que a comida chegue, uma pequena surpresa foi preparada por meu colega, o arquileitor Sult, em homenagem a outro convidado. Espero que todos aproveitem o entretenimento.

E o lorde camarista se sentou pesadamente e estendeu a taça vazia para receber mais vinho.

Glokta olhou para Sult. *Uma surpresa, do arquileitor? Notícia ruim para alguém.*

As pesadas cortinas vermelhas do palco se abriram devagar. Revelaram um velho deitado nas tábuas do piso, com a veste branca manchada com sangue de cor forte. Uma grande tela atrás dele representava uma floresta sob um céu estrelado. Aquilo fez Glokta se lembrar, desagradavelmente, do mural na sala redonda. A sala embaixo da mansão em ruínas de Severard junto às docas.

Um segundo velho saiu das coxias: um homem alto e magro, com feições notavelmente finas, afiladas. Sua cabeça estava raspada e ele deixara crescer uma barba branca e curta, mas Glokta o reconheceu imediatamente. *Iosiv Lestek, um dos atores mais respeitados da cidade.* Ele levou um susto exagerado ao ver o cadáver sangrento.

– Oooooh! – gemeu ele, abrindo os braços com a imitação de espanto e de desespero típicas de um ator.

Era uma voz de fato forte, suficientemente alta para fazer os caibros do teto tremer. Confiante em ter a atenção total da sala, Lestek começou a entoar suas falas, as mãos varrendo o ar e emoções avassaladoras varrendo seu rosto.

> Então aqui, por fim, Juvens, meu mestre jaz,
> E com sua morte morre toda a esperança de paz,
> Pela traição de Kanedias destruída.
> Sua morte é a despedida

De uma era.

O velho ator inclinou a cabeça para trás e Glokta viu lágrimas brilharem em seus olhos. *Um belo truque, chorar quando solicitado, desse jeito.* Uma gota solitária escorreu devagar pelo rosto e a plateia ficou imóvel, fascinada. Ele se virou de novo para o cadáver.

Aqui irmão mata irmão. O tempo que passa devagar
Jamais terá registrado desse crime um par.
Tenho medo de as estrelas se apagarem.
Por que o chão não se abre e faz brotarem
Chamas furiosas?

O ator se lançou de joelhos e bateu no peito idoso.

Ah, destino amargo, eu me uniria com prazer
Agora ao meu mestre, mas não pode ser!
Pois quando morre um grande homem, quem restar,
Ainda que num mundo reduzido, deve a dor enfrentar
E continuar a batalha.

Lestek olhou lentamente para a plateia, levantou-se devagar, com a expressão passando da tristeza mais profunda para a determinação mais séria.

Pois ainda que a Casa do Artífice esteja trancada
Esculpida em rocha e aço de dureza comprovada,
Nem que deva esperar até o aço enferrujar
Ou com as mãos precise a rocha esfarelar,
Terei minha vingança!

Os olhos do ator relampejavam fogo quando ele agitou o manto e saiu do palco sob aplausos estrondosos. Era uma versão condensada de uma peça conhecida. *Se bem que raramente tão bem-feita.* Glokta se surpreendeu ao pegar-se aplaudindo. *Até agora um desempenho e tanto. Nobreza, paixão, domínio. Muito mais convincente do que outro falso Bayaz que eu poderia mencionar.* Ele se recostou na cadeira, estendendo a perna esquerda embaixo da mesa, e se preparou para desfrutar o espetáculo.

Logen olhava confuso, o rosto contorcido. Achou que aquele era um dos

espetáculos dos quais Bayaz havia falado, mas seu domínio da língua não era suficiente para compreender os detalhes.

Eles andavam de um lado ao outro do palco com muitos suspiros e mãos agitadas, vestidos com roupas brilhantes e falando em algum tipo de cântico. Dois deveriam ter pele escura, pensou ele, mas obviamente eram homens claros com tinta preta no rosto. Em outra cena, o que fazia o papel de Bayaz sussurrou para uma mulher através de uma porta, parecendo implorar que ela a abrisse, só que a porta era um pedaço de madeira pintada, posta sozinha no meio do palco, e a mulher era um menino usando vestido. Teria sido mais fácil, pensou Logen, passar ao lado do pedaço de madeira e falar com ele, ou ela, diretamente.

No entanto Logen tinha certeza de uma coisa: o verdadeiro Bayaz estava seriamente insatisfeito. Podia sentir a irritação dele crescendo a cada cena. Chegou a um ponto em que trincara os dentes quando o vilão da peça, um homem grande com luva e tapa-olho, empurrou o menino de vestido por cima de umas ameias de madeira. Estava claro que ele ou ela deveria ter caído de uma grande altura, ainda que Logen o tivesse ouvido bater em alguma coisa macia do lado de fora do palco.

– Como eles ousam!? – indignou-se o verdadeiro Bayaz.

Logen teria saído da sala, se pudesse, mas precisou se contentar em arrastar a cadeira na direção de West, o mais longe possível da fúria do mago.

No palco, o outro Bayaz estava lutando contra o velho de luva e tapa-olho, se bem que lutavam andando em círculos e falando um bocado. Finalmente o vilão teve o mesmo destino do rapaz, ou moça, mas não antes de seu adversário tirar dele uma enorme chave dourada.

– Há mais detalhes aqui do que no original – murmurou o verdadeiro Bayaz, enquanto seu sósia erguia a chave e recitava mais versos.

Logen estava um pouco mais longe quando a peça terminou, porém captou os últimos dois versos, antes de o velho ator fazer uma reverência:

> Quando a história se encerra peço vossa indulgência,
> Nosso humilde propósito não era ofensa.

– Não era porra nenhuma – sibilou Bayaz com os dentes trincados, ao mesmo tempo em que fixava um riso no rosto e batia palmas com entusiasmo.

Glokta observou Lestek fazer algumas últimas reverências à medida que a cortina se fechava, o ator com a chave dourada ainda brilhando na mão. O arquileitor Sult se levantou da cadeira quando os aplausos cessaram.

– Fico felicíssimo por terem gostado de nosso pequeno entretenimento – disse ele, dando um sorriso untuoso para a plateia grata. – Não duvido que muitos de vocês já viram esta peça, mas esta noite ela tem um significado especial. O capitão Luthar não é a única figura célebre entre nós, esta noite há um segundo convidado de honra. Nada mais, nada menos do que o personagem de nossa peça: o próprio Bayaz, o Primeiro dos Magos!

Sult sorriu e estendeu a mão para o velho fraudulento do outro lado do salão.

Houve um leve farfalhar enquanto todos os convidados se viravam para olhá-lo.

Bayaz sorriu de volta.

– Boa noite – disse.

Uns poucos nobres importantes riram, suspeitando talvez de algum entretenimento a mais, porém Sult não riu com eles e a diversão durou pouco. Um silêncio inquieto baixou no salão. *Um silêncio mortal, talvez.*

– O Primeiro dos Magos. Ele está conosco no Agriont há várias semanas. Ele e alguns... companheiros.

Sult olhou por cima do nariz para o nórdico cheio de cicatrizes, depois de volta para o suposto mago.

– Bayaz – falou, deixando a palavra durar na boca, permitindo que ela penetrasse nos ouvidos da plateia. – A primeira letra do alfabeto da língua antiga. O primeiro aprendiz de Juvens, a primeira letra do alfabeto, não é, mestre Bayaz?

– Ora, arquileitor – provocou o velho, ainda com um risinho –, o senhor andou me investigando?

Impressionante, mesmo quando deve sentir que a farsa logo vai terminar, ele ainda se agarra ao personagem.

Mas Sult não se abalou.

– É meu dever investigar qualquer um que possa representar ameaça ao meu rei ou ao meu país – entoou severamente.

– Quanto patriotismo de sua parte! Suas investigações sem dúvida revelaram que ainda sou membro do Conselho Fechado, mesmo que minha cadeira esteja vazia. Acredito que *lorde* Bayaz seja o tratamento adequado.

O sorriso frio de Sult não se alterou.

– E quando, exatamente, foi sua última visita, *lorde* Bayaz? Parece-me que alguém tão profundamente envolvido na nossa história deveria mostrar um interesse maior no correr dos anos. Por que, se é que posso perguntar, nos séculos desde o nascimento da União, desde o tempo de Harod, o Grande, o senhor não veio nos visitar?

Boa pergunta. Gostaria que tivesse me ocorrido.

– Ah, mas eu vim. Durante o reino do rei Morlic, o Louco, e na guerra civil que aconteceu em seguida, fui tutor de um jovem chamado Arnault. Mais tarde, quando Morlic foi assassinado e Arnault foi posto no trono pelo Conselho Aberto, eu servi como seu lorde camarista. Naqueles dias eu me chamava Bialoveld. Fiz outra visita no reinado do rei Casimir. Ele me chamava de Zoller e eu tinha o seu cargo, arquileitor.

Glokta mal conseguiu conter um grito de indignação, mas ouviu alguns nas cadeiras ao redor. *Ele não tem vergonha, isso devo admitir. Bialoveld e Zoller, dois dos servidores mais respeitados da União. Como ele ousa? No entanto...* Glokta visualizou a pintura de Zoller na sala do arquileitor, e a estátua de Bialoveld na via do Rei. *Ambos carecas, ambos sérios, ambos barbudos... mas em que estou pensando? O major West está ficando com o cocuruto ralo. Isso o torna um mago lendário? Mais provavelmente este charlatão escolheu as duas figuras mais carecas que pôde encontrar.*

Enquanto isso, Sult estava tentando uma abordagem diferente.

– Diga o seguinte, então, Bayaz: é uma história bem conhecida que o próprio Harod duvidou de você em sua chegada ao castelo, tantos anos atrás. Como prova do seu poder, você quebrou a mesa comprida dele ao meio. Talvez haja alguns céticos entre nós esta noite. Você consideraria fazer uma demonstração assim, agora?

Quanto mais frio se tornava o tom de Sult, menos o velho fraudulento parecia se importar. Ele descartou esse último esforço com um gesto preguiçoso da mão.

– Isso de que você fala não é malabarismo, arquileitor, ou representações feitas no palco. Sempre há riscos e um preço a pagar. Além disso, seria uma grande pena estragar a festa do capitão Luthar apenas para que eu pudesse aparecer, não acha? Para não mencionar o desperdício de uma peça de mobília bela e antiga. Eu, diferentemente de tantos outros hoje em dia, tenho um respeito saudável pelo passado.

Alguns sorriam inseguros ao ouvir o bate-boca entre os dois velhos, talvez ainda suspeitando tratar-se de uma brincadeira. Outros sabiam que não era isso e franziam a testa com força, tentando deduzir o que estava acontecendo e quem levava vantagem na discussão. O juiz supremo Marovia, notou Glokta, parecia se divertir bastante. *Quase como se soubesse de algo que não sabemos.* Glokta se remexeu desconfortável na cadeira, os olhos fixos no velho impostor careca. *As coisas não estão indo tão bem quanto deveriam. Quando ele vai começar a suar? Quando?*

Alguém pôs uma tigela de sopa fumegante na frente de Logen. Sem dúvida

aquilo era para ser comido, mas agora seu apetite se fora. Logen podia não ser cortesão, mas conseguia identificar gente preparando-se para a violência quando via. A cada troca de palavras entre os dois velhos o sorriso deles diminuía um pouco, as vozes se tornavam mais duras, o salão parecia ficar mais apertado e mais opressivo. Agora todo mundo no salão tinha um ar preocupado – West, o rapaz orgulhoso que vencera aquele jogo de espadas por causa da trapaça de Bayaz, o aleijado febril que havia feito todas aquelas perguntas...

Logen sentiu os pelos do pescoço se eriçarem. Duas figuras espreitavam na passagem mais próxima. Figuras vestidas de preto, com máscaras pretas. Seu olhar saltou para as outras entradas. Cada uma tinha duas daquelas figuras mascaradas, pelo menos duas, e ele não achava que elas estavam ali para tirar os pratos.

Estavam ali por causa dele. Dele e de Bayaz, podia sentir. Um homem não coloca máscara a não ser que tenha algum serviço sombrio em mente. Não havia como ele enfrentar tantos, mas mesmo assim pegou a faca que estava ao lado do prato e a escondeu sob o braço. Se tentassem pegá-lo, iria lutar. Nem precisava pensar duas vezes.

Bayaz começava a aparentar raiva.

– Eu lhe dei todas as provas que você pediu, arquileitor!

– Provas!

O homem alto chamado Sult deu uma risadinha fria.

– Você usa palavras e papéis empoeirados! Mais parece um serviço de um escrivão rasteiro do que de um ser lendário! Alguns diriam que um mago sem magia é simplesmente um velho intrometido! Nós estamos em guerra e não podemos nos arriscar! Você mencionou o arquileitor Zoller. A diligência dele em busca da verdade é bem documentada. Você, tenho certeza, deve entender a minha – e, dizendo isso, ele se inclinou, plantando os punhos firmemente na mesa. – Mostre-nos magia, *Bayaz*, ou mostre-nos a chave!

Logen engoliu em seco. Não gostava do rumo que as coisas estavam tomando, mas afinal de contas não entendia as regras daquele jogo. Tinha depositado sua confiança em Bayaz por algum motivo, e ela teria de ficar ali. Era meio tarde para mudar de lado.

– Não lhe resta mais nada a dizer? – perguntou Sult.

O arquileitor se sentou lentamente, sorrindo de novo. Seu olhar deslizou até as passagens em arco e Logen sentiu as figuras mascaradas avançando, ansiosas para serem liberadas.

– Não tem mais palavras? Não tem mais truques?

– Só um.

Bayaz enfiou a mão por dentro da gola. Segurou uma coisa ali e a retirou: uma

corrente comprida e fina.

Uma das figuras de máscara preta avançou um passo, esperando uma arma, e a mão de Logen apertou o cabo da faca com mais força, mas quando a corrente saiu totalmente havia apenas uma haste de metal escuro pendurada na ponta.

– A chave – disse Bayaz, estendendo-a à luz das velas.

Ela mal brilhava.

– Menos lustrosa do que a da sua peça, talvez, mas é a verdadeira, eu garanto. Kanedias nunca trabalhou com ouro. Ele não gostava de coisas bonitas. Gostava de coisas que funcionavam.

O lábio do arquileitor se contorceu.

– Você simplesmente espera que aceitemos a sua palavra?

– Claro que não. O seu trabalho é suspeitar de todo mundo e devo dizer que faz isso excepcionalmente bem. Mas está ficando tarde, de forma que esperarei até amanhã de manhã para abrir a Casa do Artífice.

Alguém deixou cair uma colher no chão, que ressoou nos ladrilhos.

– Será necessária a presença de algumas testemunhas, claro, para garantir que não farei nenhum truque. Que tal... – e os olhos frios e verdes de Bayaz varreram a mesa –... o inquisidor Glokta e... seu novo campeão de esgrima, o capitão Luthar?

O aleijado franziu a testa quando seu nome foi mencionado. Luthar pareceu absolutamente perplexo. O arquileitor ficou apenas sentado. Seu escárnio fora substituído por um vazio pétreo. Olhou do rosto sorridente de Bayaz para aquela haste de metal que balançava com suavidade, depois de volta para o mago. Em seguida, seu olhar foi até uma das passagens e ele balançou minimamente a cabeça. As figuras de preto recuaram para as sombras. Logen afrouxou os dentes dolorosamente trincados, depois deslizou a faca de volta para seu lugar na mesa.

Bayaz riu.

– Nossa, mestre Sult, você é mesmo um homem difícil de agradar.

– Acredito que *Vossa Eminência* seja o tratamento adequado – sibilou o arquileitor.

– É sim, é sim. E acredito que você não ficará feliz até que eu tenha quebrado algum móvel. Mas eu odiaria derramar a sopa de todo mundo, por isso...

Com um estalo súbito, a cadeira do arquileitor desmoronou. Sua mão saltou e agarrou a toalha da mesa enquanto ele caía no chão numa confusão ruidosa e se esparramava com um gemido. O rei acordou com um susto, seus convidados piscaram e ficaram boquiabertos, olhando. Bayaz os ignorou.

– Esta sopa está mesmo ótima – disse tomando uma colherada ruidosa.

A Casa do Artífice

ERA UM DIA tempestuoso e a Casa do Artífice se destacava nítida e séria, uma enorme silhueta escura com nuvens revoltas ao fundo. Um vento frio chicoteava por entre os prédios e pelas praças do Agriont, fazendo as abas da capa preta de Glokta balançarem em volta do corpo enquanto ele arrastava os pés atrás do capitão Luthar e do suposto mago, que tinha o nórdico cheio de cicatrizes a seu lado. Sabia que estavam sendo vigiados. *Vigiados o tempo todo. Atrás das janelas, nas passagens, nos telhados.* Os práticos estavam em toda parte, podia sentir os olhares deles.

Glokta havia em parte esperado, em parte desejado, que Bayaz e seus companheiros desaparecessem durante a noite, mas isso não acontecera. O velho careca parecia tão calmo como se tivesse se proposto a abrir um depósito de frutas. Glokta não gostava disso. *Quando esse blefe termina? Quando ele levanta as mãos e admite que era tudo uma farsa? Quando chegarmos à Universidade? Quando atravessarmos a ponte? Quando pararmos diante do portão da Casa do Artífice e sua chave não servir?* Mas em algum lugar no fundo da mente outro pensamento espreitava: *E se não terminar? E se a porta se abrir? E se ele for mesmo quem diz?*

Bayaz conversava com Luthar ao caminhar com ele pelo pátio vazio na direção da Universidade. *Tão à vontade quanto um avô com o neto favorito e igualmente tedioso.*

–... claro, a cidade está muito maior do que quando a visitei pela última vez. O

bairro que vocês chamam de Três Fazendas está cheio de gente e atividade. Lembro-me de quando toda aquela região *eram* três fazendas! Eu me lembro, sim! E ficava muito além dos muros da cidade!

– Eh... – disse Luthar.

– E a nova sede da Guilda das Especiarias. Nunca vi tamanha ostentação...

A mente de Glokta disparava conforme ele ia mancando atrás dos dois, tentando encontrar significados ocultos no mar de tagarelice, procurando ordem no meio do caos. As perguntas tropeçavam umas nas outras. *Por que me escolher como testemunha? Por que não o próprio arquileitor? Esse tal Bayaz acha que posso ser enganado facilmente? E por que Luthar? Porque venceu o Campeonato? E como venceu? Ele faz parte dessa trama?* Mas se Luthar participava de algum plano sinistro, não dava nenhum sinal. Glokta nunca vira a menor sugestão de que ele fosse algo mais do que o jovem obcecado por si mesmo que aparentava ser.

E aí temos esse enigma. Glokta olhou de esguelha para o grande nórdico. Não havia sinais de intenções mortais em seu rosto cheio de cicatrizes – havia poucos sinais até de que alguma coisa acontecia ali dentro. *Ele é muito idiota ou muito inteligente? Deve ser ignorado ou temido? É o serviçal ou o senhor?* Não havia resposta para nada disso. Por enquanto.

– Bom, este local é uma sombra do que já foi – disse Bayaz quando pararam diante da porta da Universidade, levantando uma sobrancelha ao olhar para as estátuas sujas e ligeiramente inclinadas.

Bateu com rapidez na madeira velha e, para surpresa de Glokta, a porta se abriu quase imediatamente.

– O senhor é esperado – grasnou o velho porteiro.

Eles passaram pelo sujeito, na penumbra.

– Vou levá-los ao... – começou o velho enquanto se esforçava para fechar a porta que rangia.

– Não precisa – gritou Bayaz por cima do ombro, já seguindo apressado pelo corredor empoeirado. – Eu conheço o caminho!

Glokta lutou para acompanhá-lo, suando apesar do clima frio, com as pernas queimando sem cessar. O esforço de manter o ritmo mal lhe dava tempo de pensar em como o desgraçado careca podia ser tão familiarizado com o prédio. *Mas certamente é.* Ele percorria os corredores como se tivesse passado todos os dias da vida ali, estalando a língua cheio de nojo com a condição do lugar e falando o tempo todo.

–... nunca vi tanta poeira, hein, capitão Luthar? Não ficaria surpreso se soubesse que esse lugar não foi limpo desde que estive aqui a última vez! Não faço ideia de como alguém consegue pensar nessas condições! Não faço ideia...

Séculos de adeptos falecidos e devidamente esquecidos olhavam sombrios das telas, como se incomodados pelo barulho.

Os corredores da Universidade passavam, um local antigo, poeirento e que parecia esquecido, sem nada além de pinturas velhas e sujas e livros velhos e mofados. Jezal via pouquíssima utilidade nos livros. Tinha lido alguns sobre esgrima e equitação, uns dois sobre campanhas militares famosas, uma vez abrira a capa de um grande texto de história da União que encontrara no escritório do pai, mas ficara entediado depois de três ou quatro páginas.

Bayaz continuava falando.

– Aqui lutamos com os serviçais do Artífice. Lembro bem. Eles gritavam implorando que Kanedias os salvasse, mas ele não veio. Esses corredores ficaram cheios de sangue, ressoaram com os gritos, sufocaram de fumaça naquele dia.

Jezal não fazia ideia de por que o velho o escolhera para ouvir suas histórias empoladas e fazia menos ideia ainda de como reagir.

– Parece... violento.

Bayaz assentiu.

– Foi. Não tenho orgulho disso. Mas às vezes homens bons precisam fazer coisas violentas.

– Uh – disse o nórdico de repente.

Jezal nem havia percebido que ele estava escutando.

– Além disso, era uma época diferente. Uma época violenta. Só no Antigo Império as pessoas haviam deixado de ser primitivas. Acredite ou não, a Terra do Meio, o coração da União, era uma pocilga. Uma devastação de tribos bárbaras em guerra. Os que tinham mais sorte nelas eram postos a serviço do Artífice. O restante era um bando de selvagens de rosto pintado, sem escrita, sem ciência, praticamente sem nada para diferenciá-los de animais.

Jezal olhou furtivamente para Nove Dedos. Não era muito difícil visualizar um estado bárbaro com aquele brutamontes ao seu lado, mas era ridículo supor que seu lindo lar já fora uma terra devastada, que ele descendia de criaturas primitivas. O velho careca era um mentiroso descarado, ou louco, mas algumas pessoas importantes pareciam levá-lo a sério.

E Jezal achava sempre melhor fazer o que as pessoas importantes diziam.

Logen acompanhou os outros até um pátio em ruínas que tinha três lados cercados pelos prédios malconservados da Universidade e o quarto pela face

interna da muralha íngreme do Agriont. Tudo era coberto de musgo velho, hera densa, espinheiros secos. Um homem estava sentado numa cadeira bamba no meio do mato crescido, observando-os se aproximarem.

– Estava esperando vocês – disse ele, levantando-se com alguma dificuldade. – Porcaria de joelhos, não sou mais o que já fui.

Era um homem pouco notável, passado da meia-idade, e usava uma camisa puída manchada na frente.

Bayaz franziu a testa para ele.

– Você é o chefe das sentinelas?

– Sou.

– E onde está o restante de seu grupo?

– Minha mulher está preparando o desjejum, mas, a não ser por ela, sou todo o grupo. São ovos – disse animado, dando tapinhas na barriga.

– O quê?

– O desjejum. Gosto de ovos.

– Bom para você – murmurou Bayaz, parecendo ligeiramente perplexo. – No reinado de Casimir, os cinquenta homens mais corajosos do Próprio do Rei eram nomeados Sentinelas da Casa, para vigiar este portão. Considerava-se que não existia honra maior.

– Isso foi há muito tempo – disse a única sentinela, repuxando a camisa suja. – Quando eu era garoto, éramos nove, mas eles foram fazer outras coisas, ou morreram, e nunca foram substituídos. Não sei quem vai ocupar meu lugar quando eu morrer. Não há muitos candidatos.

– Isso me surpreende – disse Bayaz e então pigarreou para falar: – Ó, chefe das sentinelas! Eu, Bayaz, o Primeiro dos Magos, peço sua licença para subir a escada até o quinto portão, ir além do quinto portão e entrar na ponte, atravessar a ponte e chegar à porta da Casa do Artífice.

O chefe das sentinelas estreitou os olhos.

– Tem certeza?

Bayaz estava ficando impaciente.

– Tenho. Por quê?

– Lembro-me do último sujeito que tentou, quando eu era garoto. Um sujeito grande, acho, um pensador. Ele subiu aquela escada com dez trabalhadores fortes, com cinzéis e marretas, picaretas e tudo o mais, dizendo que ia abrir a Casa, tirar os tesouros e coisa e tal. Em cinco minutos estavam de volta, sem dizer nada, com cara de quem tinha visto os mortos andando.

– O que aconteceu? – murmurou Luthar.

– Não sei, mas eles não trouxeram tesouros, isso posso garantir.

– Sem dúvida é uma história assustadora – disse Bayaz. – Mas nós vamos.

– Você é que sabe, imagino.

O velho se virou e foi andando devagar pelo pátio miserável. Eles subiram uma escada estreita, com os degraus gastos no meio, passaram por um túnel que atravessava a alta muralha do Agriont e chegaram a um portão estreito no escuro.

Logen se sentiu estranhamente preocupado quando as trancas deslizaram. Balançou os ombros, tentando se livrar daquilo, e o guarda riu para ele.

– Já sentiu, não foi?

– Senti o quê?

– As pessoas chamam de hálito do Artífice.

A sentinela empurrou levemente a porta. As duas folhas se abriram juntas, com a luz se derramando na escuridão.

– O hálito do Artífice – repetiu.

Glokta ia com esforço pela ponte, os dentes trincados contra as gengivas, dolorosamente cônscio do volume de ar vazio embaixo dos pés. Era um arco único, delicado, que saltava do alto da muralha do Agriont até o portão da Casa do Artífice. Frequentemente o havia admirado da cidade lá embaixo, do outro lado do lago, imaginando como permanecera de pé durante todos aqueles anos. Era uma coisa espetacular, notável, linda. *Agora não parece tão lindo.* Não era muito mais largo do que um homem deitado, estreito demais para deixá-lo confortável, e com uma queda aterrorizante na água lá embaixo. Pior ainda, sem parapeito. Nem mesmo um corrimão de madeira. *E a brisa está bem forte hoje.*

Luthar e Nove Dedos pareciam bastante preocupados. *E eles podem usar as duas pernas livremente e sem dor.* Só Bayaz fez a longa travessia sem preocupação aparente, confiante como se seus pés estivessem numa trilha campestre.

Andavam sempre à sombra da Casa do Artífice, claro. Quanto mais perto chegavam, mais enorme ela parecia, com o parapeito inferior muito mais alto do que a muralha do Agriont. Uma montanha negra e nítida que se erguia de forma íngreme a partir do lago, bloqueando o sol. Algo de outra era, construído numa escala diferente.

Glokta olhou para o portão atrás. Teria captado um vislumbre de algo entre as ameias na muralha em cima? *Um prático vigiando?* Eles veriam o velho fracassar em abrir a porta. Estariam esperando para levá-lo na volta. *Mas até lá ficarei impotente.* Não era um pensamento reconfortante.

E Glokta sentia necessidade de conforto. Enquanto avançava com cautela pela ponte, um medo incômodo inchou dentro dele. Era mais do que a altura, mais do

que a companhia estranha, mais do que a grande torre que se erguia acima. Um medo primitivo, sem motivo. O terror animal de um pesadelo. A cada passo arrastado, a sensação crescia. Agora podia ver a porta, um quadrado de metal escuro engastado nas pedras lisas da torre. Um círculo de letras estava gravado no centro. Por algum motivo, elas fizeram Glokta sentir ânsia de vômito, mas ele se arrastou mais para perto. Dois círculos: letras grandes e letras pequenas, uma escrita que ele não reconhecia e que o fazia pensar em aranhas. Suas tripas se reviraram. Muitos círculos: letras e linhas, detalhadas demais para compreender. Elas nadavam diante de seus olhos, que ardiam, lacrimosos. Glokta não podia avançar mais. Ficou parado, apoiado na bengala, lutando com cada grama de energia contra a necessidade de cair de joelhos, dar meia-volta e engatinhar para longe dali.

Nove Dedos não parecia muito melhor: puxava o ar de modo ofegante pelo nariz e tinha no rosto uma expressão de nojo e do mais profundo horror. Luthar estava consideravelmente pior: paralisado, dentes trincados e rosto branco. Abaixou-se lentamente sobre um dos joelhos, ofegando, enquanto Glokta passava com cuidado por ele.

Bayaz não aparentava estar com medo. Foi diretamente à porta e passou os dedos sobre os símbolos maiores.

– Onze proteções e onze proteções revertidas.

Acompanhou o círculo de caracteres menores.

– E onze vezes onze.

Seu dedo seguiu a linha fina ao redor. *Será que ela também é feita de letras minúsculas?*

– Quem pode dizer quantas centenas existem aqui? De fato é um feitiço tremendamente poderoso!

O sentimento de espanto só foi diminuído ligeiramente pelo som de Luthar vomitando pela borda da ponte.

– O que diz aí? – grasnou Glokta, engolindo um pouco de bile.

O velho riu para ele.

– Não consegue sentir, inquisidor? Diz: dê meia-volta. Diz: vá embora. Diz... ninguém... irá... passar. Mas a mensagem não é para nós.

Ele enfiou a mão dentro da roupa e tirou a haste de metal. O mesmo metal escuro da porta.

– Nós não deveríamos estar aqui – resmungou Nove Dedos, atrás. – Este lugar está morto. Deveríamos ir embora.

Mas Bayaz não pareceu ouvir.

– A magia vazou para fora do mundo – murmurou o velho. – E todos os feitos de Juvens estão em ruínas.

Ele sopesou a chave, ergueu-a devagar.

– No entanto, as obras do Artífice permanecem fortes como sempre. O tempo não as fez diminuir... nem fará jamais.

Não parecia haver uma fechadura, mas a chave penetrou lentamente na porta. Lentamente, lentamente, no centro dos círculos. Glokta prendeu o fôlego.

Clic.

E nada aconteceu. A porta não se abriu. *Então é só isso. O jogo acabou.* Sentiu uma onda de alívio enquanto se virava de volta para o Agriont, levantando a mão para sinalizar aos práticos no muro em cima. *Não preciso ir mais adiante. Não preciso.* Então um eco de resposta veio lá de dentro.

Clic.

Glokta sentiu o rosto estremecer em sincronia com o som. *Eu imaginei isso?* Esperava que sim, com todo o seu ser.

Clic.

De novo. *Não há equívoco.* E agora, diante de seus olhos incrédulos, os círculos da porta começavam a girar. Glokta deu um passo atrás, atordoado, com a bengala raspando nas pedras da ponte.

Clic. Clic.

Não houvera nenhum sinal de que o metal da porta não fosse uma peça inteiriça, nenhuma rachadura, nem sulco, nem mecanismo, no entanto os círculos giravam, cada um numa velocidade diferente.

Clic. Clic. Clic...

Agora mais rápidos e mais rápidos. Glokta ficou tonto. O anel interno, com as letras maiores, ainda se arrastava lentamente. O mais externo, e mais fino, girava rápido demais para que seus olhos pudessem acompanhá-lo.

... clic, clic, clic, clic, clic...

Formas surgiam enquanto os símbolos passavam uns pelos outros: linhas, quadrados, triângulos, inimaginavelmente intricados, dançando diante de seus olhos e depois sumindo conforme as rodas continuavam a girar...

Clic.

E os círculos estavam imóveis, organizados num novo padrão. Bayaz estendeu a mão e tirou a chave da porta. Houve um sibilo fraco, quase inaudível, como água distante, e uma fenda comprida surgiu na porta. Então as duas metades se moveram lentamente, com suavidade, afastando-se uma da outra. O espaço entre elas ficou cada vez maior.

Clic.

Elas deslizaram para dentro das paredes, terminando niveladas com as laterais da passagem quadrada. A porta estava aberta.

– Isso é que é um trabalho engenhoso – disse Bayaz, baixinho.

Nenhum vento fétido saiu, nenhum ranço de podridão ou decadência, nenhum sinal de longos anos passados, só um sopro de ar fresco e seco. *No entanto, a sensação é a de abrir um caixão.*

Silêncio, a não ser pelo vento nas pedras escuras, o suspiro na garganta seca de Glokta, o ondular distante da água lá embaixo. O terror sobrenatural havia sumido. Ele sentia apenas uma tristeza profunda ao olhar a passagem aberta. *Mas não é pior do que quando espero do lado de fora da sala do arquileitor*. Bayaz se virou, sorrindo.

– Longos anos se passaram desde que lacrei este lugar e, em todo esse tempo lento, nenhum homem atravessou esta soleira. Vocês três devem se sentir realmente honrados.

Glokta não se sentia honrado. Sentia-se enjoado.

– Há perigos aqui dentro. Não toquem em nada e só vão aonde eu os levar. Sigam logo atrás de mim, porque os caminhos nem sempre são os mesmos.

– Não são os mesmos? – perguntou Glokta. – Como pode ser?

O velho deu de ombros.

– Sou só o porteiro – disse enquanto enfiava a chave com a corrente de volta dentro da camisa –, e não o arquiteto.

E ele entrou nas sombras.

Jezal não estava bem, nem um pouco. Não era simplesmente a náusea horrível que as letras na porta haviam criado de algum modo, era mais. Um impacto de choque e nojo, como pegar um copo e beber, esperando água, e descobrir outra coisa dentro. Mijo, talvez, neste caso. Era a mesma onda de surpresa medonha, mas que se estendia por minutos, horas. Coisas que ele havia considerado bobagem ou histórias antigas, de súbito se revelavam fatos diante de seus olhos. O mundo era um lugar diferente do que fora na véspera, um lugar estranho e inquietante, e ele preferia infinitamente a forma anterior.

Não podia entender por que precisava estar ali. Jezal sabia pouquíssima coisa sobre história. Kanedias, Juvens, até mesmo Bayaz, eram nomes em livros empoeirados, ouvidos na infância e que não despertavam seu interesse mesmo naquela época. Era azar seu, azar, só isso. Ele havia vencido o Campeonato e ali estava, andando numa torre estranha e velha. Era só isso: uma torre estranha e velha.

– Bem-vindos à Casa do Artífice – disse Bayaz.

Jezal levantou o olhar do chão e seu queixo caiu. A palavra “casa” não descrevia a vastidão do espaço mal iluminado em que se encontrava. A própria rotunda dos Lordes poderia caber confortavelmente ali dentro, todo o prédio,

com espaço de sobra. As paredes eram feitas de pedras ásperas, sem acabamento nem nenhum tipo de massa entre elas, empilhadas ao acaso, mas subiam e subiam, interminavelmente. Acima do centro do salão, lá em cima, algo pairava. Uma coisa enorme, fascinante.

Aquilo fez Jezal pensar em instrumentos de navegação, só que feitos numa escala enorme. Um sistema de gigantescos anéis de metal, que brilhavam à luz fraca, um ao redor do outro, com mais anéis menores correndo entre eles, dentro deles, em volta deles. Centenas, talvez, cheios de marcas: escritas, ele imaginava, ou rabiscos sem significado. Uma grande bola preta pendia no centro.

Bayaz já estava entrando no vasto círculo do piso coberto de linhas intricadas, feitas de metal brilhante engastado na pedra escura. Seus passos ecoavam lá no alto. Jezal se esgueirou atrás dele. Havia algo amedrontador, estonteante, em se mover num espaço tão gigantesco.

– Isto é a Terra do Meio – disse Bayaz.

– O quê?

O velho apontou para baixo. As linhas retorcidas de metal começaram a ganhar significado. Litorais, montanhas, rios, a terra e o mar. A forma da Terra do Meio, clara na mente de Jezal a partir de centenas de mapas, estava desenhada sob seus pés.

– Todo o Círculo do Mundo – disse Bayaz e fez um gesto indicando o piso interminável. – Ali está Angland e, mais além, fica o Norte. Gurkhul está ali. Lá estão Starikland e o Antigo Império e aqui as Cidades Livres da Estíria e, depois delas, Sulijuk e a distante Thond. Kanedias observou que as terras do Mundo conhecido formam um círculo, com o centro aqui, em sua Casa, e a borda externa passando pela ilha de Shabulyan, longe no oeste, além do Antigo Império.

– A borda do Mundo – murmurou o nórdico, assentindo lentamente consigo mesmo.

– É uma tremenda arrogância achar que a casa da pessoa é o centro de tudo – bufou Glokta.

– Hã – fez Bayaz e olhou a vastidão da câmara ao redor. – O Artífice jamais careceu de arrogância. Nem os irmãos dele.

Jezal olhou para cima, espantado. O salão era ainda mais alto do que largo, o teto, se é que havia um teto, perdia-se na sombra. Um corrimão de ferro acompanhava as paredes de pedra áspera, talvez uma galeria, vinte passos acima. Para além dela, mais alto ainda, havia outro, e outro, e outro, vagos à meia-luz. Acima de tudo isso, pendia o estranho instrumento.

De repente levou um susto. Aquilo estava se movendo. Tudo aquilo estava se

movendo! Lenta, suave e silenciosamente, os anéis se mexiam, giravam, revolviam um ao redor do outro. Não podia imaginar como aquilo era impulsionado. De algum modo, ao girarem a chave deviam ter dado a partida... ou será que a coisa estaria se movendo por todos aqueles anos?

Ficou tonto. Agora todo o mecanismo parecia estar girando, revolvendo-se, cada vez mais rápido, as galerias também, indo em direções opostas. Olhar diretamente para cima não ajudava a diminuir a sensação de estar desorientado, então ele fixou os olhos doloridos no piso, no mapa da Terra do Meio que estava sob seus pés. Ofegou. Isso era ainda pior! Agora todo o piso parecia estar girando! Toda a câmara revolvia ao seu redor! As passagens em arco que levavam para fora eram todas idênticas, uma dúzia delas ou mais. Agora não sabia por onde haviam entrado. Sentiu uma onda de pânico horrível. Só aquele distante orbe preto no centro do instrumento estava imóvel. Desesperado, fixou os olhos lacrimosos naquilo, obrigando-se a respirar devagar.

A sensação passou. O vasto salão estava imóvel outra vez, quase. Os círculos continuavam a se mover, quase imperceptivelmente, centímetro a centímetro. Jezal engoliu um bocado de saliva, encolheu os ombros e foi rapidamente atrás dos outros, de cabeça baixa.

– Por aí, não! – rugiu Bayaz subitamente.

Sua voz explodiu no silêncio intenso, um grito que ia e voltava, ecoando mil vezes no espaço enorme.

– Por aí, não!

– Por aí, não!

Jezal pulou para trás. A passagem em arco e o corredor escuro do outro lado pareciam idênticos àquele por onde os outros haviam andado, mas agora ele via que eles estavam à sua direita. De algum modo ele havia se virado.

– Eu disse para só irem aonde eu for! – sibilou o velho.

– Por aí, não!

– Por aí, não!

– Desculpe – gaguejou Jezal, a voz parecendo lamentavelmente pequena no espaço enorme. – Eu pensei que... É tudo tão igual!

Bayaz pôs a mão em seu ombro, tranquilizando-o, e o puxou.

– Não quis assustar você, meu amigo, mas seria uma grande pena se alguém tão promissor fosse tirado de nós tão jovem.

Jezal engoliu em seco e olhou para o corredor sombreado, imaginando o que poderia estar esperando-o ali. Sua mente forneceu um grande número de possibilidades desagradáveis.

Os ecos ainda sussurravam para ele quando se virou.

–... por aí, não... por aí, não... por aí, não...

Logen odiou aquele lugar. As pedras eram frias e mortas; o ar, imóvel e morto; até os sons que eles faziam ao se moverem saíam abafados e sem vida. Não estava frio nem quente, no entanto, o suor escorria pelas suas costas, seu pescoço formigava com um medo sem objetivo. A intervalos de alguns passos ele se virava bruscamente, atacado pela súbita sensação de estar sendo vigiado, mas não havia ninguém atrás. Só o garoto Luthar e o aleijado Glokta, que pareciam tão confusos e preocupados quanto ele.

– Nós o perseguimos por estes mesmos corredores – murmurou Bayaz, baixinho. – Éramos onze. Todos os magos, juntos pela última vez. Todos menos Khalul. Zacharus e Cawneil lutaram contra o Artífice aqui, e cada um deles foi derrotado. Tiveram a sorte de escapar com vida. Anselmi e Dente Quebrado tiveram pior sorte. Kanedias foi a morte deles. Dois bons amigos, dois irmãos eu perdi naquele dia.

Seguiram pela borda de uma sacada estreita, iluminada por uma pálida cortina de luz. De um lado, pedras lisas se erguiam íngremes, do outro elas desciam e se perdiam na escuridão. Um poço escuro, cheio de sombras, sem lado oposto, sem topo, sem fundo. Apesar da vastidão do espaço, não havia ecos. O ar não se movia. Não havia a mínima brisa. O ar era rançoso e parecido com o de uma tumba.

– Deve haver água lá embaixo, certamente – murmurou Glokta, franzindo a testa por cima do corrimão. – Deve haver alguma coisa, não é?

Ele estreitou os olhos e virou o rosto para cima.

– Onde está o teto?

– Este lugar fede – gemeu Luthar, apertando o nariz com uma das mãos.

Logen concordou com ele, pela primeira vez. Era um cheiro que ele conhecia bem, e seus lábios se repuxaram com ódio.

– O cheiro é igual à porra dos cabeças-achatadas.

– Ah, sim – disse Bayaz. – Os shankas também são obra do Artífice.

– Obra dele?

– São. Ele pegou argila, metal e sobras de carne e os fez.

Logen ficou encarando-o.

– Ele os fez?

– Para lutar em sua guerra. Contra nós. Contra os magos. Contra seu irmão Juvens. Ele gerou os primeiros shankas aqui e os soltou no mundo. Para crescer, procriar e destruir. Esse era o propósito deles. Durante muitos anos, depois da morte de Kanedias, nós os caçamos, mas não pudemos pegar todos. Nós os impelimos para os cantos mais escuros do mundo e lá eles cresceram e procriaram de novo, e agora voltaram a crescer, procriar e destruir, como era seu

propósito desde o início.

Logen o olhava boquiaberto.

– Shankas – repetiu Luthar e deu um risinho, balançando a cabeça.

Os cabeças-achatadas não eram motivo de riso. Logen se virou de súbito, bloqueando o corredor estreito com o corpo, pairando acima de Luthar à meia luz.

– Alguma coisa engraçada?

– Bom, quero dizer, todo mundo sabe que essas coisas não existem.

– Eu lutei contra eles com minhas próprias mãos – rosnou Logen –, durante toda a minha vida. Eles mataram minha mulher, meus filhos, meus amigos. O Norte está apinhado com as porras dos cabeças-achatadas – falou e então se inclinou para baixo, aproximando-se, para concluir: – Por isso, não me diga que essas coisas não existem.

Luthar havia empalidecido. Olhou para Glokta em busca de apoio, mas o inquisidor havia deixado o corpo se afrouxar de encontro à parede, esfregando a perna, com os lábios finos apertados e o rosto magro cheio de gotas de suor.

– Ainda assim, não dou a mínima se eles existem ou não! – retrucou Luthar rispidamente.

– Há muitos shankas no mundo – sussurrou Logen, pondo o rosto quase grudado no de Luthar. – Talvez um dia você encontre alguns.

Ele se virou e foi andando atrás de Bayaz, que já desaparecia numa passagem em arco na extremidade da sacada. Não queria ficar para trás naquele lugar.

Mais um corredor. Um enorme, com uma silenciosa floresta de colunas de ambos os lados, povoado por uma multidão de sombras. A luz vinha lá do alto, em feixes, desenhando estranhos padrões no chão de pedra, formas de luz e escuridão, linhas de preto e branco. *Quase como escritas. Existe uma mensagem aqui? Para mim?* Glokta estava tremendo. *Se eu olhasse só por mais um instante, talvez pudesse entender...*

Luthar passou por ele. Sua sombra se lançou no chão, as linhas se partiram, a sensação desapareceu. Glokta se sacudiu. *Estou perdendo a razão neste lugar maldito. Devo pensar com clareza. Só os fatos, Glokta, só os fatos.*

– De onde vem a luz? – perguntou.

Bayaz balançou a mão.

– De cima.

– Há janelas?

– Talvez.

A bengala de Glokta batia na luz, batia na escuridão, sua bota esquerda se

arrastava atrás.

– Não existe nada além de corredores? Qual é o sentido disso tudo?

– Quem pode conhecer a mente do Artífice? – entoou Bayaz pomposamente – ou compreender seu grande desígnio?

Ele parecia quase se orgulhar por nunca dar respostas diretas.

Para Glokta, todo aquele lugar era um desperdício colossal de esforço.

– Quantas pessoas já viveram aqui?

– Há muitos anos, em tempos mais felizes, muitas centenas. Todo tipo de gente que servia a Kanedias e o ajudava em suas obras. Mas o Artífice sempre foi desconfiado e sentia ciúme de seus segredos. Pouco a pouco foi pondo seus seguidores para fora, para o Agriont, para a Universidade. No final, apenas três viviam aqui. O próprio Kanedias, seu ajudante, Jaremias... – e Bayaz fez uma pausa um momento –... e sua filha, Tolomei.

– A filha do Artífice? – comentou Glokta.

– O que é que tem? – perguntou o velho rispidamente.

– Nada, absolutamente nada. – *E no entanto o verniz escorreu, ainda que só por um instante. É estranho ele conhecer tão bem os caminhos deste lugar.* – Quando o senhor viveu aqui?

Bayaz franziu a testa profundamente.

– Às vezes as perguntas são demais.

Glokta o olhou afastar-se. *Sult estava errado. O arquileitor é falível, afinal de contas. Ele subestimou esse Bayaz, e isso teve um preço. Quem é esse idiota careca e irritadiço, que pode transformar o homem mais importante da União num idiota?* Ali, nas entranhas daquele lugar fantasmagórico, a resposta não parecia muito estranha.

O Primeiro dos Magos.

– É aqui.

– O quê? – perguntou Logen.

O corredor se estendia nas duas direções, curvando-se de leve, desaparecendo na escuridão, paredes de enormes blocos de pedras, sem interrupção dos dois lados.

Bayaz não respondeu. Estava passando as mãos suavemente nas pedras, procurando alguma coisa.

– É. É aqui – repetiu, tirando a chave da camisa. – Talvez seja bom vocês se prepararem.

– Para quê?

O mago enfiou a chave num buraco invisível. Um dos blocos que formava a

parede sumiu de repente, voando para o teto com um estrondo trovejante. Logen se encolheu para trás, balançando a cabeça. Viu Luthar se inclinar adiante, as mãos apertando os ouvidos. Todo o corredor pareceu zumbir com ecos violentos, repetidamente.

– Esperem – disse Bayaz, mas Logen mal podia ouvi-lo acima do zumbido na cabeça. – Não toquem em nada. Não vão a lugar nenhum.

Ele passou pela abertura, deixando a chave alojada na parede.

Logen espiou para além do mago. Um vislumbre de luz brilhava no fim de uma passagem estreita, com um som murmurante que parecia um riacho correndo. Logen sentiu uma estranha curiosidade. Olhou de volta para os outros dois. Será que Bayaz dissera para eles apenas ficarem lá? Abaixou-se e passou para o outro lado.

Ele estreitou os olhos ao deparar com uma câmara redonda e bem iluminada. A luz se derramava lá do alto, quase dolorosa de olhar, depois de ter feito o caminho todo na penumbra. As paredes curvas eram perfeitas, de pedra branca e limpa, com água escorrendo, fluindo a toda a volta e se recolhendo num poço redondo embaixo. O ar era fresco e úmido na pele de Logen. Uma ponte estreita saltava da passagem, com degraus subindo, e terminava num alto pilar branco que se erguia da água. Bayaz estava ali parado, no topo, olhando para alguma coisa.

Logen se esgueirou atrás do mago, com a respiração curta. Ali havia um bloco de pedra branca. A água pingava de cima em seu centro liso e duro. Um tap-tap regular, sempre no mesmo local. Havia duas coisas na fina camada de água. A primeira era uma caixa quadrada, feita de metal escuro, de tamanho suficiente para conter a cabeça de um homem, talvez. A outra era completamente estranha.

Uma arma, quem sabe, como um machado. Um cabo comprido, feito de minúsculos tubos de metal, todos retorcidos uns em volta dos outros como galhos de trepadeiras antigas. Numa ponta havia uma empunhadura cheia de marcas, na outra, um pedaço achatado de metal, cheio de furos pequenos, com um gancho comprido e fino. A luz brincava em suas muitas superfícies escuras, reluzindo em gotas de umidade. Estranha, linda, fascinante. No cabo, uma letra reluzia, prateada no metal escuro. Logen a reconheceu por causa de sua espada. A marca de Kanedias. Obra do Mestre Artífice.

– O que é isso? – perguntou, estendendo a mão para ela.

– Não toque! – gritou Bayaz, dando um tapa na mão de Logen. – Eu não mandei esperar?

Logen deu um passo atrás, inseguro. Nunca tinha visto o mago tão preocupado, mas não conseguia afastar o olhar daquela coisa estranha na laje.

– É uma arma?

Bayaz soltou o ar num sopro longo, lento.

– Uma arma terrível, amigo. Uma arma contra a qual nenhum aço, nenhuma pedra, nenhuma magia pode proteger. Nem chegue perto dela, estou avisando. Existem perigos. Kanedias a chamava de Divisora, e com ela matou seu irmão Juvens, meu mestre. Uma vez ele me disse que ela tem dois gumes. Um aqui e um no Outro Lado.

– Que diabos isso significa? – murmurou Logen.

Nem conseguia ver um gume com o qual cortar.

Bayaz deu de ombros.

– Se eu soubesse, acho que seria o Mestre Artífice, em vez de o Primeiro dos Magos.

Ele estendeu a mão e levantou a caixa, fazendo uma careta, como se o peso fosse muito grande.

– Pode me ajudar com isso?

Logen passou as mãos por baixo dela e ofegou. Não poderia pesar mais se fosse um bloco de ferro sólido.

– É pesada – grunhiu.

– Kanedias a forjou para ser forte. O mais forte que sua grande habilidade pôde fazer. Não foi para manter o conteúdo a salvo do mundo – disse e se aproximou pra falar baixinho: – Foi para manter o mundo a salvo do conteúdo.

Logen franziu a testa.

– O que há nela?

– Nada – murmurou Bayaz. – Por enquanto.

Jezal estava tentando pensar nos três homens que ele mais odiava no mundo. Brint? Era simplesmente um idiota de cabeça inchada. Gorst? Meramente fizera o máximo, que era muito pouco, para derrotar Jezal numa disputa de esgrima. Varuz? Era só um velho asno pomposo.

Não. Estes três aqui estavam no topo de sua lista. O velho arrogante com sua tagarelice idiota e seu ar de mistério metido a importante. O selvagem enorme com as cicatrizes feias e o franzido ameaçador na testa. O aleijado paternalista com seus comentariozinhos presunçosos e as pretensões de saber tudo sobre a vida. Os três, combinados com o ar estagnado e a penumbra perpétua daquele local horrível, eram quase o bastante para fazer Jezal vomitar de novo. A única coisa pior do que sua companhia atual que conseguia imaginar era não ter companhia nenhuma. Olhou as sombras ao redor e estremeceu pensando nisso.

Mesmo assim, seu ânimo aumentou quando viraram uma esquina. Havia um pequeno quadrado de luz do dia adiante. Apertou o passo naquela direção –

ultrapassando Glokta, que mancava apoiado na bengala –, salivando pela expectativa de voltar a ficar sob o céu.

Jezal fechou os olhos com prazer quando saiu ao ar livre. O vento frio acariciou seu rosto e ele encheu o pulmão de ar. O alívio foi incrível, como se tivesse ficado preso semanas naquela escuridão, como se dedos apertados em sua garganta o tivessem soltado agora mesmo. Avançou por um amplo espaço aberto, pavimentado com pedras planas e bem-acabadas. Nove Dedos e Bayaz estavam adiante, lado a lado, atrás de um parapeito na altura da cintura, e além deles...

O Agriont surgia embaixo. Uma colcha de retalhos feita de paredes brancas, telhados cinzentos, janelas reluzentes, jardins verdes. Não estavam nem perto do cume da Casa do Artífice, apenas num dos telhados mais baixos, acima do portão, mas mesmo assim a uma grande altura. Jezal reconheceu a Universidade meio arruinada, a cúpula reluzente da rotunda dos Lordes, a massa atarracada da Casa das Perguntas. Podia ver a praça dos Marechais, um anfiteatro de assentos de madeira no meio dos prédios, talvez até o minúsculo clarão amarelo do círculo de esgrima no centro. Para além da cidadela, cercada por sua muralha branca e o fosso reluzente, a cidade era uma massa cinzenta esparramada sob o céu de um cinza sujo, estendendo-se até o mar, lá longe.

Jezal riu com incredulidade e deleite. A Torre das Correntes era uma escadinha comparada a isto. Estava tão alto, acima do mundo, que tudo parecia imóvel, congelado no tempo. Sentiu-se um rei. Nenhum homem jamais vira aquilo, pelo menos nas últimas centenas de anos. Ele era gigantesco, grandioso, muito mais importante do que as pessoas minúsculas que precisavam viver e trabalhar nas pequenas construções lá embaixo. Virou-se para Glokta, mas o aleijado não estava sorrindo. Estava mais pálido ainda do que o normal, franzindo a testa para a cidade de brinquedo, com o olho esquerdo estremecendo de preocupação.

– Tem medo de altura? – perguntou Jezal.

Glokta virou o rosto cinzento para ele.

– Não havia escadas. Nós não subimos escada nenhuma para chegar aqui!

O sorriso de Jezal começou a sumir.

– Escada nenhuma, entendeu? Como pode ser? Como? Diga!

Jezal engoliu em seco ao pensar em como tinham chegado. O aleijado estava certo. Nenhuma escada, nenhuma rampa, não tinham subido nem descido. No entanto estavam ali, muito acima das torres mais altas do Agriont. Sentiu-se enjoado de novo. Agora a vista parecia estonteante, nojenta, obscena. Recuou inseguro para longe do parapeito. Queria ir para casa.

– Eu o segui pela escuridão, sozinho, e aqui o enfrentei. Kanedias. O Mestre Artífice. Aqui lutamos. Fogo, aço e carne. Aqui estivemos. Ele jogou Tolomei do telhado diante de meus olhos. Eu vi isso acontecer, mas não pude impedir. Sua própria filha. Dá para imaginar? Ninguém poderia merecer isso menos do que ela. Nunca houve um espírito mais inocente.

Logen franziu a testa. Não sabia o que dizer.

– Aqui nós lutamos – murmurou Bayaz, com os punhos carnudos apertados no parapeito nu. – Eu o assolei, com fogo, aço e carne, e ele me atacou. Eu o joguei. Ele caiu e se despedaçou na ponte lá embaixo. E assim o último dos filhos de Euz saiu do mundo, com tantos dos segredos deles perdidos para sempre. Eles destruíram uns aos outros, os quatro. Que desperdício!

Bayaz se virou para Logen.

– Mas isso foi há muito tempo, hein, amigo? Há muito tempo.

O mago estufou as bochechas e encolheu os ombros.

– Vamos sair deste lugar. Parece um túmulo. É um túmulo. Vamos lacrá-lo de novo, e as lembranças junto. Tudo isso está no passado.

– É – concordou Logen. – Meu pai costumava dizer que as sementes do passado dão frutos no presente.

– Dão mesmo.

Bayaz estendeu a mão lentamente e seus dedos roçaram o metal frio e escuro da caixa nas mãos de Logen.

– Dão mesmo – repetiu. – Seu pai era um homem sábio.

A perna de Glokta estava ardendo, sua coluna torta era um rio de fogo que ia do quadril até a base da cabeça. Sua boca estava seca como se repleta de serragem, o rosto, suado e pinicando, a respiração, saindo do nariz num chiado, mas ele continuava andando pela escuridão, para longe do vasto salão com seu orbe negro e sua estranha geringonça, indo em direção à porta aberta. *E para a luz.*

Na ponte estreita diante do portão estreito, parou com a cabeça inclinada para trás, a mão tremendo no cabo da bengala, piscando e esfregando os olhos, ofegando no ar livre e sentindo a brisa fresca no rosto. *Quem pensaria que sentir o vento seria tão bom? Talvez tenha sido melhor não haver escadas. Talvez eu nunca tivesse conseguido sair.*

Luthar já estava na metade da ponte, apressando-se como se tivesse um demônio a segui-lo. Nove Dedos não estava longe. Ofegava e murmurava algo na língua nórdica, repetidamente. Glokta achou que podia ser “Ainda estou

vivo”. Suas mãos grandes apertavam com força a caixa de metal quadrada e seus tendões se destacavam como se ela pesasse tanto quanto uma bigorna. *Havia algo mais neste passeio do que provar um argumento. O que é aquilo que eles trouxeram de lá? O que pesa tanto?* Olhou de volta para a escuridão e estremeceu. Nem tinha certeza se queria saber.

Bayaz saiu do túnel para o ar livre parecendo presunçoso como sempre.

– E então, inquisidor – disse lepidamente –, o que achou do passeio na Casa do Artífice?

Um pesadelo tortuoso, estranho e horrível. Talvez eu até preferisse voltar às prisões do imperador durante algumas horas.

– Pelo menos tive alguma coisa diferente para fazer numa manhã – reagiu com rispidez.

– Fico feliz que tenha achado divertido – disse Bayaz com um sorrisinho, enquanto tirava a haste de metal de dentro da camisa. – E diga, ainda acredita que sou um mentiroso? Ou suas suspeitas finalmente foram postas de lado?

Glokta franziu a testa para a chave. Franziu a testa para o velho. Franziu a testa para a escuridão esmagadora da Casa do Artífice. *Minha suspeitas crescem a cada momento. Elas jamais são postas de lado. Apenas mudam de forma.*

– Honestamente? Não sei em que acreditar.

– Bom. Reconhecer a própria ignorância é o primeiro passo para o esclarecimento. Mas, cá entre nós, eu pensaria em outra coisa para dizer ao arquileitor.

Glokta sentiu as pálpebras tremerem.

– É melhor começar a atravessar, hein, inquisidor? Enquanto eu tranco.

O mergulho na água fria lá embaixo não parecia mais tão assustador. *Se eu caísse, pelo menos morreria na luz.* Glokta só olhou para trás uma vez, ao ouvir a porta da Casa do Artífice se fechar com um estalo fraco, os círculos deslizando de volta para seu lugar. *Tudo está como antes de chegarmos.* Ele virou as costas, que formigavam, sugou as gengivas para conter as ondas familiares de náusea, xingou e foi mancando, lutando para cruzar a ponte.

Luthar socava desesperadamente o velho portão na outra ponta.

– Deixe-nos entrar!

Estava quase soluçando quando Glokta chegou. Sua voz ficara estridente de pânico.

– Deixe-nos entrar!

A porta finalmente se abriu, bamba, revelando a sentinela surpresa. *Que pena. Eu tinha certeza que o capitão Luthar iria irromper em lágrimas. O orgulhoso vencedor do Campeonato, o jovem mais corajoso da União, a própria flor da hombridade, abrindo o berreiro de joelhos. Essa visão quase poderia fazer o*

passeio valer a pena.

Luthar correu pelo portão aberto e Nove Dedos o seguiu sério, com a caixa de metal nos braços. A sentinela franziu os olhos para Glokta quando ele passou mancando.

– De volta tão cedo?

Seu velho pateta.

– Que diabos você está falando, tão cedo?

– Eu só comi a metade dos meus ovos. Vocês ficaram lá por menos de meia hora.

Glokta soltou uma gargalhada desanimada.

– Meio dia, talvez.

Mas franziu a testa ao olhar o pátio. As sombras estavam quase exatamente no mesmo lugar de quando haviam entrado. *Ainda é de manhã cedo, mas como?*

– Uma vez o Artífice me disse que o tempo está todo na mente.

Glokta se retraiu e virou a cabeça em direção à voz de Bayaz, que havia chegado atrás dele e estava batendo com um dedo grosso na lateral da cabeça.

– Poderia ser pior, acredite. Quando você sai antes de ter entrado é que é realmente preocupante.

Ele sorriu, os olhos brilhando à luz que passava pela porta. *Bancando o idiota? Ou tentando me fazer de idiota? De qualquer modo, isso cansa.*

– Chega de enigmas – disparou Glokta. – Por que não diz simplesmente o que você quer?

O Primeiro dos Magos, se é que era isso, riu ainda mais.

– Gosto de você, inquisidor, gosto mesmo. Não ficaria surpreso se você fosse o único homem honesto que resta em toda a porcaria deste país. Nós dois deveríamos ter uma conversa uma hora dessas. Uma conversa sobre o que eu quero e sobre o que você quer – falou e seu sorriso sumiu quando completou: – Mas hoje não.

Então passou pela porta aberta, deixando Glokta nas sombras.

Cachorro de ninguém

– Por que eu? – murmurou West consigo mesmo, com os dentes trincados, olhando a ponte na direção do portão sul. Aquele absurdo no cais havia demorado mais do que ele esperava, muito mais, mas, afinal, não era assim que tudo vinha sendo ultimamente? Às vezes tinha a impressão de ser o único homem da União que se preparava a sério para a guerra e de que precisava organizar tudo sozinho, até ao ponto de contar os cravos que prenderiam as ferraduras dos cavalos. Já estava atrasado para a reunião diária com o marechal Burr e sabia que haveria uma centena de coisas impossíveis a fazer hoje. Sempre havia. Ficar envolvido num impasse sem sentido no portão do Agriont era tudo de que ele precisava.

– Por que, diabos, tenho de ser eu?

Sua cabeça começava a doer de novo. Aquela pulsação familiar por trás dos olhos. A cada dia parecia começar mais cedo e terminar pior.

Por causa do calor dos últimos dias, os guardas tinham recebido permissão de ir para o serviço sem armadura completa. Agora West imaginava que pelo menos dois deles se arrependiam disso. Um estava dobrado no chão perto do portão, as mãos apertadas entre as pernas, gemendo ruidosamente. Seu sargento estava curvado acima dele, com sangue escorrendo do nariz e pingando gotas vermelho-escuras nas pedras da ponte. Os dois outros soldados do destacamento estavam com as lanças a postos, as lâminas apontando para um rapaz magricelo, de pele escura. Outro sulista postara-se ali perto, um velho de cabelos longos e

grisalhos, encostado no corrimão e observando a cena com ar de resignação profunda.

O rapaz olhou rapidamente por cima do ombro e West se surpreendeu: era uma mulher, com os cabelos pretos cortados curtos e saltando da cabeça numa confusão de pontas oleosas. Uma das mangas da camisa estava rasgada em volta dos ombros e um braço comprido, rijo e moreno surgia, terminando num punho que apertava o cabo de uma faca curva. A lâmina brilhava, espelhada e malignamente afiada, a única coisa nela que parecia limpa. Havia uma cicatriz fina e cinzenta descendo por todo o lado direito do rosto, passando pela sobrancelha preta e os lábios com expressão de desprezo. Mas eram os olhos que realmente pegaram West desprevenidos: ligeiramente oblíquos, estreitados com a hostilidade e a desconfiança mais profundas, e amarelos. Ele tinha visto todo tipo de kanticences enquanto estava lutando em Gurkhul, na guerra, mas nunca tinha visto olhos assim. Profundos, intensos, de um amarelo dourado, como...

Mijo. Foi o cheiro que sentiu quando chegou mais perto. Mijo e terra, e muito suor velho, azedo. Lembrava-se disso, da época da guerra, o fedor de homens que não tomavam banho havia muito tempo. Enquanto se aproximava, West lutou contra a compulsão de franzir o nariz e respirar pela boca e contra a ânsia de manter distância daquela lâmina brilhante. Por mais que você possa estar assustado, não pode demonstrar medo se quiser acalmar uma situação de perigo. De acordo com sua experiência, se a pessoa aparentar controle, está mais do que a meio caminho de consegui-lo.

– Que diabos está acontecendo aqui? – rosnou para o sargento de rosto sujo de sangue.

Não precisava fingir irritação, estava ficando mais atrasado e com mais raiva a cada segundo.

– Esses mendigos fedorentos queriam entrar no Agriont, senhor! Eu tentei fazer com que fossem embora, claro, mas eles têm cartas!

– Cartas?

O velho estranho deu um tapinha no ombro de West e entregou uma folha de papel dobrada e ligeiramente suja nas bordas. O sulco na testa do major se aprofundou quando a leu.

– É uma carta de trânsito assinada pelo próprio lorde Hoff. Eles devem ser autorizados a entrar.

– Mas não armados, senhor! Eu disse que eles não podiam entrar armados!

O sargento levantou numa das mãos um arco estranho, feito de madeira escura, e na outra uma espada curva, de desenho gurkense.

– Já foi uma luta fazer com que ela entregasse isso, mas quando tentei revistá-la... essa vaca gurkense...

A mulher sibilou e deu um passo rápido adiante. O sargento e seus dois guardas arrastaram os pés para trás, nervosos, aproximando-se tanto que formaram um grupo compacto.

– Paz, Ferro – suspirou o velho na língua kanticense. – Pelo amor de Deus, paz.

A mulher cuspiu nas pedras da ponte e sibilou algum xingamento que West não entendeu, balançando a faca para trás e para a frente de modo a sugerir que sabia como usá-la e que estava mais do que disposta.

– Por que eu? – murmurou West baixinho.

Estava claro que não iria a lugar nenhum até que essa questão fosse resolvida. Como se não tivesse coisas suficientes com que se preocupar. Respirou fundo e se esforçou ao máximo para se colocar na posição da mulher fedorenta: era uma estranha, cercada por pessoas estranhas falando palavras que ela não entendia, brandindo lanças e tentando revistá-la. Muito possivelmente estava pensando agora mesmo em como o cheiro de West era horrível. Mais desorientada e assustada do que perigosa, provavelmente. Mas parecia muito perigosa, e nem um pouco assustada.

O velho decerto aparentava ser o mais razoável dos dois, por isso West se virou primeiro para ele.

– Vocês dois são de Gurkhul? – perguntou num kanticense hesitante.

O velho virou os olhos cansados para West.

– Não. Há mais coisas no Sul do que os gurkenses.

– De Kadir, então? Taurish?

– Você conhece o Sul?

– Um pouco. Lutei lá, na guerra.

O velho virou a cabeça para a mulher, que os observava de um jeito desconfiado, com os olhos amarelos oblíquos.

– Ela é de um lugar chamado Muntaz.

– Nunca ouvi falar.

– Por que teria ouvido? – retrucou o velho, encolhendo os ombros ossudos. – É um país pequeno, perto do mar, muito a leste de Shaffa, depois das montanhas. Os gurkenses o conquistaram há anos e o povo foi dispersado ou escravizado. Aparentemente ela está com péssimo humor desde então.

A mulher fez uma careta de desprezo para eles, mantendo um olho nos soldados.

– E você?

– Ah, eu venho de muito mais ao sul, depois de Kanta, depois do deserto, depois até do Círculo do Mundo. A terra onde nasci não estará nos seus mapas, amigo. Yulwei é o meu nome – apresentou-se e estendeu a mão comprida e

negra.

– Collem West.

A mulher os observou cautelosamente apertarem as mãos.

– Este se chama West, Ferro! Ele lutou contra os gurkenses! Isso fará você confiar nele?

Yulwei não parecia muito esperançoso e, de fato, os ombros da mulher continuaram tão arqueados de fúria quanto antes, a mão apertando a faca com a mesma força. Um dos soldados escolheu esse momento infeliz para dar um passo à frente e brandiu sua lança, o que fez a mulher rosnar e cuspir de novo, gritando mais xingamentos ininteligíveis.

– Já chega! – West ouviu-se rugindo para o guarda. – Levantem a porra das lanças!

Os homens piscaram para ele, estarrecidos, e o major se esforçou para controlar a voz de novo.

– Não acho que seja uma invasão, vocês acham? Levantem!

Devagar, as pontas das lanças se afastaram da mulher. West andou com firmeza na sua direção, mantendo o olhar fixo no dela com toda a autoridade que pôde juntar. Não demonstre medo, pensou consigo mesmo, mas seu coração martelava. Estendeu a palma da mão aberta, quase suficientemente perto para tocá-la.

– A faca – disse simplesmente, em seu kanticense ruim. – Por favor. Ninguém lhe fará mal, você tem minha palavra.

A mulher o encarou com aqueles olhos amarelos e oblíquos, depois olhou para os guardas com as lanças, depois olhou-o de novo. Demorou um bocado nisso. West ficou parado, com a boca seca, a cabeça ainda martelando, cada vez mais atrasado, suando sob o uniforme ao sol quente, tentando ignorar o fedor da mulher. O tempo passou.

– Pelos dentes de Deus, Ferro! – disse o velho de repente. – Eu sou velho! Tenha pena de mim! Talvez só me restem alguns anos! Entregue a faca ao sujeito antes que eu morra!

– Sssss – sibilou ela, franzindo os lábios.

Num gesto que levou um momento longo e atordoante, a faca subiu, depois o cabo bateu na palma da mão de West. Ele se permitiu uma engolida em seco, de alívio. Até o último instante, tivera quase certeza de que ela lhe daria a ponta afiada.

– Obrigado – disse, com muito mais calma do que sentia.

Entregou a faca ao sargento e ordenou:

– Guarde as armas e acompanhe nossos hóspedes ao Agriont. Se algum mal acontecer a alguém, em especial a ela, vou considerá-lo responsável, entendeu?

Em seguida olhou irado para o sargento e passou pelo portão, entrando no túnel antes que mais alguma coisa pudesse dar errado e deixando o velho e a mulher fedorenta para trás. Sua cabeça latejava mais forte ainda do que antes. Desgraça, estava atrasado!

– Por que eu, diabos?

– Infelizmente está fechado por hoje – zombou o major Vallimir, olhando por cima do nariz para West como se ele fosse um mendigo implorando um trocado. – Nossas cotas estão cheias, com programação adiantada, e não acenderemos as forjas de novo esta semana. Talvez, se o senhor tivesse chegado a tempo...

O latejamento na cabeça de West estava ficando pior do que nunca. Ele se obrigou a respirar lentamente, a manter a voz calma e firme. Não havia nada a ganhar se perdesse as estribeiras. Nunca havia nada a ganhar com isso.

– Entendo, major – disse com paciência. – Mas há uma guerra em curso. Muitas das tropas temporárias que recebemos estão praticamente desarmadas e o lorde marechal Burr pediu que as forjas fossem acesas, para fornecer equipamentos para elas.

Isso não era totalmente verdade, mas, desde que entrara para o estado-maior do marechal, West havia mais ou menos desistido de dizer toda a verdade a qualquer pessoa. Não havia como forçar as pessoas a fazerem suas obrigações. Agora empregava uma mistura de bajulação, arrogância, mentiras descaradas, súplicas humildes e ameaças veladas, e havia se tornado muito hábil em julgar que tática seria mais eficaz com que homem.

Infelizmente ainda não havia tocado o acorde certo com o major Vallimir, o chefe do arsenal do rei. De algum modo o fato de terem a mesma patente tornava as coisas muito mais difíceis: ele não podia agir violentamente com o sujeito, mas também não podia se obrigar a implorar.

Além disso, em termos de posição social, eles não eram nem um pouco iguais. Vallimir era da antiga nobreza, de uma família poderosa e de uma arrogância inacreditável. Fazia Jezal dan Luthar parecer uma figura humilde e altruísta. Sua total falta de experiência no campo só piorava as coisas: para compensá-la, ele duplicava sua arrogância. Para ele, instruções dadas por West, mesmo originadas do próprio marechal Burr, eram tão bem-vindas quanto se fossem dadas por um rebanho de porcos fétidos.

Hoje não era exceção.

– As cotas deste mês estão completas, *major West* – repetiu Vallimir, conseguindo colocar uma ênfase cheia de desprezo no nome. – Portanto as forjas estão fechadas. É só.

– E é isso que você quer que eu diga ao lorde marechal?

– Armar as tropas temporárias é responsabilidade dos lordes que as fornecem – recitou de forma pedante. – *Eu* não posso ser culpado se *eles* não cumprem com as obrigações *deles*. Simplesmente não é nosso problema, *major West*, e pode dizer *isso* ao lorde marechal.

Era sempre assim. Para lá e para cá: dos escritórios de Burr para os vários departamentos da intendência, para os comandantes das companhias, dos batalhões, dos regimentos, para os depósitos espalhados pelo Agriont e pela cidade, para o arsenal, os quartéis, os estábulos, as docas onde soldados e equipamentos começariam a ser embarcados dentro de apenas alguns dias, para outros departamentos e de volta ao local onde havia começado, com quilômetros caminhados e nada mais. A cada noite ele caía na cama feito uma pedra, só para recomeçar tudo algumas horas depois.

Como comandante de batalhão, seu trabalho havia sido lutar contra o inimigo usando a espada. Como oficial do estado-maior, seu papel era lutar contra seu próprio exército usando papéis. Era mais secretário do que soldado. Sentia-se como se tivesse de empurrar uma pedra enorme morro acima. Fazendo força e mais força, chegando a lugar nenhum, mas sem poder parar de empurrar, para que a pedra não caísse e o esmagasse. Enquanto isso, os sacanas arrogantes que corriam exatamente o mesmo perigo que ele ficavam à toa na encosta ao lado, dizendo: “Bom, essa pedra não é minha.”

Agora entendia por que, durante a guerra em Gurkhul, às vezes não havia alimento suficiente para os homens comerem, ou roupas para usarem, ou carroças para levar suprimentos, ou cavalos para puxar carroças, ou todo tipo de outras coisas absolutamente necessárias e facilmente previsíveis.

West não permitiria de modo algum que isso acontecesse devido a algum deslize de sua parte. E certamente não permitiria que homens morressem por falta de uma arma com que lutar. Tentou de novo ficar calmo, mas a cada vez sua cabeça doía mais e sua voz estava ficando esganiçada de tanto esforço.

– E se nós ficarmos atolados em Angland com uma multidão de camponeses com pouca roupa e sem armas, major Vallimir? De quem será o problema? Não será seu, devo dizer! Você vai continuar aqui, na companhia de suas forjas frias!

Assim que disse isso, West percebeu que tinha ido longe demais: o sujeito se eriçou.

– Como ousa, senhor? Está questionando minha honra? Minha família remonta a nove gerações no Próprio do Rei!

West esfregou os olhos, sem saber se queria rir ou chorar.

– Não tenho dúvida de sua coragem, garanto, não foi isso que eu quis dizer.

Ele tentou se colocar na posição de Vallimir. Na verdade não sabia que

pressões o sujeito sofria: provavelmente ele preferiria estar comandando soldados a comandar ferreiros, quem sabe... não adiantava. O sujeito era um merda e West o odiava.

– Não é uma questão de honra, major, nem de família. É uma questão de estarmos preparados para a guerra!

Os olhos de Vallimir haviam ficado mortalmente frios.

– Com quem você acha que está falando, seu plebeu sujo? Toda a sua influência você deve ao Burr, e quem é ele, senão um pateta das províncias, que chegou ao posto que tem somente pela fortuna?

West piscou. Tinha noção do que diziam pelas suas costas, claro, mas ouvir diretamente era outra coisa.

– E quando Burr se for, o que será de você? Hein? Onde você vai estar quando não puder se esconder atrás dele? Você não tem bom sangue, nem família! – zombou Vallimir, com os lábios formando um frio riso de desprezo. – Afora aquela sua *irmã*, claro, e pelo que ouvi dizer...

Quando deu por si, West estava avançando.

– O que você disse? – rosnou ele. – Como é que é?

Sua expressão devia ser de fato intimidadora: ele viu a cor sumindo do rosto de Vallimir.

– Eu... eu...

– Você acha que eu preciso do Burr para travar minhas batalhas, seu verme covarde?

Antes que percebesse, havia avançado de novo. Vallimir cambaleou para trás de encontro à parede, encolhendo-se de lado e levantando um braço para se proteger do golpe que esperava. West precisou se esforçar muito para impedir que suas mãos agarrassem o desgraçado e o sacudisse até que a cabeça se soltasse. Seu próprio crânio latejava, martelava. Sentia que a pressão poderia fazer seus olhos saltarem da cabeça. Inspirou em haustos longos, lentos, pelo nariz, cerrou os punhos até doerem. A raiva foi sumindo lentamente, chegando abaixo do ponto em que ameaçava tomar controle do corpo. Agora ela apenas pulsava, apertando o peito.

– Se você tem alguma coisa a dizer sobre minha irmã – sussurrou baixinho –, pode dizer. Diga agora – falou, deixando a mão esquerda baixar lentamente para o punho da espada. – E podemos resolver isso fora dos muros da cidade.

O major Vallimir se encolheu mais ainda.

– Não sei de nada – sussurrou ele. – Absolutamente nada.

– Absolutamente nada.

West olhou para o rosto branco dele durante mais um momento, depois se afastou um passo.

– Agora, poderia fazer a gentileza de reabrir as forjas para mim? Temos muito trabalho a fazer.

Vallimir piscou um momento.

– Claro. Mandarei acendê-las imediatamente.

West deu meia-volta e saiu pisando firme, sabendo que o olhar do sujeito atirava facas em suas costas. Mais um inimigo bem-nascido, entre muitos. O mais irritante era que o sujeito estava certo. Sem Burr, ele estaria acabado. Não tinha família, afora aquela *irmã*. Desgraça, sua cabeça doía.

– Por que eu? – sibilou. – Por quê?

Ainda havia muita coisa a fazer, o bastante para ocupar um dia inteiro de trabalho, mas West não aguentava mais. Sua cabeça doía tanto que ele mal conseguia enxergar. Precisava se deitar no escuro, com um pano molhado sobre o rosto, ao menos por uma hora, ao menos por um minuto. Procurou a chave no bolso, mantendo a outra mão sobre os olhos doloridos, os dentes trincados. Então ouviu um som do outro lado da porta. Um leve tilintar de vidro. Ardee.

– Não – sibilou consigo mesmo.

Agora, não! Por que, diabos, dera uma chave a ela? Xingando baixinho, levantou a mão para bater. Bater à própria porta, era o ponto em que estava agora. Seu punho não chegou à madeira. Uma imagem tremendamente desagradável começou a se formar em sua cabeça. Ardee e Luthar, nus e suados, embolando-se em seu tapete. Virou a chave rapidamente na fechadura e empurrou a porta.

Ela estava de pé junto à janela, sozinha e – ele ficou aliviado – totalmente vestida. No entanto, ficou menos satisfeito ao vê-la encher uma taça até a borda com vinho. Ela ergueu uma sobrancelha enquanto ele passava pela porta num rompante.

– Ah, é você.

– Quem diabos seria? – perguntou West com rispidez. – Esses são meus aposentos, não são?

– Alguém hoje não está de bom humor.

Um pouco de vinho transbordou da borda da taça para a mesa. Ela o enxugou com a mão e chupou os dedos, depois tomou um gole comprido na taça, para garantir. Cada movimento o incomodava.

West fez uma careta e fechou a porta.

– Você precisa beber tanto?

– Creio que uma jovem dama deveria ter algum passatempo útil.

Suas palavras eram descuidadas, mas mesmo através da dor de cabeça West

pôde notar algo estranho. Ardee ficou olhando para a mesa, depois foi andando na direção dela. West chegou primeiro e pegou um pedaço de papel que estava sobre ela. Havia apenas uma linha escrita.

– O que é isso?

– Nada! Dê isso aqui!

Ele a conteve com uma das mãos e leu:

No lugar de sempre, amanhã à noite...
A.

A pele de West se arrepiou de horror.

– Nada? Nada?

Ele sacudiu o bilhete embaixo do nariz da irmã. Ardee lhe deu as costas, balançando a cabeça como se afastasse uma mosca, sem dizer nada, mas tomando um gole ruidoso na taça. West trincou os dentes.

– É o Luthar, não é?

– Eu não disse isso.

– Não precisava dizer.

O papel foi amassado numa bola minúscula na mão com os nós dos dedos esbranquiçados. Ele começou a se virar para a porta, trêmulo e tendo cada músculo seu retesado. Foi necessário um esforço enorme para não sair correndo e esganar o desgraçado imediatamente, contudo ele conseguiu parar um momento e pensar.

Jezal o havia traído, e muito, aquele merda ingrato. Mas isso não era tão surpreendente: o sujeito era um imbecil. Se você guarda seu vinho num saco de papel, não deve se incomodar por ele vazar. Além disso, não era Jezal que estava escrevendo os bilhetes. De que adiantaria pisar no pescoço dele? Sempre haveria mais rapazes de cabeça oca no mundo.

– Aonde você quer chegar com isso, Ardee?

Ela sentou no banco e o encarou gelidamente por cima da borda da taça.

– Com o quê, irmão?

– Você sabe com o quê!

– Nós não somos da mesma família? Não podemos ser sinceros um com o outro? Se você tem algo a dizer, vá em frente. Aonde você acha que eu quero chegar?

– Já que perguntou, acho que você está indo para a merda!

A muito custo, ele baixou o tom de voz.

– Esse negócio com Luthar foi longe demais. Bilhetes? Bilhetes? Eu o alertei, só que parece que não era ele o problema! O que você está pensando? Está ao

menos pensando? Isso precisa ter um fim, antes que as pessoas comecem a falar!

Ele sentiu um aperto sufocante no peito, respirou fundo, mas sua voz explodiu mesmo assim:

– Já estão falando, porcaria! Isso vai parar agora! Está ouvindo?

– Estou – disse ela sem muita atenção. – Mas quem se importa com o que as pessoas pensam?

– Eu! – praticamente gritou. – Você sabe quanto eu preciso trabalhar? Acha que sou idiota? Você sabe como as coisas são, Ardee!

O rosto dela estava ficando carrancudo, mas ele não se deteve.

– E não é a primeira vez! Será que devo lembrar que sua sorte com os homens não é exatamente a melhor?

– Não com os homens da minha família, pelo menos!

Agora ela se sentava empertigada, o rosto tenso e pálido de raiva.

– E o que você sabe sobre minha sorte? Faz dez anos que nós praticamente não conversamos!

– Estamos conversando agora! – gritou West, jogando o papel amassado do outro lado da sala. – Você já pensou no que isso pode dar? E se você conseguisse conquistá-lo? Já pensou? Acha que a família dele ficaria em êxtase com a noiva recatada? Na melhor das hipóteses, eles nunca falariam com você. Na pior, expulsariam os dois!

West apontou um dedo trêmulo para a porta.

– Não notou que ele é um porco vaidoso e arrogante? Todos eles são! Como você acha que ele iria se virar sem a mesada que recebe? Sem os amigos poderosos? Ele nem saberia por onde começar! Como vocês poderiam ser felizes juntos?

A cabeça de West estava a ponto de se partir ao meio, mas ele continuou falando.

– E o que acontece se, como é muito mais provável, você não conseguir conquistá-lo? E aí? Você estaria arruinada, já pensou nisso? Você chegou bem perto, antes! E deveria ser mais inteligente! Você está se transformando em piada! – desabafou e quase sufocou na própria fúria. – Está transformando nós dois em piada!

Ardee ofegou.

– Agora eu entendi! – Foi a vez dela quase gritar. – Ninguém liga a mínima para mim, mas se a *sua* reputação correr perigo...

– Sua vaca idiota de merda!

A garrafa de vinho voou na sala e se chocou contra a parede não muito longe da cabeça de Ardee, lançando fragmentos de vidro e fazendo vinho escorrer pelo reboco. Isso enfureceu West ainda mais.

– Por que não escuta, porra?

Num instante ele havia atravessado a sala. Ardee pareceu surpresa, mas só por um instante, porque logo em seguida houve um estalo agudo – o punho dele acertando seu rosto enquanto ela se levantava. Ela não caiu longe: as mãos dele a seguraram antes que caísse no chão e ele a puxou de volta para cima e a empurrou de costas contra a parede.

– Você vai ser a ruína de nós dois!

A cabeça dela bateu contra o reboco uma, duas, três vezes. Uma mão segurou seu pescoço. Dentes à mostra. Corpo esmagando-a contra a parede. Um ronco baixo na garganta dela quando os dedos começaram a apertar.

– Sua egoísta, inútil... sua... puta!

Cabelo se emaranhava no rosto de Ardee. West só podia ver uma linha estreita de pele, o canto de uma boca, um olho escuro.

O olho o encarava. Sem dor, sem medo. Vazio, sem emoção, como um cadáver.

Aperto. Ronco. Aperto.

Aperto...

West voltou a si com um espasmo de náusea. Os dedos se abriram subitamente, ele recuou a mão num movimento brusco. Sua irmã permaneceu de pé contra a parede. Ele podia ouvi-la respirando. Haustos curtos. Ou seria ele? Sua cabeça estava explodindo. O olho continuava a encará-lo.

Ele deveria ter imaginado aquilo. Deveria. A qualquer segundo iria acordar, o pesadelo estaria acabado. Era um sonho. Então ela afastou o cabelo do rosto.

Sua pele era de um branco pastoso, como cera de vela. O fio de sangue que escorria do nariz parecia quase preto, em contraste. As marcas cor-de-rosa estavam nítidas no pescoço. As marcas feitas por dedos. Os dedos dele. Então era real.

O estômago de West se revirou. Sua boca se abriu, mas nenhum som veio. Ele olhou o sangue no lábio dela e sentiu vontade de vomitar.

– Ardee...

Estava tão nauseado que o vômito veio enquanto dizia o nome da irmã. Sentiu o gosto de bile no fundo da boca, mas sua voz não parava de gorgolejar.

– Desculpe... desculpe... Você está bem?

– Já estive pior.

Ela levantou a mão devagar e tocou o lábio com a ponta do dedo. O sangue se espalhou na boca.

– Ardee...

Estendeu a mão para a irmã, mas depois a puxou de volta, com medo do que pudesse fazer.

– Desculpe...

– Ele sempre se desculpava. Você não lembra. Ele nos abraçava depois e chorava. Sempre se desculpando. Mas isso nunca o impedia de fazer de novo. Você se esqueceu?

West engasgou, conteve o vômito. Se ela chorasse, se berrasse, se batesse nele com os punhos, seria mais fácil de suportar. Qualquer coisa, menos isso. Tentava nunca pensar a respeito, porém não havia esquecido.

– Não – sussurrou. – Eu me lembro.

– Você acha que ele parou quando você foi embora? Ficou pior. Só que aí eu me escondia sozinha. Costumava sonhar que você voltaria, que voltaria para me salvar. Mas quando você voltou não foi por muito tempo, as coisas não eram as mesmas entre nós dois e você não fez nada.

– Ardee... eu não sabia...

– Você sabia, mas foi embora. Era mais fácil não fazer nada. Fingir. Eu entendo, e você sabe, nem culpo você. Na época era um certo consolo saber que você tinha ido embora. O dia em que ele morreu foi o mais feliz da minha vida.

– Ele era nosso pai...

– Ah, sim. Azar meu. Azar com os homens. Eu chorei junto à sepultura como uma filha obediente. Chorei a ponto de as pessoas temerem que eu perdesse a razão. Mais tarde fiquei deitada na cama, acordada, até todo mundo dormir. Saí de casa escondida, voltei à sepultura, fiquei um tempo olhando para baixo... depois mijei nela, porra! Levantei a camisola, me agachei e mijei em cima dele! E o tempo todo estava pensando: nunca mais vou ser cachorro de ninguém.

Ela enxugou o sangue do nariz com as costas da mão.

– Você deveria ter visto como fiquei feliz quando você me chamou! Li a carta repetidamente. Todos os pequenos sonhos patéticos ressurgiram. Esperança, não é? Que porra de maldição! Eu ia morar com meu irmão, meu protetor. Ele vai cuidar de mim, vai me ajudar. Agora talvez *eu* possa ter uma vida! Mas encontrei você diferente do que eu me lembrava. Todo adulto. Primeiro você me ignora, depois me faz sermões, então bate em mim, e agora pede desculpas. É realmente o filho do seu pai!

West se lastimou. Era como se ela estivesse cravando uma agulha nele, bem no crânio. Ele merecia mais, até. Ardee estava certa. Ele havia fracassado com ela. Muito antes de hoje. Enquanto brincava com espada e puxava o saco de pessoas que o desprezavam, ela estava sofrendo. Só teria sido necessário um pequeno esforço, mas ele jamais pudera encarar isso. Sentira a culpa em cada minuto que havia passado com ela. Era como uma pedra nas entranhas, puxando-o para baixo, insuportável.

Ela se afastou da parede.

– Talvez eu vá fazer uma visita ao Jezal. Ele pode ser o idiota mais superficial de toda a cidade, mas não creio que teria levantado a mão para mim, não é?

Ela o empurrou do caminho e foi para a porta.

– Ardee! – chamou, segurando-a pelo braço. – Por favor... Ardee... Desculpe...

Ela pôs a língua para fora e cuspiu uma mistura sangrenta que colou no uniforme de West.

– Isso é pelo pedido de desculpas, seu desgraçado.

E bateu a porta na cara dele.

Cada homem cultua a si mesmo

Ferro estreitara os olhos e encarava o grande rosado, que a encarava também. Aquilo vinha acontecendo havia um bom tempo, não o tempo todo, mas a maior parte dele: encarar e ser encarada. Encarando. Eram todos feios, aquelas coisas brancas e moles, mas havia algo diferente.

Hediondo.

Sabia que estava cheia de cicatrizes e marcada pelo sol e pelo vento, desgastada por anos no ermo, mas a pele clara do rosto daquele sujeito parecia um escudo muito usado em batalhas – retalhado, cortado, rasgado, amassado. Era surpreendente ver olhos ainda vivos num rosto tão sofrido, mas eles estavam vivos e a observavam.

Ferro havia decidido que ele era perigoso.

Não era somente grande, mas também forte. De uma força brutal. Teria o dobro do peso dela, talvez, e o pescoço grosso parecia todo feito de tendões. Podia sentir a força que emanava dele. Não ficaria surpresa se ele pudesse erguê-la com uma das mãos apenas, porém isso não a preocupava muito. Primeiro ele teria de pegá-la. Tamanho e força podem tornar um homem lento.

Lentidão e perigo são coisas que não andam juntas.

As cicatrizes também não a preocupavam. Só demonstravam que ele estivera em muitas lutas, não significavam que tinha vencido. Eram outras coisas que incomodavam. O modo como ele se sentava: imóvel embora não totalmente relaxado. Preparado. Paciente. O modo como seus olhos se moviam: espertos,

cautelosos, indo dela ao restante da sala, depois de volta a ela. Olhos escuros, atentos, pensativos. Avaliando-a. Veias grossas nas mãos, dedos longos, hábeis, linhas de sujeira embaixo das unhas. Um dedo faltando. Um cotoco branco. Ela não gostava de nada daquilo. Tinha cheiro de perigo.

Não gostaria de lutar desarmada contra ele.

No entanto, havia entregado sua faca àquele rosado na ponte. Estivera à beira de esfaqueá-lo, mas no último instante mudara de ideia. Algo nos olhos dele a fizeram lembrar-se de como Aruf era antes que os gurkenses espetassem a cabeça dele numa ponta de lança. Triste e sincero, como se a entendesse. Como se ela fosse uma pessoa, e não uma coisa. No último momento, mesmo contra a vontade, ela havia entregado a faca. Tinha se permitido ser levada ali para dentro.

Idiota!

Agora se arrependia amargamente, mas, se fosse preciso, lutaria da forma que pudesse. A maioria das pessoas não percebe como o mundo é cheio de armas. Coisas para atirar no inimigo ou nas quais atirá-lo. Coisas para quebrar ou usar como porretes. Roupas enroladas com as quais estrangular. Terra para jogar na cara. Não tendo isso, rasgaria a garganta dele a mordidas. Puxou os lábios para trás e mostrou os dentes para provar, mas ele não pareceu prestar atenção. Só ficou ali parado, olhando. Silencioso, imóvel, feio e perigoso.

– Rosados filhos da puta – sibilou consigo mesma.

O magro, em contraste, não parecia nem um pouco perigoso. Tinha aparência de doente e o cabelo comprido como o de mulher. Desajeitado e inquieto, umedecendo os lábios. De vez em quando lançava um olhar para ela, porém desviava os olhos assim que ela o encarava com desprezo e engolia em seco, fazendo o calombo da garganta subir e descer. Parecia apavorado, nada ameaçador, mas Ferro o mantinha no canto do olho enquanto vigiava o grande. Era melhor não desprezá-lo.

A vida lhe ensinara a esperar surpresas.

Com isso, restava apenas o velho. Não confiava em nenhum daqueles rosados, mas confiava menos ainda no careca. Muitas rugas fundas no rosto, em volta dos olhos, em torno do nariz. Rugas cruéis. Traços duros, pesados, nas faces. Mãos grandes e grossas, pelos brancos nas costas delas. Se tivesse de matar os três, apesar de todo o perigo que o grande parecia oferecer, mataria primeiro o careca. Ele tinha um ar de traficante de escravos, olhava-a de cima a baixo, repetidamente. Um olhar frio, como se estimasse o valor dela.

Desgraçado.

Bayaz, era como Yulwei o chamava, e os dois pareciam se conhecer bem.

– E então, irmão – dizia o rosado careca na língua kanticense, mas estava bem

claro que os dois não eram parentes –, como vai o grande império de Gurkhul?

Yulwei suspirou.

– Só faz um ano que Uthman tomou a coroa, derrotou os últimos rebeldes e pôs os governantes de joelhos. O jovem imperador já é mais temido do que seu pai jamais foi. Uthman-ul-Dosht, é como os soldados o chamam, e com orgulho. Quase toda a Kanta está sob o domínio dele. Ele reina supremo na região de todo o mar do Sul.

– A não ser em Dagoska.

– Exato, mas os olhos dele estão voltados para lá. Seus exércitos vão em bandos na direção da península e seus homens estão atuando atrás das grandes muralhas de Dagoska. Agora que há guerra no Norte, não pode demorar muito até que ele considere que é hora de sitiar a cidade e, quando fizer isso, não creio que ela consiga se sustentar por muito tempo.

– Tem certeza? A União ainda controla os mares.

Yulwei franziu a testa.

– Nós vimos navios, irmão. Muitos navios grandes. Os gurkenses construíram uma frota. Uma frota poderosa, em segredo. Devem ter começado há anos, durante a última guerra. Acho que a União vai continuar controlando os mares por pouco tempo.

– Uma frota? Eu esperava ter mais alguns anos para me preparar – disse o rosado, sério. – Meus planos só ficam mais urgentes.

Aquela conversa a entediava. Estava costumada a se manter sempre em movimento, sempre um passo à frente, e odiava ficar parada. Quando você fica muito tempo num mesmo lugar, os gurkenses o encontram. Ela não estava interessada em ser posta em exposição para matar a curiosidade daqueles rosados. Andou pela sala fazendo caretas e mostrando os dentes enquanto os dois velhos trocavam palavras intermináveis. Girou os braços. Chutou as tábuas gastas do piso. Cutucou os panos nas paredes e espiou atrás deles, passou os dedos pelas bordas da mobília, estalou a língua e bateu os dentes.

Deixando todo mundo nervoso.

Passou pelo rosado grande e feio na cadeira. Só para mostrar a ele que não estava nem aí para seu tamanho, suas cicatrizes ou para qualquer outra coisa. Então foi até o nervoso. O rosado magricelo de cabelo comprido. Ele engoliu em seco quando ela chegou perto.

– Ssss – sibilou ela.

Ele murmurou alguma coisa e se afastou arrastando os pés, e ela foi até a janela, tomando o lugar onde ele estivera. Olhou para fora, dando as costas para a sala.

Só para mostrar aos rosados que não estava nem aí para qualquer um deles.

Havia jardins do lado de fora. Árvores, plantas, gramados amplos e muito organizados. Grupos de homens e mulheres, gordos e pálidos, estavam à toa ao sol, na grama cortada cuidadosamente, comendo de encher a pança, bebendo. Ela fez uma careta de desprezo. Rosados gordos, feios, preguiçosos, sem nenhum deus a não ser a comida e a preguiça.

– Jardins – zombou ela.

Houvera jardins no palácio de Uthman. Ela costumava olhá-los da janela minúscula de seu quarto. Sua cela. Muito antes de ele se tornar Uthman-ul-Dosht. Quando era apenas o filho mais novo do imperador. Quando ela era uma de suas muitas escravas. Sua prisioneira. Ferro se inclinou para a frente e cuspiu pela janela.

Odiava jardins.

Odiava cidades. Locais de escravidão, medo, degradação. As muralhas eram os muros de uma prisão. Quanto antes saísse aquele local amaldiçoado, mais feliz ficaria. Ou menos infeliz, que fosse. Deu as costas para a janela e fez outra careta de desprezo. Todos a encaravam.

O que se chamava Bayaz foi o primeiro a falar.

– Certamente é uma coisa espantosa que você descobriu, irmão. Não seria possível deixar de notá-la no meio de uma multidão, não é? Tem certeza que ela é o que estou procurando?

Yulwei olhou para ela por um minuto.

– O máximo de certeza que posso ter.

– Eu estou aqui – rosnou ela.

Mas o careca rosado continuou falando como se ela não pudesse ouvir.

– Ela sente dor?

– Apenas um pouco. Lutou contra um comedor na estrada.

– Verdade? – Bayaz riu baixinho consigo mesmo. – Ele a feriu muito?

– Muito, mas em dois dias ela estava andando, em uma semana estava curada. Ela não aparenta um arranhão da luta. Isso não é normal.

– Nós dois já vimos muita coisa que não é normal. Precisamos ter certeza.

O careca enfiou a mão num bolso. Ferro ficou olhando desconfiada. Ele levou o punho à mesa. Quando o afastou, havia duas pedras lisas e polidas na madeira.

O careca se inclinou para a frente.

– Diga, Ferro, qual é a pedra azul?

Ela o encarou com expressão dura, depois olhou as pedras. Não havia diferença entre elas. Todos a observavam, agora com mais atenção do que nunca, e ela trincou os dentes.

– Aquela – escolheu, apontando para a da esquerda.

Bayaz sorriu.

– Exatamente a resposta que eu esperava.

Ferro deu de ombros. Tinha sido sorte adivinhar a certa, pensou. Depois notou a expressão do rosado grande. Ele franzia os olhos avaliando as duas pedras, como se não entendesse.

– As duas são vermelhas – disse Bayaz. – Você não enxerga cores, não é, Ferro?

Então o rosado careca havia feito um truque com ela. Não imaginava como ele poderia saber, mas tinha certeza de não estar gostando disso. Ninguém faz truques com Ferro Maljinn. Começou a gargalhar. Um gorgolejo áspero, feio, destreinado.

Ela saltou por cima da mesa.

A expressão de surpresa estava começando a se formar no rosto do velho rosado quando seu punho se chocou contra o nariz dele. Ele soltou um grunhido e sua cadeira tombou para trás, esparramando-se no chão. Ela passou pela mesa para agarrá-lo, mas Yulwei segurou sua perna e a puxou de volta. Suas mãos tentaram se cravar no pescoço do maldito, mas em vez disso viraram a mesa de lado, fazendo as duas pedras rolarem pela madeira.

Ela sacudiu a perna, soltando-a, e partiu para cima o velho rosado enquanto se levantava, mas Yulwei agarrou seu braço e a puxou de volta outra vez, o tempo todo gritando “Paz!”.

Ele acabou levando uma cotovelada na cara que o fez cambalear para trás, contra a parede, com ela por cima. Ferro foi a primeira a se levantar, pronta para partir para cima do desgraçado careca de novo.

Mas agora o grande estava de pé e se movimentava, vigiando-a. Ferro sorriu para ele, os punhos cerrados nas laterais do corpo. Agora veria realmente quanto ele era perigoso.

Ele deu outro passo.

Então Bayaz estendeu um braço para impedi-lo. Sua outra mão apertava o nariz, tentando estancar o sangue. Começou a dar uma risadinha.

– Muito bom! – tossiu ele. – Muito feroz e tremendamente rápida, também. Sem dúvida é você que nós queremos! Espero que aceite meu pedido de desculpas, Ferro.

– O quê?

– Por minha falta de modos.

Ele enxugou o sangue do lábio superior.

– Eu mereci isso, com certeza, mas precisava me certificar. Desculpe. Pode me perdoar?

Agora ele parecia um tanto diferente, ainda que nada tivesse mudado. Amigável, cheio de consideração, honesto. Desculpando-se. Mas era preciso

mais do que isso para ganhar sua confiança. Muito mais.

– Veremos – sibilou ela.

– É só isso que eu peço. Isso e que você dê a Yulwei e a mim um momento para discutirmos algumas... questões. Coisas que seria melhor conversarmos em particular.

– Tudo bem, Ferro – disse Yulwei. – Eles são amigos.

Ela estava certa de que eles não eram seus amigos, mas permitiu que Yulwei a guiasse pela porta logo depois dos dois rosados.

– Só tente não matar nenhum deles – pediu o velho.

Esta sala era bem parecida com a outra. Eles deviam ser ricos, esses rosados, ainda que não aparentassem. Uma lareira enorme, feita de pedra escura cheia de veios. Almofadas e panos macios em volta da janela, cobertas com flores e pássaros feitos em pontos minúsculos. Numa das paredes havia uma pintura de um homem sério com uma coroa na cabeça, franzindo a testa para Ferro. Ela franziu a testa para ele. Luxo.

Ferro odiava luxo mais ainda do que odiava jardins.

Luxo significava cativeiro mais do que as barras de uma jaula. Móveis macios indicavam perigo com mais certeza do que armas. Ela só precisava de chão duro e água fresca. As coisas macias amaciavam as pessoas, e ela não queria fazer parte daquilo.

Havia outro homem esperando ali, andando em círculos com as mãos às costas, como se não gostasse de ficar parado por muito tempo. Não era exatamente um rosado: a pele curtida ficava num ponto intermediário entre a dela e a deles. Cabeça raspada, como um sacerdote. Ferro não gostou daquilo.

Odiava sacerdotes acima de tudo.

Mas os olhos dele se iluminaram ao vê-la, apesar de toda a expressão de desprezo que ela demonstrou, e ele se aproximou depressa. Era um homenzinho estranho, com roupas gastas pelas viagens, e o topo de sua cabeça não era mais alto do que a boca de Ferro.

– Sou o irmão Pé Comprido – disse ele, balançando as mãos para todo lado –, da grande ordem dos Navegadores.

– Bom para você.

Ferro se virou em outra direção, aguçando os ouvidos para escutar o que os dois velhos conversavam do outro lado da porta, mas Pé Comprido não se abalou.

– É bom! Sim, sim, certamente! Deus me abençoou de verdade! Declaro que nunca, em toda a história, um homem foi mais adequado à sua profissão, ou uma profissão a um homem, do que eu, o irmão Pé Comprido, sou adequado à nobre ciência da navegação! Desde as montanhas cobertas de neve do norte extremo

até as areias encharcadas de sol no sul distante, o mundo inteiro é o meu lar, verdade!

Ele sorriu para ela com um ar de satisfação repugnante. Ferro o ignorou. Os dois rosados, o grande e o magricelo, conversavam no lado oposto da sala. Usavam uma língua que ela não entendia. Pareciam porcos grunhindo. Talvez falassem sobre ela, mas Ferro não se importava. Saíram por outra porta, deixando-a sozinha com o sacerdote, que ainda mexia os lábios sem parar.

– Há poucas nações no Círculo do Mundo que eu, o irmão Pé Comprido, não conheço, no entanto não faço ideia de sua origem.

Ele esperou, cheio de expectativa, mas Ferro não disse nada.

– Gostaria que eu adivinhasse, então? De fato é um enigma. Deixe-me ver... seus olhos têm o formato dos olhos do povo da distante Suljuk, onde as montanhas negras se erguem íngremes do mar reluzente, têm sim, no entanto sua pele é...

– Fecha essa boca, seu babaca.

O homem parou no meio da frase, tossiu e se afastou, deixando Ferro tentando escutar as vozes do outro lado da porta. Ela sorriu. A madeira era grossa e os sons, abafados, mas os dois não sabiam como seus ouvidos eram bons. Ainda estavam falando em kanticense. Agora que aquele navegador idiota ficara quieto ela conseguia identificar cada palavra dita por Yulwei.

–... Khalul viola a Segunda Lei e por isso você precisa violar a primeira? Não gosto disso, Bayaz! Juvens nunca teria permitido!

Ferro franziu a testa. Yulwei tinha um tom estranho na voz. Medo. A Segunda Lei. Ele havia falado sobre isso com os comedores, Ferro se lembrava. É proibido comer a carne de homens.

Em seguida ouviu o rosado careca.

– A Primeira Lei é um paradoxo. Toda magia vem do Outro Lado, até a nossa. Sempre que você muda alguma coisa, toca o mundo de baixo. Sempre que faz uma coisa, você pega emprestado do Outro Lado, e sempre há um preço.

– Mas o preço pode ser alto demais! É uma coisa amaldiçoada, essa Semente, é uma coisa amaldiçoada. Nada além do caos cresce a partir dela. A Semente foi o fim dos filhos de Euz, tão grandes em sabedoria e poder, em muitos sentidos. Você é mais sábio do que Juvens, Bayaz? É mais esperto do que Kanedias? É mais forte do que Glustrod?

– Nada disso, irmão, mas diga... quantos comedores Khalul fez?

Veio uma longa pausa.

– Não tenho certeza.

– Quantos?

Outra pausa.

– Talvez duzentos. Talvez mais. Os sacerdotes percorrem todo o Sul atrás dos que são promissores. Agora ele os faz cada vez mais rápido, mas a maioria é jovem e fraca.

– Duzentos ou mais e o número cresce o tempo todo. Muitos são fracos, mas entre eles há alguns que podem ser páreo para você ou eu. Os que foram aprendizes de Khalul no Tempo Antigo, os que são chamados de Vento Leste e aquelas gêmeas malditas.

– Cadelas desgraçadas! – gemeu Yulwei.

– Para não falar de Mamun, cujas mentiras deram início a este caos.

– O problema estava bem enraizado antes mesmo de ele nascer, você sabe, Bayaz. Mas Mamun esteve nas Terras Ruins. Eu o senti perto. Ele ficou terrivelmente forte.

– Você sabe que eu tenho razão. Enquanto isso nosso número praticamente não cresceu.

– Eu pensei que este, o Quai, era promissor, não é?

– Só precisamos de mais cem como ele e vinte anos para treiná-los. Aí poderíamos ficar em pé de igualdade. Não, irmão, não. Precisamos usar fogo contra fogo.

– Mesmo que o fogo transforme você e toda a criação em cinzas? Deixe-me ir a Sarkant. Talvez Khalul ainda ouça a voz da razão...

Uma gargalhada.

– Ele escravizou metade do mundo! Quando você vai acordar, Yulwei? Quando ele escravizar o restante? Não posso me dar ao luxo de perder você, irmão!

– Lembre-se, Bayaz, existem coisas piores do que Khalul. Muito piores.

Sua voz se transformou num sussurro e Ferro teve de se esforçar para entender suas palavras.

– Os Contadores de Segredos estão sempre ouvindo...

– Chega, Yulwei! É melhor nem pensar nisso!

Ferro franziu a testa. Que absurdo era aquele? Contadores de Segredos? Que segredos?

– Lembre-se do que Juvens disse a você, Bayaz. Cuidado com o orgulho. Você andou usando a Arte. Eu sei. Vejo uma sombra em você.

– Danem-se as suas sombras! Eu faço o que preciso fazer! Lembre-se do que Juvens disse a *você*, Yulwei. Não podemos ficar observando para sempre. O tempo é curto e não vou mais ficar observando. Sou o primeiro. A decisão é minha.

– Eu não segui sempre sua liderança? Sempre, mesmo quando minha consciência dizia o contrário?

– E eu já o levei para o caminho errado?

– Isso ainda veremos. Você é o primeiro, Bayaz, mas não é Juvens. Meu papel é questionar, e o de Zacharus também. Ele vai gostar disso menos do que eu. Muito menos.

– Precisa ser feito.

– Mas outros vão pagar o preço, como sempre. Esse nórdico, Nove Dedos, fala com os espíritos?

– Fala.

Ferro franziu a testa. Espíritos? O rosado de nove dedos mal parecia capaz de falar com outros humanos.

– E se você encontrar a Semente – disse Yulwei atrás da porta –, pretende que Ferro a carregue?

– Ela tem o sangue, e alguém precisa fazer isso.

– Tenha cuidado, então, Bayaz. Eu conheço você, lembre-se. Poucos o conhecem melhor. Dê-me sua palavra de que vai mantê-la em segurança, mesmo depois de ter servido ao seu propósito.

– Vou protegê-la com mais cuidado do que faria com meu próprio filho.

– Proteja-a com mais cuidado do que fez com a filha do Artífice e eu ficarei satisfeito.

Longo silêncio. Ferro remexia o maxilar enquanto pensava no que tinha ouvido. Juvens, Kanedias, Zacharus – os nomes estranhos não significavam nada para ela. E que tipo de semente poderia transformar toda a criação em cinzas? Não queria fazer parte daquilo, tinha certeza. Seu lugar era no Sul, lutando contra os gurkenses com armas que ela conhecia.

A porta se abriu e os dois velhos saíram. Não podiam parecer mais diferentes. Um de pele escura, alto e ossudo, com cabelo comprido, o outro de pele branca, corpulento e careca. Ela o encarou com desconfiança. Foi o branco que falou primeiro.

– Ferro, tenho uma oferta para...

– Não vou com você, seu velho rosado idiota.

Uma levíssima sombra de irritação perpassou no rosto do careca, mas foi contida rapidamente.

– Por quê? Que outro negócio urgente você tem?

Para isso ela não precisava pensar.

– Vingança.

Era sua palavra predileta.

– Ah. Sei. Você odeia os gurkenses?

– Odeio.

– Eles lhe devem, pelo que fizeram com você?

– É.

– Por tirar sua família, seu povo, seu país?

– É.

– Por escravizá-la – sussurrou ele.

Ela o encarou com ódio, imaginando como o sujeito sabia tanto, imaginando se deveria partir para cima dele outra vez.

– Eles roubaram você, Ferro, roubaram tudo de você. Roubaram sua vida. Se eu fosse você... se tivesse sofrido como você... não haveria sangue suficiente em todo o Sul para me satisfazer. Eu transformaria cada soldado gurkense num cadáver antes de ficar satisfeito. Veria o imperador deles apodrecendo numa jaula diante do próprio palácio antes de me satisfazer!

– Sim! – sibilou ela, com um sorriso feroz no rosto.

Agora ele estava falando sua língua. Yuwei nunca havia falado assim; talvez o velho rosado não fosse tão idiota, afinal de contas.

– Você entende! É por isso que preciso ir para o Sul!

– Não, Ferro.

Agora o velho careca estava rindo.

– Você não percebe a chance que estou lhe oferecendo. O imperador não governa de fato em Kanta. Por mais que pareça poderoso, ele dança conforme a música de outro, uma mão bem escondida. É chamado de Khalul.

– O Profeta.

Bayaz assentiu.

– Se você é cortada, odeia a faca ou a mão que a segura? O imperador, os gurkenses, não passam de ferramentas de Khalul, Ferro. Os imperadores vêm e vão, mas o Profeta está sempre lá, atrás deles. Sussurrando. Sugerindo. Ordenando. É ele que deve a você.

– Khalul... é.

Os comedores haviam usado esse nome. Khalul. O Profeta. O palácio do imperador era cheio de sacerdotes, todo mundo sabia. Os palácios dos governadores também. Sacerdotes: estavam em toda parte, em enxames, como insetos. Nas cidades, nas aldeias, no meio dos soldados, sempre espalhando suas mentiras. Sussurrando. Sugerindo. Ordenando. Yulwei franzia a testa, infeliz, mas Ferro sabia que o velho rosado estava certo.

– É, eu compreendo!

– Ajude-me e eu lhe darei vingança, Ferro. Vingança de verdade. Não um soldado morto, ou dez, mas milhares. Dezenas de milhares! Talvez o próprio imperador, quem sabe?

Ele deu de ombros e foi virando as costas para ela.

– Mas não posso obrigá-la. Volte para as Terras Ruins, se quiser. Esconda-se, fuja, enfie-se em buracos como um rato. Se isso a deixar satisfeita. Se essa é a medida de sua vingança. Os comedores querem você agora. Os filhos de Khalul. Sem nós, eles irão pegá-la, e mais cedo do que você imagina. Mesmo assim, a escolha é sua.

Ferro franziu a testa. Todos aqueles anos no ermo, lutando com unhas e dentes, sempre fugindo, não haviam lhe rendido nada. Nenhuma vingança digna da palavra. Se não fosse Yulwei, agora estaria acabada. Ossos brancos no deserto. Carne na barriga dos comedores. Na jaula diante do palácio do imperador.

Apodrecendo.

Não podia recusar, e sabia, mas não gostava daquilo. O velho soubera exatamente o que lhe oferecer. Ela odiava não ter opção.

– Vou pensar – respondeu.

De novo surgiu uma levíssima sombra de raiva no rosto do rosado careca, encoberta rapidamente.

– Então pense, mas não por muito tempo. Os soldados do imperador estão se juntando e o tempo é curto.

Ele saiu da sala, atrás dos outros, deixando-a a sós com Yulwei.

– Não gosto desses rosados – disse ela, suficientemente alto para que o velho a escutasse no corredor e depois, mais baixinho: – Nós temos de ir com eles?

– Você tem. Eu preciso voltar ao Sul.

– O quê?

– Alguém precisa ficar de olho nos gurkenses.

– Não!

Yulwei começou a rir.

– Duas vezes você tentou me matar. Uma vez tentou fugir de mim, mas agora que vou embora você quer que eu fique? Não consigo entendê-la, Ferro.

Ela franziu a testa.

– O careca disse que pode me oferecer vingança. Ele mentiu?

– Não.

– Então devo ir com ele.

– Eu sei. Foi por isso que trouxe você aqui.

Ela não conseguiu pensar em nada para dizer. Olhou para o chão, mas Yulwei a surpreendeu dando um passo adiante, de repente. Ela levantou a mão para se defender de um golpe, mas em vez disso ele a envolveu com os braços e apertou com força. Era uma sensação estranha, estar tão perto de outra pessoa. Quente. Então Yulwei se afastou, mantendo uma das mãos em seu ombro.

– Ande nos passos de Deus, Ferro Maljinn.

– Er... Aqui as pessoas não têm Deus.

– Pelo contrário, eles têm muitos.

– Muitos?

– Você não notou? Aqui cada homem cultua a si mesmo.

Ela assentiu. Isso parecia estar perto da verdade.

– Tenha cuidado, Ferro. E ouça Bayaz. Ele é o primeiro da minha ordem. Poucos são tão sábios quanto ele.

– Não confio nele.

Yulwei se inclinou, aproximando-se dela.

– Eu não disse para confiar.

Depois sorriu e lhe deu as costas. Ela o observou caminhar lentamente até a porta, depois sair para o corredor. Ouviu os pés descalços pisando nos ladrilhos, as pulseiras tilintando baixinho nos braços.

Deixando-a sozinha com o luxo, os jardins e os rosados.

Velhos amigos

HOUVE UMA BATIDA forte à porta. Glokta levantou a cabeça bruscamente, com o olho esquerdo latejando de súbito. *Quem, diabos, vem bater a essa hora? Frost? Severard? Ou outra pessoa? O superior Goyle, talvez, vindo me visitar com suas aberrações de circo? Será que o arquileitor já se cansou de seu aleijado de brinquedo? Não dá para dizer que a festa esteja prosseguindo de acordo com o plano, e Sua Eminência não é do tipo que perdoa. Corpo encontrado flutuando no cais...*

A batida se repetiu. Alta, confiante. *Do tipo que exige que a porta seja aberta, antes de derrubá-la.*

– Estou indo! – gritou, com a voz ligeiramente esganiçada à medida que ele se arrancava de trás da mesa, com as pernas bambas. – Estou indo!

Pegou a bengala e foi mancando até a porta da frente, respirou fundo e puxou o trinco.

Não era Frost nem Severard. Nem Goyle ou um dos seus práticos. Era alguém muito mais inesperado. Glokta levantou uma sobrancelha, depois se encostou no portal.

– Major West, que surpresa!

Às vezes, quando velhos amigos se encontram, as coisas ficam imediatamente como eram tantos anos antes. A amizade retorna, intocada, como se não tivesse havido interrupção. *Às vezes, mas não agora.*

– Inquisidor Glokta – murmurou West. Hesitante, desajeitado, sem graça. –

Desculpe incomodá-lo tão tarde.

– Não é nada – disse Glokta com formalidade gélida.

O major quase se retraiu.

– Posso entrar?

– Claro.

Glokta fechou a porta e foi mancando atrás de West para a sala de jantar. O major se espremeu numa cadeira e Glokta ocupou outra. Ficaram sentados encarando-se por um momento, quietos. *Que diabos ele quer, a essa hora ou a qualquer outra?* Glokta analisou o rosto do velho amigo na claridade da lareira e da única vela acesa. Agora que podia vê-lo com mais clareza, percebeu que West havia mudado. *Ele parece velho.* Seu cabelo estava ficando ralo nas têmporas, grisalho em volta das orelhas. O rosto estava pálido, fino, mais fundo. *Ele parece preocupado. Oprimido. Perto do limite.* West avaliou o cômodo simples, a lareira simples, a mobília simples, olhou com cautela para Glokta e depois baixou os olhos rapidamente para o chão. Nervoso, como se algo o incomodasse. *Ele parece pouco à vontade. E não é para menos.*

West não parecia pronto para romper o silêncio, por isso Glokta o ajudou.

– E aí, quanto tempo, não é? Afora aquela noite na cidade, e nem podemos contar aquilo, certo?

A lembrança do encontro infeliz ficou entre eles por um momento como um peido, então West pigarreou.

– Nove anos.

– Nove anos. Imagine só. Desde que estivemos naquele topo de morro, velhos amigos juntos, olhando o rio lá embaixo. A ponte e todos aqueles gurkenses do outro lado. Parece ter sido há uma eternidade, não é? Nove anos. Lembro de você implorando para eu não descer, mas eu não quis ouvir. Que idiota eu fui, hein? Achava que eu era nossa única esperança. Achava que era invencível.

– Você salvou todos nós naquele dia, salvou o exército inteiro.

– Salvei? Que maravilhoso. Imagino que, se tivesse morrido naquela ponte, haveria estátuas minhas em toda parte. Uma pena não ter morrido, verdade. Uma pena para todo mundo.

West se encolheu e se remexeu na cadeira, parecendo mais desconfortável ainda.

– Eu procurei você, depois... – murmurou.

Você me procurou? Que porra mais nobre. Que verdadeiro amigo. Muito pouco isso me serviu, quando fui arrastado em agonia com a perna transformada em carne moída. E foi só o começo.

– Você não veio falar dos velhos tempos, West.

– Não... não vim. Vim falar da minha irmã.

Glokta fez uma pausa. Certamente não esperava essa resposta.

– Ardee?

– Ardee, sim. Partirei em breve para Angland e... esperava que, talvez, você pudesse ficar de olho nela para mim, enquanto eu estiver longe.

West ergueu o olhar, hesitante, nervoso.

– Você sempre teve jeito com as mulheres... Sand.

Glokta deu um sorriso forçado ao ouvir seu primeiro nome. Ninguém o chamava mais assim. *Ninguém além da minha mãe.*

– Você sempre soube exatamente o que dizer. Lembra-se daquelas três irmãs? Qual era o nome delas? Você deixou todas comendo na sua mão.

West sorriu, mas Glokta não pôde. Ele se lembrava, mas agora as recordações eram fracas, sem cor, desbotadas. *Memórias de outro homem. Um homem morto. Minha vida começou em Gurkhul, nas prisões do imperador. As lembranças desde então são muito mais reais. Esticado na cama como um cadáver depois de voltar, no escuro, esperando amigos que jamais vieram.* Ao olhar para West, percebeu que o próprio olhar estava terrivelmente frio. *Você pensa em me ganhar com seu rosto honesto e sua conversa sobre os velhos tempos? Como um cão perdido há muito, que por fim volta fielmente para casa? Eu sei das coisas. Você fede, West. Fede a traição. Essa lembrança, pelo menos, é minha.*

Glokta se recostou lentamente na cadeira.

– Sand dan Glokta – murmurou, como se lembrasse de um nome que ouvira um dia. – O que foi feito dele, hein, West? Sabe, aquele seu amigo, aquele rapaz vistoso, bonito, orgulhoso, intrépido? Com toque mágico com as mulheres? Amado e respeitado por todos, destinado a grandes feitos? Para onde foi?

West apenas o encarou, perplexo e inseguro, não disse nada.

Glokta se inclinou bruscamente para ele, as mãos espalmadas na mesa, os lábios repuxados exibindo a boca arruinada.

– Está morto! Morreu na ponte! E o que restou? A porra de uma ruína que tem o nome dele! Uma sombra manca, mal-humorada! Um fantasma aleijado que se agarra à vida como o cheiro de mijo se agarra a um mendigo. Não tem amigos, essa porra de restolho desprezível, e não quer ter! Vá embora, West! Volte para Varuz, para Luthar e para todos aqueles desgraçados vazios! Aqui não há ninguém que você conheça!

Os lábios de Glokta tremeram e cuspiram com repulsa. Não sabia quem o enojava mais: West ou ele próprio.

O major piscou, com os músculos do maxilar se mexendo em silêncio. Levantou-se trêmulo.

– Eu sinto muito – disse por cima do ombro.

– Não me diga! – gritou Glokta, fazendo-o parar junto à porta. – Os outros

eram agarrados a mim enquanto eu era útil, enquanto estava em ascensão. Eu sempre soube. Não fiquei muito surpreso quando não quiseram nada comigo depois que voltei. Mas você, West, sempre achei que fosse um amigo melhor do que isso, que fosse um homem melhor. Sempre pensei que ao menos você, que somente você, viria me visitar – desabafou e deu de ombros. – Acho que estava errado.

Glokta se virou, franzindo a testa na direção do fogo, esperando o som da porta sendo fechada.

– Ela não lhe contou?

Glokta olhou de volta.

– Quem?

– Sua mãe.

Ele fungou.

– Minha mãe? Contou o quê?

– Eu vim. Duas vezes. Assim que soube que você tinha voltado, eu vim. Sua mãe me expulsou no portão de sua propriedade. Disse que você estava doente demais para receber visitas e que, de qualquer modo, não queria ter mais nada a ver com o exército e não queria ter nada comigo especificamente. Voltei de novo, alguns meses depois. Achei que lhe devia isso. Dessa vez um serviçal veio me mandar embora. Mais tarde fiquei sabendo que você havia entrado para a Inquisição e fui para Angland. Parei de pensar em você.. até que nos encontramos... naquela noite na cidade...

West deixou o resto no ar.

Demorou um tempo para as palavras dele surtirem efeito e, quando isso aconteceu, Glokta percebeu que sua boca estava aberta. *Tão simples. Nenhuma conspiração. Nenhuma teia de traição.* Quase quis rir da estupidez daquilo. *Minha mãe o expulsou no portão e eu nunca pensei em duvidar de que ninguém tinha vindo. Ela sempre odiou West. Era um amigo inadequado, muito abaixo do nível de seu filho precioso. Sem dúvida o culpou pelo que aconteceu comigo. Eu deveria ter adivinhado, mas estava ocupado demais chafurdando na dor e na amargura. Estava ocupado demais sendo trágico*. Ele engoliu em seco.

– Você veio?

West deu de ombros.

– Se é que isso serve de alguma coisa.

Bom. O que se pode fazer, além de tentar fazer melhor? Glokta piscou e respirou fundo.

– Eu... é... peço desculpa. Esqueça o que eu disse, se puder. Por favor. Sente-se. Você estava falando alguma coisa sobre sua irmã.

– É. É. Minha irmã.

West voltou à cadeira desajeitadamente, olhando para o chão, o rosto assumindo de novo aquela expressão preocupada e cheia de culpa.

– Nós vamos partir logo para Angland e não sei quando vou voltar... ou se vou voltar, acho... Ela vai ficar sem nenhum amigo na cidade e, bem... acho que você a conheceu, quando foi à nossa casa.

– Claro, e a encontrei mais recentemente.

– Foi?

– É. Com nosso amigo, o capitão Luthar.

West ficou mais pálido ainda. *Há algo a mais do que ele está dizendo.* Mas por enquanto Glokta não sentia vontade de aleijar essa amizade, não agora, que ela acabava de renascer. Ficou quieto e depois de um tempo o major continuou:

– A vida tem sido... difícil para ela. Eu poderia ter feito alguma coisa. Deveria ter feito alguma coisa.

Ele olhou para a mesa, arrasado, e um espasmo percorreu seu rosto. *Conheço esse aí. É um dos meus prediletos. O desprezo por si mesmo.*

– Mas optei por deixar que outras coisas ficassem no caminho e me esforcei ao máximo para esquecer, fingi que tudo estava bem. Ela sofreu e a culpa é minha.

Ele tossiu, depois engoliu em seco, desajeitado. Seu lábio começou a tremer e ele cobriu o rosto com as mãos.

– É minha culpa... se alguma coisa acontecer com ela...

Seus ombros se sacudiram em silêncio e Glokta levantou as sobrancelhas. Estava acostumado a homens chorando na sua presença, claro. *Mas em geral preciso primeiro mostrar os instrumentos a eles.*

– Ora, Collem, isso não é do seu feitio.

Ele estendeu a mão lentamente por cima da mesa, hesitou, depois deu um tapinha desajeitado no ombro do amigo que soluçava.

– Você cometeu alguns erros, mas isso não acontece com todo mundo? Eles estão no passado e não podem ser mudados. Não há nada a fazer agora além de tentar fazer melhor, não é?

O quê? Sou eu mesmo falando? O inquisidor Glokta, reconfortando alguém?

Mas West pareceu mais tranquilo. Levantou a cabeça, enxugou o nariz e encarou Glokta esperançoso, com os olhos úmidos.

– Você está certo. Está certo, claro. Preciso dar um jeito. Preciso! Pode me ajudar, Sand? Pode cuidar dela enquanto eu estiver fora?

– Farei o que puder por ela, Collem, pode contar com isso. Um dia tive orgulho de chamá-lo de amigo e... terei de novo.

Eu? Pode ser? O inquisidor Glokta, amigo de confiança? O inquisidor Glokta, protetor de jovens indefesas?

Quase gargalhou diante da ideia, no entanto ali estava. Jamais pensaria que precisava disso, mas era bom ter um amigo de novo.

– Hollit – disse Glokta.

– O quê?

– Aquelas três irmãs, o nome delas era Hollit.

Ele deu um risinho consigo mesmo, com a lembrança se filtrando um pouco mais clara do que antes.

– Elas tinham uma queda por esgrima. Adoravam. Talvez tivesse algo a ver com o suor.

– Acho que foi naquela época que eu decidi começar – confessou West e gargalhou, depois franziu o rosto como se estivesse tentando lembrar alguma coisa. – Como era o nome do nosso intendente? Ele tinha uma queda pela mais nova, ficou louco de ciúme. Como, diabos, era o nome do sujeito? Um gordo.

O nome não era tão difícil para Glokta lembrar.

– Rews. Salem Rews.

– Rews, era esse! Eu tinha me esquecido. Rews! O sujeito contava histórias como ninguém. Nós ficávamos a noite inteira ouvindo, todos rolando de tanto gargalhar! O que foi feito dele?

Glokta parou um momento.

– Acho que saiu do exército... e virou algum tipo de mercador – disse e balançou a mão, descartando o assunto. – Ouvi dizer que se mudou para o Norte.

De volta à lama

CARLEON NÃO ESTAVA nem um pouco como Cachorrão se lembrava, mas afinal de contas sua recordação mais frequente era do lugar pegando fogo. Uma imagem assim permanece com a pessoa. Telhados caindo, janelas estalando, multidões de guerreiros em toda parte, todos embriagados de dor e de vitória – e, bem, de bebida. Saqueando, matando, pondo fogo, tudo o mais que fosse ruim. Mulheres gritando, homens berrando, fedendo a fumaça e medo. Resumindo: um saque, com ele e Logen no centro de tudo.

Bethod havia apagado os incêndios e tornado a cidade sua. Mudara-se para lá e começara a construir. Não tinha chegado muito longe quando chutou Logen, Cachorrão e os outros para o exílio, mas devia estar construindo coisas todos os dias desde então. O lugar agora tinha o dobro de prédios de antigamente, mesmo de antes de ser queimado. Eles cobriam todo o morro e toda a encosta, descendo até o rio. Maior do que Uffrith. Maior do que qualquer cidade que Cachorrão já vira. De onde estava, nas árvores do outro lado do vale, não dava para ver as pessoas, mas devia haver uma quantidade enorme lá dentro. Três novas estradas partiam dos portões. Duas pontes novas e grandes. Construções recém-erguidas em toda parte, e grandes, onde antes havia pequenas. Um monte delas. Construídas com pedra, principalmente, telhados de ardósia, e até vidros em algumas janelas.

– Eles andaram ocupados – disse Três Árvores.

– Muralhas novas – observou Sinistro.

– Um monte – murmurou Cachorrão.

Havia muralhas em toda parte. Uma grande no exterior, com torres e tudo o mais e um grande fosso depois. Havia uma maior ainda em cima do morro onde antes ficava o palácio de Skarling. Uma coisa gigantesca. Cachorrão mal conseguia imaginar onde haviam conseguido tanta pedra para construir aquilo.

– É a maior muralha que já vi – disse ele.

Três Árvores balançou a cabeça.

– Não gosto disso. Se Forley for apanhado, nunca mais vamos tirá-lo daí.

– Se Forley for apanhado, seremos cinco, chefe, e seremos procurados. Ele não é ameaça para ninguém, mas nós somos. Tirá-lo será a menor das nossas preocupações. Mas ele vai conseguir, como sempre. Provavelmente vai viver mais do que nós todos.

– Isso não me surpreenderia – murmurou Três Árvores. – Nós temos uma linha de trabalho perigosa.

Esgueiraram-se de volta pelos arbustos, retornando ao acampamento. Barca Negra estava lá, com humor ainda pior do que de costume. Tul Duru também os esperava, consertando um buraco no casaco com uma agulha, o rosto todo franzido enquanto os dedos grandes e grossos seguravam desajeitados a pequena lasca de metal. Forley se sentara perto dele e olhava o céu através das folhas.

– Como está se sentindo, Forley? – perguntou Cachorrão.

– Mal, mas é preciso ter medo para ter coragem.

Cachorrão riu para ele.

– Foi o que ouvi dizer. Acho que então nós dois somos heróis, não é?

– Devemos ser – respondeu ele, rindo para o outro.

Três Árvores foi mais objetivo.

– Tem certeza, Forley? Tem certeza de que quer entrar lá? Assim que você entrar, pode não ter como sair, não importa quanto seja bom de conversa.

– Tenho certeza. Posso estar me cagando, mas vou. Posso fazer mais bem lá do que aqui. Alguém precisa avisar a ele sobre os shankas. Você sabe, chefe. Quem mais poderia?

O velho assentiu, lento como o sol nascendo. Demorando-se, como sempre.

– É. Certo. Diga a eles que estou esperando aqui, perto da ponte velha. Diga que estou sozinho. Só para o caso de Bethod decidir que você não é bem-vindo, entendeu?

– Entendi. Você está sozinho, Três Árvores. Só nós dois conseguimos voltar das montanhas.

Agora todos estavam reunidos. Forley sorriu para eles.

– Bom, então, pessoal, foi incrível, não foi?

– Cala a boca, Fraco – disse Barca Negra com uma careta. – Bethod não tem

nada contra você. Você vai voltar.

– Mas para o caso de eu não voltar. Foi incrível.

Cachorrão assentiu para ele, sem jeito. Eram os mesmos rostos sujos e cheios de cicatrizes de sempre, porém mais sérios do que nunca. Nenhum deles gostava da ideia de deixar um dos seus colocar-se em perigo, mas Forley estava certo, alguém precisava fazer aquilo, e ele era o mais adequado. Às vezes a fraqueza é um escudo melhor do que a força, pensou Cachorrão. Bethod era um desgraçado maligno, mas era inteligente. Os shankas estavam vindo e ele precisava ser avisado. Talvez se sentisse grato por aquilo.

Caminharam juntos até o limite das árvores, olhando para o caminho que cruzava a ponte velha e serpenteava pelo vale. Dali até os portões de Carleon. Então para a fortaleza de Bethod.

Forley respirou fundo e Cachorrão lhe deu um tapa no ombro.

– Sorte, Forley. Boa sorte.

– Para você também – desejou, apertando a mão de Cachorrão por um minuto. – Para todos vocês, pessoal, hein?

Então se virou e foi andando na direção da ponte, com a cabeça erguida.

– Sorte, Forley! – gritou Barca Negra, surpreendendo a todos.

O Fraco se virou por um minuto, ficou parado em cima da ponte e riu. Em seguida foi embora.

Três Árvores respirou fundo.

– Armas – ordenou. – Só para garantir. Bethod não vai querer saber de bom senso. E esperem o sinal, hein?

Pareceu uma espera muito longa, no alto das árvores, quieto e imóvel, olhando todas aquelas muralhas novas. Cachorrão estava deitado de barriga, vigiando, esperando, imaginando como Forley estaria se saindo. Um tempo longo, tenso. Então os viu. Cavaleiros saindo pelo portão mais próximo, passando sobre uma das pontes novas, cruzando o rio. Traziam uma carroça. Cachorrão não imaginava por quê, mas não gostou nem um pouco. Nenhum sinal de Forley e não sabia se isso era bom ou ruim.

Vinham depressa, esporeando os cavalos e subindo o vale, o caminho íngreme na direção das árvores, do riacho e da velha ponte de pedra. Direto na direção de Cachorrão. Ele podia ouvir os cascos batendo na terra. Agora estavam suficientemente perto para que ele conseguisse contar e olhar bem. Lanças, escudos e armaduras boas. Elmos e cotas de malha. Eram dez, mais dois outros na carroça, dos dois lados do cocheiro, carregando algumas coisas que pareciam pequenos arcos em blocos de madeira. Não sabia o que eram e isso o

incomodava. Era ele que queria surpreendê-los.

Arrastou-se de volta pelos arbustos, chapinhou através do riacho e correu até o limite das árvores, onde podia ter uma boa visão da ponte velha. Três Árvores, Tul e Barca Negra estavam parados junto ao lado mais próximo dela. Cachorrão acenou para eles. Não podia ver Sinistro, que devia ter se enfiado na floresta do outro lado. Fez o sinal indicando cavaleiros, levantou o punho cerrado para dizer que eram dez, levou a mão ao peito para indicar armaduras.

Barca Negra pegou sua espada e seu machado, correu até um grupo de rochas fendidas, no alto, junto à ponte, mantendo-se abaixado e quieto. Tul deslizou pelo barranco até o riacho – que por sorte batia apenas na altura dos joelhos naquele trecho –, grudou o corpo enorme no lado mais distante do arco, mantendo sua espada longa fora da água. Cachorrão ficou nervoso por conseguir ver Tul tão claramente de onde estava. Mesmo assim, os cavaleiros não iriam vê-lo se viessem direto por onde seguiam. Só estariam esperando um homem, e Cachorrão torcia para que eles não chegassem cautelosos demais. Porque se eles se dessem o trabalho de verificar, seria a porra de um desastre.

Viu Três Árvores passar o escudo pelo braço, esticar o pescoço e depois simplesmente ficar parado, esperando, grande e rígido, bloqueando o caminho no lado mais próximo da ponte, como se fosse totalmente sozinho no mundo.

Agora Cachorrão podia ouvir os cascos batendo ruidosamente e o estardalhaço das rodas da carroça do outro lado das árvores. Pegou algumas flechas e as cravou no chão, de forma que pudesse pegá-las rapidamente. Esforçava-se ao máximo para dominar o medo. O tempo todo seus dedos tremiam, mas isso não importava. Eles funcionariam bem quando fosse necessário.

– Espere o sinal – sussurrou para si mesmo. – Espere o sinal.

Ajustou uma flecha no arco e retesou um pouco a corda, mirando na direção da ponte. Desgraça, ele precisava tremendamente mijar.

A primeira ponta de lança apareceu sobre a crista do morro, depois outras. Elmos balançando, peitos com cotas de malha, focinhos de cavalos. Pouco a pouco os cavaleiros subiam na direção da ponte. A carroça vinha atrás, com o cocheiro e seus dois passageiros esquisitos, puxada por um cavalo grande e de crina comprida.

O cavaleiro da frente viu Três Árvores esperando-o no alto da ponte e esporeou sua montaria, avançando mais depressa. Cachorrão respirou com um pouco mais de facilidade enquanto os outros trotavam atrás do líder num grupo coeso, ansioso. Forley deveria ter dito o que foi combinado: eles de fato só estavam esperando um. Cachorrão podia ver Tul espiando por baixo do arco cheio de musgo enquanto os cavalos passavam por cima. Pelos mortos, suas mãos estavam tremendo! Ele estava com medo de deixar a flecha voar e arruinar

tudo.

A carroça parou na margem oposta, os dois homens nela se levantaram e apontaram seus estranhos arcos para Três Árvores. Cachorrão conseguiu uma boa mira de um deles e puxou a corda até o final. Agora que a maioria dos cavaleiros estava na ponte, os animais se remexiam inquietos, infelizes por ficarem tão apertados uns contra os outros. O cavaleiro da frente puxou as rédeas diante de Três Árvores e apontou a lança para ele. Mas o velho não recuou nem um passo. Não recuaria. Apenas franziu a testa, sem dar aos cavaleiros nenhum espaço para passar, mantendo-os entalados na ponte.

– Ora, ora – Cachorrão ouviu o líder deles dizer. – Rudd Três Árvores. Achamos que estivesse morto há muito tempo, velho.

Cachorrão conhecia aquela voz. Era um dos Carls de Bethod, dos antigos. Era chamado de Bem Mau.

– Acho que ainda me restam uma ou duas lutas – respondeu Três Árvores, sem ceder terreno.

Bem Mau olhou ao redor, franzindo a vista para as árvores, sabendo que estava numa posição ruim, mas não sendo tão cauteloso quanto seria adequado.

– Onde está o restante de vocês? Cadê aquele escroto do Barca Negra, hein?

Três Árvores deu de ombros.

– Sou só eu.

– Voltaram à lama, hein?

Cachorrão podia ver Bem Mau rindo por baixo do elmo.

– Uma pena. Eu esperava que fosse eu a matar aquele sacana sujo.

Cachorrão estremeceu, esperando que Barca Negra saísse voando das rochas naquele momento, mas não houve sinal dele. Ainda não. Pela primeira vez, ele estava esperando o sinal.

– Onde está Bethod? – perguntou Três Árvores.

– O rei não sai para ver gente da sua laia! De qualquer modo, ele está em Angland, dando uma surra na União. O príncipe Calder está cuidando das coisas na ausência dele.

Três Árvores bufou.

– Agora é príncipe, é? Eu me lembro dele mamando nas tetas da mãe. Nem isso ele conseguia fazer direito.

– Muita coisa mudou, velho. Todo tipo de coisa.

Pelos mortos, Cachorrão queria muito que eles acabassem logo com aquilo, de um jeito ou de outro. Mal conseguia conter o próprio mijo.

– Espere o sinal – murmurava para si mesmo, só para tentar manter as mãos firmes.

– Os cabeças-achatadas estão em toda parte – dizia Três Árvores. – Virão para

o Sul no próximo verão, talvez antes. Alguma coisa precisa ser feita.

– Bom, por que não vem com a gente, então? Você mesmo pode avisar ao Calder. Nós trouxemos uma carroça para você. Um sujeito da sua idade não deveria ter de andar.

Uns dois cavaleiros riram disso, mas Três Árvores não se juntou a eles.

– Onde está o Forley? – resmungou ele. – Onde está o Fraco?

Houve mais risinhos por parte dos cavaleiros.

– Ah, está perto – disse Bem Mau. – Bem perto. Por que não entra na carroça e a gente leva você até ele? Então todos poderemos nos sentar e falar sobre os cabeças-achatadas em paz.

Cachorrão não gostou daquilo. Nem um pouco. Teve uma sensação ruim.

– Você deve achar que eu sou algum tipo de idiota – respondeu Três Árvores. – Não vou a lugar nenhum enquanto não vir o Forley.

Bem Mau franziu a testa.

– Você não está em condições de impor coisa nenhuma. Você já pode ter sido importante, mas agora é menos do que nada, isso é fato. Entregue sua espada e entre na porra da carroça como mandei, antes que eu perca as estribeiras.

Ele tentou instigar o cavalo adiante outra vez, mas Três Árvores não cedeu.

– Onde está o Forley? – rosnou ele. – E exijo uma resposta direta, caso contrário vou querer suas tripas.

Bem Mau riu para os colegas, por cima do ombro, e eles riram também.

– Certo, velho, já que está perguntando. Calder queria que a gente esperasse, mas eu precisava ver a sua cara. O Fraco está na carroça. Pelo menos a maior parte.

Ele sorriu e deixou algo cair da sela. Um saco de lona. Cachorrão já podia imaginar o que havia dentro. A coisa bateu no chão perto dos pés de Três Árvores e rolou para fora, então Cachorrão pôde ver no rosto do velho que estivera certo. A cabeça de Forley.

Bom, era isso, claro. Foda-se o sinal. A primeira flecha de Cachorrão acertou bem no peito de um dos homens que estavam na carroça, e ele gritou e tombou para trás, arrastando o cocheiro. Foi um bom disparo, mas não havia tempo para pensar nisso, ele estava ocupado demais pegando outra flecha e gritando. Nem pensou no que estava gritando, só que gritava. Sinistro devia estar atirando também, porque um dos Carls na ponte deu um berro, tombou do cavalo e caiu no riacho.

Três Árvores estava agachado, protegendo-se atrás do escudo e recuando enquanto Bem Mau o atacava com a lança, instigando o cavalo adiante na ponte e entrando na estrada do outro lado. O cavaleiro atrás começou a passar ao lado dele, aproximando-se das rochas, ansioso para sair da ponte.

– Desgraçados da porra! – berrou Barca Negra e voou das pedras acima dele, chocando-se com o cavaleiro.

Os dois caíram juntos numa confusão de membros e armas, mas Cachorrão podia ver que Barca Negra estava por cima. O machado dele subiu e desceu duas vezes, depressa. Menos um com quem se preocupar.

A segunda flecha de Cachorrão passou muito longe do alvo, tão ocupado ele estava em gritar, mas acertou a anca de um cavalo, e isso foi melhor do que qualquer coisa. O animal começou a empinar e sacudir-se, e logo todos os cavalos estavam agitados e relinchando enquanto os cavaleiros xingavam e se sacudiam, com as lanças indo para lá e para cá, barulho e confusão por toda parte.

De repente o cavaleiro que estava atrás foi partido ao meio, com sangue espirrando para todo lado. Cabeça de Trovão tinha saído do riacho para atacá-lo por trás. Não havia armadura que pudesse conter um golpe daqueles. O gigante rugiu e girou aquela imensidão de metal sangrento acima da cabeça outra vez. O próximo da fila ergueu o escudo a tempo, mas nem precisaria ter se incomodado. A lâmina tirou um grande naco do escudo, abriu a cabeça do sujeito e o arrancou da sela. O golpe foi forte a ponto de derrubar o cavalo também.

Agora um dos homens de Bethod tinha virado a montaria e erguia a lança para golpear Tul pela lateral. Mas, antes que conseguisse, grunhiu e se sacudiu, arqueando as costas. Cachorrão pôde ver as penas atravessadas no tórax do sujeito. Ele tombou. Sinistro devia tê-lo acertado. Ele ficou pendurado, balançando com o pé preso no estribo. Gemia e tentava se ajeitar, porém agora o cavalo corcoveava, fazendo-o dançar com o lado errado para cima, batendo a cabeça na ponte. Ele largou a lança no rio, tentou se içar, então o cavalo deu um meio coice em seu ombro e o homem se soltou. Ele caiu sob os cascos agitados e Cachorrão não olhou mais.

O segundo arqueiro ainda estava sentado na carroça. Agora começava a superar o susto e apontava seu arco esquisito para Três Árvores, ainda agachado atrás do escudo. Cachorrão atirou contra ele, mas estava com pressa e gritando, e sua flecha o errou, indo parar no ombro do cocheiro, que havia se levantado na carroça, e jogando-o para trás.

O arco estranho estalou e Três Árvores recuou bruscamente, afastando-se do escudo. Cachorrão ficou preocupado por um minuto, depois viu que a flecha havia rachado a madeira pesada e atravessado-a, mas parara a centímetros de acertar o rosto de Três Árvores. Ficou alojada no escudo, com as penas de um lado e a ponta do outro. É um arcozinho maligno, pensou Cachorrão.

Ouviu Tul rugir e viu mais um cavaleiro voar para o riacho. Outro caiu com uma flecha de Sinistro nas costas. Barca Negra se virou e cortou com a espada as

patas traseiras do cavalo de Bem Mau. O animal escorregou, jogando seu cavaleiro no chão. Os últimos dois estavam encurralados, tendo Barca Negra e Três Árvores numa extremidade da ponte e Tul na outra, presos entre cavalos apavorados e à mercê de Sinistro no meio do mato. Parecia que ele não estava disposto a ser misericordioso, e não demorou muito para acertá-los.

O do arco deixou a arma de lado e pulou da carroça, tentando fugir. Dessa vez Cachorrão se concentrou em sua mira e a flecha acertou o arqueiro entre os ombros, derrubando-o de cara no chão antes que ele pudesse dar mais do que alguns passos. O homem tentou engatinhar, mas não chegaria longe. O cocheiro mostrou o rosto de novo, gemendo e agarrando a flecha cravada no ombro. Geralmente Cachorrão não matava homens caídos, mas achou que era o momento de abrir uma exceção. Sua flecha o acertou na boca e acabou com ele.

Cachorrão pôde ver um dos cavaleiros tentar fugir mancando, com uma flecha de Sinistro na perna. Apontou sua última flecha para ele. Mas Três Árvores chegou primeiro e o acertou pelas costas com a espada. Ainda havia outro movendo-se, fazendo força para se ajoelhar. Cachorrão mirou nele. Antes que pudesse disparar, Barca Negra decepou sua cabeça. Os cavalos continuavam corcoveando, relinchando, escorregando nas pedras lisas da ponte.

Agora Cachorrão podia ver Bem Mau, o último sobrevivente. Devia ter perdido o elmo quando caiu do cavalo. Tentava fugir pelo riacho, de quatro, lento por causa de todo aquele peso da cota de malha. Tinha largado o escudo e a lança, para ficar mais rápido, mas não havia percebido que ia direto na direção de Cachorrão.

– Pegue-o vivo! – gritou Três Árvores.

Tul desceu por uma das margens, no entanto estava lento, escorregando na lama levantada pela carroça.

– Pegue-o vivo!

Barca Negra também ia atrás dele, espadanando e xingando na água. Agora Bem Mau estava perto. Cachorrão podia vê-lo ofegar lutando contra o riacho.

– Aah! – uivou ele quando a flecha de Cachorrão acertou sua perna, logo abaixo da borda da cota de malha.

Ele tombou de lado na margem, com sangue escorrendo na água lamacenta. Começou a se arrastar para o capim molhado junto ao riacho.

– É isso, Cachorrão – gritou Três Árvores. – Vivo!

Cachorrão saiu do meio das árvores e desceu pela margem. Atravessou a água, puxou a faca. Tul e Barca Negra ainda estavam longe, correndo na sua direção. Bem Mau rolou na lama, o rosto contorcido de dor. Ele levantou as mãos.

– Certo, certo, eu vou gurrr...

– Você vai o quê? – perguntou Cachorrão, olhando-o.

– Gurrr... – repetiu ele, parecendo surpreso, a mão apertando o pescoço.

Havia sangue escorrendo entre os dedos, pela frente da cota de malha molhada.

Barca Negra chegou espadanando e ficou parado, olhando.

– Bom, isso é o fim – disse.

– Por que você fez isso? – gritou Três Árvores, que chegava correndo.

– Hein? – perguntou Cachorrão e então olhou sua faca, toda ensanguentada. – Ah.

Só então percebeu que ele é que havia cortado a garganta de Bem Mau.

– Nós poderíamos ter feito perguntas a ele! – disse Três Árvores. – Ele poderia ter levado uma mensagem de volta a Calder, ter dito quem fez isso e por quê!

– Acorda, chefe – murmurou Tul Duru, já enxugando a espada. – Ninguém liga mais a mínima para o modo antigo. Além disso, eles logo virão atrás de nós. Não faz sentido deixar que eles saibam mais do que o necessário.

Barca Negra deu um tapa no ombro de Cachorrão.

– Você estava certo em fazer isso. A cabeça desse desgraçado vai bastar como mensagem.

Cachorrão não tinha certeza se a aprovação de Barca Negra era algo que ele desejava, mas agora era tarde. Barca Negra precisou dar outros golpes para arrancar a cabeça de Bem Mau. Carregou-a, segurando-a pelos cabelos, despreocupado como se estivesse levando um saco de nabos. No caminho, pegou uma lança no riacho, depois encontrou um local de que gostou.

– As coisas não são mais como antigamente – murmurava Três Árvores ao seguir pela margem na direção da ponte, onde Sinistro já revistava os corpos.

Cachorrão seguia atrás dele. Viu Barca Negra espetar a cabeça de Bem Mau na lança, cravar o cabo no chão e dar um passo atrás, com as mãos no quadril, admirando seu trabalho. Moveu-a um pouco para a direita, depois de volta para a esquerda, até deixá-la bem reta. Sorriu para Cachorrão.

– Perfeito – disse.

– E agora, chefe? – perguntou Tul. – E agora?

Três Árvores estava encurvado na beira do rio, lavando as mãos ensanguentadas.

– O que vamos fazer? – quis saber Barca Negra.

O velho se levantou lentamente e enxugou as mãos no casaco, ganhando tempo para pensar.

– Vamos para o Sul. No caminho enterraremos Forley. Vamos levar esses cavalos, já que agora os homens de Bethod virão atrás de nós, e vamos para o Sul. Tul, é melhor desatrelar o cavalo daquela carroça. É o único que consegue

carregar você.

– Para o Sul? – perguntou o Cabeça de Trovão, confuso. – Para o Sul, onde?

– Angland.

– Angland? – perguntou Cachorrão, e dava para ver que todos estavam pensando o mesmo. – Para quê? Não está havendo uma guerra por lá?

– Claro que está. É por isso que pensei em ir.

Barca Negra franziu a testa.

– Por quê? O que nós temos contra a União?

– Não, seu idiota – disse Três Árvores. – Estou pensando em lutar do lado deles.

– Da União? – questionou Tul. – Com aquelas porcarias de mulheres? Aquela guerra não é nossa, chefe!

– Agora qualquer guerra contra Bethod é minha. Pretendo ver o fim dele.

Pensando bem, Cachorrão nunca tinha visto Três Árvores mudar de ideia. Nem uma vez que fosse.

– Quem está comigo? – perguntou o líder.

Todos estavam, claro.

Chovia. Uma chuva fina que deixava o mundo inteiro úmido. Suave como beijo de donzela, como diziam, mas Cachorrão nem conseguia se lembrar de como era isso. Chuva. De algum modo, parecia a coisa certa para a ocasião. Barca Negra havia acabado de empilhar a terra, e ele farejou o ar e cravou a pá ao lado da sepultura. Estava longe da estrada. Bem longe. Não queriam que alguém a encontrasse e desenterrasse Forley. Todos se juntaram ao redor, apenas cinco agora, olhando para baixo. Fazia muito tempo que não enterravam um deles. Os shankas tinham pegado Logen, claro, não fazia muito tempo, mas eles não encontraram o corpo. Havia um a menos no bando, mas para Cachorrão era como se faltasse muito mais.

Três Árvores franziu a testa, ganhando tempo, pensando no que dizer. Afinal, ele era o chefe e tinha de encontrar as palavras, porque Cachorrão não achava que ele mesmo conseguiria encontrar nenhuma. Depois de um minuto Três Árvores começou a falar, lento como a luz que se esvai no crepúsculo.

– Este aqui era um homem fraco. O Fraco, de fato. Esse era o nome dele. E não é uma piada chamar o sujeito de Fraco? O pior guerreiro que puderam encontrar, enviado para se render a Nove Dedos. Fraco na luta, sem dúvida, mas forte de coração, digo eu.

– Sim – concordou Sinistro.

– Forte de coração – disse Tul Duru.

– O mais forte – murmurou Cachorrão, sentindo um nó na garganta.

Três Árvores assentiu.

– É preciso coragem para enfrentar a morte tão bem como ele fez. Ir a ela, sem reclamar. Provocá-la. E não por ele próprio, mas pelos outros, por gente que ele nem conhecia.

Três Árvores trincou os dentes e ficou um tempo olhando para o chão. Todos fizeram o mesmo.

– É só isso que tenho a dizer. Volte para a lama, Forley. E com isso nós ficamos mais pobres e o chão, mais rico.

Barca Negra se ajoelhou e pôs a mão no solo recém-revirado.

– De volta à lama – disse.

Por um instante Cachorrão pensou ter visto uma lágrima pingando do nariz dele, mas devia ser só a chuva. Afinal, aquele era Barca Negra. Ele se levantou e se afastou de cabeça baixa e os outros foram atrás, um a um, na direção dos cavalos.

– Adeus, Forley – disse Cachorrão. – Chega de medo.

Imaginou que agora o covarde do bando devia ser ele.

Sofrimento

JEZAL FRANZIU A TESTA. Ardee estava atrasada. Ela jamais se atrasava. Estava sempre lá quando ele chegava, qualquer que fosse o local combinado. Ele não gostava nem um pouco de ter de esperá-la. Sempre precisava esperar os bilhetes, e só isso já era péssimo. Parado ali feito um idiota, sentia-se mais escravo ainda.

Franziu a testa para o céu cinzento. Havia um pouco de chuva caindo, para combinar com seu humor. Sentia uma gota de vez em quando, uma pinicada no rosto. Podia ver as gotas criando círculos na superfície acinzentada do lago, riscando o verde das árvores, o cinza dos prédios. A silhueta escura da Casa do Artífice estava desfocada por causa delas. Franziu a testa para aquele prédio com um desprazer particular.

Não sabia o que pensar daquilo, agora. A coisa toda fora como um pesadelo febril e, como um pesadelo, ele decidira simplesmente ignorá-lo e fingir que nunca tinha acontecido. E poderia ter sucesso, só que aquela porcaria estava sempre ao alcance da vista quando ele saía pela porta, para fazê-lo se lembrar de que o mundo fervilhava de mistérios que ele não compreendia.

– Maldição – resmungou. – E maldito seja aquele lunático do Bayaz, também.

Franziu a testa olhando os gramados molhados. A chuva mantinha as pessoas longe do parque, que ficara mais vazio do que ele já vira em muito tempo. Dois homens de aparência triste estavam sentados distraídos em bancos, acalentando suas tragédias pessoais, e havia pessoas passando nos caminhos, correndo de algum lugar para qualquer outro. Uma vinha na direção dele agora, enrolada

numa capa comprida.

O franzido na testa de Jezal desapareceu. Era ela, dava para ver. Estava com o capuz puxado sobre o rosto. Fazia frio, mas aquilo parecia um pouco dramático demais. Nunca achara que ela seria do tipo que se incomodasse com algumas gotas de chuva. Mesmo assim, ele estava feliz em vê-la. Ridiculamente feliz. Sorriu e se apressou, avançando. Então, quando estavam separados por alguns passos, ela puxou o capuz para trás.

Jezal ofegou, horrorizado. Havia uma grande mancha roxa na bochecha, em volta do olho, no canto da boca! Ficou congelado por um momento, desejando estupidamente que estivesse ferido, em vez de ser ela. A dor seria menor. Percebeu que havia levado uma das mãos à boca, os olhos se arregalando como uma menininha nervosa ao ver uma aranha na banheira, mas não conseguira evitar.

Ardee apenas fez uma careta.

– O que foi? Nunca viu um hematoma?

– Bom, vi, mas... você está bem?

– Claro que estou.

Ardee passou por ele e seguiu pelo caminho. Jezal precisou correr para alcançá-la.

– Não é nada. Eu caí, só isso. Sou uma idiota desajeitada. Sempre fui. A vida toda – disse isso com alguma amargura, pelo menos foi o que pareceu.

– Posso fazer alguma coisa?

– O que você poderia fazer? Dar um beijo para passar?

Se os dois estivessem sozinhos, ele não se incomodaria em tentar, mas a expressão séria dela mostrou o que pensava da ideia. Era estranho: os hematomas deveriam tê-lo repelido, mas não foi o que aconteceu. Nem um pouco. Pelo contrário, Jezal sentiu uma vontade quase avassaladora de abraçá-la, acariciar seu cabelo, murmurar palavras que a tranquilizassem. Patético. Provavelmente ela lhe daria um tapa se ele tentasse. Provavelmente ele mereceria. Ela não precisava de sua ajuda. Além disso, ele não podia tocá-la. Havia pessoas por perto, malditas, olhos em toda parte. Nunca dava para saber quem poderia estar espiando. Esse pensamento o deixou mais do que levemente nervoso.

– Ardee... nós não estamos nos arriscando? Quero dizer, e se o seu irmão...

Ela bufou.

– Esqueça-o. Ele não vai fazer nada. Eu disse para ele manter o nariz longe das minhas coisas.

Jezal teve de sorrir. Imaginou que devia ter sido uma cena engraçada.

– Além disso, ouvi dizer que todos vocês vão partir para Angland na próxima

maré, e eu não podia deixar que você fosse embora sem dizer adeus, não é?

– Eu não faria isso! – respondeu ele, de novo horrorizado. Doía simplesmente ouvi-la dizer a palavra adeus. – Quero dizer, bem, eu deixaria que eles partissem sem mim, para não fazer isso!

– Hã.

Caminharam em silêncio por um tempo, junto ao lago, ambos mantendo os olhos no cascalho. Até agora não era a despedida agridoce que ele visualizara. Só acre. Passaram pelos troncos de alguns salgueiros cujos galhos roçavam a água. Era um local discreto, longe de olhares curiosos. Jezal achou que dificilmente encontraria outro mais adequado para o que precisava dizer. Olhou de esguelha para ela e respirou fundo.

– Ardee, é... Não sei quanto tempo vamos ficar longe. Quero dizer, acho que poderão ser meses...

Ele mordeu o lábio superior. A coisa não estava saindo nem um pouco como ele esperava. Tinha ensaiado a fala pelo menos vinte vezes no espelho, até conseguir a expressão correta: séria, confiante, ligeiramente lisonjeira. Mas agora as palavras saíam numa explosão idiota.

– Espero que, quero dizer, talvez, espero que você espere por mim, tudo bem?

– Acho que ainda estarei aqui. Não tenho mais nada para fazer. Mas não se preocupe, você vai ter muito em que pensar em Angland: guerra, honra, glória e coisa e tal. Logo vai se esquecer de mim.

– Não! – gritou ele, segurando seu braço. – Não vou!

Puxou a mão de volta rapidamente, preocupado com a possibilidade de alguém ver. Pelo menos agora Ardee estava olhando para ele, um tanto surpresa, talvez, diante de sua negativa tão feroz; mas nem de longe tão surpresa quanto ele.

Jezal piscou. Era uma garota bonita, sem dúvida, mas morena demais, bronzeada demais, inteligente demais, vestida com simplicidade, sem nenhuma joia e com um hematoma grande e feio no rosto. Não teria provocado muitos comentários no rancho dos oficiais. Por que ela lhe parecia a mulher mais linda do mundo? A princesa Terez era um cão sem banho ao lado dela. As palavras inteligentes sumiram de sua cabeça e ele falou sem pensar, olhando-a direto nos olhos. Talvez a honestidade fosse assim.

– Olhe, Ardee, sei que você me acha um idiota e, bem, devo dizer que sou, mas não planejo ser para sempre. Nem sei por que você ao menos olha para mim, e não sei muito sobre esse tipo de coisa, mas, bem... eu penso em você o tempo todo. Praticamente não penso em mais nada.

Ele fez outra pausa para respirar fundo.

– Acho... – tentou falar, porém antes olhou em volta outra vez, só para se

certificar de que ninguém estivesse olhando. – Acho que amo você!

Ardee soltou uma gargalhada.

– Você é mesmo idiota – disse ela.

Desespero. Ele estava totalmente dilacerado. Não conseguia respirar, de tanto desapontamento. Seu rosto se contorceu, a cabeça baixou e ele olhou para o chão. Havia lágrimas em seus olhos. Lágrimas de verdade. Lamentável.

– Mas vou esperar.

Júbilo. O júbilo inchou em seu peito e explodiu num riso de menininha. Sentia-se impotente. Era ridículo o poder que ela exercia sobre ele. A diferença entre sofrimento e felicidade era a palavra certa dita por ela. Ardee riu de novo.

– Olhe para você, seu bobo.

Ela estendeu a mão e tocou seu rosto, enxugou uma lágrima na bochecha com o polegar.

– Vou esperar – disse, e sorriu para ele, aquele sorriso torto.

As pessoas desapareceram, o parque, a cidade, o mundo. Jezal olhou para Ardee, não saberia dizer por quanto tempo, tentando gravar na mente cada detalhe do rosto dela. Por algum motivo, tinha a sensação de que a lembrança daquele sorriso poderia fazer com que suportasse muita coisa.

As docas arfavam de tanto movimento, excessivo até mesmo para as docas. Os cais borbulhavam de pessoas, o ar se agitava e vibrava com o ruído de tanta gente. Soldados e suprimentos jorravam sem parar subindo pelas pranchas escorregadias até os navios. Caixotes eram carregados, barris eram rolados, centenas de cavalos eram arrastados, empurrados e chutados para bordo, olhos arregalados, bocas espumando. Homens grunhiam e gemiam, puxavam cordas molhadas, faziam força com traves molhadas, suando e gritando na chuva fraca, escorregando nos conveses, correndo para cá e para lá numa confusão épica.

Em toda parte, pessoas se abraçavam, acenavam umas para as outras. Esposas se despedindo de maridos, mães de filhos, filhos de pais, todos igualmente molhados. Alguns faziam cara de coragem, alguns choravam e fungavam. Outros não davam a mínima: eram apenas espectadores, tinham vindo para testemunhar aquela loucura.

Encostado no corrimão gasto do navio que iria levá-lo a Angland, tudo aquilo não significava nada para Jezal. Estava afundado numa tristeza terrível, o nariz escorrendo, o cabelo grudado na cabeça pela água. Ardee não estava ali, no entanto se encontrava em toda parte. Jezal escutava sua voz acima do estardalhaço, chamando o nome dele. Vislumbrava-a com o canto do olho, procurando-o, e sua respiração travava na garganta. Sorria, quase levantava a

mão para acenar, depois via que não era ela. Era alguma outra mulher de cabelo escuro, sorrindo para outro soldado. Seus ombros caíam de novo. A cada vez o desapontamento era maior.

Agora percebia que havia cometido um erro terrível. Por que, diabos, tinha pedido que ela o esperasse? Esperasse o quê? Não podia se casar com ela, era fato. Impossível. No entanto o pensamento de que ela ao menos olhasse para outro homem o deixava louco. Estava arrasado.

Era amor. Odiava admitir, mas tinha de ser. Sempre havia desprezado essa ideia. Era uma palavra idiota. Uma palavra para poetas ruins usarem junto com a harpa e para servir de assunto para mulheres idiotas. Uma coisa de histórias infantis e sem relevância no mundo real, onde os relacionamentos entre homens e mulheres eram simples questões de sexo e dinheiro. Contudo ali estava ele, atolado num horrível pântano de medo e culpa, desejo e confusão, perda e dor. Amor. Que maldição.

– Eu gostaria de ver Ardee – murmurou Kaspa, desejoso.

Jezal se virou para encará-lo.

– O quê? O que você disse?

– É uma tremenda visão – respondeu o tenente, levantando as mãos. – Só isso.

Desde aquele jogo de cartas, todos vinham sendo cautelosos perto de Jezal, como se ele pudesse explodir a qualquer momento.

Jezal se virou de novo para a multidão, carrancudo. Havia alguma agitação lá embaixo. Um cavaleiro estava tentando abrir caminho em meio ao caos, esporeando um animal suado com gritos de “Saiam!”. Mesmo na chuva, as asas no seu elmo brilhavam. Era um cavaleiro arauto.

– Má notícia para alguém – murmurou Kaspa.

Jezal assentiu.

– Parece que para nós.

De fato o sujeito ia diretamente para o navio deles, deixando uma trilha de soldados e trabalhadores perplexos e raivosos. Ele saltou da sela e caminhou cheio de objetividade pela prancha, na direção deles, o rosto sério, a armadura muito polida coberta com umidade e tilintando a cada passo.

– Capitão Luthar? – perguntou ele.

– Sim – respondeu Jezal. – Vou chamar o coronel.

– Não precisa. A mensagem é para o senhor.

– É?

– O juiz supremo Marovia exige sua presença na sala dele. Imediatamente. Seria melhor se usasse minha montaria.

Jezal franziu a testa. Não gostava nem um pouco daquilo. Não conseguia ver motivo para um cavaleiro arauto lhe trazer mensagens, a não ser o fato de ter

estado dentro da Casa do Artífice. Não queria ter mais nada a ver com aquilo. Queria que tudo ficasse no passado, esquecido, junto com Bayaz, seu nórdico e aquele aleijado abominável.

– O juiz supremo está esperando, capitão.

– Sim, claro.

Parecia que não havia nada a fazer.

– Ah, capitão Luthar! Que honra vê-lo de novo!

Jezal não ficou surpreso em trombar com o louco Sulfur, mesmo ali, do lado de fora da sala do juiz supremo. Ele já nem parecia louco, era apenas mais uma parte de um mundo que enlouquecera por completo.

– Uma honra absoluta! – disse o sujeito, empolgado.

– Igualmente – respondeu Jezal.

– É uma sorte enorme encontrá-lo, já que nós dois partiremos tão em breve! Meu mestre tem todo tipo de tarefas para mim – contou, com um suspiro profundo. – Nunca temos a menor paz, não é?

– É, sei o que você quer dizer.

– Mesmo assim, é de fato uma honra vê-lo, e vitorioso no Campeonato! Eu assisti à coisa toda, sabe? Foi um privilégio testemunhar.

Ele deu um sorriso largo, com os olhos de cores diferentes reluzindo.

– E pensar que o senhor estava decidido a desistir! Rá! Mas ficou firme, como eu disse que faria! Ficou sim, e agora colhe a recompensa! A borda do Mundo – sussurrou baixinho, como se dizer as palavras em voz alta fosse um convite ao desastre. – A borda do Mundo. Dá para imaginar? Eu o invejo, invejo mesmo!

Jezal piscou.

– O quê?

– O quê! Rá! “O quê?”, ele diz! O senhor é intrépido! Intrépido!

E Sulfur partiu pela molhada praça dos Marechais, rindo sozinho. Jezal ficou tão perplexo que nem teve a presença de espírito de chamá-lo de idiota quando já não poderia ser ouvido.

Um dos muitos funcionários de Marovia o levou por um corredor vazio e cheio de ecos na direção de uma enorme porta dupla. Parou diante dela e bateu. Depois de ouvir um grito em resposta, virou a maçaneta e empurrou a porta, ficando educadamente de lado para Jezal passar.

– Pode entrar – disse ele baixinho, depois de estarem parados ali durante um tempo.

– Sim, sim, claro.

O enorme aposento do outro lado estava num silêncio fantasmagórico. A

mobília era estranhamente esparsa naquele gigantesco espaço forrado de lambris e os poucos móveis que havia pareciam grandes demais, como se fossem destinados a pessoas muito maiores do que Jezal. Isso lhe dava a sensação nítida de estar chegando ao seu próprio julgamento.

O juiz supremo Marovia estava sentado atrás de uma mesa enorme, cuja superfície fora lustrada até brilhar como um espelho, e sorria para Jezal com uma expressão gentil, ainda que com um toque de pena. O marechal Varuz estava sentado à esquerda dele, olhando para baixo, cheio de culpa, para seu próprio reflexo turvo. Jezal não achava que poderia estar mais deprimido, mas ao ver o terceiro membro do grupo percebeu seu erro. Era Bayaz, com um risinho satisfeito. Sentiu um leve pânico quando a porta se fechou: o estalo da fechadura pareceu o estrondo da tranca pesada numa cela de prisão.

Bayaz se levantou da cadeira e rodeou a mesa.

– Capitão Luthar, estou tão feliz por ter conseguido se juntar a nós! – falou, pegando a mão úmida de Jezal entre as suas e apertando firme, para depois guiá-lo pela sala. – Obrigado por ter vindo. Muito obrigado mesmo.

– Ah... claro.

Como se ele tivesse escolha.

– Bom, provavelmente está se perguntando de que se trata. Permita-me explicar.

Ele deu um passo atrás e se empoleirou na beira da mesa, como se fosse um tio gentil dirigindo-se a uma criança.

– Eu e alguns bravos companheiros, pessoas escolhidas, você entende, pessoas de qualidade, vamos partir numa jornada grandiosa! Uma viagem épica! Uma grande aventura! Não duvido de que, caso sejamos bem-sucedidos, serão contadas histórias sobre isso durante anos e anos. Muitos anos.

A testa de Bayaz se enrugou quando ele ergueu as sobrancelhas brancas.

– E então? O que acha? – perguntou.

– Ah... – balbuciou Jezal e olhou nervoso para Marovia e Varuz, mas eles não deram pistas do que estava acontecendo. – Se é que posso...

– Claro, Jezal. Posso chamá-lo de Jezal, não é?

– Ah, é, sim, creio que sim. Ah, a questão é que... eu estava me perguntando o que tudo isso tem a ver comigo.

Bayaz sorriu.

– Nós estamos com um homem a menos.

Houve um silêncio longo e pesado. Uma gota d’água escorreu pelo couro cabeludo de Jezal, pingou do cabelo, desceu pelo nariz e bateu nos ladrilhos diante de seus pés. O horror se esgueirou lentamente por seu corpo, das entranhas até as pontas dos dedos.

– Eu? – grasnou ele.

– O caminho será longo e difícil, provavelmente carregado de perigos. Você e eu temos inimigos lá. Mais inimigos do que você imaginaria. Quem poderia ser mais útil do que um espadachim experiente como você? O vencedor do Campeonato, nada menos do que isso!

Jezal engoliu em seco.

– Agradeço a oferta, de verdade, mas infelizmente devo recusar. Meu lugar é no exército, entende?

Ele deu um passo hesitante na direção da porta.

– Devo ir para o Norte. Meu navio partirá em breve e...

– Infelizmente ele já partiu, capitão – disse Marovia, com a voz calorosa fazendo Jezal parar bruscamente. – Não precisa mais se preocupar com isso. Você não irá para Angland.

– Mas, Vossa Excelência, minha companhia...

– Encontrará outro comandante – completou o juiz supremo com um sorriso: compreensivo, simpático, mas horrivelmente firme. – Aprecio sua posição, de verdade, porém consideramos que isto é mais urgente. É importante que a União esteja representada nessa questão.

– Terrivelmente importante – murmurou Varuz, meio desanimado.

Jezal piscou olhando na direção dos três velhos. Não havia como escapar. Então esta era a sua recompensa por ter vencido o Campeonato? Alguma viagem maluca para não se sabe onde, na companhia de um velho demente e um bando de selvagens? Como ele desejava nunca ter começado a esgrimir! Nunca ter visto uma espada na vida! Mas desejar era inútil. Não havia como recuar.

– Preciso servir ao meu país... – murmurou.

Bayaz gargalhou.

– Há outros modos de servir ao seu país, garoto, além de ser um cadáver no meio de uma pilha, lá no Norte congelado. Partiremos amanhã.

– Amanhã? Mas minhas coisas estão...

– Não se preocupe, capitão – reconfortou-o o velho, descendo da mesa e lhe dando um tapa entusiasmado no ombro. – Tudo está arranjado. Seus baús foram tirados do navio antes que ele partisse. Você tem esta noite para pegar algumas coisas para nossa jornada, mas devemos viajar com pouca bagagem. Armas, claro, e roupas resistentes, apropriadas para viagens. Certifique-se de ter um bom par de botas, hein? Nada de uniformes, infelizmente, eles podem atrair o tipo errado de atenção no lugar aonde vamos.

– Não, claro – disse Jezal, arrasado. – Posso perguntar... aonde vamos?

– À borda do Mundo, meu garoto, à borda do Mundo! – revelou Bayaz, e seus olhos brilharam. – E voltaremos, claro... Eu espero.

O Nove Sangrento

SE UMA COISA podia ser dita sobre Logen Nove Dedos, era que ele estava feliz. Iam partir, finalmente. Além de algumas vagas conversas sobre o Antigo Império e a borda do Mundo, não fazia ideia de para onde iam e não se importava. Serviria qualquer lugar que não fosse aquele, amaldiçoado, e quanto antes, melhor.

O último membro do grupo não parecia partilhar seu bom humor. Luthar, o rapaz orgulhoso do portão. O que havia ganhado a competição de espadas graças à trapaça de Bayaz. Mal dissera duas palavras desde que chegara. Só ficava ali parado, o rosto rígido e pálido como giz, olhando pela janela, empertigado como se tivesse uma lança enfiada no rabo.

Logen foi até ele. Se você vai viajar com um homem, e talvez lutar junto dele, é melhor conversar, e rir se puder. Desse modo é possível chegar à compreensão e, depois, à confiança. A confiança é o que une um bando, e no ermo isso pode significar a diferença entre viver ou morrer. Chegar a esse tipo de confiança exige tempo e esforço. Logen achou que seria melhor começar logo e hoje estava com bom humor para dar e vender, por isso parou junto de Luthar e olhou para o parque, tentando sonhar com algum terreno comum em que plantar as sementes de uma amizade improvável.

– É lindo, o seu lar.

Ele não achava isso, mas estava com poucas ideias.

Luthar deu as costas para a janela, olhou Logen de cima a baixo, com ar de

superioridade.

– O que você sabe sobre isso?

– Acho que os pensamentos de um homem valem tanto quanto os de outro.

– Hum – zombou o jovem, com frieza. – Então acho que é nisso que somos diferentes.

E se virou de volta para a paisagem.

Logen respirou fundo. A confiança poderia demorar a vir. Trocou Luthar por Quai, mas o aprendiz não parecia mais promissor: estava caído numa cadeira, franzindo a testa para o nada.

Logen sentou ao lado dele.

– Não está ansioso para ir para casa?

– Casa – murmurou o aprendiz, distraído.

– Isso mesmo, o Antigo Império... ou sei lá onde é.

– Você não sabe como é lá.

– Você poderia me contar – arriscou Logen, esperando ouvir alguma coisa sobre vales pacíficos, cidades, rios ou coisa parecida.

– Sangrento. Lá é sangrento, não existe lei e a vida vale tanto quanto poeira.

Sangrento e sem lei. Isso tinha algo ligeiramente familiar.

– Não existe um imperador, ou algo assim?

– Há muitos, sempre guerreando uns contra os outros, forjando alianças que duram uma semana, ou um dia, ou uma hora, antes de tentarem ser o primeiro a esfaquear o outro pelas costas. Quando um imperador cai, outro ascende, e outro, e outro, e enquanto isso, os desamparados e despossuídos roubam, saqueiam e matam. As cidades encolhem, as grandes obras do passado se transformam em ruínas, as plantações não são colhidas e o povo passa fome. Derramamento de sangue e traição, centenas de anos assim. As rixas ficaram tão profundas, tão complicadas, que poucos sabem dizer quem odeia quem, e ninguém sabe o motivo. Não há mais necessidade de motivo.

Logen fez um último esforço.

– Nunca se sabe. As coisas podem ter melhorado.

– Por quê? – murmurou o aprendiz. – Por quê?

Logen estava procurando uma resposta quando uma porta se abriu rapidamente. Bayaz franziu a testa olhando para dentro da sala.

– Onde está Maljinn?

Quai engoliu em seco.

– Saiu.

– Estou vendo que ela saiu! Achei que tinha dito para você mantê-la aqui!

– O senhor não disse como – murmurou o aprendiz.

O mestre o ignorou.

– Que diabos foi feito daquela mulher desgraçada? Temos de partir ao meio-dia! Eu a conheço há três dias e ela já acabou com a minha paciência! – resmungou o mago com os dentes trincados, depois respirou fundo: – Encontre-a, está bem, Logen? Encontre-a e traga-a de volta.

– E se ela não quiser voltar?

– Não sei, pegue-a e a carregue! Por mim, você pode vir chutando-a por todo o caminho até aqui!

Falar era fácil, mas Logen não queria tentar. Mesmo assim, se isso precisava ser feito antes de partirem, era melhor fazer agora. Suspirou, levantou-se da cadeira e seguiu para a porta.

Logen se grudou às sombras junto à parede, observando.

– Merda – sussurrou consigo mesmo.

Tinha de ser agora, justo quando estavam prestes a partir! Ferro se encontrava a vinte passos de distância, empertigada e com uma expressão de desprezo mais profunda do que a usual no rosto moreno. Havia três homens ao redor dela. Homens mascarados, todos vestidos de preto. Seus porretes pendiam ao lado do corpo ou estavam às costas, parcialmente ocultos, mas Logen não tinha dúvida quanto ao que eles pensavam. Podia ouvir um deles falando, sibilando através da máscara, algo sobre vir em silêncio. Estremeceu. Ir em silêncio não parecia o estilo de Ferro.

Imaginou se deveria sair e chamar os outros. Não podia de fato dizer que gostava daquela mulher, nem de longe, para ter a cabeça partida por causa dela. Mas se os deixasse ali, três contra uma, por mais que ela fosse forte, havia grandes chances de que quando ele voltasse a tivessem feito em pedaços e a arrastado sabe-se lá para onde. Aí talvez ele jamais conseguisse sair dessa cidade maldita.

Começou avaliando a distância, pensando no melhor modo de atacá-los, pesando as chances, mas passara muito tempo sem fazer nada e sua mente estava lenta. Ainda pensava nisso quando Ferro saltou de súbito sobre um deles, gritando a plenos pulmões e derrubando-o de costas. Deu-lhe dois socos potentes no rosto antes que os outros a agarrassem e a puxassem.

– Merda – sussurrou Logen.

Os três lutavam, movendo-se bruscamente no beco, batendo nas paredes, grunhindo e xingando, chutando e dando socos, um emaranhado de membros. Parecia que o tempo para uma abordagem inteligente havia se esgotado. Logen trincou os dentes e partiu na direção deles.

O que estava no chão rolou e ficou de pé, dando tempo para retomar o

equilíbrio enquanto os outros dois se esforçavam para conseguir agarrar Ferro. Então ele levantou seu porrete bem alto, arqueando o corpo para trás, pronto para acertá-la na cabeça. Logen soltou um rugido. O rosto mascarado girou, surpreso.

– Hã?

Então o ombro de Logen se chocou contra as costelas dele, fazendo-o voar e se esparramar no chão. Com o canto do olho percebeu alguém brandindo um porrete para ele, mas os pegara desprevenidos e o golpe não veio com muita força. Aparou-o com o braço, depois golpeou por baixo dele e acertou o homem bem na máscara com os dois punhos, um soco de força total com cada mão. O sujeito girou tombando para trás, com os braços frouxos. Logen o agarrou pela capa preta, puxou-o no ar e o jogou de cabeça para baixo contra a parede.

O sujeito deslizou nela com um gorgolejo e desmoronou nas pedras do calçamento. Logen girou com os punhos fechados, preparado para o próximo adversário, mas ele estava caído de bruços com Ferro em cima, um dos joelhos pressionando suas costas, puxando a cabeça dele pelos cabelos e batendo com o rosto na rua, o tempo todo gritando palavrões sem sentido.

– O que você fez, porra? – gritou Logen, agarrando-a pelo cotovelo e puxando-a para longe.

Ela se soltou e ficou parada, ofegando, os punhos cerrados ao lado do corpo, sangue escorrendo do nariz.

– Nada – rosnou.

Logen deu um passo atrás, cauteloso.

– Nada? Então o que foi isso?

Ela mordeu cada palavra antes de cuspi-las para ele em seu sotaque feio:

– Eu... não... sei.

Em seguida, enxugou a boca ensanguentada com uma das mãos e se imobilizou. Logen olhou por cima do ombro. Mais três mascarados vinham correndo na direção deles pelo beco estreito.

– Merda.

– Corra, rosado!

Ferro se virou e começou a correr e Logen foi atrás. O que mais poderia fazer? Correu. A corrida horrível, ofegante, dos caçados, os ombros formigando com a possibilidade de um golpe pelas costas, ele puxando o ar em grandes arquejos, os passos dos homens atrás ecoando ao redor.

Prédios altos e brancos passavam dos dois lados, janelas, portas, estátuas, jardins. Pessoas também, gritando ao saírem do caminho ou se comprimindo contra as paredes. Ele não fazia ideia de onde estavam, nem de para onde iam. Um homem saiu de uma porta bem à sua frente carregando nos braços uma

enorme pilha de papéis. Os dois se chocaram, tombaram no chão, rolando repetidamente na sarjeta, os papéis caindo a toda a volta.

Logen tentou se levantar, mas suas pernas estavam queimando. Não conseguia enxergar! Havia um pedaço de papel em cima do seu rosto. Arrancou-o, sentiu alguém agarrá-lo pelo braço e puxá-lo.

– De pé, rosado! Anda!

Era Ferro. Ela nem estava sem fôlego. Os pulmões de Logen quase explodiam enquanto ele se esforçava para acompanhá-la, mas ela se afastava constantemente, cabeça baixa, os pés voando.

Passou a toda a velocidade por um arco logo adiante e Logen se esforçou indo atrás, as botas escorregando quando virou a esquina. Chegou a um grande espaço sombreado, com estruturas de madeira altas, como uma estranha floresta de traves quadradas. Onde, diabos, estavam? Havia uma luz forte logo adiante, espaço aberto. Seguiu piscando naquela direção. Ferro parou logo à frente, virando-se devagar, arfando. Estavam no meio de um círculo de grama, um círculo pequeno.

Agora sabia onde estavam. A arena onde havia se sentado no meio da multidão, assistindo ao jogo de espadas. Os bancos vazios se estendiam a toda a volta. Havia carpinteiros no meio deles, serrando e martelando. Tinham desmontado alguns bancos perto dos fundos e os suportes se projetavam no ar, sozinhos, como costelas gigantes. Logen pôs as mãos nos joelhos bambos, curvou-se, tentando respirar, e cuspiu no chão.

– E... agora?

– Por aqui.

Logen se empertigou com esforço e cambaleou atrás dela, mas Ferro já retornava.

– Por ali, não.

Logen os viu. Figuras mascaradas vestindo preto, de novo. A da frente era uma mulher, alta, com um tufo de cabelos ruivos brotando da cabeça. Ela andou em silêncio na direção do círculo, pisando primeiro com os calcanhares, balançou o braço atrás do corpo, sinalizando para que os outros dois seguissem pelas laterais, para cercá-lo. Logen olhou em volta, procurando uma arma, porém não havia nada – só os bancos vazios e as altas paredes brancas atrás. Ferro estava a menos de três metros de Logen, recuando e aproximando-se mais dele, e para além dela havia outros dois mascarados, segurando porretes e esgueirando-se ao redor da área antes reservada aos competidores. Eram cinco. Cinco no total.

– Merda – disse ele.

– Por que eles estão demorando? – resmungou Bayaz, andando sem parar.

Jezal nunca vira o velho chateado antes e, por algum motivo, isso o deixou nervoso. Sempre que ele chegava perto, Jezal queria recuar.

– Vou tomar um banho, droga. Podem se passar meses antes do próximo. Meses!

Bayaz saiu da sala pisando firme e bateu a porta do banheiro depois de entrar, deixando Jezal sozinho com o aprendiz.

Os dois provavelmente tinham idades próximas, mas não possuíam nada além disso em comum, pelo que Jezal podia ver, e ficou olhando para o outro com desprezo sem disfarçá-lo. Era um sujeito doentio, com cara de fuinha, insignificante, livresco. Mal-humorado, andando de um lado para o outro com a cara fechada, patético. E grosseiro, também. Tremendamente grosseiro. Jezal fumegou em silêncio. Quem ele achava que era, esse cachorrinho arrogante? Que diabos tinha para estar tão chateado? Não era ele que tivera a vida roubada subitamente.

Mesmo assim, se precisava ficar sozinho com um deles, achava que poderia ter sido pior. Poderia ser o nórdico idiota com sua conversa desajeitada, tosca. Ou aquela bruxa gurkense, que ficava encarando-o com seus olhos amarelo-diabo. Estremeceu ao pensar nisso. Pessoas de qualidade, dissera Bayaz. Ele teria rido se não estivesse à beira das lágrimas.

Jogou-se nas almofadas de uma poltrona com encosto alto, mas encontrou pouco conforto. Seus amigos estavam indo para Angland, e já sentia falta deles. West, Kaspa, Jalenhorm. Até o desgraçado do Brint. Rumo à honra, à fama. A campanha teria terminado muito antes de ele retornar, se retornasse, do buraco para onde o louco ia levá-lo. Quem sabia quando seria a próxima guerra, a próxima chance de glória?

Como desejava ir lutar contra os nórdicos! Como desejava estar com Ardee. Parecia fazer séculos desde que se sentira feliz. Sua vida era horrenda. Horrenda. Recostou-se apático na poltrona, imaginando se as coisas poderiam ser piores.

– Argh! – rosnou Logen quando um porrete acertou seu braço, depois o ombro, e então a lateral do corpo.

Cambaleou para trás, meio de joelhos, defendendo-se do melhor modo que podia. Ouviu Ferro gritando em algum lugar atrás de si, não saberia dizer se de fúria ou dor, estava ocupado demais levando uma surra.

Algo acertou seu crânio com força suficiente para fazê-lo girar na direção dos bancos. Caiu de cara e bateu no banco da frente com o peito, o ar sendo expulso

de seus pulmões. Havia sangue escorrendo pelo couro cabeludo, pelas mãos, pela boca. Seus olhos lacrimejavam por causa de um golpe no nariz, os nós dos dedos estavam ralados e sangrentos, quase tão rasgados quanto suas roupas. Ficou caído por um momento, juntando as poucas forças que lhe restavam. Havia um pedaço de madeira grossa no chão perto do banco. Segurou a ponta. Estava solto. Puxou-o. Foi bom tê-lo na mão. Era pesado.

Puxou o ar, fazendo mais um esforço. Moveu os braços e as pernas um pouco, testando-os. Nada quebrado – a não ser o nariz, provavelmente, mas não era a primeira vez. Ouviu passos vindo de trás. Passos lentos, demorando-se.

Levantou-se devagar, tentando parecer atordoado. Então soltou um rugido e se virou, girando a madeira por cima da cabeça. Ela se partiu ao meio contra o ombro do mascarado, com um estalo violento, metade voando e caindo com barulho. O sujeito soltou um gemido abafado e desmoronou, os olhos fechados com força, uma das mãos segurando o pescoço, a outra soltando o porrete e pendendo, inútil. Logen levantou o pedaço de madeira que restava nas mãos e o acertou no rosto do sujeito. O golpe fez a cabeça dele virar bruscamente para trás e ele caiu no chão, com a máscara meio arrancada e sangue brotando por baixo.

A cabeça de Logen explodiu com luz e ele cambaleou e tombou de joelhos. Alguém o havia acertado na nuca. Com força. Oscilou por um momento, tentando não cair de cara, então as coisas voltaram a entrar em foco subitamente. A mulher ruiva estava parada acima dele, erguendo o porrete bem alto.

Logen se jogou para cima, trombou com ela, tentou agarrar seu braço, meio empurrando-a, meio se apoiando nela, os ouvidos zumbindo, o mundo balançando insanamente. Os dois cambalearam, agarrando o porrete como bêbados que brigassem por causa de uma garrafa, para trás e para a frente no círculo de grama. Ela socava Logen na lateral do corpo com a outra mão. Socos fortes, bem nas costelas.

– Aargh! – rosnou ele, mas agora sua cabeça estava clareando, e a mulher tinha metade de seu peso.

Girou o braço com o porrete para as costas dela. Ela lhe deu outro soco, uma pancada na lateral de seu rosto que trouxe estrelas de volta por um instante, mas então ele agarrou seu outro pulso e prendeu esse braço também. Curvou-a para trás em cima do joelho.

Ela chutou e se contorceu, os olhos transformados em fendas furiosas, mas Logen a estava prendendo com firmeza. Soltou a mão direita do emaranhado de membros, levantou o punho bem alto e o acertou com força na barriga dela. A mulher soltou um chiado e ficou frouxa, os olhos se esbugalhando. Ele a jogou para longe e ela se arrastou por cerca de meio metro, puxou a máscara para baixo e começou a tossir e vomitar na grama.

Logen cambaleou, balançou a cabeça, cuspiu sangue e terra. Afora a mulher vomitando, havia quatro formas pretas esparramadas no círculo. Um dos homens grunhia baixinho enquanto Ferro o chutava repetidamente. Ela estava com o rosto coberto de sangue, mas sorria.

– Ainda estou vivo – murmurou Logen consigo mesmo. – Ainda estou...

Havia mais deles vindo pela passagem em arco. Ele girou, quase caindo. Outros quatro vinham pelo lado oposto. Estavam encurralados.

– Anda, rosado!

Ferro passou correndo por ele e pulou no primeiro banco, depois no segundo, depois no terceiro, saltando entre eles com passos grandes. Loucura. Aonde ela iria, passando por ali? A ruiva tinha parado de vomitar e se arrastava na direção do porrete caído. Os outros iam chegando depressa, um número maior do que nunca. Ferro já estava a um quarto do caminho e sem mostrar sinais de que diminuiria a velocidade, pulando de um banco para o outro, fazendo as tábuas chacoalharem.

– Merda.

Logen partiu atrás dela. Depois de uma dúzia de bancos, suas pernas estavam queimando de novo. Desistiu de tentar pular entre eles e começou a correr como pudesse. Enquanto passava por cima dos encostos dos bancos, pôde ver os homens mascarados atrás – seguindo, vigiando, apontando e gritando, espalhando-se pela arquibancada.

Agora ele estava mais lento. Cada banco era uma montanha. O mascarado mais próximo estava apenas algumas fileiras atrás. Continuou correndo com dificuldade, indo cada vez mais alto, as mãos ensanguentadas segurando a madeira, os joelhos ensanguentados raspando nos bancos, a cabeça ecoando com sua própria respiração, a pele pinicando de suor e medo. O ar surgiu subitamente vazio à frente. Ele parou, ofegando, os braços balançando, cambaleando à beira de uma queda estonteante.

Estava perto dos telhados altos dos prédios, mas a maior parte dos bancos no final já tinha sido desmontada, deixando os suportes expostos – restavam apenas colunas enormes, com traves estreitas entre elas, e muito espaço alto, vazio. Viu Ferro saltar de um pilar altíssimo para outro, depois correr por uma tábua bamba, sem pensar no espaço embaixo. Ela pulou num teto plano na outra extremidade, muito acima dele. Parecia uma distância grande demais.

– Merda.

Logen caminhou oscilando pela trave mais próxima, os braços abertos para dar equilíbrio, os pés movendo-se num arrastar de velho. Seu coração batia feito uma marreta de ferreiro numa bigorna, os joelhos estavam fracos e bambos devido à subida. Tentou ignorar os movimentos e os gritos dos homens atrás de

si e enxergar apenas a superfície nodosa da trave, mas não conseguia olhar para baixo sem ver a teia de aranha de traves e as pedras minúsculas do calçamento da praça. Lá embaixo.

Saltou para um trecho de passarela ainda intacto, correu até a extremidade. Içou-se para uma tábua acima da cabeça, travou as pernas em volta dela e se arrastou de bunda, sussurrando “Ainda estou vivo” repetidamente. O mascarado mais próximo chegou à passarela, estava correndo na direção dele.

A trave terminava no topo de uma das estruturas verticais. Um quadrado de madeira com cerca de meio metro de largura. Depois não havia nada. Dois passos de ar e vazio. Em seguida, outro quadrado no topo de outro mastro estonteante, depois, a prancha até o teto plano. Ferro o olhava do parapeito.

– Pula! – gritou ela. – Pula, seu desgraçado rosa!

Ele pulou. Sentiu o vento ao redor. Seu pé esquerdo pousou no quadrado de madeira, mas não havia como parar. Seu pé direito acertou a prancha. O tornozelo se torceu, o joelho se dobrou. O mundo deu uma cambalhota. Seu pé esquerdo desceu, meio na madeira, meio fora. A tábua chacoalhou. Ele estava no vazio, os membros balançando. Pareceu um tempo enorme.

– Uuuf!

Seu tronco se chocou contra o parapeito. Seus braços o agarraram, mas não restava ar nos pulmões. Começou a escorregar lentamente, centímetro a centímetro, terrível. Primeiro pôde ver o telhado, depois só as próprias mãos, então nada além das pedras diante do rosto.

– Socorro – sussurrou, porém nenhuma ajuda veio.

Era uma queda longa, sabia disso. Uma queda muito longa, e desta vez não havia água para amortecer o impacto. Apenas pedra dura, plana, fatal. Ouviu um chacoalhar. O mascarado atravessando a tábua atrás dele. Ouviu alguém gritando, no entanto agora nada disso importava. Escorregou um pouco mais, as mãos tentando agarrar a argamassa que se esfarelava.

– Socorro – grasnou.

Mas não havia ninguém para socorrê-lo. Apenas os mascarados e Ferro, e nenhum deles parecia do tipo que ajudava.

Ouviu uma pancada e um berro de desespero. Era Ferro chutando a tábua e o mascarado caindo. O grito pareceu se prolongar por muito tempo, então cessou com um baque distante. O corpo do mascarado estava esmagado no chão, lá embaixo, e Logen teve certeza de que iria se juntar a ele. É preciso ser realista com essas coisas. Desta vez não sairia numa margem de rio. As pontas de seus dedos estavam escorregando, lentamente, e a argamassa começava a se despedaçar. A luta, a fuga, a subida, tudo isso havia exaurido suas forças e agora não restava nada. Imaginou que som faria ao mergulhar no ar.

– Socorro – murmurou.

E dedos fortes se fecharam em volta dos seus pulsos. Dedos escuros, sujos. Ouviu um rosnado, sentiu o braço sendo puxado com força. Gemeu. A borda do parapeito voltou a ser vista. Agora enxergava Ferro, dentes trincados, olhos quase fechados com o esforço, veias inchando no pescoço, cicatriz lívida no rosto moreno. Logen agarrou o parapeito com a outra mão, seu tronco ficou acima dele, conseguiu forçar o joelho a passar.

Ela o puxou pelo restante do trajeto e ele rolou, caindo de costas do outro lado, ofegando como um peixe fora d'água, olhando o céu branco.

– Ainda estou vivo – murmurou consigo mesmo depois de um momento, quase incapaz de acreditar.

Não teria sido muita surpresa se Ferro tivesse pisado nas suas mãos e o ajudado a cair.

O rosto dela apareceu acima dele, olhos amarelos encarando-o, dentes à mostra num rosnado.

– Seu desgraçado rosa idiota e pesado!

Ela virou as costas, balançando a cabeça, foi até uma parede e começou a subir, içando-se rapidamente na direção de um telhado em ângulo baixo. Logen estremeceu só de olhá-la. Será que ela nunca se cansava? Seus braços estavam feridos, totalmente ralados, doloridos. As pernas doíam, o nariz tinha começado a sangrar de novo. Tudo era dor. Virou-se e olhou para baixo. Um mascarado o encarava da beira dos bancos, a vinte passos de distância. Mais alguns corriam lá embaixo, procurando algum modo de subir. Mais abaixo ainda, no círculo de grama, pôde ver uma figura magra e preta com cabelo ruivo, apontando em volta, depois para ele, dando ordens.

Cedo ou tarde eles encontrariam um modo de subir. Ferro estava empoleirada no topo do telhado acima, uma silhueta escura contra o céu luminoso.

– Fique aí se quiser – gritou ela, depois se virou e desapareceu.

Logen gemeu ao levantar-se, gemeu enquanto arrastava os pés até a parede, suspirou ao começar a procurar um apoio para as mãos.

– Onde está todo mundo? – perguntou o irmão Pé Comprido. – Onde está meu ilustre empregador? Onde está o mestre Nove Dedos? Onde está a dama charmosa, Maljinn?

Jezal olhou em volta. O aprendiz doentio estava afundado demais na própria tristeza para responder.

– Não sei quanto aos outros dois, mas Bayaz está tomando banho.

– Juro que nunca encontrei um homem mais fanático por banhos do que ele.

Espero que os outros não demorem. Tudo está preparado, sabe? O navio está pronto; as provisões, carregadas. Não é do meu feitio me atrasar. Não é mesmo! Devemos pegar a maré, caso contrário ficaremos presos aqui até...

O homenzinho parou, olhando para Jezal com preocupação súbita.

– Você parece perturbado, jovem amigo. Perturbado mesmo. Será que eu, o irmão Pé Comprido, posso ser de alguma ajuda?

Jezal tinha intenção de mandar que ele cuidasse da própria vida, mas optou por responder irritado:

– Não, não.

– Aposto que há uma mulher envolvida. Será que estou certo?

Jezal levantou a cabeça depressa, imaginando como ele poderia ter adivinhado.

– Sua esposa, talvez?

– Não! Não sou casado! Não é nada disso. É... bem... – tentou dizer, mas procurou as palavras adequadas e não as encontrou. – Não é nada disso!

– Ah – disse o navegador com um sorriso astuto. – Ah, um amor proibido, então, um amor secreto, não é?

Para sua irritação, Jezal se descobriu ruborizado.

– Estou certo, dá para ver! Não há fruto mais doce do que aquele que não podemos provar, hein, meu jovem amigo? Hein? Hein?

Ele moveu as sobrancelhas de um modo que Jezal achou muito desagradável.

– O que estará atrasando aqueles dois? – perguntou Jezal.

Ele não se importava nem um pouco, mas qualquer coisa serviria para mudar de assunto.

– Maljinn e Nove Dedos? Rá! – gargalhou Pé Comprido, inclinando-se para ele. – Talvez tenham se envolvido num amor secreto como o seu, hein? Talvez tenham se esgueirado para algum lugar, para fazer o que vem naturalmente! – disse, cutucando as costelas de Jezal. – Dá para imaginar, aqueles dois? Seria incrível, não? Rá!

Jezal fez uma careta. O nórdico hediondo ele já sabia que era um animal e, pelo pouco que tinha visto daquela mulher maligna, ela poderia ser pior ainda. Tudo o que conseguia imaginar vindo naturalmente deles era violência. A ideia era repulsiva. Sentiu-se sujo só de pensar.

Os telhados pareciam não ter fim. Logen subia por um, descia por outro. Esgueirava-se nos topos, um pé escorregando de cada lado, seguia por lajes, passando por cima de pedaços de parede parcialmente desmoronadas. Às vezes levantava os olhos por um momento e tinha uma visão estonteante por cima da

massa de ardósia úmida, de telhas inclinadas e chumbo antigo, até a muralha distante do Agriont, às vezes até mesmo a cidade do outro lado. Aquilo até poderia ser algo relaxante, não fosse por Ferro, movendo-se depressa, com pés firmes, xingando-o e impelindo-o, não lhe dando tempo de pensar na paisagem ou nos abismos que destroçavam os nervos, ou nas figuras de preto que certamente continuavam a procurá-los lá embaixo.

Uma das mangas da camisa dela fora rasgada ao meio em algum momento da luta e balançava em volta do pulso, atrapalhando enquanto subiam. Ela rosnou e a rasgou no ombro. Logen riu sozinho ao se lembrar de como fora difícil para Bayaz convencê-la a trocar seus trapos velhos e fedorentos por roupas novas. Agora ela estava mais imunda do que nunca, a camisa suada, com manchas de sangue e sujeira dos telhados. Ela olhou por cima do ombro e o viu observando-a.

– Anda, rosado! – sibilou ela.

– Você não vê cores, não é?

Ela o ignorou e continuou subindo, passou em volta de uma chaminé que soltava fumaça, deslizou de barriga na ardósia suja e escorregou até uma laje estreita entre dois telhados. Logen foi atrás dela.

– Nenhuma cor – continuou ele.

– E daí? – disse ela por cima do ombro.

– Então por que me chama de rosado?

Ela olhou em volta.

– Você é rosado?

Logen olhou para os antebraços. Afora os hematomas, os arranhões vermelhos, as veias azuis, precisava dizer que eles eram de uma espécie de rosa. Franziu a testa.

– Foi o que pensei.

Ela se afastou rapidamente entre os telhados, indo até a extremidade do prédio, e espiou para baixo. Logen a acompanhou, inclinando-se com cautela sobre a borda. Duas pessoas se moviam no beco lá embaixo – muito embaixo – e não havia como descer. Precisariam voltar por onde tinham vindo. Às costas de Logen, Ferro já tomava distância.

Um vento roçou a lateral do rosto de Logen. O pé de Ferro bateu na borda do telhado e então ela estava no ar. O queixo dele caiu vendo-a voar para longe, costas arqueadas, braços e pernas em movimento. Ela pousou num teto plano, de chumbo, riscado de musgo verde, rolou uma vez e se levantou com agilidade.

Logen lambeu os lábios, apontou para o próprio peito. Ela assentiu. O teto plano ficava três metros abaixo, mas deveria haver seis metros entre ele e a chegada e seria uma queda longa. Recuou lentamente, dando-se um bom espaço

de corrida. Respirou fundo algumas vezes, fechou os olhos um momento.

Seria perfeito, de certa forma, se ele caísse. Sem canções, nem histórias, só uma mancha de sangue numa rua em algum lugar. Começou a correr. Seus pés bateram com força na pedra. O ar assobiou na boca, repuxou as roupas rasgadas. O teto plano voou em sua direção. Ele pousou com um impacto violento, rolou uma vez como Ferro havia feito, levantou-se ao lado dela. Estava vivo.

– Rá! – gritou ele. – O que achou disso?

Houve um som de algo rachando, depois um estalo, em seguida o telhado cedeu sob os pés de Logen. Ele tentou se agarrar desesperadamente em Ferro enquanto caía, mas ela escorregou atrás dele, impotente. Ele deu uma cambalhota no ar por um momento nauseante, gritando, as mãos agarrando-se a nada. Caiu de costas.

Tossiu em meio à poeira sufocante, balançou a cabeça, remexeu-se dolorosamente. Depois da claridade lá fora, estava num cômodo totalmente escuro. A poeira descia pela luz do buraco no teto acima. Havia algo macio embaixo dele. Uma cama, que tinha se quebrado e estava inclinada, com os cobertores repletos de reboco partido. Havia algo atravessado em suas pernas. Ferro. Ele fungou com um riso gorgolejante. Estava numa cama com uma mulher de novo, enfim. Infelizmente não era bem o que ele havia esperado.

– Porra de rosado idiota! – rosnou ela, afastando-se dele e indo para a porta, com pedaços de madeira e reboco escorregando das costas empoeiradas.

Forçou a maçaneta.

– Trancada! Está...

Logen passou por ela a toda a velocidade, arrancando a porta das dobradiças e esparramando-se no corredor do outro lado.

Ferro saltou por cima dele.

– Levante-se, rosado, levante-se!

Um pedaço de madeira com dois pregos na extremidade havia se soltado da porta. Logen o pegou. Lutou para ficar de pé, cambaleou alguns passos pelo corredor, chegou a uma bifurcação. Um corredor sombrio se estendia dos dois lados. Janelas pequenas lançavam nítidos poços de luz no tapete escuro. Não tinha como saber para onde Ferro tinha ido. Virou-se para a direita, na direção de uma escada.

Havia uma figura movendo-se cuidadosamente pelo corredor escuro, em sua direção. Comprida e fina como uma aranha negra, pisando primeiro nos calcanhares. Um fiapo de luz brilhou num cabelo ruivo.

– Você de novo – disse Logen, sopesando o pedaço de madeira.

– Isso mesmo. Eu.

Houve um tilintar, um clarão de metal no escuro. Logen sentiu o pedaço de

madeira ser arrancado de seus dedos e o viu voar por cima do ombro da mulher e cair longe no corredor. Estava desarmado de novo, mas ela não lhe deu tempo para se preocupar com isso. Havia algo na mão dela, algo parecido com uma faca, e ela o atirou. Ele se abaixou, saindo do caminho, e aquilo passou sibilando perto de seu ouvido, então ela sacudiu o outro braço e algo o chicoteou no rosto, logo embaixo do olho. Ele se encolheu dando um passo para trás, de encontro à parede, tentando entender que tipo de magia estava enfrentando.

Era como uma cruz de metal, a coisa na mão dela, três lâminas curvas, uma delas com um gancho na ponta. Uma corrente saía de um aro no cabo e desaparecia na manga da blusa da mulher.

A coisa parecida com uma faca saltou, errou o rosto de Logen por um centímetro quando ele se desviou, provocou uma chuva de fagulhas ao voltar raspando na parede e bateu suavemente na mão da mulher. Ela deixou aquilo caído, balançando à medida que na corrente, fazendo barulho no chão, pulando e dançando na direção dele à medida que ela avançava sem pressa. Em seguida sacudiu o pulso e a coisa saltou de novo para Logen e cortou seu peito quando ele tentou se esquivar, espirrando gotas de sangue na parede.

Logen mergulhou para pegá-la, mas seus braços abertos não encontraram nada. Houve um estrépito e ele sentiu o pé ser puxado, o tornozelo estalou, girando dolorosamente, apanhado pela corrente conforme a mulher passava abaixada. Logen caiu de cara no chão, tentou se levantar.

A corrente serpenteou por baixo de seu pescoço. Tudo o que ele conseguiu fazer foi colocar a mão por dentro do laço pouco antes de a corrente ser esticada com um estalo. A mulher estava em cima dele, dava para sentir o joelho dela pressionando suas costas, podia ouvir a respiração dela sibilando através da máscara enquanto ela puxava a corrente, apertando-a cada vez mais, cortando a palma da mão dele.

Logen grunhiu, ajoelhou-se, levantou-se sem firmeza. A mulher ainda estava nas suas costas, com todo o peso em cima dele, puxando a corrente com o máximo de força que podia. Logen tentou alcançá-la com a mão livre, mas não conseguiu pegá-la, não conseguia tirá-la de cima de si – era como uma craca presa em seu corpo. Agora mal conseguia respirar. Correu alguns passos à frente, depois se jogou de costas.

– Uurg – sussurrou a mulher em seu ouvido quando o peso dele a esmagou no chão.

A corrente se afrouxou o bastante para Logen afastá-la e se soltar. Livre. Rolou e agarrou o pescoço da mulher com a mão esquerda. Começou a apertar. Ela lhe deu uma joelhada, acertou-o com os punhos, mas ele estava em cima dela com todo o seu peso e os golpes saíram fracos. Os dois rosnaram, ofegaram e

grasnaram um para o outro, sons animalescos, os rostos separados por centímetros. Algumas gotas de sangue pingaram do corte no rosto de Logen sobre a máscara da mulher. A mão dela subiu e começou a empurrar a cabeça dele para trás. Seu dedo encontrou o buraco do nariz de Logen.

– Aargh! – gritou ele.

A dor foi como uma facada na cabeça. Ele a soltou e saiu cambaleante, com uma das mãos pressionando o rosto. Ela se afastou, tossindo, deu um chute nas costelas dele que o fez se dobrar, mas ele ainda estava segurando a corrente e a puxou usando toda a força de seu peso. O braço da mulher se esticou com um estalo e ela gritou, voando diretamente para ele. O joelho de Logen afundou na lateral do tronco dela, tirando seu fôlego. Logen agarrou a parte de trás da blusa da mulher, ergueu-a do chão e a jogou escada abaixo.

Ela rolou, dando cambalhotas e quicando, escorregou e parou de lado, perto do pé da escada. Logen ficou tentado a segui-la e terminar o serviço, mas não tinha tempo. Haveria outros no lugar de onde ela viera. Virou-se e foi cambaleando na direção oposta, xingando o tornozelo torcido.

Sons chegavam a ele de todos os lados, ecoando pelo corredor, vindo não sabia de onde. Sacudidas e pancadas, gritos e berros. Olhou para a escuridão, mancando, suor escorrendo, uma das mãos na parede para se firmar. Inclinou-se numa quina, tentando ver se o caminho estava livre. Sentiu algo frio no pescoço. Uma faca.

– Ainda está vivo? – sussurrou uma voz em seu ouvido. – Você não morre fácil, hein, rosado?

Era Ferro. Ele empurrou o braço dela para longe, lentamente.

– Onde conseguiu a faca?

Ele desejou ter uma.

– Ele me deu.

Havia uma forma desmoronada nas sombras perto da parede e o tapete em volta estava encharcado de sangue.

– Por aqui.

Ferro se esgueirou pelo corredor, mantendo-se abaixada na escuridão. Ele ainda podia ouvir os sons embaixo, ao lado, a toda a volta. Desceram devagar um lance de escada, saíram num corredor em penumbra, forrado de madeira escura. Ferro ia curvada, de sombra em sombra, movendo-se depressa. Logen só conseguia ir mancando atrás, arrastando a perna, tentando não gritar de dor sempre que apoiava o peso nela.

– Ali! São eles!

Figuras no corredor escuro atrás. Ele se virou para correr, mas Ferro estendeu o braço. Outros vinham pelo lado oposto. Havia uma porta grande à esquerda,

com uma fresta aberta.

– Aqui!

Logen passou e Ferro correu atrás dele. Havia um móvel pesado do outro lado, uma espécie de armário grande, com prateleiras em cima, cheias de pratos. Logen agarrou uma extremidade e o arrastou para a frente da porta, fazendo alguns pratos caírem com estardalhaço no chão. Jogou as costas contra ele. Isso deveria segurá-los por um instante, pelo menos.

Era um aposento grande, com teto alto em abóbada. Duas janelas enormes ocupavam a maior parte de uma parede forrada de lambri, com uma grande lareira de pedra voltada para eles. Uma mesa comprida no meio, dez cadeiras de cada lado, arrumadas para uma refeição, com talheres e candelabros. Uma grande sala de jantar, e só havia uma entrada. Ou saída.

Logen ouviu gritos abafados do outro lado da porta. O armário grande balançou atrás dele. Outro prato caiu da prateleira, quicou no ombro dele e se despedaçou no piso de pedra, espalhando cacos no chão.

– Bela porra de plano – rosnou Ferro.

Os pés de Logen escorregavam enquanto ele se esforçava para manter o armário de pé. Ela correu até a janela mais próxima, tateou as molduras de metal em volta dos pequenos painéis de vidro, fazendo força com as unhas, mas não havia saída.

O olhar de Logen captou alguma coisa. Uma velha espada longa, posta sobre a lareira como ornamento. Uma arma. Deu um último empurrão no armário e correu para pegá-la, segurou o cabo comprido com as duas mãos e a arrancou do suporte. Estava cega feito um arado, a lâmina pesada cheia de ferrugem, mas ainda era resistente. Um golpe poderia não cortar um homem ao meio, mas certamente o derrubaria. Ele se virou bem a tempo de ver o armário tombar, espalhando cacos de louça por todo o piso de pedras.

Figuras de preto jorraram na sala, figuras mascaradas. O da frente tinha um machado de aparência maligna; o seguinte, uma espada de lâmina curta. O que vinha atrás dele tinha pele escura, com argolas de ouro nas orelhas. Segurava uma adaga comprida e curva em cada mão.

Aquelas armas não eram para nocautear uma pessoa, a não ser que eles pretendessem nocautear arrancando o cérebro. Parecia que tinham desistido de fazer prisioneiros. Eram armas destinadas a matar. Bom, tanto melhor, disse Logen a si mesmo. Se fossem dizer uma coisa – e apenas uma – sobre Logen Nove Dedos, seria que ele era um matador. Olhou aqueles homens de máscaras pretas passando por cima do armário caído, espalhando-se cautelosamente ao longo da parede mais distante. Olhou para Ferro, cujos lábios estavam repuxados para trás, a faca na mão, os olhos amarelos brilhando. Apertou o punho da

espada roubada – pesada e brutal. A ferramenta certa para o serviço, pela primeira vez.

Mergulhou contra o mascarado mais próximo, gritando a plenos pulmões, girando a espada acima da cabeça. O sujeito tentou se desviar, mas a ponta da lâmina o pegou no ombro e o derrubou. Outro saltou atrás dele, golpeando com o machado, fazendo Logen cambalear para longe, ofegando quando o peso se apoiou no tornozelo ruim.

Girou a grande espada, mas eles eram muitos. Um passou por cima da mesa, ficou entre ele e Ferro. Algo o acertou nas costas e ele cambaleou, girou, escorregou, golpeou com a espada e acertou alguma coisa macia. Alguém gritou, mas nesse ponto o do machado vinha de novo para cima dele. Tudo era uma confusão de máscaras e ferro, armas raspando e chocando-se, xingamentos e gritos, respiração ofegante.

Logen desferiu um golpe, no entanto estava cansado demais, ferido demais, dolorido demais. A espada era pesada e parecia pesar mais a cada instante. O mascarado saiu da frente e a lâmina enferrujada bateu na parede, arrancando um grande pedaço do lambri de madeira e quebrando o reboco atrás. O impacto quase a arrancou de suas mãos.

– Uuf! – ofegou ele quando o homem lhe deu uma joelhada na barriga.

Algo o acertou na perna e ele quase caiu. Pôde ouvir alguém gritar atrás, mas pareceu muito longe. Seu peito estava doendo, a boca, azeda. Havia sangue nele. Cobrindo-o todo. Mal conseguia respirar. O mascarado deu um passo à frente, depois outro, sorrindo, sentindo o cheiro da vitória. Logen saltou para trás na direção da lareira, no entanto o pé escorregou e ele caiu sobre um dos joelhos.

Todas as coisas chegam ao fim.

Não conseguia mais levantar a velha espada. Não restava força. Nada. A sala estava ficando turva.

Todas as coisas chegam ao fim, algumas, porém, apenas ficam quietas, esquecidas...

Logen sentiu um frio no estômago, uma sensação que ele não tinha fazia muito tempo.

– Não – sussurrou. – Estou livre de você.

Mas era tarde demais. Tarde demais...

... havia sangue nele, contudo isso era bom. Sempre havia sangue. Mas ele estava de joelhos e isso era errado. O Nove Sangrento não se ajoelha diante de ninguém. Seus dedos procuraram as fendas entre as pedras da lareira, penetrando nelas como raízes velhas, erguendo-o. Sua perna doía e ele sorriu. A dor era o

combustível que fazia o fogo arder. Algo se moveu à sua frente. Homens mascarados. Inimigos.

Cadáveres, então.

– Você está ferido, nórdico! – falou o mais próximo, com os olhos reluzindo acima da máscara e fazendo a lâmina brilhante do machado dançar no ar. – Quer desistir?

– Ferido? – zombou o Nove Sangrento, levando a cabeça para trás numa gargalhada. – Vou mostrar o que é ferido, porra!

Ele se lançou para a frente, fluiu por baixo do machado, escorregadio como um peixe na água, girando a lâmina pesada num círculo amplo e baixo. Ela acertou o joelho do sujeito e o fez se dobrar na direção errada, passou como uma foice contra a outra perna e a puxou de baixo dele. O sujeito soltou um grito abafado ao cair girando nas pedras, girando no ar, com as pernas despedaçadas balançando a esmo.

Algo cutucou as costas do Nove Sangrento, mas não houve dor. Era um sinal. Uma mensagem numa língua secreta, que só ele entendia. Dizia onde estava o próximo homem morto. Ele girou e a espada o seguiu num arco furioso, lindo, irresistível. Esmagou a barriga de alguém, dobrou-o ao meio, arrancou-o do chão e o lançou pelo ar. O sujeito bateu na parede ao lado da lareira e desmoronou no piso, numa chuva de reboco quebrado.

Uma faca girou, sibilando, cravou-se fundo no ombro do Nove Sangrento com uma pancada surda. Era o negro com argolas nas orelhas. Ele a havia atirado. Estava do outro lado da mesa, sorrindo, satisfeito com o lançamento. Foi um erro terrível. O Nove Sangrento partiu para ele. Outra faca passou relampejando, bateu na parede. Logen saltou por cima da mesa e a espada o acompanhou.

O homem escuro se desviou do primeiro grande giro, e do segundo. Era rápido e esperto, mas não o suficiente. O terceiro golpe o mordeu na lateral do corpo. Uma mordida de raspão. Só um mordiscar. Apenas esmagou suas costelas e o fez cair de joelhos, gritando. O último foi melhor, um círculo de carne e ferro que escavou sua boca e praticamente lhe arrancou a cabeça, lançando uma chuva de sangue nas paredes. O Nove Sangrento puxou a faca do ombro e a jogou no chão. Sangue escorreu do ferimento, encharcou sua camisa e fez uma mancha grande, linda, quente.

Ele se jogou no chão e sumiu, como folhas caídas de uma árvore, rolando pelo piso. Um homem passou dando uma estocada com a espada de lâmina curta, cortando o ar onde ele estivera. Antes que o sujeito pudesse se virar, o Nove Sangrento estava em cima dele, a mão esquerda serpenteando em volta dos punhos dele. O sujeito lutou e fez força, mas foi inútil. O aperto do Nove Sangrento era forte como as raízes das montanhas, implacável como a maré.

– Mandaram você para lutar comigo? – rugiu o Nove Sangrento.

Ele jogou o homem de costas na parede e apertou suas mãos, esmagando-as em volta do punho da arma, virando a lâmina curta até que ela apontasse para o peito dele.

– É um insulto, porra! – berrou, furando-o com sua própria espada.

O homem gritou e gritou por trás da máscara. O Nove Sangrento gargalhou e torceu a lâmina. Logen poderia ter sentido pena dele, mas Logen estava longe e o Nove Sangrento era tão implacável quanto o inverno. Mais até. Ele atacou, estocou e cortou, e sorriu, e os gritos brotaram e morreram, e ele deixou o cadáver cair nas pedras frias. Seus dedos estavam escorregadios de sangue e ele os passou nas roupas, nos braços, no rosto – como deveria ser.

O de perto da lareira estava sentado, frouxo, a cabeça virada para trás, os olhos feitos pedras molhadas, encarando o teto. Agora fazia parte da terra. O Nove Sangrento abriu o rosto dele com a espada, só para garantir. Melhor não deixar dúvidas. O que tivera o machado estava engatinhando em direção à porta, arrastando atrás de si as pernas torcidas para fora, ofegando e gemendo o tempo todo.

– Quieto, agora.

A lâmina pesada se chocou contra a nuca do sujeito e espirrou seu sangue nas pedras.

– Mais – sussurrou, e a sala girou em volta enquanto ele procurava a próxima vítima. – Mais! – berrou e gargalhou, e as paredes gargalharam, e os cadáveres gargalharam com ele. – Onde está o restante de vocês?

Viu uma mulher de pele escura, com um corte sangrando no rosto e uma faca na mão. Não se parecia com os outros, mas serviria também. Ele sorriu, avançou lentamente, levantou a espada com as duas mãos. Ela recuou, observando-o, mantendo a mesa entre eles, os olhos duros e amarelos como os de um lobo. Uma voz minúscula pareceu lhe dizer que ela estava do seu lado. Que pena.

– Você é nórdico, hein? – perguntou uma forma enorme junto à porta.

– Quem está perguntando?

– O Racha-pedra.

Esse era grande, muito grande, e forte e selvagem. Deu para ver isso quando ele empurrou o armário para trás com a bota enorme e avançou esmagando os cacos dos pratos. Tul Duru Cabeça de Trovão era maior. Rudd Três Árvores era mais forte. Barca Negra era duas vezes mais selvagem. O Nove Sangrento os havia derrotado e a muitos outros também. Quanto maior, mais forte, mais selvagem, pior seria a derrota.

– O Caga-pedra? – gargalhou o Nove Sangrento. – E daí, porra? O próximo a morrer é o que você é, e nada mais!

Ele levantou a mão esquerda, suja de sangue vermelho, três dedos esticados, rindo através do espaço onde estivera o do meio, muito tempo antes.

– Me chamam de Nove Sangrento.

– Ora! – fez o Racha-pedra e arrancou sua máscara, jogando-a no chão. – Mentiroso! Há muitos homens no Norte que perderam um dedo. Nem todos são o Nove Dedos!

– Não. Só eu.

O rosto grande se retorceu com fúria.

– Seu porra de mentiroso! Você pensa que vai assustar o Racha-pedra com um nome que não é seu? Vou abrir um cu novo em você, seu verme! Vou cravar a merda da espada em você! Vou mandar você de volta para a lama, seu porra de mentiroso covarde!

– Você não vai me matar? – zombou o Nove Sangrento, rindo mais alto do que nunca. – Eu é que faço a matança, idiota!

A conversa havia terminado. Racha-pedra veio para cima dele com um machado numa das mãos e uma maça na outra, armas grandes e pesadas, mas ele as usava com bastante velocidade. A maça girou, abriu um grande buraco no vidro de uma janela. O machado baixou, rachou uma tábua da mesa ao meio, fez os pratos pularem no ar, as velas tombarem. O Nove Sangrento saltou para longe, feito um sapo, esperando seu momento.

A maça errou seu ombro por um centímetro quando ele rolou pela mesa; rachou uma das grandes pedras lisas do piso, quebrou-a ao meio, fazendo as lascas voarem no ar. O Racha-pedra rugiu, girando suas armas, estraçalhando uma cadeira, arrancando um pedaço de pedra da lareira, abrindo um grande rasgo na parede. Seu machado se prendeu na madeira por um instante e foi quando a espada do Nove Sangrento relampejou, fazendo do cabo da maça metades lascadas, deixando na manzorra do Racha-pedra apenas um pedaço quebrado que ele jogou longe. Sopesou a maça e atacou com mais força ainda, girando-a com berros furiosos.

Quando ela passou voando por cima, a espada do Nove Sangrento a interceptou logo abaixo da cabeça, arrancando-a da mão enorme. Ela girou pelo ar e caiu com estardalhaço no canto, mas o Racha-pedra continuou no ataque, abrindo as manzorras. Agora ele estava perto demais para que o Nove Sangrento usasse a espada grande. O Racha-pedra sorriu quando seus braços enormes se fecharam ao redor do Nove Sangrento, envolvendo-o com força, mantendo-o imóvel.

– Peguei você! – gritou ele, apertando-o num abraço de gigante.

Um erro mortal. Melhor seria as chamas de uma fogueira.

Crac!

A testa do Nove Sangrento acertou sua boca. O aperto do Racha-pedra se afrouxou um pouco e Nove Dedos retorceu os ombros, abrindo espaço, torcendo-se, torcendo-se, uma toupeira no buraco. Jogou a cabeça para trás, o mais longe que podia. Ataques de bode. A segunda cabeçada abriu o nariz chato do Racha-pedra. Ele grunhiu e os braços grandes se afrouxaram mais um pouco. A terceira esmagou seu osso da face. Os braços caíram. A quarta partiu o queixo grande. Agora era o Nove Sangrento que o segurava, sorrindo enquanto batia com a testa no rosto despedaçado. Um pica-pau bicando, tap, tap, tap. Cinco. Seis. Sete. Oito. Havia satisfação no ritmo com que os ossos do rosto se esmagavam. Nove, e ele deixou o Racha-pedra cair. O sujeito se afrouxou, tombando de lado no chão, com sangue jorrando do rosto arruinado.

– O que achou disso? – gargalhou o Nove Sangrento, enxugando sangue dos olhos e dando dois chutes no corpo sem vida do Racha-pedra.

A sala girou ao redor, nadou ao redor, gargalhando, gargalhando.

– O que achou dessa... porra...

Cambaleou, piscou, sonolento, uma fogueira apagando-se.

– Não... ainda não...

Tombou de joelhos. Ainda não. Havia mais a fazer, sempre havia mais.

– Ainda não – rosnou, mas seu tempo havia acabado.

... Logen gritou. Caiu. Dor em toda parte. Nas pernas, no ombro, na cabeça. Gemeu até que o sangue se juntou na garganta, então tossiu, ofegou e rolou, gadanhando o chão. O mundo era uma mancha turva. Gorgolejou e babou sangue, o suficiente para começar a gemer de novo.

Uma mão apertou sua boca.

– Pare com essa porcaria de choro, rosado! Agora, está ouvindo?

Era uma voz sussurrando ansiosa em seu ouvido. Voz estranha, dura.

– Pare de chorar ou vou deixar você aqui, entendeu? Uma chance!

A mão se afastou. O ar saiu por entre os dentes trincados num gemido agudo, cortante, mas não muito alto.

A mão envolveu seu punho, puxou seu braço para cima. Ele ofegou quando o ombro se esticou, foi arrastado para cima de alguma coisa rígida. Tortura.

– De pé, desgraçado, não posso carregar você! De pé, agora! Uma chance, entendeu?

Foi levantado devagar, enquanto tentava fazer força com as pernas. A respiração assobiou e estalou em sua garganta, mas ele conseguiu. Pé esquerdo, pé direito. Fácil. O joelho se dobrou, a dor esfaqueou sua perna. Ele gritou de novo e caiu, prostrou-se no chão. Era melhor ficar parado. Seus olhos se

fecharam.

Algo lhe deu um tapa com força no rosto, e de novo. Ele grunhiu. Algo escorregou por baixo de sua axila, começou a puxá-lo e colocá-lo de pé.

– Levante-se, rosado! Levante-se ou vou deixar você. Uma chance, ouviu?

Inspirar. Expirar. Pé esquerdo, pé direito.

Pé Comprido estava agitado de tanta preocupação. Primeiro ficara batendo com os dedos no braço da cadeira, depois contando com eles, balançando a cabeça e gemendo sobre marés. Jezal se mantinha em silêncio, na esperança de que os dois selvagens tivessem se afogado no fosso e que assim todo o empreendimento desse em nada. Ainda haveria tempo suficiente para chegar a Angland. Talvez nem tudo estivesse perdido...

Ouviu a porta se fechar atrás dele e seus sonhos murcharam. O sofrimento o dominou outra vez, mas logo foi substituído por uma surpresa horrorizada quando se virou.

Duas formas maltrapilhas estavam junto à porta, imundas e cobertas de sangue. Eram demônios, certamente, vindos de algum portão do inferno. A mulher gurkense entrou xingando e mancando. Nove Dedos tinha um braço sobre os ombros dela, o outro pendia frouxo, com sangue pingando das pontas dos dedos, a cabeça tombada.

Os dois cambalearam juntos um ou dois passos, então o pé do nórdico bateu numa perna de cadeira e os dois tombaram no chão. A mulher rosnou e saiu de baixo do braço dele, empurrou-o para longe e se levantou com dificuldade. Nove Dedos rolou devagar, gemendo, e um talho fundo em seu ombro se arreganhou, manchando o tapete de sangue. Era um corte vermelho por dentro, como carne fresca num açougue. Jezal engoliu em seco, horrorizado e fascinado ao mesmo tempo.

– Pelo hálito de Deus!

– Eles vieram nos pegar.

– O quê?

– Quem?

Uma mulher passou cautelosamente pela porta, ruiva, toda de preto, usando uma máscara. Uma prática, estava dizendo o cérebro entorpecido de Jezal, mas ele não podia entender por que ela estava tão machucada ou por que mancava tanto. Outro se esgueirou atrás dela, um homem, armado com uma espada pesada.

– Vocês vão conosco – disse a mulher.

– Tente me obrigar! – cuspiu Maljinn.

Jezal ficou chocado ao ver que ela havia puxado uma faca de algum lugar, uma faca ensanguentada. Ela não deveria estar armada! Não aqui!

Percebeu, apatetado, que tinha uma espada. Claro que tinha. Segurou o punho desajeitadamente e a desembainhou, com a vaga intenção de acertar a nuca do diabo gurkense com a parte sem corte antes que ela pudesse causar mais algum problema. Se a Inquisição a queria, poderia muito bem tê-la, e o restante do grupo. Infelizmente os práticos entenderam errado.

– Largue isso – sibilou a ruiva, encarando-o com os olhos estreitados.

– Não largo! – respondeu Jezal, ofendido por ela achar que ele estaria do lado daqueles vilões.

– Ah... – disse Quai.

– Aaaargh – gemeu Nove Dedos, agarrando um punhado sangrento do tapete e puxando-o, fazendo a mesa se arrastar no chão.

Um terceiro prático se esgueirou pela porta, passando ao lado da ruiva, com uma maça enorme na mão enluvada. Uma arma de aparência desagradável. Jezal não pôde deixar de visualizar o efeito que ela teria em seu crânio, se fosse usada com raiva. Passou os dedos pelo punho da espada, inseguro, sentindo uma necessidade terrível de que alguém lhe dissesse o que fazer.

– Vocês vão conosco – repetiu a mulher, enquanto seus dois amigos avançavam devagar para dentro da sala.

– Epa... – murmurou Pé Comprido, abrigando-se atrás da mesa.

Então a porta do banheiro bateu com estrondo contra a parede. Bayaz estava ali, totalmente nu, pingando água com sabão. Seu olhar lento captou primeiro Ferro, fazendo uma careta e com a faca na mão, depois Pé Comprido escondido atrás da mesa, Jezal com a espada desembainhada, Quai parado de boca aberta, Nove Dedos esparramado, uma ruína ensanguentada, e finalmente as três figuras mascaradas e de preto, com armas a postos.

Houve uma pausa intensa.

– Que porra é essa? – rugiu ele, indo para o centro da sala, com água correndo na barba, escorrendo através dos pelos grisalhos do peito e pingando dos bagos.

Era uma visão estranha. Um velho nu confrontando três práticos da Inquisição armados. Era ridículo, mas ninguém estava rindo. Havia algo estranhamente aterrorizante nele, mesmo sem as roupas e totalmente molhado. Foram os práticos que recuaram, confusos, até mesmo apavorados.

– Vocês vão conosco – repetiu a mulher, ainda que uma ponta de dúvida parecesse ter penetrado em sua voz.

Um dos seus companheiros deu um passo, cauteloso, na direção de Bayaz.

Jezal sentiu uma coisa esquisita nas entranhas. Um puxão, uma sucção, uma sensação de vazio, enjoativa. Era como estar de volta na ponte, à sombra da Casa

do Artífice. Só que pior. O rosto do mago havia ficado terrivelmente duro.

– Minha paciência acabou.

Como uma garrafa que caísse de grande altura, o prático mais próximo explodiu. Não houve som de trovão, só de esmagamento. Num instante ele estava andando na direção do velho, a espada erguida, totalmente inteiro. No outro, era mil fragmentos. Alguma parte desconhecida dele bateu com um som úmido no reboco perto da cabeça de Jezal. Sua espada caiu, fazendo barulho nas tábuas do piso.

– Você estava dizendo...? – rosnou o Primeiro dos Magos.

Os joelhos de Jezal tremeram. Sua boca se escancarou. Ele se sentiu tonto, enjoado, e tremendamente vazio por dentro. Havia manchas de sangue em seu rosto, mas ele não ousava se mexer para limpá-las. Ficou olhando o velho nu, incapaz de acreditar nos próprios olhos. Parecia que tinha assistido a um velho bufão transformar-se instantaneamente num assassino brutal e sem o menor sinal de hesitação.

A ruiva ficou parada um momento, suja de sangue e pedaços de carne e osso, os olhos arregalados como dois pratos de jantar, depois começou a arrastar os pés lentamente para trás, em direção à porta. O outro a seguiu, quase tropeçando no pé de Nove Dedos, na pressa de ir embora. Todos os outros permaneceram como estátuas, imóveis. Jezal ouviu passos rápidos no corredor lá fora enquanto os dois práticos corriam para salvar a própria vida. Quase os invejou. Parecia que eles iriam escapar. Ele estava preso naquele pesadelo.

– Temos de ir, agora! – rosnou Bayaz, estremecendo como se estivesse sentindo dor. – Assim que eu puser as calças. Ajude-o, Pé Comprido! – gritou por cima do ombro.

Pela primeira vez o navegador estava sem palavras. Piscou, depois saiu de trás da mesa e se curvou junto ao nórdico inconsciente, rasgando um pedaço de sua camisa em frangalhos para usar como bandagem. Parou, franzindo a testa, como se não soubesse direito por onde começar.

Jezal engoliu em seco. Sua espada ainda estava na mão, mas ele não parecia ter forças para guardá-la. Pedaços do prático desafortunado se espalhavam na sala, grudados nas paredes, no teto, nas pessoas. Jezal nunca vira um homem morrer, quanto mais de modo tão hediondo e antinatural. Supôs que deveria estar horrorizado, mas em vez disso, sentia apenas um alívio avassalador. Agora suas preocupações pareciam insignificantes.

Ele, pelo menos, ainda estava vivo.

As ferramentas que temos

GLOKTA ESTAVA PARADO na entrada estreita, apoiado na bengala e esperando. Do outro lado da porta, dava para ouvir vozes exaltadas.

– Eu disse: nada de visitas!

Suspirou. Tinha muitas coisas melhores a fazer, em vez de ficar ali parado com a perna doendo, mas dera a palavra e pretendia cumpri-la. Uma entrada comum e sem graça de uma casa comum e sem graça em meio a muitas centenas de outras iguais. O bairro inteiro fora construído recentemente, com sequências de casas erguidas no estilo novo: metade de madeira, três andares, boas talvez para uma família e dois serviçais. Centenas de casas, cada qual muito parecida com a outra. Casas para a burguesia. Os novos-ricos. Plebeus arrivistas, como Sult provavelmente os chamaria. Banqueiros, mercadores, artesãos, lojistas, funcionários públicos. *Talvez alguma casa de um fazendeiro bem-sucedido, como esta aqui.*

Agora as vozes haviam cessado. Glokta escutou movimento, vidros batendo, então uma fresta surgiu na porta e a empregada olhou para fora. Uma garota feia, com olhos grandes e aquosos. Parecia apavorada e cheia de culpa. *Mesmo assim estou acostumado com isso. Todo mundo parece apavorado e cheio de culpa quando está perto da Inquisição.*

– Ela vai recebê-lo agora – murmurou a jovem.

Glokta assentiu e passou por ela arrastando os pés, entrando na sala.

Tinha algumas lembranças turvas de ter se hospedado com a família de West

durante uma ou duas semanas num verão, lá em Angland, talvez uns doze anos antes, se bem que mais pareciam cem. Lembrava-se de ter treinado esgrima com West no pátio da casa, de ser observado todo dia por uma garota de cabelos escuros e rosto sério. Lembrava-se de ter se encontrado com uma jovem no parque não fazia muito tempo, uma jovem que havia perguntado como ele estava. Na ocasião ele sentia muita dor, praticamente não enxergava direito, e o rosto dela era um borrão em sua memória. De modo que Glokta não sabia direito o que esperar, mas certamente não esperava os hematomas. Ficou um tanto chocado, por um momento. *Mas disfarço bem.*

Escuros, roxos, marrons e amarelos, sob o olho esquerdo, a pálpebra inferior bastante inchada. Em volta do canto da boca também, o lábio machucado e com casca de ferida. Glokta sabia muito sobre ferimentos, poucos homens sabiam mais. *E não creio que esses sejam resultado de um acidente. Socos no rosto, dados por alguém que levou a coisa a sério.* Olhou aquelas marcas feias e pensou em seu velho amigo Collem West, chorando em sua sala e pedindo ajuda, e somou dois mais dois.

Interessante.

Ela estava ali, sentada, o tempo todo olhando-o de queixo erguido, o lado do rosto que tinha os piores hematomas virados na sua direção, como se o desafiasse a dizer alguma coisa. *Ela não é muito parecida com o irmão. Nem um pouco. Não creio que irromperia em lágrimas na minha sala de jantar, ou em qualquer outro local.*

– O que posso fazer pelo senhor, inquisidor? – perguntou ela com frieza.

Glokta detectou um levíssimo engrolado na palavra “inquisidor”. *Ela disfarça bem, mas andou bebendo. Não o bastante para deixá-la idiota.* Glokta torceu os lábios. Por algum motivo, teve a sensação de que precisava ser cauteloso.

– Não estou aqui como profissional. Seu irmão me pediu...

Ela o interrompeu com grosseria.

– Pediu? Verdade? Que viesse aqui para garantir que eu não vá foder com o homem errado, é?

Glokta esperou um momento, permitindo que aquilo fosse absorvido, depois começou a rir sozinho. *Ah, isso é fantástico! Começo a gostar um bocado dela!*

– Alguma coisa engraçada? – perguntou ela, ríspida.

– Desculpe – respondeu Glokta, enxugando o olho com um dedo. – Mas passei dois anos nas prisões do imperador. Ouso dizer que, se eu soubesse que ficaria lá metade desse tempo, teria feito um esforço maior para me matar. Setecentos dias, mais ou menos, no escuro. Creio que seja o mais perto do inferno que alguém vivo poderia ir. O que quero dizer é o seguinte: se você pretende me incomodar, vai precisar de muito mais do que linguajar grosseiro.

Glokta lhe deu seu sorriso mais repulsivo, desdentado, louco. Havia poucas pessoas que conseguiam engolir aquilo durante muito tempo, mas ela não desviou o olhar nem por um instante. Na verdade, logo estava sorrindo para ele. Um riso torto, também, e que ele achou estranhamente apaziguador. *Uma abordagem diferente, talvez.*

– O fato é que seu irmão pediu que eu cuidasse de seu bem-estar enquanto ele estiver longe. Por mim, você pode foder com quem quiser, ainda que minha observação geral seja que, para a reputação das jovens, quanto menos foda, melhor. Apesar de que, para os homens, valha exatamente o oposto. Não é justo, mas a vida é injusta de tantos modos que este nem vale comentários.

– Hã. Nisso você está certo.

– Bom, então nós nos entendemos. Vejo que você machucou o rosto.

Ela deu de ombros.

– Caí. Sou uma idiota desajeitada.

– Sei como você se sente. Eu sou tão idiota que arranquei metade dos meus dentes e arrebentei minha perna até que virasse uma massa inútil. Olhe para mim, agora: sou um aleijado. É incrível aonde um pouco de idiotice incontida pode levar a gente. Nós, os desajeitados, deveríamos nos unir, não acha?

Ela o encarou pensativamente por um momento, acariciando os hematomas do queixo.

– É, acho que sim.

Vitari, a prática de Goyle, estava jogada numa cadeira diante de Glokta, do lado de fora da enorme porta dupla da sala do arquileitor. Estava caída, esparramada, dobrada na cadeira como um pano molhado, os membros compridos pendendo, a cabeça apoiada no encosto. Seu olhar percorria preguiçosamente a sala de vez em quando sob as pálpebras pesadas, às vezes pousando em Glokta por períodos insultuosamente longos. Mas ela jamais virava a cabeça, nem mesmo movia um músculo, como se o esforço pudesse ser doloroso demais.

E, de fato, provavelmente seria.

Sem dúvida ela estivera envolvida numa confusão muito violenta, corpo a corpo. Acima da gola preta o pescoço era uma massa de hematomas variados. Havia mais em volta da máscara negra, muito mais, e um corte comprido na testa. Uma das mãos caídas tinha grossas bandagens, os nós dos dedos da outra estavam arranhados e cheios de cascas. *Ela levou mais do que algumas pancadas. Andou lutando mesmo, com alguém que sabia o que estava fazendo.*

O sino minúsculo tilintou.

– Inquisidor Glokta – chamou o secretário, saindo depressa de trás da mesa para abrir a porta. – Sua Eminência irá recebê-lo agora.

Glokta suspirou, grunhiu e se apoiou com dificuldade na bengala para se levantar.

– Boa sorte – disse a mulher enquanto ele passava mancando.

– O quê?

Ela balançou a cabeça quase imperceptivelmente na direção da sala do arquileitor.

– Ele está de péssimo humor, hoje.

Quando a porta se abriu, a voz de Sult vazou para a antessala, passando de um murmúrio abafado para um berro escancarado. O secretário deu um pulo para trás como se tivesse levado um tapa no rosto.

– Vinte práticos! – berrava o arquileitor, do outro lado da passagem em arco. – Vinte! Deveríamos estar interrogando aquela vaca, agora, em vez de estarmos sentados aqui, lambendo as feridas! Quantos práticos?

– Vinte, arquilei...

– Vinte! Desgraça!

Glokta respirou fundo e foi entrando na sala.

– E quantos mortos?

O arquileitor andava a passos largos de um lado para outro no piso de ladrilhos de sua enorme sala circular, balançando os braços longos. Estava totalmente vestido de branco, impecável como sempre. *Mas acho que vi um fio de cabelo fora do lugar, talvez até dois. Ele deve estar mesmo furioso.*

– Quantos?

– Sete – murmurou o superior Goyle, encolhido em sua cadeira.

– Um terço! Um terço! Quantos feridos?

– Oito.

– A maior parte dos que restaram! Contra quantos?

– No total, eram seis...

– Verdade?

O arquileitor bateu com os punhos na mesa, inclinando-se sobre o superior Goyle, que se encolhia.

– Ouvi dizer que eram dois! Dois! – gritou, caminhando de novo ao redor da mesa, várias vezes. – E que ambos eram selvagens! Dois, foi o que ouvi! Um branco e um negro, e o inimigo negro era uma mulher! Uma mulher!

Ele chutou com violência a cadeira perto de Goyle e ela balançou para trás e para a frente.

– E o pior, houve inúmeras testemunhas de nossa desgraça! Eu não disse para serem discretos? Que parte da palavra “discretos” está além da sua compreensão,

Goyle?

– Mas, arquileitor, as circunstâncias não podem...

– Não podem? – O berro de Sult subiu de tom. – Não podem? Como você ousa me dizer *não podem*, Goyle? Eu pedi para ser discreto e você me deu uma chacina sangrenta que se estendeu por metade do Agriont, e ainda por cima fracassou! Nós ficamos com cara de idiotas! Pior, ficamos com cara de idiotas fracos! Meus inimigos no Conselho Fechado não vão perder tempo em transformar esse ocorrido em algo vantajoso para eles. Marovia já está causando encrenca, aquele velho saco de peidos, falando sobre liberdade, rédeas mais curtas e todo o resto! Advogados malditos! Se as coisas fossem como eles querem, não conseguiríamos fazer nada! E você é que está causando isso, Goyle! Eu estou embromando, estou pedindo desculpas e tentando colocar as coisas sob a melhor perspectiva, mas um cagalhão é um cagalhão, independentemente da perspectiva em que ele esteja! Você tem alguma ideia dos danos que causou? Dos meses de trabalho duro que estragou?

– Mas, arquileitor, agora eles não foram embora do...?

– Eles vão voltar, seu cretino! Ele não se deu todo esse trabalho só para ir embora, seu pateta! É, eles partiram, idiota, e levaram junto as respostas! Quem eles são, o que querem, quem está por trás deles! Foram embora? Foram embora? Dane-se, Goyle!

– Estou arrasado, Vossa Eminência.

– Você está pior do que arrasado!

– Não posso fazer nada além de me desculpar.

– Você tem sorte por não estar se desculpando em cima de um fogo baixo! – disse Sult, com nojo. – Agora saia da minha frente!

Goyle lançou um olhar do ódio mais profundo para Glokta quando saiu encolhido da sala. *Adeus, superior Goyle, adeus. A fúria do arquileitor não poderia recair sobre um candidato mais merecedor.* Glokta não conseguiu conter um sorriso minúsculo enquanto o olhava deixar a sala.

– Alguma coisa está divertindo você?

A voz de Sult saiu gelada. Ele estendeu a mão com a luva branca, sua pedra roxa reluzindo no dedo.

Glokta se curvou para beijá-la.

– Claro que não, Vossa Eminência.

– Bom, porque você não tem o que achar divertido, garanto! Chaves? – zombou ele. – Histórias? Pergaminhos? Por que dei ouvidos aos seus disparates?

– Entendo, arquileitor, e peço desculpas.

Glokta se esgueirou humildemente para a cadeira que Goyle deixara havia tão pouco tempo.

– Você pede desculpas, é? Todo mundo pede desculpas! Tremendo bem isso me faz! Menos desculpas e mais sucessos é do que eu preciso! E pensar que eu tinha tantas esperanças em você! Mesmo assim, acho que precisamos trabalhar com as ferramentas que temos.

O que quer dizer...? Mas Glokta ficou quieto.

– Temos problemas. Problemas muito sérios no Sul.

– No Sul, arquileitor?

– Dagoska. A situação por lá é séria. Tropas gurkenses estão indo em massa para a península. Elas já suplantam nossa guarnição numa relação de dez para um, e toda a nossa força está comprometida no Norte. Os regimentos do Próprio do Rei permanecem em Adua, mas com os camponeses saindo do controle em metade da Terra do Meio, eles não podem ser dispensados. O superior Davoust estava me mantendo informado através de cartas semanais. Ele era meus olhos, Glokta, entende? Ele suspeitava de que havia uma conspiração dentro da cidade. Uma conspiração que pretendia entregar Dagoska às mãos dos gurkenses. Há três semanas as cartas pararam, e ontem fiquei sabendo que Davoust desapareceu. Desapareceu! Um superior da Inquisição! Sumiu no ar! Estou cego, Glokta. Estou tateando no escuro num momento crucial! Preciso de alguém lá, alguém em quem eu confie, entende?

O coração de Glokta martelava.

– Eu?

– Ah, você está aprendendo – zombou Sult. – Você é o novo superior de Dagoska.

– Eu?

– Parabéns, mas desculpe por deixar a festa para um momento mais calmo! Você, Glokta, você! – confirmou o arquileitor e se inclinou, aproximando-se. – Vá a Dagoska e investigue. Descubra o que aconteceu com Davoust. Semeie no jardim, lá. Arranque pela raiz qualquer sombra de deslealdade. Tudo e todos. Acenda uma fogueira embaixo deles! Preciso saber o que está acontecendo, nem que você tenha de assar o lorde governador até ele pingar banha!

Glokta engoliu em seco.

– Assar o lorde governador?

– Esta sala está fazendo eco? – rosnou Sult, curvando-se mais baixo ainda. – Fareje a podridão e corte-a! Decepe-a! Queime-a! Toda ela, onde quer que esteja! Assuma o controle das defesas da cidade, se for preciso. Você já foi soldado!

Ele estendeu a mão e empurrou uma folha de pergaminho por cima da mesa.

– Esta é uma ordem real assinada por todos os doze membros do Conselho Fechado. Todos os doze. Dei meu sangue para conseguir isso. Dentro da cidade

de Dagoska, você terá plenos poderes.

Glokta olhou o documento. Uma folha cor de creme, com o texto em preto e um enorme selo vermelho na parte inferior. *Nós, abaixo assinados, conferimos ao fiel servidor de Sua Majestade, o superior Sand dan Glokta, nossos plenos poderes e autoridade...* Vários parágrafos de texto bem redigido e, embaixo, duas colunas de nomes. Manchas rabiscadas, redemoinhos floreados, riscos quase ilegíveis. *Hoff, Sult, Marovia, Varuz, Halleck, Burr, Torlichorm e todo o resto. Nomes poderosos.* Glokta se sentiu tontear enquanto segurava o papel nas duas mãos trêmulas. Parecia pesado.

– Não deixe isso lhe subir à cabeça! Você ainda precisa pisar com cautela. Não podemos suportar mais constrangimento, mas os gurkenses devem ser mantidos do lado de fora a qualquer preço, pelo menos até esse negócio em Angland estar resolvido. A qualquer preço, entendeu?

Entendi. Um posto numa cidade cercada por inimigos e apinhada de traidores, onde um superior já desapareceu misteriosamente. É mais parecido com uma faca nas costas do que com uma promoção, mas é preciso trabalhar com as ferramentas que temos.

– Entendi, arquileitor.

– Que bom. Mantenha-me informado. Quero ficar submerso em cartas suas.

– Claro.

– Você tem dois práticos, certo?

– Sim, Vossa Eminência. Frost e Severard, ambos muito...

– Não basta! Você não poderá confiar em ninguém por lá, nem na Inquisição.

Sult pareceu pensar nisso um momento.

– Sobretudo na Inquisição. Escolhi para você meia dúzia de outros práticos de habilidade comprovada, inclusive Vitari.

Aquela mulher, olhando por cima do meu ombro?

– Mas, arquileitor...

– Não venha com “mas”, Glokta! – sibilou Sult. – Não ouse vir com “mas” para cima de mim hoje! Você não é nem de longe tão aleijado quanto poderia! Nem de longe tão aleijado, entendeu?

Glokta baixou a cabeça.

– Peço desculpas.

– Você está pensando, não é? Posso ver suas engrenagens girem. Não quer alguém do Goyle no caminho. Bom, antes de trabalhar para ele, ela trabalhou para mim. É estiriana, de Sipano. Aquelas pessoas são frias como a neve, e ela é a mais fria de todas, posso garantir. Portanto não precisa se preocupar. Pelo menos não com Goyle.

Não, só com você, o que é muito pior.

– Ficarei honrado em tê-la comigo. – *Serei absolutamente cuidadoso.*

– Fique honrado quanto quiser, só não me deixe na mão! Se estragar isso, você vai precisar de mais do que esse pedaço de papel para salvá-lo. Há um navio à espera no cais. Parta. Agora.

– Claro, Vossa Eminência.

Sult virou as costas e foi até a janela. Glokta se levantou mudo, empurrou em silêncio a cadeira para baixo da mesa, arrastou os pés pela sala sem dizer palavra. O arquileitor ainda estava de pé, as mãos cruzadas às costas, quando Glokta puxou a porta cuidadosamente. Só no momento em que ela estalou, fechando-se, ele percebeu que estivera prendendo o fôlego.

– Como foi?

Glokta se virou depressa, com um estalo doloroso no pescoço. *Estranho como eu nunca aprendo a não fazer isso.* A prática Vitari ainda estava caída na cadeira, espiando-o com olhos cansados. Não parecia ter se movido durante todo o tempo em que ele estivera lá dentro. *Como foi?* Ele passou a língua dentro da boca, nas gengivas vazias, pensando. *Isso ainda vou descobrir.*

– Interessante – disse por fim. – Vou para Dagoska.

– Foi o que ouvi dizer.

A mulher tinha mesmo um sotaque, agora que ele pensava a respeito. *Um ligeiro toque das Cidades Livres.*

– Soube que você vai comigo.

– Eu soube também – confirmou ela, imóvel.

– Estamos com alguma pressa.

– Eu sei – falou ela, depois estendeu a mão. – Pode me ajudar?

Glokta levantou as sobrancelhas. *Quando será que me pediram isso pela última vez?* Chegou a pensar em dizer não, mas no fim estendeu a mão, nem que fosse pela novidade. Os dedos dela se fecharam em volta da mão dele e começaram a puxar. Os olhos estavam estreitados, Glokta podia ouvir a respiração da mulher sibilando enquanto ela se erguia lentamente da cadeira. Doía puxá-la assim, doía o braço, doíam as costas. *Mas dói mais nela.* Atrás da máscara, ele tinha certeza, os dentes dela estavam trincados. Ela moveu um membro de cada vez, cautelosa, sem saber direito o que iria doer e quanto. Glokta precisou sorrir. *É uma rotina pela qual eu passo todas as manhãs. É estranhamente revigorante ver outra pessoa fazendo isso.*

Por fim, ela ficou de pé, com a mão coberta pela bandagem a apertar as costelas.

– Você consegue andar? – perguntou Glokta.

– Vou soltar os músculos.

– O que aconteceu? Foram cães?

Ela deu uma gargalhada igual a um latido.

– Não. Um nórdico grandalhão me encheu de porrada.

Glokta fungou. *Bom, pelo menos é sincera.*

– Vamos?

A prática olhou para a bengala dele.

– Acho que você não tem uma dessas sobressalente, tem?

– Infelizmente, não. Só tenho esta, e não posso andar sem ela.

– Sei como é.

Não exatamente. Glokta se virou e começou a mancar para longe da sala do arquileitor. *Não exatamente.* Podia ouvir a mulher andando com dificuldade atrás. *É estranhamente revigorante ter alguém tentando me acompanhar.* Ele acelerou o passo, e isso doeu. *Mas dói mais nela.*

De volta ao Sul, então. Lambeu as gengivas vazias. *Não é um lugar de lembranças felizes. Lutar contra os gurkenses, depois do que isso me custou da última vez. Arrancar pela raiz a deslealdade numa cidade onde ninguém é de confiança, principalmente os que forem mandados para me ajudar. Lutar no calor e na poeira, tendo uma tarefa ingrata que quase certamente vai terminar em fracasso. E o fracasso, sem dúvida, significa a morte.*

Sentiu a bochecha se repuxar, a pálpebra tremer. *Nas mãos dos gurkenses? Nas mãos dos que tramam contra a Coroa? Nas mãos de Sua Eminência ou seus agentes? Ou simplesmente desaparecer, como meu predecessor? Será que alguém já teve uma variedade tão grande de mortes para escolher?* O canto de sua boca se retorceu para cima. *Mal posso esperar para começar.*

Aquela mesma pergunta vinha à sua cabeça, repetidamente, e ele ainda não tinha resposta.

Por que eu faço isso?

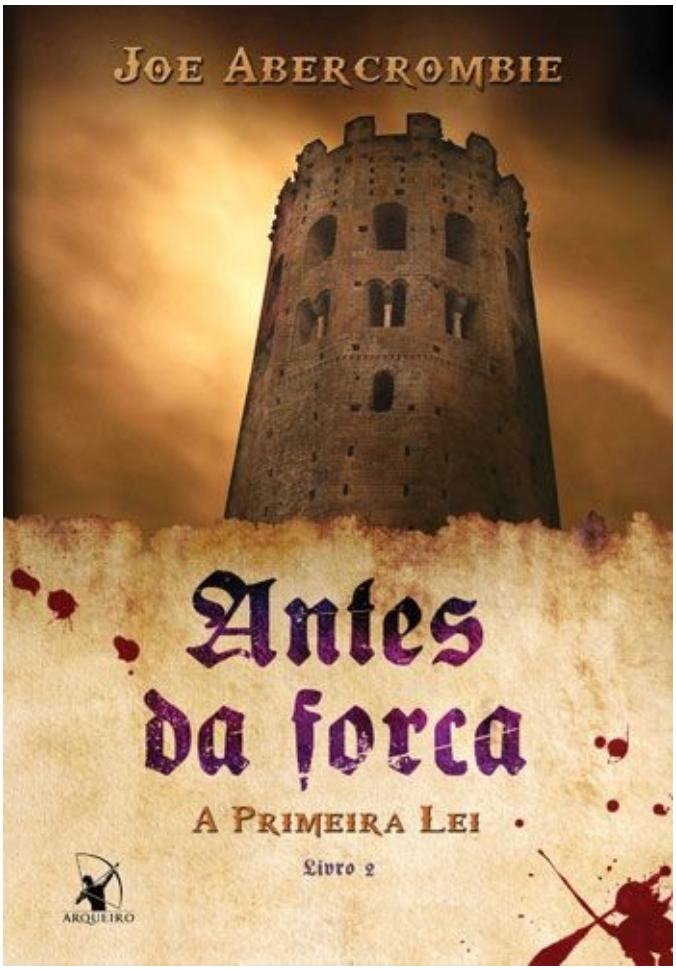
Por quê?

Agradecimentos Quatro pessoas sem as quais...

Bren Abercrombie, cujos olhos estão doloridos de tanto ler isto Nick Abercrombie, cujos ouvidos estão doloridos de tanto ouvir sobre isto Rob Abercrombie, cujos dedos estão doloridos de tanto virar páginas Lou Abercrombie, cujos braços estão doloridos de tanto me segurar E também...

Matthew Amos, pelos firmes conselhos num momento de abalo Gillian Redfearn, que leu o começo e me fez mudá-lo Simon Spanton, que comprou os direitos do livro antes que eu o concluísse

CONHEÇA O PRÓXIMO LIVRO DA TRILOGIA *A PRIMEIRA LEI*



Antes da forca

NÉVOA MALDITA. Entra nos olhos e a gente não consegue enxergar mais do que alguns passos à frente. Entra nos ouvidos e a gente não consegue escutar nada e, quando consegue, não sabe de onde o som vem. Entra no nariz e a gente não consegue sentir o cheiro de nada, a não ser da umidade. Névoa maldita. É uma praga para um batedor.

Tinham atravessado o rio Torrente Branca alguns dias antes, saindo do Norte e entrando em Angland, e Cachorrão estivera nervoso o tempo todo. Estava fazendo reconhecimento de terreno num lugar estranho, em meio a uma guerra que na verdade não era deles. Todos estavam nervosos. Afora Três Árvores, nenhum deles jamais tinha saído do Norte. A não ser Sinistro, talvez. Ele não queria dizer onde já estivera.

Haviam passado por algumas fazendas incendiadas, uma aldeia completamente vazia. Prédios da União, grandes e quadrados. Tinham visto rastros de cavalos e de homens. Muitos rastros, só que nunca os homens em si. Mas Cachorrão sabia que Bethod não estava longe: espalhara seu exército pelo território, procurando cidades para queimar, comida para roubar, pessoas para matar. Todo tipo de maldade. Devia ter batedores em toda parte. Se pegasse Cachorrão ou algum dos outros, eles voltariam para a lama, e não seria de forma rápida. Cruz sangrenta, cabeças em espetos e todo o resto, Cachorrão nem queria imaginar.

Se a União os pegasse, provavelmente também seriam mortos. Era uma guerra, afinal, e na guerra as pessoas não pensam com muita clareza. Cachorrão não poderia esperar que eles perdessem tempo identificando qual nórdico era amigo e qual não era. A vida era cheia de perigos, claro. Isso bastava para deixar qualquer um apreensivo, e ele era um sujeito nervoso mesmo nos melhores momentos.

Portanto era fácil ver que a névoa seria como sal na ferida, por assim dizer.

Ficar se esgueirando às cegas pelo terreno o havia deixado com sede, por isso ele foi andando pelos arbustos oleosos até onde podia ouvir o som do rio. Ajoelhou-se à beira da água. Havia muito lodo ali, por causa das folhas apodrecidas, mas Cachorrão não achou que um pouco de sujeira faria diferença: já estava tão sujo quanto seria possível. Pegou água com as mãos e bebeu. Ali, além da linha das árvores, o vento trazia a névoa para perto num minuto e a

arrastava para longe no outro. Foi então que Cachorrão o viu.

Estava de barriga para baixo, com as pernas no rio e o tronco na margem. Os dois se encararam um minuto, ambos impressionados e pasmos. Uma vara comprida saía das costas do homem. Uma lança quebrada. Só então Cachorrão percebeu que ele estava morto.

Cuspiu na água e se esgueirou até lá, verificando com cuidado ao redor, para garantir que ninguém estivesse esperando para cravar uma lâmina em suas costas. O cadáver era de um homem de cerca de duas dúzias de anos. Cabelo amarelo, sangue marrom nos lábios cinza. Tinha um casaco acolchoado, inchado pela água, do tipo que alguém usaria por baixo de uma cota de malha. Então era um guerreiro. Um desgarrado, talvez, que se perdera de seu grupo e fora morto. Um homem da União, sem dúvida, mas não parecia muito diferente de Cachorrão ou de qualquer outro, agora que estava morto. Um cadáver é bastante parecido com qualquer outro.

– A Grande Niveladora – sussurrou Cachorrão, já que estava num clima pensativo.

Era como os homens das montanhas a chamavam, a morte. Nivela todas as diferenças. Homens Nomeados e ninguéns, no sul ou no norte. No fim ela pega todo mundo e trata todos de modo igual.

Esse parecia estar morto havia menos de dois dias. Isso significava que quem o matara ainda poderia estar perto, o que preocupou Cachorrão. Agora a névoa parecia cheia de sons. Poderia ser uma centena de Carls, esperando escondidos. Poderia não ser nada além do rio batendo nas margens. Cachorrão deixou o corpo caído e se enfiou por entre as árvores, seguindo apressado de um tronco para outro à medida que eles surgiam no meio do cinza.

Quase tropeçou em outro corpo, meio enterrado num monte de folhas, caído de costas com os braços abertos. Passou por um de joelhos, com duas flechas cravadas na lateral do tórax, o rosto no chão, a bunda no ar. Não há dignidade na morte, é fato. Cachorrão começava a se apressar, ansioso para voltar aos outros e contar o que vira. Ansioso para se afastar dos corpos.

Já tinha visto muitos mortos, claro, mais do que seu quinhão, mas jamais ficava confortável perto deles. É fácil transformar um homem em carcaça. Ele conhecia mil formas de fazer isso. Contudo, tão logo você o faça, não há como voltar atrás. Num minuto existe um homem, todo cheio de esperanças, pensamentos e sonhos. Um homem com amigos, família e um lugar de onde veio. No minuto seguinte ele é lama. Isso fez Cachorrão pensar em todos os apertos por que passara, em todas as batalhas e lutas de que havia participado. Fez pensar que tinha sorte por ainda estar respirando. Sorte idiota. Fez pensar que a sorte poderia não durar.

Agora estava quase correndo. Descuidado. Fazendo bobagem na névoa como um garoto inexperiente. Sem calma nenhuma, sem farejar o ar, sem parar e ouvir. Um Homem Nomeado, como ele, um batedor que percorrera todo o Norte, deveria saber o que fazer, mas não é possível permanecer concentrado o tempo todo. Ele nem viu o que aconteceu.

Algo o acertou na lateral do corpo com força, derrubando-o de cara. Ele tentou se levantar rápido, mas alguém o chutou. Cachorrão lutou mas, quem quer que fosse, aquele desgraçado era espantosamente forte. Antes que se desse conta, estava caído de costas na terra e a culpa era só sua. Sua, dos cadáveres e da névoa. Uma mão o agarrou pelo pescoço, começou a apertar sua garganta.

– Gurr – grasnou ele, tentando agarrar aquela mão.

Pensou que seu último instante havia chegado. Que todas as suas esperanças tinham virado lama. A Grande Niveladora por fim havia chegado para ele...

Então os dedos pararam de apertar.

– Cachorrão? – disse alguém em seu ouvido. – É você?

– Gurr.

A mão soltou sua garganta e ele puxou o ar. Foi erguido com um puxão no casaco.

– Que merda, Cachorrão! Eu podia ter matado você!

Agora ele reconhecia a voz, reconhecia muito bem. Barca Negra, o sacana. Cachorrão ficou chateado por ter sido esganado quase até a morte e, ao mesmo tempo, estupidamente feliz por ainda estar vivo. Podia ouvir Barca Negra rindo dele. Um riso alto, como um corvo grasnando.

– Você está bem?

– Já tive recepções mais calorosas – grasnou Cachorrão, ainda se esforçando para inalar o ar.

– Você tem sorte, eu poderia ter feito uma recepção mais fria ainda. Muito mais. Confundi você com um batedor do Bethod. Achei que estaria mais longe, no vale.

– Como você pode ver – sussurrou ele –, não. Onde estão os outros?

– Num morro, acima dessa porra de névoa. Dando uma olhada.

Cachorrão assentiu na direção de onde tinha vindo.

– Tem cadáveres ali adiante. Um monte.

– Um monte? – perguntou Barca Negra, como se não achasse que Cachorrão soubesse o que era um monte de cadáveres. – Rá!

– É, pelo menos alguns. Calculo que sejam da União. Parece que houve uma luta por lá.

Barca Negra riu de novo.

– Uma luta? Você calcula?

Cachorrão não entendeu o que ele quis dizer com isso.

– Merda.

Estavam no morro, os cinco. A névoa havia se dissipado, mas Cachorrão quase desejou que isso não tivesse acontecido. Agora entendia muito bem o que Barca Negra quisera dizer. O vale inteiro estava apinhado de cadáveres. Eles se espalhavam até o alto das encostas, estavam enfiados entre as pedras, esticados no meio dos arbustos de tojo. Espalhados no capim do fundo do vale como pregos derramados de um saco, retorcidos e despedaçados na estrada de terra. Embolados junto ao rio, amontoados na margem. Braços, pernas e equipamentos quebrados projetando-se dos últimos retalhos de névoa. Estavam por toda parte. Cravejados de flechas, furados por espadas, estraçalhados por machados. Corvos gritavam, saltando de uma refeição para outra. Era um bom dia para os corvos. Fazia tempo que Cachorrão não via um verdadeiro campo de batalha, e isso trouxe algumas lembranças amargas. Terrivelmente amargas.

– Merda – repetiu.

Não conseguia pensar em outra coisa para dizer.

– Calculo que a União tenha chegado marchando por essa estrada – falou Três Árvores, franzindo a testa com força. – Deviam estar com pressa, tentando pegar Bethod desprevenido.

– Acho que não estavam fazendo o reconhecimento com muito cuidado – trovejou Tul Duru. – Parece que foi Bethod que os pegou.

– Talvez houvesse névoa – disse Cachorrão. – Como hoje.

Três Árvores deu de ombros.

– Talvez. É a época do ano para isso. De qualquer modo, eles estavam na estrada, em formação, cansados depois de um longo dia de marcha. Bethod chegou daqui e dali, na crista do morro. Flechas primeiro, para romper a formação, depois os Carls, vindo do terreno alto, gritando e prontos para o ataque. Acho que a União se separou depressa, imagino.

– Bem depressa – completou Barca Negra.

– E aí foi um massacre. Espalhados na estrada. Encurralados pela água. Não tinham muito para onde correr. Homens tentando tirar a armadura, homens tentando nadar no rio com as armaduras. Embolando-se e subindo uns em cima dos outros, com flechas vindo de todos os lados. Alguns podem ter chegado até aquelas árvores lá embaixo, mas, conhecendo Bethod, ele devia ter alguns cavaleiros escondidos, prontos para lamber o prato.

– Merda – disse Cachorrão, sentindo-se meio nauseado.

Ele já estivera em uma debandada. Não era uma lembrança feliz.

– Como uma costura bem-feita – disse Três Árvores. – É preciso dar crédito a Bethod, aquele desgraçado. Ele conhece o serviço melhor do que ninguém.

– Então isso é o fim, chefe? – perguntou Cachorrão. – Bethod já venceu?

Três Árvores balançou a cabeça bem devagar.

– Tem um monte de sulistas por aí. Um monte mesmo. A maioria mora do outro lado do mar. Dizem que há mais deles do que a gente poderia contar. Mais homens do que as árvores do Norte. Podem demorar um tempo para chegar aqui, mas eles virão. Isso é só o começo.

Cachorrão olhou para o vale úmido, para todos os mortos, amontoados, esparramados e retorcidos no chão, nada além de comida para os corvos.

– Não foi um bom começo para eles.

Barca Negra enrolou a língua e cuspiu, o mais ruidosamente que pôde.

– Encurralados e trucidados como um bando de ovelhas! Quer morrer assim, Três Árvores? Hein? Quer ficar do lado desses aí? Porra de União! Eles não sabem nada sobre guerra!

Três Árvores assentiu.

– Então acho que teremos de ensinar.

Sobre o autor



© Lou Abercrombie

JOE ABERCROMBIE nasceu em Lancaster, na Inglaterra, no último dia de 1974, e atualmente mora em Bath com a esposa, as duas filhas e o filho. Foi editor freelancer de filmes, trabalhando em diversos documentários e eventos musicais, mas hoje se dedica a escrever. A trilogia *A Primeira Lei* se tornou sucesso entre os leitores de R. R. Martin. *O poder da espada*, seu primeiro romance, teve os direitos vendidos para 24 países. Em 2008, Joe foi finalista do prêmio John W. Campbell na categoria autor revelação.

www.joeabercrombie.com

CONHEÇA OS CLÁSSICOS DA EDITORA ARQUEIRO

Queda de gigantes, de Ken Follett *Não conte a ninguém*, *Desaparecido para sempre*, *Confie em mim* e *Cilada*, de Harlan Coben *A cabana*, de William P. Young

A farsa, *A vingança* e *A traição*, de Christopher Reich *Água para elefantes*, de Sara Gruen *O símbolo perdido*, *O Código Da Vinci*, *Anjos e demônios*, *Ponto de impacto* e *Fortaleza digital*, de Dan Brown *Julieta*, de Anne Fortier

O guardião de memórias, de Kim Edwards *O guia do mochileiro das galáxias*; *O restaurante no fim do universo*; *A vida, o universo e tudo mais*; *Até mais, e obrigado pelos peixes!* e *Praticamente inofensiva*, de Douglas Adams *O nome do vento*, de Patrick Rothfuss *A passagem*, de Justin Cronin

A revolta de Atlas, de Ayn Rand *A conspiração franciscana*, de John Sack

INFORMAÇÕES SOBRE
OS PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br,
curta a página facebook.com/editora.arqueiro
e siga @editoraarqueiro no Twitter.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.

Se quiser receber informações por e-mail,
basta cadastrar-se diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

 www.editoraarqueiro.com.br

 facebook.com/editora.arqueiro

 @editoraarqueiro

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Sumário

Créditos

Fim

PRIMEIRA PARTE

- Os sobreviventes
- Perguntas
- Sem opção
- Brincando com facas
- Dentes e dedos
- O Norte vasto e estéril
- Treino de esgrima
- O ritual matutino
- O Primeiro dos Magos
- O homem bom

Na lista
Uma oferta e um presente
O rei dos nórdicos
Uma rua entre dois dentistas
Cabeças-achatadas
O trajeto do amor verdadeiro
Como os cães são treinados
Chá e vingança
SEGUNDA PARTE
Como é a liberdade
A justiça do rei
Meios de fuga
Três sinais
Figurinos para teatro
Bárbaros no portão
Em seguida
Melhor do que a morte
Estranhamento
Perguntas
Nobreza
Trabalho sombrio
Palavras e pó
Os notáveis talentos do irmão Pé

Comprido
Gente como ela luta contra tudo
Mal me quer
A Semente
Nunca aposte contra um mago
A plateia ideal
A Casa do Artífice
Cachorro de ninguém
Cada homem cultua a si mesmo
Velhos amigos
De volta à lama
Sofrimento
O Nove Sangrento
As ferramentas que temos
Agradecimentos
Conheça o próximo livro da trilogia “A primeira lei”
Antes da forca
Sobre o autor
Conheça os clássicos da Editora Arqueiro
Informações sobre os próximos lançamentos